



FLORENCIA
BONELLI

CAVALO
DE
*F*OGO
CONGO



Ele é um senhor da guerra.
Ela, uma defensora da paz.
Conseguirá o amor vencer
todas as adversidades?





© Alejandra Lopez FLORENCIA BONELLI nasceu em 1971, na cidade argentina de Córdoba. Com formação universitária na área das Ciências Económicas, renunciou à sua atividade profissional para se dedicar à escrita, sua paixão de sempre, e em poucos anos tornou-se uma das mais populares escritoras argentinas da atualidade. No catálogo da Porto Editora figuram já os dois livros da série *O Quarto Arcano*, e o primeiro volume da trilogia *Cavalo de Fogo*, passado em Paris.

Pode visitar o *site* da autora em www.florenciabonelli.com

Cavalo de fogo – Congo Florencia Bonelli

Publicado em Portugal por Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Lisboa E-mail: dellisboa@portoeditora.pt Título original:

Caballo de fuego – Congo © Florencia Bonelli

c/o Guillermo Schavelzon & Asoc., Agencia Literaria www.schavelzon.com

Publicado originalmente em 2011 por Alfaguara, Buenos Aires Tradução:
Helena Pitta

Design da capa: © Dinis Matinhos Imagens da capa: © Istockphoto.com; © Shutterstock.com; © GettyImages 1.ª edição em papel: outubro de 2013

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68325-6

Para Julieta Obedman, mais que uma editora, uma querida amiga.

Para o Espírito Santo, a minha luz inspiradora.

Para o meu sobrinho Tomás, o anjo que alimenta o milagre.

«Só os mortos viram o fim da guerra.»

Platão

«Grita: “Devastação!” e solta os cães da guerra.»

Júlio César, de William Shakespeare «Senhor, toma a
minha nova vida,

antes que a espera me desgaste os anos.

Estou disposto ao que quiseses,

não interessa o quê, chama-me para servir.

Leva-me para onde os homens precisem das Tuas
palavras, precisem da minha vontade de viver.

Onde falta a esperança, onde tudo seja triste,
simplesmente por não Te conhecer.»

(Excerto da canção católica «Alma Missionária»)

Capítulo 1

Paris, 6 de abril de 1998.

Eliah Al-Saud saiu do aeroporto Charles de Gaulle, dirigiu-se para o parque de estacionamento e, entrando no seu Aston Martin DB7 Volante, pô-lo a trabalhar. O CD dos Rolling Stones começou, com a bateria de Paint it, Black a explodir no interior do habitáculo. Os pneus chiaram sobre o asfalto e o rugido do motor rivalizou com as guitarras elétricas. A raiva que a letra de Paint it, Black lhe transmitia, descrevia o seu estado de espírito. *I look inside myself and see my heart is black*. Ele também olhava para dentro de si e sentia que o seu coração escurecera. A velocidade do carro desportivo inglês – no caminho para Ruão quase atingiu os duzentos quilómetros por hora – minorava-lhe a fúria. Na realidade, só a sensação de se encontrar a mais de quinze quilómetros da face da Terra, a pilotar um caça, o teria aplacado. Ou uma carícia de Matilde. A suavidade dos seus dedos longos de cirurgiã na face teria bastado para diluir essa cólera com assomos de desespero.

Matilde partira. Olhou para o seu Rolex Submariner. Onze e meia da manhã. O voo da Sabena já teria descolado e, dentro de sete horas, aterraria no aeroporto de Kinshasa, capital daquele inferno chamado República Democrática do Congo.

Apertou o volante entre as mãos, ao imaginá-la sentada junto do Dr. Auguste Vanderhoeven, que não perderia a oportunidade de lhe tocar. Ter-se-ia inclinado sobre ela para a ajudar com o cinto de segurança? Limpar-lhe-ia o suor quando Matilde ficasse alterada durante a descolagem do avião? Carregou no acelerador e o ponteiro do velocímetro ultrapassou os duzentos quilómetros por hora. O cretino do Vanderhoeven dera-lhe o braço ao cumprimentá-la na entrada do aeroporto Charles de Gaulle e ele testemunhara-o em silêncio e de longe, retraindo-se para não se atirar sobre o médico belga e moê-lo à pancada. Tinha decidido sair para evitar um escândalo que não o beneficiaria aos olhos de Matilde. A sua imagem já não era a melhor. Ela julgava-o pouco menos do que um assassino a soldo. A verdade é que não tinha o direito de sentir ciúmes. Matilde já não lhe pertencia. Ela não queria pertencer-lhe; nunca o quisera e isso doía-lhe de uma forma visceral. Juana Follicuré – ninguém conhecia Matilde como Juana – defendia outra hipótese; ele preferia não pensar muito nessa possibilidade; não costumava basear a sua vida em esperanças. Cingir-se-ia à realidade e ultrapassaria o facto de a ter perdido. Não devia ser assim tão difícil.

Havia dois meses exatos, a 6 de fevereiro, na véspera do seu aniversário, ele e Matilde tinham percorrido aquela estrada até Ruão. Voltou-se e viu-a sentada a seu lado, atenta ao que ele lhe contava. Era fácil falar com ela, confiar-lhe pensamentos e vivências que não teria partilhado com mais ninguém. Matilde sabia ouvir, não se escandalizava, não condenava nem julgava, e fazia-o imersa naquele halo de paz que o atraía como um copo de água atraindo alguém sedento. Nesse caso, porque não se atrevera a confessar-lhe as passagens mais obscuras da sua vida, os anos de soldado em L'Agence, o casamento com Samara e as suas infidelidades, sobretudo com

Céline? Convenceu-se de que ninguém no seu perfeito juízo teria contado à mulher amada que mantivera um caso durante anos com a irmã mais velha desta. Também não se atrevera a explicar-lhe a natureza do seu trabalho, a de soldado profissional, chamado com desprezo mercenário. No fim, Matilde acabara por se inteirar de tudo isso, do seu affaire com Céline, ou com Celia – Matilde não usava o pseudónimo da famosa modelo mas o seu verdadeiro nome –, de que a sua empresa, Mercure S.A., não se limitava a trabalhos de segurança e de que a sua razão de ser dependia de haver guerra no mundo. Matilde desprezava-o.

Ela também não fora sincera. Tinha-lhe escondido o facto de aos dezasseis anos, em consequência de um cancro num ovário, lhe terem extirpado os órgãos reprodutores. Matilde nunca teria filhos. Fora justamente Céline quem lho revelara num ato de crueldade, diante de uma Matilde alterada, chorosa e suplicante. Tremeu-lhe o queixo, e os olhos humedeceram-se-lhe ao lembrar-se da cena nos escritórios da Mercure. Diminuiu a velocidade com duas mudanças. Esquecer-se de Matilde seria muito difícil. A intensidade da paixão partilhada criara um vínculo entre eles que o tempo não destruiria. «Que ironia!», pensou. «A Natureza dá filhos a mães que nunca deveriam sê-lo e impede-o à minha Matilde, que teria sido a melhor mãe de todas. A minha Matilde.» Esquecer-se dela não seria fácil. O que tinham era indissolúvel. A essa conclusão seguiu-se um encadeamento de lembranças que lhe roubaram sorrisos contrários à sua disposição, e mesmo uma ou outra gargalhada. A última evocação trouxe-o à realidade e embaciou-lhe novamente o olhar. «Quando pensavas dizer-me que não podias ter filhos?» «Nunca! Não pensava dizer-te nunca, porque sabia que o que temos ia terminar mais cedo ou mais tarde. A história de Celia no George V limitou-se a precipitar o inevitável.» «Estás a falar de quê? O que queres dizer com isso?» «De que, quando partisse para o Congo, ia terminar tudo. Não tinha futuro. Eu não confiava em ti. Cada mulher que se aproximava de ti enlouquecia-me de ciúmes. Por outro lado, tenho a minha carreira, que é primordial para mim.» A raiva regressava e o ponteiro do velocímetro disparava. «Usaste-me, Matilde.» Abanou a cabeça, incapaz de acreditar nas suas próprias palavras. A imagem de Matilde como uma mulher interesseira, especuladora e fria era tão despropositada como a de Madre Teresa de Calcutá com um vestido de Valentino. Por mais que Matilde se empenhasse em afastá-lo, sabia que ela o amava; precisava de se agarrar a essa crença para não se ir abaixo. Sim, amava-o. Dissera-o com aquele derradeiro olhar que trocaram havia pouco mais de duas horas no Charles de Gaulle. «Porquê, meu amor, porquê?», clamou a sua alma. Por que razão Matilde não conseguia perdoá-lo se tinha o coração mais nobre que conhecia? «A pergunta que se impõe», tinha-lhe dito Juana no dia anterior, «é se Matilde se perdoará pelo facto de ser uma mulher estéril e se se permitirá ser feliz junto do homem que ama. Isso será mais difícil, papurri.» Talvez não devesse pôr de parte a teoria de Juana, que garantia que Matilde não queria prendê-lo porque não lhe daria filhos. À luz desta interpretação, alguns comportamentos e comentários faziam sentido. Lembrou-se do empenho de Matilde em evitá-lo assim que se conheceram, embora tal atitude se relacionasse com a sua

impossibilidade de fazer amor, coisa de que ele a curou e que a tornou imensamente feliz. Iria para a cama com outro, agora que ultrapassara os traumas e saboreara os prazeres do sexo? Se ver Vanderhoeven roçar no braço de Matilde ao cumprimentá-la por pouco não o deixou fora de si, nem se atrevia a imaginar a extensão da sua ira se soubesse que ela ia para a cama com ele ou com qualquer outro.

– És minha! Minha! – disse entre dentes, na solidão do Aston Martin.

Censurava-se por não ter reparado em pormenores que o teriam levado à verdade, como por exemplo o facto de Matilde não ter menstruações. Apesar de terem convivido durante quase dois meses, não se deu conta de que ela nunca recusava manter relações sexuais usando o pretexto do período; nunca encontrou pensos higiénicos no caixote da casa de banho, como costumava ver quando vivia com a sua mulher Samara. Matilde não se queixava de dores nos ovários ou de dores de cabeça, nem dizia, como Samara costumava fazer: «Hoje estou sensível porque me veio o período, de modo que tens de me tratar bem.» Matilde era sempre a mesma, o seu humor não se alterava, exceto nos dias posteriores ao ataque na capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, algo justificável e compreensível. Acreditou nela quando lhe garantiu que os comprimidos que tomava eram vitaminas; ele nunca investigou. Juana explicou-lhe que se tratava de medicação para preservar o equilíbrio do seu corpo, que tinha sofrido um trauma ao ver-se desprovido, do dia para a noite, do seu aparelho reprodutor. Juana servira-se de uma linguagem médica: menopausa cirúrgica.

– Mat viveu aos dezasseis anos o que uma mulher normal vive aos cinquenta e cinco ou sessenta. Isso é muito traumático. Para o corpo, o choque é brutal e a paciente tem de ser medicada para não perder o cálcio, por exemplo, e para que os ossos não se desfaçam. Também tem de ser medicada para não sofrer incómodos vaginais e secura, ou para que não perca o desejo sexual.

– Por isso não queria manter relações com o marido?

– Não. Ela estava medicada e compensada quando se casou com Roy. Foram muitas coisas juntas. Perder a capacidade de conceber devastou-a. Isso, somado à educação que recebeu e à família disfuncional de onde vinha, foi suficiente para a anular como mulher. Mat sofria de vaginismo. É uma afeção mais comum do que se pensa. A vagina contrai-se e impede a penetração. A família devia tê-la levado a um psicólogo durante a quimioterapia e depois, mas não o fizeram. Foi uma brutalidade terem-na deixado sozinha com tudo isso.

– Porque não a levaram? – enfureceu-se Al-Saud.

– Ah, Eliah! Se conhecesses a família de Mat não me farias essa pergunta. O pai estava preso e a mãe desapareceu. Imagina que não a levava ao hospital para a quimioterapia porque dizia que o cheiro a indispunha! A irmã, Dolores, acabara de se casar à pressa. Grávida – explicou. – E Celia vivia aqui em Paris há pouco tempo. Não teria sido uma grande ajuda, de qualquer forma; antes pelo contrário, pois sempre odiou Matilde. A avó, uma sargento da Gestapo, pensava que os psicólogos eram todos

de esquerda e ateus, de modo que nunca teria permitido que a netinha caísse nas mãos de um herege. A tia Enriqueta, sim, queria que Mat tivesse apoio psicológico, mas não enfrentava a velha Celia e acabou por lavar as mãos do assunto.

– Meu Deus, Juana! Ela estava sozinha. Matilde estava só...

– A avó acompanhava-a às sessões de quimioterapia, mas teria sido melhor não o fazer porque passava o tempo a disparatar, deixando-a nervosa. Ezequiel e eu estávamos sempre com ela e, quando podíamos, acompanhávamo-la à quimio. Mas éramos dois fedelhos imaturos e não sabíamos bem o que enfrentávamos. Quando ela te conheceu, tinha começado a fazer terapia há meses com uma psicóloga muito boa. Eu julgo que ela nunca conseguiu fazer amor com Roy simplesmente porque não o desejava. Depois apareceste tu e desataste o nó que a impedia de ser feliz. E transformaste-a numa mulher completa.

Elijah pigarreou e limpou os olhos com o punho da camisa. Não queria parar para pensar no que Matilde tinha sofrido sendo apenas uma adolescente; não iria imaginá-la durante as horas em que recebia a quimioterapia ou perderia o juízo. Atormentava-o recriar a cena na qual os médicos lhe comunicavam que lhe tinham extirpado os ovários e o útero (Juana referira-se a ela sumariamente). O que fazia ele enquanto Matilde se debatia entre a vida e a morte? Em 1987 vivia quase sempre na base de Salon-de-Provence, onde terminava os seus estudos de aviador. Sentia-se capaz de atingir qualquer meta. Estava casado com uma mulher que amava e tinha Céline, a amante ferosa e sensual que realizava as suas fantasias. Enquanto isso, a milhares de quilómetros da sua vida perfeita, Matilde sofria porque os seus sonhos de ser mãe e de constituir família caíam por terra. Apertou o volante entre as mãos e cerrou os dentes ao evocar a noite em que, ao vê-la com o sobrinho Dominique, entrou na playroom e lhe suplicou que fosse a mãe dos seus filhos. Como a fera! Ao ver a expressão de Matilde e as lágrimas nos seus olhos devia ter-se apercebido de que escondia um segredo. Como fora cego!

– Merde! Merde! – exclamou, batendo no volante com o pulso da mão direita, gesto insensato, tendo em conta a velocidade a que conduzia.

Também devia ter suspeitado de que alguma coisa obscura a perturbava quando lhe pediu que se casasse com ele. A surpresa que a rejeição de Matilde lhe provocou, desorientou-o. Tinha a certeza de que aceitaria. Ela amava-o tanto como ele a ela. Embora Matilde nunca o tivesse confessado, ele sabia que o amava. Não havia palavras para descrever o que os unia. Era mágico. Um roçar de mãos, um olhar, um gesto, um sorriso ou uma gargalhada, qualquer pormenor acendia um fogo entre eles que se extinguia na cópula para renascer com um novo roçar, um olhar, um gesto ou um sorriso. O ciclo parecia interminável. Vê-la aparecer alterava-lhe o ritmo cardíaco e despertava-lhe no íntimo um espírito selvagem e possessivo que permanecera adormecido durante os seus trinta e um anos, revelando-se no dia em que vira Matilde Martínez pela primeira vez, no aeroporto de Buenos Aires. Esse espírito selvagem e possessivo era animalesco e não admitia que ninguém, a não ser ele, a admirasse.

Também o aborrecia que Alamán a abraçasse, atitude normal entre eles dada a amizade que tinham e a personalidade expansiva do seu irmão. Nesses momentos não conseguia controlar-se mas depois, quando descobria as marcas impressas nas suas pernas, braços e seios, arrependia-se da forma brutal com que fazia amor. Desconcertava-o que a fragilidade e a pureza de Matilde exacerbassem o seu lado mais obscuro e primitivo, irritava-o o fatalismo com que ela o aceitava, sem queixas nem censuras, e envergonhava-o a sua própria incapacidade de o subjugar. Pressentia que nessa forma impiedosa de a amar se escondia uma grande dose de insegurança porque, via-o agora com mais clareza, sempre soubera que Matilde não lhe pertencia. Mesmo que possuísse o seu corpo, não conseguira apropriar-se do seu coração nem da sua alma. Se tivesse de a descrever, diria que Matilde não pertencia a este mundo e que era uma criatura etérea, perfeita e inatingível. No entanto, e contra todas as evidências, ele sentia-se seu dono.

Esquecer Matilde não seria difícil, mas impossível.

Matilde fingia dormir inclinada sobre o assento de Juana, que a sabia acordada porque via as lágrimas que lhe desciam pelas faces. Mantinha-se em silêncio, folheando uma revista, para evitar que Auguste Vanderhoeven, sentado no outro lado, junto de Matilde, se interessasse e a interrogasse.

– Vou buscar uma bebida – sussurrou Vanderhoeven a Juana. – Queres que te traga alguma coisa?

Juana sorriu e abanou a cabeça, negando. Assim que o ouviu afastar-se pelo corredor do avião, debruçou-se sobre Matilde.

– Auguste afastou-se. O que se passa, Matita?

Matilde comprimiu as pálpebras e mordeu o lábio para não desatar num pranto audível. Juana ciciou para a acalmar e beijou-a na testa.

– Matita, acalma-te. Pega – e passou-lhe um lenço de papel –, seca as lágrimas e assoa o nariz. Anda, vamos. – Ajudou-a a sentar-se.

Matilde tremia devido ao esforço de conter o pranto. Não queria falar.

– Abraça-me, Juani – pediu, com voz trémula.

Juana levantou o braço da cadeira e puxou-a para si. Matilde aninhou-se no assento do avião e pousou a cabeça nas pernas da amiga, cujas carícias a foram acalmando. Vanderhoeven regressou e, ao ver Matilde naquele estado, ficou preocupado.

– Não se sente bem – explicou Juana. – Podias arranjar um chá com leite e açúcar, por favor?

O médico belga franziu o sobrolho antes de desaparecer novamente pelo corredor. Matilde sentou-se, secou as lágrimas e assoou-se. Foi à casa de banho lavar a cara. Evitou olhar-se ao espelho, pois não suportava a censura dos seus próprios olhos. Saiu depressa, ansiosa por voltar ao refúgio do colo de Juana. Vanderhoeven tinha trazido o

chá e examinava-a com uma expressão entre ansiosa e triste. Nesse momento não o suportava. O belga desencadeava memórias que não desejava enfrentar. Há algum tempo, Eliah e ela tinham discutido por causa dele. Al-Saud mostrara-se ciumento e agressivo. Escondeu um sorriso atrás da chávena de chá ao evocar a reconciliação que tivera lugar na sala da piscina, quando lhe fizera sexo oral e o deixara a gemer, apesar de ser novata nessas artes e não ter grande habilidade. As comissuras dos seus lábios descaíram lentamente e uma sombra pairou sobre a sua expressão à medida que a imagem da irmã Celia, de joelhos diante de Eliah, substituiu a anterior. Seria sempre assim? Nunca mais deixaria de pensar em Celia e Eliah juntos? Aqueles pensamentos atormentavam-na, perseguiam-na, tiravam-lhe a paz.

Devolveu a chávena de chá a Vanderhoeven, murmurou um «obrigada» e enroscou-se no seu assento, voltando-lhe as costas. Queria dormir e não sonhar; queria esquecer, enterrar as memórias e as cenas que um dia decidira guardar. Apesar de ter consciência de que, quando partisse para o Congo, a relação com Eliah Al-Saud acabaria, consolava-a pensar que ficariam as lembranças, cada palavra dita, cada carícia, cada gesto de amor. Nesse momento, se os recordasse, causar-lhe-iam dor porque estavam maculados pela presença de Celia, que se metera entre eles. Ou fora ela quem se metera entre Celia e Eliah?

Como uma chicotada surgiu a cena vivida nos escritórios da Mercure, quando tantas verdades vieram à luz e, paradoxalmente, a mergulharam na escuridão. Não se deu conta de que rangia os dentes enquanto revia os segundos que Celia demorara a revelar a Eliah que ela era uma mulher castrada, incapaz de conceber. «Porque irias querer ao teu lado uma mulher que não pode dar-te filhos?» «A que te referes com isso de não poder dar-me filhos?» «Ah! Ela não te disse? Interessante.» «De que estás a falar, Céline?» «Do facto de a minha querida maninha não ser uma mulher completa. Do facto de estar vazia porque lhe tiraram os órgãos reprodutores. Não tem ovários, útero, trompas nem nada. Esvaziaram-na aos dezasseis anos em consequência de um cancro agressivo.» «Estás a mentir.» Al-Saud dissera esta última frase quase sem fôlego, com uma entoação que revelava desespero e incredulidade, palavras que se cravaram no coração de Matilde como uma flecha. A vergonha fazia-o bombear o sangue lenta e dolorosamente. Ela tinha planeado que ele nunca viesse a saber do seu estigma. O orgulho levava-a a idealizar essa mentira. No entanto, a mentira tem perna curta e a verdade acaba sempre por abrir caminho. No seu caso, da pior maneira, deixando-a exposta, ultrajada e destroçada diante do homem que amava. Deus castigava-a por ter brincado com Eliah. Nunca devia ter cedido e começado a relação porque sabia que o magoaria se o coração dele se envolvesse. Mas Eliah mostrava-se tão forte e dominante, e ela desejava-o tanto que, contra qualquer raciocínio, embarcou na aventura de o amar e acabou por feri-lo.

Na noite anterior, Juana, depois de desaparecer durante algum tempo, tinha regressado a casa de Jean-Paul Trégart bastante nervosa e falou-lhe com dureza enquanto acabavam de fazer as malas.

- Não me venhas dizer que o amas!
- Sabes que sim, que, apesar de tudo, o amo.
- Não se fere quem se ama. Não se mente se se ama.
- Faço-o por ele.

– Ah! Se fazes isso por alguém que amas, nem quero pensar no que farias por alguém de quem não gostasses.

Juana expressava-se com sabedoria. Afastara-o por amor, por orgulho ou por despeito? Poucas vezes se sentira tão profundamente confusa.

Juana apiedou-se da amiga e inclinou-se sobre ela.

- O que se passa, Matita? Porque choras assim?
- Eu vi-o, Juani.
- Quem?
- Eliah.

O efeito do nome emudeceu-as por alguns segundos.

– Onde o viste?

– No aeroporto. Tu e Ezequiel puseram-se a folhear umas revistas e eu voltei-me porque senti como se estivessem a tocar-me no ombro. Estava a alguns metros, perto da porta de entrada. Olhámo-nos. E ele...

– Chiu. Não chores. Ele quê?

– Estava a chorar. Tinha os olhos brilhantes e as lágrimas...

Matilde mordeu o lábio e aninhou-se novamente para prender, antes que se escapasse, o grito de dor que a teria libertado daquela opressão no peito. Juana abraçou Matilde e apoiou a face nas suas costas. A imagem de Eliah Al-Saud a chorar, um dos homens mais duros que conhecia, comoveu-a.

– Porque não foste consolá-lo?

– Quis fazê-lo! – soluçou num murmúrio. – Nesse momento chegou Auguste, distraiu-me por um momento e, quando me consegui libertar, Eliah já lá não estava. Procurei-o por toda a parte e não o encontrei.

– Ah – lamentou-se Juana –, este Auguste foi menos oportuno do que a peste bubónica.

Juana abraçou e acariciou o cabelo de Matilde até esta, finalmente, adormecer. Espевitou algum tempo depois devido ao alvoroço provocado pelas hospedeiras, que serviam o almoço. Matilde debicava a comida, assentia e esforçava-se por sorrir diante dos comentários de Auguste, decidido a distraí-la. Não conseguia deixar de sentir algum ressentimento por Vanderhoeven. Devido ao seu aparecimento, tinha

perdido o contacto visual com Eliah e perdera-o de vista, talvez para sempre. Embora, analisando de um ponto de vista mais sensato, fosse o melhor. Nada tinha mudado: ela continuava a ser uma mulher castrada que partia para o Congo, e ele, um mercenário e o amante da sua irmã Celia. Ainda que sofresse por muito tempo, conseguiria superar, tal como superara tantas provas ao longo dos seus vinte e sete anos.

Takumi Kaito emergiu da sua meditação com o equilíbrio restaurado. Lentamente, abriu os olhos para se ligar ao mundo exterior. As cores do dojo, o aroma do incenso, os relinchos dos cavalos frisões, as vozes dos veterinários e dos empregados, e o calor do sol, cuja luz se filtrava na diagonal e banhava o tatami, foram-se materializando e devolvendo-lhe o uso dos sentidos. Permaneceu sentado, com as costas direitas e as mãos apoiadas nos joelhos. A inquietação que o invadia há vários dias tinha desaparecido, embora lhe tivesse sido difícil expulsá-la. Relacionava-a com Eliah, recordando-lhe a angústia sentida na noite em que Samara morreu no acidente de automóvel.

O som de um motor feriu a paz da fazenda. Pneus rangeram sobre o cascalho devido à violência da travagem. Takumi levantou-se e dirigiu-se para a janela. Avistou o Aston Martin de Eliah e sorriu, feliz por o ter em casa. Ao vê-lo sair, apercebeu-se imediatamente da energia perturbadora que o cercava. Esperou, com os olhos cravados no automóvel. Matilde não estava com ele. Laurette foi recebê-lo e abraçou-o, depois de secar as mãos no avental. «Ai, esposa minha», suspirou Takumi Kaito, «não o esmagues com o teu carinho que o nosso Cavalo de Fogo não está com disposição». Eliah, no entanto, devolveu o abraço a Laurette e sorriu-lhe. Takumi soube em que instante a mulher lhe perguntou por Matilde: a expressão de Eliah alterou-se radicalmente. Suspirou e dirigiu-se para a porta, disposto a ir ter com ele.

– Bonjour, sensei – disse Al-Saud ao vê-lo aparecer na varanda que dava para a sala principal. Pelo fato de karaté que o mestre vestia, compreendeu que tinha estado nas instalações do ginásio.

– Bonjour, Eliah. É uma alegria ver-te.

Abraçaram-se ao pé da escada. Takumi, vinte e dois centímetros mais baixo do que Al-Saud, esticou as mãos e prendeu-lhe a cara para o encarar. Olharam-se fixamente. Takumi assentiu com o ar de quem confirma uma suspeita, e deu-lhe uma palmadinha na cara antes de se afastar, deixando-o seguir o seu caminho até ao andar de cima.

Takumi saiu da casa principal e atravessou a distância que o separava da sua, semelhante à principal, de pedra branca e madeira, embora mais pequena. Entrou na cozinha e interrogou a mulher em japonês.

– Perguntaste-lhe por Matilde? – Ela assentiu com um ar contrito. – O que te respondeu?

- Que se tinha ido embora.
- Laurette, não fales dela durante o almoço.

Al-Saud preferiu almoçar em casa do mestre, ou sensei, como lhe chamava desde os catorze anos. Tal como a sua casa de Paris, a fazenda em Ruão estava contaminada pela presença de Matilde. Não havia recanto que não o mergulhasse num estado de nostalgia e de memórias. Pareceu-lhe ouvir o riso de Matilde na tarde em que, depois de montarem, atravessaram a sala e subiram a escada a correr, com a urgência de um desejo que mitigaram depois de horas de sexo. Não podia dirigir os olhos para a zona da lareira porque a via deitada no tapete, embrulhada numa manta, perto do fogo. Se fechava os olhos, parecia-lhe ouvir a voz de Gloria Gaynor a interpretar *Can't take my eyes off of you*, e a dor tornava-se insuportável. Praguejou entre dentes, saindo de casa em direção à de Takumi com a urgência de quem deixa atrás um local enfeitado.

Laurette falou durante o almoço. Takumi e Al-Saud assentiam, sorriam ou respondiam com monossílabos. Embora silencioso e sombrio, Eliah começava a recuperar a harmonia graças à influência dos amigos; a própria fazenda, apesar de lhe trazer recordações, atuava de forma positiva sobre o seu estado de espírito. Fazia-lhe bem verificar que a atividade continuava, que os empregados tratavam dos frisos e que a vida seguia o seu curso. Reservou a tarde para visitar as cavalariças, ver uma égua prestes a parir, falar com os veterinários e tratar da viagem de um animal vendido a um xequê do Qatar. De vez em quando dava uma olhadela ao relógio. O avião de Matilde aterraria em Kinshasa por volta das seis da tarde, sete em França. Embora se mostrasse interessado pelas atividades da fazenda, não decorria um segundo sem que pensasse nela. «Como estás, meu amor? O piloto não teve cuidado ao descolar e tiveste medo? Não permitas que o cretino belga te toque, por favor. Não permitas que ninguém te magoe, Matilde.» Por instantes, a sua disposição alterava-se drasticamente, e o rancor e a raiva afetavam o seu estado de espírito de tal forma que os cavalos se apercebiam e se agitavam, pelo que se afastava para não os perturbar. Cerca das sete da tarde, desistiu de tentar concentrar-se noutras questões e dirigiu-se ao ginásio, onde descarregou a impotência, a tristeza e o ressentimento que não lhe davam tréguas há dezassete dias, ou seja, desde 20 de março, e, sobretudo, lhe tiravam a vontade de continuar. Terminou exausto, agitado e suado, de cabeça para baixo, suspenso da barra onde praticava abdominais, com o olhar perdido. Na realidade, estava a ver Matilde como a vira há dois meses quando, de pé à sua frente enquanto se exercitava, lhe dera a entender com o olhar estático, sem pestanejar, que o desejava. Não conhecia ninguém tão transparente como ela.

Endireitou-se na barra e expulsou o ar com violência. Saltou para o tatami, para o sítio onde fizeram amor, e ficou de pé, atordoado com a mistura de excitação e de dor. O efeito era terrível. Encaminhou-se, apressado, para a casa de banho; enquanto caminhava, ia arrancando a roupa desportiva. Entrou no duche e refrescou-se com água fria. Jantou em casa do casal Kaito. Comeu pouco e falou ainda menos. Até

Laurette se deixou influenciar pelo seu estado de espírito e quase não pronunciou palavra. Os silêncios eram preenchidos pela voz da locutora do noticiário de um canal de televisão. Al-Saud não ficou para o serão e, assim que Laurette levantou os pratos, recusou a sobremesa e despediu-se. Não acendeu as luzes ao entrar em casa. Bastava-lhe a claridade da lua sobre o tapete. Sentou-se na poltrona frente à lareira, com uma chávena de café na mão esquerda e o controlo remoto da aparelhagem de música na direita. Selecionou o Adagio em sol menor de Albinoni e, depois, a Sarabanda da Suíte para Clave em ré menor de Händel. Terminada a Sarabanda, voltou a ouvir Albinoni e, quando terminou, voltou à suíte do compositor alemão. E assim continuou, sentindo que havia alguma perversidade em tal deleite. A música, lânguida e triste, apiedava-se dele e compreendia-o, aprofundando ao mesmo tempo a sua amargura. Essa noite iria permitir a si próprio sentir-se miserável e infeliz, afundar-se na mágoa até tocar no fundo daquele poço negro e frio. Já não sabia estar só. O seu amor pela liberdade esfumara-se. A sua independência era coisa do passado. Matilde, a voz dificilmente audível, corada e doce, tinha entrado na sua vida com a mansidão de uma brisa primaveril, transtornando-o com a força demolidora de um furacão. Apertava a caneca de café com a mesma intensidade com que cerrava os maxilares para evitar que as lágrimas lhe rolassem pelo rosto. Susteve a respiração até sentir as têmporas a arder e a jugular a latejar no pescoço. Resistiu até o clamor agónico que lhe comprimia o plexo solar acabar por derrotá-lo. Soltou o ar, espalhando gotas de saliva; saiu como o rugido de um animal ferido. Deitou a cabeça para trás e chorou amargamente. A angústia que, durante o dia, conseguira manter num equilíbrio periclitante abriu caminho como uma tempestade de verão, intensa, copiosa e rápida. Ficou deitado na poltrona, com a nuca apoiada no respaldo, trespassando a escuridão que se abatia sobre si.

Estavam quase a aterrar no aeroporto de Kinshasa. Matilde viu as horas e ficou a olhar para o relógio Christian Dior que Eliah lhe havia oferecido. Esse simples gesto, de levantar o pulso para ver as horas, desencadeou uma vaga de dor e de lembranças. O relógio era a única coisa que se permitira conservar.

– Que horas são no Congo? – perguntou.

– Depende – respondeu Vanderhoeven. – Em Kinshasa são seis e dez da tarde. Na região leste, para onde iremos amanhã, sete e dez. O país, do ponto de vista horário, está dividido em dois. Do ponto de vista político, também – acrescentou com um meio sorriso.

Não se admirou por o belga saber esse pormenor acerca do Congo. Era a quinta vez que o visitava, sempre através da Mãos Que Curam. Matilde acertou o relógio pela hora da zona leste e instalou-se no assento à espera da aterragem. Fechou os olhos e pôs-se a fazer exercícios respiratórios, como Eliah lhe ensinara, para não perder a compostura.

Ao sair do avião, o calor recebeu-a como um golpe, e ela, que nunca suava, ficou coberta com uma película de transpiração. Embora estivesse habituada às altas

temperaturas estivais de Córdoba e de Buenos Aires, a sensação de opressão apanhou-a de surpresa. Custava-lhe respirar o ar densificado pelas microscópicas gotas de água. Agarrou-se ao braço de Juana, sentindo-se enjoada.

– Aqui está calor a sério!

– Não te esqueças, Juana – disse Auguste –, de que estamos muito perto do equador. Ficaremos ainda mais perto quando chegarmos à região dos Kivus. Matilde, sentes-te bem? Estás pálida.

– Sim, estou bem – respondeu, cortante, para não criar uma situação que implicasse contacto físico com o médico belga.

Demoraram pouco mais de uma hora a passar pelos controlos de passaporte e alfândega. Matilde e Juana, por ordem de Vanderhoeven, não abriram a boca e evitaram o contacto visual com os funcionários.

– O Congo é um dos países mais corruptos do mundo. Teremos sorte se conseguirmos sair do aeroporto sem ter de pagar um suborno a algum funcionário do governo.

Matilde admirou a destreza com que o belga se conduziu, primeiro com os funcionários da Emigração e depois com os da Alfândega. Mostrou-se cordial embora firme e, quando um funcionário questionou o documento onde se comprovava que Juana recebera a vacina contra a febre-amarela, obrigatória para entrar na República Democrática do Congo, Vanderhoeven elevou o tom de voz, pediu para falar com o superior e armou um pequeno escândalo, que surtiu efeito, porque não foi necessário convencer ninguém com francos congolese. Matilde deduziu que o facto de Vanderhoeven ser oriundo da Bélgica tivesse pesado, porque prevalecia ainda a atitude submissa e respeitosa diante de quem tinha sido amo e senhor dessa terra até 1960.

– Apanhamos um táxi? – perguntou Juana, enquanto se dirigiam para as chegadas.

– Um táxi em Kinshasa? –riu-se Auguste. – Seria mais fácil conseguir uma nave espacial. O chefe da missão MQC virá buscar-nos. É um grande amigo meu e um homem excecional.

Jean-Marie Fournier, chefe da missão Mãos Que Curam na República Democrática do Congo, esperava-os com um sorriso ansioso. Abraçou Vanderhoeven antes de cumprimentar Matilde e Juana. O Dr. Fournier, de uns cinquenta anos, era de uma simpatia natural e sincera que cativou de imediato o coração das jovens médicas.

Ao saírem do aeroporto, o ar quente e húmido envolveu-os como um cobertor. Havia um grande fluxo de automóveis e de pessoas, e logo o colorido dos vestidos das mulheres chamou a atenção de Matilde. A seguir apercebeu-se de que a olhavam fixamente, comentando entre elas.

– Admiram o teu cabelo – explicou-lhe Vanderhoeven. – Além disso, surpreende-as a brancura da tua pele. Vais ver que as mulheres africanas, por mais adversa que seja

a sua situação, se preocupam sempre com a sua aparência. São muito vaidosas. Têm uma obsessão com o cabelo e fazem de tudo para alisá-lo.

Fournier levou-os para a casa que a MQC tinha em Kinshasa, embora, explicou, a sua atividade se desenvolvesse noutras zonas do país. A capital congoleza era das maiores da África subsariana, com edifícios altos, largas avenidas, um trânsito caótico e muita pobreza. Fournier ia comentando a crítica situação humanitária em que a região estava mergulhada.

– A verdade é que a coisa não difere muito do que Joseph Conrad nos descrevia no seu livro *O Coração das Trevas* – concluiu. – Agora a crueldade dos belgas foi substituída pela dos senhores africanos da guerra, corruptos e cruéis até dizer chega.

Matilde não pôde ver a expressão de Vanderhoeven – ia sentado no lugar do copiloto – diante da menção à «crueldade dos belgas». Abanava a cabeça como se assentisse, embora Matilde não conseguisse perceber se a abanava devido ao movimento do automóvel.

Em casa, apenas tiraram das malas alguns pertences para passar a noite e lavar-se antes do jantar. Juana e Matilde ajudaram uma rapariga nativa a pôr a mesa. Graças a umas ventoinhas de teto, o jantar decorreu num ambiente fresco e a simpatia de Fournier transformou-o num momento descontraído, independentemente da seriedade dos temas abordados, como a situação crítica em Kivu Norte devido a um surto de meningite bacteriana.

– Espero que descansem bem esta noite – disse Fournier –, porque amanhã, assim que chegarem a Goma, iremos trabalhar para o terreno. Não damos vazão às injeções.

– Para onde nos destinarão? – quis saber Auguste.

– Levá-los-emos para o hospital de Masisi. É uma cidade a uns oitenta quilómetros a noroeste de Goma – explicou às raparigas. – Masisi fica no coração do conflito e do surto de meningite.

– A que se deve o conflito? – interessou-se Juana.

Fournier suspirou com uma expressão de fastio antes de explicar que, em maio do ano anterior, o atual presidente, Laurent-Désiré Kabila, tinha derrotado o regime de Mobutu Sese Seko, um ditador cruel e corrupto que, ao perder o apoio do Ocidente, se precipitou num abismo de solidão política e militar. Para se apoderar de Kinshasa em maio de 1997, o grupo rebelde de Kabila recebera ajuda dos governos do Ruanda e do Uganda, apoiados pelos Estados Unidos. No entanto, a colaboração prestada não tinha sido um ato de caridade mas de ambição. Depois da vitória e de se apoderar de um país devastado pela pobreza, pela corrupção e pela violência, Kabila planeava livrar-se dos ruandeses e dos ugandeses porque sabia que estes cobijavam os recursos naturais do país.

– Têm de saber – esclareceu Fournier – que a República Democrática do Congo é um dos países mais ricos do mundo porque, tal como a Arábia Saudita tem as

maiores reservas de petróleo do mundo, no Congo ficam as maiores reservas de minerais.

«Pensar que o pai de Eliah rejeitou ser rei da Arábia Saudita por amor a uma mulher...», disse Matilde para consigo. Imediatamente dedicou a sua atenção a Fournier ao ouvir a palavra coltan.

– Na realidade, esta situação tensa gira em torno do controlo das províncias do Kivu Norte e do Kivu Sul, onde se localizam as minas de coltan. Porque, embora cada facção diga que luta por isto ou por aquilo, na verdade estão a disputar o coltan, e fazem-no ao serviço das multinacionais europeias e norte-americanas.

– Que facções existem? – perguntou Vanderhoeven.

– Tantas! – lamentou-se Fournier. – Além dos exércitos do Congo, do Uganda e do Ruanda, há os banyamulengues...

– Os quê? – riu-se Juana.

– Banyamulengues – repetiu Fournier. – Tens de te ir habituando a estes nomes estranhos e extensos. Os banyamulengues são uma etnia tútsi própria do Leste do Congo. O chefe munyamulengue, singular de banyamulengues, é Laurent Nkunda, que tem o seu centro de operações em Rutshuru, uma cidade do Kivu Norte.

Matilde lembrava-se do nome dessa cidade. Nos escassos e-mails que trocara com a sua prima Amélie, ela mencionara-a.

– Há também os mai-mai, um grupo de milicianos dirigidos pelos chefes tribais que apoiam o exército congolês, ou seja, o governo de Kinshasa, mas que também se dedicam à pilhagem, à violação e à morte. São uma praga, para dizer a verdade. A isto temos de somar o grupo chamado interahamwes, que são os hutus que perpetraram o genocídio de 1994 no Ruanda contra os tútsis e os hutus moderados e que, depois da derrota, vieram esconder-se no Congo.

– Que confusão! – queixou-se Juana.

– Então – recapitulou Vanderhoeven –, por um lado temos os exércitos regulares do Congo, do Ruanda e do Uganda e, por outro, os irregulares, que são os banyamulengues, com Nkunda à cabeça, os mai-mai, que apoiam o presidente Kabila, e os interahamwes, que são hutus ruandeses.

– Digamos – disse Fournier – que esses são os principais exércitos irregulares, mas há outros grupúsculos. Este é um caldeirão prestes a explodir.

– Ainda não compreendo – interveio Matilde – qual é o problema aqui.

– O problema – respondeu Vanderhoeven – é que todos se querem apoderar da região dos Kivus, embora escondam o seu verdadeiro objetivo atrás de discursos de ódio racial e de vingança por velhas quezílias.

– Esta é uma luta pelo controlo do coltan. É tão simples como isso. Os grandes

centros de poder mundial querem-no e usam os nativos para atingir o seu fim.

– Divide e reinarás – citou Matilde.

– Exatamente – concordou Fournier. – Depois de dez anos a trabalhar para a MQC em África, posso garantir-te que é muito fácil dividir os africanos. Arrastam ódios tribais da época anterior ao colonialismo. Não esquecem e menos ainda perdoam. E os de fora aproveitam-se.

Matilde reviu mentalmente o famoso verso de La vuelta de Martín Fierro: «Que os irmãos sejam unidos, / porque essa é a lei primeira; / tenham união verdadeira em qualquer tempo que seja, porque se entre eles pelejam / vão comê-los os de fora.» Emocionou-a recordar a sabedoria do gaúcho Fierro naquela terra tão longínqua que era a sua. Traduziu para francês o melhor que pôde e suscitou a admiração de Fournier e de Vanderhoeven.

– Neste panorama de tensão permanente – prosseguiu Fournier –, a população civil, aquela que não pertence a nenhuma facção, sofre abusos indescritíveis. Fogem espavoridos das suas cidades quando algumas das milícias irregulares entram para pilhar, violar e matar, e assim surge o fenómeno dos deslocados ou dos refugiados. São milhões de pessoas que se agrupam em campos sem água, sem instalações sanitárias, sem serviços médicos, sem comida e que dependem da ajuda externa para subsistir. Nesses locais nascem as epidemias de cólera, de meningite e tantas outras. Alguns escondem-se na selva e aí perecem porque não têm nada.

– Haverá guerra? – Vanderhoeven atreveu-se a expressar a dúvida que nem Matilde nem Juana se decidiam a colocar.

A expressão de Fournier e a sua forma de inspirar profundamente foram eloquentes.

– Não vou mentir-lhes. Os nossos informadores e analistas julgam que sim. O Ruanda e o Uganda não estão a obter do governo de Kinshasa o que pretendiam ao apoiá-lo para derrotar Mobutu Sese Seko e a tensão entre eles é insustentável. Todos sabem que o cenário da guerra será a região dos Kivus, onde está o coltan. No caso de a segurança do nosso pessoal não estar garantida, a missão interrompe-se e saímos todos do Congo.

– Mas se a guerra explodir, precisarão de nós mais do que nunca! – protestou Matilde que, ao subir o tom de voz, desconcertou o belga e o francês.

Juana revirou os olhos antes de falar em castelhano.

– Matita, não nos vamos fazer matar, ou vamos?

– Mas é quando mais precisam de nós – repetiu num sussurro, sem ligar ao comentário de Juana. – A nossa organização caracteriza-se pela neutralidade e pela independência. Não deveríamos ser objeto da violência regional.

– Ai, Mat! És o Capuchinho Vermelho ou a Branca de Neve?

Fournier e Vanderhoeven olharam-na com carinho e sorriram-lhe de uma forma condescendente, o que a aborreceu. Revelavam-lhe uma verdade que não queria ouvir, tal como Eliah lhe tinha dito há tempos em Paris quando ela lhe garantira que a Mãos Que Curam cuidava do seu pessoal. «Mãos Que Curam cuida do seu pessoal!», troçara ele, bastante aborrecido. «É evidente que o fazem, mas, num contexto bélico como o que se desencadeará no Congo, ficarão tão expostos como os próprios congoleses.»

– É verdade, Matilde – manifestou Fournier –, somos uma organização humanitária neutral, independente e bastante respeitada, mas quando uma horda de rebeldes, muitas vezes drogados e alcoolizados, entra numa povoação não se põe a ver quem leva uma farda com o logótipo das mãos em forma de pomba. Matam indiscriminadamente. Sequestram-nos muitas vezes para pedirem resgate. Ainda choramos os nossos quatro colegas assassinados na Serra Leoa em 1996.

– Estás a ver como matam os da MQC? – censurou-lhe Juana.

– As Nações Unidas não farão nada para impedir a eclosão da guerra? – insistiu Matilde.

Fournier e Vanderhoeven entreolharam-se, sérios.

– Fez alguma coisa para impedir o massacre no Ruanda, em 1994?

– Nada – completou Auguste. – Nem o fará agora. Matilde, a ONU age de acordo com o mandato dos Estados Unidos. Se as principais multinacionais interessadas na exploração do coltan têm origem europeia e norte-americana, a ONU vai fazer de conta que não vê.

– Meu Deus – murmurou, abatida.

– Nós – disse Fournier –, da MQC, temos de agir como médicos e esquecer os atores políticos. Essa é a nossa missão, ajudar os mais fracos, sem necessidade de saber qual é a origem da sua situação.

– Temos a obrigação de denunciar os abusos que vemos – teimou Matilde.

– E fazemo-lo. Mas denunciámos o que estamos em condições de provar. E, na realidade, não podemos provar que as multinacionais estão por detrás das milícias rebeldes nem que a ONU está ao serviço das grandes potências. – Depois de um silêncio, Fournier endireitou-se na cadeira e sorriu. – Passando para assuntos mais prosaicos e domésticos, quero fazer-lhes algumas recomendações. Auguste já as conhece e com certeza que as comentou, mas prefiro insistir e repetir este ponto. Para evitar a malária e apesar do calor, deverão usar roupa que lhes cubra a maior parte do corpo. De duas ou de três em três horas, usem o gel repelente nos braços, mãos, cara, pescoço, peito do pé, ou seja, nas zonas que eventualmente possam ficar expostas. E todas as noites borrifem com permetrina, e num local aberto, a roupa que usarão no dia seguinte. A MQC fornecer-lhes-á. Devem mesmo borrifar o mosquito que vos cobre as camas de dois em dois ou de três em três dias. O mosquito da

malária tem hábitos alimentícios noturnos, de modo que entre o entardecer e o amanhecer devem evitar ir ao jardim ou estar com braços e pernas descobertos. O melhor é permanecer em casa, onde geralmente temos ventoinhas de teto ou ar condicionado; ambos os aparelhos irritam sobremaneira o raio do mosquito. Não se esqueçam, evidentemente, de tomar os comprimidos contra a malária, que vos forneceremos durante a estada e durante algum tempo, posterior ao fim da missão. Calculo que na sede de Paris vos terão avisado de que devem usar calçado apropriado. Nada de chinelas, sandálias ou sapatos de tecido. Se puderem usar botas, seria o ideal. Um bom par de abotinados de cabedal será suficiente. As serpentes são muito venenosas na região da selva.

– Onde diacho viemos parar? – resmungou Juana, lançando um olhar pouco amistoso a Matilde.

– Quanto à água – continuou Fournier –, não a bebam em situação alguma. Nem sequer a usem para lavar a boca. Evitem engoli-la enquanto tomam duche. A MQC fornece água mineral a todos os seus empregados. Estou a esquecer-me de alguma coisa?

– Sim – disse Juana. – Quando nos darão os coletes à prova de bala?

Todos se riram. Minutos depois, levantaram-se para se dirigirem até aos seus quartos. Matilde sentia o cansaço no corpo como se lhe tivessem dado uma sova. Despiu-se em silêncio, não dando importância à conversa lamurirosa de Juana, e foi até à casa de banho para tomar um duche.

Ao apoiar a cabeça na almofada, sorriu; acabava de se dar conta de que não tinha pensado em Al-Saud durante algum tempo. «Pouco a pouco, ir-me-ei esquecendo dele», animou-se.

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, Takumi juntou-se a Al-Saud no ginásio. Depois de alongar e aquecer os músculos, o japonês propôs-lhe praticar Taijutsu, uma das disciplinas que fazem parte da arte japonesa da guerra conhecida como Ninjutsu e que diz respeito ao combate corpo a corpo, para o qual otimiza as habilidades naturais do ser humano e utiliza o corpo como arma. Os seus golpes podem provocar fraturas ósseas e até a morte. Para dificultar a prova, Al-Saud propôs que Takumi usasse uma catana enquanto ele lutava sem armas e com as mãos amarradas atrás das costas. O mestre olhou o seu pupilo nos olhos antes de concordar com uma expressão serena. Foi buscar uma corda e amarrou-o. Apesar da disparidade de forças, Takumi não lhe deu vantagens nem diminuiu a sua eficiência. Atacou-o sem tréguas e fez apelo a todas as técnicas da disciplina (saltos, rolamento do corpo, golpes nos músculos, nos ossos), não por necessitar de provar a destreza do seu aluno, mas por querer provocá-lo. Espicçou-o como a um animal encurralado e ferido, empurrou-o até à exasperação. Al-Saud dispunha das pernas, dos pés e do tronco como únicas armas e utilizava-as com rapidez, embora na defensiva, ainda sem passar ao ataque, empenhando-se em esquivar a catana e prever os movimentos

do seu mestre sem dar início a uma tática para ganhar terreno.

– Pensa que, se não me deténs – incitou-o o japonês –, pensa que, se ficares fora de combate, levarei Matilde comigo e farei dela minha mulher.

As feições de Al-Saud alteraram-se, o pescoço ficou tenso e os músculos e tendões cresceram e destacaram-se. Takumi conhecia-lhe aquele olhar de olhos injetados onde o verde da íris brilhava como uma esmeralda ao sol. Com um grito que perturbou o japonês, Al-Saud avançou e, quando Takumi se adiantou para o neutralizar, ele esquivou-se com um movimento tão veloz e inusitado que acabou atrás do mestre. Pontapeou-o abaixo da cintura e atirou-o de frente contra o tatami. Deu um pontapé na catana com o calcanhar e apoiou o joelho na nuca do mestre. Inclinou-se para lhe dizer perto do ouvido:

– Ninguém toca na minha mulher.

Takumi riu-se baixinho. Al-Saud afastou-se e Takumi levantou-se. Depois do cumprimento da praxe, observaram-se fixamente e o japonês viu com clareza a dor surda que perturbava o homem que amava como um filho. Eliah desfez o contacto e dirigiu-se para uma máquina de pesos, onde se sentou e, com a ajuda de um parafuso que sobressaía, libertou as mãos.

– Queres falar dela?

A voz de Takumi percorreu-o como uma onda de energia suave e calorosa. Cobriu a cara com os cotovelos e com os joelhos.

– Deixou-me, sensei.

– Porquê?

Al-Saud ergueu os olhos e manteve-se em silêncio durante alguns segundos, não porque hesitasse em contar-lhe o sucedido, mas porque tentava ordená-lo na sua cabeça. Na verdade ainda não compreendia os motivos de Matilde.

– Não sei – admitiu. – Aconteceram coisas, todas ao mesmo tempo e más, que a endureceram e a afastaram de mim.

– Que coisas?

Custou-lhe articular uma dedução coerente e alterou-se ao referir o seu último encontro com Matilde, em casa de Ezequiel Blahetter. Takumi assentia com uma expressão tranquila como se o discurso de Al-Saud fosse ordenado, claro e carente de paixão.

– Segundo Juana, Matilde sempre pensara deixar-me para não me prender a ela, porque não me pode dar filhos. É uma razão estúpida e não a aceito! Usou-me... é tudo.

– De que forma?

– Foi-lhe conveniente ter um tipo com dinheiro em Paris que a protegesse dos

milhares de problemas em que está metida e que lhe desse guarida em casa.

– A sério que a julgas capaz disso?

Al-Saud, sentado ainda na máquina de pesos, pousou os antebraços nas coxas e inclinou a cabeça. A sua franja agitou-se quando a moveu para negar.

– Porque não te pões no lugar de Matilde? – propôs Takumi Kaito. – Como reagirias se te tivessem cortado os testículos?

Al-Saud contraiu o rosto numa careta de sofrimento e cobriu os genitais com um gesto protetor e automático.

– Não é o mesmo – garantiu, decorridos alguns instantes.

– Porque não? Tu serias um castrado, como ela é. Não poderias dar-lhe filhos.

«Matilde gosta de crianças», lembrou-se Al-Saud. Tentou imaginar uma cena em que tivesse de lhe anunciar a sua esterilidade. Fechou os olhos e visualizou Matilde com Dominique na noite da festa de anos de Francesca. Nessa altura tinham-no cativado a serenidade do sobrinho, que ela tinha ao colo, o sorriso de covinhas com que olhava para ela e a persistência com que o fazia; não afastava os olhos de Matilde nem sequer quando os seus irmãos mais velhos gritavam e exigiam a sua parte de atenção. «Há qualquer coisa nessa criança, não sei o quê, uma característica intangível que nasceu com ela, que parece cobri-la de luz e de paz e que atrai irremediavelmente.» As palavras da pintora Enriqueta Martínez Olazábal, que figuravam no livro *Peintres Latino-américains*, ecoaram-lhe na mente.

– Sou egoísta, sensei. Não teria conseguido abandoná-la assim, se fosse eu o estéril que não podia dar-lhe filhos.

– Quere-la para ti a qualquer preço, mesmo ao da felicidade dela. Matilde não é como tu. Ama-te tanto que pensa primeiro em ti em vez de pensar em si própria.

– Não me importo que não possa dar-me filhos.

– Mas ela, sim.

– É orgulhosa! – explodiu, levantando-se da máquina de pesos e começando a percorrer o ginásio. Takumi Kaito permaneceu imóvel, apenas movendo os olhos para seguir as voltas de Al-Saud.

– Calculo que, tal como as outras mulheres da tua vida, Matilde te perseguiu até conseguir que te dignasses olhar para ela, não é verdade?

Al-Saud deteve-se bruscamente e observou o mestre com hostilidade. Evocou a viagem de avião e como lhe tinha custado que ela lhe dirigisse a palavra; também se lembrou daquela vez no metro e da noite no restaurante japonês, onde a beijou pela primeira vez, à força, louco de desejo e de ciúmes, com a vaidade ferida e perplexo com a rejeição de Matilde.

– Matilde mostrou-se persuasiva para que vocês comessem a relação, tenho a

certeza – insistiu Takumi.

– Não – admitiu segundos depois. – Pelo contrário, fui eu quem a perseguiu. Ela não queria nada comigo.

– Não queria, com certeza, iniciar uma relação a que teria de pôr fim – conjecturou o japonês depois de um silêncio. Aproximou-se e colocou uma mão no ombro de Al-Saud. – Mas tu, querido Eliah, com o teu encanto, próprio de um Cavalo de Fogo, podes ser bastante persuasivo quando te propões. E acabaste por seduzi-la, fazendo-a esquecer-se das suas limitações e problemas.

«Fi-la feliz», grunhiu para consigo. «Sei que a fiz feliz. Foi feliz nos meus braços como nunca tinha sido.»

– Por outro lado – disse Takumi, continuando o seu raciocínio –, não devemos pôr de lado a questão do artigo do Paris Match. Inteirar-se da verdadeira natureza do teu trabalho deve tê-la impressionado bastante.

– Sim. Ela só pensa nos pretos desvalidos de África. Despreza-me por ser um mercenário.

– Talvez já não te admire, mas duvido que te despreze.

Takumi Kaito colocou a catana no suporte e saiu do ginásio. Al-Saud não se apercebeu de que ficara sozinho. O toque do telemóvel arrancou-o da sua abstração. Era o irmão Alamán.

– Onde estás?

– Na fazenda de Ruão. O que queres?

– Está bem, vou direto ao assunto. Estive a fazer averiguações nas empresas que fabricam aparelhos para substituir a voz humana.

Al-Saud franziu o sobrolho, perdido por instantes. Imediatamente se lembrou do defeito na voz de Udo Jürkens e de ter pedido a Alamán que investigasse.

– O que descobriste?

– Aqui, na Europa, são três as empresas que os fabricam, duas alemães e uma francesa. Nas três explicaram-me que são fabricados por encomenda. É um aparelho que substitui as cordas vocais e custa à volta de cinquenta mil dólares.

– Se os fabricam por encomenda, será fácil saber onde Jürkens comprou o dele.

– O que farias com essa informação?

– Talvez nos registos da empresa conste algum domicílio que tenham dado.

– Para isso precisarias de entrar nos sistemas dessas empresas, e isso eu não consigo fazer.

Há dias em que sentia falta do seu antigo chefe de Sistemas, Claude Masséna, um

dos melhores hackers que tinha conhecido.

– Falarei com Stephanie. – Referia-se à nova chefe de Sistemas, que ocupava o lugar desde o suicídio de Masséna. – Veremos se consegue infiltrar-se nos sistemas. Por favor, passa-lhe os nomes das três companhias.

– Assim o farei. E vou continuar a investigar empresas norte-americanas e asiáticas.

Assim que o irmão desligou, entrou em contacto com Stephanie e pô-la a par da informação que Alamán lhe dera. Não centraria as suas esperanças no que pudessem encontrar nos registos das empresas fabricantes do aparelho, no entanto, tinha de tentar.

O telefonema de Alamán serviu para o trazer de novo à realidade. Udo Jürkens, que tentara sequestrar Matilde há uns tempos e era autor de vários assassinatos, continuava em liberdade, e Matilde já não estava segura na sua fortaleza da avenida Elisée Reclus. Inquietava-o não receber notícias de Derek Byrne ou de Amburgo Ferro, os homens da equipa de vigilância de Peter Ramsay, enviados ao Congo para a protegerem. Por outro lado, Byrne e Ferro tratariam de recolher informações para a elaboração do plano que a Mercure levaria a cabo dentro de pouco tempo na zona dos Grandes Lagos.

Distanciara-se de Paris e das suas obrigações para restabelecer o equilíbrio perdido no dia em que Matilde fugira do Hotel George V depois da confissão de Céline. Ainda não conseguia voltar ao seu eixo, como dizia Takumi, e as obrigações acumulavam-se. Tanto os sócios como as suas secretárias respeitavam esse retiro de uns dias, embora não devesse decorrer muito tempo até o incomodarem com telefonemas e consultas. Tinha de ultrapassar a situação e recuperar o controlo da sua vida.

Passou o dia entre os cavalos – fazia-lhe bem e por momentos esquecia-se dela. À noite já decidira regressar a Paris no dia seguinte. Entre outros compromissos, tinha urgência em viajar até à base aérea de Dhahran, na Arábia Saudita, onde supervisionaria o curso de treino dos pilotos da Real Força Aérea Saudita. A ideia de pilotar um avião de guerra levantou-lhe o moral.

Depois de um jantar ligeiro e solitário, sentou-se na poltrona da sala e fixou a vista na lareira vazia. Que fácil era recordá-la e que difícil arrancá-la da cabeça e do coração! Viu-a deitada no tapete, aninhada contra o seu corpo, enquanto lá fora nevava e o vento fustigava os vidros. No silêncio da noite, pareceu-lhe que começavam a ouvir-se os acordes de *Can't take my eyes off of you*, a canção que tanto significado tinha para eles. Junto dele, no almofadão do sofá, estava a moldura que Matilde lhe oferecera no seu dia de anos. Foi buscá-la e admirou pela enésima vez as decorações a tinta preta na moldura branca. «É a nossa história de amor, estás a ver? Aqui pintei um avião, onde tudo começou. Depois pintei o metro, embora pareça um comboio. Mas tu e eu sabemos que estamos no metro. Esta é a salinha da minha tia Sofia. As chávenas de chá estão aí, bem pequeninas. Era difícil pintar com o apar

e a tinta da china. Esta é a fachada da sede da Mãos Que Curam, na rua Breguet, onde voltámos a encontrar-nos depois da tua viagem. E esta é a salinha em forma de flor do teu quarto, onde me tornaste mulher e me curaste. E esta é a mesa da sala de reuniões da Mercure e este, o Aston Martin, os locais mais exóticos onde nos amámos. A fotografia não está muito boa. Tirou-ma Juana com uma dessas máquinas descartáveis. Estou nos Jardins do Luxemburgo. Bom, não é uma grande oferta, mas fi-la com todo o meu amor.» A moldura esbateu-se à sua frente, enquanto um véu de lágrimas lhe turvava a visão. «Fi-lo para que nunca te esqueças da nossa história.» «Nunca poderia esquecer-me dela. Impossível. Além disso, vou ter-te sempre ao meu lado para a recordar.» Evocar o silêncio que se seguiu à sua declaração perturbou-o tanto como o de há dois meses. «Eliah, quero que saibas que guardo cada momento que passamos juntos. Cada momento. São um tesouro para mim.» Tinha sido um estúpido por não se ter dado conta de que Matilde estivera a despedir-se dele desde o início. Passou o indicador sobre a fotografia. «Sinto tanto a tua falta, meu amor. Onde estás agora? Como estás?» Era a noite de terça-feira, Matilde desaparecera da sua vida há dois dias e ele ainda não tinha recebido notícias dela.

Capítulo 2

Terça-feira, 7 de abril de 1998. Matilde disse para consigo que guardaria para sempre na memória esta data, a do seu primeiro dia de trabalho em África. Preparara-se durante anos para isso, para fazer o que dava sentido à sua vida: curar as crianças pobres, esquecidas e marginalizadas.

O dia, que fora longo e esgotante, começara às seis da manhã em Kinshasa, de onde partiram rumo a um autódromo para apanharem um pequeno avião a hélice de aspeto envelhecido que os levou a Goma, capital da província do Kivu Norte. Da janela avistavam a selva, que se estendia até onde a vista alcançava.

– Estamos a sobrevoar a zona da selva – explicou Fournier –, embora haja também savana e outros climas.

– É uma região cheia de parques nacionais – informou Vanderhoeven, e Juana apercebeu-se do que já se tinha dado conta no dia anterior, que Auguste competia pela atenção de Matilde. – O Virunga, o dos Vulcões, o Maiko, o Kahuzi-Biega. São santuários do gorila, do chimpanzé, do ocapi...

– Ocapi? – interessou-se Matilde e Fournier descreveu-lhe aquele animal exótico semelhante a uma girafa anã cujos flancos dianteiros e traseiros, às riscas, se pareciam com os de uma zebra.

– É um animal em perigo de extinção – completou Vanderhoeven –, tal como o gorila e o pavão-do-congo.

– Muitos morrem durante as escaramuças que se travam nos seus habitats naturais – declarou Fournier. – Também servem de alimento aos rebeldes e mesmo à população civil. Como veem, o caos da guerra, a fome e o abandono deste país afetam não só os seres humanos mas também os animais.

– A guerra – disse Matilde – não deixa nada de pé.

O avião não aterrou na pista de Masisi porque no dia anterior os rebeldes de Nkunda tinham travado uma batalha contra os mai-mai, apoderando-se da região. Felizmente, um informador que a companhia de táxis aéreos mantinha na zona tinha-os avisado – caso contrário, teriam aterrado entre balas e mísseis, porque os rebeldes, tanto de um bando como do outro, estavam bem armados, com tecnologia de ponta.

Enquanto sobrevoavam os arredores de Goma, Fournier e Vanderhoeven mostravam-lhes o vulcão Nyiragongo, no Parque Nacional Virunga, e o lago Kivu, um dos poucos lagos explosivos da Terra; nas suas profundezas acumulam-se mais de cinquenta mil metros cúbicos de gás metano, suficientes para abastecer o Ruanda de energia durante quatrocentos anos. A proximidade de um vulcão ativo como o Nyiragongo transforma esta região numa zona bastante perigosa e instável. Em caso de erupção, se a lava chegasse ao lago, este explodiria, arrasando parte do Leste do

Congo e a totalidade do Ruanda.

– Estão a ver – lamentou-se Fournier –, até a natureza se enfureceu com esta parte do planeta. Além disso, este lago é tristemente célebre porque foi para lá que atiraram a maior parte dos cadáveres do massacre do Ruanda.

– Valha-me Deus! – sussurrou Matilde.

– Por causa disso, as suas águas estão contaminadas. Mas as pessoas continuam a banhar-se e a pescar nele. Certa vez, um pescador disse-me que navegava neste lago há cinquenta anos, mas que nunca tinha confiado nele. «Há qualquer coisa de mau no lago Kivu», garantiu-me.

– O mais sensato – comentou Vanderhoeven – seria extrair o metano do lago e usá-lo como energia. Várias empresas europeias devem estar a afiar o dente para ver quem fica com o prémio maior.

– E o Nyira... ou como quer que se chame, tem vontade de entrar em erupção?

Fournier e Vanderhoeven riram-se da pergunta de Juana.

– Esperemos que não – foi a resposta de Fournier.

– Cada vez me arrependo mais de ter vindo – disse em castelhano e em voz baixa. – Poderia estar em Telavive com Shiloah, andando num Testarrosa. Mas não, estou aqui, num lugar prestes a explodir, seja por um lago louco ou por um grupo de rebeldes maníacos.

– Tudo correrá bem e nada de mal vai acontecer – animou-a Matilde, apertando-lhe a mão.

– Sim, sim, vai correr tudo muito bem. Isto vai ser uma farra.

O avião aterrou às onze da manhã numa pista dos arredores de Goma. Um SUV Land Rover branco, com o símbolo da MQC pintado a vermelho (as mãos em forma de pomba), esperava por eles para os levar a Masisi. Assim que pôs o pé fora do avião, Matilde franziu o nariz. Um cheiro penetrante, denso e húmido invadiu-a e obrigou-a a conter a respiração, até ter tido necessidade de inspirar novamente e o aroma peculiar, que não conseguia definir como agradável ou nauseabundo, invadiu-a novamente. Concentrou a sua atenção no cheiro e esqueceu-se do calor e de como a sua testa se cobria de gotas de transpiração, tal como o lábio superior.

– A que cheira? – perguntou Juana, com uma careta de asco.

– Ah! – exclamou Fournier. – É o cheiro da selva. Depressa te habituarás. E até na pele e na roupa o levarás colado.

Auguste Vanderhoeven fechou os olhos e encheu o peito com uma inspiração profunda.

– Desejava tanto cheirar a selva outra vez! Sentia falta deste odor.

Juana olhou para ele com os olhos arregalados e a seguir tirou da carteira o seu frasquinho de perfume de imitação Sercet.

– Desculpa-me, Auguste, mas eu prefiro o Organza de Givenchy. – Perfumou-se generosamente, não só no pescoço e atrás das orelhas, mas borrifando a ponta do dedo indicador e passando-o pelas narinas.

O motorista do Land Rover, um africano que não devia ter mais de vinte e cinco anos, cumprimentou Fournier e Vanderhoeven com um abraço e voltou-se timidamente para Juana e Matilde. Chamava-se Ajabu e apertou-lhes a mão com suavidade, sem erguer os olhos. Encarregou-se de descarregar as malas do avião e de as meter no SUV.

– Não pudemos voar diretamente para Masisi porque os do CNDP – Fournier referia-se ao Congresso Nacional para a Defesa do Povo, os rebeldes tútsis comandados pelo general Laurent Nkunda – atacaram a região de Masisi, arrancando o poder aos mai-mai.

– Sim, soube esta manhã – disse Ajabu, pedindo-lhes que entrassem no Land Rover. – Também não será fácil aceder por terra. – Expressava-se num francês fluente com uma entoação dura, e Matilde perguntou a si própria qual seria a sua língua materna e o seu grupo étnico. Seria hutu, tútsi ou munyamulengue, ou seja, tútsi congolês?

– Tu, querido Ajabu – disse Fournier –, conheces todos os atalhos desta parte do Congo, de modo que nos levarás até Masisi sem problemas, não é verdade?

O rapaz limitou-se a assentir e pôs a carrinha em movimento.

– Têm as vossas batas da MQC à mão? – perguntou Fournier. – Quero que as vistam. Para nós, a nossa bata é como um escudo protetor, mesmo que às vezes não sirva para nada.

Matilde tirou da mochila a sua bata branca com o símbolo da Mãos Que Curam impresso atrás e à frente e pô-la emocionada. Encostou-se à janela para ver a paisagem. Os seus grandes olhos prateados moviam-se sem cessar, como se não chegassem para abarcar o cenário. O caminho de terra vermelha formava um bonito contraste com o verde intenso da vegetação, que se estendia desde a planície até às serras. A beleza da paisagem também contrastava com os horrores de uma região que vivia em guerra desde o genocídio do Ruanda, em 1994. A fila de pessoas que ladeava o caminho, em direção a Goma ou a Masisi, era interminável e variada. As mulheres, com vestidos de cores berrantes, levavam os seus bebés às costas dentro de tiras de pano amarradas à frente, e traziam nas mãos sacos com os tarecos que salvaram ao fugir. Algumas carregavam bidões com vinte litros de água. Uma modelo europeia teria invejado o porte e a graciosidade com que se deslocavam aquelas mulheres altas e magras levando um peso que esmagaria um homem forte. Os homens também carregavam pertences e colchões. Viam-se crianças por toda a

parte, tal como cães, cabras, galinhas, todos misturados numa anarquia de cores vivas, sons fortes e aromas intensos. Matilde observava-os através do vidro e, quando alguma criança encontrava o seu olhar e ela lhe sorria, obtinha sempre em troca um cumprimento e um sorriso resplandecente, os dentes muito brancos contrastando com a pele escura. «Apesar de tudo, ainda têm vontade de sorrir», pensou. Iam malvestidos, sujos, a maior parte sem calçado, com as barriguinhas fora das camisololas, inchadas devido aos parasitas e à malnutrição. Tinha vontade de saltar da carrinha e de se pôr a trabalhar ali mesmo, na beira do caminho.

– Quem são todas estas pessoas?

– São deslocados – respondeu Fournier –, que rapidamente se transformarão em refugiados quando se juntarem a algum campo administrado pela ONU. Fogem das suas aldeias quando uma facção a invade para saquear, violar e sequestrar crianças.

– Para que sequestram as crianças? – quis saber Juana.

– Para as escravizarem nas minas ou para engrossarem os exércitos. O mais triste desta situação é que roubam a infância às crianças congoleesas.

Num setor do caminho particularmente movimentado, Ajabu diminuiu a velocidade. Matilde abriu a janela, sem se preocupar com o ar condicionado do veículo, e estendeu a mão para roçar a cabeça de um bebé que espreitava, como um marsupial, do envoltório nas costas da mãe. Os caracóis eram tão apertados e duros que pareciam pedrinhas pretas. A beleza do bebé surpreendeu-a, e alegrou-se ao ver as suas bochechas rechonchudas e os seus olhos grandes e vivaços, sintoma de boa saúde. Ao voltar-se para o interior do veículo, encontrou-se com o olhar de Vanderhoeven, que a incomodou.

A aglomeração de gente devia-se ao facto de se encontrarem às portas do campo de refugiados de Mugunga, que, aos pés de uma montanha, ocupava uma enorme planície coberta de barracas semelhantes a iglôs, construídas com estruturas de cana cobertas de lonas plásticas para proteger a casa durante as chuvas.

As carrinhas Nissan brancas da ONU, com a sigla UN (United Nations) pintada nas portas, entravam e saíam do campo, algumas com sacos de alimentos, outras com soldados com capacetes azuis. As crianças recebiam-nas e despediam-se delas com alvoroço, rindo e saltando como se estivessem em festa.

– São milhares os que vivem em Mugunga – explicou Fournier – e outros milhares acabarão hoje aqui, depois da escaramuça de ontem. As epidemias são o problema mais grave nestes locais sem saneamento básico.

– A MQC visita estes campos? – perguntou Matilde, incapaz de esconder a sua ansiedade.

– Acho que a Matilde queria começar a trabalhar agora mesmo – troçou Auguste.

– Parte do nosso trabalho – continuou Fournier – é visitar os campos de

refugiados. Fazemo-lo com o nosso programa de clínicas móveis.

– Nós podemos participar nas clínicas móveis?

– Não creio que haja problema, embora tenham de combinar com o coordenador no terreno. Em Masisi é a doutora Halsey.

– Em Paris disseram-nos que seríamos enviadas para o hospital de Bukavu – esclareceu Juana, referindo-se à capital da província do Kivu Sul.

– Houve uma mudança de planos quando se desencadeou a epidemia de meningite. Para já ficarão em Masisi. Depois talvez passem uma temporada em Rutshuru. Na MQC é assim. Vamos mudando os planos à medida que as urgências aparecem.

Atravessaram o coração de Sake, uma povoação a vinte e cinco quilómetros a noroeste de Goma, localizada na beira dos dois vulcões mais ativos das montanhas Virunga: o Nyamuragira e o Nyiragongo.

– Juana – disse Vanderhoeven, com uma expressão risonha – apresento-te o Nyiragongo e o seu amigo Nyamuragira.

– Obrigada, mas prefiro amizades menos explosivas.

Até o silencioso Ajabu se riu. Pouco depois entravam em Sake, cuja única rua comercial, por asfaltar e com buracos fundos, mostrava um desfile de mulheres, homens, crianças de todas as idades, cães, cabras e até macacos. Matilde apercebeu-se imediatamente de que a maior parte dos comércios eram de empresas de aluguer de táxis aéreos. Não viu bancos nem casas de câmbio, lojas de roupa, calçado ou combustíveis, e menos ainda farmácias; a roupa e os víveres ficavam sob a alçada dos vendedores ambulantes, que se agrupavam numa feira no fim do percurso.

– Para quê tantas companhias de táxis aéreos?

– Abundam – confirmou Fournier –, não só em Sake mas em todas as povoações próximas das minas de coltan. As avionetas alugam-se para levar ilegalmente o mineral até Kigali, a capital do Ruanda. Daí é exportado para a Europa e para os Estados Unidos.

À saída de Sake, foram parados por uma patrulha de soldados do exército congolês. Antes de abrir a janela, Ajabu pronunciou as primeiras palavras da viagem.

– Tenho mais receio deles do que dos rebeldes.

Quatro soldados, com as espingardas a tiracolo, rodearam o Land Rover. Matilde e Juana evitaram o contacto visual, tal como no aeroporto de Kinshasa.

– Jambo! – cumprimentou Ajabu.

– Jambo! – replicou o soldado.

– Em que língua falam? – sussurrou Matilde.

– Em suaíli – respondeu Vanderhoeven. – É a língua mais comum na zona oriental

do Congo, embora não seja, nem de longe, a única.

O soldado avisou-os de que, se seguissem na direção de Masisi, os rebeldes poderiam atacá-los. Vanderhoeven traduziu e Matilde, instintivamente, procurou com a mão a sua Medalha Milagrosa, mas, de imediato, lembrou-se de que a tinha oferecido a Eliah. Não se arrependia de o ter feito, sobretudo depois de saber qual era a sua profissão. Talvez, disse para consigo, a Mercure se encarregue de armar e treinar homens como os do Congresso Nacional para a Defesa do Povo, as guerrilhas mai-mai ou os interahamwes. Esse pensamento provocou-lhe uma tristeza profunda.

Passar a barricada custou-lhes dois maços de cigarros. Na opinião de Ajabu, não lhes tinham exigido dinheiro nem se tinham mostrado insolentes porque respeitavam o pessoal da Mãos Que Curam, que administrava e mantinha o único hospital de Masisi, famoso na região por curar feridas de guerra, tanto de soldados regulares como de guerrilheiros.

O SUV reiniciou o seu caminho e Matilde aproximou-se do vidro traseiro para observar os soldados que ficavam para trás. Tinham mandado parar outra carrinha preta com as letras TV impressas a vermelho no tejadilho, a sigla mundialmente conhecida que identifica os meios de comunicação num contexto bélico. Obrigaram os seus ocupantes a sair do carro, para ver se tinham armas, enquanto outros metiam o nariz nas suas câmaras e se riam.

Chegaram à casa da Mãos Que Curam, em Masisi, por volta das duas da tarde, sem terem encontrado os rebeldes de Nkunda. Tratava-se de uma moradia com um telhado de telha-espanhola de duas águas, elevada sobre o terreno por pilares de madeira e circundada por uma galeria com cadeirões e plantas. Foram recebidos pela encarregada da casa, Claudine, uma nativa com madeixas grisalhas no cabelo encrespado e um sorriso que teria conquistado o inimigo.

Deixaram os sacos nos quartos antes de se irem lavar e comer um almoço exótico: carne de zebu envolta em três folhas de bananeira e cozinhada nas brasas, acompanhada por frutas tropicais fritas e verduras ao vapor. Matilde, sem apetite por causa do calor e da ansiedade, estava desejosa de acabar de comer e começar a trabalhar.

Ajabu levou-os pelas ruas da povoação em direção ao hospital. Viam-se grupos de jovens com uniforme militar estampado em diversas tonalidades de verde e de castanho para se mimetizarem com a selva; levavam botas de cano alto e espingardas penduradas ao ombro; alguns cobriam a cabeça com quépis, com o mesmo estampado do uniforme; outros, com boinas verdes engalanadas com um escudo dourado na parte da frente. Pareciam saudáveis e deslocavam-se pelas ruas com um ar descontraído.

– São os soldados de Nkunda – explicou Ajabu –, muito mais bem treinados e alimentados que os do exército. Para eles, o dinheiro para as armas e para tudo o que precisam chega-lhes do Ruanda à tripa-forra.

– Vê-se muito pouca gente – apercebeu-se Fournier. – Esta rua costuma estar repleta de vendedores ambulantes.

– Fugiram quando souberam que os do CNDP se aproximavam. Alguns hão de atrever-se a voltar para casa para as encontrarem saqueadas e queimadas. Outros permanecerão nos campos, amontoados como gado.

O hospital de Masisi, uma construção de um piso e de má qualidade, com telhado de abobadilha e paredes com a pintura descascada que revelava camadas de várias cores, em cujo cartaz desbotado na fachada estava escrito *Salle d'Urgences*, ocupava uma superfície de mais de mil metros quadrados no sopé de uma colina coberta por uma floresta tropical. A galeria e a receção estavam cheias de gente, a maior parte deitada em colchões.

– Graças a Deus que chegaram! – exclamou a mulher em inglês, vindo ao seu encontro. Era a doutora Anne Halsey, a coordenadora do terreno.

Mal tiveram tempo de se cumprimentar, porque a médica se pôs a pormenorizar a lista de calamidades que a assolavam. A epidemia de meningite não a surpreendia: estavam no «cinturão da meningite», a área da África subsariana cuja população é bastante propensa a contrair a forma bacteriana; além disso, decorria a estação seca, a preferida da doença, que vai de dezembro a junho. Embora a deixasse perplexa o número de casos, não tinham mãos a medir. A isso somava-se o facto de no dia anterior centenas de civis terem chegado, tentando refugiar-se dos rebeldes, com feridas de bala e de machete. Num contexto deste tipo, com as pessoas aglomeradas em volta do hospital, sem água nem serviços sanitários, a possibilidade de travar o aumento do número de casos tornava-se remota.

– Já mandei trazer de Goma os banhos químicos que usaram o ano passado durante a epidemia de cólera – informou Anne Halsey. – Auguste, tu já conheces tudo na perfeição. Não precisas que te mostre nada. Começa com os feridos que estão na sala três. Tens um pouco de tudo para te entreteres.

– Tu vens comigo, Juana – disse Fournier.

– Quem é a cirurgiã? – quis saber Halsey.

– Eu – respondeu Matilde.

– Vamos. Tens várias balas para extrair.

– Sou cirurgiã pediátrica – interrompeu.

– Doutora, aqui precisamos de cirurgiões gerais que saibam um pouco de cirurgia ortopédica, obstétrica e visceral. Se não sabe, lamento dizer-lhe que vai ter de improvisar. No caso de não ter reparado, esta é uma emergência.

A mulher guiou-a através de corredores e de quartos a abarrotar de feridos e de doentes – alguns descansavam em colchões no chão com as extremidades ou as cabeças ligadas. O fedor dos corpos não estava de acordo com a regra essencial de

um hospital: máxima assepsia e limpeza. À medida que avançavam, evitando as pessoas, Anne Halsey queixava-se de que, com as novas técnicas endoscópicas e com as especializações médicas cada vez mais focadas numa parte do corpo humano, dentro de dez anos um cirurgião não saberia abrir um abdómen.

Matilde demonstrou ao longo da tarde que não só sabia abrir um abdómen como era habilidosa na altura de o fazer. Apesar do cansaço da viagem, dos nervos, da sala de operações, do pessoal e dos instrumentos pouco familiares, trabalhou com uma destreza que até a Dr.^a Halsey, também ela cirurgiã, teve de louvar. Fournier libertou-a às oito da noite. Juana não tinha melhor aspeto do que Matilde: estavam ambas com olheiras, o cabelo despenteado e os ombros caídos, no entanto, sentiam-se felizes.

– Não sei porquê – admitiu Juana –, mas gostei muito do meu primeiro dia. Tenho vontade de levar todos estes miúdos negros para a Argentina.

Já em casa, Matilde passou ao largo da mesa de refeições, onde Claudine se preparava para servir o jantar. Só teve forças para se despir, afastar o mosquito e meter-se na cama. Como sempre, o seu último pensamento foi para Eliah.

Perto das nove da noite de terça-feira, 7 de abril, Derek Byrne alugou dois quartos com comunicação num velho convento transformado em albergue. Concordeu em pagar a quantia exorbitante de cem dólares por noite, uma vez que o local lhes oferecia comodidades invulgares como, por exemplo, água corrente. O dono explicou-lhe que, apesar dos conflitos, a zona dos Grandes Lagos recebia uma grande afluência de homens de negócios devido à questão mineira, sem falar de jornalistas e de funcionários de organismos internacionais.

– A que canal de televisão pertencem? – interessou-se, porque tinha avistado a carrinha preta com a sigla TV nas portas e no tejadilho antes de Ferro a levar.

– Ao Canal Cinco, de Itália – mentiu Byrne. – Preciso de alugar um carro, uma carrinha seria melhor. Sabe onde posso fazê-lo?

– Por quanto tempo?

– Por duas semanas, no mínimo.

– Posso alugar-lhe a minha. É uma Nissan e está em bom estado.

O congolês levou-o até uma espécie de celeiro nas traseiras do hotel e mostrou-a. Acordaram que Byrne pagaria setenta dólares por semana e a devolveria com o depósito cheio. O dono do hotel também forneceria a gasolina.

Depois de se certificar de que o quarto estava limpo de microfones e de câmaras ocultas, Byrne fechou as persianas antes de tirar o estojo do computador portátil onde Alamán Al-Saud instalara o programa de seguimento dos dois microtransmissores colocados na bolsa do objetivo, Matilde Martínez, e no telemóvel da amiga, Juana Follicuré. Tratava-se de uma tecnologia de última geração, que combinava a tecnologia

do GPS (Global Positioning System, Sistema de Posicionamento Global) com a de um seguidor eletrónico. O resultado era de uma precisão espantosa.

Montou um pequeno tripé junto da janela, onde encaixou uma antena em forma de prato que, depois de consultar uma bússola eletrónica, apontou na direção do satélite de Inmarsat. A ligação permitir-lhe-ia utilizar o GPS para seguir Matilde e comunicar telefonicamente com qualquer parte do mundo. Ligou o transmissor, que funcionava com uma bateria de cádmio e de níquel, e ligou-o ao computador. Começou a teclar até que, no ecrã, apareceu o mapa de Masisi com dois pontos luminosos verdes que indicavam a localização dos objetivos. A essa hora não estavam no hospital, mas na casa da Mãos Que Curam, onde Amburgo Ferro se ocuparia da vigilância.

Verificado o funcionamento correto da ligação por satélite e do software, tirou o telefone Motorola encriptado da malinha à prova de água e de pó e resistente às pancadas. Tentaria uma comunicação, único meio de telefonar numa região que, do ponto de vista tecnológico, estava com décadas de atraso.

Eliah permanecia refastelado na poltrona, contemplando o retrato de Matilde. O toque do telemóvel sobressaltou-o e demorou um pouco a atender. Pigarreou antes de dizer allô. Era Derek Byrne. Ouvir a voz dele, o seu forte sotaque irlandês, reanimou-o porque aquele especialista em escutas e em vigilância devia estar perto de Matilde. Tinham saído de avião para Kinshasa no domingo, no Learjet 45 da Mercure, com ordens de a seguirem para onde quer que a Mãos Que Curam a destinasse. Tanto Byrne como Ferro conheciam os perigos que corria.

A comunicação era má e entrecortada. Al-Saud levantou-se da poltrona e dirigiu-se para a janela, procurando melhor sinal de captação. Levantou o tom de voz para perguntar:

– Diz-me, Derek, quais são as novidades?

– Não tivemos problemas para entrar em Kinshasa. Um funcionário do Ministério da Defesa veio buscar-nos ao aeroporto e evitou qualquer tipo de controlo ou de interrogatório.

– Ainda bem – congratulou-se Al-Saud, e fez uma anotação mental: telefonar ao seu amigo Joseph Kabila, com quem falara há dias para lhe pedir esse favor, uma vez que teria sido complicado explicar às autoridades da alfândega congoleza não só a presença de vários aparelhos tecnológicos na bagagem do irlandês e do italiano, mas as armas de fogo... levavam ambos uma Browning High Power, mais conhecida como HP 35, a arma oficial da Mercure, além de uma Magnum Desert Eagle, a preferida de Byrne. – Provavelmente teriam acabado presos.

– Onde estão agora?

– Em Masisi, uma pequena povoação a oitenta quilómetros a noroeste de Goma.

Al-Saud, que tinha estado a estudar o mapa da região dos Grandes Lagos para a missão que teria de desempenhar dentro de pouco tempo, conhecia a localização de

Masisi; ficava na zona das minas e, por isso, do conflito mais impiedoso.

– A Matilde está aí?

– Sim.

– Como é a situação na zona?

– Complicada – admitiu Byrne. – Ontem os rebeldes de Nkunda expulsaram as milícias mai-mai e apoderaram-se de Masisi e dos arredores. Hoje a coisa está mais calma, embora tenhamos ouvido alguns disparos.

– Fala-me dela.

Byrne descreveu em pormenor os movimentos de Matilde desde a sua chegada a Kinshasa no dia anterior até ao seu trabalho no hospital de Masisi nessa tarde. «Nem lhe permitiram descansar até amanhã. Já a puseram a trabalhar», resmungou Al-Saud. Queria perguntar a Byrne como lhe parecera, se a achava deprimida e triste ou, pelo contrário, exultante entre os seus pacientes. Não o fez.

– Onde estão alojadas?

– Numa casa, a uns quinze minutos de carro do hospital.

– Vanderhoeven está alojado na mesma casa?

– Aparentemente, sim. Descarregou a sua bagagem tal como as raparigas.

As pálpebras de Al-Saud desceram lentamente. Comprimiu os olhos com o polegar e o indicador.

– O Ferro vigiará esta noite a casa onde está a Matilde, presumo.

– Com efeito – confirmou Byrne. – Deixou-me no hotel e voltou para a casa da MQC.

– Como funciona o programa de vigilância que Alamán instalou?

– Perfeitamente.

Na manhã seguinte, antes de partir para Paris, Al-Saud fechou-se no seu escritório e falou com Joseph Kabila.

– Obrigado pelo funcionário que enviaste ao aeroporto. Os meus homens disseram-me que foi de grande utilidade. Não tiveram qualquer problema para entrar no teu país.

– Estou às tuas ordens, Eliah, já sabes. Além de que me interessa que Shaul Zeevi possa extrair o seu coltan. Farei qualquer coisa para te ajudar nesse sentido.

Al-Saud evitara mencionar que Byrne e Ferro tinham chegado antecipadamente não só para recolher informação, mas para proteger uma mulher. A sua mulher.

– Conta-me qual é a situação do governo do teu pai.

– Extremamente delicada. Apesar de termos pedido aos exércitos ruandês e ugandês para abandonarem o nosso território, ainda não o fizeram e o meu pai está furioso.

– O apoio do Ruanda e do Uganda torna-se indesejável – comentou Al-Saud.

– Sempre tivemos conhecimento das suas intenções. Querem ficar com a parte oriental do nosso país. E isso não permitiremos.

– De certa forma, já a controlam com as guerrilhas do CNDP.

– É verdade, Eliah. Nkunda está a fazer um bom trabalho para os de Kigali. Por isso nos interessa que tu trates deles para que Zeevi possa extrair coltan em nome do governo congolês. Será uma forma de quebrar o poder de Nkunda na zona e atrair o investimento estrangeiro. A dívida externa está a devorar-nos e a falta de trabalho faz com que o nosso povo morra de fome. Imperdoável num país rico como este! Quando achas que a tua equipa estará pronta para atuar?

– Estamos a ultimar pormenores. Esperamos poder atuar rapidamente.

– Já sabes, amigo. O que quer que necessites, basta telefonares. Muito poucas pessoas têm este número de telemóvel.

– Obrigado, Joseph. Aprecio a tua ajuda. E digo-te o mesmo. Qualquer coisa, telefona.

No domingo, primeiro dia de descanso depois de uma semana vertiginosa, Matilde acordou às onze da manhã. Tinha dormido doze horas seguidas. Não se lembrava de ter dormido tanto, nem sequer na sua chegada a Paris, sob o efeito do jet lag. Ficou na cama, com os braços sob a cabeça e o olhar fixo no ponto onde o mosquito pendia do teto. O leve ressonar de Juana misturava-se com o zumbido da ventoinha e deixava-a com preguiça. A penumbra do quarto, tocada apenas pelos raios de sol que se infiltravam pelas tábuas das persianas, convidava-a a continuar a dormir. Não se ouviam vozes nem sons, à exceção do trinado dos pássaros e do chiar dos insetos, incessantes naquela zona de selva.

Tirou o pulso esquerdo de baixo da cabeça e viu as horas: onze e dez, a mesma que em Paris devido ao atraso de uma hora na Europa para aproveitar a luz do sol. «O que estás a fazer, meu amor?» Imaginou-o a exercitar-se no ginásio ou a nadar na piscina. Teria ido para Ruão? Teria voltado a ver Celia? Enroscou-se com um gemido e afundou a cara na almofada, de onde tirou a luva de lã, cujo elástico conservava vestígios do perfume de Eliah, o A Men de Thierry Mugler. Encostou-a ao nariz e inspirou com os olhos fechados. Só restavam alguns vestígios, os mais intensos, que acabariam por desaparecer. O tempo era implacável e apagá-lo-ia por completo, como faria com o amor que ela lhe havia inspirado. Eliah Al-Saud ultrapassaria a desilusão e continuaria: sabia que era forte e capaz de o superar, não lhe faltariam mulheres que o ajudassem a esquecê-la. Ela, pelo contrário, nunca o esqueceria e carregaria para sempre aquela dor, embora tivesse esperança de que, pouco a pouco, a sua

intensidade diminuísse porque, às vezes, era duro continuar. Não queria recordar o último olhar trocado entre eles no aeroporto Charles de Gaulle, quando o vira com lágrimas nos olhos. Abafou um gemido e, antes que este se transformasse num pranto desconsolado, obrigou-se a rever os acontecimentos da primeira semana em Masisi.

Adorava o trabalho intenso, díspar e por vezes caótico que realizava no hospital de Masisi. Mantinha-a ocupada, fazia-a sentir-se útil e, sobretudo, impedia-a de pensar. Na quarta-feira, seu segundo dia de trabalho, depois de se despedir de Jean-Marie Fournier, que continuava a sua volta de inspeção em direção a Rutshuru, chegaram às oito para substituir os médicos do turno da noite. A Dr.^a Halsey apresentou-as a Juan Miguel Robles, cirurgião peruano, a Alex Larsson, clínico sueco, e a Abir Nahalí, ginecologista e obstetra egípcio, que as cumprimentaram com simpatia, embora com os rostos exaustos. Fizeram o relatório do que acontecera durante o serviço noturno e despediram-se. Só tinham cabeça para pensar no pequeno-almoço que Claudine lhes proporcionaria e na cama onde dormiriam até às cinco da tarde, altura em que começariam a preparar-se para ir para o hospital e substituir Matilde, Juana, Vanderhoeven e Anne Halsey.

Nesse segundo dia, quarta-feira, Matilde e Juana tiveram mais tempo para conhecer o hospital, os doentes e perceber algumas rotinas e regulamentos. No exterior do edifício, e devido à epidemia de meningite, tinham sido levantados cinco hospitais de campanha insuláveis, de quarenta e cinco metros quadrados cada, que ocupavam a frente e as traseiras do hospital. Em quatro deles estavam isolados os casos mais graves, enquanto no quinto fora improvisada uma sala de operações onde se extraíam balas e se tratava de fazer a punção aos doentes suspeitos de terem contraído meningite. A Dr.^a Halsey pediu a Matilde que tratasse disso, das punções, razão pela qual ela tinha passado a maior parte do dia no interior da tenda, equipada com ar condicionado que não funcionava porque os rebeldes impediam a entrada na zona dos camiões com combustível, sendo necessário, portanto, racioná-lo para que o grupo eletrogéneo continuasse a fornecer-lhes eletricidade para outros usos básicos. Tinham colocado várias ventoinhas para uma maior comodidade dos doentes, coisa que com aquele calor pouco ajudava. Matilde, que teria preferido trabalhar com calças curtas e uma camisola sem mangas, cobria-se até ao pescoço devido ao perigo da malária e de outras doenças transmitidas por insetos, como a tripanossomíase humana africana, ou doença do sono, causada pela picada da mosca tsé-tsé, cujos sintomas se pareciam com os da doença de Chagas. Tinha prendido o cabelo comprido num carrapito e trazia-o coberto com a touca de cirurgião.

Kapuki, a enfermeira congoleza que a assistia nas punções para extrair líquido cefalorraquidiano, era uma rapariga séria, bastante calada, eficiente, a quem não precisava de dizer nada; sabia preparar os instrumentos, anestesiá-la zona lombar com um creme chamado EMLA, como colocar o paciente – sentado, com as pernas fora da marquesa e a coluna ligeiramente arqueada para abrir os espaços entre as

vértebras – e como segurá-los e mantê-los imóveis, função essencial para evitar tocar nos nervos do final da coluna que podiam provocar a paralisia do paciente. Matilde gostava de Kapuki porque, tanto aos miúdos como aos adultos, sussurrava na língua materna – falava com fluência o suáli, o lingala e o kituba, as línguas principais do Congo depois do francês – e acalmava-os, porque, ainda que a punção fosse efetuada com anestesia local e fosse, portanto, indolor, o trocarte, a agulha de punção, impressionava.

Matilde preparava a zona com álcool iodado e levava o seu tempo a apalpar as cristas ilíacas e os espaços intervertebrais para determinar o sítio onde enfiar o trocarte. Embora tivesse efetuado este procedimento muitas vezes no hospital Garrahan, em Buenos Aires, nunca se sentia segura – dava-lhe a sensação de que estava a meter a mão num ninho de víboras para ir buscar uma coisa minúscula e que qualquer movimento brusco as acordaria. Espetava a agulha e introduzia-a com uma pressão lenta e suave de modo a identificar os planos atravessados até chegar à dura-máter. Ficava bastante apreensiva com os bebés recém-nascidos, por ser muito fácil perfurar-lhes a dura-máter e arruinar a amostra. O líquido não era aspirado, saía antes gota a gota, sendo recolhido nos frascos esterilizados transparentes, que se enviavam para o laboratório localizado no interior do hospital, que tratava de determinar se o paciente sofria de meningite e de que tipo. A bacteriana, a mais preocupante, era a que assolava a região por esses dias. A seguir, o laboratório dava um veredito inicial que, no caso de corroborar a presença da bactéria *Neisseria meningitidis*, permitia a Matilde prescrever a injeção intramuscular com cloranfenicol oleoso ou ceftriaxona.

Gostava de visitar as tendas insufláveis e de passear os olhos pelos pacientes deitados nas camas, com o soro no braço. Sentia um carinho infinito por aqueles congoleses mal alimentados, de olhos tristes e atitude submissa e silenciosa, que afugentavam as moscas da cara e fixavam os olhos no teto de lona. Observava-os, sabendo que alguns, por mais que lhes subministrassem antibióticos, morreriam, outros, apesar de sobreviverem, ficariam com sequelas, como surdez ou incapacidades de aprendizagem. Não precisou de muito tempo para se aperceber de que os pacientes jovens e adultos nunca se queixavam, embora sofressem dores insuportáveis. Por isso sentava-se junto das suas camas e falava com eles para saber como se sentiam. Maravilhava-se com a fluidez com que o francês lhe saía dos lábios graças à vontade que tinha de comunicar, e alegrava-se também por o compreender, porque os congoleses o falavam de uma forma pausada, embora com um sotaque duro. Kapuki, de pé junto dela com ar de estátua, movia-se com rapidez sempre que lhe indicava a administração de algum analgésico através do soro ou de outras drogas para aliviar o sofrimento.

De quarta-feira de manhã a sábado à tarde, Matilde efetuou vinte e três punções, das quais vinte se saldaram por um resultado positivo: a bactéria tinha atacado as meninges. Este número era a prova de que se tratava de um surto incontrollado. Para

o fim da semana, começou a preocupá-la a diminuição do stock do creme EMLA, dos trocartes e de outros materiais descartáveis, tal como do antibiótico e do soro fisiológico – estavam desesperados por mais garrafas de oxigénio. Comunicaram por rádio com o hospital de Rutshuru, onde Fournier se encontrava, para lhe pedirem reabastecimentos, no entanto, os camiões da Mãos Que Curam não conseguiram passar as barricadas levantadas pelos rebeldes do Congresso Nacional para a Defesa do Povo.

– Devem ser parvos – queixava-se Auguste Vanderhoeven. – Alguns deles estão internados aqui. Nem sequer pelos seus homens permitem a passagem dos camiões.

Na quinta-feira, pouco depois do meio-dia, Vanderhoeven, que era o chefe de cirurgia, pediu-lhe que o assistisse na amputação da perna de uma criança afetada pela úlcera de Buruli, «prima direita da lepra e da tuberculose», nas palavras de Auguste. A infeção tinha provocado uma osteomielite severa, ou seja, tinha comido o osso, e a única solução era cortar o membro esquerdo mesmo abaixo do joelho. Como se tratava de uma doença quase exclusiva dos países tropicais africanos, Matilde não a conhecia. Admirou-se com a virulência com que a bactéria atuava.

– Os pais trouxeram-no tarde de mais – explicou-lhe Auguste, enquanto se preparavam para desinfetar as mãos e os antebraços no quarto de lavagem pré-cirúrgica. – Costuma acontecer nestes países. Têm medo de se deslocar, de deixar as suas casas, além de viverem a vários quilómetros do hospital e precisarem de atravessar selvas e evitar bandos de rebeldes para chegarem a um centro de saúde. Não, não uses a povidona iodada. Usa clorhexidina.

– Porquê? – admirou-se Matilde.

– Porque tens uma pele muito branca e sensível, e a povidona é irritante. Poderia ferir-te.

Matilde observou-o em silêncio. Era verdade, a povidona irritava-lhe a pele. No entanto, decidira usá-la porque não via clorhexidina em lado nenhum e não estava nos seus planos armar-se em esquisita no Congo.

– Não há clorhexidina – argumentou.

Vanderhoeven sorriu. Não era um homem que pudéssemos definir como bonito; no entanto, aquele sorriso apanhou-a de surpresa e ficou a olhar para ele porque os seus olhos azuis, ao iluminar-se, e os seus lábios, ao revelar uns dentes brancos e direitos, lhe pareceram atraentes. Tinha reparado na simpatia que o médico belga suscitava entre os empregados, homens e mulheres, e a humanidade com que tratava os seus pacientes, particularmente as crianças. Tinha testemunhado a doçura com que animou e acalmou o menino a quem depressa ia cortar a perna.

– Sim, há clorhexidina. Aqui está. – Tirou-a de um armário. – Separei-a para ti, para que não usasses povidona. Só resta este frasco, pelo que o guardaremos neste móvel, que todos sabem que é meu, para que ninguém a use.

Matilde sussurrou um «obrigada» e afastou os olhos porque, de repente, a fixação com que o belga a observava a incomodou. Colocou a máscara e começou a desinfetar-se. Vanderhoeven continuou a falar-lhe com a desenvoltura e a segurança anteriores a esta troca com ar intimista.

O aspeto jovial de Auguste Vanderhoeven passava para austero e profissional ao entrar na sala de operações com as mãos erguidas e os antebraços afastados do corpo. As enfermeiras pareciam estar familiarizadas com a disposição do belga perante a iminência de uma cirurgia porque, apesar de terem brincado e rido com ele minutos antes, na sala de operações tratavam-no por docteur e limitavam-se a seguir as suas ordens.

Era a primeira vez que Matilde partilhava a sala de operações com Vanderhoeven e admirou-se com a agilidade e a precisão das suas mãos ao ligar a artéria, cortar os músculos e serrar o osso, evitando aquecê-lo. Parecia quase o trabalho de um cirurgião plástico aquele que fez para montar o coto, preocupando-se em afastar os nervos e em suturar fora da zona de carga.

Nessa mesma quinta-feira, depois de um dia esgotante, preparavam-se para jantar em casa quando Abir Nahalí os chamou do hospital pelo rádio para que fossem assisti-los. Acabara de chegar um camião com uma dezena de feridos. Embora Anne Halsey fosse a encarregada no terreno, Vanderhoeven, como cirurgião-chefe, encarregou-se da urgência e fez a triagem, ou seja, a classificação dos feridos com base nas prioridades de atenção e privilegiando as possibilidades de sobrevivência. Revelava um sangue-frio e um domínio semelhantes aos que adotava ao transpor as portas da sala de operações.

Nessa noite, trabalhou-se na extração de balas nas quatro salas de operações em simultâneo, as três do hospital e a improvisada na tenda insuflável. Os rebeldes de Nkunda tinham disparado as suas espingardas sobre um camião da ONU cheio de refugiados do campo de Mugunga. Dois morreram: uma criança de cinco anos e uma velhota; os restantes foram para a cirurgia. Agora era preciso enfrentar os dias de recuperação, em que o estado de saúde do paciente era periclitante. Regra geral, tratando-se de pessoas malnutridas, muitas delas com VIH e tuberculose, as probabilidades de sobrevivência eram escassas.

A emergência da noite de quinta-feira diminuiu os stocks de medicamentos, anestésicos, garrafas de oxigénio e material descartável para números alarmantes. Reunidos na sala das enfermeiras, enquanto bebiam café depois de horas de atividade frenética, os seis médicos da Mãos Que Curam e os funcionários nativos debatiam a melhor forma de conseguirem o material que o hospital de Rutshuru queria enviar-lhes, mas que não lhes podia fazer chegar devido aos homens de Nkunda.

Juana, de mau humor por causa do sono e de ter visto tanto sofrimento, inclinou-se e sussurrou ao ouvido de Matilde:

– Como nos calhava bem Eliah agora! Ele e os seus rapazes afastariam da estrada

num rufo aqueles filhos da puta como se fossem baratas e escoltariam o camião com os medicamentos até aqui. – Matilde afastou o rosto para fixar os olhos, entre contrariada e desconcertada, nos olhos desafiantes da amiga. – Não olhes assim para mim, Mat. Tenho razão. Para isso existem os soldados profissionais, embora não queiras entender.

– Sim, com certeza. E depois teríamos de tratar dos homens de Nkunda que Eliah e os seus rapazes deixariam semeados pelo caminho.

– Pelo menos teríamos com que tratá-los, não como agora, que nem adesivos temos.

Não voltaram para casa e na sexta-feira, apesar de ser Sexta-Feira Santa, trabalharam duramente e enfrentaram o dia de trabalho sem conseguirem dormir uma hora. O trabalho triplicara e não tinham mãos a medir. Matilde começou a ficar nervosa ao verificar que as feridas não eram limpas e as ligaduras não eram mudadas, que os frascos de soro iam esvaziando, que havia infiltrações no cateter, os braços inchavam e ninguém mudava a via intravenosa, que as enfermeiras, cheias de trabalho, não cumpriam os horários dos medicamentos e que ninguém fazia o que devia. Vanderhoeven agarrou-a pelo braço, mesmo acima do cotovelo, e pediu-lhe que o acompanhasse lá fora.

– Precisas de uma pausa.

Levou-a até à «cozinha», um sítio aberto, embora coberto, onde várias mulheres preparavam as refeições dos doentes. Matilde observou durante alguns segundos aquelas mulheres robustas e trabalhadoras que espevitavam as fogueiras, trituravam raízes nos pilões, descascavam verduras e cortavam carne, voltando-se depois para Vanderhoeven e interrogando-o com uma careta de horror.

– Esta é que é a cozinha? Aqui não há condições mínimas de higiene.

– Matilde, em lugares como estes, trabalhamos nas piores condições. E, embora tentemos respeitar os protocolos de assepsia e tudo o mais, nem sempre é possível. No Afeganistão, tive de operar uma menina que sofria de apendicite debaixo de um toldo. E, no entanto, a menina sobreviveu. Evidentemente, enchi-a de antibióticos e não a deixei um minuto que fosse. Isto – disse, voltando-se e apontando para o edifício – não é um hospital, mas uma sala de urgências e, portanto, carece de cozinha. Por isso, quando a MQC se encarregou desta sala de urgências e a transformou em hospital, improvisámos aqui uma cozinha. Estas mulheres foram treinadas por nós para ter a máxima atenção, dentro do possível, às condições higiénicas. – Sorriu com doçura antes de acrescentar: – Vais ter de descontrair um pouco e de aprender a trabalhar em condições adversas, caso contrário vais querer voltar ao teu país dentro de duas semanas.

– Não, garanto-te que não vou querer voltar ao meu país dentro de duas semanas. Sinto que esta é a minha vida, que vim ao mundo para isto, para curar os mais fracos

e esquecidos.

Matilde não conhecia aquele olhar tão penetrante e perturbador do belga, embora talvez tivesse recebido um vislumbre quando o apanhou a observá-la na carrinha, a caminho de Masisi, depois de ela ter acariciado a cabeça de um bebé. Auguste voltou-se para as suas cozinheiras e cumprimentou-as com a sua simpatia habitual, apesar da falta de sono e das condições de trabalho adversas. As mulheres receberam-no com uma barulheira e riram-se quando ele tentou falar-lhes em kituba. De volta ao hospital, Matilde deitava-lhe olhadelas furtivas.

– Há quanto tempo trabalhas para a MQC?

– Há doze anos, desde os vinte e sete.

«Tem trinta e nove anos», calculou Matilde, «é oito anos mais velho do que Elih.» De qualquer forma, Elih Al-Saud parecia mais velho do que o belga.

No dia seguinte, sábado, chegou a carrinha com as provisões. Ajabu, que a conduzia desde Rutshuru, converteu-se num herói porque, usando caminhos alternativos igualmente perigosos e contornando barricadas do Congresso Nacional para a Defesa do Povo, tirou o hospital de Masisi da grave dificuldade em que estava. Matilde esticou-se na cama com um sorriso ao recordar a pequena festa que Claudine tinha preparado na noite anterior para homenagear o motorista.

Apercebeu-se de que a casa já não estava tão silenciosa como há algum tempo e de que alguém pusera mesmo música. Aquela canção parecia-lhe familiar. «Love of my life, dos Queen», acertou. Adorava aquela canção e há muito tempo que não a ouvia. Permaneceu imóvel, prestando atenção à letra. «Love of my life, you hurt me. You've broken my heart and now you leave me. Love of my life, can't you see? Bring it back, bring it back. Don't take it away from me, because you don't know what it means to me.» Enquanto a voz de Freddie Mercury avançava com lentidão pelas estrofes e Matilde as traduzia, formava-se-lhe uma bola na garganta. «Amor da minha vida, feriste-me. Partiste-me o coração e agora abandonas-me. Amor da minha vida, não te dás conta? Devolve-mo, devolve-mo. Não mo tires porque tu não sabes o que significa para mim.» Mordeu a almofada, apertou-a com os punhos e mergulhou nela a cara, com o corpo convulso pela força do pranto que tinha preso.

Juana, que também ouvia a canção, estalou a língua, saiu da sua cama, levantou o mosquiteiro de Matilde e escorregou para junto dela. Abraçou-a e sussurrou:

– Sim, eu sei. Parece que o papurri a escreveu de propósito para ti.

Matilde agarrou-se à amiga e encharcou-lhe o peitilho da camisa de noite de lágrimas e de saliva. Juana limitava-se a acariciar-lhe a cabeça, incapaz de dizer palavras de consolo porque o queixo lhe tremia. Minutos depois, continuavam ainda abraçadas.

– Acho – disse Juana com uma voz áspera – que Auguste se anda a babar por ti. Seria ótimo que entrasse agora e nos visse assim. Pensaria que somos lésbicas e

deixava-te em paz. E o papurri, feliz! – Matilde riu-se, malgrado seu. – Ou talvez não – conjecturou Juana – e acabe por ser um perverso que gosta de trios e de lésbicas.

Matilde achou sem pés nem cabeça a ideia de um Auguste com gostos tortuosos em matéria sexual. Desconfiava de que ele possuía uma alma nobre que a levava a confiar.

– Tenho muita vontade de falar com Shiloah – comentou Juana. – Desde que chegámos que ainda não tive oportunidade. Com esta história de não haver telemóveis nem internet... Deve estar bastante preocupado. No fim de contas, não me serviu para nada abrir uma conta de correio no Yahoo.

– A minha prima Amélie tem internet na sua missão. Embora só funcione quando tem vontade, conforme me disse, porque aí os telefones só funcionam quando têm vontade. – Passados uns instantes, Matilde propôs-lhe: – Juani, porque não lhe escreves uma carta à moda antiga, à mão? Ele vai adorar. Podes pedir a Jean-Marie que a envie de alguma cidade onde o correio oficial funcione.

– E tu, Matita, vais escrever ao papurri?

– Não, amiga – replicou, serena. – O que houve entre mim e Eliah acabou.

Capítulo 3

O chefe do serviço de espionagem israelita na Europa, Ariel Bergman, observava com uns binóculos a extremidade oeste do mar Mediterrâneo, onde este passa a receber o nome de mar de Alborán. Fazia-o da varanda do seu quarto no The Caleta Hotel, em Gibraltar. Alternava a sua atenção entre uma lancha e um iate, afastados entre si por uma distância de pouco mais de três quilómetros. Viam-se três pescadores na lancha, calmamente sentados, esperando que o peixe picasse; no iate, pelo contrário, não se via movimento no convés. De qualquer forma, Bergman sabia que nas entranhas daquele barco luxuoso se efetuava um negócio de armas entre o traficante sul-africano Alan Bridger e três altos-comandos do Irish Republican Army, a guerrilha irlandesa. O seu objetivo não eram os terroristas da Irlanda, embora não se importasse de os liquidar no processo, mas Alan Bridger, que proporcionava um fluxo constante de armas a Mohamed Abu Yihad, o comprador de Saddam, como era conhecido na Mossad. Juntamente com o seu sócio Rauf Al-Abiyia, Abu Yihad, ou Aldo Martínez Olazábal – era este o seu verdadeiro nome –, abastecia o rais de produtos que o embargo imposto pela ONU o proibia de adquirir de forma legal, ou seja, fornecia-o de quase tudo. Os katsas em Joanesburgo garantiam que Abu Yihad tinha fechado um acordo com Bridger por um milhão de dólares para comprar quatro quilos de mercúrio vermelho, um componente químico utilizado no fabrico de explosivos radioativos. Garantiam também que Bridger procurava no mercado negro, por conta de Abu Yihad, grandes quantidades de bolo amarelo ou urânio. Essa notícia, que os seus homens ainda não tinham conseguido confirmar, deixara nervosos os chefes em Telavive.

Era fácil dar a ordem: «Tratem de Alan Bridger, de Kurt Tånveider, de Paul Fricke, de Abu Yihad e de Al-Abiyia.» Executá-la era outra música. Tinham localizado Bridger. No entanto, era difícil conseguir chegar até ele porque vivia atrás de uma muralha de guarda-costas e numa fortaleza. Tinha uma fraqueza: um iate no Mediterrâneo.

Bergman consultou o seu TAG Heuer: onze e vinte e nove da manhã. Se os acontecimentos se desenrolassem de acordo com os planos, num minuto, o kidon – agente da Mossad para executar os assassinatos –, com um equipamento de mergulho de alta tecnologia, chegaria ao local onde estava ancorado o iate de Bridger e colocaria no casco uma bomba-lapa provida de contramedidas eletrónicas que impediriam o sistema de proteção do iate de se aperceber da presença de um elemento estranho. Programá-la-ia para explodir dentro de quarenta e cinco minutos, ao meio-dia e um quarto. O kidon levaria apenas vinte e cinco minutos a percorrer os três quilómetros que o separavam da lancha de pescadores graças aos propulsores colocados sobre as garrafas de oxigénio.

Às onze e quarenta e cinco minutos, focou os binóculos na direção da lancha de pescadores. Passados dois minutos viu o mergulhador emergir das águas turquesas do mar de Alborán e subir a bordo. A lancha afastou-se em direção a leste.

Bergman pôs os binóculos nas pernas e esfregou os olhos. À medida que os ponteiros do relógio avançavam para o quarto de hora, as suas pulsações aumentavam. Ao meio-dia e treze minutos, focou novamente os binóculos e esperou. Afastou as lentes do rosto com um movimento rápido quando o clarão provocado pela bomba-lapa lhe feriu a vista. Pôs-se de pé e permaneceu alguns minutos a observar as chamas que se erguiam no convés e devoravam o iate com Bridger lá dentro. Os gritos dos turistas, que presenciaram o sinistro a partir da costa, e as sirenes, quebravam a paz habitual do lugar.

Entrou no quarto e fechou as persianas. Fixou os olhos nas fotografias espalhadas em cima da mesa. Escolheu uma. Nela viam-se Eliah Al-Saud e Abu Yihad num bar do Hotel Ritz de Paris, num domingo à tarde, 15 de fevereiro, há quase dois meses. Tinham demorado a averiguar quem eram as raparigas que os acompanhavam, a filha de Abu Yihad e a sua amiga de infância, duas médicas comprometidas com a causa da Mãos Que Curam. Sorriu com sarcasmo. A filha de um traficante de armas era uma santa que tentava curar tuberculosos em África. Para a surpresa ser maior, estava sentimentalmente envolvida com Al-Saud. Parecia inverosímil a forma como os atores dessa comédia se entrelaçavam.

Eliah Al-Saud observava o mar de nuvens que se estendia sob o Gulfstream V que o levava até à base da Mercure na ilha de Fergusson, na Papuásia-Nova Guiné. Tinha descolado há duas horas do aeroporto de Le Bourget, nos arredores de Paris, e ainda pensava na notícia que lera no Le Monde, enquanto tomava o pequeno-almoço na sua casa da avenida Elisée Reclus. «O iate explodiu a poucos quilómetros da costa de Gibraltar, pouco passava do meio-dia de ontem, domingo, 12 de abril. O seu proprietário, o sul-africano Alan Bridger, e os seis membros da tripulação morreram imediatamente. Ainda não foram recuperados todos os cadáveres e os peritos também não determinaram as causas do sinistro, embora os negócios do senhor Bridger, um conhecido traficante de armas, levem a pensar que se tratou de um atentado.» Alguém estava a livrar-se de alguns traficantes de armas. Na semana passada lembrava-se de ter lido que o alemão Kurt Tärveider tinha morrido num acidente de automóvel nos arredores de Calais, em França. Perguntou a si próprio quem estaria a eliminá-los.

Ao lado das colunas do artigo viam-se duas fotografias bastante recentes do sul-africano Alan Bridger. Uma delas tinha chamado a atenção de Al-Saud. Inclinou-se na ilha de mármore da cozinha e estendeu o jornal para que a lâmpada dicróica lhe batesse em cheio. Com uma expressão risonha, Bridger saía de um edifício rodeado por vários homens, aparentemente os seus guarda-costas, embora um desses rostos, pouco nítido e distanciado, tanto que podia ter passado por um transeunte, lhe fosse familiar.

Telefonou de imediato para a sua secretária, Thérèse, cujo irmão, um fotógrafo freelance que trabalhava para vários meios de comunicação social, já lhe fora útil noutras ocasiões. Apesar de ser muito cedo, encontrou-a nos escritórios que a

Mercure ocupava no Hotel George V, em Paris.

- Bonjour, Thérèse.
- Bonjour, monsieur Al-Saud.
- Queria pedir-lhe um favor, Thérèse.
- O que quiser, senhor.
- O seu irmão ainda mantém contactos na redacção do Le Monde?
- Oui, monsieur.

– Bem. Na edição de hoje do Le Monde, na secção principal, página nove, vem uma nota acerca da explosão de um iate no Mediterrâneo. Gostaria que o seu irmão me conseguisse os originais das duas fotografias que acompanham a notícia. Evidentemente, saberei recompensar esse favor.

- Obrigada, senhor.
- Assim que tiver as fotografias, envie-as para Alamán. E, no caso de não conseguir fazer-me esse favor, avise-me. Sabe onde estarei.
- Bien sûr, monsieur.
- Au revoir, Thérèse.
- Au revoir, monsieur.

Ipsa facto, Al-Saud telefonou ao seu irmão Alamán.

- Tens à mão o Le Monde de hoje?
- Sim. Espera um pouco. Já o tenho. Diz lá.

Al-Saud guiou-o até à página nove e pediu-lhe que reparasse no homem à direita de Bridger, o mais afastado, com barba.

- Sim, estou a vê-lo.
- Thérèse entrega-te entre hoje e amanhã a fotografia original. Vai tentar que o irmão a consiga na redacção do Le Monde. Quando tiveres a fotografia, quero que tu e Lefortovo – Al-Saud referia-se a outro empregado da Mercure, especialista em falsificações e montagens, cujo verdadeiro nome era Vladimir Chevrnikov – trabalhem esse rosto e o ampliem o mais que puderem. Preciso de o identificar.

- É evidente que tens uma suspeita.
- Sim.
- Quem julgas que seja?

Houve um silêncio. Eliah decidiu responder porque falavam através de uma linha segura.

– O pai de Matilde.

Alamán assobiou.

– O que sabes delas, de Juana e Matilde?

– Ontem à noite falei com Amburgo que me disse estarem bem, embora a situação na zona dos Grandes Lagos se torne mais instável de dia para dia. – Não lhe disse que as faziam trabalhar como escravas e que ele temia que Matilde não estivesse a alimentar-se bem.

Al-Saud afastou os olhos do mar de nuvens, remexeu-se no assento do avião e pediu a La Diana que lhe trouxesse o telefone encriptado para falar com Thérèse. Ainda que lhe tivesse dado algumas horas para agir, tinha urgência em saber se conseguira as fotografias. Apoiou o polegar no leitor digital e uma linha vermelha varreu-o antes de o sistema de autorização lhe facilitar o acesso e lhe permitir efetuar a chamada.

– Thérèse, é Al-Saud. O que pode dizer-me do seu irmão?

– Hoje, ao fim da tarde, trar-me-á o que me pediu.

– Bem, obrigado. Mande-me depois o número de conta para depositar o dinheiro.

«Só me resta esperar», disse para consigo e recriou na sua mente o diálogo com Aldo Martínez Olazábal no Ritz, há dois meses. «Em que trabalha, senhor Aldo?», interessara-se Juana Folicuré. «É um broker», interveio Matilde na defensiva. «Mat e eu nunca percebemos bem o que é ser um broker», insistiu Juana. «Compro e vendo qualquer coisa em qualquer lugar do mundo.» «Armas também?», perguntou Al-Saud a si próprio e, tendo em conta as suas suspeitas, a resposta podia ser «sim». A dimensão das implicações de uma resposta afirmativa assustava-o.

Aldo Martínez Olazábal tomava o pequeno-almoço no convés do seu iate, o Matilde, enquanto lia La Tribuna de Marbella. Reclinou-se nos almofadões da cadeira e pousou a chávena de café na mesinha próxima quando os seus olhos tropeçaram num título inquietante: «Conhecido traficante de armas morre em acidente estranho.» O artigo não fornecia muitas informações, embora um dado, o nome do traficante, tivesse bastado para que Aldo ficasse coberto por um suor frio naquela manhã ensolarada. Obrigou-se a manter a calma e voltou a ler. O barco de Bridger tinha explodido no mar de Alborán, a poucos quilómetros de Gibraltar. A guarda costeira ainda não conseguira recuperar todos os corpos, o do traficante e os da sua tripulação. Os peritos trabalhavam para determinar a causa do sinistro.

Aldo fechou o jornal e atirou-o para a mesa. Fincou os cotovelos nos joelhos e segurou a cabeça com as mãos. Falara com Alan Bridger havia três dias, antes de sair de Bagdad, para combinar um encontro em Londres onde negociariam uma nova compra de armas, de mercúrio vermelho e de urânio. Nesse momento compreendeu que o acidente de automóvel onde morrera outro dos seus fornecedores, o alemão Kurt Tánveider, não fora, na realidade, um acidente. Estavam a caçá-los. Não precisou

de perguntar a si próprio quem. Havia duas opções: a CIA ou a Mossad, ou ambas, atuando em conjunto, embora, na sua opinião, as operações tivessem a marca de Telavive.

Tirou os óculos de leitura e colocou os de sol. Apalpou o peito à altura do coração onde trazia, sobre a pele e escondido pela camisa Armani, o coldre axilar com a Ballester Molina calibre quarenta e cinco. Olhou em todas as direções antes de descer até ao cais. Dirigiu-se para o seu automóvel alugado sentindo-se observado, perseguido, espiado. No instante em que ia meter a chave do veículo no contacto, temeu a possibilidade de haver uma bomba ligada ao sistema de arranque. Saiu e dirigiu-se para a entrada do porto, onde apanhou um táxi.

– Leve-me ao Hotel Bellavista – indicou.

Não se apercebeu de que um homem de cabelo preto e bigode espesso punha em andamento uma mota e o seguia. Martínez Olazábal saiu do táxi passados quinze minutos. Interessava-lhe a cabina telefónica que ficava diante da entrada do hotel.

– Espere um pouco – ordenou ao taxista, atravessando a rua em passo rápido.

Ligou para o telefone fixo em Bagdad onde, se tivesse sorte, falaria com o sócio, Rauf Al-Abiyia – só havia uma hora de diferença. Atendeu-o uma das empregadas domésticas. Al-Abiyia, que não usava telemóveis, demorou o seu tempo a chegar ao aparelho fixo localizado no living da sua casa na capital iraquiana.

– Quem fala?

– Irmão – disse Aldo, sem mencionar nomes.

– Ah, és tu! Que tal foi a tua viagem?

– Tenho más notícias. O nosso amigo sul-africano não poderá comparecer ao encontro do dia 17 de abril. Teve um problema sério.

– Sério até que ponto?

– O mais possível. Já não voltará a fazer negócios connosco nem com ninguém.

– Compreendo – murmurou Al-Abiyia.

– Um destino semelhante teve o nosso amigo alemão há uns dias.

A linha ficou silenciosa enquanto Al-Abiyia refletia sobre a informação. «Estão a eliminar-nos um a um. Todos os que colaboraram com Saddam estão na lista negra da Mossad e da CIA.»

– Contávamos com eles para que nos arrandassem o que precisamos – acabou por dizer o árabe. – Agora só nos resta recorrer à outra fonte, a mulher.

Martínez Olazábal fechou os olhos e fincou os dedos na testa. Al-Abiyia referia-se a Madame Gulemale. Tentara evitá-la porque a excêntrica congoleza, tão fogosa na cama, não lhe inspirava confiança nos negócios. Embora contasse ainda com um

último recurso para conseguir os bolos amarelos de urânio para o Iraque, desconfiava de que acabaria por cair nas garras de Gulemale.

– Se não houver outra alternativa – disse Martínez Olazábal –, recorrerei a ela.

– Tem cuidado, irmão.

Aldo voltou ao táxi e pediu que o levasse ao porto. O homem da mota continuou a segui-lo de regresso ao Matilde.

Não tinha sido fácil juntar aqueles homens para formar o esquadrão que, dentro de algumas semanas, viajaria até ao Congo. Al-Saud, com o seu uniforme militar de camuflado para passar despercebido no meio da selva, observava-os da janela do escritório enquanto se dirigiam para a salinha de reuniões na base que a Mercure possuía numa das ilhas d'Entrecasteaux, a de Fergusson, na Papuásia-Nova Guiné. Dentro de minutos, ele e o seu sócio, Anthony Hill, exporiam a situação da província do Kivu Norte e os pormenores do plano para se apoderarem da mina de coltan que os funcionários de Shaul Zeevi, o empresário israelita da informática, se encarregariam de explorar. Bebeu um último gole de Perrier e pôs os Ray Ban Clipper.

– Vamos, Diana – ordenou, e saiu para o calor húmido da selva tropical.

Decidira integrar La Diana nessa missão, coisa que parecia ser do agrado da jovem. Tony Hill juntou-se a eles no momento em que entravam na sala. Ao vê-los, os homens ocuparam as cadeiras e mantiveram-se em silêncio. Enquanto Tony ligava o projetor e colocava a primeira imagem, o mapa da República Democrática do Congo, Al-Saud passou os olhos por cada um deles.

O russo Viktor Oschensky, especialista em comunicações no Exército Vermelho, trocava algumas palavras sussurradas e risonhas com o nepalês Lambodar Laash, antigo integrante das letais unidades gorkhas, com quem tinha partilhado vários trabalhos para a Mercure. O paramédico do grupo, o norte-americano Martin Guerin, consultava o ecrã do seu computador portátil. O coronel Harold McAllen, também norte-americano, de cinquenta e dois anos, erguia a sua figura de urso na extremidade oposta da mesa e cravava os olhos duros no mapa. «Ninguém como Harold para este trabalho», disse Al-Saud para consigo. Durante a Guerra do Vietname, McAllen tinha feito parte do SOG (Studies and Observation Group), uma facção do exército dos Estados Unidos que penetrava na selva dominada pelos vietcongues para efetuar tarefas de reconhecimento e de eliminação de acampamentos inimigos. Poucos conheciam tão bem como ele os truques para enganar a floresta tropical, tão letal como o deserto de Rub al-Khali. A Mercure tinha sorte em contar com McAllen entre os seus comandantes e instrutores porque, além de participar em algumas missões, McAllen era o chefe da base da ilha de Fergusson, juntamente com o indiano Chandresh Dragosi, antigo funcionário de L'Agence, tal como Al-Saud. À direita de McAllen estava Zlatan Tarkovich. Agradava-lhe aquele mercenário croata, antigo oficial do Exército Vermelho, que insistia em definir-se como jugoslavo, apesar de a Jugoslávia já não existir. Também se considerava um freelance, e só trabalhava para

a Mercure por contrato. Eliah convocava-o sempre que surgia uma missão importante. Era apropriado Zlatan considerar-se freelance, uma vez que a expressão, nascida na Idade Média, surgira para designar os guerreiros de «lança livre», ou seja, aqueles que não deviam fidelidade a nenhum senhor feudal e que vendiam a sua destreza à melhor oferta. Exceto aviões de guerra, Zlatan pilotava qualquer aparelho que pudesse voar, desde uma avioneta a um Canberra, e era um mecânico exímio. Ao seu lado via-se Sergei Markov, antigo funcionário da Spetsnaz GRU, o comando de elite do serviço de espionagem militar da Rússia, temido e respeitado por todos os restantes grupos militares de elite do mundo. Só um punhado conseguia superar o processo de seleção e dizia-se que alguns pereciam na tentativa. O australiano Dingo, antigo oficial do exército australiano, de quem poucos sabiam o verdadeiro nome, Ronald Carelli, de pai italiano e mãe irlandesa, era originário de Queensland, onde desenvolvera a sua inclinação pelo surf e pelo mergulho. Chamavam-lhe Dingo desde pequeno, tal como o cão selvagem natural da Austrália, descendente do lobo-asiático. Partilhava com o animal, quer o dourado da penugem, quer as características de animal arisco e bravo; adequava-se à sua personalidade. Tratava-se, sem dúvida, de um dos melhores recursos de que a Mercure dispunha. De pé numa das extremidades da mesa, Al-Saud apercebeu-se de imediato do triângulo de olhares formado por La Diana, Dingo e Markov. La Diana fixava os seus olhos celestes no australiano, enquanto o russo Markov os fixava na rapariga bósnia, com quem trabalhara como guarda-costas de Matilde durante algumas semanas em Paris. Dingo, por outro lado, ouvia as explicações de Tony Hill.

Viktor Oschensky, Lambodar Laash, Martin Guerin, Harold McAllen, Zlatan Tarkovich, Serguei Markov, Dingo e La Diana, juntamente com os seus sócios, Tony Hill, Mike Thorton e Peter Ramsey, e com o seu irmão Alamán, especialista em tecnologia, informática e eletrónica, formavam um comando com que se teria sentido capaz de enfrentar qualquer inimigo.

– Este é Laurent Nkunda – disse Tony, apontando para o ecrã onde se via um preto cuja magreza causava espanto. – É um antigo oficial do exército congolês. Pediu dispensa com a patente de general. Lutou ao lado de Laurent-Désiré Kabila contra Mobutu Sese Seko, sobressaindo pela sua inteligência e coragem. Como munyamulengue, uma etnia tútsi própria do Congo, garante defender a sua gente dos interahamwes que fugiram do Ruanda depois do genocídio de 1994 e invadiram território congolês.

– Na realidade – interrompeu Al-Saud –, Laurent Nkunda é um gendarme dos interesses internacionais. – Carregou num botão do controlo remoto e o projetor fez surgir uma nova imagem, a fotografia de três crianças em poços de terra vermelha, picando as paredes com maça e cinzel. – Esta é uma mina de coltan explorada por um consórcio com sede no Ruanda e protegida pelos rebeldes de Nkunda. – Voltou a carregar no botão para mostrar um pormenor do mapa da região dos Grandes Lagos. – A mina de que teremos de nos apropriar para o nosso cliente situa-se aqui – disse, e

apontou para um ponto com um ponteiro laser –, na fronteira do Parque Natural Virunga e próxima da povoação de Rutshuru, o bastião de Nkunda. Uma vez conseguido o controlo da mina, teremos de permanecer aí durante vários meses a controlar o perímetro. É de esperar que os rebeldes queiram recuperá-la.

– Transferimo-nos com todo o material para Kinshasa, a capital – indicou Tony Hill – e daí faremos o percurso até Rutshuru nos nossos helicópteros.

– Como levaremos os helicópteros? – quis saber Lambodar Laash.

– Como sabem – respondeu Hill –, o ano passado a Mercure adquiriu um velho Jumbo que transformou em avião de carga. Transportaremos aí tudo o que for necessário, incluindo os três helicópteros, o Black Hawk, o Mil Mi-25 e o Apache.

– Para isso desmontaremos as hélices – admitiu Al-Saud. – Zlatan, encarregas-te da desmontagem e da montagem uma vez chegados ao Congo. Quantos dias nos levará montá-las de novo em Kinshasa?

– Com a ajuda de quatro homens, posso fazê-lo em dois dias – garantiu o jugslovo.

– Muito bem – disse Al-Saud. – Têm de saber que, assim que aterrarmos no Kivu Norte, estaremos em território inimigo. O exército congolês não nos dará apoio e dependeremos de nós próprios e do apoio que nos deem a partir da base, em Paris.

– Aqui, na ilha de Fergusson – continuou Hill –, estamos na mesma latitude da província do Kivu Norte, pelo que as condições climáticas são semelhantes. Ambas são regiões de florestas tropicais, virgens na sua maior parte, e muito perigosas. As chuvas são copiosas, a vegetação muito densa, a fauna abundante. Há dificuldade em encontrar clareiras onde aterrar um helicóptero. As montanhas são escarpadas.

– Sabemos que neste ponto – Al-Saud assinalou um lugar no mapa –, bastante próximo da mina, há uma aldeia de camponeses. – Não explicou que a informação lhe fora fornecida pela prima, Amélie Guzmán, uma freira encarregada da única missão numa área de vários quilómetros. – Aí poderemos aterrar e iniciar a marcha através da floresta tropical em direção à mina – acrescentou, arrastando o ponteiro laser para leste.

– Quanto tempo de marcha? – quis saber Viktor Oschensky.

– São cinquenta quilómetros, a maior parte deles em território escarpado e de vegetação densa, mas, se formos pela margem deste rio – esclareceu, seguindo o curso com o ponteiro –, poderemos avançar depressa, a menos que deparemos com os rebeldes. Alamán e Peter irão monitorizando o radar para não haver surpresas.

– O que faremos se a mina estiver nas mãos dos rebeldes? – perguntou Markov.

– De acordo com as informações de que dispomos – assinalou Al-Saud –, a mina não está a ser explorada, nem sequer está a ser vigiada. Mas, caso estivesse, teríamos de atacar do ar. Não há outra alternativa.

– Martin – Tony Hill referia-se ao paramédico Martin Guerin – tratará de vos dar a vacina contra a febre-amarela. Tal como aqui, no Congo continuarão a tomar os comprimidos contra a malária. Já conhecem as instruções para evitar a picada do mosquito que a provoca.

– Uma vez tomada a mina – perguntou Harold McAllen –, quanto tempo permaneceremos a guardá-la?

– Vai depender do ritmo de trabalho dos funcionários de Zeevi – respondeu Al-Saud.
– Os estudos de prospeção efetuados pelo governo do Congo garantem que em quinze meses se extrai todo o coltan que a mina pode fornecer, mantendo um certo ritmo de trabalho. Iremos rodando os grupos para que, depois de três meses no terreno, tenham uma semana de descanso. Além disso, nesta etapa, quero dizer, uma vez tomada a mina, contaremos com o apoio do exército do país. Antes disso não intervirão. Teremos de nos desenrascar sozinhos.

– Se é verdade que nos pagarão quatro mil e quinhentos dólares por mês, tomaremos essa mina nem que tenhamos de limpar o sebo a todos os rebeldes do maldito Congo – manifestou Viktor Oschensky, e os outros riram-se.

– Que tipo de inimigo enfrentamos? – quis saber Markov.

– Boa pergunta – admitiu Al-Saud. – O nosso pessoal no terreno – referia-se a Derek Byrne e a Amburgo Ferro – garante que o exército de Nkunda está organizado em batalhões com cerca de sessenta homens, e quando digo homens refiro-me também a mulheres e crianças. Quatro batalhões formam uma brigada, a cargo de um comandante.

– Estão bem organizados – resmungou Dingo.

– Não devemos subestimá-los – afirmou Tony Hill.

– Calcula-se que o exército de Nkunda ronde os dois mil e quinhentos soldados, o que perfaz um total aproximado de dez brigadas que infetam a zona dos Kivus.

– E o que sabemos sobre o armamento? – insistiu Markov.

– Conseguimos averiguar que cada batalhão dispõe de dois morteiros de 60 milímetros. Cada brigada possui à volta de duas metralhadoras antiaéreas 12.7 – ouviu-se um assobio de admiração –, mais usadas contra tropas inimigas do que contra aviões ou helicópteros. Têm vários RPG e metralhadoras de mão. O equipamento de comunicações é mais obsoleto, alguns handies Motorola e rádios VHF portáteis e poucos telefones por satélite nas mãos dos altos-comandos.

– Sabe-se que têm problemas de abastecimento – interveio Tony –, porque não dispõem de meios de locomoção e por falta de dinheiro. Para se fornecerem de comida, medicamentos, dinheiro sonante, baterias, munições, etc., saqueiam as povoações e montam emboscadas nas estradas.

– E agora – disse Al-Saud –, o coronel McAllen vai falar das atividades que

realizarão como treino até partirmos para o Congo. Têm de estar em plena forma para enfrentar esta missão. Não será fácil, mas conseguiremos.

O coronel McAllen levantou-se da cadeira e recebeu das mãos de Al-Saud o ponteiro laser.

– A topografia da região dos Grandes Lagos... – McAllen continuou a espalhar-se sobre a existência de montanhas na província do Kivu Norte e a necessidade de praticar a técnica do rappelling, enquanto Tony Hill e Eliah Al-Saud, num aparte, trocavam algumas palavras.

– Quando partes para a base de Dhahran? Na quinta-feira?

– Não, chegaria sexta-feira de manhã, que é equivalente ao nosso domingo. Dessa forma perderia um dia de trabalho. Prefiro ficar aqui até sexta e chegar à Arábia Saudita no sábado de manhã.

– E o que ficarás a fazer com este calor? – admirou-se Tony.

– Habituar-me para quando formos para o Congo? – Riu-se. – Como tu vais esta noite para a Eritreia, quero ficar e participar nos primeiros dias de treinos. Eu próprio supervisionarei o treino. Alguns dos rapazes não estão em forma. Férias a mais – lamentou-se.

– Mike telefonou hoje e perguntou-me se tinhas tomado alguma decisão a respeito de Madame Gulemale.

– Decidi antecipar-me ao grupo para ir vê-la. Talvez consiga convencê-la a facilitar-nos o acesso à mina.

– Como pensas convencê-la? – O olhar de Hill brilhou de malícia. – Na cama?

– Não subestimes Gulemale. Poderíamos partilhar a queca das nossas vidas e depois, sem quaisquer remorsos, mandaria Nkunda matar-me se me atrevesse a pôr o pé na sua mina. Ela não mistura as coisas. Não, terei de a convencer por outros meios.

No fim do dia e depois de várias horas de treinos, Al-Saud ainda dispunha de duas horas de sol para fugir até ao seu pequeno paraíso. Levou uma toalha e uma muda de roupa para o Land Rover e rumou para o interior da ilha até encontrar a cascata que caía para um poço de água escondido atrás da selva tropical. Tirou o uniforme, que o suor colara ao corpo, e atirou-se de cabeça. A água fria arrepiou-lhe a pele. Depois de nadar em estilo mariposa durante alguns minutos, sentou-se numa pedra para que a água lhe massajasse os ombros. Não queria admitir que durante todo o tempo, mesmo quando treinava, e isto preocupava-o, pensava em Matilde. Doía-lhe a ausência dela neste contexto paradisíaco e jurou a si próprio que um dia o partilharia com ela. Interrogou-se sobre que horas seriam em Masisi. Afastou o pulso do jorro de água e olhou para o seu Breitling Emergency. Calculou que na parte oriental do Congo seriam onze da manhã. Matilde devia estar no hospital, a trabalhar sem descanso, lado a lado

com o cretino do Vanderhoeven. Voltaria para a base para ligar a Ferro ou a Byrne. Queria saber dela.

Entrou na central de comunicações, refrigerada e saturada de sons de rádios, transmissores, radares e outros aparelhos. Um dos operadores informou-o de que Alamán telefonara havia meia hora.

– Estabeleça a ligação – ordenou, dirigindo-se para o seu gabinete à espera da chamada. Finalmente, o operador apareceu com o telefone por satélite e entregou-lho.

– A sua chamada, senhor.

– Obrigado – disse Al-Saud, esperando até estar a sós para falar. – Alamán, é Eliah.

– Tenho o que me pediste. Isolámos o rosto da fotografia que nos deu o irmão de Thérèse e melhorámos o mais que pudemos. Ficou bastante nítida. Como queres que ta envie?

– Envia-a como um arquivo encriptado para o meu e-mail da Mercure.

Passados alguns minutos, o rosto de Aldo Martínez Olazábal aparecia no computador portátil de Al-Saud. Depois de um momento de perplexidade, Eliah analisou as implicações da descoberta, uma vez que não lhe restavam dúvidas de que Martínez Olazábal se dedicava ao tráfico de armas. Pensava em Matilde e na nova ameaça que pairava sobre ela. Apressou-se a telefonar para os seus homens no Congo, precisava de saber que a sua mulher estava a salvo.

Há algum tempo, pedira ao seu falsificador, Vladimir Chevrikov, cuja rede de contactos nas secretarias dos serviços secretos de vários países era a maior que Al-Saud conhecia, que averiguasse Aldo Martínez Olazábal. Sem resultados. A pouca informação obtida dessa vez carecia de importância, tal como a que lhe fora fornecida pelo seu contacto na SIDE, os serviços secretos argentinos. À luz da suspeita de Al-Saud, tentaria outro caminho. Na sexta-feira, 17 de abril, antes de viajar para a Arábia Saudita, pediu ao operador da ilha de Fergusson que estabelecesse ligação com Chevrikov, no seu apartamento em Paris.

– Lefortovo, é Cavalo de Fogo.

– Querido amigo, o que posso fazer por ti? Falas numa linha segura?

– Sim. Preciso dos serviços do teu amigo, Yaakov Merari.

Merari era um agente corrupto da Mossad, que Chevrikov, conhecedor dos seus deslizes, chantageava para obter informações.

– Estou a ouvir.

– Tu e Alamán estiveram a trabalhar na fotografia de um homem.

– Sim. Suponho que a tenha enviado para ti na terça-feira.

– Sim. Agora preciso que a envie a Merari para que te diga quem é e tudo o que souber acerca dele.

– Hoje mesmo fá-la-ei chegar – afirmou Lefortovo.

– Deposito-te o dinheiro assim que obtiveres a informação.

Regressava sempre à base aérea de Dhahran, na terra do seu pai, a Arábia Saudita. Aí, o seu tio, o tenente-general príncipe Abdul Rahman, comandante da Força Aérea Real Saudita, prolongava-lhe a licença de voo para que pilotasse um F-15 ou um Tornado. Agora, com o contrato para treinar pilotos de guerra, as suas visitas tornavam-se frequentes.

Tirou os óculos de sol e fez pala com a mão. A paisagem composta pela formação dos F-15 e pelo deserto trazia-lhe memórias da Guerra do Golfo e da base em Al Ahsa, para onde L'Armée de l'Air o mandara em setembro de 1990, pouco depois de Saddam Hussein ter invadido o Kuwait, «a décima nona província iraquiana», conforme dizia o raís. A Operação Daguet, como o presidente Mitterrand chamou ao envio de Mirages e de Sepecat Jaguars para o território saudita, durara até ao fim da contenda, tal como a participação de Eliah Al-Saud. Ele era muito jovem e, no entanto, a sua paixão pelos aviões de combate tinha-o levado a partilhar os primeiros lugares com pilotos mais experientes; o que lhe faltava em experiência, sobrava-lhe em temeridade e instinto. Numa das vezes em que o seu primo, o general Khalid Al-Saud, comandante das Forças Aliadas durante a Guerra do Golfo, visitou a base de Al Ahsa, o coronel Amberg, o superior de Eliah, avistou-o à distância, enfiado no seu traje antirradiação e com o capacete na mão, e comentou:

– Sei que parece jovem, Alteza, mas é uma das nossas estrelas. Acumulou experiência no Chade, Líbano e Mauritânia.

– Eu sei, eu sei – envaideceu-se o militar saudita. – Deve ser o melhor. Não se esqueça de que o sangue do meu avô, o grande rei Abdul Aziz, corre nas suas veias. – Ato contínuo, dirigiu-se para Eliah e fundiram-se num abraço.

Al-Saud suspirou e voltou a pôr os Ray Ban. As memórias de guerra ressuscitavam ao ver este cenário peculiar de aviões de combate e dunas.

O seu primo Turki Al-Faisal, com quem havia estreitado laços nos últimos anos devido aos seus negócios com a Mercure, deu-lhe uma palmada no ombro e disse-lhe:

– Acompanha-me àquele hangar. Tenho uma coisa para te mostrar. – O seu sorriso malicioso despertou a curiosidade de Al-Saud.

Entraram por uma portinhola situada na lateral do edifício. Eliah tirou os óculos e, devido à intensidade do sol do deserto, precisou de alguns segundos para se adaptar à iluminação interior. Inicialmente pensou que sonhava. Estaria realmente diante de um Sukhoi, o avião russo de combate, o melhor caça do mundo em sua opinião, detentor da melhor tecnologia aérea militar, famoso pela sua capacidade de efetuar manobras arriscadas?

– É o que penso? – perguntou ao primo, afastando-se na direção do nariz do avião.

– Um Su-27! Sim, primo! Um Su-27!

A emoção levou-o a rir-se às gargalhadas. Um Su-27! Quantas vezes tinha sonhado pilotar esta joia da aviação?

– Desde quando a Força Aérea Real Saudita compra aviões à Rússia?

– Não é da Força Aérea Real, mas meu.

Al-Saud voltou-se para olhar para o primo.

– O quê?

Achava Turki Al-Faisal um excêntrico, mas isto superava qualquer expectativa. É verdade que um dos homens mais ricos do mundo, segundo a revista Forbes, podia dar-se ao luxo de ter uma pequena frota de Sukhois; no entanto, surpreendera-se. Enquanto se dirigiam para o vestiário para que Al-Saud trocasse de roupa, Turki explicava-lhe as artimanhas a que tinha recorrido para comprar o Su-27 ao governo sírio.

– Abençoados sejam os funcionários pouco fiáveis e corruptos! – manifestou o saudita. – Sem eles o mundo seria muito aborrecido.

– Porque o compraste se não sabes pilotá-lo?

– Porque não comprá-lo só para o admirar? Tu irás pilotá-lo por mim e, quando ganhar coragem, irei sentado atrás de ti, porque comprei um modelo UB, de dois lugares, usado no treino dos recrutas.

– E pagarás os gastos de combustível e manutenção? – troçou Eliah. – Olha que estes pássaros têm motores vorazes.

– Perguntas pelos custos do combustível na terra do petróleo? – troçou Turki. – Como se nota, querido primo, és um ocidental, apesar de te pareceres com o teu pai e de falares um árabe perfeito.

Saíram do edifício principal da base. O Su-27 esperava por eles na pista. O pessoal de terra colocava a escada e tratava de verificar os pormenores da aviónica. A pintura desbotada não diminuía a imponência do porte do avião. Al-Saud aproximou-se, esticou a mão e passou-a pela beira da asa. O chefe da equipa de terra tirou os auscultadores e sorriu-lhe antes de confessar:

– É o que vi de mais bonito em aviões de guerra. A aviónica é assombrosa – disse, apontando para uma quantidade de botões na lateral da fuselagem. – Baixou a tampa e o Su-27 recuperou novamente a harmonia da sua forma. – O piloto que Sua Alteza contratou para o trazer da Síria avisou-nos sobre algumas imperfeições, mas são insignificâncias. Tenho de admitir que os sírios cuidaram bem dele. Quando o pintarmos, ficará como novo.

Eliah suava no seu fato-macaco de piloto e sob o fato anti-G. Não via a hora de

subir vinte quilómetros acima do solo e se esquecer de tudo. Ajudaram-no enquanto ajustava os arneses de segurança. Turki empoleirou-se na escada e meteu a cara rechonchuda na cabina.

– Atreves-te a fazer a cobra de Pugachev?

O primo referia-se a uma manobra famosa com a qual, depois de uma desaceleração brusca, se eleva o nariz do avião cerca de cento e vinte graus, ficando suspenso nessa posição durante alguns segundos, dando a impressão de que cairá «de costas». A recuperação da velocidade, variável fundamental num combate aéreo, efetua-se com um brusco voo em picado e a habilidade de quem dirige o avião. Poucos aviões eram desenhados para aguentar os rigores de um exercício dessa índole – o Su-27 era um deles.

– Claro – disse Al-Saud, incapaz de resistir a um desafio, de acordo com a sua natureza de Cavalo de Fogo, embora tivesse consciência de que se tratava de uma bravata. Nunca tinha pilotado um Sukhoi, estava pouco familiarizado com o painel de comando e já se dispunha a executar essa manobra suicida porque lhe era impossível não desafiar a lógica e a sensatez.

Esperou no início da pista até a torre de controlo o autorizar a descolar. Baixou a canópi no momento anterior à descolagem, como é costume entre os pilotos de guerra, e, ao acelerar as turbinas, o seu corpo respondeu com uma vibração. Imaginou a potência que se expandia nas tubeiras e a rajada de fogo que o escape expelia. A energia do avião apoderou-se dele e fê-lo sentir-se mais vivo do que nunca. Com uma elevação de trezentos e vinte e cinco metros por segundo, o avião, na posição vertical, não tardou a atingir a altura máxima, quase vinte quilómetros. Queria ver a curvatura da Terra e, quando o conseguiu, com o sol que pintava de rosa e de laranja o planeta, mergulhou na mesma saudade de sempre, no seu desejo por Matilde, por que ela estivesse ali, atrás dele. Desejava partilhar com ela essa experiência que o fascinava.

Não se privou de nada: quebrou a barreira do som, gerando o anel de vapor em volta do Sukhoi e efetuou as provas e exercícios que o indicador de combustível lhe permitiu. Já de regresso à base e à vista do primo, dos pilotos sauditas e dos instrutores franceses reunidos para verem Cavalo de Fogo – recordavam-no pelo seu aviator call sign –, executou a cobra de Pugachev. Na torre riram-se ao ouvir o grito de júbilo do piloto ao finalizar com sucesso a manobra.

Receberam-no com vivas e aplausos. Al-Saud sorria e, apesar de aceitar as felicitações com uma atitude comedida, sentia-se exultante. Pela primeira vez desde a separação de Matilde, um lampejo de alegria aquecia-lhe o coração.

Jantou na base com os quatro franceses, antigos pilotos de L'Armée de l'Air, convocados pela Mercure para se encarregarem do programa de treino, com os quinze recrutas sauditas, com o seu primo Turki Al-Faisal, que ainda estava surpreso depois de presenciar a cobra de Pugachev, e com o chefe da base. Al-Saud comia e sorria,

um pouco incomodado por ser o centro das atenções. Lorian Paloméro, irmão do capitão que pilotava o Gulfstream V, propriedade da Mercure, era um oficial de L'Armée de l'Air que, tal como Al-Saud, pedira para sair algum tempo depois de finalizada a Guerra do Golfo. Conheciam-se desde o tempo de estudantes, quando partilhavam o quarto na base de Salon-de-Provence, e manifestava uma admiração genuína pelo seu colega. Garantiu aos comensais que os generais franceses reconheciam que, durante a Guerra do Golfo, Al-Saud consagrara-se como o melhor piloto de caças do país.

– Esse rumor não nos surpreendeu a nós, seus colegas – explicou Paloméro –, nem aos seus instrutores, porque Cavallo de Fogo tinha obtido as classificações mais altas durante os três anos de formação.

Acrescentou que, tanto na guerra contra o Iraque para libertar o Kuwait, como no Chade, Líbano e mesmo Mauritânia, e na sua missão final, no conflito dos Balcãs em 1991, sobressaíra na pilotagem do Sepecat Jaguar e no da joia da aviação militar francesa, o caça polivalente Mirage 2000.

– Ei, Lorian! – exclamou Matthieu Arceneau, outro colega dos tempos da base de Salon-de-Provence. – Conta aqui aos rapazes o que aconteceu durante o exame final de Eliah.

Apesar dos protestos de Al-Saud, Lorian Paloméro mostrou-se disposto a referir os pormenores do último exame aéreo de Al-Saud que, conforme disse, se tinha transformado numa história que os recrutas mais velhos contavam aos novatos no refeitório da base aérea.

Numa manhã de janeiro de 1986, de céu diáfano e ar revigorante de tão gelado, o mais jovem dos recrutas do último ano – ainda não tinha feito os vinte – da base aérea de Salon-de-Provence, no Sudeste de França, preparava-se para fazer o último exame. Se fosse aprovado, cumpriria um sonho acarinhado desde pequeno: passar a ser piloto de guerra. Eliah vestiu o fato-macaco com movimentos mecânicos e a seguir enfiou o fato anti-G. A vista perdeu-se-lhe no interior do locker ao recordar a primeira vez que lhe tinham falado desse fato. Fora um dos seus maiores amigos, Gérard Moses, que também lhe explicara de que se tratava. Quantos anos tinha Gérard quando pormenorizou as consequências de um aumento da aceleração, mais conhecida como força G, no corpo humano? Onze? Doze, quando muito. «Ninguém sabe tanto sobre aviões e armas como eu», garantira-lhe, e não era gabarolice. Poucas pessoas contavam com a admiração de Eliah. Gérard Moses pertencia a esse grupo seleto. Com um coeficiente de inteligência muito superior ao normal, deslizava pelos conhecimentos com a facilidade empregue por Eliah ao descer as pistas de esqui de Gstaad, devorando informação, processando-a, relacionando-a com outros dados, resolvendo problemas, lendo, lendo sempre; nada parecia bastar. Apesar da sua inteligência e da sua paixão pelos caças, Gérard não estava com ele em Salon-de-Provence prestes a entrar num avião de ataque. O sol tê-lo-ia matado. Assim que terminasse a prova, telefonar-lhe-ia.

O instrutor que examinaria o estudante Al-Saud, Donatien Chuquet, um piloto que se vangloriava das suas quatro mil e quinhentas horas de voo, achava que aquele carecia do sentido de obediência e de submissão próprios de um militar. Também não se caracterizava pelo espírito fraterno necessário ao trabalho em equipa. «Assume-se sempre como líder. É vaidoso», havia comentado com os colegas, porém, a maior parte expressou o seu desacordo uma vez que Al-Saud se mostrava não só calado, mas taciturno, um pouco ativo, sim, embora não pedante. Um instrutor qualificara-o mesmo como «lobo solitário», que não parecia encorajar o grupo que o seguia. Fosse como fosse, Eiah não enfrentaria um examinador condescendente.

Saiu do edifício da base e dirigiu-se para a pista com o capacete na mão. Gostava das cores do Alpha Jet, as mesmas da bandeira francesa. Encaminhou-se para o sítio onde se concentravam os seus colegas, que o cumprimentaram e lhe desejaram boa sorte com palmadas de mãos enluvadas. Eiah subiu a escada anexada ao avião e o pessoal de terra ajudou-o a instalar-se e a prender-se na cabina. Baixou o visor preto do capacete e agarrou na alavanca, sobre a qual abriu e fechou a mão e flexionou os dedos. O instrutor Chuquet, que ocupava a cabina traseira, desafiou-o desde o início.

– Suponho que, depois dessa exibição na pista com os seus colegas, esteja pronto para brilhar, Al-Saud.

– Pronto, senhor – garantiu, com voz neutra.

A descolagem não teve falhas, admitiu Chuquet para consigo. Os reatores Larzac ganharam altitude. Chuquet fixou os olhos no telescópio, que lhe proporcionava uma visão ampliada, e começou a exigir as manobras, primeiro as elementares (viragens – instantâneas e prolongadas –, acelerações, subidas) e depois as relativas, ou seja, as que deveriam ser executadas considerando um adversário fictício. O tonel, o tonel em espiral, o reverso cortado (um exercício endiabrado), o ioiô (o lento e o rápido), o oito cubano, a volta Immelman – uma a uma, Eiah executava-as em silêncio. Chuquet, depois de quatro mil e quinhentas horas de experiência, reconhecia a naturalidade com que Al-Saud se desembaraçava, e não interessava que, depois de uma pausa silenciosa, lhe gritasse «Inimigo às seis!» para indicar que um avião imaginário se encontrava na cauda do Alpha Jet. Nada o perturbava e a perfeição da manobra evidenciava o domínio dos diversos instrumentos que tinha de controlar ao mesmo tempo. Na opinião de Chuquet, a impassibilidade do aluno era inumana e ao pilotar dispunha da segurança de um veterano. Invejou-o por isso.

Eiah sentia no corpo os efeitos do aumento das forças G, positivas e negativas, e, para além da proteção do vestuário, que se enchia para manter o sangue no sítio, ele praticava com o abdómen e com o pescoço os exercícios que aprendera nos simuladores. Apercebia-se da hostilidade do instrutor, mas não lhe dava importância, não o preocupava conquistar a simpatia de ninguém. De qualquer forma, a atitude de Chuquet provocava-o e ele nunca recusava um desafio.

Nessa época, e graças às revelações do seu sensei, Takumi Kaito, Eiah conhecia a

origem desse impulso obstinado em ultrapassar os limites, violar as normas, menosprezar a autoridade, essa necessidade imperiosa de desafiar a própria Natureza. Quebrar a barreira do som. Tal expressão era música para os seus ouvidos. Tinha sofrido durante a adolescência. Não se adaptava ao modelo das pessoas normais, não desejava o que todos queriam, não se ajustava aos cânones que os outros aceitavam. Mantinha grandes discussões com o pai, os irmãos olhavam-no com uma expressão de perplexidade e só a mãe o aceitava como era e não o receava. Sobretudo, não queria transformar-se em «chumbo para as suas asas».

O exame estava a terminar. Eliah sabia que não cometera erros e dirigiu-se para a base. Chuquet falou através do rádio.

– Última manobra. Voo picado na velocidade máxima.

Ao controlar o altímetro, Eliah calculou que um voo picado – descida vertical – na velocidade máxima do Alpha Jet (994 km/h) seria impossível àquela altitude – ambas as variáveis, altura e velocidade, tinham acabado de diminuir depois de uma volta Immelman descendente. «A altura é vida», tinham-lhe repetido os instrutores ao longo dos três anos de preparação.

Se Chuquet esperara que Eliah admitisse a sua incapacidade de executar esse exercício, estava enganado. A provocação libertara o Cavalo de Fogo que tinha no seu íntimo.

Em terra, vários pares de olhos seguiam o rasto branco desenhado pelo Alpha Jet. Ouviram-se gritos afogados quando o avião, depois de um tonel acrobático, se lançou numa queda vertical a tão baixa altitude. Eliah teria de fazer um esforço sobre-humano com a alavanca para tirar o avião do voo picado e, por outro lado, controlar os movimentos bruscos para evitar danificar as asas. Os segundos pareciam eternizar-se. As respirações ficaram suspensas, desapareceram no ar gélido da manhã, e algumas mãos fecharam-se sobre os antebraços dos companheiros.

O nariz do Alpha Jet ergueu-se a trezentos metros do chão e o avião iniciou a subida. Passados minutos, aterrava com suavidade. Ainda trémulo, Chuquet teve de admitir que, se se tratasse de um voo comercial, os passageiros teriam aplaudido. Os colegas juntaram-se em volta do avião e receberam Eliah com vivas e elogios. Chuquet, quando conseguiu sair da cabina, encaminhou-se em grandes passadas na sua direção.

– Acha que estava a pilotar o raio de um Sukhoi? – enfureceu-se.

– Com certeza que não – interveio um colega –, mas aqui em baixo era o que parecia.

As risadas pioraram o estado de espírito de Chuquet, que gritou para os silenciar.

– A capacidade de executar todo o tipo de acrobacias no ar não faz de si um piloto de sucesso – sentenciou o instrutor.

– Limitei-me a fazer o que me pediu, senhor – insinuou Eliah, jurando a si próprio que, quando pilotasse um Mirage, quebraria a barreira do som em picado.

– E Chuquet acabou por passar Eliah? – quis saber um dos recrutas sauditas.

– Sim, de muito má vontade – respondeu Matthieu Arceneau – e com a classificação máxima.

– Teria sido um escândalo se não o fizesse – completou Normand Babineaux, um veterano que na época de estudante de Al-Saud já era instrutor. – Havia muitas testemunhas e estavam todas dispostas a jurar que o exame fora impecável. Entre elas eu próprio. Chuquet era um grande filho da puta. Continua a sê-lo – concluiu.

Jean-Marie Fournier, que não tinha prosseguido a sua viagem de inspeção, continuava a dar apoio em Rutshuru. A situação, já de si complicada – os casos de meningite aumentavam e o pessoal escasseava –, ficou ainda mais complicada quando o coordenador no terreno sofreu um enfarte e, depois de ultrapassar o período crítico, foi enviado de volta a casa, juntamente com a mulher, outra médica da Mãos Que Curam. Fournier assumiu a chefia provisoriamente, embora precisassem dele em Goma e em Bukavu. Solucionou a crise, nomeando Auguste Vanderhoeven coordenador no terreno do hospital de Rutshuru, e comunicou-lho por rádio na noite de segunda-feira, 20 de abril.

– Quero que Matilde e Juana venham comigo – exigiu Vanderhoeven. – A epidemia, graças sobretudo ao trabalho de Matilde, está bastante controlada. Anne, Miguel, Axel e Abir podem gerir isto sozinhos sem dificuldade. Têm enfermeiras bastante capazes, muito mais do que as de Rutshuru.

Fournier reconheceu a sensatez do pedido e aceitou imediatamente.

– Ajabu irá buscá-los na manhã de quarta-feira, bem cedo.

Inicialmente, a ideia não agradou a Matilde e a Juana, embora se tivessem abtido de expressar o que sentiam, começando a despedir-se dos seus pacientes e dando as indicações para a continuação dos tratamentos. Matilde, que se afeiçoara a Tanguy, o menino a quem tinham amputado a perna por causa de uma úlcera de Buruli, sentou-se na beira da cama dele. Já lhe era familiar o ranger dos colchões forrados com capas plásticas, mais fáceis de limpar, sem lençóis. Passou a mão pela testa de Tanguy e verificou que estava fresca. A ferida evoluía bem, apesar da malnutrição da criança, e já lhe haviam tirado o dreno. Não tinha coragem para lhe dizer que se ia embora; ele só sorria quando a via aparecer no quarto enorme cheio de camas e seguia-a com olhos ávidos até Matilde se aproximar, lhe acariciar a testa e a cara e lhe contar uma história em francês, alguma das clássicas com raiz europeia, ou lendas dos indígenas argentinos, às vezes fábulas, que enfeitava com matizes dos costumes congolese, com os quais pouco a pouco começava a familiarizar-se graças às conversas com a enfermeira Kapuki ou com Auguste Vanderhoeven, um grande conhecedor das etnias da região. Crianças de outras camas reuniam-se em volta da

cama de Tanguy para a ouvirem, absortos. Anouk, de cinco anos, que tinha recebido um tiro no braço enquanto fugia de um tiroteio, sentava-se nos seus joelhos e, mais do que prestar atenção ao conto, parecia interessada nas sardas do nariz de Matilde, até um dia ter aparecido com umas pintadas por Juana com delineador preto, que mal se notavam na sua pele escura. Anouk, no entanto, exibia-se. O ar envaidecido da menina provocou o riso de Matilde, que a sentou sobre as pernas e lhe encheu a cara de beijos.

Enquanto lhes contava a história, gostava de brincar com o tom de voz, com as mãos, os silêncios e as expressões para marcar os matizes das cenas e as características das personagens. Adorava ver as expressões deles, que variavam conforme as dela, conforme a sua voz ou a agitação das suas mãos, que alguns imitavam sem abrir a boca, como se fossem espelhos que a copiavam. A mãe de Tanguy, tímida como uma corça, tapava a boca para se rir de alguma cena divertida ou engraçada, e até as enfermeiras paravam por momentos, atraídas pelo encantamento das crianças. No fim, também elas acabavam enfeitiçadas. Durante os minutos que Matilde destinava ao conto de Tanguy, a sala, habitualmente buliçosa, mergulhava num mutismo do qual a cadência suave da voz da médica argentina fazia parte.

Essa atividade, a que deitara mão para acalmar o choro de Tanguy por ter perdido a perna, transformou-se numa parte fundamental de Matilde. À noite, quando caía irremediavelmente na melancolia e a imagem de Eliah se tornava impossível de exorcizar, obrigava-se a inventar a história do dia seguinte e a traduzi-la para o francês. Ainda no domingo anterior, seu dia de descanso, pedira a Vanderhoeven que a levasse à tarde ao hospital para contar a história. A verdade era que passava o tempo a pensar numa história.

Na terça-feira à tarde, depois de contar a lenda dos apaixonados do Nahuel Huapi, passou os olhos pelos pequenos rostos escuros, de olhos grandes e sonhadores, e fraquejou: não conseguiria abandoná-los. Juana veio em sua ajuda.

– Sabem que mais? – exclamou com um sorriso. – A doutora Mat e eu vamos visitar outros meninos, uns que vivem em Rutshuru. Eles ficaram sem médico, de modo que iremos ajudá-los com o doutor Auguste.

Matilde esperou com a respiração suspensa que a notícia entrasse nas mentes das crianças. Anouk, apesar da sua tenra idade, tomou a palavra, falou na sua língua materna, o kikongo, e uma enfermeira traduziu.

– Nunca mais voltarás, doutora Mat?

– Claro que voltaremos! A doutora Juana e eu voltaremos assim que pudermos. – O peito apertou-se-lhe ao ver as lágrimas que rolavam pelas faces de Tanguy. Pousou Anouk no chão e inclinou-se sobre o menino. – Tanguy, não chores, meu querido.

– Porque se vai embora? – recriminou-a no seu francês duro. – Já se cansou de

nos contar histórias?

– Não! Nunca me cansaria disso, mas os meninos de Rutshuru não têm ninguém que cuide deles e precisam de nós.

– Eu também preciso de si – reclamou o menino, numa demonstração de rebeldia que desarmou Matilde, porque em geral eram submissos e calmos, sem se permitirem queixar-se ou contrariar a autoridade.

Com lágrimas nos olhos, Matilde beijou-o na testa ao mesmo tempo que lhe fazia uma promessa silenciosa: «Vou arranjar-te uma perna postiça e voltarás a andar normalmente, querido Tanguy.»

– Doutora Mat – sussurrou a mãe do menino –, Kapuki diz que tem o cabelo tão comprido que quase lhe cobre as pernas e que é tão branco como a sua pele. É verdade?

– Mostra-nos, doutora Mat! – pediu-lhe Anouk, com as sardas no nariz que Juana lhe pintava diariamente.

– Sim, sim! – apoiaram-na os restantes em coro.

Matilde assentiu, com um sorriso. Levantou-se, tirou a touca de cirurgia e desfez o carrapito preso na base da nuca. O cabelo caiu pesadamente sobre o seu corpo, cobrindo-a para lá do traseiro. Os olhos dos meninos arregalaram-se e as próprias enfermeiras deixaram escapar uma exclamação de espanto que percorreu a sala. A primeira a tocá-lo foi Anouk – passados segundos, o círculo fechou-se e todas as crianças se aglomeraram para o acariciar.

– Quero ter o cabelo como a doutora Mat! – exclamou Anouk.

Matilde colocou-se atrás da menina, agarrou no cabelo e pô-lo sobre a cabeça quase rapada da criança, como se fosse uma peruca. Juana endireitou os caracóis em volta da cara e Kapuki deu-lhe um espelho. Anouk soltou um gritinho de alegria ao ver a sua imagem.

– Mostra-nos, Anouk!

Matilde e Anouk moveram-se coordenadamente, ficando de frente para o grupo. Até Tanguy deu uma gargalhada. Ao erguer os olhos, Matilde viu Vanderhoeven que, num canto da sala, presenciava o espetáculo com um sorriso. Piscou-lhe o olho e ela desviou rapidamente o olhar.

Capítulo 4

A limusina Mercedes Benz com o logótipo do Hotel Dorchester parou no número 27 da rua Wellington, diante da entrada do restaurante Orso, um clássico da comida italiana no coração de Londres. O motorista, fardado e com boné de viseira, saiu depressa e abriu a porta, por onde apareceu um pé calçado com uma sandália preta de camurça e salto alto, e uma perna magra, coberta por uma meia de lycra. O motorista estendeu a mão para receber a que se lhe oferecia, repleta de anéis com pedras preciosas. Apareceu uma cabeleira leonina, frisada, abundante e escura, com uma madeixa loura que nascia a meio da linha da testa e se estendia para trás. A mulher, alta e imponente num agasalho vermelho com pele de arminho nos punhos e na gola, dirigiu algumas palavras ao condutor, sem olhar para ele, e transpôs o umbral do restaurante, que um empregado lhe franqueava mantendo a porta aberta.

– Madame Gulemale – disse o maître em jeito de cumprimento –, é um prazer voltar a contar com a sua presença no Orso. O senhor Taylor está à sua espera no balcão – informou-a, ao mesmo tempo que a ajudava a desembaraçar-se do agasalho. – Por aqui, se fizer o favor.

Gulemale desceu as escadas prescindindo do corrimão e, ao entrar na sala decorada como uma cantina milanesa, parou, olhou em volta e avançou até ao balcão, envaidecida pelo silêncio que o seu aparecimento provocara, pelos olhos que a seguiam, pelo desejo e também pela inveja que despertava. Gostava de ser o centro das atenções, fascinava-a que a admirassem e a cobiçassem. Mesmo que tivesse uma natureza humilde, não teria evitado chamar a atenção. A voluptuosidade do seu corpo, que ela sabia evidenciar, como nessa noite em que se exibia com um vestido preto de lã acima do joelho, justo, sem mangas e de gola alta, com uns botões dourados de estilo militar como único pormenor, somada à sua altura aumentada pelos tacões das sandálias, ao cabelo que lhe ia até meio das costas e ao exotismo dos seus traços africanos, causavam um efeito perturbador.

Nigel Taylor desceu da banqueta do balcão e foi ao encontro dela.

– Querida Gulemale – disse, pegando-lhe na mão –, nem que te vestisses com farrapos passarias despercebida. É uma coisa inata em ti, deixar-nos a todos boquiabertos.

– A sério? – disse, recorrendo à sua bengala linguística habitual, com um tom de voz que Taylor não soube definir se era provocador ou inocente. – Tenho de reconhecer, querido Nigel, que sempre soubeste lisonjear uma mulher.

O maître indicou-lhes a mesa e afastou a cadeira de Gulemale.

– Fiz uma reserva para três – comentou Nigel – porque pensei que virias com aquele cãozinho fraldiqueiro que te segue por todo o lado.

– Frédéric ficou em Kigali, a tomar conta dos assuntos da mina.

Taylor arqueou as sobrancelhas, incapaz de esconder a surpresa.

– Pensei que era só teu... amigo.

– É meu amigo e também meu homem de confiança.

– É muito jovem.

– A sério?

– Quantos anos tem?

– Vinte e nove.

– Insisto, é muito jovem.

– Para quê? – interrogou-o Gulemale, lacónica.

– Para se encarregar dos teus assuntos na mina.

– Ou para partilhar a minha cama?

– Qualquer homem, de qualquer idade, se sentiria feliz por partilhar a tua cama, querida Gulemale.

A mulher riu-se, uma gargalhada curta e seca, que, embora fingida, agradou a Taylor.

– És um adulator. Deves querer de mim alguma coisa importante para me teres convidado para jantar e me encheres de lisonjas.

O diálogo interrompeu-se enquanto o empregado lhes entregava os menus. Escolheram os pratos – saladas e massas – e um vinho Barolo.

– Retomando a nossa conversa – disse Taylor –, é verdade, preciso de uma coisa tua, mas convidei-te também porque és um espetáculo para os olhos, Gulemale.

– Um espetáculo melhor do que o da loura com quem estavas em Scott em fevereiro?

Taylor mostrou os dentes num sorriso irónico.

– Tu também estavas acompanhada nessa noite.

– A sério? – Era óbvio para Gulemale que, sob a fachada de indiferença de Nigel Taylor, fluía uma torrente turbulenta que só um olhar atento teria descoberto na tensão do maxilar e na forma como o indicador e o polegar da sua mão direita apertavam o pé do copo. – Eliah Al-Saud, esse sim, é um espetáculo para os olhos de qualquer mulher – afirmou, intencionalmente, e sorriu ao comprovar que tinha acertado no alvo: uma sombra pousou sobre as pálpebras descidas de Taylor e turvou-lhe o azul do olhar. – E o melhor amante – acrescentou.

– Dizes isso – insinuou Taylor, sem a expressão brincalhona de há segundos – porque nunca foste para a cama comigo.

– Querido Nigel, se tu fosses um amante melhor do que Al-Saud, não serias deste mundo.

A sombra no rosto de Taylor transformou-se numa expressão turva e ameaçadora.

– Que problemas tens com Al-Saud? Nessa noite, em Scott, reparei na má energia que fluía entre vocês.

– Tens poderes extrassensoriais? – troçou, mas a careta trocista esfumou-se-lhe imediatamente da boca diante do olhar ameaçador da africana. – Além de ser um mestiço pedante que se julga o melhor do mundo e de a empresa dele ser concorrente da minha, não tenho qualquer problema.

Gulemale sabia que era mentira, no entanto, absteve-se de mais perguntas.

– O que podes dizer-me acerca da sua vida pessoal?

– Tu, querida Gulemale, deverias saber mais do que eu dado que o levas para a cama.

– A sério? Mas Eliah Al-Saud é o tipo mais reservado e introspetivo que conheço.

«Eu sei», pensou Taylor.

– Tem mulher – afirmou a africana.

– Uma?

– Refiro-me ao facto de ter posto de lado a sua vida de casanova e se ter comprometido com uma rapariga.

– Conhece-la?

O interesse genuíno de Taylor, que se inclinou sobre a mesa olhando-a nos olhos, foi interrompido pelo empregado, que colocou um cesto com uma variedade de pães no centro da mesa. Não falaram enquanto o homem abria o Barolo e o servia para que Taylor o provasse.

– Magnífico – garantiu, indicando que servisse Gulemale. – Regressemos ao nosso tema de interesse.

– A mulher de Al-Saud.

– Conhece-la?

– Conhecia há algumas semanas, aqui, em Londres, em Ministry of Sound. Não é grande coisa. Não parece uma mulher.

– Não parece uma mulher, como? Queres dizer que é um travesti?

A gargalhada de Gulemale atraiu o olhar de outros comensais.

– Gostarias que fosse isso, não é verdade? Que a masculinidade de Al-Saud estivesse em dúvida. Esquece. Quando digo que não parecia uma mulher queria dizer que parecia uma miúda de quinze anos.

- Talvez seja menor.
- Não. Tem vinte e sete anos e é médica.
- Médica! Como é? Fisicamente, quero dizer.

– Baixa, miudinha, embora tenha de admitir que bem proporcionada. Frédéric poderia descrevê-la melhor do que eu porque a comeu com os olhos. O cabelo, muito louro e tão comprido que lhe tapava o rabo, é chamativo.

Gulemale farejava o desejo e a excitação que aumentavam no íntimo de Taylor por uma mulher que nunca vira e que cobiçava só por ser uma posse do seu inimigo.

- É argentina.
- Como a mãe de Al-Saud – traiu-se Taylor.
- Vejo que sabes mais sobre Al-Saud do que admites.
- Sei dele o suficiente para te garantir que é um filho da puta de primeira apanha!

Gulemale castigou a brusquidão de Taylor afastando o olhar, fingindo interessar-se por um bocado de focaccia e pigarreando.

- Desculpa, Gulemale.

– Não te preocupes, Nigel. Percebo de ódios e de paixões. E calculo que o teu ódio por Al-Saud seja imenso. – Desviou os olhos do bocado de focaccia e cravou-os no seu interlocutor. – Falemos de coisas mais interessantes. Por exemplo, diz-me que favor é esse de que tanto necessitas e que, tenho a certeza, saberei cobrar muito bem?

Nigel Taylor riu-se e afastou os antebraços para dar espaço ao prato que o empregado colocava à sua frente.

– Na realidade – disse Taylor –, o favor que tenho a pedir-te não é para mim, mas para um amigo. Um amigo importante e influente que poderia ser-te de grande ajuda no futuro.

- De quem se trata?
- De Ariel Bergman, o chefe da Mossad na Europa.

Gulemale mastigou o pedaço de abacate em silêncio, dando a si própria tempo para assimilar a informação. «A Mossad», pensou. Evitava meter-se com eles, o que não era fácil tendo em conta que a maior parte do planeta estava contra Israel e que havia vários grupos interessados em arranjar armas para liquidar judeus. E ela era traficante de armas ainda que, desde o nascimento do seu novo negócio na zona mineira do Congo, a venda de armas tivesse passado para um segundo plano.

– Talvez me interesse ajudar o teu amigo, o tal Ariel... Como disseste que era o seu apelido?

- Bergman. Ariel Bergman.

– O que quer?

– Ele próprio to dirá, se aceitares encontrar-te com ele amanhã, nos escritórios da Spider. A que horas preferes que marque o encontro?

– Cedo, de manhã, por volta das dez.

– Perfeito. Telefono-lhe esta noite assim que chegar a casa. Está à espera da minha confirmação.

– Nigel, como favor com favor se paga – sentenciou Gulemale –, pedir-te-ei agora o que quero. – Taylor encorajou-a, erguendo o copo de Barolo. – Achamos...

– Achamos? Quem?

– Eu e os meus sócios – esclareceu Gulemale com impaciência. – Achamos que poderá surgir num curto prazo, embora não consiga especificar quando, um problema de segurança nas minas de coltan.

– A que te referes quando falas de um problema de segurança?

– A um grupo que queira apropriar-se delas.

– Pelo que sei, há muitos grupos rebeldes a cobiçar as tuas minas, Gulemale. Nenhum pôde com o exército do general Nkunda.

– É verdade. No entanto, agora os meus receios são fundados. Uma joint venture formada por uma empresa chinesa e por uma israelita, que conseguiu um contrato do governo de Kinshasa para explorar uma mina de coltan, contratou a Mercure para conseguir aceder a ela.

A menção à empresa de Al-Saud provocou uma mudança na expressão de Nigel Taylor que, de descontraída e satisfeita consigo própria, passou para uma expressão tensa que refletia a sua perturbação.

– Como compreendes, querido Nigel, tenho de ficar preocupada. Se Eliah está a cargo do comando que tentará apoderar-se da mina, o mais provável é que o consiga, e isso seria um golpe terrível para nós. Um antecedente que, como efeito dominó, poderia fazer-nos perder as outras minas de coltan. Só tu és rival de Eliah Al-Saud. Preciso que te reúnas com o general Nkunda e planeiem uma estratégia para o deterem.

– De quanto tempo dispomos?

– Não sabemos ao certo. De algumas semanas, possivelmente. De um mês, quando muito.

– Tenho de me encontrar com Nkunda o mais depressa possível.

– O general está em Londres. Veio comigo na esperança de poder contar contigo. Quando poderás vê-lo?

– Amanhã, depois da reunião com Ariel Bergman.

Os escritórios da Spider International ficavam no 44.º andar da torre mais alta do Reino Unido, a One Canada Square, no complexo de negócios londrino da Isle of Dogs, conhecido como Canary Wharf. Gulemale saiu da limusina do Hotel Dorchester e inclinou a cabeça para trás até conseguir ver o fim da torre de duzentos e trinta e cinco metros de altura, inaugurada há sete anos.

A secretária de Nigel Taylor veio recebê-la ao vestíbulo dos escritórios e deu-lhe as boas-vindas com um sorriso. Enquanto a mulher a guiava através de uma ampla receção com piso de mármore branco, Gulemale apreciava a decoração minimalista e a vista espetacular do Tamisa e de Londres, e valorizava os pormenores que poderia transferir para o seu escritório da Somigl, a empresa mineira a que presidia, em Kigali. Na sua mansão de Rutshuru preferia um estilo mais pesado, por isso a decorara com a linha para casa de Versace.

– Entre, senhora Gulemale – indicou a secretária, abrindo uma porta de dois batentes.

Nigel Taylor e Ariel Bergman levantaram-se ao vê-la entrar, imponente no seu conjunto de caxemira branca com botões de veludo preto.

– Estás radiante, como sempre, querida Gulemale – disse Taylor, beijando-a em ambas as faces. – Entra, por favor. Gostaria de te apresentar um grande amigo, Ariel Bergman, de quem te falei ontem à noite.

– Encantado em conhecê-la, Madame Gulemale – disse o katsa e, estendendo a mão, recebeu um aperto firme por parte da mulher, conduta reveladora de uma personalidade segura e decidida.

– Muito gosto, senhor Bergman.

Taylor ofereceu-lhe uma variedade de infusões e bebidas, e Ariel Bergman aproveitou para a examinar. Embora já tivesse ouvido falar dela, do seu desembaraço e da sua beleza, impressionaram-lhe o porte de rainha africana com que se dirigiu para Taylor, a cabeleira de leoa e as feições delicadas e simultaneamente fortes do seu rosto liso e talvez um pouco alongado. Sobressaíam os seus olhos negros, habilidosamente maquilhados com sombras de tonalidades castanhas e violeta, que revelavam um brilho ameaçador. Bergman concluiu que o aspeto físico daquela mulher manifestava de viva voz a essência feroz da sua personalidade. Não fingia, era agressiva e desconfiada por natureza; talvez, admitiu, tivesse existido inicialmente uma Gulemale criança, suave e doce, talvez a sua personalidade tivesse sido moldada à força de golpes num continente tão exótico quanto violento.

Sentaram-se nas suas cadeiras com uma chávena de café nas mãos. Gulemale, repetidamente, voltava os olhos para a paisagem formada pela curva do Tamisa e pela cidade de Londres.

– Visitei o seu país algumas vezes – comentou Bergman. – É um local paradisíaco, apesar das guerras e da pobreza.

– A beleza da paisagem – interveio Taylor – é extensiva às suas mulheres, como poderás apreciar, Ariel.

– És incurável, querido Nigel. Nunca perdes a oportunidade de lançar um piropo.

– Limito-me a dizer a verdade.

– A senhora nasceu na zona dos Grandes Lagos?

– Ninguém sabe – afirmou a africana, rindo-se diante da expressão de desconcerto do israelita. – Fui criada num orfanato de freiras católicas em Kinshasa. A única coisa que posso deduzir, dada a cor da minha pele, os meus traços e a minha estatura, é que pertencço à tribo dos tútsis.

– No entanto – insinuou Taylor –, a cor da tua pele não é tão escura como a de outros congoleses tútsis. Talvez entre os teus antepassados haja um europeu. Ou vários.

– Talvez. – Gulemale pousou a chávena na mesa de centro e inclinou-se para a frente. – Senhor Bergman, Nigel disse-me que queria um serviço da minha parte.

Bergman gostou que Gulemale tivesse tomado a iniciativa. Iria direto ao assunto.

– Com efeito, madame. – Abriu uma pasta e tirou duas fotografias, que colocou diante de Gulemale. – Sabe quem são?

– Talvez.

– Sabemos que os conhece – afirmou, tirando outra fotografia, uma de Aldo Martínez Olazábal e de Gulemale no átrio do Hotel Dorchester.

– Muito bem, senhor Bergman. Já sabe que conheço o sujeito em questão.

– Sim, conhece Mohamed Abu Yihad e também Rauf Al-Abiyia, o sócio. Eles já lhe compraram armas no passado. Por vezes pagaram-lhe em heroína.

– O que quer de mim, senhor Bergman?

– Que me ajude a apanhar Mohamed Abu Yihad e Al-Abiyia.

– A Mossad precisa da minha ajuda para eliminar uns traficantes de armas?

– Não é assim tão simples, madame. Abu Yihad e Al-Abiyia trabalham para o regime de Saddam. Quando saem de território iraquiano são protegidos por agentes da Amn al Khass, a Guarda Presidencial – explicou. – Estão tão bem guardados como a rainha de Inglaterra.

– Suponho que Saddam se dará também a esse trabalho para poder vigiá-los, ao mesmo tempo que os protege.

Gulemale cravou os olhos nos de Bergman e arqueou a sobrancelha esquerda numa expressão desconfiada antes de dizer:

– Não estou a ver como poderei beneficiar deste assunto, senhor Bergman. Abu

Yihad, além de ser um bom amigo e um expoente magnífico do seu género, é um excelente comprador. Não me sinto muito inclinada a colaborar na sua eliminação.

– Madame, desde que a senhora se dedica ao tráfico de coltan, o seu negócio de armas está em franco declínio. Também, armas e munições são o que precisa diariamente para manter o seu domínio na zona mineira dos Grandes Lagos.

– A sério?

– Gulemale – interveio Taylor –, a tua colaboração seria bem recompensada.

– O que se propõe oferecer-me, senhor Bergman, para que me mostre disposta a colaborar com o seu governo?

– Armas. De último modelo. Espingardas Galil, as novas metralhadoras Negev, pistolas Jericho, RPG, munições, minas, granadas. A senhora é uma grande conhecedora do armamento moderno e sabe que o fabrico israelita é superior.

– A sério?

– A oferta é insuperável – encorajou-a Taylor.

– Tudo depende do montante de que falamos, querido Nigel.

– Um milhão de dólares em armas – ofereceu Bergman.

– Um milhão? – Gulemale riu-se sem vontade. – Começarei a negociar quando me oferecer quatro, senhor Bergman.

Acabaram por concordar num montante de três milhões e duzentos e cinquenta mil dólares em armas em troca da colaboração de Gulemale.

– Pergunto a mim própria que travessuras estará a fazer o magnífico Abu Yihad para merecer que o Estado de Israel se dê a tantos incómodos – disse a mulher. – A simples compra de armas em nome de Saddam parece-me pouca coisa para semelhante exibição da Mossad.

Bergman não iria dizer que, na verdade, o que tirava o sono aos seus superiores em Telavive era o interesse de Abu Yihad pela compra de bolo amarelo. Para que queria Saddam urânio se não dispunha da tecnologia para o processar? Ou será que já dispunha dela? Antes de eliminar Abu Yihad, interrogá-lo-iam para descobrir a verdade por detrás daquelas compras de combustível nuclear.

– Sabemos que Abu Yihad e Al-Abiyia a visitaram várias vezes na sua casa de Rutshuru.

– A sério?

– É aí que planeamos deitar-lhes a mão. Os homens de Saddam não entrarão na sua propriedade e nós poderemos agir livremente dentro dela.

– Os seus homens na minha casa? A ideia não me agrada.

– Serão discretos, fá-lo-ão à noite, levarão Abu Yihad e a senhora não se dará por achada.

– Devo informá-lo de que a minha casa é uma fortaleza inexpugnável, senhor Bergman.

– Só lhe pedimos que, no dia combinado, desligue os alarmes, tanto da casa como da propriedade, para podermos mover-nos com facilidade. Dará folga aos guardas, evidentemente. Chegado o momento, receberá instruções mais precisas por parte de um dos nossos agentes.

– Primeiro as armas – exigiu Gulemale.

– Metade antes do golpe. A outra metade depois, se tudo correr de acordo com o planeado.

Gulemale assentiu para demonstrar a sua concordância.

– O que sabe sobre Abu Yihad, Gulemale?

– Muito pouco – admitiu. – É um homem reservado e misterioso. Não tem aspeto de árabe, mas de sueco, no entanto, é um muçulmano fervoroso. Pratica as cinco orações diárias, não bebe álcool e não come carne de porco. – Absteve-se de mencionar que, apesar da sua religiosidade, não era circuncidado.

– Tem três filhas – disse Bergman e colocou uma nova fotografia sobre a mesa. – Esta é a mais nova, Matilde. A fotografia foi tirada há algumas semanas num bar do Ritz, em Paris. Aqui está ela com o pai e uma amiga. E este, madame, é um conhecido seu: Eliah Al-Saud. Matilde, a filha de Abu Yihad, é a mulher de Al-Saud.

Gulemale virou depressa a cabeça para observar a reação de Nigel Taylor. O homem tinha pegado na fotografia e devorava-a com os seus olhos azuis. A intensidade do olhar revelava aos gritos o seu pensamento: «É bela e angelical. Parece uma miúda com estas duas tranças. Como conseguiu, um filho da puta como Eliah, uma mulher como ela? Maldito mestiço!»

– Atualmente – prosseguiu Bergman –, a rapariga trabalha para a Missão Mãos Que Curam. – Diante desse comentário, Taylor levantou a cabeça com uma expressão reveladora da sua surpresa e do seu agrado. – Foi enviada para um hospital de Masisi, no Congo Oriental.

– Para o hospital de Masisi – corrigiu Gulemale. – Para o único hospital de Masisi.

– Posso ficar com as fotografias? – pediu Taylor, fingindo não ter visto o sorriso de esguelha de Gulemale, que dizia claramente: «Tu, querido Nigel, não queres todas as fotografias. Só uma delas.»

Nigel Taylor apagou as luzes do living e reclinou-se na chaise-longue, com design de Le Corbusier, para saborear um copo de Lagavulin e observar a paisagem noturna da janela do seu apartamento no último andar de uma torre do distrito de Battersea,

de onde se via a silhueta das quatro chaminés da estação de energia, cujo ar fantasmagórico e solitário condizia com o seu estado de espírito.

Encostou a cabeça, virada para um dos lados, e fechou os olhos, que lhe picaram sob as pálpebras. Tinha sido um dia esgotante, iniciado com Gulemale e terminado com o general Laurent Nkunda, que o visitara nos escritórios de Canary Wharf para combinar uma estratégia que lhes permitisse resistir ao embate do grupo da Mercure decidido a apropriar-se de uma mina de coltan.

Tinha de admitir que o general Nkunda o surpreendera, não só pelo seu aspeto físico mas pela rapidez do seu raciocínio, pela sua erudição e religiosidade (declarava-se cristão evangélico). Devia medir cerca de dois metros e tinha essa característica típica dos tútsis, também presente em Gulemale, das maçãs do rosto proeminentes, aumentadas pelas faces encovadas e pelos lábios grossos. O nariz, comprido e estreito, constituía outra particularidade que o diferenciava dos hutus, de acordo com o critério de Leopoldo II, rei dos belgas, que, no fim do século XIX, fazia medir os narizes dos seus súbditos congoleses para os classificar como tútsis ou hutus, encarando os primeiros como uma etnia superior e de melhor linhagem. Nkunda vestia-se com a elegância de um aristocrata inglês, talvez melhor, porque a sua excelente figura realçava o corte do fato azul-claro, provavelmente feito à medida nalguma alfaiataria de Savile Row. Taylor acabou por admitir que os óculos de lentes retangulares azuis combinavam com as suas feições e com a tonalidade escura da sua pele, e que a bengala de mogno, que terminava numa cabeça de águia de prata e que Nkunda brandia com destreza, o dotava da dignidade necessária de um líder.

Falava fluentemente o inglês, que utilizava para defender a causa do Congresso Nacional para a Defesa do Povo, mesmo com Taylor, como se fosse necessário comover um mercenário de quem se espera a elaboração de uma estratégia e o treino de jovens soldados, muitos deles forçados a empunhar uma espingarda para defender a causa dos banyamulengues.

– General – interrompeu-o Nigel, cansado da sua discursata proselitista –, o seu exército controla todas as minas de coltan?

– Todas? Não! – exclamou, erguendo as mãos (na direita, a bengala da águia) com um gesto de quem pede uma trégua. – Não disponho de tantos homens para as proteger a todas.

– Sabe onde se localiza a mina? – prosseguiu Taylor, abrindo um mapa da região dos Grandes Lagos. – Refiro-me à que o governo de Kabila concessionou à empresa israelita.

– Os nossos espões em Kinshasa estão a trabalhar para obter esse dado. Até agora não conseguimos averiguar. Kabila agiu com grande sigilo. Só o seu círculo mais próximo ficou a par da sua decisão.

– No entanto, há uns momentos disse-nos que afugentaram um grupo de homens

da empresa israelita que tinham chegado para trabalhar na mina e que até feriram um deles.

– Ah, esse foi um erro tático de um dos meus subalternos. Detiveram-nos assim que aterraram numa pista clandestina. Era um grupo reduzido, provavelmente de especialistas em prospeção e de engenheiros, que vinham avaliar a mina e a qualidade do coltan. Deviam tê-los deixado avançar para saber onde se dirigiam.

– Onde se situa a pista clandestina, general? – Nkunda marcou de longe, com a ponta da bengala, um ponto no mapa a norte de Rutshuru. – O que nos levaria a pensar – disse Taylor – que a mina em questão fica nas proximidades desse ponto.

– Senhor Taylor – disse Nkunda com uma voz condescendente –, nessa zona concentram-se quase todas as minas de coltan do Congo. Podemos encontrar outras no Kivu Sul e perto de Walikale, mas se falamos de grandes quantidades e de qualidade excelente, então temos de ficar perto de Rutshuru.

– General, o grupo contratado pela empresa israelita chegará por ar. Pelo menos, é o que eu faria. Por isso temos de manter as pistas sob vigilância sem grande ostentação, pela razão que referia há momentos, para os seguir até ao destino final. Se chegarem de helicóptero, e há uma forte probabilidade de que assim seja, tudo se complica porque poderão aterrar em qualquer clareira.

– Senhor Taylor, conhece pouco a minha terra. Não há muitas clareiras numa zona de floresta selvagem. O Senhor, na Sua infinita sabedoria, quis proteger a nossa fonte de riquezas situando as minas em zonas praticamente inacessíveis.

– Isso joga a nosso favor.

– Ou contra nós, de acordo com o ponto de vista. Será de difícil acesso tanto para o inimigo como para nós.

Taylor levantou-se da chaise-longue para se servir de uma nova dose de Lagavulin. Aproximou-se do móvel do bar e o seu olhar tropeçou na moldura de prata que exibia a fotografia de um primeiro plano de Mandy. Levantou-a e ficou a observar os traços da sua mulher como se não os conhecesse de cor. Dentro de alguns dias celebrar-se-ia o quarto aniversário da sua morte. O relatório da autópsia afirmava que a senhora Armada Taylor se tinha suicidado ingerindo comprimidos para dormir; ele sabia que se tratara de um assassinato e que o culpado era Eliah Al-Saud.

O que teria acontecido se, naquela noite de finais de 1992, acabados de ingressar em L'Agence, não o tivesse convidado para jantar em sua casa? Provavelmente Mandy estaria viva porque nunca o teria conhecido, nunca teria perdido a cabeça por ele. Conhecia os pormenores da relação que tinham mantido durante alguns meses porque a própria Mandy, encharcada em álcool e comprimidos, lhos expusera numa tirada desesperada, dias antes de acabar com a vida, talvez sem consciência de quem era o recetor da sua história de amor extramatrimonial. Apaixonara-se por Al-Saud na própria noite em que o conhecera, na sua própria casa. Tinha encorajado Nigel a

convidá-lo para jogar ténis no clube, para jantar, para casa dos pais de Mandy no Sussex.

– Fizemos amor pela primeira vez no vestiário do clube – confessou-lhe. – Tinha acabado de jogar uma partida de ténis contigo. Esperei que saíesses para ir buscá-lo. Foi maravilhoso.

«Foi maravilhoso. Foi maravilhoso.» As palavras da mulher ainda lhe martelavam na cabeça. Apertou a moldura e também o copo com Lagavulin, que esteve quase a partir-se sob a pressão dos seus dedos... deixou de pressionar a tempo.

Mandy tinha um temperamento instável, pelo que enfrentar um affaire não lhe tinha sido fácil. Andava nervosa, chorosa, excitada às vezes, mergulhada em angústia, noutras. Vivia numa montanha-russa emocional.

– Oh, Mandy – soluçou, e engoliu o whisky de um só trago.

Amara-a como a ninguém. Ela era e seria o amor da sua vida. Nenhuma mulher depois de Mandy lhe inspirara um sentimento tão profundo e inexplicável.

Se bem que a relação com Eliah Al-Saud se tivesse transformado no centro da existência de Mandy, para Al-Saud esta não passava de mais uma das suas conquistas; não planeava deixar Samara e, quando pôs fim ao affaire – a insistência de Mandy tornava-se incómoda e difícil de gerir –, Mandy enlouqueceu. Nigel encontrou-a, ao fim de vários dias sem ir a casa em consequência da confissão da mulher. Inicialmente julgou-a adormecida até que, atraído pela aura de paz que a circundava, se inclinou para lhe beijar a testa e a encontrou fria e dura como uma pedra. Afastou-se com um grito. Começou imediatamente a sacudi-la, gritando o nome dela. Horas depois, encontrou na mesa de cabeceira a carta onde ela lhe pedia perdão.

Al-Saud apareceu no funeral com outros colegas, e Nigel, para evitar desonrar a memória da mulher, absteve-se de fazer uma cena. Travaram uma luta de morte na base de L'Agence. Taylor sabia-se em desvantagem diante de Al-Saud, que dominava na perfeição várias artes marciais. Mas queria morrer. Sem Mandy, a vida não tinha sentido. Foram separados por alguns colegas e, depois de serem tratados a cortes e contusões na enfermaria, foram até ao gabinete do chefe, o general Anders Raemmers, que lhes impingiu um discurso de meia hora. Foram destinados a comandos diferentes e evitavam enviá-los nas mesmas missões.

O ódio levou Nigel Taylor a extremos letais, como vender aos somalis a informação de um trabalho que o comando de Al-Saud efetuará em Mogadíscio. Arrependera-se assim que chegaram à base as primeiras notícias da emboscada. Al-Saud continuava vivo. Edmé de Florian, pelo contrário, debatia-se entre a vida e a morte. O francês sobreviveu sem sequelas, e Al-Saud transformou-se num herói, por ter carregado De Florian durante uma hora, até chegarem aos helicópteros.

Taylor voltou a pousar no móvel o retrato de Mandy e dirigiu-se à mesa da sala de

jantar. Pegou numa das fotografias que Ariel Bergman lhe dera, a do Hotel Ritz, onde aparecia a mulher de Eliah Al-Saud, a filha de um traficante ilegal de armas. A vida estava a oferecer-lhe a vingança de bandeja, refletiu.

Al-Saud decidiu passar o último dia em Riade, a capital da Arábia Saudita. O seu tio, o rei Fahd, tinha-o chamado assim que soubera que trabalhava com os recrutas na base aérea de Dhahran. Por outro lado, Eliah aproveitaria a ocasião para insistir em que lhe vendesse o velho C-130, mais conhecido como Hércules, um avião de fabrico norte-americano com utilizações tão versáteis como o lançamento de paraquedistas ou o transporte de tanques de guerra. A Mercure crescia e o Jumbo não lhe bastava. Para o convencer, contava com o apoio do primo Khalid Al-Saud, cujo desempenho na Guerra do Golfo como comandante-chefe das Forças Aliadas lhe granjeara o carinho do tio Fahd. Este mostrava-se renitente em desfazer-se do avião, talvez por recear aborrecer os seus aliados norte-americanos.

O rei Fahd recebeu-os no palácio cerca do meio-dia. Ao vê-los, pôs-se de pé com dificuldade, sorriu e abriu-lhes os braços.

– As-salaam-alaikun – cumprimentou-os, desejando-lhes paz.

– Alaikun salaam – responderam Eliah e Khalid em unísono, aproximando-se para receber o abraço do tio.

– Ah, os meus heróis de guerra! – exclamou Fahd, batendo-lhes nos ombros ao mesmo tempo. Pegou na cara do sobrinho Eliah com as suas mãos rechonchudas e observou-o, sorrindo e assentindo.

– Acompanhem-me no salah ad-duhr – pediu-lhes, apontando para a entrada de um quarto onde se praticavam as abluções da praxe.

Eliah desconfiava de que o rei os tinha convocado a essa hora para que rezassem juntos a oração, ou azalá, do meio-dia, coisa que devia ser vista como uma grande honra. No entanto, Eliah avaliava-a como uma prova a que o seu tio o sujeitava para verificar até que ponto o cristianismo de Francesca, sua mãe, o tinha corrompido. Ainda que não cumprisse há anos um dos pilares fundamentais do Islão, a azalá ou oração, saberia o que fazer – era como andar de bicicleta, nunca se esquecia.

Lavaram-se em silêncio. Como Eliah, ao contrário do primo Khalid e do tio Fahd, não tinha a cabeça coberta, um criado entregou-lhe um gorro branco para a azalá. Desdobrou as mangas da sua camisa e cobriu os antebraços. Tivera o bom senso de tirar a Medalha Milagrosa antes de ir para o palácio e levava-a no bolso das calças. Meteu aí a mão e apertou-a com emoção. Contagiado pela solenidade e pela piedade com que o rei e Khalid agiam, no seu íntimo já não sorria com sarcasmo e começava a sentir paz.

Voltaram-se para Meca e, de pé, ao lado uns dos outros, levaram as mãos à altura das orelhas e exclamaram:

– Allah akbar! (Alá é grande!)

Executaram os ciclos coordenadamente, embora com lentidão por consideração com a idade do rei. Dois criados ajudavam-no quando tinha de se inclinar ou ajoelhar. Eliah, com os olhos fechados, repetia as orações como mantras, sem prestar atenção, repleto de imagens de Matilde. «Esta é a minha posse mais preciosa. Protegeu-me desde os meus dezasseis anos. Agora quero dar-ta como símbolo do meu amor e da minha admiração. És o melhor homem que conheci na vida, Eliah.» Os olhos aqueceram-se-lhe sob as pálpebras ao reviver o estado de perplexidade com que tinha recebido a Medalha Milagrosa das mãos de Matilde. «Dou-ta também para que te preserve sempre de todo o mal.» O êxtase que lhe embargava a alma quase o traiu e em vez de dizer «Subhana rabbil Adhim!» (Glorificado sejas, meu Senhor, o Grandioso!), teria exclamado: «Amo-te, Matilde!»

Almoçaram descontraídos numa sala cujo teto moçárabe e amplas janelas com marcos lobados e peraltados evocavam o Alhambra. O piso de mármore branco estava coberto por tapetes persas de cores vivas – azuis, vermelhos, ocre – que realçavam as tonalidades das cortinas pesadas. O sol do deserto atravessava os vidros e enchia a sala de luz, refletindo-se nos móveis folheados a ouro e intensificando o vermelhão do veludo da tapeçaria. Dois falcões, um gerifalte-gronelandês, de plumagem branca, orgulho do rei, que devia custar mais de cinquenta mil dólares, e outro peregrino, não tão bonito, embora igualmente querido, permaneciam quietos nos seus poleiros, com as cabeças cobertas por caparões, acompanhando Sua Majestade durante o almoço.

Fahd, sentado na cabeceira de uma mesa baixa com vários metros de comprimento, relatava-lhes as peripécias do grande rei Abdul Aziz, fundador da Arábia Saudita, para se apoderar da terra e expulsar os inimigos. Apesar de já ter ouvido a história várias vezes – Kamal e o pai de Khalid também gostavam de evocá-la –, Eliah e o primo, sentados à direita e à esquerda de Fahd, engoliam os manjares da cozinha árabe e prestavam atenção. Riam-se com frequência porque o tio era espirituoso e enfeitava a gesta do avô Abdul Aziz com histórias engraçadas.

Só quando serviram a sobremesa, Eliah se atreveu a tocar no assunto do Hércules. O rei Fahd ficou a olhar para ele, com as mãos unidas sob o queixo e um sorriso indulgente.

– Diz-me, Aymán – os seus familiares árabes nunca o tratavam pelo primeiro nome, que era judeu –, quando te casarás com uma boa mulher e darás netos ao teu pai com a bênção de Alá, o compassivo, o misericordioso? Sei que o meu irmão o deseja ardentemente.

«Nunca poderei dar netos ao meu pai, tio Fahd, porque a mulher que amo não pode dar-me filhos.» No meio do terramoto que tinha significado a rutura com Matilde e a sua preocupação em protegê-la no Congo, não parara para refletir sobre a irreversibilidade da situação que se apresentou na tarde em que soube que aquela maldita doença lhe arrebatara o sonho de ser mãe. E a ele, de ser pai. Durante todo o tempo, Matilde tivera consciência da realidade definitiva e terminante com que lidava,

e quisera preservá-lo. Sorriu para o tio Fahd embora, na realidade, sorrisse para Matilde: «Meu amor, se tu não me dás filhos, não os quero de nenhuma outra.» Para o tio, exclamou:

– Allah bab alah! (Deixa-o nas mãos de Deus!)

No momento da despedida, o rei levantou o rosto para observar o seu sobrinho Eliah e apertou-lhe os braços.

– Aymán – disse –, chegaram-me relatórios da nossa Mukhabarat que garantem que esse traidor de Anuar Al-Muzara está a preparar outro golpe destinado àqueles a que ele chama víboras árabes. Não precisas que te diga a quem se refere.

– O que te preocupa, tio? A Mercure tem os seus melhores homens a proteger a família, sobretudo a tua, a das tuas mulheres e filhos.

– Eu sei, filho, eu sei. Só queria que o soubesses.

– Já estava a par. Saud enviou-me o relatório. – Eliah falava de um dos filhos do rei Fahd, chefe da secretaria dos serviços secretos ou Mukhabarat. – Eu e os meus sócios planeamos reforçar essa proteção.

– Preocupa-me o teu pai, Aymán. Sabes que dentro de alguns dias irá à OPEP proferir um discurso, durante a homenagem que farão ao teu tio Faisal. Pedi a Kamal que fosse em meu nome porque sei quanto gostava do nosso irmão, que descansa na paz de Alá, o grande, o misericordioso.

– Não te preocupes, tio. O meu pai sairá de Viena e regressará a Jedá sem um arranhão. Ou queres que a minha mãe me mate?

Fahd sorriu. Era famoso pelo seu sorriso fácil. Mas, se um incauto o julgasse uma demonstração de fraqueza, depressa se desenganaria. Por esse motivo, Eliah não voltara a mencionar o assunto do avião C-130, por muito que o tio se mostrasse de bom humor.

– Falarei com o teu tio Abdul Rahman. Será ele, como chefe da Força Aérea Real, a decidir sobre esse assunto do Hércules que tanto desejas. Pela minha parte, não apresentarei qualquer objeção.

Al-Saud passou a tarde em casa da sua tia Fátima, irmã de Kamal, onde foi tratado como um príncipe. À noite, enquanto o Gulfstream V atravessava o deserto da Península Arábica rumo à Europa, Eliah, incapaz de conciliar o sono, revia a multiplicidade de assuntos que teria de tratar no dia seguinte no seu escritório do Hotel George V.

Saía de Paris a 13 de abril e aterraria no aeroporto de Le Bourget na segunda-feira, 27, de madrugada. Durante quase quinze dias ficara longe da sua cidade e da casa da avenida Elisée Reclus, que tantas memórias continha. Interrogou-se, com mais curiosidade do que medo, como reagiria o seu coração diante da visão da cama onde amara Matilde tantas vezes e do quadro a óleo Matilde e o caracol. Pensou em

Aldo Martínez Olazábal e anotou mentalmente: «Telefonar a Lefortovo logo de manhã.» Dera-lhe um encargo há dez dias e continuava sem respostas.

«O meu nome é Alizée Omalanga. Tenho vinte e oito anos. O meu marido chamava-se Oscar Kashala. Foi assassinado pelos mesmos que me mantêm cativa. Os meus filhos, Jérôme, de sete anos, e Aloïs, de um, são tudo o que me resta.»

Amarrada ao tronco de uma palmeira, a jovem repetia mentalmente estas palavras para manter o juízo. Não teria conseguido dizê-las porque não tinha força para separar os lábios, colados pelo sangue e pela sede. Há quanto tempo estaria amarrada? Soltavam-na uma vez por dia para fazer as suas necessidades, ali, à vista de todos, para a alimentarem minimamente e lhe darem de beber, embora a água nunca bastasse para lhe saciar a sede. Amarravam-na de novo e deixavam-na de pé, contra o tronco da árvore. Também tinha de ver quando violavam as outras mulheres que caíram nas mãos dos interahamwes, os ferozes hutus autores do genocídio do Ruanda há quatro anos. Odiavam-na porque era tútsi. O seu sangue nunca se misturara com o de um hutu, embora não se tivesse importado com isso porque ignorava quais eram as diferenças que separavam uma tribo da outra. Tinha a mesma opinião do padre Jean-Bosco Bahala e da sœur Amélie: os hutus e os tútsis pertenciam ao mesmo povo, que os belgas tinham dividido para dominar mais facilmente e que, na atualidade, os ricos do mundo continuavam a enfrentar para roubarem as riquezas do país. O que se passava era que eles eram tontos e não percebiam a burla.

O corpo doía-lhe, tinha cortes, contusões e raspões em cada centímetro quadrado de pele. Permanecia há dias presa à palmeira graças às lianas com que a amarravam. Uma vez, depois de presenciar como abriam o ventre de uma grávida, que sangrou até morrer, atrevera-se a erguer os olhos para o céu, implorando a Deus que lhe concedesse a graça da morte. A dor, a do corpo e a da alma, desnor-teava-a, e o pânico, ao ver aproximar-se os seus captores, deixava-a sem fôlego. Já não queria continuar a testemunhar as suas maldades. Arrependera-se imediatamente: tinha de pensar no destino do seu Jérôme e da sua pequena Aloïs, também nas mãos dos assassinos. Às vezes, Jérôme conseguia escapular-se e visitava-a, sempre com uma lata de água. Como amava o seu rapazinho valente e nobre, tanto como amava ainda o seu pai morto! Oscar Kashala, respeitado por todas as famílias da aldeia, era consultado para tomar decisões e para mediar contendas. Embora não fosse velho, julgavam-no um grande sábio. Os interahamwes mataram-no com um golpe de machete e com os mesmos remorsos que teriam ao cortar a folha de uma bananeira, enquanto Oscar tentava em vão detê-los para que ela e as crianças fugissem. Tinham-nos agarrado, a ela, aos filhos e a tantas outras mulheres e crianças da aldeia. Tinham-lhes queimado as casas e, durante dias, arrastaram-nas pela selva numa caminhada inumana até chegarem ao acampamento. Quanto tempo se passara desde essa noite fatídica? Calculava que uns vinte e oito dias. Durante esse tempo, Jérôme conquistara o carinho do chefe dos rebeldes, que o tratava como um filho, protegendo-o da malícia dos seus subalternos, alimentando-o melhor do que aos

outros prisioneiros e ensinando-lhe o kinyarwanda, o idioma dos ruandeses. De Aloïs também se ocupava Jérôme, embora Alizée desconfiasse de que a menina não estava bem de saúde porque na última visita, ao perguntar por ela, Jérôme afastara os olhos e sussurrado sem convicção: «Está bem, mamã.»

Nessa noite, depois de se cansarem de as usar e maltratar, os interahamwes tinham festejado o triunfo de uma escaramuça disputada contra os mai-mai, que lhes permitira apoderar-se de uma nova aldeia na fronteira sul do Parque Nacional Virunga. Nesse momento, o acampamento dormia e os últimos interahamwes a pé tinham sucumbido à bebedeira; não ficara nenhum de guarda, situação que não a deixava feliz porque receava que um animal selvagem, ao farejar o seu sangue, a atacasse. Tremia e não sabia distinguir se era por causa do frio – nessa zona de maior altitude, a temperatura descia de noite –, da fraqueza ou do medo de que uma hiena ou um felino a devorasse. O seu receio pareceu tornar-se realidade quando avistou uma sombra que deslizava entre as ervas na sua direção. Era impossível definir de que animal se tratava; podia tratar-se de um simples chimpanzé ou de um leopardo.

Quase a dar um grito para alertar os guardas, Alizée reconheceu o seu filho Jérôme. O alívio fez com que as suas pernas fraquejassem.

– Mamã, vamos fugir. – O menino rodou a cintura para lhe mostrar que Aloïs ia envolta num cobertor e presa às suas costinhas. – Não te mexas. Vou cortar as lianas.

Tirou uma navalha e dispôs-se a libertá-la. Embora se empenhasse, cortar os ramos não era tarefa fácil para um menino da idade dele. Pouco a pouco, Alizée sentiu que a pressão cedia. Completamente livre, caiu de joelhos, mas precisou de alguns momentos para recuperar as forças e levantar-se. Jérôme cobriu-a com uma manta e ajudou-a a levantar-se.

– Vamos, mamã. Usa este pau como bengala.

– Vai tu, Jérôme. Foge com Aloïs. Eu vou ser um estorvo. Não tenho forças para dar um passo.

– Se não vieres, Aloïs e eu ficaremos contigo.

– Nesse caso vamos – acedeu a mãe.

Andaram durante meia hora sem trocar uma palavra. Felizmente, Aloïs estava a dormir. Alizée caiu desmaiada e, ao acordar, Jérôme observava-a com olhos arregalados.

– Pensei que tinhas morrido!

– Não, riqueza. É cansaço – mentiu. Felizmente, a noite encobria o rasto de sangue que marcava a sua passagem pelo caminho. Tinham-na violado com tanta crueldade essa última noite, introduzindo-lhe o cabo de um machete, que a hemorragia não cessava.

Jérôme deu-lhe de beber de um cantil de plástico e ajudou-a a levantar-se. Alizée observou-o, tão aprumado e senhor de si, e amou-o com um vigor renovado. Só tinha sete anos, porém, movia-se com a segurança de um adulto. No entanto, as suas grandes bochechas e os seus olhos de pestanas espessas e curvas continuavam a pertencer a um rosto de criança.

– Para onde vamos, filho?

– Para Rutshuru, para a missão da sœur Amélie. Ela leva-te para o hospital até estares bem.

– Como sabes onde fica Rutshuru?

– Perguntei um dia a Karme – referia-se ao chefe interahamwe que o pusera sob a sua proteção – e ele mostrou-me num mapa que tenho desenhado aqui – disse, apontando para o coração.

Alizée duvidou de que o seu filhinho soubesse o que fazia. No entanto, seguiu-o. Preferia morrer com Jérô, como lhe chamava, e com Aloïs, naquela floresta, a morrer no acampamento dos interahamwes.

Capítulo 5

Embora sentisse saudades dos colegas de Masisi e dos seus pacientes, Matilde não lamentava a mudança. Apesar de trabalhar no hospital de Rutshuru havia poucos dias, tinha a impressão de que estava ali há anos. Os dias eram vividos vertiginosamente, surgiam sempre situações dramáticas que, embora a deixassem devastada, a faziam sentir-se viva; ela podia ajudar aqueles infelizes.

Ao contrário do hospital de Masisi, o de Rutshuru não era administrado e financiado pela Mãos Que Curam, mas pelo governo do Kivu Norte, com sede em Goma. No entanto, a maior parte dos medicamentos do Serviço de Farmácia, os descartáveis e a nova tecnologia, provinham de fundos doados pela organização humanitária, pelo que o diretor do hospital, o Dr. Tharcisse Loseke, se mostrava agradecido e ouvia Auguste Vanderhoeven com interesse, quando este aparecia no seu gabinete com alguma queixa ou sugestão.

Matilde gostava de Tharcisse Loseke, um nativo alto e de complexão maciça, com um sorriso e um olhar cândidos como os de uma criança. Procurava-o à hora do almoço e mantinham longas conversas nas quais a situação política e social da região dos Grandes Lagos era protagonista. Loseke contou-lhe que o governo de Kinshasa estava de más relações com os seus vizinhos, Ruanda e Uganda, e que se esperava o pior: uma guerra. Matilde lembrou-se do aviso de Eliah acerca do Congo e da luta que provocou entre eles – pareciam ter decorrido anos quando, na realidade, acontecera no fim de janeiro.

Disso se tinha apercebido, da forma estranha como o tempo decorria desde que saíra da Argentina, como se o movimento dos ponteiros de um relógio gigante e cósmico tivesse acelerado, e um dia, em vez de vinte e quatro horas, tivesse doze, o que resultava num novo estilo de vida, mais veloz, que a desorientava. O que vivera nesses quatro meses, primeiro em Paris, agora no Congo, provocara nela uma mudança radical e definitiva, embora, paradoxalmente, na essência continuasse a ser a mesma mulher incompleta, estéril e com o coração partido.

Como preferia não saber o estado do seu coração, deitava a mão à mesma estratégia que usara em Masisi, dedicava-se ao trabalho com um afinho que a deixava exausta e, à noite, a ajudava a dormir. O conjunto das suas obrigações tinha aumentado e, de cirurgia especializada em crianças, passara a fazer extrações de projéteis, fraturas expostas, cesarianas, amputações e, evidentemente, o que dizia respeito às doenças infantis. A epidemia de meningite não tinha poupado a população de Rutshuru; pelo contrário, atacara com maior virulência do que noutras povoações e as crianças e os velhos, sobretudo, morriam como moscas. Diariamente, chegavam novos casos e Matilde passava grande parte do dia na tenda a fazer extrações de líquido cefalorraquidiano. Julia ajudava-a, uma enfermeira colombiana do bloco operatório contratada pela Mãos Que Curam, que também era parteira, e que Auguste estava a preparar como anestesista, dada a grande carência destes profissionais.

Como parteira, Julia trabalhava também em La Maison des Enceintes (A Casa das Grávidas), uma sala que a Mãos Que Curam tinha construído no terreno do hospital e que acolhia pouco mais de setenta mulheres com gravidezes de risco. Aí viviam até ao nascimento do bebé, e aí permaneciam nos primeiros meses quando não tinham para onde ir. Matilde gostava de visitar a cozinha de La Maison des Enceintes, onde as parentes ou amigas das grávidas – cada paciente podia ter um acompanhante do sexo feminino – preparavam as refeições. A cozinha recordava-lhe a do hospital de Masisi, uma construção aberta, com troncos a fazer de colunas, teto coberto de folhas de palmeira e de bananeira, onde se cozinhava em fogões de carvão a lenha. As mulheres faziam-no a cantar, a conversar e sempre a sorrir. As primeiras acompanhantes, aquelas que inauguraram a casa há três anos, tinham cultivado uma horta, que as outras continuaram, pelo que a maior parte dos legumes provinha daí. Muitas traziam de casa feijão, iúca, cuaco (farinha feita com a raiz da iúca), mandioca, inhame (um tubérculo típico das zonas tropicais semelhante à batata), amendoim e outros frutos secos. Os alimentos mais nutritivos, como as carnes, o leite e os ovos, eram fornecidos pela Mãos Que Curam, embora a maior parte das vezes fosse difícil obtê-los em Rutshuru, devido ao assédio dos rebeldes, e tivessem de mandar Ajabu a Goma comprá-los.

Matilde não parava de se surpreender com a alegria com que cozinhavam os alimentos, e os seus vestidos coloridos e turbantes faziam parte desse local que parecia festivo quando à sua volta o mundo caía aos bocados. No primeiro dia aproximou-se com timidez e manteve-se afastada porque o cheiro do fufu, uma mistura de farinha e de folhas de iúca fervidas, lhe desagradava. Quando apareceu pela segunda vez, deram-lhe uma tigela de madeira com uma mistura de aspeto pouco apetitoso que não se atreveu a recusar. Ao prová-la, admirou-se: era saborosa. Convidaram-na a sentar-se entre as grávidas, e logo as interrogou sobre a sua situação. Reparou que uma delas se mantinha afastada, com os olhos descidos sobre o ventre, que não tocava. Julia, a enfermeira colombiana, explicou-lhe que aquela rapariga de quinze anos tinha engravidado em consequência de uma violação. Como a família a renegara, vivia na Missão São Carlos. A superiora levava-a para o hospital quando, aos cinco meses, começara com perdas de sangue.

O Dr. Loseke garantia que a principal causa de morte na zona dos Kivus eram as violações. «Morrem mais mulheres em consequência de violações do que de malária, cólera ou febre-amarela», afirmou. Segundo o médico, os rebeldes das diversas fações que violavam, mutilavam e matavam as mulheres de etnias inimigas não o faziam por impulsos e desejos sexuais. A humilhação da mulher era uma arma de guerra. «A mulher congoleza, qualquer que seja o seu grupo racial», explicou, «é o eixo da sua tribo, da sua família. É ela quem vai buscar água e fornece os alimentos, quem pare os filhos e os cria. Se a destroem, destroem o tecido social. O corpo das mulheres congolezas transformou-se num campo de batalha», concluiu com desânimo.

Outra doença que se espalhava em consequência das violações era o vírus da

imunodeficiência humana, mais conhecido como VIH, que afetava uma percentagem alarmante da população congoleza, um pouco acima dos vinte por cento, e que, na opinião de Loseke, se converteria na ferida mais difícil de cicatrizar: gerações inteiras destruídas devido a essa doença, crianças órfãs e contagiadas, que seguiriam o caminho dos pais. A combinação de VIH e tuberculose fazia estragos, morrendo, diariamente, pessoas de todas as idades porque, com um sistema imunológico tão debilitado, os medicamentos não serviam para nada.

Assim que chegaram a Rutshuru, Auguste Vanderhoeven levou Matilde e Juana a visitar o pavilhão das mulheres que sofriam de fístula vaginal, um orifício que se abre entre o reto, a vagina e a bexiga como consequência de partos mal feitos, durante os quais a cabeça do bebê, presa na pélvis, oprime o tecido durante muito tempo até este sofrer necrose e cair. Também se abre no caso de violações muito agressivas, cometidas por dezenas de homens a uma mesma mulher, com objetos que as ferem (ramos, machetes, garrafas). Os violadores chegam ao extremo de disparar na vagina das suas vítimas. A fístula transforma as mulheres em marginalizadas sociais. A perda contínua pela vagina de urina e, às vezes, de matéria fecal, impede-as de manter relações sexuais com os maridos, que as rejeitam, também pelo odor que expelem. Em alguns casos, os nervos das ancas atrofiam e elas começam a coxear. Quase não bebem água para que a urina diminua e não goteje pelas pernas, pelo que os rins ficam danificados e o corpo desidratado. Não conseguem trabalhar, ninguém as quer por perto, as famílias condenam-nas ao ostracismo e mandam-nas sair de casa. Não pedem ajuda porque têm vergonha, porque não sabem que existe uma solução, porque acham que são as únicas a sofrer desse mal, ou julgam-no um castigo divino.

– Geralmente – esclareceu Auguste –, a fístula verifica-se em consequência de partos demorados e mal assistidos. Oitenta por cento das mulheres da África subsariana são camponesas. Gubete, por exemplo – disse, acariciando a cabeça de uma jovem – tem vinte anos.

Matilde e Juana abriram desmesuradamente os olhos porque pensaram que ela teria doze ou treze anos.

– Aos dois anos – prosseguiu o belga –, já acartava uma bilha de água. Aos oito, começou a transportar coisas que eu, com um metro e oitenta e cinco e noventa quilos, teria dificuldade em levantar. Os alimentos que comia não dispunham das calorias e das proteínas suficientes e as que consumia eram gastas ao carregar coisas pesadíssimas. O que aconteceu então? Não se desenvolveu adequadamente, é muito baixa e pequena para a idade. Esta é a realidade de muitas jovens. Quando engravidam, os bebês são demasiado grandes para elas. No Ocidente, fariamos sem hesitações uma cesariana a uma mulher com a pélvis tão pequena. Aqui, as mulheres chegam a passar uma semana em trabalho de parto.

– Meu Deus... – murmurou Matilde, percorrendo com o olhar as pacientes de fístula, algumas reclinadas nas camas, outras sentadas no chão. Evitava levar a mão ao nariz para não as envergonhar e apertava os punhos nas pontas do estetoscópio

pendurado ao pescoço.

– Com as clínicas móveis – explicou-lhes Vanderhoeven –, a Mãos Que Curam percorre as aldeias à procura de mulheres com fístulas para as trazer para cá. Encontrámos uma a viver no galinheiro da família. O mais importante de as trazerem para cá nem é só para lhes fecharmos a fístula e fazermos desaparecer a incontinência. O mais importante é fazerem a recuperação em grupo, voltarem a socializar, a ter amigas, a conversar com outras pessoas. Isso cura-lhes o coração.

Vanderhoeven tirou um lenço do bolso da bata branca e estendeu-o a Matilde, que sorriu, abanou a cabeça e limpou as lágrimas com o lenço de seda com as iniciais E, A e S bordadas a azul.

– O doutor Rolf Gustafsson, que agora vive em Bukavu, vem de quinze em quinze ou de vinte em vinte dias e opera-as.

– Mais ninguém neste hospital sabe como fazê-lo? – admirou-se Matilde.

– É uma cirurgia extremamente difícil, Matilde. O ano passado assisti o doutor Gustafsson em várias operações de fístula, como já disse, e ainda não estou preparado para as fazer sozinho.

– Temos de aprender – exigiu-lhe com voz trémula, olhando não para o interlocutor, mas para as congolezas espalhadas pela sala, conseguindo sentir a sua amargura. – Os médicos congolese têm de aprender. É preciso fecharmos as fístulas destas pobres mulheres para que recuperem as suas vidas normais.

– No caso de a fístula ser operável, Matilde. Há casos que não têm solução. Há casos em que a bexiga está tão danificada, depois de anos de não ser usada, que só nos resta colocar-lhes uma cânula para que urinem retirando a tampa. Muitas não querem voltar a suas casas nessas condições.

– O que se faz com essas mulheres, com as que não têm solução? – interessou-se Juana.

– Se as famílias não as recebem de volta, que é o mais frequente, são acolhidas pela Missão São Carlos, das Irmãs da Misericórdia Divina. A superiora, soeur Amélie, é uma mulher extraordinária.

– É minha prima direita – afirmou Matilde, e sorriu diante da expressão de espanto de Vanderhoeven.

Na sexta-feira, 24 de abril, ao entardecer, enquanto as cinco religiosas da Missão São Carlos rezavam o Angelus, Vumilia, uma das jovens acolhidas pela missão, cobriu-se com um saco e atravessou a correr o espaço que separava a cozinha da capela, contornando os charcos que se formavam rapidamente devido à chuva copiosa, que não surpreendia ninguém naquelas florestas tropicais e naquela época do ano.

– Soeur Amélie, vite, vite! A mulher está a morrer! Está a morrer!

Amélie Guzmán, uma mulher morena, magra e de baixa estatura, já perto dos quarenta, ainda que dificilmente se lhe desse essa idade, saiu do genuflexório com um salto, tal como as outras irmãs, e correu por um dos lados da capela até à entrada – o véu do seu hábito ondulava atrás dela.

– O que se passa, Vumilia?

– Fala, rapariga! – intimou-a sœur Annonciation.

– Acabam de chegar uma mulher e o filho, sœur Amélie. A mulher está muito mal. Desmaiou assim que pôs o pé na cozinha.

Outras jovens, recolhidas tal como Vumilia, tinham-na deitado num banco corrido com um pano de loiça a servir de almofada. A primeira visão de Amélie foi o menino, na realidade os olhos do menino, enormes, vivos e repletos de angústia; mantinha-se afastado, para não estorvar, e levava um saco às costas.

– Annonciation, Tabatha – disse Amélie, numa voz firme e diligente –, encarreguem-se da criança. Meninas, deixem-me ver.

A cor acinzentada da mulher assustou-a. Pegou-lhe na mão e sentiu-a gelada. Olhou para a túnica coberta de lama, sujidade e sangue.

– Alizée! – gritou ao reconhecê-la, dando-lhe palmadas nas faces para que voltasse a si. – Tem o pulso muito fraco. Angélie – chamou por outra religiosa –, prepara a carrinha. Trá-la até à porta da cozinha. Alizée precisa de ser levada para o hospital, urgentemente.

– É muito perigoso conduzir com este tempo, Amélie – alegou Edith, a freira mais antiga da missão, de uns sessenta anos –, sem falar no facto de estar a anoitecer. Não podes arriscar.

Amélie tinha consciência do risco que correria. A missão erguia-se num enclave inóspito, afastado de Rutshuru, cujo acesso era dificultado pelo avanço da selva, às vezes uma vantagem, para evitar, por exemplo, as incursões dos rebeldes, mas, outras vezes, um inconveniente. Os barrancos que circundavam a propriedade podiam ser fatais de noite, pois, na estação das chuvas, costumavam desmoronar.

– Se não o fizer, Alizée morrerá. – Voltou-se subitamente e deu uma vista de olhos com o sobrolho franzido para verificar se Jérôme, que inicialmente não reconhecera, tinha saído com Tabatha e Annonciation: o miúdo compreendia e falava francês.

Amélie correu até ao refeitório onde estava o rádio. Ligou para o hospital de Rutshuru para avisar que dentro de uma hora, talvez um pouco mais, chegaria com uma mulher jovem em estado crítico. Voltou à cozinha. Já se ouvia o barulho do motor do Range Rover, doação dos seus primos Alamán e Eliah Al-Saud. «Com este 4X4», garantira-lhe Eliah, «enfrentarás qualquer terreno.» Julgara-o um luxo vão – uma carrinha Mitsubishi ou Ford teriam bastado. Alamán e Eliah insistiram e ela

aceitou. Agradecia ao Espírito Santo a insistência dos primos a ter levado a aceitar. Esse SUV salvara-as mais de uma vez. Neste momento levaria Alizée a Rutshuru no meio de uma tempestade e por terrenos enlameados.

Tabatha regressou à cozinha com um volume nos braços.

– Está morta – choramingou, estendendo-o para ninguém em particular.

– Instalem Alizée na parte de trás da carrinha – ordenou Amélie às mulheres, que seguraram na jovem e a carregaram para o Range Rover. – A que te referes, Tabatha?

– O menino trazia a irmã às costas. Está morta – afirmou, afastando a manta. – Não sei há quanto dias estará morta. Já cheira mal.

– Bendito seja Deus – murmurou Amélie, fazendo o sinal da cruz. – Tabatha, coloca a menina na parte de trás do 4X4. Levamo-la também para o hospital. Jérôme! – chamou, ao vê-lo passar como um furacão em direção ao carro. – Volta para aqui! – O menino trepou para o Range Rover com a agilidade de um gato e atirou-se para cima da mãe. – Deixa-o, Vumilia. Levamo-lo connosco. Vamos, tu acompanhas-me.

Dirigiram-se até à única estrada para Rutshuru, que bordejava o rio e, nalguns locais, o Parque Nacional Virunga. A chuva caía sobre as águas do Rutshuru, que ameaçava transbordar; pequenas ondas lambiam o caminho e batiam nos pneus do 4X4. Os hipopótamos instalavam-se para dormir, as aves procuravam refúgio nas árvores, a vida palpitava lá fora, pensou sœur Amélie, enquanto no interior do Range Rover a morte se passeava à vontade. Sabia que Alizée estava a agonizar. Desde a sua chegada ao Congo, há dez anos, enfrentara a morte demasiadas vezes para lhe desconhecer os indícios. Abriu a janela embora a chuva lhe molhasse o braço esquerdo, e ordenou a Vumilia que fizesse o mesmo, para renovar o ar viciado pelo cheiro nauseabundo exalado pelo corpo da menina e pelo cheiro ferroso do sangue fresco de Alizée.

Como acontecia nessas latitudes, a noite caiu de surpresa. Os limpa-para-brisas trabalhavam na velocidade máxima, os pneus agarravam-se tenazmente ao caminho, o rugido do motor competia com o estrépito dos trovões e da chuva, as luzes do SUV subiam e desciam à medida que o Range Rover se adaptava aos caprichos do terreno, cheio de buracos devido à erosão provocada pela água. Entretanto, os ocupantes baloiçavam e continham exclamações de medo. Amélie, inclinada sobre o volante, com os olhos fixos no caminho escuro, murmurava repetidamente em castelhano a primeira oração que a mãe, Sofia, lhe ensinara: «Sagrado Coração de Jesus, em Ti confio. Sagrado Coração de Jesus, em Ti confio. Sagrado Coração de Jesus, em Ti confio.»

À medida que se aproximavam da cidade de Rutshuru, afastavam-se do rio e a chuva amainava. O caminho, embora fosse um lodaçal, não estava inundado. Amélie avistou as primeiras luzes elétricas da base da ONU nos arredores da cidade e a

esperança voltou. Chegara a pensar várias vezes que, às cegas devido à escuridão, se desviaria do caminho e que acabariam num bosque atacados por um qualquer animal, ou que não conseguiriam contornar um buraco bastante profundo, ou que o ímpeto das águas do Rutshuru os arrastaria. Envergonhavam-na os seus medos quando, ao mesmo tempo, afirmava confiar no Coração de Jesus.

Ao entrar no terreno do hospital, buzinou até chegar à entrada. Era evidente que esperavam por ela porque dois enfermeiros, um deles com uma bata da Mãos Que Curam, vieram recebê-la com uma maca. Amélie saltou do SUV. Os enfermeiros encarregaram-se de Alizée e voaram com ela para dentro, com Jérôme atrás deles. Como sabia que Vumilia não tocaria no cadáver da bebé – por mais catequese que recebessem, os congoleses aferravam-se às suas superstições –, ordenou-lhe que se encarregasse do menino.

– Vumilia, vai com Jérôme. Que não estorve os médicos – disse, abrindo a porta traseira.

Ficou a olhar para aquele pequeno vulto, angustiada com a imensidão do mistério da vida e da morte. Até à sua experiência no Congo e depois de ter vivido à grande em Paris, ela tinha dado a vida como garantida quando, na verdade, se tratava de um milagre que se renovava dia a dia. O padre Jean-Bosco Bahala confessara-lhe uma vez: «Todas as manhãs, ao acordar, pergunto a mim próprio se chegarei vivo ao fim do dia. Entrego-me a Deus e sigo em frente.»

Percorreu a galeria com a bebé nos braços, olhando para aqueles que dormiam sobre colchonetes ou mantas. Ao longe, reconheceu o choro de Jérôme. «Pobre criança», apiedou-se. Não havia rasto de Alizée no interior do hospital. Uma rapariga, médica da Mãos Que Curam, a avaliar pela bata que usava e pelo estetoscópio à volta do pescoço, estava acorodada diante de Jérôme e tentava acalmá-lo. Falava um bom francês, com um forte sotaque espanhol.

– Boa noite, doutora – disse Amélie, em castelhano.

– Fala castelhano! – A rapariga, levantando-se de um salto, revelou uma elevada estatura e um corpo magro. – Boa noite, irmã. Sou Juana Folicuré, pediatra.

– Eu sou Amélie Guzmán, superiora da Missão São Carlos. Doutora, posso falar consigo um momento, em privado?

Afastaram-se alguns metros. Jérôme, seguro por Vumilia, seguia a troca de palavras com um olhar atento. Viu que sœur Amélie entregava Aloïs à senhora alta de cabelo comprido, preto e liso, e que esta afastava a manta e franzia a cara antes de se afastar com passos rápidos. Soube que não receberia boas notícias pela forma como sœur Amélie olhava para ele e lhe sorria enquanto se aproximava.

– Vem, Jérô. Vem, querido – disse, levando-o até uns bancos deteriorados onde se sentaram. Gostou que sœur Amélie o beijasse na testa e lhe pegasse nas mãos, porque lhe recordava a mãe. – Jérô, tenho uma coisa muito triste para te dizer. A

pequena Aloïs ... Vais ver, querido...

– Está morta, sœur Amélie?

– Sim, meu amor – disse, abraçando-o. – Agora está com Jesus e com a sua mamã, a Virgem Maria. Transformou-se num anjinho e nunca mais voltará a sofrer.

O choro do menino, sem estridências nem gritos, silencioso e contido, partiu-lhe o coração. Queria saber o que lhes tinha acontecido, porque Aloïs tinha morrido e Alizée se encontrava naquele estado. Onde estava Oscar? Absteve-se de o afligir com perguntas. Deduzia que tinham caído nas mãos dos interahamwes ou dos mai-mai, que assolavam as aldeias à procura de comida, dinheiro, bebida, sexo e violência.

Juana regressou amargurada. Amélie, com Jérôme no colo, dirigiu-lhe um olhar magoado.

– Já a entreguei ao encarregado da morgue.

– Depois gostaria de a levar comigo para a enterrar na missão – pediu Amélie.

– Evidentemente. Desculpe, irmã, disse que se chama Amélie Guzmán? – Amélie assentiu e Juana franziu o sobrolho. – Filha de Sofía Martínez Olazábal?

– Como? – admirou-se a religiosa. – Conhece a minha mãe?

– Evidentemente! Eu sou Juana, a amiga de Matilde Martínez, sua prima direita. Sei que trocaram alguns e-mails nestes meses.

– Sim! Juana! – recordou Amélie, arrastando o pequeno Jérôme ao pôr-se de pé. – Matilde falou de ti nas suas mensagens. Senhor, que coincidência extraordinária! Há dias que me pergunto sobre vocês. Na sua última mensagem, Matilde comentou-me que talvez antecipassem a viagem. Não voltei a saber dela, porque na missão há semanas que não temos internet. Oh! – exclamou de repente, apercebendo-se do choro de Jérôme. – Juana, onde está a rapariga que trouxe?

– Matilde e outro cirurgião, o doutor Vanderhoeven, estão a vê-la neste momento.

– Auguste está com vocês! Que bênção do céu.

– Sim. Estamos de serviço nas noites de sexta-feira. Num instante virão dizer-lhe alguma coisa, irmã.

– Juana, chama-me Amélie e tratame por tu, por favor.

– Irmã... quer dizer, Amélie, gostaria de dar uma vista de olhos no menino.

– Sim, evidentemente. Chama-se Jérôme. – Mudou para francês para se dirigir ao miúdo. – Jérô, esta é a doutora Juana. Quer ver-te para garantir que estás bem. – Jérôme negou, abanando a cabeça e escondendo-se atrás do hábito azul da religiosa. – Vamos lá, querido. Só quer ver-te.

– Gostarias de usar o meu estetoscópio, Jérô? – perguntou, tentando conquistá-lo e acorçando-se diante dele. – Assim podes ouvir o bater do teu coração. – Colocou-o

no menino com cuidado, como se receasse afugentá-lo. – Ouves o teu coração? – O menino assentiu, ainda desconfiado. – E o meu? Agora o de Amélie. – A freira acorrou-se e prestou-se à brincadeira. – Ouves?

– O de Aloïs não bate mais? – murmurou o menino, num francês duro.

– Não, Jérô, não bate mais – respondeu Amélie.

– Anda, Jérô – convidou-o Juana. – Vamos ao meu consultório. Tenho aí muitas outras coisas interessantes para te mostrar.

– Vumilia, acompanha-o – ordenou Amélie. – Eu ficarei a aguardar notícias de Alizée.

Nas urgências, Matilde e Auguste faziam os possíveis por salvar a vida da jovem mulher que tinha dado entrada com uma hemorragia vaginal profusa. A hipotensão, a marcada taquicardia, o tremor do maxilar, dos braços e das pernas, a respiração rápida, a tonalidade acinzentada da pele e os suores frios indicaram-lhes que estava à beira de uma hipovolemia aguda. Como primeira medida, colocaram-lhe uma máscara para a oxigenarem. Por não disporem de um concentrador de oxigénio, substituíam-no pelo de tipo industrial contido num tubo, bastante instável. Felizmente, Julia manejava-o com destreza.

Sabiam que se tratava de uma hemorragia oculta e que, para a deterem, era preciso levar urgentemente a paciente para o bloco operatório. No entanto, e dado que o volume de sangue no corpo baixava para níveis críticos, ordenaram uma transfusão. Entretanto, Matilde localizou uma veia de grande calibre, tarefa difícil devido à vasoconstricção adrenérgica, colocou um cateter e iniciou a perfusão de solução salina normal, embora tivesse preferido o lactato de ringer, um medicamento comum em qualquer hospital, mas que no Congo era considerado um luxo. Com poucos segundos de intervalo, exigiam os dados da pressão arterial, do pulso e da pressão venosa central. Auguste ordenou uma medição da diurese. Ainda que lutassem para evitar o colapso cardiovascular, não se admiraram quando a paciente entrou finalmente nesse quadro.

– Desfibrilador! – vociferou Auguste.

Na sala de espera, Amélie rezava o terço. Pôs-se de pé quando Juana apareceu.

– E Jérôme?

– Ordenei o seu internamento, Amélie. Está desidratado e em más condições. Tem um corte muito feio na perna. Pedi que lhe dessem a antitétânica.

– Bendito seja Deus... Pergunto a mim própria que horrores terão vivido esta criança e a família. Chegaram à missão há umas horas. A mãe, Alizée, desmaiou assim que pôs o pé...

– Aí vem Matilde, a tua prima!

Viram-na avançar pelo corredor e tirar, com um movimento brusco, a touca de cirurgia. O cabelo caiu-lhe pelas costas e arrancou a Amélie um grito de admiração. Pela expressão de Matilde, Juana preveniu a religiosa:

– Não traz boas notícias. Mat, amiga, sabes quem é ela? – Matilde, destroçada pela perda da rapariga, deu-lhe uma olhadela desorientada. – A tua prima! Amélie Guzmán! A filha da tua tia Sofia.

– Amélie? – Observou-a com atenção e reconheceu-as pelas fotografias, embora a tivesse imaginado mais alta. – Não posso acreditar! – Abraçaram-se espontaneamente. – Inacreditável! O que fazes aqui? Ah, tu ligaste da missão! Foste tu quem trouxe a pobre rapariga.

– Sim. Alizée. Como está ela?

– Sinto muito, Amélie, mas faleceu há poucos minutos.

– Mon Dieu – lamentou-se porque, ainda que tivesse consciência de que a vida de Alizée estava por um fio, conservara a esperança até ao último momento.

– Tinha perdido muito sangue. Sofreu um choque hipovolémico, ou seja, uma descompensação generalizada devido à enorme perda de sangue. Isto levou-a a um colapso cardiovascular de onde não pudemos arrancá-la. Estava em péssimas condições. Tem cortes, contusões e sinais de ter estado manietada. Auguste está a vê-la agora, mas achamos que foi sistematicamente violada e torturada. A hemorragia era vaginal, de modo que a última violação deve ter sido muito violenta.

Amélie cobriu o rosto e desatou a chorar. Em momentos como estes, custava-lhe amar Deus e a vida, o mundo, o ser humano, a criação inteira, deixavam de fazer sentido. Matilde passou-lhe um braço pelos ombros e levou-a até aos assentos, onde choraram juntas.

Apareceu Vanderhoeven, que ficou a olhar para elas.

– Matilde nunca conseguiu entender que a morte é uma fase clínica da doença – explicou Juana. – Como deves ter reparado, chora sempre que perde um paciente.

Amélie pôs-se de pé ao ver o médico belga e abraçaram-se em silêncio.

– Elaborarei um relatório e emitiremos um documento que certifique a morte como consequência de uma violação, no caso de algum familiar querer apresentar alguma denúncia, no futuro, quando este país recuperar um mínimo de normalidade.

Amélie deu uma gargalhada desmoralizada, enquanto limpava o nariz.

– Um mínimo de normalidade? O Congo, um mínimo de normalidade? Duvido muito, querido Auguste.

– Ou poderão apresentar o caso num tribunal internacional. Isto não pode continuar assim, Amélie. Alguém tem de fazer alguma coisa. Aqui está a ter lugar um genocídio de que ninguém fala. Começámos a trabalhar neste hospital na quarta-feira e já vimos

mortos suficientes para alterar as variáveis demográficas do país. A sida, a meningite e os machetes dos rebeldes acabarão com a população do Congo. Talvez seja isso que desejam – acrescentou com menos soberba.

– O que será de Jérô, o filho dela? – interrogou-se Amélie. – Aquela pobre criança acaba de perder toda a sua família. Quando chegou à missão trazia a irmãzinha morta nas costas.

– Acabei de ordenar o internamento de Jérô – disse Juana. – Estava com um princípio de desidratação e muito magoado. Não consigo perceber como se mantinha de pé. Pedi para amanhã uma análise de sangue. Para pôr de parte o VIH. Apresenta, evidentemente, sinais de desnutrição.

– Tê-lo-ão violado, a ele também? – angustiou-se Amélie. – Aquelas feras arrasam com homens, mulheres, crianças, velhos. Não deixam nada de pé.

– Vou examiná-lo – prometeu Juana –, embora não acredite.

– Quero vê-lo – pediu Amélie.

– Acompanho-as – disse Matilde.

Devido à falta de camas, tinham colocado Jérôme junto de outro menino. Uma enfermeira tentava colocar-lhe o soro; o menino, de pé sobre o colchão, resistia. Matilde, Juana e Amélie soltaram uma exclamação quando Jérôme, com a agilidade de um macaco, saltou sobre a enfermeira e foi a correr refugiar-se sob um aparador de pernas altas.

– Enquanto vocês se encarregam de o tirar aí de baixo, vou ligar para as minhas irmãs. Na missão devem estar todas loucas de preocupação. Sabem onde está o rádio?

– Acompanha Amélie, Juani. Eu encarrego-me de Jérôme.

Matilde agachou-se diante do móvel, sem se importar que os outros meninos da sala e as enfermeiras a observassem. Demorou alguns segundos a habituar-se à escuridão que reinava sob o aparador. Jérôme encolhia-se como um felino e olhava-a fixamente. Susteve a respiração, comovida com a beleza daqueles olhos enormes e negros, cujo brilho transmitia, sobretudo, orgulho. Admirou-o por não revelar medo.

– Olá, Jérôme. O meu nome é Matilde. – Estendeu a mão na direção dele, mas não obteve resposta ao seu cumprimento. – Gostarias que te mostrasse um jogo muito divertido? Se saíres, mostro-te. É muito divertido. – Silêncio. – Quantos anos tens? Soeur Amélie disse-me que tens três.

– Não! Tenho sete!

– Bem me parecia. És alto de mais para teres três anos. Devo ter percebido mal soeur Amélie.

– Como pode ter percebido mal? Três é muito diferente de sete.

A rapidez do menino deixou-a muda. Ficou a observá-lo. Jérôme já não a olhava nos olhos, fixando-se antes no seu cabelo, que se espalhava pelo chão.

– Gostas do meu cabelo? É muito comprido e da cor do sol. Gostavas de o ver? – Jérôme assentiu. – Sai e deixo-te tocar-lhe. – O menino recusou. – Será que tens medo?

– Não! Nunca tenho medo.

– Como és valente, Jérôme! Eu tenho sempre medo. – A declaração de Matilde parece tê-lo desconcertado. – Nesse caso, se não tens medo, porque estás aí debaixo?

– Se sair, diz-me o que faz para ter o cabelo tão comprido e dessa cor?

– Para que queres saber?

– Porque a minha mamã gostaria de o ter assim.

O coração apertou-se-lhe no peito. Precisou de alguns instantes para recuperar a compostura e prosseguir.

– Jérôme, poderia dizer-te que sim, que te direi o que faço para que o meu cabelo seja assim comprido e desta cor. E fá-lo-ia para conseguir que saíesses aí de baixo, mas estaria a mentir-te. E és demasiado inteligente para que te minta. A verdade é que nasci com este cabelo. Não faço nada de especial para o ter desta forma. Deixo-o simplesmente crescer e nunca o corto.

Era óbvio que o menino estava a submeter as palavras de Matilde a uma profunda reflexão. Finalmente manifestou-se:

– Não quero sair porque essa mulher – e apontou para a enfermeira, que permanecia ao pé da cama – quer fazer-me mal. E ninguém vai fazer-me mal outra vez.

– Garanto-te que essa mulher não quer fazer-te mal. Pelo contrário, quer curar-te porque não bebeste líquidos suficientes e isso não faz bem ao teu corpo. Não é verdade que não bebeste água suficiente ultimamente? – Jérôme permaneceu calado, não por não ter compreendido a pergunta, mas por estar a analisar a sua estratégia. – Façamos um acordo – propôs Matilde, apercebendo-se de imediato do seu interesse, denunciado pelo brilho dos olhos. – O que a enfermeira Zakia te ia fazer, farei eu. E, se te magoar, mesmo que seja um pouco – sublinhou –, corto o cabelo, meto-o num saco e ofereço-to. – Matilde conteve a gargalhada diante da careta de assombro do menino. – Posso confiar em ti? És um menino mentiroso e mau, ou um bom, que diz a verdade? Vais dizer-me que dói quando, na verdade, não te dói nem um bocadinho?

– A minha mamã e o meu papá dizem que sou bom.

– Muito bem. Nesse caso, temos acordo? – Matilde estendeu a mão e desta vez obteve uma resposta. – Anda, riqueza, sai daí.

Matilde, acorçada, esperou que ele saísse de baixo do aparador. Jérôme colocou-

se diante dela e cravou-lhe os olhos. Matilde estremeceu diante da beleza da sua carinha suja. Embargou-a uma ternura a que estava habituada, mas que agora, no entanto, lhe pareceu mais profunda, diferente. Não conseguiu evitar acariciar-lhe a bochecha magra. Amava os seus pacientes, não se esquecia das crianças de Masisi, especialmente de Tanguy, por quem ainda batalhava para lhe arranjar uma perna ortopédica, e da pequena Anouk. No entanto, o impulso irrefreável para abraçar e dar colo àquele menino não se comparava com o que tinha sentido pelos seus pacientes. Sentiu orgulho pela forma como a observava, com soberba e desafio.

– Lembras-te do meu nome? – Jérôme negou, solene, sério. – Chamo-me Matilde.

– Matilde – repetiu ele, com uma pronúncia excelente, mas a vontade de o apertar contra o peito e de o proteger do mundo assustaram-na. Levantou-se de um salto.

– Zakia, eu ponho o soro a Jérôme. Prometi-lhe.

– Como quiser, doutora Mat.

– Mat? – repetiu Jérôme, entre agressivo e admirado.

– É como me chamam. Como a ti te chamam Jérô, não é verdade? Podes chamar-me Mat se quiseres.

Matilde achava-o pálido. Devia estar extenuado. Queria pô-lo a soro rapidamente para evitar uma maior deterioração e para que comesse a ficar hidratado. Apareceram Juana e Amélie e, a um gesto de Matilde, levaram a sério o acordo e não se riram. Jérôme deitou-se aos pés da cama. Zakia ajudou-a e Matilde inseriu o cateter venoso sem problemas, encarregando-se mesmo de o encanar.

– O que me dizes, Jérôme? Tenho de cortar o cabelo? Tenho de ficar careca? – Pela primeira vez entreviu um sorriso no menino e um piscar de olhos envergonhado. – Anda, diz-me. Não me deixes à espera. Corto o cabelo ou não?

– Não, não o corte. Não me doe nada. Nem senti.

Matilde ajoelhou-se ao pé da cama e acariciou-lhe a testa e a careca áspera.

– Que valente é o meu rapazinho. Vais sentir-te melhor agora. Tens de deixar o braço estendido e imóvel, está bem?

– Doutora – chamou-a, imitando Zakia.

– O quê, riqueza?

– Como está a minha mamã?

– Não muito bem, meu amor.

Poucas vezes, pensou Matilde, a dor se manifestava de uma forma tão inequívoca na expressão de um ser humano. Inclinou-se e beijou-o na testa.

– Aqui vem o jantar de Jérôme – anunciou Juana.

Embora tivesse querido ficar para lhe dar o jantar, Matilde teve de se ir embora. Vanderhoeven queria a sua presença na sala de operações. Uma cesariana. O médico belga não precisava de ajuda. Não queria mais do que ensiná-la e ela, aprender.

Matilde passou o restante tempo de serviço noturno repartida entre as suas obrigações e as visitas furtivas à sala das crianças. Entrava na ponta dos pés e iluminava-a com uma lanterninha. Aproximava-se da cama de Jérôme e observava-o através do tecido do mosquito. Obediente, mesmo a dormir, mantinha o bracinho estendido. O que estaria a acontecer-lhe com esta criança? Custava-lhe afastar os olhos dele e ir embora. Sabia por Zakia que ele não tinha comido bem, que perguntava pela mãe e que pedia para a ver, até Juana ter ordenado que lhe injetassem no soro um sedativo muito suave e ter adormecido. «É o melhor», disse Matilde para consigo. «Precisa de descansar.» Recordava ter-lhe visto círculos negros em redor dos olhos irritados. Que brutalidades teria testemunhado? A ideia de que o tivessem humilhado fê-la mergulhar numa angústia que quase a deitava por terra, por isso, apertou a garganta com as mãos para evitar que o choro aflorasse. Comprimiu as pálpebras e viu o sorriso de Eliah, aquele que lhe tirava o fôlego, aquele que tinha desejado que fosse só para ela. Abriu os olhos com suavidade. Jérôme continuava na mesma posição, tranquilo. Assaltou-a uma imagem, uma utopia, convenceu-se, porque nunca se tornaria realidade: Eliah, Jérôme e ela, na sala de música da casa da avenida Elisée Reclus, deitados no tapete, abraçados, conversando serenamente. A música era apenas um sussurro que os embalava e, quando chegava a vez de *Can't take my eyes off of you*, Eliah explicava a Jérôme: «Esta é a nossa canção, da tua mãe e minha.» «Da tua mãe e minha. Da tua mãe e minha.» Matilde saiu da sala com o queixo a tremer. Os seus sapatos de borracha não faziam ruído no chão de cerâmica; só a sua respiração agitada alterava o silêncio do hospital àquela hora da madrugada.

A sua prima Amélie, Vumilia e Juana dormitavam numas poltronas de napa da sala dos médicos. Observou-as durante alguns segundos. Lutou contra o desejo de acordá-las para lhes falar do sentimento estranho que estava a dominá-la. Talvez procurasse uma explicação. Como lhe teria feito bem uma conversa com a sua psicóloga!

Como não tinha sono, visitou a tenda dos doentes de meningite. Em valores relativos, tinham perdido mais pacientes que em Masisi, e não percebia porquê. Na própria quarta-feira, seu primeiro dia de trabalho em Rutshuru, Vanderhoeven pedira ao Dr. Loseke e a Jean-Marie Fournier para iniciar quanto antes a campanha de vacinação contra a meningite. Mas as vacinas não chegavam.

Na manhã de sábado, Vumilia e sœur Amélie despediram-se e regressaram à missão, enquanto Juana, Matilde e Vanderhoeven se dirigiram para a casa da Mãos Que Curam.

Matilde tomou um banho e vestiu roupa limpa. Entrou no quarto de Juana – na casa de Rutshuru não partilhavam o quarto – e encontrou-a de camisa de noite e pronta para se meter na cama.

– Juani, volto ao hospital.

– Estás louca? Trabalhaste toda a noite. Não dormiste um minuto. Vais para lá por que carga de água?

– Juani – disse com paixão, sentando-se junto dela na beira da cama –, não consigo afastar-me de Jérôme, quero voltar para junto dele. – Juana olhou-a nos olhos, nada surpreendida. – Sabes que adoro todos os meus pacientes, mas com este miúdo passa-se uma coisa diferente.

– Que tipo de coisa?

– É uma loucura.

– Anda, diz-me. Que tipo de coisa?

– Gostaria que fosse meu filho.

– Teu e de Eliah? – Matilde baixou os olhos e assentiu, com as faces coradas. – Se é isso – pronunciou-se Juana segundos depois –, tens de voltar para junto dele. Fui vê-lo antes de acabar o turno e achei-o melhor. Já lhe devem ter tirado sangue e recolhido uma amostra de urina. Esperemos pelos resultados com fé.

– Sim, com fé – repetiu Matilde.

Por alguma razão, a cumplicidade e a aceitação de Juana serenaram-na, e também lhe proporcionaram uma alegria exultante e inexplicável, que acabou com qualquer vestígio de cansaço. Foi até à cozinha, porque de repente morria por um bom pequeno-almoço. N'Yanda e a filha, Verabey, as mulheres que trabalhavam na casa da Mãos Que Curam desde que a organização se instalara no Congo em 1981, arrumavam as frutas e os legumes que tinham acabado de comprar no mercado de Rutshuru. Verabey sorriu-lhe, como de costume, e deu-lhe os bons-dias em francês. N'Yanda, pelo contrário, dirigiu-lhe um dos seus olhares sibilinos. Matilde tinha reparado que ela não a observava com desprezo ou ressentimento, mas com a concentração empregue para avaliar. Não se esquecia da comoção que lhe causara a intensidade dos seus olhos verdes, de um verde semelhante ao de Eliah, nem das primeiras palavras que lhe dirigira, em kinyarwanda, porque N'Yanda era uma tútsi ruandesa. Não a cumprimentara, não apertara a mão que Matilde lhe estendia, não devolvera o sorriso que lhe oferecia. Limitara-se a olhá-la profundamente nos olhos e a falar-lhe na sua língua materna. A filha, Verabey, traduziu para francês: «Vieste a esta terra procurar o que perdeste.»

– Bom dia, Verabey! Bom dia, N'Yanda! Não se importam que prepare o meu pequeno-almoço?

– Eu preparo-o, doutora Mat! – ofereceu-se Verabey, serviçal como de costume.

– Preparo-o eu – disse N'Yanda, e a sua voz grossa pareceu emudecer as próprias aves. – Tu, vai deitar o desinfetante nos tanques de água.

Para o consumo humano usava-se água mineral, que custava cinco vezes mais que num país europeu, enquanto para a higiene pessoal, lavagem da loiça e dos alimentos e para a limpeza da casa, se utilizava a água fornecida por Eau Royal, uma empresa com camiões-cisterna; a da rede há muito tempo que tinha desaparecido. Ainda que a Eau Royal garantisse que, depois de ir buscar a água ao rio Rutshuru, a submetiam a um processo de tratamento para a tornar potável, ninguém confiava e por isso deitavam comprimidos de permanganato de potássio nos tanques, que também eram pagos a peso de ouro. Matilde nunca mais deixaria a água a correr com a inconsciência com que o fazia no passado.

– Sim, mamã – respondeu a rapariga, saindo para cumprir a tarefa.

N'Yanda conhecia os gostos de Matilde, por isso trabalhou em silêncio, sem perguntar nada. Serviu-lhe o café com leite e umas torradas de pão branco com manteiga e compota de manga, que ela mesma preparava.

– Não vai dormir, doutora?

Não importava quantas vezes lhe tinha pedido que não lhe chamasse doutora. N'Yanda utilizava sempre um tratamento formal, mesmo com Auguste e Juana, embora com eles se mostrasse mais à vontade.

– Volto para o hospital. Pedirei a Ajabu que me leve.

– Não está cansada – afirmou a mulher.

– É verdade, não estou.

– O seu coração está contente.

A caminho do hospital, ia em silêncio ao lado de Ajabu, com os olhos postos na paisagem urbana. Rutshuru, embora maior, tinha uma estética semelhante à de Masisi. «Caos» era a palavra que lhe vinha à cabeça para a definir. Só a avenida principal, repleta de empresas de aluguer de táxis aéreos, estava pavimentada. Nos arredores do hospital, afastada da anarquia do centro, havia uma igreja católica cuja arquitetura humilde lhe causava simpatia.

– Ajabu, importas-te de parar um momento? Gostaria de entrar nesta igreja. Será por um momento, nada mais.

Como demonstração de respeito e antes de entrar na igreja, Matilde tirou o chapéu de palha com que se protegia do sol. O interior, igualmente humilde, com cadeiras de diversos tipos e poucas imagens, sem gente e mergulhado numa luz mortiça, apaziguou o alvoroço provocado pela chegada de Jérôme à sua vida. Inclinou-se diante da imagem da Virgem e adotou uma atitude de recolhimento. Embora tivesse de rezar por muita gente (Celia, o pai, a mãe, os seus sobrinhos, Tanguy, os pacientes de Masisi e os de Rutshuru), o seu coração obstinava-se em dois nomes: Eliah e Jérôme. Ninguém como eles fazia parte do seu próprio ser.

Quando se levantou, disposta a regressar à carrinha, parou para observar a

rapariga que, a alguns metros, tratava das jarras sob as imagens. Subjugava-a o silêncio com que trabalhava. A suavidade e a lentidão das suas mãos, que tiravam as flores velhas e colocavam as novas, exerceu um efeito hipnótico sobre ela. Gostou das flores de cores variadas, via-se que tinham sido colhidas num jardim particular – de certeza que não vinham de uma florista. Na realidade, não havia floristas nem viveiros no Congo Oriental.

A rapariga girou sobre si própria e cravou os olhos em Matilde. Sorriu-lhe com a mesma suavidade com que se movia, e Matilde devolveu-lhe o sorriso. Apesar da pouca luz, deu-se conta de que era muito bonita, de traços africanos muito marcados, embora de pele mais clara. Chamou a sua atenção o facto de ter o cabelo comprido e liso, sem caracóis. Levantou a mão e cumprimentou-a para se despedir, e a rapariga respondeu-lhe da mesma forma.

Ao chegar ao hospital, passou a correr pela receção e cumprimentou de longe, agitando o chapéu de palha, as empregadas, que olharam para ela, carrancudas. Trocou de roupa no vestiário e lavou as mãos antes de se dirigir para a sala das crianças. Avistou Jérôme da entrada, sentado na cama, de costas contra a parede e com o bracinho canalizado estendido para a frente. O seu companheiro dormia e, embora Jérôme olhasse para ele, na realidade fixava os olhos sem o ver. «Em que pensas, meu amor? Aqui estou para te fazer companhia.»

– Olá, Jérô.

Concentrado como estava, não tinha reparado que Matilde se aproximara, nem sequer se apercebera do alvoroço que a presença da médica causara nas outras crianças, que lhe pediam que lhes contasse histórias. Ao vê-la diante dele, Jérôme exibiu um sorriso que transtornou Matilde; os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e por alguns segundos sentiu-se incapaz de falar.

– Disseram-me que se tinha ido embora e que não voltaria hoje. Nem amanhã.

– Já vê – disse, pigarreando –, aqui estou, para te fazer companhia.

– Vai ficar todo o dia connosco, doutora Mat? – perguntou Dadou, uma menina a quem tinham extraído uma bala da coxa e que falava francês.

– Oui.

– Viva! – exclamaram vários em uníssono depois de Dadou e outros terem traduzido para suaíli e para outras línguas.

O entusiasmo acordou o companheiro de Jérôme. Matilde pôs-se de pé, ciciou e pediu-lhes, agitando as mãos, que se calassem.

– Silêncio – pediu num sussurro –, ou Udmila e Danielle expulsam-me daqui.

A ideia provocou-lhes o riso, mas taparam a boca para não contrariar a ordem. Matilde voltou-se para Jérôme e adorou aquela carinha – alguém a tinha limpo – de expressão curiosa, e os seus olhos muito abertos e a boquinha de lábios cheios que

não se decidia por um sorriso. Sentou-se ao seu lado e examinou o cateter.

– Dói-te? – O menino negou, abanando a cabeça. – Não tens febre – afirmou, com a mão na testa. – Mostra-me a ferida da perna.

A ligadura tinha sido mudada e a pele em volta não revelava inchaço nem vermelhidão. Matilde consultou o report de enfermagem que pendia aos pés da cama e viu que, embora Juana tivesse prescrito a antitetânica, ainda não a tinham administrado.

– Como te magoaste na perna?

– Com um ramo afiado.

– Onde?

– No monte.

– O que fazias no monte? – Apercebeu-se de que ele hesitava; por instantes julgou que lhe contaria a sua experiência. – Está bem, não digas nada. Um dia, quando quiseres, dir-me-ás o que aconteceu. Tomaste o pequeno-almoço? – O menino assentiu. – Estás bem? Precisas de alguma coisa?

– Quero ver a minha mamã.

Debateu-se entre continuar a mentir-lhe ou dizer-lhe a verdade. De um ponto de vista racional, não lhe competia a si, mas a Amélie, comunicar-lhe que a mãe tinha morrido. Porém, não suportava a ideia de que outro o consolasse. Sentia que Jérôme lhe pertencia e ela queria encarregar-se da sua dor. Sentou-se na cama e pegou-lhe nas mãos. Olharam-se nos olhos.

– Riqueza, tu sabes, porque és muito inteligente, que ontem à noite, quando chegou ao hospital, a tua mamã estava muito doente. Sabes, não é verdade? – A resposta, um sim que pareceu um suspiro, cravou-se-lhe no coração. – Estava muito fraca, coitadinha, e lutou muito, muito, mas no fim já não tinha forças e deixou que um anjo a levasse para junto de Deus e da tua irmãzinha.

Matilde ficou imóvel, com o olhar fixo no de Jérôme, vendo como as lágrimas paravam, caindo segundos depois pelas suas bochechas.

– A minha mamã morreu?

– Sim, meu amor. Ontem à noite. Está no céu com a tua irmãzinha.

– E com o meu papá – disse, sentando-se de lado, com a cara para a parede.

Matilde admirou-se que não tivesse desatado num pranto ruidoso. Começava a entrever o carácter forte e orgulhoso do seu menino. «Meu menino», repetiu. Que sofria uma dor que teria feito um adulto perder o juízo, a perda em poucos dias de toda a sua família. Assolada pela impotência, esforçou-se por recordar o que tinha sentido quando a avó Celia a informou que o seu pai não voltaria, que passaria anos na prisão. A sensação voltou com realismo, uma dor que era amargura e pânico, pelo

que as lágrimas correram sem contenção. As crianças amontoavam-se em volta deles e observavam-na com a desenvoltura própria da sua natureza sincera. «Naquele instante», lembrou-se, «receei sobretudo a solidão. Aterrorizava-me a ideia de ficar só.» Inclinou-se sobre o ouvido de Jérôme e, enquanto lhe acariciava o braço, sussurrou-lhe:

– Jérôme, meu amor, não tenhas medo. Eu estou aqui e nunca te hei de abandonar.
– As palavras, sem fundamento, talvez promessas vãs, não lhe saíam da mente mas do coração. – Nunca te hei de deixar. Nunca. Prometo-te.

Jérôme girou sobre si próprio, passou os braços, com soro e tudo, pelo pescoço de Matilde e mergulhou a cara no seu peito. Matilde apertou-o delicadamente. A sua parte racional dizia-lhe que cometia um erro ao envolver-se com um paciente, que não sabia nada acerca daquela criança, que talvez tivesse avó, tios ou outros parentes que o reclamariam. Permitiu-lhe chorar durante alguns minutos. Os vizinhos de camas próximas sentaram-se à volta deles, alguns esticavam os bracinhos e, com os olhos cravados na doutora Mat, acariciavam a cabeça de Jérôme; faziam-no de uma forma desajeitada, mas sem ser brusca. Matilde tinha visto, mesmo em Masisi, essa forma peculiar dos congoleses transmitirem afeto, com carícias na cabeça, de mão bem aberta e dedos esticados; até os adultos as utilizavam e, enquanto o faziam, olhavam para outro lado.

Matilde começou a cantarolar Manuelita, a tartaruga porque a sabia de cor. Lembrou-se de uma canção em francês que lhe tinham ensinado na Academia Argüello, Alouette, gentille alouette, e cantou-a sem respeitar a ordem das estrofes porque se tinha esquecido; repetia sempre as mesmas. «Alouette, gentille alouette. Alouette, je te plumerai. Je te plumerai la tête. Je te plumerai la tête. Et la tête. Et la tête. Alouette. Alouette.» A letra, que contava como uma pessoa desplumava uma cotovia, zona por zona, fazia rir as crianças que sabiam francês e que, por sua vez, traduziam para as outras línguas.

– Ensina-nos a cantá-la, doutora Mat! – pediu Dadou.

– Só se prometerem fazê-lo em voz baixa. Isto é um hospital, não se pode fazer barulho.

– Sim, sim, prometemos – garantiu Dadou, lançando ao mesmo tempo olhares de advertência aos companheiros.

Pouco depois cantavam de uma forma bastante coordenada. As enfermeiras, em vez de reprimirem a ousadia da doutora Mat e das crianças, juntaram-se ao coro. Os congoleses, tal como a maior parte dos povos subsarianos, adoram a música e a dança e, à mínima oportunidade que se apresenta, às vezes mesmo sem justificação, dançam e cantam batendo as palmas e agitando os pés.

Jérôme, sentado ao colo de Matilde como um bebé, já não chorava e, ainda que não se juntasse ao coro, seguia com atenção a letra da canção. A enfermeira Udmila

propôs que cantassem Frère Jacques. Matilde calou-se porque lhe pareceu que Jérôme a cantarolava. Baixou os olhos e ficou a vê-lo. O menino quase não mexia os lábios. Matilde beijou-o na cara e Jérôme voltou a cabeça para olhar para ela. Um sorriso tímido despontou na comissura dos seus lábios em forma de coração. Era tão bonito! Sentiu orgulho e emoção face ao seu olhar inteligente de olhos quase redondos, embelezados por umas pestanas curtas, espessas e tão curvadas que formavam um caracol. O nariz parecia um botão, com as narinas muito abertas para os lados e as orelhas pequenas e perfeitamente desenhadas colavam-se ao crânio.

Às canções seguiram-se as histórias. A rotina da sala das crianças tinha sido totalmente alterada com a presença da doutora Mat. No entanto, Udmila e Danielle não se queixavam, davam injeções e medicamentos enquanto as crianças rodeavam a médica e ouviam as suas histórias.

- Já deram a antitetânica a Jérôme? – perguntou, sabendo que não o tinham feito.
- Acabaram ontem à tarde, doutora – informou Danielle.
- Nem sequer há gamaglobulina?

Danielle abanou a cabeça, negando. Matilde sofreu um momento de angústia. Queria que vacinassem Jérôme quanto antes. Como se aproximava a hora do descanso posterior ao almoço, obrigou-os a deitar-se. Já com a certeza de que Jérôme dormia, afastou-se com passos ansiosos na direção do Serviço de Farmácia, onde lhe confirmaram a falta da vacina antitetânica e de outros medicamentos. Correu para a sala onde estava o rádio e pediu ao operador que lhe ligasse para o Dr. Jean-Marie Fournier, no hospital Bon Marché, em Bunia, uma cidade da Província Oriental. Minutos depois ouviu a voz de Fournier, que se admirou ao sabê-la no hospital a um sábado, depois de ter passado a noite de sexta-feira de serviço.

- Jean-Marie, ficámos sem antitetânica e sem gamaglobulina.

– Também não as há em Masisi ou em Goma – admitiu o médico. – O pedido chegou a Kinshasa, mas, por causa dos rebeldes, o transporte está com problemas em aceder à zona oriental. Abateram uma avioneta da Cruz Vermelha e impediram que um camião da MQC avançasse por essa rota.

Matilde sentiu uma rajada de ódio contra aqueles homens, qualquer que fosse a sua facção, que impediam o transporte de medicamentos. Incomodou-a desejar que Eliah e os seus homens os arrasassem quando uma das razões da rutura tinha sido a sua posição, contrária a qualquer forma de violência, e a profissão de mercenário de Al-Saud.

- É urgente! – alterou-se. – Sem a antitetânica, o Serviço de Cirurgia está parado.
- Eu sei, eu sei. Comunicarei com Bukavu. Talvez eles nos possam enviar algumas doses para atenuar a situação. Falarei com o professor Gustafsson.

Uma barça da Cruz Vermelha, que atravessou o lago Kivu a partir de Bukavu,

chegou no sábado à noite a Goma com duas caixas de medicamentos. No domingo de manhã, uma escolta arrancaria para levar uma parte até ao hospital de Rutshuru. Matilde não sossegaria até Jérôme receber a vacina e a gamaglobulina, e rogava para que não se cortasse a cadeia de frio dos medicamentos.

Ficou até anoitecer e as crianças jantarem. Ajudou as enfermeiras do turno da noite a lavá-las, a metê-las na cama e a cobri-las com os tules mosquiteiros. De cócoras, junto da cama de Jérôme, afastou um pouco o tecido e ficou a olhar para ele. Ele também olhava para ela fixamente e nenhum deles se sentiu incomodado naquele silêncio de olhares intensos.

– Se continuares tão bem como hoje, amanhã peço que te tirem o soro.

– Agora vai-se embora?

– Gostaria que me tratasses por tu, Jérôme. Sim, agora vou descansar. Amanhã bem cedo estarei novamente aqui.

– Conta-nos mais histórias?

Embora Matilde tivesse esgotado o seu reportório, garantiu-lhe que sim. Jérôme esticou o braço e agarrou-lhe numa trança. Matilde dera-se conta de que, ao longo do dia, ele lhe tocava no cabelo quando a julgava distraída. Jérôme soltou a trança imediatamente, envergonhado com a sua audácia. Matilde, sorrindo, agarrou na trança e, com a ponta, como se fosse um espanador, fez-lhe cócegas no nariz. Jérôme riu-se, a primeira risada que dava. Continuou a acariciá-lo com o cabelo, na testa, nas faces, nas pálpebras, obrigando-o a fechar os olhos, e nas bochechas, até o menino ter adormecido. Beijou-o, fechou o tule e foi-se embora.

A noite de turno e o dia esgotante começaram a minar a sua força. Tinha os músculos entumecidos e doía-lhe a cabeça. No entanto, estava feliz. Ao entrar em casa, viu Auguste na cadeira de baloiço da galeria que circundava a casa, protegida por mosquiteiros. Observou-lhe o perfil de nariz comprido e reto, os lábios estreitos e o ar carrancudo. Estava a beber vinho de palma, uma bebida alcoólica típica das zonas tropicais de África, de cor esbranquiçada, que N'Yanda preparava a partir da fermentação da seiva das palmeiras.

– Olá, Auguste.

Vanderhoeven voltou a cabeça e dirigiu-lhe um sorriso forçado e irónico.

– Voltaste – disse, num tom de voz que Matilde não soube qualificar se alegre ou agressivo.

Sentou-se junto da cadeira de baloiço e contemplou a escuridão que cobria o jardim, bem cuidado por N'Yanda e Verabey.

– Passa-se alguma coisa?

– Nada – garantiu Auguste, incapaz de dizer que ficara dececionado ao saber que

ela estava no hospital cuidando de uma criança em particular; envergonhava-o confessar-lhe que os ciúmes lhe tinham amargurado a tarde.

– Vejo-te preocupado. Queres conversar?

Vanderhoeven voltou-se para ela. «Está morta de cansaço», disse para consigo, vendo-lhe as olheiras e as tranças meio desfeitas. No entanto, preocupava-se com ele e estava disposta a conversar. Conhecer Matilde tivera um profundo impacto em Auguste, que começava a reavaliar as prioridades da sua vida profissional e pessoal.

– Matilde – pigarreou para eliminar os vestígios de emoção na voz –, porque voltaste ao hospital? Porque não ficaste a descansar? Trabalhaste duramente ontem à noite. Precisas de descansar para teres um bom rendimento na sala de operações.

– Voltei por causa do menino que a Amélie trouxe. Perdeu toda a família e está tão sozinho... Tive muita pena, por isso voltei hoje, para estar com ele.

Vanderhoeven estendeu a mão e passou os dedos pela face de Matilde. Nas horas em que a observava, interrogava-se como seria a sua pele ao tato. «Como a de um bebé», admirou-se. Apesar do sol abrasador do Congo, Matilde continuava tão branca como durante o inverno parisiense. Protegia-se com um chapéu e resguardos solares. Contudo, as sardas que lhe pintalgavam o nariz tinham ficado mais escuras.

Matilde afastou a cara com delicadeza e baixou os olhos.

– Sinto muito – murmurou Auguste. – Deve ser o vinho de palma, que me está a subir à cabeça.

– Está bem.

Vanderhoeven adivinhou a intenção de Matilde de continuar o seu caminho até casa e tentou retê-la com uma pergunta banal.

– Como está o teu paciente dileto, o menino que Amélie trouxe ontem à noite?

– Chama-se Jérôme e está bem, dentro do possível. Esta manhã disse-lhe que a mãe tinha morrido.

– Como reagiu?

– Com muita força. É um menino muito corajoso.

– Afeiçoaste-te a ele – afirmou Vanderhoeven, bebendo outro gole de vinho antes de perguntar: – Gostarias de ter filhos, Matilde?

A pergunta incomodou-a, não porque lhe recordasse a sua condição de mulher estéril – não decorria um dia sem que a evocasse –, mas porque, depois de trabalhar três semanas com Auguste, nunca abordaram assuntos íntimos.

– Não – respondeu. – E tu?

– Não, de todo. Conheço demasiado bem a realidade mundial para querer trazer um filho para este planeta de loucos. Seria um ato irresponsável, não achas?

– Talvez.

Auguste observou-a, tenso. Apercebera-se de que, nas últimas semanas, agia de forma a ganhar a admiração dela, não só na sala de operações, exibindo a sua habilidade de cirurgião, mas como pessoa e, sobretudo, como homem. Talvez por isso, no dia anterior, enquanto comiam à pressa uma sanduíche, se tivesse gabado de ser bom em desportos radicais. Em vão, porque ela não ficara impressionada. A lembrança, que o humilhava, despertou o seu lado irascível, que o vinho de palma acirrou. Ergueu-se com um movimento rápido, como se de repente tivesse recuperado a sobriedade. Matilde afogou uma exclamação quando a agarrou pelos ombros e cravou os olhos nela.

– Matilde – disse em voz baixa e com um timbre aborrecido.

Ficaram calados e tensos, com os olhares presos e as mãos de Vanderhoeven nos ombros de Matilde. Ela apercebeu-se do instante em que ele, com um movimento impercetível, se inclinou para a frente e, com uma pressão subtil, a empurrou até aos seus lábios. Estava cansada e sentia-se suja. Queria tomar um banho e ir para a cama. No entanto, deixou-o avançar. Um momento antes de os seus lábios se roçarem, pensou: «Diz que não quer ter filhos.»

Vanderhoeven regozijou-se com o primeiro contacto, que lhe provocou uma efervescência no estômago, evocadora dos beijos da adolescência. Prosseguiu com cuidado, porque sentia a resistência de Matilde e a indecisão da sua boca. Amava-a, amara-a desde os primeiros encontros em Paris. Queria-a para percorrer o mundo com a Mãos Que Curam, e queria-a, depois, para envelhecer com ela. Nunca uma mulher, nos seus trinta e nove anos, lhe inspirara esse pensamento. Sim, tinha tido namoradas e amantes ocasionais. Porém, nenhuma o fizera pensar em casamento, uma instituição que, antes de Matilde, afirmava não respeitar. Passou-lhe as mãos pelos braços até chegar à sua cintura estreita e aprofundou o beijo. Sabia que Matilde acabara de terminar uma relação com o homem moreno do Aston Martin, o tipo de corpo atlético e pinta de playboy. Sabia que não se entregaria a outro tão depressa. Teria paciência.

Matilde disse para consigo: «Não sinto nada, tal como com Roy.» Nunca um beijo de Eliah a deixara indiferente. Pelo contrário, quando as suas bocas se tocavam e as suas línguas se acariciavam, o efeito era devastador, quase violento. Não queria fingir com Auguste, ele não o merecia. Por mais que encarnasse o homem perfeito para ela – comprometido com a medicina, dedicado aos mais fracos e miseráveis do mundo e decidido a não ter filhos –, não começaria uma relação sem o amar. A experiência com Roy serviu-lhe de amostra e de lição. Na realidade, nunca amaria outro homem porque o amor que sentia por Eliah Al-Saud era como um vírus que lhe corria pelo sangue e para o qual não descobria cura. Interrompeu o beijo e falou voltando a cara.

– Não, Auguste, por favor. Não estraguemos a nossa amizade iniciando uma relação deste tipo. É um erro. Complicaria as coisas, o trabalho... Não, por favor.

Levantou-se e afastou-se em direção à entrada da casa. Nem ela nem Vanderhoeven se deram conta de que, do maco de hibiscos, Amburgo Ferro, equipado com uma máquina fotográfica com visão noturna, daquelas que tiram fotografias com uma tonalidade esverdeada, carregava no disparador repetidamente para captar cada etapa do beijo, enquanto resmungava em italiano: «Isto não vai agradar nem um bocadinho ao chefe.»

No domingo de manhã, Matilde compareceu às nove no Serviço de Pediatria para falar com a médica de serviço, uma norte-americana, contratada pelo governo congolês.

– Hoje, logo de manhã, examinei-o conscienciosamente e não encontrei sinais de abuso sexual. – Matilde sorriu, aliviada. – Mandei tirar o soro porque já está hidratado, com bons níveis de diurese. Medí-o e pesei-o. Os parâmetros são normais para um munyamulenge.

– Assusta-me a sua magreza.

– Eles são assim, altíssimos e de uma magreza evidente. Auscultei-o – prosseguiu a pediatra norte-americana. – Está tudo bem. Os sinais vitais são ótimos.

– Temos algum resultado do laboratório? Ontem fizeram-lhe análises de sangue e de urina.

– Até agora, revelam valores normais. – A alegria de Matilde expandia-se pelo seu corpo como um formigueiro. – Já sabes que para o VIH temos de esperar dez dias. Não encontrei indícios da doença do sono. Este menino congolês tão saudável é um achado.

– Sim, é. Não chegaram as vacinas antitetânicas?

– Ainda não. Assim que chegarem, pedirei a Zakia que o inocule.

– Obrigada, Christine.

A alegria de Matilde desfez-se ao entrar na sala e ver que Jérôme chorava. Era um choro de partir o coração, com ele sentado a meio da cama, mordendo o punho para se controlar, olhando para as crianças à sua volta, que não lhe prestavam atenção.

– Jérô, querido! – Abraçou-o e sentiu imediatamente o desespero com que se agarrou a ela. – Diz-me meu amor, o que se passa?

O menino não respondeu imediatamente. Matilde embalou-o e cantarolou Alouette, gentile alouette com os lábios na sua testa. Finalmente, Jérôme ergueu o rosto e procurou-a com a desolação nos olhos.

– Tenho muitas saudades do meu papá e da minha mamã – confessou-lhe, entre espasmos e soluços. – Não quero que estejam no céu. Quero que venham buscar-me.

A carinha de Jérôme transformou-se numa imagem turva. A garganta apertou-se-lhe e a sua respiração tornou-se profunda e rápida. «Daria a minha vida para que os

teus pais ressuscitassem, Jérôme.»

– Eu sei, meu amor – disse, secando-lhe as lágrimas com o lenço de Eliah. – Sei as muitas saudades que tens do teu papá e da tua mamã, mas vou contar-te um segredo. Enquanto os teus olhinhos estão cheios de lágrimas porque achas que eles partiram e nunca mais voltarão, o teu papá e a tua mamã estão aqui, perto de nós, olhando-nos com muito amor. Não te sintas sozinho, Jérô. Eles nunca te vão abandonar, mesmo que não os vejas.

– E tu, Matilde?

Era a primeira vez que a tratava pelo nome de uma forma espontânea. Lembrou-se da vez em que, durante a viagem Buenos Aires-Paris, Eliah a interceptara no corredor do avião e lhe exigira: «Quero ouvir-te dizer o meu nome. Diz Eliah.»

– Eu também não, Jérô. Não vim ontem e hoje? – O menino assentiu. – Hoje é o meu dia livre. Não precisava de estar aqui e, no entanto, aqui me tens porque tu estás aqui e eu quero estar contigo.

– Eu também quero estar contigo, Matilde.

– Gostavas de ir até à galeria? Choveu de madrugada e está um cheiro excelente a terra molhada.

Ao contrário da maior parte das crianças, que andavam descalças, Jérôme tinha chegado com uns ténis velhos que usava sem meias. Matilde ajudou-o a calçá-los e espantou-se com a rapidez e com a coordenação com que apertou os atacadores, mais um indício de que a doença do sono não corria pelas suas veias, pelo menos na segunda fase, quando ataca o sistema nervoso central. A primeira era de difícil diagnóstico e podia confundir-se com uma gripe.

Passaram um dia agradável. Vivia-se um ambiente descontraído no hospital, um oásis a meio do inferno que significava estar no coração do conflito. Ainda que ao princípio as deixasse aterrorizadas, Matilde e Juana habituaram-se, pouco a pouco, a ouvir tiros e explosões. Nunca tinham deparado com um grupo rebelde, menos ainda com uma escaramuça, embora tivessem de tratar das vítimas. Cumpriam à risca as regras da Mãos Que Curam e não se aventuravam fora de casa ou do hospital.

– Os rebeldes não são tontos – garantira-lhes Ajabu. – Não bombardearão o hospital porque sabem que é o único na zona e que também precisam dele.

Matilde não tinha tanta certeza. Se era verdade que muitos agiam sob os efeitos de alucinogénios, quem poderia dar garantias sobre o seu comportamento? Preferia não insistir nesses pensamentos e tentar esquecer-se da guerra que existia lá fora, caso contrário não conseguiria levar o seu trabalho por diante.

Nesse domingo, depois do meio-dia, chegaram de Goma as vacinas antitetânicas e a gamaglobulina, e Zakia vacinou Jérôme, que recebeu as duas picadas com estoicismo. À tarde, Vanderhoeven surpreendeu-a aparecendo no hospital. Encontrou-a

sentada num banco da galeria, contando histórias às crianças que estavam em condições de sair da cama e de apanhar um pouco de sol. Um negrinho, cujos olhos enormes e escuros chamaram a sua atenção, estava sentado ao colo de Matilde e olhava para ela com devoção.

– Então este é que é o Jérôme – disse, estendendo a mão na direção do menino, que lhe deu uma olhadela desconfiada e não respondeu ao cumprimento.

– Jérô, ele é meu amigo, é o doutor Auguste. – O menino estendeu a mão e Vanderhoeven apertou-a com presteza. – Senta-te, Auguste – convidou-o, sem olhar para ele nos olhos. – Chamaram-te por alguma urgência?

– Não. Dei o dia livre a Ajabu. Vim buscar-te.

Matilde ergueu os olhos e ficou sem respiração diante da beleza do azul dos olhos dele, que cintilavam com reflexos dourados em volta da íris. Vanderhoeven era atraente, sem dúvida. Viu as horas, sobretudo para quebrar o contacto visual.

– Jérôme, hoje saio mais cedo. Não ponhas essa cara, meu amor. Vou porque pedirei a Auguste que me leve ao mercado para te comprar roupa e outras coisas de que necessitas. Amanhã trago-te muitos presentes.

Na carrinha, assim que saíram do terreno do hospital, Vanderhoeven manifestou-se:

– Não debes afeiçoar-te a esse miúdo.

– Quero adotá-lo – retorquiu Matilde e ela própria se admirou com a declaração porque, embora o seu coração o desejasse desde o início, a sua mente recusava-se a abordar o assunto. Aborreceu-a Vanderhoeven ter-se rido com benevolência.

– Porque te ris?

– Porque me fazes lembrar eu próprio nos meus primeiros anos da MQC. Queria adotar e salvar todas as crianças que me caíam nas mãos. Pouco a pouco, vais-te desiludindo e aprendes a conviver com a realidade de não poderes salvá-las a todas.

Matilde não respondeu. Ela queria salvar todos os seus pacientes, um laço de profundo carinho unia-os. No entanto, com Jérôme era diferente porque se sentia sua mãe. Não conseguia explicar, só sabia que o amor que aquele menino lhe inspirava era o que ela teria sentido por um filho das suas entranhas.

No mercado, um ajuntamento ruidoso de vendedores ambulantes, podiam comprar desde cabras e galinhas até loções para clarear a pele. Ainda que não tivesse recebido o salário da Mãos Que Curam, restavam-lhe as poupanças que levava para Paris – viver com Eliah, sem gastos e com motorista à disposição, ajudara a mantê-las. Para Jérôme comprou calças, camisolas de algodão, camisas, ténis, meias, cuecas, sem ter em grande consideração a qualidade e o bom gosto, e também um cinto de cabedal ecológico, duas escovas de dentes, pasta de dentes e sabonetes. Como oferta especial levar-lhe-ia cadernos, canetas, um lápis e uma borracha com a forma e o aroma do

chocolate. Vanderhoeven ganhou um sorriso quando lhe comprou uma pequena bola de futebol, pela qual pagou um preço exorbitante. «Os congoleses adoram futebol», esclareceu-a. Por fim e cedendo à tentação, comprou-lhe uma caixa de bombons suíços, que custaram quase o mesmo que o guarda-roupa, e um saco com bolachas de sagu, porque o tinha visto comer com fruição as que Dado lhe tinha oferecido. Regozijava-se antecipadamente ao imaginar a expressão de Jérôme diante de tantos sacos e pacotes.

Caía o sol quando empreenderam o regresso pelo caminho sem asfalto que os levava à casa da Mãos Que Curam. Regressavam em silêncio, invadidos de súbito por uma incomodidade nascida do beijo partilhado na noite anterior, apesar de Auguste não ter tentado tocar-lhe nem se tivesse mostrado sedutor, mas amistoso.

– Merde! – vociferou Vanderhoeven, carregando no travão com tanta violência que Matilde saltou no assento; o cinto de segurança salvou-a de acabar com a cabeça no para-brisas.

Um grupo de rebeldes, a avaliar pelas armas que exibiam à luz ténue do entardecer, saltaram da frondosidade do monte para a estrada e bloquearam-na. Apontavam as suas AK-47 e as suas pistolas para o Land Rover branco, onde o logótipo fluorescente da Mãos Que Curam continuava visível, mesmo na escuridão.

Matilde ouvira falar das emboscadas frequentes. Os rebeldes, de qualquer grupo, mesmo os soldados do exército regular, cujos salários raras vezes chegavam à região oriental, assolavam os caminhos para se apoderarem de dinheiro, veículos, combustível e tudo o que conseguissem saquear.

Vanderhoeven amaldiçoou a sua sorte. Não receava por ele mas por Matilde. Aqueles rebeldes não deixariam de aproveitar a oportunidade de se divertirem com uma mulher branca, de uma beleza arrebatadora e inacreditável naquelas latitudes. Não sabia o que fazer, como agir. Carregou no comando para abrir a janela, trancando ao mesmo tempo as portas. Agitou um lenço branco e gritou em francês:

– Ei, amigos! Somos médicos da Mãos Que Curam! – Repetiu o mesmo em suaíli, uma língua muito falada no Congo, independentemente das etnias. – Têm algum ferido? Precisam da nossa ajuda?

Responderam-lhe com um tiro que atravessou o para-brisas e partiu o espelho retrovisor. Matilde deu um grito e ficou estática, com os olhos cravados nos atacantes. Não se apercebeu de que Vanderhoeven lhe desapertava o cinto de segurança. Reagiu quando o sentiu em cima. Uma descarga atingiu a carrinha.

– O que querem? – choramingou Matilde, com a cara mergulhada no assento. – Porque atiram sobre nós?

– Acho que são interahamwes. Os de Nkunda vestem uniformes verdes e botas pretas. Estes têm o aspeto daquelas bestas dos hutus.

– Meu Deus, Auguste...

– Que nem te passe pela cabeça levantes-te. Anda, deita-te no chão. Farei marcha-atrás e tentarei fugir.

Não conseguiu. As balas tinham perfurado os pneus e o Land Rover não respondia às ordens do volante. Um tiro afetou o sistema elétrico da carrinha e o motor foi-se abaixo de repente, acabando de frustrar a esperança de uma fuga. Mesmo com o ruído dos disparos, ouviram um veículo que se aproximava a toda a velocidade.

Derek Byrne, ao volante de um Jeep Grand Cherokee, atravessou-o diante do Land Rover branco e travou a fundo. Os pneus chiaram sobre o cascalho. Amburgo Ferro saltou para fora e os dois, entrincheirados atrás das portas do veículo, esvaziaram os carregadores das suas Browning High Power e Magnum Desert Eagle. Byrne acabou com um interahamwe que se preparava para disparar um lança-granadas RPG-7. Depois disso, deu-se a debandada. Alguns voltaram para o monte pelo lado direito do caminho, outros saltaram para o mato do lado esquerdo. Ficaram três cadáveres na estrada.

– Cobre-me – pediu Byrne. – Vou ver a mulher do chefe.

Correu com o corpo dobrado e em ziguezague não fosse algum rebelde decidir reiniciar o ataque a partir do bosque. A carrinha branca tinha ficado em péssimo estado, com buracos de bala na grelha, no capô e no para-brisas, e os pneus furados. «Malditos pretos filhos da puta», resmungou. Se tivesse acontecido alguma coisa à doutora, o chefe arrancar-lhes-ia os tomates. Espreitou pela janela do lado do acompanhante e deu um suspiro ao vê-la viva, encolhida no chão, sob o porta-luvas.

– Está bem? – perguntou em inglês, abrindo a porta.

– Sim. Acho... acho que sim. – Matilde, sem pensar, aceitou a mão que lhe estendia aquele estranho que empunhava uma pistola enorme.

– Tem a certeza? Não tem nenhuma ferida?

– Não, não – murmurou Matilde, apalpando-se.

– Thank you! – exclamou Vanderhoeven, que acabava de sair da carrinha pelo lado de Matilde. – Não sei o que teríamos feito se não tivessem aparecido.

– A si matavam-no – replicou Byrne com maus modos. – À menina esperava-a um destino pior.

As palavras do desconhecido abalaram-na e, por mais que tentasse reprimi-lo, um soluço escapou entre os seus lábios fechados. Vanderhoeven passou-lhe o braço pelos ombros e puxou-a para si.

– Vamos! – apressou-os Byrne. – Temos de sair daqui. Não sabemos se continuam escondidos no monte ou se foram buscar reforços.

– Não podemos ir embora e deixar estes três homens feridos na estrada. Somos médicos!

Byrne dirigiu-lhe um olhar entre irritado e colérico.

– Será um médico morto se insistir em agir sem qualquer bom senso. A sua responsabilidade agora é pôr a menina a salvo. Vamos! Levamo-los no nosso jipe.

– Os presentes de Jérô!

Amburgo Ferro encarregou-se de trazer os sacos e os embrulhos do Land Rover, enquanto Byrne ajudava Matilde, que tremia e choramingava, a entrar no Grand Cherokee. Vanderhoeven viu as letras TV nas portas.

– Para onde vos levamos? – perguntou Ferro, e Auguste indicou-lhe o caminho.

– Esta é a minha quinta vez no Congo e é a primeira que me acontece uma coisa destas.

– Então, teve sorte – respondeu Byrne. – No caso de não saber, esta zona é disputada pelo menos por quatro fações. Não é sítio para dois namorados andarem a passear.

– Não somos namorados – disse Matilde com firmeza, já esquecida da sua atitude medrosa. – Somos médicos da Mãos Que Curam e voltávamos do hospital.

– Aqui está a haver uma guerra, menina – disse Byrne. – As coisas em Kinshasa estão em brasa e os diplomatas não estão a fazer muito bem o seu trabalho. É preciso dizer que o presidente Kabila também não lhes facilita as coisas. Os exércitos ruandeses e ugandeses preparam-se para invadir o Congo Oriental de um momento para o outro. Seria melhor regressarem aos vossos países.

Como acontecia com frequência desde que pisava solo congolês, Matilde lembrou-se de um aviso semelhante, um aviso de Eliah, e da fúria que lhe tinha suscitado. Neste momento, depois de ter visto a morte de perto, não a invadiam a mesma determinação nem o mesmo arrojo exibidos na segurança do apartamento da rua Toulhier. Pensou em Jérôme e embargou-a uma emoção que raiava um regozijo absurdo, dadas as circunstâncias. Nunca o abandonaria neste inferno. Não sairia do Congo sem ele.

Os jornalistas levaram-nos até à casa da Mãos Que Curam e despediram-se de uma forma lacónica, pouco à vontade com as palavras de agradecimento de Matilde e de Auguste, que, tarde de mais, se aperceberam de que não lhes tinham perguntado pelos nomes ou a que agência noticiosa pertenciam. Os empregados da casa, juntamente com Juana e Julia, ouviram com expressões alteradas a relação dos factos, à exceção de N'Yanda que, com a parcimónia habitual, insinuou:

– Você, doutora, está muito protegida.

– Protegida? – Matilde esboçou um sorriso. – Por quem? – Nesse instante lembrou-se de que a Medalha Milagrosa não a acompanhava e invadiu-a um medo supersticioso.

– Pela força do amor – afirmou a mulher, regressando à cozinha para acabar de fazer o jantar.

– Tenho de ir buscar a carrinha ou amanhã não encontraremos nem um parafuso.

– É demasiado perigoso, Ajabu – disse Vanderhoeven. – Os rebeldes ainda podem estar aí.

– Pedirei ao meu compadre, o dono da oficina de automóveis, que me leve com a grua. Os interahamwes têm medo da noite. Não se aventurarão, agora que não há sol.

Mais tarde, já na cama, confortável e limpa, Matilde observava a lua cheia que se avistava atrás do tule do mosquitoireiro. Nessa noite, parecia mais perto da Terra. Tinha sido um dia de loucos, pensou, durante o qual sentira, experimentara e vivera com intensidade. Também pensara em Eliah; pensava sempre nele. Nesse dia sentira especialmente a sua falta. Primeiro, enquanto estava com Jérôme, depois, durante o ataque dos rebeldes, desejara que fosse o corpo do seu amado a cobri-la e não o de Auguste. Passou a mão pela abertura do mosquitoireiro, acendeu a luz da mesa de cabeceira e pegou no livro que tanto significado tivera em Paris: O Jardim Perfumado. Virou as folhas, releu parágrafos e apreciou as ilustrações eróticas com a felicidade serena de quem folheia o álbum de fotografias de uma época feliz, até ser assaltada por imagens, sons, mesmo aromas, das cópulas apaixonadas partilhadas com Eliah, e a vontade evocadora esfumou-se transformando-se numa excitação que a obrigou a enfiar as mãos sob a camisa de noite, uma para acariciar os seios e a outra para estimular o clítoris da mesma forma que Eliah o fizera tantas vezes. Na realidade, eram os dedos dele que o faziam crescer e palpitar, era a sua língua que saboreava e humedecia os mamilos, era o perfume dele que ela sentia, o A Men misturado com o cheiro a sexo que as partes íntimas segregavam. Sussurrou o nome dele na quietude do quarto e ouviu-o dizer o dela antes de o orgasmo lhe encher a vista de clarões verdes.

No dia seguinte, Ajabu levou-os ao hospital na carrinha do compadre. Encontraram-se com soeur Amélie e com outra religiosa, Annonciation. Traziam duas caixas de madeira, uma para Alizée e outra, pequena, para Aloïs, construídas por um munyamulenge que vivia na missão.

– Ontem à noite – explicou Amélie –, ligaram-nos via rádio do hospital para nos dizerem que dariam alta a Jérôme. Falei com o padre Jean-Bosco, o pároco da igreja que fica aqui perto, a do Sagrado Coração...

– Sim, no sábado entrei lá por instantes – comentou Matilde.

– O padre Jean-Bosco encarregar-se-á das formalidades legais para o levarmos para o orfanato da missão e para que fique sob a minha tutela.

– Nesse caso, Jérôme não tem ninguém? – interessou-se Juana.

– Não, que eu saiba. Estive a conversar com ele há pouco e garante-me que os avós, maternos e paternos, morreram e que ele não conhece os tios, que estão na

Europa.

– Seria preciso localizá-los – disse Matilde, levada pela obrigação e não por um desejo sincero.

– Sim, tentaremos, mas muitos congoleses vão à aventura para a Europa e nunca mais se volta a saber deles. Neste momento, não tenho a quem perguntar pelos familiares de Alizée e de Oscar, o pai de Jérôme, porque a aldeia, depois do ataque, ficou deserta.

– Entre sábado e domingo estivemos a fazer averiguações. Há mais ou menos um mês, uma brigada interahamwe atacou a aldeia da família de Jérôme e não deixaram nada de pé. Uns missionários franciscanos encarregaram-se de enterrar os cadáveres, entre os quais estava o de Oscar Kashala, o pai de Jérôme, e de fazer a denúncia. Oscar era muito conhecido na região graças aos seus dotes de pedreiro.

– Foi como o conhecemos – intercalou Amélie –, quando fez uns trabalhos para a missão. É óbvio – comentou, com um ar pensativo – que Alizée e Jérôme conseguiram escapar do cativeiro.

– O mais provável – deduziu Annonciation –, é que os aldeões tenham ido parar a um campo de refugiados. O de Kibati é o mais próximo. Seria necessário averiguar aí.

Apareceu Vanderhoeven e entregou a Amélie um envelope branco.

– É o documento que certifica que a mãe de Jérôme foi selvaticamente violada e que faleceu em consequência de uma ferida interna na vagina. Talvez um dia Jérôme, ou outro parente, possa fazer justiça por ela.

– Amélie – disse Matilde –, dá-me uns minutos com Jérôme. Quero despedir-me dele.

– Evidentemente. Esperaremos aqui.

Matilde deixou os embrulhos e os sacos com os presentes na sala dos médicos e foi buscar Jérôme ao Serviço de Pediatria. Encontrou-o de pé, junto à cama, vestido com os mesmos farrapos com que tinha chegado ao hospital e com a atitude de alguém que vai partir. Mantinha-se à margem das brincadeiras das outras crianças e observava-as com tristeza. Da porta, Matilde chamou-o pelo nome e sorriu-lhe com o coração emocionado. Acocorou-se e abriu-lhe os braços. Jérôme correu para ela e aninhou-se no seu peito. Matilde beijou-o várias vezes no cocuruto de caracóis ásperos, na testa e nas faces, como o seu pai fazia com ela, e chamou-lhe «mon amour, mon trésor, ma vie».

– Tenho uma coisa para ti, riqueza. Vem comigo.

Foram de mão dada e em silêncio até à sala dos médicos, Matilde tão ansiosa como Jérôme. Queria dar-lhe uma alegria.

– Tudo isto é para ti, Jérô. – O menino ficou a olhar para os embrulhos e para os

sacos e depois voltou-se para observar Matilde; a sua expressão debatia-se entre a hesitação e o espanto. – Vamos, meu amor. Abre os pacotes. Há roupa nova.

Matilde ajudou-o porque as mãos de Jérôme se tinham tornado tímidas e fracas. Receava rasgar o papel ou abrir os sacos. No fim, ria-se e olhava com admiração para os presentes. Escolheram uma muda de roupa e Matilde levou-o até à casa de banho para que se vestisse.

– Estás bonito! – exclamou ao vê-lo sair. – Muito elegante!

– O que é «elegante»?

– Vem, vê-te ao espelho. – Empoleirou-o numa cadeira para que pudesse ver-se no espelho pendurado sobre o lavatório. – Estás a ver que lindo, esmerado e limpo pareces? – Jérôme assentiu. – Isso é ser elegante. Riqueza – disse, e a inflexão da sua voz deixou a criança alerta –, *sœur Amélie* vai levar-te com ela para a missão.

– Não quero. Quero ficar contigo, Matilde.

Matilde desceu-o da cadeira e abraçou-o.

– E eu quero que fiques comigo. Não há nada que deseje mais, Jérôme, acredita. Mas a casa onde vivo não é minha e não posso levar-te para lá. Ficarás bem com *sœur Amélie*, ela é muito boa. Sabes que *sœur Amélie* é minha prima direita? – Sorriu ao ver como Jérôme levantava as sobancelhas e abria os olhos. – Sim, o meu pai é irmão da mãe de *sœur Amélie*. Cuidará de ti tão bem como eu. Além disso, poderemos falar por rádio todos os dias. E irei à missão sempre que puder. Prometo-te que sábado que vem irei lá.

De uma forma espontânea, Jérôme fechou os braços em volta do pescoço de Matilde.

– Não te vais esquecer de mim, Matilde?

– Nunca, meu amor! Juro-te. E tu, vais esquecer-te de mim? – Jérôme afastou-se e sacudiu a cabeça num gesto que revelava até que ponto achava a pergunta um despropósito. – Olha, faremos outra coisa. Dou-te uma madeixa do meu cabelo para que olhes para ela quando te sentires sozinho e te lembres de mim, de que estou todo o tempo a pensar em ti.

Cortou a parte final de um caracol e prendeu-o com um elástico. Esvaziou uma caixinha de cliques e meteu lá dentro a madeixa.

– Vou tentar arranjar uma caixinha mais bonita. Entretanto, esta servirá.

– Obrigado, Matilde – disse, e guardou-a no bolso da camisa nova.

– Não tens de quê, meu amor.

Esperavam-nos na galeria do hospital. Celebraram a elegância de Jérôme e elogiaram a sua beleza. Matilde adorou ver como as faces do menino coravam sob o tom escuro da sua pele e como a procurava com um olhar cúmplice.

Horas depois, enquanto desciam os caixões nas campas, primeiro o de Alizée e depois o de Aloïs, Jérôme soluçava quase sem ruído. No entanto, sœur Amélie percebia pelo aperto da sua mão o esforço que fazia para conter o grito de dor, de ódio e de medo que fervilhava no seu íntimo. Interrogava-se também sobre o que conteria a caixinha de cartão que Jérôme segurava na outra mão. Depois do jantar, em que o menino mal tocou, propôs-lhe falar por rádio com Matilde. As palavras «Gostarias de falar por rádio com Matilde?» transformaram a expressão angustiada de Jérôme como por milagre e, ao ouvir o entusiasmo que transparecia na voz de Matilde, era óbvio que ela também estava feliz por ouvi-lo. «Alguma coisa muito forte nasceu entre estes dois», pensou a religiosa, observando Jérôme, admirada com a rapidez com que aprendera a usar o recetor e o interruptor. Contava a Matilde os pormenores do enterro.

– Estão no jardim de sœur Angélie, rodeadas de flores.

Capítulo 6

Na tarde de segunda-feira, 27 de abril, Eliah Al-Saud, acabado de chegar da Arábia Saudita e a caminho do Hotel George V, visitou o seu amigo Vladimir Chevríkov. Há dez dias pedira-lhe que, através de um agente corrupto da Mossad, que Chevríkov chantageava, conseguisse informações sobre Aldo Martínez Olazábal.

– Não foi fácil para Merari averiguar o que lhe fora pedido, por isso demorou todos estes dias. Mas, finalmente, ficou a par de uma informação valiosa.

– Fala, Lefortovo. Estou com pouco tempo.

– Como de costume, Cavalo de Fogo. – Chevríkov colocou a fotografia de Aldo Martínez Olazábal em cima da mesa e pousou-lhe o indicador no rosto. – Este, a quem chamas Aldo Martínez Olazábal, no mundo do tráfico de armas e de heroína é conhecido como Mohamed Abu Yihad.

Apesar de Al-Saud desconfiar, há algum tempo, do tipo de negócios em que estava envolvido o pai de Matilde, ter essa confirmação provocou-lhe o mesmo descontentamento em que o mergulhavam as surpresas desagradáveis.

– Juntamente com o seu sócio, Rauf Al-Abiyia, trabalha para o regime de Bagdad, embora também forneçam armas às Brigadas Ezzedin al-Qassam, braço armado do Hamas. – Eliah sabia muito bem que as Ezzedin al-Qassam eram o braço armado do Hamas, como também sabia que o seu cunhado, Anuar Al-Muzara, as comandava. – Tanto Al-Abiyia como Abu Yihad estão na lista negra da Mossad, com prioridade número um. Al-Abiyia praticamente não sai de Bagdad e manda o sócio buscar a mercadoria. Diz-se que anda agora atrás da pista do urânio.

– Urânio? – O nome desse elemento radioativo provocou uma alteração no semblante de Al-Saud. – Urânio para quem? Para Bagdad? Durante a Guerra do Golfo destruímos as centrais nucleares de Hussein. Não ficou nada de pé. Para que quer urânio se não tem tecnologia para o processar?

– Talvez não tenham destruído todas as centrais atômicas – sugeriu Lefortovo –, talvez alguma tenha ficado de pé.

– Impossível – disse Al-Saud. – Onde posso encontrá-lo? Martínez Olazábal – esclareceu.

– Achas que se Merari soubesse, Abu Yihad estaria vivo?

Eliah tamborilou sobre a mesa, levando a outra mão à testa. Tinha de encontrar urgentemente Aldo Martínez Olazábal e pô-lo num local seguro. Um nome veio-lhe à cabeça: Fauzi Dahlan. Lembrou-se dele porque há algum tempo Lefortovo lhe garantira que pertencia ao círculo de Kusay Hussein, o segundo filho de Hussein. Fauzi Dahlan, por sua vez, conhecia Udo Jürkens, que tinha assassinado o ex-marido de Matilde e tentado sequestrá-la na capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, em Paris. Dahlan conheceria Aldo Martínez Olazábal? A tentativa de rapto de Matilde relacionar-

se-ia com os negócios turvos do pai em vez dos negócios do ex-marido? Fosse como fosse, pensou, ela acabava sempre na mira das pessoas mais perigosas do mundo.

Já nos escritórios do George V, Al-Saud recebeu a chefe de imprensa de Os Defensores dos Direitos Humanos, uma organização humanitária respeitada pela comunidade internacional. Não era a primeira vez que Dorianne Jorowsky recorria aos serviços da Mercure para recolher informações sobre as condições humanitárias em zonas de difícil acesso, que implicavam risco para a vida dos funcionários da organização. Enquanto Jorowsky lhe expunha a necessidade de saber o que se preparava no Congo Oriental, Al-Saud pensava: «Esta é uma atividade dos mercenários que Matilde não conhece», e lamentou não lhe ter mencionado devido ao hábito que tinha de se fechar e de não falar dos seus negócios.

– Recebemos informação de que a violência está a recrudescer na zona dos Kivus. Precisamos que envie um grupo de homens para que tirem fotografias, filmem, recolham testemunhos dos habitantes. Desconfiamos de que está a ser planeado outro massacre como o de Ruanda em 1994. Consegues fazê-lo, Eliah? A curto prazo? Temos urgência nessa informação.

– Amanhã apresento-te o orçamento. E, se o aceitares, em menos de dez dias terás o primeiro relatório na tua secretária.

Assim que Dorianne Jorowsky saiu do gabinete de Al-Saud, este recebeu, na sua linha direta, uma chamada do Congo, de Amburgo Ferro. A qualidade da comunicação, efetuada num telefone por satélite, deixava muito a desejar.

– É para dizer que a menina Matilde sofreu um ataque dos rebeldes na tarde de ontem!

– O quê? – Caiu na cadeira como um peso morto e segurou a cabeça com uma mão, enquanto as entranhas se lhe tornavam de pedra. – Diz-me como está ela – atreveu-se a pedir.

Amburgo relatou-lhe os factos de uma forma sucinta para não atrasar a notícia importante: Matilde estava sã e salva. A serenidade regressou pouco a pouco a Al-Saud e, assim que os batimentos do coração estabilizaram, um pensamento atormentou-o: Matilde passeava sozinha, no seu dia livre, com o cretino.

A conversa com Ferro foi interrompida minutos depois sem que o italiano mencionasse a intimidade partilhada entre Matilde e Vanderhoeven no sábado à noite na galeria da casa da Mãos Que Curam. No entanto, quando Al-Saud abriu o seu correio eletrónico à noite, na cozinha da casa da avenida Elisée Reclus, enquanto Leila acabava de fazer o jantar, deparou com um arquivo de imagens enviado por Amburgo juntamente com uma pequena mensagem: «Chefe, parece pior do que é.» Ao ver a sequência de dez fotografias que ilustravam o desenvolvimento do beijo trocado entre Matilde e Vanderhoeven, Al-Saud pegou no copo de sumo de laranja e cenoura e espatifou-o contra a parede. Leila deu um grito e Marie e Agneska correram até à

cozinha. Al-Saud, indiferente ao susto das mulheres, reviu repetidamente a sequência como se precisasse de o fazer para atingir níveis de ódio e de raiva superiores. De nada valia o que revelavam as últimas duas imagens, que Matilde tinha interrompido o beijo e deixado o cretino sozinho na galeria.

O grupo de seis membros das Brigadas Ezzedin al-Qassam abandonou a Líbia, dirigindo-se para diferentes destinos europeus com passaportes falsos. Udo Jürkens, o chefe enquanto durasse o assalto à OPEP, contrariando o bom senso, viajou para Paris, onde a polícia o procurava pelo assalto à capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, efetuado dois meses antes, quando tentou raptar Matilde para a entregar ao seu chefe, Gérard Moses.

Voltava a Paris por ela, por Matilde. Desta vez, no entanto, o seu chefe não tinha qualquer relação com isso. Queria vê-la. Não conseguia tirá-la da cabeça. Já sabia porque falhara na capela: porque hesitara. Tratara-se de um momento fugaz, quando Matilde se voltara e os seus olhos cinzentos e enormes olharam para ele, primeiro com amor, depois com espanto e terror. Levava algum tempo a compreender porque hesitara: porque julgou estar a ver Ágata, a única mulher que tinha amado e que continuava a amar, apesar de estar morta há tantos anos. Tirou a maltratada fotografia da carteira e observou-a. Os seus olhos cinzentos e amendoados ainda o emocionavam, o longo cabelo louro ainda lhe reavivava as memórias. Na realidade, a mulher de Al-Saud parecia-se com Ágata ou tinha sido uma ilusão? Em Paris, quando a espreitava de longe, não reparava nisso. No entanto, naquela manhã na capela, pela primeira vez tão perto, teve a certeza de ter Ágata nas mãos. Guardou a fotografia e tentou conter as lágrimas fechando os olhos. A sua perda ainda lhe doía. Ainda a via crivada de balas no chão da OPEP, onde tinha ido com Carlos, o Chacal, para sequestrar os ministros e os delegados. O desaparecimento de Ágata mergulhara-o numa angústia furiosa que aplacava matando imperialistas, empunhando armas, colocando bombas, elaborando planos para assaltar aviões, embora, na realidade, nada apaziguasse totalmente a sua dor. Sonhava frequentemente com Ágata. Às vezes, eram sonhos agradáveis, mesmo eróticos, outras eram pesadelos, onde uma rajada de munições a destroçava. «Ágata, porque me abandonaste neste mundo de merda?»

Precisava de tornar a ver Matilde Martínez porque, no instante em que viu Ágata nela, verificou-se nele uma mudança abrupta. Encheu-se de paz, um sentimento tão fugaz como o sorriso que ela lhe dirigiu; para ele, no entanto, significou vida. Queria voltar a ter essa sensação que julgara perdida para sempre na manhã em que Ágata sangrou até morrer na sede da OPEP. Consequia compreender a ansiedade dos toxicod dependentes. Queria sentir de novo, e só a visão de Matilde o satisfazia.

Nessa segunda-feira, 27 de abril, alugou um automóvel e montou guarda desde o meio-dia diante da casa da avenida Elisée Reclus. Viu Al-Saud chegar sozinho, por volta das oito da noite. Cansado de esperar sem um vislumbre de Matilde, perto das dez procurou um telefone público e arriscou-se a telefonar-lhe. Respondeu-lhe uma voz de mulher e Udo decidiu falar disfarçando a voz com um lenço.

– Boa noite – disse. – Posso falar com a menina Matilde?

– A menina Matilde não est...

A mulher gemeu. Alguém lhe tinha arrebatado o auscultador.

– Quem fala? – troou a voz de Al-Saud.

Jürkens desligou imediatamente. No dia seguinte, decidiu-se por medidas mais drásticas e, quando uma das empregadas domésticas saiu de casa para fazer alguma volta, seguiu-a. A jovem percorreu a rua Maréchal Harispe e entrou no jardim público conhecido como Campo de Marte, que oferecia a Udo uma variedade de recantos para a intercalar. Seguiu-a e, sem dizer uma palavra, agarrou-a pelas costas e tapou-lhe a boca. Arrastou-a até umas alenas. Teve o cuidado de evitar que lhe visse a cara e torceu-lhe o pescoço para a esquerda para expor a jugular e encostar-lhe aí a ponta de uma navalha Hatamoto. Agneska gritou sob a palma da mão de Jürkens.

– Quieta – sussurrou-lhe no seu mal pronunciado francês. – Se me disseres o que quero saber, deixo-te ir sem um arranhão. Se grites quando retirar a minha mão, degolo-te como um coelho. O que dizes, vais-te portar bem? – Agneska assentiu. – Muito bem, não creio que tenhamos problemas. A que horas sai Matilde hoje?

Retirou a mão com cuidado e Agneska inspirou profundamente pela boca antes de responder:

– A menina Matilde já não vive lá em casa.

– Onde está?

– Não sei.

– Tenta lembrar-te – pressionou-a Udo, e tapou-lhe a boca antes de lhe fazer um corte superficial.

– No Congo! – revelou a rapariga entre soluços. – Foi para o Congo.

– Para o Congo?

– Sim. Ela disse-me que ia tratar das crianças de lá com a Mãos Que Curam. Não sei o que é isso, Mãos Que Curam – explicou.

– Em que cidade do Congo? – pressionou Jürkens.

– Isso não sei, juro por Deus! – Era visível que não mentia.

Obrigou-a a ajoelhar-se na terra e pressionou-lhe a nuca até a cabeça de Agneska tocar no chão.

– Conta até cinquenta e depois vai-te embora. Se falares com alguém acerca deste encontro, voltarei para te matar.

Agneska perguntou a si própria como iria este homem saber se ela comentava com Marie, com o seu namorado ou talvez com o senhor Al-Saud. De qualquer forma

preferiu não arriscar e prometeu-lhe que não abriria a boca.

«O Congo, Mãos Que Curam», repetia Udo Jürkens enquanto se afastava em direção à Torre Eiffel, desaparecendo entre a multidão de turistas. «República do Congo ou República Democrática do Congo, o antigo Zaire?», interrogou-se. Não dispunha de tempo para indagações. Em breve teria de partir para Roma, onde apanharia um voo de ligação para Viena, a cidade que albergava a OPEP. Embora lhe custasse os olhos da cara, recorreria a Charles Bonty, o melhor hacker que conhecia. Para Bonty não seria um grande obstáculo violar os sistemas de segurança dos arquivos da Mãos Que Curam e averiguar onde estava Matilde.

A avioneta aterrou na pista clandestina e Nigel Taylor espreitou pela janela para examinar o ambiente: a pista, de terra vermelha e calcada, e a selva que se via aos lados, bastante propícia para esconder centenas de homens. As náuseas que ainda o torturavam e que o tinham arrasado desde Paris ao longo de toda a viagem, impediam-no de se concentrar e de pensar. Avistou um Jeep Rescue pintado com a camuflagem para a selva e sorriu. Tratava-se do veículo mais adequado para as zonas montanhosas, como essa do Congo, ou então desertas. Quando a avioneta tocou no solo, as portas do Jeep abriram-se e o próprio Laurent Nkunda saiu para lhe dar as boas-vindas, amabilidade que surpreendeu o mercenário inglês. Em vez do fato feito à medida com que tinha aparecido nos escritórios da Spider International há cinco dias, nessa tarde ostentava um uniforme militar verde, boina de feltro no mesmo tom e botas pretas. Não faltavam os seus óculos de lentes azuis e a bengala com a cabeça de água em prata, nem parecia afetado pelo calor. Uma escolta de três homens seguia-o de perto empunhando as espingardas. O sorriso de Nkunda, de dentes direitos e brancos, sobressaía no seu rosto magro. Taylor sorriu-lhe também e, ao chegar onde o general rebelde o esperava, aceitou o seu abraço.

Só um homem treinado como Taylor, cuja sobrevivência se devera muitas vezes ao seu sentido de orientação, teria podido fazer o caminho de volta – na realidade, pensou Taylor, não se tratava de um caminho, mas de uma picada aberta no coração da selva congoleza à força de machetes e de transitarem por ela – que ligava a pista clandestina ao quartel-general do Congresso Nacional para a Defesa do Povo.

Chegando ao acampamento, Nkunda conduziu Taylor até à sua tenda com ar condicionado.

– Vejo-o pálido, senhor Taylor – afirmou o chefe tútsi.

– A viagem foi pavorosa. Nunca senti tantas náuseas na minha vida, desde que descolámos de Paris.

Nkunda falou em suaíli com um subalterno, com quem empregou um tom contido, mas imperioso. Passados alguns minutos entraram dois soldados, um com um chá fumegante, bastante bom, admitiu Taylor, e o outro com uma malinha de médico.

– Osbele é enfermeiro – exclamou com orgulho o general munyamulenge. – Teve

as melhores notas na Escola de Enfermagem de Kampala. É como se fosse médico. Entregue-se nas suas mãos, senhor Taylor, e, com a vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo, depressa se sentirá melhor.

Limitou-se a aceitar de Osbele um antiemético, depois de comprovar que provinha de um laboratório alemão e que era o que teria tomado em Londres para evitar os vômitos. Bebeu o chá em pequenos golinhos enquanto discutiam a estratégia com Nkunda e programavam uma viagem de reconhecimento pela zona no dia seguinte. Taylor não planeava ficar muito tempo nessa primeira visita, pelo que deviam aproveitar todos os minutos.

– General Nkunda, será necessário infiltrar espões entre os mai-mai e no exército regular do Congo.

– Porque precisaríamos disso?

– General, o grupo contratado pelo industrial israelita poderá apoderar-se da mina num piscar de olhos, mas conservá-la em seu poder será difícil. Veja, estas empresas militares privadas costumam trabalhar com pequenos grupos de homens altamente capacitados. A sua força radica na experiência, mas não na quantidade. Para isso, necessitam das tropas regulares. Neste caso, como o contrato provém de Kinshasa, é lógico deduzir que tanto os mai-mai, aliados de Kabila, como o seu exército ficarão à disposição desta gente. Por isso precisamos de infiltrar espões nas tropas, porque elas nos levarão à mina de coltan mais rapidamente.

Os lábios grossos e grandes de Laurent Nkunda abriram-se num sorriso sarcástico.

– Pergunto a mim próprio se os brancos nos julgam idiotas só porque somos pretos. – Nigel dirigiu-lhe um olhar de cenho franzido. – Acha, senhor Taylor, que cheguei até aqui desconhecendo o meu ofício, o de senhor da guerra? Conheço muito bem a obra-prima de Sun Tzu, A Arte da Guerra. – E citou de memória: – «A informação prévia não pode obter-se de fantasmas nem de espíritos, nem se pode ter por analogia, nem descobrir através de cálculos. Deve obter-se por pessoas; pessoas que conheçam a situação do adversário.» Como pode ver, senhor Taylor, tenho consciência do valor dos espões. Não os tenho só entre os mai-mai, mas também entre aqueles malditos e genocidas interahamwes e no exército de Kabila.

– Então – disse Taylor –, só me resta perguntar se eles não têm espões entre os seus homens.

A declaração do mercenário inglês acabou com o riso sobranceiro do general e encheu-lhe a testa de rugas.

– Existem formas de o saber, general – disse Taylor, conciliador –, e eu ensiná-las-ei.

Foi descansar e declinou o convite de Nkunda para jantar. Não suportaria a visão e o cheiro dos alimentos. Passou a noite em branco, não por a cama na tenda militar ser incômoda – tinha dormido em sítios menos confortáveis nos seus anos em

L'Agence –, mas porque a má disposição estomacal persistiu, tornando-se pior com uma pontada no baixo-ventre que o levou a suspeitar de uma apendicite, suspeita que Osbele, o enfermeiro formado em Kampala, confirmou ao amanhecer. Apalpou-lhe a zona direita da virilha e Taylor mordeu os lábios para não gritar.

– O apêndice está muito inflamado, senhor Taylor – diagnosticou Osbele no seu inglês fluente. – Receio que a cirurgia seja a única opção.

– Sorte maldita! – cuspiu o mercenário. – O que propões, Osbele?

– Pedirei autorização ao general para o levar até ao hospital de Rutshuru.

– Não! Um hospital neste sítio! Matam-me com uma infeção!

– De maneira nenhuma, senhor Taylor – ofendeu-se Osbele. – O hospital de Rutshuru é muito bom, atendido por excelentes profissionais.

À tarde, a dor era insuportável, de modo que Nigel Taylor claudicou e pediu a Osbele que o levasse ao «maldito hospital». O general dera o seu consentimento. Depois de uma viagem desgraçada no jipe, que derrapava no caminho de lama – tinha chovido nessa manhã –, chegaram a Rutshuru. Apesar do argumento de defesa de Osbele, o hospital era mais ou menos o antro que Taylor tinha imaginado. Permaneceu no interior do veículo enquanto Osbele pedia ajuda. Regressou com um maqueiro.

– Senhor Taylor, o general Nkunda ordenou-me que ficasse consigo para o ajudar no que for preciso.

– Obrigado – resmungou.

Levaram-no até uma enfermaria com tantas camas quantas as que as suas enormes dimensões permitiam. O cheiro a corpos sujos e a doença intensificaram-lhe as náuseas. Osbele e o maqueiro deitaram-no numa cama sem lençóis, em cima de um colchão muito estreito, forrado de plástico e com cheiro a desinfetante. Pouco depois, tempo demasiado longo para o sofrimento de Taylor, embora este soubesse que o tempo se media de outra forma em África, apareceu um nativo, que lhe apalpou a virilha e o interrogou sobre os sintomas.

– É, sem dúvida, uma apendicite. Falarei com a cirurgiã.

– Disse «cirurgiã»? É uma mulher? – perguntou Taylor, apavorado.

– Oh, sim! A doutora Martínez é uma das nossas melhores profissionais na sala de operações. Fique calmo. Está em boas mãos.

Matilde estava cansada depois de um dia de trabalho de muita tensão. Antes do amanhecer, uma mulher abandonara na galeria do hospital uma criança que tapava o rosto e que, em vez de chorar, dava gritos lancinantes. No primeiro exame, descobriram que tinha sido queimada com ácido.

– Estas crianças são chamadas ndoki em lingala, ou seja, enfants sorciers – explicou a enfermeira Zakia.

– Meninos bruxos? – repetiu Juana, porque pensou ter percebido mal.

– Sim, meninos bruxos. É bastante comum nas aldeias culpar os vizinhos dos males que caem sobre uma família, sobretudo se esses males são doenças. E julgam ser as crianças quem tem o poder de amaldiçoar através da magia negra. As vítimas do pretenso feitiço atiram ácido à cara do bruxo para o exorcizarem do espírito diabólico.

Ainda que tivesse salvado os olhos por milagre, Kabú – era esse o nome que, aos gritos, o pequeno feitiçeiro dera – tinha queimaduras de terceiro grau em algumas partes do rosto e, apesar da destreza de Vanderhoeven e de Matilde na sala de operações, ficaria com cicatrizes para sempre, por ser quase impossível o rapazinho ou a família estarem alguma vez em situação de custear cirurgias reconstrutivas alguma capital europeia. Tal como fazia com a perna ortopédica de Tanguy, Matilde começou a pensar na forma de o conseguir. Cada vez que pensava nisso, o nome de Eliah vinha-lhe à cabeça, porque, apesar de Al-Saud se dedicar a um trabalho execrável, ela conhecia-o como ninguém e sabia que era um homem generoso. No entanto, pedir dinheiro a Eliah para Tanguy ou para Kabú estava fora de cogitação.

Na segunda emergência, o atordoamento em que ficou durante alguns segundos esfumou-se, dando lugar a uma raiva que dificilmente conseguiu conter – não tinha a quem dirigi-la –, enquanto tratavam de entubar uma menina que tinha chegado quase sem sinais vitais em consequência de uma septicemia provocada por uma infibulação, ou seja, a mutilação do clítoris e dos lábios da vulva e uma costura que só deixava um pequeno orifício para a urina e o fluxo menstrual. A enfermeira da sala de operações colocou o campo cirúrgico descartável sobre a paciente, que não tinha mais de dez anos, e Matilde abafou um grito ao ver a carnificina nos órgãos genitais. A infecção espalhava-se como raios magenta pelas coxas e o fedor exalado pela carne em decomposição obrigou-a a afastar o rosto para respirar ar puro através da máscara. Não a surpreendeu que tivessem unido os lábios mutilados com espinhos. A enfermeira explicou-lhe que eram de acácia.

Terminada a cirurgia, durante a qual tentou reconstruir a vulva, foi falar com quem a tinha trazido ao hospital. Julgou que seria um parente quem lhe daria as explicações, mas deparou com um sacerdote que rondava os quarenta e cinco anos e cujo aspeto saudável se refletia numa face escura, de pele brilhante.

– Fui eu quem trouxe Bénédicte. Sou o padre Jean-Bosco Bahala, da paróquia Sagrado Coração, que fica aqui perto.

– Sim, padre – disse Matilde. – Já me tinham falado de si. A minha prima, soeur Amélie Guzmán.

– Você deve ser Matilde! Amélie falou-me de si ainda hoje. Esta manhã visitei a missão.

– A sério? – O fulgor dos olhos prateados de Matilde chamou a atenção do

sacerdote. – Teve oportunidade de ver um menino chamado Jérôme?

– Que interessante... – Bahala, com um meio sorriso, acariciou o queixo com o indicador. – Jérôme perguntou-me por si.

– A sério? E como está ele, padre?

– Muito bem, dentro do que é possível.

– Graças a Deus – sussurrou.

Convidou-o a tomar um café na sala dos médicos, onde o sacerdote lhe explicou que a infibulação é a forma mais cruenta da circuncisão feminina, extirpando não apenas o clítoris mas também os lábios maiores e menores.

– É uma das práticas herdadas dos velhos ritos pagãos que mais nos custa erradicar – afirmou Bahala. – Até as mulheres cristãs são submetidas pela parteira da tribo a este horror, e uma mulher só é considerada pura quando o clítoris lhe é arrancado. A parteira assiste-a na noite de núpcias, em que corta a infibulação para permitir a penetração.

– A dor deve ser insuportável!

– Com efeito – ratificou o sacerdote. – Por isso a consumação de um casamento pode levar meses. Evidentemente, as mulheres não sentem qualquer tipo de prazer durante o coito. Atrever-me-ia a dizer que a maior parte das enfermeiras deste hospital sofreram algum tipo de circuncisão.

– Essa prática está assim tão generalizada? – O sacerdote baixou os olhos e assentiu com solenidade. – O que aconteceu com Bénédicte? Como conseguiu trazê-la? E os pais dela? Não vieram consigo?

– Os pais dela? Tive de a raptar! Consideram que, quando uma infibulação corre mal, o que acontece com frequência, como deve imaginar, dadas as condições higiénicas, é sinal de que a menina não é virgem ou que não conta com a aprovação dos espíritos. De modo que os familiares recebem a sua morte com alívio.

– A agonia destas crianças deve ser insuportável. Obrigada por tê-la trazido, padre Jean-Bosco. O que será de Bénédicte agora?

– A família não deve querer recebê-la de novo. Não a aceitarão. O seu destino será o mesmo de tantas crianças desta região, o orfanato da Missão São Carlos. – O sacerdote suspirou. – Como pode ver, Matilde, a violência, por uma razão ou por outra, faz parte da vida quotidiana do Congo e, atrever-me-ia a dizer, da maior parte de África.

Descobrir num mesmo dia a crueldade de que eram objeto as crianças congolesas no seio das suas próprias tribos e aldeias, isto para além dos ataques dos grupos rebeldes, provocou em Matilde um estado de espírito entre a desesperança e o ressentimento. Por isso, quando um enfermeiro espreitou na sala dos médicos,

interrompendo a sua conversa com o padre Jean-Bosco, para lhe participar que tinha à espera uma apendicectomia de um adulto, suspirou aliviada. Bebeu o último gole de café e acompanhou o sacerdote até à receção.

– Voltarei amanhã – prometeu Bahala – para ver como está Bénédicte.

– O quadro de septicemia é grave, padre – recordou-lhe Matilde. – Se se complica com uma situação de VIH, a esperança reduz-se muitíssimo. Já pedi que lhe fizessem uma análise ao sangue para ver o que nos espera.

Prestes a entrar na sala de operações, uma enfermeira avisou-a de que o paciente estava de mau humor depois de o terem barbeado. Embora a surpreendesse tratar-se de um homem branco, pormenor que a enfermeira não tinha mencionado, tentou não o demonstrar. Com o relatório na mão, aproximou-se da maca.

– Boa tarde, senhor Taylor – cumprimentou-o em inglês.

– Boa tarde para si – respondeu, voltando a cabeça para ver quem lhe falava num inglês correto.

Matilde sorriu diante da expressão transtornada do paciente.

– Desculpe, doutora. Não sabia que era... que era...

– Que era o quê?

– Bom, que era branca. Não estava à espera disso.

– E se fosse preta – disse, com um sorriso malicioso – já teria merecido esse cumprimento tão pouco educado?

– Não, evidentemente que não. Peço-lhe novamente desculpa. Estou muito nervoso porque não confio nas condições higiénicas deste hospital e receio que...

– Senhor Taylor – interrompeu-o Matilde, a quem esfumara a expressão brincalhona –, é verdade que o Congo é um país pobre e em dificuldades e que este hospital não é como os da Europa ou dos Estados Unidos. No entanto, esta sala de operações – disse, apontando para uma porta – é tão segura como qualquer outra. Eu não operaria aqui se não o fosse. De modo que pode ficar tranquilo.

Matilde afastou-se para falar com uma enfermeira e Nigel Taylor seguiu-a com os olhos. Ainda não se tinha reposto da surpresa. Além de ser branca, era bonita. Franziu o sobrolho esforçando-se por recordar com quem se parecia; as feições dela eram-lhe familiares. Ficou novamente preocupado ao dar-se conta de que, com aquelas duas tranças, tinha aspeto de adolescente. Tinha-lhe visto sardas no nariz ou estaria a sonhar?

– Doutora – chamou-a –, não quero parecer mais mal-educado do que já me considera, mas preciso de lhe fazer uma pergunta. A minha vida está em jogo. Que idade tem?

O riso de Matilde deixou-o sem respiração.

– Idade suficiente para lhe extirpar o apêndice inflamado. Fique calmo, senhor Taylor. Vai correr tudo bem e dentro de poucos dias voltará à sua vida normal. Vamos, estique o braço para lhe inserir o cateter.

– Doutora, como se chama?

– Matilde Martínez.

«Matilde.» Rebuscou na memória o eco dessa palavra, Matilde. Repetiu-a várias vezes enquanto a médica e uma enfermeira canalizavam a veia para a anestesia.

– Sentir-se-á um pouco estranho, senhor Taylor, um pouco enjoado. Depressa adormecerá.

Um nome veio-lhe à cabeça: Mohamed Abu Yihad, o traficante de armas de Saddam Hussein, e imediatamente evocou a conversa que tivera com Ariel Bergman há alguns dias, no seu escritório de Londres. «Tem três filhas. Esta é a mais nova, Matilde. A fotografia foi tirada há algumas semanas num bar do Ritz de Paris. Está aqui com o pai e uma amiga. E este, madame, é um conhecido seu: Eliah Al-Saud. Matilde, a filha de Abu Yihad, é a mulher de Al-Saud. Atualmente, a rapariga trabalha para a Mãos Que Curam. Foi enviada para um hospital de Masisi, no Congo Oriental.» «Matilde, a mulher de Al-Saud», foi a última coisa em que pensou.

Nigel Taylor abriu os olhos e o brilho do sol feriu-lhe a vista. Gemeu e ladeou a cabeça. Uma voz suave, feminina, ordenou em francês:

– Udmila, fecha a cortina. O sol incomoda o paciente.

«Matilde, a mulher de Al-Saud», recordou Taylor, voltando-se para ela. «A vida entrega-me de bandeja a oportunidade de me vingar desse filho da puta.»

– Bom dia, senhor Taylor – cumprimentou Matilde, apoiando o polegar no pulso para lhe medir as pulsações. – Como passou a noite?

– Bem.

– Sente dores?

– Não. Que dia é hoje?

– Hoje é quinta-feira, 30 de abril de 1998.

– O ano eu sei, doutora. Não goze comigo.

– Não estou a gozar consigo. É comum ficar-se confuso depois de uma anestesia. Há pessoas que nem sequer se lembram do ano em que estão. Não se preocupe se se sentir melancólico e com vontade de chorar. É normal também.

– Eu não choro, doutora. Quando poderei sair daqui?

– Por favor, levante o braço – pediu-lhe antes de lhe colocar o termómetro. – Deixe-me ver a sutura.

Matilde afastou-lhe a bata, sem revelar as partes íntimas.

– Parece tudo muito bem – concluiu, depois do exame. – Udmila, por favor, trata da ligadura do senhor Taylor e depois acompanha-o à casa de banho para que urine. É importante que urine, senhor Taylor – sublinhou, vendo o termómetro. – Não tem febre, um bom augúrio – admitiu com um sorriso.

– Tenho fome. Ninguém me trouxe o pequeno-almoço.

– Trá-lo-ei eu, senhor Taylor – ofereceu-se Osbele, que se mantinha à parte.

– Pode comprá-lo na cafetaria – indicou-lhe Matilde – e compre também água mineral. O senhor Taylor precisa de beber muitos líquidos – prescreveu e fez tenção de sair.

– Já se vai embora?

– Tenho muito trabalho, senhor Taylor. O dia mal começou.

– Há quanto tempo trabalha neste hospital?

– Há poucos dias. Antes estive em Masisi.

Taylor observou-a com uma fixação que Matilde quis evitar.

– O que faz uma mulher como você numa cloaca como esta?

– Não é óbvio? – respondeu, um pouco irritada.

– A doutora não é francesa, não é verdade?

– Não. Sou argentina.

– Alguém me disse uma vez que as argentinas são as mulheres mais bonitas do mundo.

– Esse alguém exagerou.

– Não creio. Onde aprendeu a falar francês tão bem?

– Fiz um curso em Paris.

– Quantos anos tem?

– Vinte e sete – respondeu Matilde, que, a contragosto, sorriu.

Taylor enterneceu-se com a sinceridade de Matilde: era fácil extrair-lhe informações porque não desconfiava.

– Tem amigos em Paris?

– O interrogatório terminou. Os meus outros pacientes esperam por mim.

– Tenho ciúmes dos seus outros pacientes. Voltará a visitar-me?

– Fá-lo-ei, mais tarde – prometeu-lhe.

Nigel Taylor seguiu-a com olhos ávidos, enquanto Matilde se ocupava de outros

doentes e até ter saído do quarto. Admirou-se pelo facto de, apesar da sua figura miúda, a bata branca se ajustar à altura do traseiro. Movia-o com uma cadência que o levou a imaginar as suas mãos nele. Excitou-se mesmo nas condições em que se encontrava.

Matilde e Juana faziam o percurso que separava a tenda com os doentes de meningite do edifício principal quando avistaram um Suzuki Grand Vitara vermelho, que entrou no recinto e travou diante da galeria. Uma jovem nativa, alta, de excelente figura e vestuário europeu, saiu do veículo. Matilde reconheceu-a imediatamente: tratava-se da rapariga que tinha visto na igreja no sábado de manhã.

– Uma negra num carro tão bonito e novo – comentou Juana –, parece mentira. E com esse vestido!

– Vi-a na igreja no sábado. Punha flores frescas nas jarras.

Caminhava à frente delas, com um embrulho na mão e uma carteira de lona azul pendendo do antebraço, a condizer com as sandálias de cunha. O vestido ajustado em linho branco com um cinto azul realçava-lhe a cintura fina. Ouviram-na perguntar, num francês desprovido da dureza característica dos congoleses, por Bénédicte Kabuli, a menina com a infibulação.

– Boa tarde – cumprimentou Matilde.

A rapariga deu meia-volta e, ao fazê-lo, sentiu-se um perfume que Juana identificou de imediato: Anaïs-Anaïs, de Cacharel.

– Boa tarde.

– Ouvi-a perguntar por Bénédicte. Sou a médica dela. Chamo-me Matilde Martínez. – Estendeu a mão e recebeu um aperto firme. – E esta é a doutora Juana Folicuré.

– Muito prazer – respondeu. – O meu nome é Joséphine Boel e sou a secretária do padre Jean-Bosco. Ele pediu-me que viesse ver como está a menina. Trouxe-lhe alguma roupa e artigos pessoais – anunciou, levantando o embrulho pelo fio. – Sei que o padre a deixou ontem sem nada.

– Obrigada – disse Matilde, recebendo o embrulho. – Entregá-lo-ei à enfermeira dos cuidados intensivos.

– Como está Bénédicte?

– Para nossa grande alegria, está a ter uma evolução favorável. Continua ainda com ventilador e bastante sedada, mas os sinais vitais estão a melhorar lentamente. Responde muito bem ao antibiótico.

– Obrigada, meu Deus – sussurrou com os olhos baixos. – O padre Jean-Bosco contou-me o que aconteceu. Há vinte e nove anos que vivo no Congo, ou seja, toda a minha vida, e amo esta terra, mas às vezes custa-me entender os meus compatriotas.

– Nasceu aqui, no Congo?

– Sim, a alguns quilómetros de Rutshuru, na fazenda do meu pai.

– Gostaria de ver Bénédicte? – convidou-a Matilde. – Chegou no horário das visitas.

Retomaram o passo pelo corredor, inicialmente em silêncio, até Matilde perguntar:

– Não se lembra de mim? Vi-a no sábado, colocando flores nas jarras da igreja.

Joséphine virou a cabeça para a observar.

– É verdade! – exclamou. – Não a tinha reconhecido. A igreja não estava muito iluminada. Trata-me por tu, Matilde. Tu também, Juana. Somos demasiado novas para tanta formalidade.

– Evidentemente – concordou Juana, encantada com a possibilidade de conhecer uma mulher «normal», com roupa moderna em vez de peças disformes de cores berrantes, e um automóvel em vez de uma carroça puxada por mulas. Começava a aborrecê-la a vida monótona que levava desde o início de abril. Aborrecia-a cheirar a permetrina e ter de borrifar a roupa todas as noites. Sentia falta de um banho de imersão com sais e da piscina da casa da avenida Elisée Reclus. Mas aborrecia-a sobretudo não conseguir comunicar com Shiloah Moses a não ser por carta, como na época da Colónia; não sabia se Fournier tinha conseguido enviá-las, e se teriam chegado às mãos do namorado. Tinha saudades dele e nem sequer sabia como lhe tinham corrido as eleições para que tanto trabalhara. Receava que se sentisse abandonado e que a trocasse por outra. Agora sabia que Shiloah Moses era um homem capaz de conquistar a mulher que quisesse.

– Joséphine, tens telefone? Telemóvel? – esclareceu.

– Sim, sei o que é um telemóvel. A minha irmã Aísha tem um nos Estados Unidos, mas aqui essa tecnologia não existe. Disseram-me que em Kinshasa os membros do governo têm telemóveis, mas esses avanços ainda não chegaram à zona dos Grandes Lagos.

– Sabes o que posso fazer para telefonar para o estrangeiro?

– Se quiseres, podes vir a minha casa e usar o nosso telefone por satélite.

Matilde apercebeu-se da mudança no semblante de Juana. Achava-a desanimada, desde a chegada a Rutshuru, e não duvidava que se devesse à falta de notícias de Shiloah. Ela também gostaria de ter notícias de Eliah, embora no seu caso, por mais telemóveis e computadores com ligação à internet de que dispusesse, não tivessem servido para nada.

– A sério, Joséphine? Pagar-te-ei a chamada.

– De maneira nenhuma. Tu estás aqui, curando os meus compatriotas. O mínimo que posso fazer para retribuir é permitir-te falar com os teus entes queridos.

– No sábado? – entusiasmou-se Juana.

– Depois de amanhã não posso – disse, com pena. – Vou à Missão São Carlos este fim de semana. Vou dar uma ajuda às freirinhas.

– À Missão São Carlos?

Joséphine apercebeu-se da ansiedade que, de súbito, se apoderou de Matilde.

– Sim. Conheces?

– A minha prima, Amélie Guzmán, é a superiora. O padre Jean-Bosco não te disse?

– Não o mencionou. Embora não me surpreenda. Tem tantos problemas e assuntos que não sei como não se esquece de respirar. Então tu és a prima da Amélie? Isto, sim, é promissor! Há anos que conheço Amélie. Somos grandes amigas.

– Importavas-te que fôssemos contigo? À missão? – esclareceu Matilde.

– Au contraire! Adoraria. E, antes de sairmos, tu, Juana, poderias telefonar lá de casa.

– Sim! Perfeito!

Joséphine lavou as mãos e colocou uma máscara antes de entrar na sala de cuidados intensivos, onde Bénédicté travava a sua luta com a morte.

– Posso tocar-lhe na testa?

– Sim – respondeu Juana.

Matilde, intimidada por uma energia misteriosa, não conseguiu articular uma palavra. Joséphine cobriu a testa da menina com a sua mão de dedos longos e unhas pintadas com verniz esbranquiçado. «Bonita mão», pensou Matilde. Viu-lhe na outra um terço de contas de madrepérola, que Joséphine beijou depois de murmurar uma oração ininteligível. A sua atitude de recolhimento, que se manteve durante alguns minutos depois da oração, com os olhos ligeiramente fechados, a boca generosa um pouco franzida e as narinas dilatadas, hipnotizou-a tal como a sua suavidade ao colocar as flores nas jarras o fizera sábado na igreja.

Saíram as três da unidade de cuidados intensivos, caladas, com os olhos no chão e uma expressão não entristecida, antes serena e reflexiva. Antes de se despedirem, combinaram que o motorista de Joséphine iria buscá-las ao hospital, sábado de manhã, assim que saíssem do turno da noite, e que as levaria até à fazenda Anga La Mwezi que em suaíli significa «Luz da Lua».

Enquanto apertavam as mãos para se despedirem de Joséphine, Juana fez uma careta e disse:

– Deves estar louca para ver Jérôme para te teres comportado como uma descarada, pedindo-lhe que nos levasse com ela à missão. Nunca imaginei ver-te agir assim! Não estou a conhecer-te, Matilde Martínez.

– E tu – retorquiu Matilde – deves estar louca para falar com Shiloah para teres

aceitado entrar na casa de uma desconhecida e usar o seu telefone.

– Não é uma desconhecida. É amiga de Amélie. E secretária de um padre! Mas tem, sobretudo, bom gosto. Não lhe viste o vestido? Julgo que é um Escada.

Matilde suspirou, deu meia-volta e dirigiu-se para a sala de operações.

Capítulo 7

À medida que chegavam a Viena por diversos meios de transporte e de diferentes capitais europeias, os membros das Brigadas Ezzedin al-Qassam reuniam-se num apartamento fronteiro à Franziskanerplatz, ou praça dos Franciscanos, um local em pleno centro da capital austríaca, que ficava a poucos quarteirões da sede da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, no n.º 93 de Obere Donaustrasse, no outro lado do rio Danúbio, e do Grand Hotel Wien, o escolhido por dois dos ministros mais importantes, o da Arábia Saudita e o do Kuwait, e onde há anos trabalhava na área de manutenção o irmão de um dos terroristas. O príncipe Kamal Al-Saud, o saque cobiçado, por quem planeavam exigir um resgate de sessenta milhões de dólares, chegaria a Viena na manhã do evento e regressaria a Jedá à noite.

Até quarta-feira, 29 de abril, os seis membros das Brigadas Ezzedin al-Qassam e Udo Jürkens esconder-se-iam no apartamento da praça dos Franciscanos. Jürkens passou os olhos pelos jovens palestinos, que comiam e conversavam num ambiente de tensão e expectativa. Treinara-os duramente e as suas exigências tinham ultrapassado mesmo o limite das suas capacidades, levando-os ao grau de preparação em que se encontravam nesse momento.

– Rapazes – chamou-os, e nenhum deles se alterou com o som metálico da sua voz –, chegou a hora de se prepararem. Os ministros irão dormir dentro de algumas horas e, nessa altura, será a nossa vez de agir.

Pouco depois, os seis reapareceram vestidos com fatos pretos que lhes davam um aspeto respeitável. Para seu desgosto, há dias tinham cortado as barbas e o cabelo à escovinha. Pareciam o que Udo queria que parecessem: guarda-costas.

– Brahms e Liszt – os noms de guerre correspondiam aos de músicos famosos –, encarreguem-se dos veículos. Haydn e Mozart, confiram os sacos com as armas. Tu, Chopin, verifica o teu equipamento de falsificações. Mahler, comprova o bom funcionamento do sistema de comunicações. Sairemos daqui às duas mil e duzentas – informou, usando a gíria militar para referir a hora, dez da noite.

Um telemóvel tocou. Liszt atendeu.

– Udo... – Liszt não teve oportunidade de dizer a palavra seguinte. Jürkens agarrou-o pelo pescoço e comprimiu-lhe a traqueia e as cordas vocais.

– Voltas a dizer o meu nome e mato-te. – Arrancou-lhe o telefone e empurrou-o para uma poltrona, onde o palestino se pôs a tossir como um tísico.

A chamada era do irmão de Chopin, o empregado do Grand Hotel Wien.

– Diz – apressou-o Jürkens, e aproximou-se do mapa do hotel estendido sobre a mesa.

– Bin Maimón, o ministro saudita, está no quarto 505, e Al-Sabah, o do Kuwait, no 618.

Jürkens limitou-se a desligar.

– Em marcha – disse.

Os veículos que os levaram até à rua Kaerntner Ring, onde se situava o Grand Hotel Wien, entraram no estacionamento subterrâneo graças a cartões com códigos de barras. Sem saírem dos automóveis, passaram-nos pelo aparelho preso à parede e a barreira ergueu-se. O irmão de Chopin esperava por eles num quarto do hotel, que funcionava como armazém de velharias. Aí entregou-lhes as fardas de empregados, que Haydn e Mozart vestiram rapidamente. Os carrinhos, cobertos com toalhas brancas e com um serviço de jantar, esperavam por eles a um canto. Os ataques efetuar-se-iam em uníssono, um no quinto andar e o outro, no sexto.

Haydn, coberto por Chopin e Liszt, escondidos na divisão usada pelos empregados de limpeza do quinto andar, bateu à porta do quarto 505.

– Quem é? – perguntou uma voz masculina.

– Room service – respondeu Haydn.

O guarda-costas do ministro bin Maimón espreitou com intenção de esclarecer que não tinham pedido o serviço de quartos. Não conseguiu dizer nada. Haydn encostou-lhe o silenciador da Heckler & Koch USP de 9 milímetros e enfiou-lhe uma bala na testa. O homem caiu no chão sem emitir qualquer som. Chopin e Liszt ajudaram Haydn a afastar o corpo, abriram a porta e fecharam-na. Atravessaram o vestíbulo, sabendo que teriam de enfrentar outros dois homens: um relatório dos serviços secretos do Hamas avisara-os de que o ministro do Petróleo saudita viajava com três seguranças. Irromperam na sala onde os outros dois guarda-costas viam televisão. A surpresa impediu-os de reagir. Chopin encarregou-se de um e Haydn, do outro, enquanto Liszt se dirigia para o quarto principal. Os gemidos que se ouviam através da porta alertaram-no para o facto de bin Maimón não estar só. Irrompeu no momento em que uma prostituta lhe fazia sexo oral.

Enquanto isso, Mozart batia à porta do quarto 618. Tal como Haydn, disse ser do serviço de quartos. No entanto, o guarda-costas negou tê-lo pedido sem abrir. Tornou a bater e, enquanto repetia não haver engano e que o serviço era destinado ao 618, Udo Jürkens, depois de se certificar de que o corredor estava deserto, saiu da divisão das limpezas e aproximou-se da porta, encostando aí o ouvido. Sacudiu a mão na direção do palestiano, pedindo-lhe que prolongasse o diálogo com o guarda-costas. Depois, disparou três vezes a sua Beretta 92 em diversos pontos e, apesar do silenciador, que tirava potência às balas Parabellum, feriu o guarda-costas. Ouviu-se um gemido e um peso a cair. Felizmente, disse para consigo, a cor preta da porta dissimularia os orifícios. Usou a chave-mestra, entregue pelo irmão de Chopin, e entraram. Brahms e Mahler seguiram-nos. Desconheciam o número exato de seguranças do ministro do Kuwait.

Outro guarda-costas saltou para o vestíbulo com a arma na mão e, antes de

disparar e de o tiro acordar os hóspedes do sexto piso, Udo Jürkens, fazendo gala dos seus reflexos e da sua pontaria, enfiou-lhe uma bala de nove milímetros no olho direito. O homem caiu morto sobre uma mesa de centro, partindo o vidro.

– Controla o resto do quarto – ordenou a Mahler.

O xeque Al-Sabah entrou na sala com ar aborrecido, fechando o roupão e disposto a repreender os seguranças quando descobriu um deles sobre os destroços da mesinha. Ergueu os olhos e viu-se rodeado por quatro homens. Maquinalmente, levantou as mãos e pediu misericórdia em árabe.

– Haydn, ouves-me? – perguntou Mozart pelo rádio.

– Oiço. Aqui está tudo sob controlo. – Haydn não mencionou a companhia inesperada da prostituta porque, tal como aos três guarda-costas, a tinham liquidado.

Nos dois quartos procederam de forma semelhante e coordenada. Antes de fecharem a porta à chave e correrem a corrente, penduraram o aviso que dizia Do not disturb. Amarraram os ministros, certificando-se de que não apertavam demasiado as cordas. Levaram os cadáveres para a casa de banho principal e os que tinham desempenhado o papel de empregados reapareceram nos seus fatos pretos. No quarto do ministro saudita, Chopin tomou a palavra; na do ministro Al-Sabah, Mahler ocupou-se disso. Tinha-se lembrado de que, na presença dos sequestrados, Udo Jürkens não abriria a boca devido ao seu timbre pouco natural.

– Senhor ministro, se colaborar connosco, não acabará como os seus seguranças. Amanhã de manhã, tomaremos o lugar dos seus homens e entraremos consigo na sede da OPEP. Colocar-lhe-emos este cinto com gelamonite, um explosivo com grande poder de destruição. Se tentar chamar a atenção dos guardas da OPEP, pressionamos o detonador e o seu corpo será feito pedaços.

– Vocês também morreriam – atreveu-se a insinuar o ministro do Kuwait.

– Estamos dispostos a morrer pela nossa causa.

– Qual é essa causa?

– A do povo palestino.

Chopin, o especialista em falsificações, trabalhou primeiro no quarto 505, onde adulterou as identificações dos três guarda-costas assassinados, às quais acrescentou as fotografias deles próprios ao estilo ocidental, sem barba, com o cabelo curto e de fato preto. Finalizou o trabalho tornando a plastificar os documentos. Fez outro tanto no quarto 618, onde teve de reproduzir dois documentos adicionais, um para Udo Jürkens e outro para Mahler.

– Como farão entrar mais dois guarda-costas? – interrogou-se o ministro do Kuwait. – O Departamento de Segurança da OPEP exigiu-me que fornecesse os nomes dos seguranças que me acompanhariam e os pormenores das armas que levariam. Esperam dois, não quatro.

– Amanhã, logo de manhã – explicou Mahler –, telefonará para o chefe de Segurança da OPEP. Sabemos que é visita frequente de sua casa e que Herman Helmuth o conhece bem. Dir-lhe-á que incluiu à última hora mais dois guarda-costas, que agora são quatro. Dependerá de si, senhor ministro. Se não conseguirmos passar a entrada da OPEP, já sabe o que lhe acontecerá – disse, levantando o detonador.

Enquanto Chopin se encarregava das falsificações, os outros enchiam duas malinhas com granadas, detonadores, carregadores, cintas de plástico, máscaras antigás, facas de combate, Semtex e detonadores. Emalaram também as peças de três Kalashnikovs AK-47 sem coronha, a espingarda de assalto preferida das Brigadas Ezzedin al-Qassam. Tinham sido treinados para as montarem no tempo que um fósforo demorava a consumir-se.

Perto das oito da manhã, cada um dos quartos, o 505 e o 618, pediu pequenos-almoços suculentos. Os empregados que os levaram até ao quinto e sexto andar receberam a gorjeta na porta e deixaram o carrinho nas mãos de quem os atendeu. Nenhum deles viu nada de anormal. Juntamente com o café, os palestinos engoliram anfetaminas, prevendo as longas horas que teriam de enfrentar sem dormir.

Às nove, os ministros, em tronco nu, ergueram os braços para que os seus captores lhes colocassem os cintos de gelamonite em redor da cintura. Feito isto, Mahler ligou para o Departamento de Segurança da OPEP e pediu para falar com o responsável.

– Sua Alteza, o ministro Al-Sabah, precisa de falar com o senhor Helmuth. Urgentemente – acrescentou. Tapou o bocal do telefone e avisou o kuwaitiano: – Diga alguma coisa que não deve e terão de apanhar os seus pedaços.

– Aqui o ministro Al-Sabah. – Pela expressão de impaciência do kuwaitiano, era óbvio que o chefe de Segurança se desfazia em lisonjas. – Obrigado, Herman. Desculpe avisá-lo em cima da hora, mas incorporei mais dois seguranças à minha guarda pessoal. Sim, eu sei, mas foi o que me sugeriu o chefe dos serviços secretos do meu país antes de partir ontem à tarde. Motivos de segurança de última hora, como compreenderá. Já sabe como isto é – disse, rindo-se com afetação. – Os nomes são... – aproximou o papel dos olhos porque era míope –, tem com que anotar, Herman? – Deu-lhe os nomes, os números de identificação e os dados das armas que levariam.

Às onze e vinte, saíram dos quartos sem tirar o aviso de Do not disturb para evitar que o pessoal do serviço de limpeza entrasse e descobrisse os cadáveres, pelo menos durante umas horas. Desceram nos elevadores até ao estacionamento do hotel. Ao encontrar-se, Al-Sabah e bin Maimón trocaram olhares surpreendidos e, depois, assustados e solidários. Mahler deu as instruções aos dois ministros.

– Ministro bin Maimón, o senhor entrará primeiro na sede levando esta pasta. – Mostrou-a, mas não lha entregou. – Chopin, Liszt e Haydn irão atrás. Se surgir algum problema com os guardas, dependerá dos senhores solucioná-lo. Caso contrário... –

Mostrou-lhes o detonador. – O senhor seguiu-lo-á, ministro Al-Sabah, levando esta pasta. Mozart, Brahms, Wagner e eu escoltá-lo-emos. A advertência é a mesma para si – disse, tornando a levantar o detonador, que guardou no bolso do seu fato preto.

Udo Jürkens, que tinha escolhido o nome do músico Richard Wagner devido à sua conhecida aversão aos judeus, observava os rapazes palestinos e avaliava-os. As anfetaminas começavam a fazer efeito: pareciam inquietos, quase eufóricos. Antes de entrarem para os veículos que os levariam à sede da OPEP, Mahler deu o grito típico dos mujahidin, ou seja, daqueles que fazem a Guerra Santa ou Jihad.

– Allahu akbar! – «Alá é grande!», e os outros, à exceção de Udo, responderam com o mesmo fervor.

Ao saírem dos veículos, diante do moderno edifício da OPEP, os jornalistas atiraram-se sobre eles para arrancarem comentários aos homens que dirigiam o destino do recurso mais importante da Terra. Os palestinos afastaram-nos e facilitaram o caminho até ao acesso principal. Um guarda austríaco, que sorriu e cumprimentou com alguma familiaridade bin Maimón, ofereceu-se para lhe levar a pasta até ao quarto andar ao vê-lo um pouco aflito com o peso da mesma. Bin Maimón afastou a pasta da mão estendida do guarda e devolveu-lhe o sorriso.

– Não posso afastar-me desta pasta, Viktor. A minha vida depende disso – acrescentou, num tom dramático e expressão trocista.

– Claro! – concordou o guarda. – Os segredos do mundo do petróleo estão aí.

«Muito bem, senhor ministro», pensou Jürkens. «Acaba de o fazer muito bem.»

Controlaram a identificação de Chopin, Liszt e Haydn e pediram-lhes que entregassem as armas declaradas antes de passarem pelo detetor de metais. Por deferência, bin Maimón foi dispensado dessa prova. O mesmo procedimento foi levado a cabo com Al-Sabah, sem se ter verificado qualquer contratempo. O grupo de sete terroristas e dois ministros entrou na sala de conferências do quarto andar às onze e cinquenta e três minutos. O início da reunião estava previsto para as doze.

Kamal Al-Saud e o seu secretário e braço-direito, Fernando «Nando» Guzmán, entraram na sala de conferências e deram uma vista de olhos antes de continuarem. Tratava-se de um aposento de grandes dimensões, mais comprido do que largo, com as bandeiras dos Estados-membros numa das extremidades e uma tribuna com microfone na outra. Duas mesas de vários metros, frente a frente, com mais de quarenta cadeiras, dominavam o espaço central. No espaço entre ambas pendiam os cabos dos microfones e dos auriculares para as traduções simultâneas. A sala não tinha janelas e só dispunha de uma porta de acesso, a principal, de dois batentes.

O mestre de cerimónias avistou ao longe o príncipe Kamal. Há muito tempo que não o via. Calculou que teria mais de setenta anos. Achou-o envelhecido ainda que, admitiu, os seus olhos verde-claros, cobertos por umas sobrancelhas grossas e ainda escuras, brilhassem e avaliassem o ambiente com a mesma inteligência fria de fins

dos anos 1960. Conservava uma figura direita e elegante, realçada pelo traje árabe, com lenço branco preso por um cordão preto e prateado, e pela túnica, ou thobe, cor de manteiga, que terminava numa gola mao.

– Bem-vindo, Alteza.

– Obrigado, Saúl. Há anos que não entrava nesta sala.

– É uma alegria contar novamente com Sua Alteza num evento tão importante. A homenagem ao seu irmão, o grande rei Faisal, é uma dívida que a OPEP tinha para com a família Al-Saud.

Kamal sorriu, inclinou a cabeça e apresentou o seu amigo Nando.

– Por aqui, este é o seu lugar, Alteza, perto da tribuna.

Kamal cumprimentou velhos conhecidos, apertou a mão do ministro do Petróleo do seu país, que achou suada e fraca, e sentou-se no lugar assinalado com o seu nome. Os intérpretes alinhavam-se nas cabinas, enquanto os assessores, os secretários e os guarda-costas se sentavam em cadeiras atrás dos seus chefes. Devia estar uma centena de pessoas na sala de conferências da OPEP.

Saúl, o mestre de cerimónias, começou as apresentações e Kamal reparou que dois guarda-costas, um do ministro kuwaitiano e outro do saudita, se inclinavam sobre os seus chefes ao mesmo tempo e falavam-lhes ao ouvido naquilo que parecia uma cena ensaiada. Franziu o sobrolho e, mecanicamente, conteve a respiração, que não soltou quando viu que os ministros, sem dizerem uma palavra, se punham de pé e frente a frente, olhando fixamente um para o outro, abriam as suas túnicas. Muitos, devido à sua localização, não se aperceberam do comportamento do kuwaitiano e do saudita, outros observavam-nos e comentavam com os vizinhos em voz baixa. O mestre de cerimónias ergueu os olhos do papel e emudeceu. Kamal pôs os óculos e descobriu que os ministros mostravam os cintos com explosivos presos ao corpo. Desviou os olhos para a assistência, soube imediatamente que se tratava de um assalto terrorista e identificou aqueles que o cometeriam.

– Allahu akbar! – vociferou Mahler. Empunhou a sua pistola Tokarev TT-33 e deu três tiros para o ar, a que se seguiram gritos e reações intempestivas. Os seguranças saltaram sobre os ministros e sobre os delegados com as armas na mão. Kamal ergueu a mão para deter os seus, que pretendiam arrastá-lo para fora da sala. Outros três tiros silenciaram a assistência.

– Se alguém mover um músculo – ameaçou Mahler –, detonarei os explosivos que os ministros do Kuwait e da Arábia Saudita têm presos ao corpo. Os seguranças entregarão as armas, agora! Vamos, depressa! Venham para este lado!

Haydn e Chopin revistaram-nos, ficaram-lhes com as armas e os telemóveis, não sem antes lhes tirarem as baterias. Prenderam-lhes os pulsos e os tornozelos com cintas. Alguns esboçaram expressões de dor quando as cintas plásticas lhes entraram na carne.

Udo Jürkens encarregou-se de fechar a porta à chave e de a trancar com as costas de uma cadeira. Passou um cabo flexível por baixo da ombreira com uma pequena câmara na ponta que os avisaria no caso de alguém se aproximar da única entrada. Ligou um aparelho com ecrã e antena onde surgiu a imagem do corredor vazio. As cabinas dos intérpretes não o preocupavam porque os vidros estavam selados. Ergueu os olhos e sorriu. Não restava um único.

Mozart já tinha montado duas das três Kalashnikovs. Finalizada a tarefa, entregou uma a Jürkens, o que levou Kamal a pensar que, na realidade, quem comandava o grupo não era o terrorista que se destacava, mas o gigante que avaliava a situação junto à porta e que dirigia os outros com os olhos.

Liszt e Brahms reuniam os ministros e delegados num lado e os restantes assistentes no outro. Várias mulheres choramingavam. Quando Mahler se aproximou de uma que chorava com especial brio, a mulher desmaiou.

– Bah! – exclamou, passando para outra; falou-lhe em inglês: – Você e todas as outras abandonarão a sala dentro de minutos. Entregará esta nota ao chefe da polícia.

Os intérpretes já tinham avisado a polícia, pelo que o chefe do destacamento já se encontrava no rés do chão tentando analisar a situação. A porta do elevador abriu-se e um grupo de mulheres histéricas caiu sobre ele e os seus homens.

– Quem é o chefe da polícia? – gritou uma delas.

– Senhora – disse um homem fardado –, sou eu o chefe da polícia. Venha, acalme-se. Sente-se aqui.

– Um dos... daqueles homens deu-me este bilhete para si.

O comissário calçou as luvas de cabedal antes de pegar no bilhete. Estava escrito em alemão. «Alá é grande! E Maomé o seu Profeta! Dentro de quatro horas a contar das doze de hoje, quinta-feira, 30 de abril, porão à nossa disposição um helicóptero, que aterrará no heliporto da OPEP e que nos transportará para o Aeroporto Internacional de Viena-Schwechat, onde estará a aguardar um Boeing 747, com um piloto e um copiloto como única tripulação e com os depósitos cheios de combustível. Se às 16 não tivermos notícias do helicóptero, começaremos a executar os reféns, um por cada hora de atraso. Poderão presenciar as execuções através das cabinas dos intérpretes. Se tentarem entrar de rompante na sala de conferências, detonaremos as cargas explosivas que transformarão a sede da OPEP num monte de escombros. Viva a Palestina livre! Morram os asquerosos sionistas! Brigadas Ezzedin al-Qassam.»

O comissário ergueu os olhos e ordenou:

– Liguem-me ao chanceler Klima! Agora!

Elijah Al-Saud atirava a roupa para a mala com gestos furiosos. Era quinta-feira e ainda não conseguira tirar da cabeça as imagens de Matilde e do cretino a beijarem-se, aquelas que o seu espião lhe tinha enviado segunda-feira à noite. A raiva destruíra-

lhe a serenidade que tão dificilmente conseguira restabelecer depois da partida de Matilde. Sentia-se traído quando, na realidade, não tinha direito de sentir essa traição. Também contribuía para isso a questão do ataque dos rebeldes. Que teria sido dela nas mãos dos selvagens se Byrne e Ferro não tivessem aparecido para a salvarem? Apertou os maxilares e as pálpebras em simultâneo.

– Merde, merde, merde! – explodiu, e o seu punho bateu três vezes no colchão.

Escorregou até ao chão, onde permaneceu sentado, com as costas contra a cama e as mãos a cobrir a cara. «Tenho de recuperá-la», repetiu para consigo, consciente de que, recuperando-a, recuperaria a paz de espírito. Ergueu os olhos e encontrou o quadro Matilde e o caracol, a primeira coisa que via ao acordar e a última que via ao deitar-se.

Dentro de poucas horas viajaria para a República Democrática do Congo. Não valia a pena enganar-se. As reuniões com Joseph Kabila e com Madame Gulemale eram uma desculpa. Queria voltar a ver Matilde. À medida que se aproximava o momento de pisar solo congolês, a ansiedade provocava-lhe alterações físicas. Só o facto de pensar em voltar a tocá-la, cheirá-la, saboreá-la, lhe agitava a respiração e o pulso. Ajoelhar-se-ia se fosse preciso, suplicaria, rogaria, pedir-lhe-ia perdão. Queria-a novamente consigo, prometer-lhe-ia o que quer que exigisse.

O toque do telemóvel arrancou-o dos seus devaneios. Receou que se tratasse de Céline, que voltara a telefonar-lhe nos últimos dias. Era o seu amigo, Edmé de Florian, agente da Direction de la Surveillance du Territoire, o serviço francês de espionagem interna, e antigo colega em L'Agence. Pigarreou antes de atender e fingiu boa disposição.

– Ei, Edmé! O que contas?

– Olá, Eliah. Não tenho boas notícias para ti.

Al-Saud levantou-se de um salto. Pensou em Matilde, nalguma tragédia em Rutshuru. O coração começou a pulsar-lhe desenfreadamente na garganta. Não conseguia coordenar as ideias, raciocinar com clareza. Edmé não sabia que Matilde estava no Congo, ou saberia? Ter-lhe-ia dito?

– Conta – conseguiu dizer.

– Um grupo terrorista, aparentemente as Brigadas Ezzedin al-Qassam, acaba de fazer reféns os ministros e delegados da OPEP, na sede de Viena. – Após um silêncio, De Florian acrescentou: – Acaba de chegar uma lista com os nomes daqueles que se encontram na sala de conferências. O teu pai está entre eles.

Eliah semicerrou os olhos e levou a mão à testa.

– Entre os nomes da lista figura o de Fernando Guzmán?

– Espera um momento. Sim, cá está. Guzmán, Fernando. Quem é?

– O assistente e braço-direito do meu pai. Que mais podes dizer-me?

– Entregaram um bilhete à polícia austríaca, mas ainda não me chegou uma cópia. Diz-se que exigiram um avião para os tirar da Áustria. É uma operação com o objetivo de pedirem resgate e arranjam fundos para financiar as suas atividades terroristas e as campanhas políticas do Hamas.

– Não podem permitir-lhes abordar esse avião – declarou Al-Saud.

– Sou da mesma opinião. O que pensas fazer?

– A única coisa que me ocorre de momento. Viajar para Londres e falar com Raemmers. Só confio no seu pessoal para um trabalho tão delicado.

– Irei contigo – ofereceu-se De Florian.

– Chegas em meia hora a Le Bourget?

– Encontramo-nos aí.

Ao mesmo tempo que fechava a mala e ordenava a Medes, o seu motorista, que preparasse o automóvel, marcava o número do capitão Paloméro e ordenava-lhe que alterasse o plano de voo. Não iriam para Kinshasa, mas para Londres. Já no Aston Martin, a caminho de Le Bourget, fez vários telefonemas, o primeiro deles para os seus irmãos mais velhos. Decidiram que Shariar se deslocaria até Jedá para acompanhar Francesca, e Alamán, até Viena. Comunicou com os guarda-costas de Francesca e depois com o seu primo Saud, chefe dos serviços secretos sauditas.

– Saud, é imperativo que o rei faça pressão para que o governo da Áustria permita ao grupo de comando de elite da NATO agir. Eles são os únicos capazes de dirigir esta situação.

– Não será fácil – preveniu-o Saud. – A Áustria não é membro da NATO e comporta-se sempre como se quisesse demonstrar que é diferente dos outros.

– Saud, o meu pai não sairá de lá com vida se uns austríacos ineptos se encarregarem deste assunto! Não se caracterizam por ter o melhor exército, a melhor polícia ou qualquer grupo de elite confiável. É preciso que o rei Fahd convença o emir Jabir – referia-se à autoridade máxima do Kuwait – e que juntos pressionem para obter a autorização da Áustria. Caso contrário, bin Maimón, Al-Sabah e o meu pai não sairão vivos deste sequestro. Podes ter a certeza.

– Eu sei – admitiu o chefe dos serviços secretos sauditas.

– A aliança com os norte-americanos e com os ingleses pode ser de utilidade – sugeriu Eliah.

– Existe uma alternativa melhor. A OMV, a empresa petrolífera austríaca, depende do crude que lhe fornece a nossa Aramco e a Kuwait Petroleum. Ameaçamos cortar o fornecimento se não cederem às nossas exigências. Sem petróleo, a Áustria deixaria de funcionar e mergulharia numa catástrofe económica.

– Achas que poderiam encontrar outros fornecedores?

– Talvez a Venezuela e a Líbia – admitiu Saud –, mas os seus delegados estão também nas mãos dos terroristas, de modo que duvido que nos traíam. Evidentemente, como sugeriste e bem, pediremos ajuda aos americanos e aos ingleses. As palavras deles são sempre persuasivas.

A seguir, Al-Saud telefonou ao general Anders Raemmers, seu antigo chefe em L'Agence. Tinha decorrido muito tempo desde a última conversa que mantiveram. O militar dinamarquês atendeu imediatamente.

– Allô, Cavalo de Fogo. Calculo porque me telefonas.

– General, é um prazer voltar a ouvi-lo.

– Digo o mesmo.

– Estou a caminho de Londres. Aterrarei às... – viu as horas – às mil seiscentas e trinta no aeroporto London City.

– Um dos meus carros estará à tua espera e traz-te diretamente para aqui.

– Obrigado, general.

A seguir falou com Joseph Kabila e com Madame Gulemale. No primeiro caso, deixou uma mensagem com o secretário – a visita a Kinshasa ficava adiada por tempo indeterminado. No segundo, falou com a própria Gulemale.

– Sim, querido, entendo – disse a mulher. – Estão a passar na televisão, ao vivo, os acontecimentos na sede da OPEP. O nome do teu pai é considerado possível entre os reféns. Suponho que o cancelamento da tua viagem esteja relacionado com isto.

– Supões bem.

– Qualquer coisa de que necessites, Eliah, não hesites em telefonar-me.

– Obrigado, Gulemale.

Paloméro descolou o Gulfstream V com destino a Londres, enquanto Al-Saud e De Florian analisavam as últimas informações chegadas à central da Direction de la Surveillance du Territoire. Dispunham de uma cópia do bilhete dos terroristas palestinos e de outros dados: a sala de conferências era um recinto fechado no quarto andar, sem janelas, com um único acesso, e as cabinas dos intérpretes estavam seladas.

– Segundo uma das mulheres que foram libertadas, os terroristas são dez. Outra garante que são seis e outra, sete. Em quem acreditar?

Tal como Raemmers prometera, um BMW E34 vermelho esperava por eles na pista do aeroporto London City e conduziu-os à base de L'Agence, vários metros abaixo da terra numa velha central elétrica nos arredores da cidade.

Era estranho voltar ao sítio onde tinham vivido as horas mais intensas e

excitantes das suas vidas, percorrer os seus corredores, encontrar rostos familiares. Raemmers deu-lhes um abraço e mudou imediatamente de expressão para anunciar:

– Começaram as execuções.

– Merde – resmungou Eliah, dissimulando o pânico com a raiva.

– Acabaram de executar o primeiro refém, um funcionário da OPEP. Fizeram-no às mil seiscentas e quinze.

– O bilhete dava ao governo austríaco o limite das mil e seiscentas – comentou De Florian. – Só quinze minutos de benevolência.

– Permitiram à cadeia do Qatar, Al Jazeera, filmar a execução – informou Raemmers. – Um cameraman foi autorizado a entrar nas cabinas dos intérpretes.

– Al Jazeera? – admirou-se De Florian.

– É uma nova cadeia – explicou Al-Saud. – Fundada pelo governo do Qatar em 1996. É preciso ver essa fita.

– Já a pedimos.

– Alguma tentativa de negociação? – quis saber Al-Saud.

– Nenhuma. Os negociadores da polícia comunicam por telefone com o terrorista que diz chamar-se Mahler. Recebem uma única resposta: cumpram o que foi pedido no bilhete e não haverá vítimas a lamentar.

– Já há uma – insinuou De Florian.

– Se já não houver outra – disse Raemmers. – São quase as mil e oitocentas – recordou.

No gabinete do general dinamarquês havia vários televisores embutidos numa parede com as mais importantes cadeias de notícias do mundo; todas cobriam o mesmo evento, a tomada de reféns na OPEP, e todas estabeleciam analogias com o assalto perpetrado na mesma sede pelo terrorista venezuelano Carlos, o Chacal, em dezembro de 1975. Em simultâneo, verificou-se uma enorme agitação nos estúdios dos noticiários quando se soube que os terroristas tinham executado uma nova vítima, o secretário do ministro do Petróleo dos Emirados Árabes Unidos.

Raemmers retirou-se para atender uma chamada e regressou minutos depois.

– Executaram-no porque um grupo de comandos do exército austríaco tentou irromper no recinto. Antes que se aproximassem, os terroristas abriram a porta da sala e atiraram-lhes duas granadas. Três efetivos foram feridos com gravidade.

– São uns inúteis e uns irresponsáveis! – vociferou Al-Saud. – Não se dão conta de que vigiam o recinto com câmaras? E que diacho pensavam fazer se conseguissem enfiar-se na sala de conferências? Abrir fogo e matar toda a gente? General, o senhor sabe porque estou aqui. Quero que L'Agence se encarregue do resgate dos reféns e

quero participar nele. Os ministros e os delegados não devem entrar naquele avião ou nunca mais voltaremos a vê-los com vida. Não veremos, no mínimo, o meu pai e outros ministros a quem o Hamas chama «víboras árabes».

O telemóvel de Eliah tocou. Tratava-se de Sabir Al-Muzara, o Silencioso.

– Sabir, irmão.

– Telefone pelo assunto do tio Kamal. O que sabes?

– De acordo com as informações de que dispomos, são as Brigadas Ezzedin al-Qassam as responsáveis pelo ataque.

Um silêncio expectável ocupou a linha.

– Se soubesse onde o meu irmão se esconde nestes dias, dir-te-ia sem hesitar.

– Eu sei. Onde costumava esconder-se?

– No Sul do Líbano. Sei de fonte segura que transferiu o seu acampamento. Ele não teria levado a cabo este ataque a partir de um esconderijo que eu conhecesse, porque sabe que o denunciaria para salvar o tio Kamal. Se ele se esqueceu do que o teu pai e a tua mãe fizeram por nós, eu não.

– Quando falas do Sul do Líbano, a que lugar te referes exatamente?

– O acampamento dele ficava perto de Tiro, a uns vinte quilómetros da fronteira de Israel, numa aldeia de pastores. Uma vez visitei-o, há anos. Poderia assinalá-lo num mapa.

– Fá-lo e envia-me o mapa por fax. – Tapou o bocal, pediu a Raemmers um número de fax e deu-o a Sabir. – Qualquer informação que possas oferecer-nos ser-nos-á de utilidade – garantiu-lhe Al-Saud.

Telefonou depois a Shiloah, brilhante membro do Knesset ou Parlamento israelita.

– Do governo, estamos a pressionar o presidente e o chanceler austríacos para que permitam que forças especializadas e bem treinadas possam encarregar-se do resgate dos reféns. Não podemos negociar com esses animais.

– Achas que a pressão de Israel funcionará?

– Os austríacos não se portaram muito bem com o povo judeu antes da Segunda Guerra Mundial e enquanto esta decorria, pelo que a culpa os torna vulneráveis aos nossos pedidos.

O mapa do Sul do Líbano, com as indicações feitas à mão por Sabir Al-Muzara, e uma fotografia bastante atual de Anuar chegaram passados quinze minutos. Raemmers ligou ao agente da CIA colocado na embaixada norte-americana em Beirute e transmitiu-lhe a informação. O homem, que procurava há anos o chefe das Brigadas Ezzedin al-Qassam, recebeu-a com entusiasmo e prometeu enviar um dos seus contactos nativos ao Sul do país.

– Não baseemos as nossas esperanças na investigação que a CIA levar a cabo a sul de Beirute – disse Raemmers. – Poderá levar semanas e nem dispomos de uma hora.

– General – disse Eliah –, quero que o seu melhor grupo se encarregue do resgate dos reféns.

– Sabes como funciona isto, Cavalo de Fogo. Dependo da ordem do meu superior. Sei que te sentes impotente, Eliah – disse, pousando-lhe a mão no ombro –, mas tu sozinho não podes fazer nada por ele.

– General, no caso de o autorizarem a intervir no resgate em Viena, qual seria o seu plano de ação?

– Pela pouca informação de que dispomos, é evidente que o resgate teria de efetuar-se fora da OPEP ou, pelo menos, fora da sala de conferências.

– Eu creio – disse Al-Saud – que deveríamos fazê-los acreditar que as suas exigências foram satisfeitas. Levá-los de helicóptero até ao aeroporto e fazê-los entrar no Boeing. Os nossos homens estariam dentro do avião e, uma vez presos na cabina do Jumbo, começáramos a aniquilá-los, um por um. Conheço o Jumbo de cor e sei onde esconder uma dúzia de homens.

– É um plano demasiado arriscado – manifestou-se De Florian.

– Poderia tentar-se – interpôs Raemmers.

– É a única maneira de cair sobre aqueles filhos da puta – afirmou Al-Saud.

O assistente do general Raemmers meteu a cabeça na sala de reuniões.

– General, o doutor Solana ao telefone.

Ao ouvir o nome de Javier Solana, secretário-geral da NATO, Eliah Al-Saud levantou-se e esperou ansiosamente que o seu antigo comandante regressasse. Demorou quase vinte minutos. Fê-lo com uma expressão que não revelava nada.

– A pressão internacional sobre a Áustria é imensa. O presidente Klestil autorizou que o nosso grupo se encarregasse da situação.

– Muito bem! – murmurou De Florian, batendo na mesa com o punho.

– O chanceler Klima designou... – Raemmers consultou o papel que trazia na mão – ... o general Wolfgang Schössil como nosso oficial de ligação em Viena. Esperamos na base aérea Brumowski, em Langenlebarn, a vinte quilómetros de Viena.

Convocou-se de urgência uma MSM (Mission Strategy Meeting), uma reunião para decidir a estratégia da missão. Os chefes dos diversos setores – o de informática, o de tecnologia, o de armamento, o de logística e o dos grupos táticos – ocuparam os seus lugares na sala de estratégias, um recinto com mapas eletrónicos e ecrãs gigantes. Al-Saud e De Florian cumprimentaram os seus antigos colegas; não havia caras novas. Eliah tinha consciência de que a sua presença nessa sala se devia à boa

vontade do general Raemmers. Participar na operação de resgate sem ser membro da equipa violaria todas as regras e Raemmers era conhecido por não quebrar nenhuma.

– O pai de Cavalo de Fogo – disse Raemmers, depois de uma breve introdução –, príncipe Kamal Al-Saud, da Arábia Saudita, é um dos reféns. – O ecrã de vidro que desceu do teto projetou uma fotografia recente de Kamal, com trajes ocidentais, na Universidade de Harvard, onde costumava dar conferências sobre recursos estratégicos. – Também lá estão os ministros e os delegados de outros Estados-membros da OPEP. – À medida que os nomeava, as fotografias iam passando diante dos funcionários de L'Agence.

Apresentou-se um mapa tridimensional do edifício da OPEP e determinou-se a localização da sala de conferências, das saídas de emergência e do heliporto no terraço. Projetou-se a filmagem de quatro minutos e trinta e oito segundos registada pelo cameraman da Al Jazeera a partir de uma das cabinas dos intérpretes e que registava a primeira execução. Sete homens, com os rostos cobertos por máscaras antigas, rodeavam a vítima, executada com um tiro na cabeça, quinze minutos depois das quatro da tarde. Três dos terroristas empunhavam espingardas AK-47, sem coronha, e os restantes, pistolas de grande calibre. A filmagem terminava sem mostrar os reféns.

– São sete – disse o responsável pela informática.

– Pelo menos sete – corrigiu-o o chefe dos comandos. – Poderá haver mais dez.

– Duvido – interveio Raemmers. – As mulheres libertadas falaram de um grupo de seis a dez homens. A ordem – prosseguiu o general – é impedir que os terroristas fujam de Viena com os reféns e prendê-los com vida para serem interrogados.

– É óbvio – alvitrou o chefe da logística – que devemos fazê-lo assim que saírem da sala de conferências.

– No caminho para o terraço – propôs outro.

Al-Saud preferia abster-se de intervir na discussão. Como convidado sabia qual o seu lugar e não queria abusar. Depois de alguns minutos de debate, o grupo decidiu-se pela proposta de Raemmers: surpreender os terroristas no interior do Jumbo, com o grupo de comando escondido em lugares estratégicos que a rápida vistoria que, com certeza, levariam a cabo os das Brigadas Ezzedin al-Qassam não bastaria para descobrir. O avião deslocar-se-ia até ao início da pista, o capitão ordenaria aos passageiros que prendessem os cintos de segurança e, quando estivessem todos sentados para a descolagem, o rugido estrondoso das turbinas, na sua potência máxima, ensurdecia os terroristas e marcaria o momento de entrarem em ação. Graças às câmaras que se esconderiam na fuselagem, os soldados de L'Agence saberiam qual a localização de cada uma das pessoas e o ataque seria certo.

– Já que têm de arranjar um piloto voluntário, porque não escolher-me a mim? – propôs Eliah. – Qual a diferença entre um da Austrian Airlines e eu? Cara Pálida – Al-

Saud chamava Edmé de Florian pelo seu nom de guerre – poderia desempenhar o papel de copiloto, uma vez que não fazemos tenções de descolar.

– Nem tu nem Cara Pálida poderão ir armados ou com coletes antibalas – avisou Raemmers. – Os terroristas hão de querer revistar-vos. Poderemos esconder armas na cabina, para quando começar a ação, mas no momento de entrar no avião estarão completamente desprotegidos.

– Aceito – disse De Florian, e Eliah Al-Saud concordou com um movimento da cabeça.

A seguir, Raemmers dirigiu-se ao seu gabinete para fazer um telefonema.

– Senhor, está tudo pronto – comunicou ao secretário-geral Solana. – Espero apenas a sua ordem para executar.

– Executem.

Raemmers voltou para a sala de estratégias e dirigiu-se ao seu chefe de logística:

– Entra em contacto com o general Wolfgang Schössil e diz-lhe que mande os negociadores satisfazer os pedidos dos terroristas, mas que lhes peça mais tempo para organizar tudo.

Às sete da tarde, três horas depois do limite fixado no bilhete, a situação dentro da sala de conferências da OPEP tornava-se insustentável. Os terroristas não tinham executado mais ninguém. No entanto, a espada de Dâmocles pendia sobre as cabeças, não dos ministros e delegados, pois eles representavam o salvo-conduto para saírem de Viena e para uma soma milionária, mas sobre os secretários, guarda-costas e funcionários da organização. Kamal receava por Nando.

Da mesma forma, sabia que, para ele, havia poucas possibilidades de sobreviver. Mais cedo ou mais tarde, se os palestinianos os tirassem do edifício e os levassem para algum país «amigo» do Hamas, cobrariam os resgates e devolveriam os seus cadáveres, se é que se dariam ao trabalho de o fazer.

Com o olhar posto nas duas vítimas, a quem nem sequer tinham coberto o rosto ou descido as pálpebras, Kamal pensou que não receava morrer; simplesmente não tinha vontade de o fazer. «Não quero que esta vida termine», disse para consigo, e viu Francesca, na última visão que tinha dela, de pé na porta principal da fazenda de Jedá, enquanto ele se afastava no Rolls-Royce a caminho do avião que o levaria a Viena.

– Volta depressa, meu amor – tinham sido as suas últimas palavras, sussurradas ainda com os lábios unidos num beijo.

«Não quero que essas sejam as tuas últimas palavras, Francesca. Não quero morrer longe de ti. Quando chegar o momento, quero que seja nos teus braços.» Imaginou a angústia da mulher e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Ele tinha conhecido este tipo de desespero e de desolação há quase quarenta anos, quando a

sua adorada Francesca, grávida do seu primogênito, caíra nas mãos do terrorista Abu Bark. Ele tinha sofrido a tortura da espera e não desejava que Francesca passasse pelo mesmo tormento. «Não morrerei, Francesca. Prometo-te», disse para consigo com paixão, sem grande fundamento. Que saudades de um sorriso de Yasmín, de uma conversa com Shariar acerca dos netos, de partilhar uma graça com Alamán e de abraçar o seu filho Eliah, sempre tão enigmático e difícil de compreender. Não queria morrer sem saber que o seu filho mais novo tinha recuperado a mulher que amava.

Estava cansado e tenso. A permanência na sala podia prolongar-se por dias e as condições e comodidade eram péssimas. Não havia nada para comer ou beber, à exceção das garrafas de água mineral dos oradores que, pouco a pouco, iam sendo consumidas. Como as casas de banho ficavam no fim do corredor, os terroristas não queriam aventurar-se e recusavam o pedido às pessoas com necessidades fisiológicas. Isso não duraria muito tempo. Mais tarde acabariam por ter de o escutar até à casa de banho.

Kamal sobressaltou-se quando o terrorista a quem chamavam Mahler proferiu alguns insultos em árabe e bateu várias vezes com o auscultador na mesa. Era óbvio que a resposta do negociador não o satisfazia.

– Estão a brincar connosco! Executaremos outro refém – vociferou para o negociador. – Façam entrar o cameraman da Al Jazeera para que filme a execução!

Ouviram-se lamentos e soluços e um roçar de corpos que se juntavam num círculo apertado contra a parede. Kamal ergueu os olhos e fixou-os nos do seu amigo Nando, cuja amizade não tinha conhecido um dia mau, e cuja fidelidade ao longo dos anos se mantivera inquebrável. Nando Guzmán era o tipo mais bondoso, tranquilo e nobre que conhecia. Os olhos escuros do cordovês devolveram-lhe um olhar sereno. Limitou-se a levantar as comissuras dos lábios e Kamal interpretou o significado desse sorriso apenas esboçado: «Calma, meu amigo. Tudo correrá bem.»

Os punhos de Kamal fecharam-se sob a mesa e as suas feições crisparam-se quando o terrorista chamado Mozart se atirou a Nando e o arrastou pelos cabelos para fora do grupo.

– Executemos este!

Kamal Al-Saud levantou-se e várias pistolas apontaram para ele.

– Não! – disse com voz firme. – Pagarei o que me pedirem em troca da vida desse homem.

– Não se preocupe, Sua Alteza. O senhor basta-nos. Obteremos dinheiro suficiente.

Kamal moveu-se em direção ao amigo com uma velocidade que desmentia os seus mais de setenta anos, até Chopin o deter com uma coronhada. Caiu de joelhos com um gemido e levou a mão à nuca. O tecido branco que lhe cobria a cabeça começou a tingir-se de vermelho. Kamal observou os dedos manchados de sangue. Tirou o cordão e o pano e fez pressão sobre a ferida na parte posterior da cabeça.

– Al-Saud, volte para o seu lugar! – vociferou Mahler. – Mozart, traz esse infiel para cá, onde a câmara da Al Jazeera possa filmá-lo. Ponham as máscaras antigás.

Kamal não conseguia ver Nando. Tal como com as outras duas vítimas, mantinham-no de joelhos dentro do semicírculo formado pelo grupo de sete terroristas diante das cabinas dos intérpretes, à espera de que o cameraman aparecesse para darem início ao espetáculo. O corpo de Kamal tremia de raiva e de impotência. A ferida pulsava-lhe e um zumbido martelava-lhe as fontes. Uma ligeira náusea acabara de nascer-lhe na boca do estômago. Iam executar o seu melhor amigo e ele teria de presenciar, como um cobarde. Começou a murmurar um versículo da surata e um do Corão, enquanto os dedos da sua mão direita passavam as contas do masbaha. «Alá tem o conhecimento da hora e faz cair a chuva e sabe o que as entranhas encerram. Nenhum ser sabe o que o amanhã lhe deparará, nem ser algum sabe em que terra há de morrer, porque Alá é sapientíssimo e conhecedor.»

Kamal alterou-se ao ver a figura do cameraman da Al Jazeera, que surgiu atrás do vidro de uma das cabinas dos intérpretes com a câmara ao ombro. A pulsação da ferida aumentou. Pôs-se de pé e reiniciou a prece em voz alta, chamando a atenção dos reféns e dos terroristas, que o observaram atrás das suas máscaras durante alguns segundos antes de se voltarem para o cameraman. A recitação do verso do Corão rivalizava com a mensagem que Mahler dirigia ao público.

O toque do telefone silenciou a prece e o discurso, e emudeceu a sala. Mahler saiu do semicírculo e Kamal pôde ter uma visão de Nando, com a testa no chão e o cano da Heckler & Koch de Haydn na parte posterior da cabeça.

– Se telefona para me dizer as mesmas mentiras de sempre, executarei dois reféns em vez de um – ameaçou Mahler.

– Mahler, acalme-se e oiça – pediu-lhe o negociador, em inglês. – Cumpriremos todas as exigências escritas no vosso bilhete. Serão levados de helicóptero até ao aeroporto e ser-lhes-á disponibilizado um Boeing 747 da Austrian Airlines com um piloto e um copiloto.

– Começamos a entender-nos.

– Mas terá de nos conceder mais algumas horas. Espere, Mahler! Deixe-me falar. Os dois únicos Boeing 747 da Austrian Airlines estão fora do país. Um deles chegará amanhã, logo de manhã. Limpá-lo-emos, prepará-lo-emos, forneceremos comida e alimentos e enchê-lo-emos de combustível, de acordo com o seu pedido.

– Quando ficará pronto o avião?

– Amanhã, sexta-feira, às nove da manhã.

– Nem mais um minuto! Entraremos no helicóptero às oito e trinta.

– Tem de dizer-nos com quantos reféns planeia realizar o voo. É um dado necessário! – garantiu o negociador apercebendo-se de que Mahler recusaria dizer-lhe.

– Não é a mesma coisa um helicóptero para transportar dez pessoas ou trinta. E o mesmo serve para a questão do aprovisionamento do Boeing. Tem de compreendê-lo!

– Seremos vinte e três pessoas – admitiu, depois de consultar Wagner.

– Permita-nos fornecer-lhe o necessário para passar a noite na sala de conferências: cobertores, almofadas, comida, bebida.

A conversa durou mais alguns minutos. Mahler pousou o auscultador e disse:

– Soltem esse infiel. Que volte para junto dos outros. Alá, o misericordioso, salvou-lhe o coiro.

– Al-hamdu li-llah – «Louvado seja Deus», sussurrou Kamal, com o queixo encostado ao peito e apertando o terço.

Ergueu a cabeça de chofre ao sentir a vibração do seu telemóvel. Tinha entregado o outro aparelho aos terroristas há várias horas; o segundo, aquele que nunca desligava, e que trazia num dos bolsos interiores em modo de vibração e do qual só a sua mulher e os seus quatro filhos sabiam o número, continuava com ele. A família sabia que só devia utilizá-lo em caso de urgência. O telefone deixou de vibrar, recomeçando a fazê-lo novamente passados alguns segundos.

– Preciso de ir à casa de banho! – disse em árabe, em voz alta e imperiosa. – Peço desculpa, mas mantêm-nos aqui há horas. Além disso, quero lavar a ferida.

– Liszt, Brahms, encarreguem-se disso – ordenou Mahler, passando a sua Kalashnikov a Liszt.

Udo Jürkens verificou se o corredor estava vazio antes de os deixar sair. Kamal deslocava-se com rapidez, não dando importância às pontadas na cabeça, receando que o telemóvel parasse de vibrar. Ao entrar na casa de banho, passou ao largo diante dos urinóis e dirigiu-se para o último compartimento. Liszt atravessou a espingarda e impediu-o de entrar.

– Espere – disse, enfiando a cabeça para revistar o cubículo. – Está bem, entre.

Kamal trancou a porta e sentou-se na retrete. Abriu o telemóvel e aproximou-o do ouvido. Manteve-se em silêncio, atento ao telefone e à conversa mantida pelos terroristas.

– Qual era o nome do primeiro cavalo que ofereceste à tua mulher?

– Rex – sussurrou Kamal. – Estou numa casa de banho.

– Não digas nem mais uma palavra, papá. Sou Eliah. Ouve-me com atenção. O resgate está planeado para amanhã, quando entrarem no avião. No instante em que o Boeing estiver pronto para descolar e as turbinas rugirem na sua potência máxima, quero que te cubras e te protejas porque será nesse momento que alguns soldados irromperão e abaterão os terroristas. Papá, tosse duas vezes se o grupo de terroristas for de dez homens. – Silêncio. – De seis? – Silêncio. – De sete? – Kamal tossiu duas

vezes.

– Vamos, Sua Alteza! – apressou-o Brahms, batendo com o punho na porta. – Se não conseguiu cagar até agora, é óbvio que não conseguirá fazê-lo.

– Já vou.

– Amo-te, papá – disse Eliah, desligando.

Kamal engoliu saliva várias vezes para desfazer o nó na garganta. Cortou um bocado de papel higiénico e limpou os olhos.

Alguns conseguiram conciliar o sono. Kamal, tal como os terroristas, passou a noite em claro, com uma dor de cabeça que se tornava tenaz à medida que as horas passavam. Viu os terroristas, à exceção do mais robusto, ingerir pastilhas, algum tipo de droga para se manterem acordados, conjecturou. Mais do que acordados, pareciam exaltados, embora menos violentos desde que lhes prometeram cumprir as suas exigências.

A conversa com Eliah mergulhara-o numa tempestade de sentimentos e de receios. O seu terceiro filho era um dos homens mais enigmáticos e introspetivos que conhecia, por isso o «amo-te, papá», que ainda soava nos seus ouvidos e que o apanhara de surpresa, provocava-lhe uma felicidade que suavizava o pânico em que as circunstâncias o mergulhavam e ajudava-o a manter o moral em cima quando as suas esperanças fraquejavam.

Nunca tinha sido fácil lidar com Eliah; orientá-lo transformara-se numa tarefa impossível porque não conhecia regras, ordens ou impedimentos, e medo ainda menos. Tinha vivido intensamente os seus trinta e um anos, sem entraves nem limites. Kamal interrogava-se de onde nascia a segurança e a força que o guiavam, e sorriu com um ar abatido ao lembrar-se dos esforços que fizera para o domar e para o tornar mais dócil. Só Francesca parecia compreendê-lo.

«Eliah, meu filho, porque sabes como e quando será o resgate?» Ter-lhe-ia dito Saud, o chefe da Mukhabarat saudita? Um palpite dizia-lhe que, nesta questão, Eliah estava mais bem informado do que o seu sobrinho Saud. Tal como Samara, sempre desconfiava de que, depois da sua saída de L'Armée de L'Air, os negócios do seu filho não se relacionavam com a criação de frisões, mas com assuntos mais turvos e perigosos. Imaginava-o relacionado com o mundo da espionagem e, de certa forma, a criação da Mercure S.A. confirmava as suas suspeitas. Na sua opinião, a natureza da companhia ia mais além da de uma empresa de segurança e informação. Seria verdade o que tinha afirmado aquele jornalista holandês na revista Paris Match? Quase tinha batizado Eliah Al-Saud com o nome de «rei dos mercenários». Foi sacudido por um tremor quando um palpite o assaltou: o seu filho participaria no resgate.

Às seis da manhã, o terrorista mais corpulento, que não tinha ar de árabe, abriu a porta e arrastou para dentro um carrinho repleto de copos descartáveis com café e croissants. Designaram dois dos reféns para distribuir o pequeno-almoço. Kamal

aceitou o café, mas recusou o croissant. Não suportava a ideia de comer com os dois cadáveres postos ali tão perto dele e de olhos abertos.

Perto das sete e meia, reiniciaram-se as conversas telefônicas. Às oito e vinte ouviram o estrondo provocado pelos rotores de um helicóptero.

– Para cima! – ordenou Mahler, ao mesmo tempo que agitava o cano da sua AK-47. – Formem uma fila ali – disse, apontando para a porta. – Não, vocês não! – gritou aos funcionários e secretários. – Só virão connosco os delegados e os ministros. E, evidentemente, Sua Alteza Real, o príncipe Kamal Al-Saud.

Kamal e Nando entreolharam-se.

– Eu irei com o príncipe Kamal! – exclamou Nando, dando um passo em frente.

– Não, Nando!

– Volte para o seu lugar! – gritou Mahler e o terrorista corpulento apoiou a coronha da Kalashnikov no peito de Nando e fez pressão para o obrigar a retroceder.

– Irei com ele!

– Basta! Fará o que lhe disser. E digo-lhe para ficar calado e quieto.

Kamal e Nando voltaram a entreolhar-se e Kamal, com um gesto da mão, pediu-lhe calma e que permanecesse no lugar.

Depois de um último telefonema, durante o qual o negociador anunciou que um helicóptero Mil Mi-8 estava pronto no heliporto do terraço, Udo Jürkens demorou alguns minutos a perscrutar o corredor: não viu nada de estranho. Tirou a sua Beretta 92 do coldre e passou a espingarda AK-47 a Chopin, que, juntamente com Mozart, abriria a marcha, seguido pela fila de dezasseis delegados e ministros. Brahms e Liszt andariam de uma porta à outra da fila para manter a ordem entre os reféns, enquanto Haydn, Mahler e Jürkens fechariam o cortejo.

Chopin e Mozart foram para o corredor empunhando as suas Kalashnikovs, rodando sobre si próprios para manter todos os lados sob controlo. A fila de delegados e ministros, alguns com expressões de terror, outros abatidos, avançou até à porta corta-fogo que fazia a ligação com a zona das escadas. Mozart manteve-a aberta. Subiram em silêncio em direção ao terraço. O rugido dos rotores do Mil Mi-8 intensificava-se à medida que se aproximavam do último andar, e Kamal achou aquele um ruído sinistro.

Os terroristas tinham exigido que o piloto e o copiloto esperassem ao pé das escadas do Jumbo, por isso Al-Saud e De Florian, com o uniforme da Austrian Airlines e os bonés debaixo do braço, aí ficaram à espera da chegada do grupo de reféns. Ergueram os olhos ao ouvir primeiro e ao avistar depois o helicóptero de fabrico russo no céu nublado da localidade de Schwechat, a poucos quilómetros de Viena. Eliah acompanhou-o com os olhos até este ter aterrado a uma centena de metros de distância. Os jornalistas, situados atrás de uma vedação com as suas câmaras,

máquinas de filmar e fotográficas, registavam o sequestro. A sua mãe, em Jedá, e a tia Sofia, em Paris, deviam estar a seguir as imagens da televisão com a respiração suspensa, tal como o cunhado, Anuar Al-Muzara. Por isso Al-Saud exigira que a imprensa fosse reunida num local afastado e que o todo-o-terreno ligeiro de onde Raemmers dirigia a operação ficasse escondido dos repórteres. Obrigou-se a esquecer tudo, até o seu pai, porque precisava de manter a concentração e os reflexos.

Chopin e Mozart saltaram do helicóptero, com as caras cobertas pelas máscaras de gás, e dirigiram-se para o Jumbo com a mesma atitude desconfiada que mantinham ao saírem da sala de conferências. Dirigiram-se em inglês ao piloto e ao copiloto para lhes ordenar que levantassem os braços e afastassem as pernas, revistando-os conscienciosamente. Entraram no avião. Chopin encarregou-se de revistar a classe turística, enquanto Mozart se dirigia ao piso superior para revistar a primeira classe e a cabina.

– Wagner – disse Mozart por um walkie-talkie –, tudo em ordem. O avião está limpo.

Os reféns começaram a sair do helicóptero. O coração de Eliah acelerou ao avistar a cabeça branca do pai, que ultrapassava os outros em altura. Admirou-se que tivesse tirado a ghutra. Voltou-se um pouco e verificou que os terroristas que os tinham revistado continuavam na parte superior das escadas, sob a porta de entrada do avião. Os outros terroristas, também escondidos atrás das suas máscaras de gás, exigiam que os reféns fizessem fila que, uma vez formada, se pôs em andamento em direção ao Jumbo.

Udo Jürkens foi o último a sair do helicóptero, cujo piloto tinha ordens para permanecer na pista e com os rotores ligados até o Boeing 747 descolar. Certificou-se de que a fila avançava em ordem e de que os rapazes se mantinham alerta. Estava satisfeito com o seu desempenho e com o evoluir dos acontecimentos. Dentro de poucas horas aterrariam no Aeroporto Internacional de Trípoli, na Líbia, e poderiam sentir-se a salvo e com um potencial de vários milhões de dólares nas mãos. Voltou a cabeça para a esquerda, atraído pelos flashes das máquinas fotográficas e pela visão dos jornalistas que gritavam perguntas e estendiam os microfones na sua direção. A polícia aeroportuária alinhava ao longo da vedação, sem se atrever a empunhar as armas ou a aproximar-se. Os dois mortos abandonados na sede da OPEP eram prova suficiente de que as ameaças não eram vãs.

Al-Saud inclinou a cabeça à passagem do primeiro passageiro, o delegado da Indonésia, tal como De Florian, e fizeram o mesmo com os restantes.

– São dezasseis reféns. – Al-Saud ouviu a voz de Raemmers no microfone escondido no seu ouvido direito. – Confirmado, os terroristas são sete. O último acaba de sair do Mil Mi-8 e fecha a fila de reféns. Está armado com uma pistola.

Eliah repetiu o cumprimento ao seu pai e apertou a viseira do boné ao descobrir manchas de sangue seco nos ombros do seu thobe. Tinham-lhe batido, tinham-no feito

sangrar. Sustiveram o olhar por um instante, e foi Eliah quem quebrou o contacto para cumprimentar o ministro kuwaitiano com a mesma fleuma usada com os outros reféns e que tentava disfarçar a revolução que se verificava no seu íntimo. Perguntou a si próprio se o colarinho da camisa esconderia o pulsar da sua jugular e se as feições do seu rosto aparentariam a mesma desconfiança que se esforçava por revelar.

Udo Jürkens ia na retaguarda, a alguma distância da fila, com o olhar atento e com a sua Beretta 92 pronta a disparar. A máscara de gás dificultava-lhe a visão e adormecia-lhe os reflexos. Porém, tratava-se de uma boa medida de prevenção, não só para evitar que os gaseassem, mas para impedir que os fotografassem e que os seus rostos ficassem gravados nos ficheiros da CIA e da Mossad, o que os obrigaria a submeter-se a cirurgias plásticas. No seu caso, esta impunha-se dado o fracasso em Paris. Contudo, resistia ainda a modificar as feições.

Concentrou novamente a sua atenção no Jumbo e viu que o delegado da Nigéria, o último refém da fila, estava a meio da escada. Não se preocupava com o piloto e com o copiloto até o seu olhar ter passado, indiferente, sobre o primeiro e ter voltado atrás, pressionado por uma sensação de familiaridade que ativou os seus alarmes. Parou, olhou-o através do vidro da máscara e só precisou de uns segundos para o reconhecer: Eliah Al-Saud. Devido à obsessão do seu chefe Gérard Moses, há muito tempo que andava atrás desse homem e tê-lo-ia reconhecido entre mil. A sua presença no avião e o seu disfarce de piloto só podiam significar uma coisa: tratava-se de uma emboscada. Ergueu os olhos: Chopin e Mozart continuavam no cimo da escada, esperando que os últimos reféns entrassem.

Udo desfez-se da máscara, que acabou na pista, e, agitando a Beretta no ar, ordenou:

– Voltem! Para o helicóptero! Para o helicóptero! É uma armadilha! É uma emboscada!

Eliah Al-Saud e Edmé de Florian tiveram um instante de assombro e não prestaram atenção aos gritos de Raemmers («O que se passa? O que está a dizer? Que alguém traduza!»). A voz inumana e metálica do homem mergulhou-os num estado de estupefação.

«Udo Jürkens», pensou Al-Saud, reparando que este tinha pintado o cabelo de preto. Num ato reflexo, meteu a mão no casaco para tirar a pistola quando se lembrou de que estava desarmado. Olhou para o alemão e viu-o apontar a Beretta na direção deles. Atirou-se para a esquerda para proteger Edmé no instante em que o tiro se sobrepuja a qualquer som, até ao grito de Raemmers no seu ouvido, «Código um! Código um!», a ordem para entrar em ação e libertar os reféns.

Sentiu um golpe no peito, como uma pancada de um punho contra o coração, e a visão da pista desvaneceu-se. Foi inundado por uma escuridão espessa, que lhe envolveu a cara como um plástico e o afogou, até uma pequena luz ter entrado no seu

campo visual juntamente com um sopro de ar. Inspirou com vontade para dilatar os pulmões. A luz avançava, afastando a escuridão, ocupando o seu lugar. Não o ofuscava e o seu calor acariciava-lhe o rosto. O clarão continuava a aproximar-se. Eliah compreendeu que não se tratava de uma luz, mas do brilho de um cabelo deslumbrante, agitado pela brisa fresca e perfumada que ele continuava a inspirar com vontade. A figura luminosa recobrava nitidez e uns olhos prateados acrescentaram fulgor ao clarão, tal como uns dentes brancos, que se revelaram devido a um sorriso que o impeliu a sorrir por sua vez. «Matilde, meu amor», murmurou.

Matilde partilhava a alegria de Juana, com uma serenidade plácida, no banco traseiro do Suzuki Grand Vitara de Joséphine Boel. Conduzia-o um motorista, Godefroide Wambale, um preto alto e forte, de expressão detestável, olhar frio e cabelo grisalho. O veículo deslocava-se para norte, bordejando o rio Rutshuru e a fronteira do Parque Nacional Virunga, por um caminho de terra em mau estado e rodeado de uma paisagem de terra vermelha, ondulações verdes e montanhas cujos cumes mergulhavam na névoa. Por cima deles, o céu estava limpo e diáfano.

– Obrigada, Joséphine! – exclamou Juana pela quarta vez. – Não sabes como estou feliz por ter podido falar com mon fiancé.

«Meu noivo», repetiu Matilde para consigo, erguendo uma sobrançelha. Na realidade, a sua amiga parecia ter-se apaixonado por Shiloah Moses. Há uma hora, na casa dos Boel, a sua expressão alterara-se, enquanto falava pelo telefone por satélite com o israelita, até dera um gritinho, o que fez Joséphine rir. Por outro lado, saber que Shiloah, o amigo de Eliah, estava no outro lado da linha, provocara em Matilde uma profunda impressão. As memórias de Paris paralisaram-na e, como se ao afastar-se conseguisse esquecê-las, dirigiu-se para uma janela e dedicou-se a observar o jardim. Viu um homem de costas para a casa, numa cadeira de rodas situada sob um caramanchão coberto por uma roseira de flores brancas. Chamou-lhe a atenção que o pelo dourado e brilhante do cão sentado aos seus pés se assemelhasse ao cabelo do dono.

– É o meu pai – disse Joséphine, sorrindo diante da expressão assombrada de Matilde. – Sim, o meu pai é branco. Congolês, mas filho de belgas.

– Pensei que os belgas se tivessem ido embora nos anos 60, quando o Congo se tornou independente da Bélgica.

– O pai não conseguiria abandonar o Congo. Ama esta terra acima de qualquer outra coisa. Não, nunca o teria deixado – insistiu, com o olhar fixo no homem.

– A vida dele não corria perigo?

– Não às mãos dos meus compatriotas – garantiu. – Sabes quem foi Patrice Lumumba?

– O doutor Loseke, diretor do hospital, disse-me que era o herói nacional.

– Com efeito. Foi o nosso primeiro presidente e assassinaram-no por querer fazer da nossa pátria um verdadeiro país. Patrice era o melhor amigo do meu pai. Conheceram-se na escola e a amizade perdurou até à morte de Patrice. Ele trabalhou na cervejeira da minha família e nos nossos campos de chá e de cevada, e, quando deu início às suas atividades políticas, todos sabiam que o meu pai o financiava. Ninguém via Balduino Boel como um branco colonialista e fazendeiro, mas como o melhor amigo de Patrice. Ainda que o meu pai seja branco e de cabelo louro, para os congoleses é tão preto como eles.

– Falas do teu pai com grande admiração. Vê-se que o amas muito.

– Ele e a minha irmã Aísha são tudo para mim. Anda – disse Joséphine e, com a suavidade que a caracterizava, deu-lhe a mão e levou-a até um móvel coberto de fotografias. Joséphine pegou numa particularmente bonita, com moldura de ouro e malaquite. – Esta é Aísha, a minha única irmã. Não é bonita?

– Sim, muito bonita – concordou Matilde, admirando os olhos cor de âmbar que sobressaíam no rosto magro de pele mate e escura. – É muito parecida contigo, Joséphine.

– Oh, não, não. Aísha é muito mais bonita do que eu. E muito mais inteligente. Estudou em várias universidades europeias e norte-americanas.

Essa informação não surpreendeu Matilde. Via-se que os Boel eram pessoas com dinheiro. Evidenciava-o a fachada da fazenda, uma mansão do início do século XX, de estilo campestre, telhados de duas águas com telha-espanhola, remates de madeira, terraços de ambos os lados limitados por balaustradas e uma torre de madeira forrada a ardósia com um para-raios na ponta. Pintada de cor-de-rosa, com pormenores em branco, as suas janelas de madeira eram de verde-ínglês. Da galeria superior, cujo chão aos quadrados, em mármore vermelho de Verona e branco de Carrara, chamou a atenção de Matilde, tinha-se uma ótima vista do jardim. A riqueza dos Boel também se podia ver nos óleos que cobriam as paredes. Matilde tinha a certeza de ter visto uma pintura de Camille Pissarro e outra de Jean-Honoré Fragonard.

– A tua irmã Aísha não está? – interessou-se Matilde.

– Ela vive em Washington. Sabes, Matilde? Sinto-me feliz por vos ter conhecido. Às vezes sinto-me sozinha – declarou, com um sentimento de culpa. – Sou muito feliz aqui – esclareceu rapidamente –, esta é a minha casa, mas desde que Aísha se foi embora sinto falta da companhia de uma mulher da minha idade.

– Tens Amélie – sugeriu Matilde.

– Ela e as outras irmãs são grandes amigas. Mas estão longe, e as minhas obrigações em casa, no campo, na cervejeira, na paróquia são tantas... Não me permitem visitá-las tão frequentemente como gostaria. Ainda me custa acreditar que és prima de Amélie! Que coincidência maravilhosa!

– As coincidências não existem – disse Matilde, dirigindo o olhar para o jardim na

esperança de esconder uma perturbação repentina. Lembrava-se das palavras de Eliah como se ele as tivesse dito no dia anterior. «Dissete uma vez que as coincidências não existem. Nesse dia, supunha-se que regressaria a Paris no meu avião, mas uma avaria obrigou-me a ir no teu voo. Supunha-se também que viajaria em primeira classe, mas quando tu e Juana se sentaram ao pé de mim, mudei de opinião. Tu já estavas ao meu lado e eu não conseguia deixar de olhar para ti. E tudo isso aconteceu para que tu e eu estivéssemos aqui esta noite, na minha cama.»

– O que se passa, Matilde? – Joséphine aproximou-se com a discrição de uma libélula, exalando o seu perfume Anaïs-Anaïs. – De repente ficaste triste.

Não teve oportunidade de responder-lhe. Godefroide Wambale entrou na sala e dirigiu-se à sua patroa com a confiança de um pai.

– José – chamou-a, pronunciando «Yosé» –, se quiseres que te leve até soeur Amélie é melhor irmos andando.

– Sim, sim, Godefroide. Assim que Juana acabar de falar ao telefone, vamos. – E disse a Matilde: – Vou despedir-me do papá. Não fica muito contente quando saio de casa por mais de um dia e está de mau humor, por isso não o apresento hoje.

Joséphine atravessou a galeria e caminhou pela relva bem cuidada. Matilde admirou a delicadeza do seu andar e como lhe ficava tão bem o conjunto de corpete florido, justo na cintura e preso por duas tiras presas na nuca, e saia rodada de tecido impermeável branco. Joséphine, aquela casa e o jardim com características palacianas faziam parte de uma realidade semelhante ao sonho, ilusão ou fantasia no contexto de morte, doença e sofrimento em que o Congo estava mergulhado. Viu-a acorazar-se diante da cadeira de rodas e apoiar a face no braço do homem, que lhe deu uma palmadinha na cabeça com a mão esquerda, enquanto o cão agitava a cauda e lhe cheirava o pescoço perfumado. Joséphine levantou-se e o homem rodou um pouco a cadeira. Nessa altura, Matilde viu que lhe faltava a perna direita. Saíram para a Missão São Carlos passados minutos, com uma Juana exultante e agradecida, e uma Joséphine afligida depois da despedida do pai.

Uma sacudidela do SUV, que passara sobre uma cova, trouxe Matilde de regresso ao interior do veículo.

– Como está Shiloah? – quis saber.

– Está bem, embora me tenha parecido preocupado. Não era o mesmo do costume, trocista, alegre, otimista.

– Perguntaste-lhe o que se passava?

– Claro. Disse-me que estava cansado porque na noite anterior tinham tido uma sessão esgotante no Knesset e não dormira muito.

– Vejam, meninas! – exclamou Joséphine. – Os hipopótamos estão a tomar banho no Rutshuru. Para um bocadinho, Godefroide! Sabes como gosto de ouvir os sons do

Virunga.

– Nem penses nisso, José. O teu Virunga está repleto de rebeldes de Nkunda. Queres que nos crivem de balas com as suas Kalashnikovs?

Como se Wambale os tivesse conjurado, ouviram-se tiros ao longe. Num país normal, pensou Matilde, teriam pensado que eram fogos de artifício. No Congo, ninguém teria duvidado de que se tratava da artilharia de alguma das fações armadas. Wambale carregou no acelerador e o veículo passou a voar sobre as covas. Sem tirar os olhos da estrada, abriu o porta-luvas e tirou uma pistola que pousou no painel dianteiro.

Uma avioneta sobrevoava a fronteira do Virunga e Matilde viu as chispas que saltavam das suas asas ao receber os impactos dos projéteis das armas antiaéreas. Não sentia medo. Há menos de uma semana tinha vivido, juntamente com Auguste, uma situação onde sentira a carícia da morte e da qual saíra com vida graças a dois jornalistas preparados para uma realidade violenta como a dos Kivus. Embora acreditasse que «a violência gera violência», apercebia-se de como era fácil deixar-se levar por ela, porque mais de uma vez desejara que alguém aniquilasse os grupos armados do Congo, em especial os que tinham assassinado a família de Jérôme. Ela, uma médica, que fizera o juramento hipocrático! Começava a dar-se conta de que, naquele contexto, os princípios e os valores que, com tanto afínco, defendia, se esbatiam em consequência da dor e da impotência causadas pela injustiça. Talvez, disse para consigo, se tivesse apressado a questionar o ofício de Eliah, porque o fizera com base na sua ignorância e a partir de uma posição cómoda e tranquila. Que tonta e presumida deve ter-lhe parecido! Recusava-se a imaginar a brutalidade dos interahamwes caindo sobre a aldeia de Jérôme e pensou em como essa gente se mostraria agradecida se um grupo liderado por Eliah a tivesse salvado.

Matilde observou as mãos de Wambale, presas ao volante, e deu-se conta de que eram enormes e de que transmitiam poder. O ataque à avioneta prosseguia, os tiros ecoavam na selva do parque nacional, o Suzuki deslocava-se a cento e cinquenta quilómetros por hora numa estrada que nem admitia os sessenta, e mesmo assim ela não sentia medo. A presença de Wambale, o seu domínio e a sua segurança tranquilizavam-na. Não sentira o mesmo ao pé de Vanderhoeven, e ele apercebera-se disso. Desde o ataque do domingo anterior, o belga andava cabisbaixo, pesaroso ou talvez envergonhado.

– O que se passou com o teu admirador? – quis saber Juana, resgatando-a das suas reflexões. Matilde encarou a pergunta como uma boa desculpa para dar início a uma conversa trivial que cobrisse os tiros e a violência desencadeados lá fora e a que não estavam habituadas, ainda que em Paris tivessem vivido duas situações extremas.

– O meu admirador?

– O inglês, Nigel Taylor.

– Dei-lhe alta esta manhã, antes de sairmos. Devia ter ficado mais um dia, mas estava bem e insisti para que o deixasse sair. Julgo que se não lhe tivesse dado alta, teria fugido. Além disso, como as camas não sobram... Deve estar bem.

– Há de voltar – vaticinou Juana. – Esse ficou louco por ti.

Matilde encolheu os ombros em sinal de desinteresse, embora a última conversa com o seu paciente a tivesse surpreendido e ainda se lembrasse dela.

– Doutora Matilde, não vai perguntar-me o que faço neste inferno?

– Não, senhor Taylor – respondeu, continuando a escrever no report.

– Di-lo-ei na mesma.

– Se desejar...

– Vim treinar as milícias de Laurent Nkunda. Sou um soldado profissional.

Matilde ergueu os olhos e fixou-os naqueles olhos azuis e sagazes. Um sorriso entre provocador e vaidoso despontava naquele rosto atraente, de traços duros, que agradeceria uma lâmina de barbear.

– Um mercenário?

– Se assim me quiser chamar, sim, sou um mercenário. Um soldado que cobra pelos seus serviços num exército estrangeiro.

– A milícia do senhor Nkunda não é um exército, mas um grupo de selvagens que matam e assassinam. Recebemos diariamente as vítimas desse maníaco.

– Acha que os soldados do exército regular são menos perversos e selvagens do que os de Nkunda? Eu atrever-me-ia a afirmar que são piores. De certa forma, a minha presença no Kivu é para transformar os rapazes de Nkunda em verdadeiros soldados, não em macacos com espingardas. – Diante do olhar reprovador de Matilde, a expressão de Taylor alterou-se: – Não aprova o meu ofício?

– Não, senhor Taylor, a verdade é que não aprovo.

– É estranho – murmurou.

– Estranho? Porquê?

– Julguei que as mulheres gostassem de homens tipo Rambo.

Matilde riu-se a contragosto.

– Senhor Taylor, admiro a sua sinceridade e, sobretudo, a sua segurança, embora também pudéssemos chamar-lhe vaidade.

– No seu género você é uma mulher única, sabia? Talvez por isso me agrade tanto. – Taylor ficou a olhar para ela, subitamente desarmado, com o rosto descontraído e sem uma expressão artificial. Limitou-se a olhar para as faces coradas de Matilde e apercebeu-se de que o rubor lhe chegava ao nariz e lhe fazia sobressair

as sardas. – Permita-me dizer-lhe que estou orgulhoso de ser o que sou. Que destino teriam tido os bósnios durante a Guerra dos Balcãs se nós, os mercenários, não tivéssemos chegado para os salvar dos sérvios? Porque saiba que os Capacetes Azuis da ONU não mexeram um dedo para os resgatar das garras de Milosevic. E o que seria agora dos banyamulengues, o pessoal de Nkunda, sem a nossa ajuda? Os hutus voltariam a massacrá-los.

– Senhor Taylor, alegre-me que esteja satisfeito com a sua profissão. No entanto, esta está em guerra com a minha. Eu luto pela vida. Você, pela morte.

– Não o vejo dessa forma. A minha profissão e a sua, que considero a mais nobre das profissões, são complementares. E eu não luto pela morte, mas pela justiça.

Matilde não só se surpreendera com a seriedade de Taylor, mas com a sinceridade e orgulho com que defendera a sua profissão. Admirou-o por isso, perguntando a si própria o que teria acontecido entre ela e Eliah se este se tivesse mostrado tão aberto no que dizia respeito ao seu trabalho. «Como teria reagido?», interrogou-se. Torturar-se não fazia sentido; o seu relacionamento também tinha acabado, não só pelos amores entre Eliah e a sua irmã Celia, mas pela sua condição de estéril.

Desviaram-se da estrada principal, penetrando num caminho a que mais depressa se poderia chamar picada. A vegetação formava uma abóbada que impedia a passagem do sol. Matilde abriu a janela e inspirou o aroma da selva, um aroma tão peculiar que nos primeiros dias não conseguia definir se era desagradável, embora lhe fizesse comichão no nariz. Agora sabia que era viciante. Tentou identificar os substratos que o compunham, o da humidade da terra, o das folhas em decomposição, o das flores, o dos animais.

A Missão São Carlos, situada no coração da floresta tropical, emergiu naquelas paragens virgens como um icebergue inesperado no mar. Os ruídos incessantes da selva misturaram-se com os dos meninos que jogavam futebol, com o das mulheres que lavavam e conversavam, com o dos motores que forneciam a energia elétrica e com o do trator que cortava a relva diante de uma capela. Ao avistar o Suzuki Grand Vitara, os meninos, os que estavam a jogar e os que viam o jogo, vieram recebê-los a correr. Matilde saiu, ansiosa, e enquanto acariciava cabeças e sorria, procurava por Jérôme. Viu-o afastado, agarrado às saias de sœur Tabatha, e sentiu ciúmes. Correu na sua direção, chamando-o pelo nome, «Jérôme! Jérôme!», e as lágrimas embaciaram-lhe a visão ao ver como o semblante dele se alterava e se iluminava com um sorriso. Largou as saias da religiosa e veio ao encontro dela. Matilde atirou-o ao ar e fê-lo rodopiar. Era a primeira vez que ouvia o riso de Jérôme.

– Minha riqueza! Jérô, riqueza! – repetia, enchendo-o de beijos.

– Vieste!

– Assim que pude, riqueza. Tinha tanta vontade de te ver. Como tens estado, meu amor? Como te tens sentido?

– Sœur Amélie está triste – afirmou o menino, subitamente sério. – Chorou muito.

– Porquê?

– Ah, Matilde – suspirou sœur Annonciation –, aconteceu uma desgraça.

– Que desgraça? – quis saber Juana, que se aproximou com várias crianças penduradas nos braços e agarradas às suas pernas.

– Onde está sœur Amélie? – quis saber Joséphine, igualmente paralisada por um grupo de órfãos.

– Na capela, a rezar. Desde quinta-feira que não sai de lá. Passa o tempo a rezar o terço. Venham, entremos na cozinha. Já lhes contarei.

Matilde achou eternos os minutos empregues por Annonciation a servir-lhes umas chávenas de café. Sentia o coração a galopar, emocionado, por ter Jérôme no colo, mas também de apreensão, pelo que pudesse ter acontecido.

– Jérôme, querido – disse Tabatha –, vai dizer a sœur Amélie que as raparigas chegaram.

Matilde seguiu-o com os olhos, feliz ao vê-lo com a roupa que lhe comprara em Rutshuru. Tinha um andar seguro e elegante. Parecia estar restabelecido, embora se angustiasse ao pensar nas cicatrizes que teria na alma e que ela não podia ver nem sarar.

– Vamos, Annonciation – pediu Joséphine com insistência –, não nos deixes ansiosas. Diz-nos o que aconteceu.

– Na quinta-feira à tarde, a mãe de Amélie contactou-nos via rádio. Chorava desconsoladamente. Ao princípio não entendíamos nada. Depois conseguiu acalmar-se e disse a Amélie que o pai...

– O meu tio Nando? – interrompeu-a Matilde.

– Sim, Nando. Ele tinha acompanhado o seu chefe a uma reunião em Viena, não sei de que organização, quando um grupo de palestinianos entrou na sala e os fez reféns.

– Meu Deus! – exclamou Joséphine.

– Malditos filhos da puta – interrompeu Juana em castelhano.

Matilde, incapaz de dizer uma palavra, queria perguntar pelo chefe do seu tio Nando.

– A quem te referes quando dizes «o chefe» de Nando? – inquiriu Juana. – Ao senhor Kamal Al-Saud? – perguntou, procurando a mão de Matilde sobre a mesa e apertando-a.

– Sim, esse mesmo.

Annonciation moveu a cabeça na direção de Matilde ao ouvir o soluço que se lhe

escapou por entre os lábios.

– Como estão? – conseguiu balbuciar, mal podendo ouvir o seu próprio sussurro porque os ouvidos lhe zumbiam.

– Ontem à tarde, a tua tia Sofia contactou novamente via rádio. O teu tio Nando e o senhor Kamal estão bem. Um grupo de comandos resgatou-os mas, no tiroteio, um dos filhos do príncipe, que participou no resgate, foi ferido com gravidade.

Perante estas palavras, Juana conteve a respiração e olhou para Matilde, que empalideceu ficando da cor do papel. Os seus olhos prateados, congelados nos da religiosa, encheram-se de lágrimas. Apoiou as mãos na mesa e pôs-se de pé. Annonciation observou-a, atônita, vendo que a jovem agia sob a influência de uma forte emoção porque esfregava as mãos, mordida o lábio e recuava. Juana levantou-se da cadeira e deteve Matilde com um abraço.

– Sabes qual dos filhos do senhor Kamal foi ferido? – perguntou Juana.

– O nome dele é Eliah.

O grito de Matilde trespassou a paz da casa, fez Annonciation, Tabatha e Joséphine darem um salto e paralisou Amélie e Jérôme, que acabavam de entrar. Viram-na desatar aos gritos nos braços da amiga.

– Deus, não! Oh, meu Deus, não! Eliah! – Prolongava as sílabas do nome num apelo dilacerante. – Eliah! Meu Deus, não!

Juana acariciava-lhe o cabelo e embalava-a. Amélie, dominando a comoção, aproximou-se das raparigas.

– Anda, Matilde.

– Não, não! Quero morrer! Eliah!

– Anda, Matilde. Vem comigo.

Seguiram-na até à sala de refeições, onde Amélie sentou Matilde numa poltrona. Juana ocupou o lugar ao seu lado e passou-lhe um braço pelos ombros. A cabeça de Matilde caiu-lhe sobre o peito.

– Annonciation, por favor – pediu Amélie –, prepara um café bem açúcarado para Matilde. Está muito pálida.

Amélie sentou-se numa cadeira, diante das jovens, e segurou nas mãos geladas e trémulas da prima. Interrogou Juana com os olhos.

– Matilde e Eliah eram namorados. Acabaram dias antes de irmos para o Congo. – Depois de um silêncio, Juana acrescentou: – Nunca vi duas pessoas amar-se da forma como eles se amavam... Como se amam, porque a briga que tiveram não acabou com o amor que sentem um pelo outro.

– Compreendo.

Matilde, que soluçava sem forças sobre o regaço de Juana, sentou-se de repente e, limpando os olhos às mangas da camisa, dirigiu-se a Amélie:

– O que se sabe de Eliah? Como está? Recebeste alguma notícia?

– Deram-lhe um tiro no peito...

Matilde mordeu o punho para não desatar aos gritos novamente, queria ouvir o que a prima tinha para lhe contar.

– Onde... onde está?

– Num hospital de Viena. Quando a minha mãe me falou via rádio, a tia Francesca acabara de falar com ela e disse-lhe que o haviam levado para a sala de operações. Isso foi ontem à tarde. Ainda estamos sem notícias.

Matilde semicerrou os olhos e ergueu a cabeça. «Isto não pode estar a acontecer. Senhor, porquê? Eliah, meu amor. Deus te proteja, amor da minha vida. Deus abençoado, salva-o. Não permitas que nada de mal lhe aconteça. Suplico-te.»

– A senhora Francesca está em Viena? – quis saber Juana.

– Viajou para lá assim que soube do sequestro do tio Kamal e não houve maneira de a convencer a permanecer em Jedá. Todos os meus primos estão em Viena.

– O senhor Kamal está bem?

– Sim. Deram-lhe uns pontos na cabeça porque um dos sequestradores lhe bateu com a coronha da pistola quando tentou impedir que executassem o meu pai. Não fiques alarmada! – apressou-se a exclamar ao ver a expressão de Matilde. – O papá está bem. Salvou-se por uma unha negra, como ele diz. Está bem, graças a Deus e à Virgem.

Matilde, como uma autómatas, começou a sussurrar o pai-nosso. Ao aceitar a chávena de café das mãos de Joséphine, ergueu os olhos e deparou com Jérôme que a observava com a carinha banhada em lágrimas e escondido atrás de um móvel, com receio de que sœur Amélie o expulsasse. Matilde entregou a chávena a Juana e, com um gesto, pediu a Jérôme que se aproximasse.

– Vem aqui, riqueza – disse, com voz fanhosa, e puxou-o para si quando o menino ficou ao seu alcance.

– O que se passa, Matilde? Porque estás a chorar?

Matilde mordeu o lábio inferior para controlar o tremor do queixo e respirou fundo antes de falar.

– Estou muito triste, Jérôme, porque uma pessoa que amo muito está no hospital em estado muito grave.

– A tua mamã?

– Não, meu amor. Não é a minha mamã. Chama-se Eliah.

- É teu amigo?
- Sim, um amigo de quem gosto muito.
- Tens medo de que morra? Isso é muito mau.

Matilde apertou-o novamente contra o peito e, ao sentir as mãozinhas de Jérôme a rodear-lhe as costas, chorou emocionada.

A pedido de Amélie, e depois de Matilde beber alguns goles de café, foram até à capela rezar um terço pela recuperação de Eliah. Matilde e Juana, que não sabiam o pai-nosso, a ave-maria ou o glória em francês, sussurravam-nos em castelhano. Jérôme manteve-se de joelhos, entre Matilde e Juana, durante o tempo que duraram os cinco mistérios. Ao finalizar, as religiosas anunciaram que teriam de ir tratar do almoço das crianças. Matilde ter-se-ia sentado em frente ao rádio à espera da chamada de Sofia, no entanto, e uma vez que Jérôme não saía do seu lado, dirigiu-se ao refeitório do orfanato para que comesse.

– É uma bonita construção – comentou Juana, em francês, para que Joséphine e as religiosas não se sentissem excluídas.

Amélie, que dava o almoço a um menino sentado ao seu colo, demorou algum tempo a responder.

- Os meus primos Eliah e Alamán doaram o dinheiro para o construir.

O silêncio caiu sobre as mulheres. Matilde não pestanejava e permanecia estática, com os olhos no prato, apertando as mãos por baixo da mesa porque isso a ajudava a conter o pranto.

– E o 4X4 Range Rover, que já nos livrou de tantas – interveio sœur Tabatha –, também foi um presente de Eliah e Alamán.

– E a casa de acolhimento para as mulheres – acrescentou Angelie – foi construída graças à generosidade do senhor Shariar Al-Saud e da sua mulher, Jacqueline.

– E a salinha de primeiros-socorros que estamos a construir agora – disse sœur Edith – foi uma oferta do senhor Kamal e da senhora Francesca. Eles estão sempre nas nossas orações.

– Sim – prosseguiu Amélie –, a família Al-Saud tem sido mais do que generosa com esta missão. No entanto, é Eliah e Alamán quem mais nos ajuda. Envia-nos dinheiro mensalmente, e saibam que enviar dinheiro para o Congo não é nada fácil, mas Eliah tem contactos muito importantes em Kinshasa e assim o dinheiro chega a Goma, onde vamos buscá-lo todos os meses. Não sei o que faríamos sem o que nos mandam. Não poderíamos alimentar nem comprar os medicamentos para os nossos órfãos e para as mulheres que acolhemos.

Jérôme que, apesar do alvoroço da sala, estava pendente das palavras dos adultos, tocou no braço de Matilde e, com a boca cheia de inhamo, afirmou:

– O teu amigo Eliah é muito bom.

– Jérôme – disse sœur Edith –, já te disse que não comas e fales ao mesmo tempo. É má educação.

Jérôme voltou os seus olhos redondos e escuros para Matilde e esta sentiu ternura ao ver a perturbação refletida neles. Inclinou-se e falou-lhe em voz baixa.

– Nunca tenhas vergonha de te enganar. Sœur Edith tem razão. É preciso engolir antes de falar. A mim também mo ensinaram quando era pequena.

– Quem to ensinou?

– A minha avó Celia. E como eu continuava a falar sem engolir, punha-me de castigo no meu quarto.

– A sério? – A expressão preocupada de Jérôme fê-la sorrir, apesar da amargura que lhe oprimia o coração.

– Evidentemente – asseverou sœur Annonciation –, a ajuda dos Boel é igualmente inestimável.

– Oh – entristeceu-se Joséphine –, duvido muito de que eu e o meu pai façamos a quarta parte do que faz essa família... Como é o seu apelido?

– Al-Saud.

– Vocês fazem imenso! – contrariou-a sœur Edith. – A casa para as mulheres com fístula foi construída com doações do teu pai. Para não falar da obra que fazes com as mulheres que foram... maltratadas – concluiu, porque, diante das crianças (algumas delas compreendiam o francês) não diria a palavra «violadas», até porque muitas estavam presentes quando os rebeldes ou os soldados vexavam as suas mães e irmãs.

– Que obra? – quis saber Juana.

– Na paróquia, recebemos as mulheres que foram... Tu sabes, não é verdade? – Juana assentiu. – Atendemo-las, levamo-las ao hospital, onde vocês trabalham, e, quando lhes dão alta, permanecem connosco até se sentirem com forças para voltar às suas vidas normais. Muitas nunca o conseguem, porque os maridos ou as famílias as desprezam depois de terem sido atacadas. Algumas são acolhidas aqui, na missão, e outras vão trabalhar para os meus campos, para a minha cervejeira ou para onde o padre Jean-Bosco conseguir – concluiu Joséphine.

– Muitas delas – comentou Tabatha –, se não são assassinadas depois da violação, são mutiladas. Cortam-lhes as mãos.

– O quê? – horrorizou-se Juana.

– Sim, é verdade. Um velho costume herdado da época de Leopoldo II – explicou Tabatha. – Ele mandava cortar mãos para semear o medo e manter os escravos submissos.

– Três delas – interveio sœur Angelie –, a quem cortaram só uma mão, graças a Deus, são hoje professoras, vivem aqui e dirigem a escola. Mais tarde apresentá-las-emos.

– O grande problema que temos no hospital – comentou Juana – é que as mulheres que passaram por esse calvário chegam tarde de mais para serem assistidas. Se aparecessem dentro das setenta e duas horas, no caso de terem sido expostas ao vírus da sida, seriam tratadas com antirretrovirais, salvando-se assim da infeção. Passado esse tempo, não há nada a fazer.

– Muitas não pedem ajuda – explicou Joséphine – porque desconhecem isso das setenta e duas horas e da sida. Outras, simplesmente, não o denunciam por vergonha.

– A última vez que Auguste trabalhou em Goma – interveio Amélie –, organizava palestras aqui na missão, aos fins de semana. Em algumas falava sobre o parto e como evitar a fístula. Noutras, mencionava às mulheres a necessidade de recorrerem a um centro médico assim que fossem atacadas. Falava, também, com frequência sobre a nutrição dos mais pequenos... Ufa, uma infinidade de assuntos! Isto enchia-se de mulheres que percorriam quilómetros para o ouvir. É verdade que naquela época vivíamos com um pouco mais de paz. Agora deslocar-se é muito arriscado.

– Nem me fales – expressou Juana.

– Poderia fazer-se, de qualquer maneira – sugeriu Joséphine. – Há muitas mulheres nas aldeias vizinhas que não precisam de andar tanto para chegar à missão.

– Poderíamos fazê-lo nos campos de refugiados – assegurou Amélie. – Umhas aulas de higiene não cairiam mal. Podíamos levar-lhes permanganato de potássio e ensinar-lhes a purificar a água antes de a utilizar. Evitar-se-iam muitas epidemias de cólera. Seria mais fácil mobilizarmo-nos nós do que milhares de deslocados.

– Seria preciso conseguirmos as autorizações do exército para entrarmos nos campos...

Matilde ouvia-as sem prestar atenção, sentindo-se alheada e desmotivada. Assuntos que antes a teriam cativado, careciam agora de importância. Como se preocupavam com o que quer que fosse quando o seu Eliah lutava pela vida? O que fazia ela enquanto isso? Limitava-se a olhar fixamente para o prato de comida, esmagada pela dor, pelo desespero e pela culpa.

Vumilia, uma das cozinheiras que, em cada refeição das crianças, passava o tempo em idas e vindas da cozinha para o refeitório, entrou a correr, chamando por sœur Amélie.

– A sua mãe no rádio! Vite! Vite, sœur Amélie!

Matilde saltou da cadeira e desapareceu do refeitório antes que Amélie tivesse tempo de afastar o menino que tinha ao colo e se pusesse de pé. Atirou-se ao aparelho de rádio, que Auguste Vanderhoeven lhe ensinara a usar.

- Tia Sofia, sou Matilde! Escuto.
- Matilde, querida! Como estás? Escuto.
- Pelo amor de Deus, tia! Como está Eliah?

Soltou o interruptor do auscultador e conteve a respiração à espera da resposta.

Capítulo 8

– Matilde... Matilde...

Francesca inclinou-se sobre a testa do seu terceiro filho e beijou-o.

– Calma, meu amor – sussurrou-lhe, aliviada, porque a sentiu fresca. – Está a chamar por ela há um bom bocado – comentou para Yasmín e Sándor, que permaneciam atrás dela, com aspeto cansado e expressões sombrias –, desde que o trouxeram para o quarto. O amigo dele, Edmé de Florian, disseme que também o fazia enquanto o traziam de ambulância.

A família Al-Saud tinha passado a noite de sexta-feira, 1 de maio, no Hospital Geral de Viena, conhecido pela sigla AKH, o maior centro médico da Europa, onde, de manhã, ou melhor, cerca do meio-dia, Eliah dera entrada com uma bala no peito, à altura do coração. A perda abundante de sangue, que acabou por ser o problema mais urgente na sala de operações, resultara da meia hora em que Eliah permanecera caído na pista, junto das escadas do Jumbo, até o grupo de comandos do general Raemmers conseguir abater quatro terroristas, prender dois com vida e libertar os reféns. O sétimo, que disparara sobre Eliah num ato algo incorente, tinha corrido de volta ao helicóptero, ameaçado o piloto com a sua arma e conseguido fugir. Horas depois, o piloto do Mil Mi-8 conseguiu alargar a corda com que o terrorista o manietara, chamou por rádio a base aérea Brumowski, em Langenlebar, e informou que estava nalgum sítio a norte do país, na fronteira com a República Checa, e que não tinha combustível para regressar.

O atordoamento e a perturbação em que mergulharam os seis palestinianos ao ver o seu sétimo integrante desatar aos gritos e começar a correr em direção ao helicóptero depois de abater o piloto, foram aproveitados pelo grupo de comandos dirigido por Raemmers para sair dos seus esconderijos, irromper na cabina do avião e completar o resgate. A operação terminou antes do planeado e sem contratempos. A pista encheu-se de carros da polícia e de ambulâncias. Edmé de Florian encarregou-se de que o primeiro a ser socorrido fosse o seu amigo, que levaram para o Hospital Geral onde seria operado com sucesso. Aconselharam que passasse o resto do dia de sexta-feira na Unidade de Cuidados Intensivos para poderem monitorizá-lo em permanência. Na manhã desse sábado, 2 de maio, e perante os sinais favoráveis da sua evolução, levaram-no, bastante sedado ainda, para um quarto privado.

– Gostaria que Matilde estivesse aqui – desejou Francesca. – Se ela lhe falasse, o teu irmão acalmar-se-ia.

– Eu não gostaria que Matilde estivesse aqui – manifestou-se Yasmín. – Partiu-lhe o coração em mil pedaços quando o deixou.

– Yasmín, por favor – intercedeu Sándor. – Conhecemos Matilde e sabemos que é boa pessoa. Deve ter tido as suas razões para fazer o que fez.

– Para o destruir? Não te lembras como estava quando voltou de Ruão? Não voltou

a sorrir desde que ela o desprezou de uma forma que não consigo perceber, depois de tudo o que ele fez por ela! Ingrata!

– Não nos apressemos a julgá-la – insistiu Sándor em voz baixa, não porque o fizesse forçado, mas por ser a forma habitual de se expressar. Francesca já havia reparado nisso. Cada dia gostava mais daquele rapaz bósnio, agradava-lhe que apacasse o carácter apaixonado da filha, que não cedesse aos seus caprichos, que lhe ensinasse a dominar a ira e a raciocinar.

– Yasmín, não devias falar mal de Matilde – insistiu Francesca. – Graças a ela, o teu irmão está vivo.

– A que te referes?

Francesca dirigiu-se para a cadeira onde tinha pousado a sua carteira de couro. Pegou nela com uma atitude serena, abriu-a e tirou uma corrente de ouro com um pendente. Mostrou-o à filha, que observou o conjunto com um ar severo.

– O que é isto? – perguntou, colocando o colar na palma da mão. – Está todo retorcido.

– É a Medalha Milagrosa que Matilde ofereceu ao teu irmão há uns tempos. Entregou-no-la, ao teu pai e a mim, o cirurgião que falou connosco assim que a operação terminou. Esta medalha desviou a bala, por isso ficou assim, deformada, e impediu que acertasse em cheio no coração do teu irmão. A bala acabou por alojar-se no peito, sem provocar danos de maior.

Yasmín tapou a boca e sentiu um calor nos olhos, que se foi espalhando pelas faces, provocando-lhe um formigueiro nos lábios.

– Sim – disse Francesca –, Matilde, ao oferecer esta medalha ao teu irmão, salvou-o de uma morte certa.

Yasmín deu meia-volta e refugiou-se nos braços de Sándor. Chorou, atordoada pela revelação da mãe, pela angústia que lhe provocava pensar até que ponto tinha estado perto de perder o seu irmão, chorou também pela dor de Eliah, que perdera a mulher que amava, e pelo pânico de perder Sándor. Chorou como não se permitia fazê-lo desde que a notícia do sequestro do seu pai e do seu tio Nando lhe chegou ao laboratório, na quinta-feira à tarde.

– Porque choras? – A voz áspera de Eliah sobrepôs-se ao pranto de Yasmín e deteve-o. – Ainda não morri.

– Eliah! – exclamou, apoiando-se com cuidado sobre o peito do irmão, onde continuou a soluçar, levada por sentimentos contraditórios e fortes. Por um lado, a alegria de o ver acordado e, por outro, a mágoa de saber que, apesar de tudo, tinha o coração dilacerado.

Al-Saud tentou levantar o braço direito para acariciar a cabeça da irmã, mas apenas conseguiu afastar um pouco a mão do lençol. Uma fraqueza como nunca

sentira esmagava-o contra o colchão: um peso no lado esquerdo, perto do ombro. Ao virar a cabeça para seguir o rasto de perfume que lhe era familiar, encontrou o olhar e o sorriso da mãe, e a ansiedade que o embargava pela falta de vigor esfumou-se.

– Porque te arriscaste? – censurou-lhe Yasmín. – O que fazias ali?

– Vamos, Yasmín – compeliu-a Francesca –, não atordoas o teu irmão. Estás a atormentá-lo.

Yasmín levantou-se e permaneceu uns segundos suspensa sobre o rosto de Eliah. Os seus olhos verdes observavam-na com malícia e uma contração nas comissuras dos lábios, que não chegava a transformar-se num sorriso, fê-la rir-se.

– Tonto! – disse, levantando-se. – Pregaste-nos um susto de morte. – Afastou-lhe a franja da testa. – Como te sentes?

– Atormentado pelo teu perfume.

– Ufa! Estou a ver que já te sentes bem porque tens vontade de me martirizar.

Al-Saud riu-se sem forças e imediatamente contraiu o sobrolho ao sentir uma pontada no ombro esquerdo.

– Anda lá, Yasmín – insistiu Francesca –, vai à cafetaria e diz ao teu pai e aos teus irmãos que Eliah já acordou.

– Olá, Sanny.

– Olá, Eliah. – Sándor aproximou-se da beira da cama e pousou-lhe a mão no ombro direito. – Leila e La Diana pediram-me que te dissesse que estão a rezar por ti.

– La Diana a rezar? Gostaria de ver!

– Foi o que conseguiste armando-te em Rambo – censurou-lhe Yasmín –, que La Diana, uma completa agnóstica, se pusesse a rezar.

Sándor e Yasmín saíram do quarto e Francesca inclinou-se para beijar o filho, na testa, nas pálpebras, na cabeça, nas faces, com suavidade, como teria feito uma borboleta ao pousar numa flor, quase a medo, porque lhe parecia inacreditável que Eliah não a afastasse. Desde criança, sempre se mostrara contrário às demonstrações de afeto.

– Meu querido, meu amor. Graças a Deus e à Santa Virgem que estás bem.

– Sei que o pai também está bem. Caso contrário, não estarias tão calma.

– Sim, ele está bem, graças a Deus. Tiveram que lhe dar uns pontos na cabeça porque lhe abriram um pouco o couro cabeludo com uma coronhada.

– Fils de pute – insultou Al-Saud, recordando-se das manchas de sangue seco na tobe do pai e várias imagens o invadiram como um bando de morcegos.

– Não quero que fiques tenso, Eliah. É importante para a tua recuperação ficares

calmo. Como te sentes?

- Muito fraco. Não tenho forças para levantar o braço.
- O cirurgião avisou-nos de que te sentirias extenuado devido à perda de sangue.
- Tenho sede.

Francesca serviu água Evian num copo de vidro, colocou o braço sob a nuca de Eliah e ajudou-o a beber.

- Devagar, filho. Golinhos pequenos, caso contrário ficarás maldisposto.
- Obrigado. O que aconteceu?
- Não se sabe com exatidão. O último terrorista, prestes a entrar no avião, começou a gritar, disparou contra ti, correu em direção ao helicóptero e conseguiu fugir.

– Merde!

Francesca mandou-o calar ao notar que os maxilares do filho se contraíam, e passou-lhe os dedos pela face esquerda para o acalmar.

- Estão à procura dele?
- Por toda a Europa.
- E o que me aconteceu a mim? Deram-me um tiro, isso eu sei. Que danos houve?

– Mínimos, tendo em conta que disparou contra ti com uma pistola de grande calibre. – Francesca, que conservava o fio de ouro no punho, fê-lo pender diante do filho. – Salvou-te a Medalha Milagrosa de Matilde.

Os olhos verdes de Eliah seguiam o movimento pendular daquele bocado de metal disforme.

– O que dizes, mamã? – A pergunta surgiu num murmúrio, formulando-a quase sem fôlego e em francês.

– Por alguma razão, certamente por algum movimento brusco que fizeste para a esquerda, a medalha moveu-se sobre o teu peito, recebeu o impacto da bala e desviou-a. Caso contrário, o cirurgião garante que teria acertado diretamente no coração. E... – Francesca sentiu a voz estrangulada e cobriu a cara com as mãos. – A Virgem Maria salvou-te – choramingou – e Matilde também, por te ter oferecido a sua medalha.

Al-Saud voltou a cabeça para esconder as lágrimas que, irremediavelmente, lhe rolavam pelas faces. Fechou os olhos e os lábios com força para não desatar num pranto amargo. O esforço, que se lhe alojou no peito, provocou-lhe uma guinada de dor. Soltou o ar, que saiu como uma exalação rouca, e inspirou bruscamente. Francesca inclinou-se sobre o filho e passou-lhe as mãos pela cara para lhe limpar as

lágrimas.

– Calma, não te enerves, por favor. Não devia ter-te contado isto. Vais recuperá-la, meu amor. Tenho a certeza.

– Não sei, mamã – duvidou. – Cometi demasiados erros.

– Nada que um amor como o vosso não possa perdoar. Eu sei o que digo, Eliah. Matilde ama-te como ninguém neste mundo. Ontem à noite, quando telefonei a Sofia, comentei com ela o facto de a sua Medalha Milagrosa te ter salvado. Sabes o que me disse? «Como? Matilde ofereceu a sua medalha a Eliah?» Estava bastante admirada porque a sua irmã Enriqueta lhe contara que Matilde nunca se separava dela, que a levava para todo o lado. Foi um presente de Rosalía, a mulher do avô dela, o senhor Esteban, quando... Bem, suponho que sabes que Matilde teve cancro. – Eliah fechou os olhos em sinal de assentimento. – Rosalía tirou-a do pescoço e deu-a a Matilde para que a salvasse do cancro. E salvou-a. Por isso Matilde tinha um grande carinho por essa medalha e atribuía-lhe poderes milagrosos. Enriqueta explicou a Sofia que Matilde nunca a tirava porque pensava que, se a medalha permanecesse com ela, o cancro não voltaria.

A voz de Francesca transformou-se num murmúrio distante e incompreensível, atenuada pela de Matilde, que lhe ocupava a cabeça e lhe roubava a atenção. «Este é o meu bem mais precioso. Protegeu-me desde os dezasseis anos. Agora quero dar-ta como símbolo do meu amor e da minha admiração. És o homem melhor que conheci na minha vida, Eliah. Dou-ta também para que te proteja sempre de todo o mal.» Ainda que naquela ocasião tivesse valorizado o gesto de Matilde, neste instante apreciava-o em toda a sua magnitude. À luz do relato de Francesca compreendia o significado de «bem mais precioso». Matilde desprendera-se do que julgava ser a arma mais eficaz contra o seu inimigo mortal, oferecendo-a a ele para que o protegesse de todo o mal.

– Mamã, põe-me a medalha, por favor.

Al-Saud levantou um pouco o pescoço e Francesca colocou-lhe o fio com o pendente estragado.

– Agora vale mais, assim deformada – disse ele, reclinando-se sobre a almofada, subitamente extenuado. Abriu os olhos. A mãe observava-o com intensidade.

– O que se passa, Eliah?

– Matilde não pode ter filhos. Tiraram-lhe o aparelho reprodutor em consequência do cancro.

Francesca teve um momento de desconcerto.

– Não sabia – admitiu. – Sofia não deve saber, caso contrário, ter-me-ia dito.

– Parece que é um segredo que poucos conhecem.

Elijah dirigiu o olhar para a janela, por onde se via um céu cinzento.

– Filho, isso é muito grave para ti?

– De todo. Mas é para ela.

– Compreendo-a perfeitamente.

– Sim? – Voltou-se para olhá-la nos olhos.

– Evidentemente. Se não pudesse dar filhos ao teu pai, não teria aceitado casar-me com ele. Por minha causa perdia o reino da Arábia. Não ia condená-lo também a não ter descendência.

Al-Saud fixou novamente os olhos no céu cinzento. Estava cansado. Fechou os olhos e a visão de Matilde nos braços do cretino, os seus lábios em contacto com os do doutorzinho belga, arrasou com o seu estado de espírito sentimental. Permitira-lhe que a beijasse, que a língua dele lhe entrasse na boca, a boca dela que só a ele pertencia! Apertou o lençol no punho para dominar o rugido de raiva que lhe pulsava na ferida. Já o teria aceitado na cama? Viviam sob o mesmo teto, não era difícil acertar na resposta. A emoção sentida há minutos, enquanto a medalha deformada baloiçava diante dele, transformou-se num ódio cego.

Os risos refreados, o ciciar e os murmúrios, que se tornavam mais nítidos, anunciaram-lhe que a sua família vinha pelo corredor e invadiria o quarto dentro de poucos segundos. Entraram com expressões luminosas e sorrisos, e ajudaram-no a diluir a ira e os ciúmes que o transtornavam desde que Amburgo Ferro lhe enviara as fotografias.

– Vou sair por instantes – anunciou Francesca – para telefonar a Sofia. Deve estar angustiada pela falta de notícias.

Os irmãos rodearam a cama – até Edmé de Florian fazia parte do grupo – e meteram-se com ele e disseram piadas até Kamal abrir caminho, chegar à beira da cama e agarrar na mão direita do filho. Elijah descobriu os vestígios do cansaço e da tensão nas marcas violáceas sob os olhos do pai e nas rugas mais pronunciadas aos lados da boca.

– Como estás, filho?

– Sinto-me fraco como um bebé.

– É normal depois da perda de sangue que sofreste. Não te preocupes, dentro de dias voltarás a ser o mesmo. – Kamal fixou os olhos nos do filho, um olhar eloquente, repleto de interrogações, com uma sombra de censura também. – O que fazias ali, Elijah?

– Tentava resgatar-te das mãos daqueles filhos da puta. O que achas?

– Isso eu entendo. O que não compreendo é como conseguiste fazer parte do grupo de resgate.

– Tenho contactos nas altas esferas – brincou, esticando o queixo na direcção de Edmé de Florian.

– A propósito, Eliah – interveio Edmé para o salvar do atoleiro –, a operação foi um sucesso. Os homens dos serviços secretos austríacos estão a interrogar dois dos palestinianos.

– O que se sabe do que fugiu?

– Estão a procurá-lo a norte, na fronteira com a República Checa. Foi para lá que ele se dirigiu com o Mil Mi-8.

Francesca voltou ao quarto e deu o braço a Kamal.

– Meu amor, tens de descansar. Estiveste de pé durante mais de quarenta e oito horas. Precisas de dormir e de descansar.

– A verdade é que me dói um pouco a cabeça – admitiu Kamal, tocando na ligadura.

– Vamos para o hotel – insistiu Francesca. – Peço umas aspirinas e vais dormir. Sofia manda-te cumprimentos – disse a Eliah. – Vai telefonar agora mesmo para a missão porque Amélie não faz outra coisa senão rezar desde que este pesadelo começou. A pobre está muito angustiada.

Acabaram por se ir todos embora, à exceção de Alamán e de Edmé de Florian, que aproximaram as cadeiras da cama, esticaram as pernas, cruzaram os braços sobre o peito e fixaram os olhos em Eliah.

– Agora vais explicar-me que diacho aconteceu – exigiu-lhe o irmão.

– Por que razão o sétimo terrorista começou a comportar-se como um doido quando estava tudo a decorrer normalmente? – secundou-o De Florian.

– Porque me reconheceu. E eu a ele, porque tirou a máscara de gás. Era Udo Jürkens.

– O quê? – Alamán endireitou-se na cadeira. – Tens a certeza?

– Quem é Udo Jürkens? – impacientou-se De Florian.

– Udo Jürkens é o fantasma que temos andado a caçar nos últimos meses: o assassino de Rani Dar Salem, o assassino do rapaz iraquiano que foi encontrado no Renault Laguna, no Bois de Boulogne, aquele que gaseou os outros iraquianos em Seine-Saint-Denis, aquele que envenenou Blahetter... E agora, aquele que participou na tentativa de sequestro do meu pai. – Propositadamente, tinha evitado mencionar o ataque a Matilde na capela porque nesse momento não tinha vontade de trazer o nome dela à baila.

– Como sabes que se chama Udo Jürkens?

– Foi um dado fornecido por um contacto da Mossad. Na realidade, o seu

verdadeiro nome é Ulrich Wendorff. Era membro do grupo Baader-Meinhof.

– A voz dele não era natural – recordou De Florian. – Devia estar a usar um aparelho de distorção.

– Achamos que tem um dispositivo colocado nas cordas vocais – explicou Alamán –, por essa razão fala com um timbre de um boneco eletrónico. Estou a investigar as companhias que fabricam esses aparelhos, mas até agora não descobri nada. São mais do que imaginei inicialmente – justificou-se. – Aquele filho da puta do Udo Jürkens está em toda a parte, é como uma erva daninha. Ou é o sicário mais eficaz e barato da Europa e por isso os seus serviços são tão requisitados, ou existe uma ligação entre todos estes eventos.

– Inclino-me para esta última explicação – manifestou De Florian, levantando-se. – Vou-me embora. Tenho um voo para Paris dentro de hora e meia. Assim que chegar, investigarei no sistema da DST – Edmé referia-se à Direction de la Surveillance du Territoire – a ver o que consigo descobrir sobre o tal Jürkens ou Wendorff. Assim que souber alguma coisa, comunico contigo.

– Edmé, tenho uma fotografia atualizada, embora agora ele tenha pintado o cabelo de preto. Envio-ta assim que voltar a Paris. É preciso deter aquele filho da puta antes que altere as feições com uma cirurgia plástica e a busca se torne impossível.

De Florian apertou o ombro direito de Al-Saud em jeito de aperto de mãos.

– Que melhores, amigo.

– Obrigado por tudo, Edmé. Obrigado, a sério.

– É o mínimo que podia fazer depois de me teres salvado a vida em Mogadíscio.

– Ajuda-me a endireitar-me – pediu a Alamán, ao ficarem sós. – Dá-me um pouco de água, por favor. – Bebeu-a com prazer. Sentia uma sede anormal, a língua colava-se-lhe ao céu da boca e tinha um sabor desagradável, a medicamentos. – Onde está o meu telemóvel?

– Edmé deu-mo ontem. Aqui está. Vais telefonar a quem?

– A Byrne. Há dois dias que não sei nada de Matilde.

– Uma coisa é certa: Matilde está no Congo e Udo na fronteira com a República Checa. Não creio que possa chegar até ela brevemente.

– É verdade, Udo para já não incomodará Matilde, mas ele não é o único problema de Matilde. No domingo passado, de regresso à casa da Mãos Que Curam, foi atacada por rebeldes. Crivaram de tiros a carrinha em que viajava, sem quererem saber do símbolo da MQC.

– Merde!

– Salvou a pele graças a Byrne e a Ferro, que iam atrás dela. Caso contrário... Espero que Byrne ou Ferro tenham o telefone por satélite à mão. Allô! Allô! Derek? É

Al-Saud. Consegues ouvir-me? – A conversa prolongou-se durante alguns minutos. Ao desligar, Eliah reclinou-se na almofada.

– E? – impacientou-se Alamán. – Como está Matilde?

– Bem. Na missão, com Amélie.

– Nesse caso, já deve estar a par de tudo. Deve ter enlouquecido de angústia ao saber que estavas ferido.

– Não te preocupes – disse Eliah com uma entoação amarga. – Já encontrou um cretino que a consola.

Amava o Matilde, porém, já não se sentia seguro aí. Depois da morte do seu colega, o sul-africano Alan Bridger, em consequência da explosão do seu barco diante da costa de Gibraltar, receava que o seu sofresse a mesma sorte. As vozes oficiais especulavam acerca de uma falha elétrica e de uma perda de gasolina; noutros meios falava-se de uma bomba-lapa com a marca registada da Mossad.

A morte de Bridger, há vinte dias, tal como a do alemão Kurt Tánveider pouco tempo antes, tinham determinado uma ordem vinda do palácio de Bagdad: «Detém as negociações para obter o bolo amarelo. Esconde-te durante algum tempo. Não mostres a cara. Espera que a tempestade passe», e era isso que Aldo fazia, escondia-se. Sentia-se mais seguro desde que o seu sócio, Rauf Al-Abiyia, que permanecia em Bagdad, lhe confessara que dois dos melhores homens da Amn al Khass, a Polícia Presidencial iraquiana, o vigiavam. Deviam ser ótimos agentes, pensou, porque, por mais que tentasse, nunca conseguia descobri-los. Perguntou a si próprio se Saddam estaria realmente a protegê-lo ou se se trataria de uma argúcia de Rauf para lhe infundir confiança, de modo a fazê-lo continuar a arriscar a pele atrás do maldito bolo amarelo. Na última conversa mantida com Al-Abiyia no dia anterior, da própria cabina telefónica fronteira ao Hotel Bellavista, perguntara-lhe à queima-roupa: «Tens a certeza de que me protegem?» «Evidentemente. Disseme o meu amigo Fauzi. Ele não me mentiria, irmão. És o homem-chave neste momento. Sem ti, o sonho do presidente não será possível.» No entanto, Aldo tinha dúvidas e medo.

Rauf Al-Abiyia insistira para que mantivesse um perfil discreto antes de reiniciar as negociações. No entanto, Aldo sabia que não dispunha de muito tempo. No Iraque trabalhava-se a contrarrelógio para fabricar as centrífugas do professor Orville Wright, pelo que Saddam depressa exigiria o urânio. Ficaria impaciente se Aldo não lhe desse respostas e exigiria alguma coisa em troca do dinheiro que estava a depositar na conta do Bank Pasche do Liechtenstein.

Apontou o controlo remoto para o televisor e aumentou o volume. Estava a começar o noticiário do meio-dia. Desde a noite de quinta-feira que seguia com atenção a tomada de reféns na sede da OPEP em Viena e com ansiedade desde a publicação da lista de nomes das vítimas. Nando, o cunhado, estava entre elas. Era uma ironia que o marido da sua irmã estivesse nas mãos dos membros das Brigadas

Ezzedin al-Qassam, grupo a que fornecera as pistolas, munições, granadas e Kalashnikovs com que ameaçavam os reféns. Pensou em Francesca, no seu belíssimo rosto contraído pela angústia e pelo pranto.

– Francesca – sussurrou, porque precisava de dizer o seu nome. Como era possível que, depois de trinta anos, pensar nela ainda lhe doesse tanto? Cobriu a cara com as mãos e apoiou os cotovelos nos joelhos. «O que fiz da minha vida?», lamentou-se. «Como acabei por descer tão baixo? Como acabei transformado num traficante a quem caçam como a um cão?» Olhou para as mãos e viu sangue nelas, o das vítimas que caíam por causa das armas que vendia e que lhe permitiam encher os bolsos de dinheiro. O que pensaria a sua doce Matilde se lhe confessasse a verdade? Ela, que amava a humanidade e que lutava para curar os miseráveis do planeta. Como reagiria se lhe contasse que conhecia o assassino de Roy e que não se atrevia a fazer nada para vingar a sua morte?

Pelo menos, disse para consigo, restava-lhe ainda um pouco de nobreza porque, ao saber que o príncipe Kamal Al-Saud tinha escapado com vida do assalto à OPEP, e apesar dos sentimentos que lhe inspirava, sentira alegria por Francesca e por ele próprio, devido a esse resto de bondade no seu coração repleto de sombras. Levantou-se bruscamente. Pela primeira vez em muito tempo desejou ter um copo de whisky na mão. Queria abandonar a vida de traficante, queria desaparecer das listas da Mossad, mas, sobretudo, queria manter a sua família a salvo. Não tinha sido difícil entrar naquele mundo pela mão de Al-Abiyia e guiado pela sua sede de riqueza, mas sair seria complexo e perigoso. Não poderia fazê-lo antes de conseguir o urânio para o regime do Iraque. Uma vez cumprido o encargo, desapareceria.

Tirou do bolso a sua masbaha e, enquanto subia ao convés, desfiava as contas e dizia a shahada, a profissão de fé do Islão: «La ilaha illa-llahu, Muhammad rasulu-llah» («Não há outro deus senão Deus e Maomé é o seu mensageiro»). Nada o serenava tanto como a repetição destas palavras. Fazia com que a inquietação em que o mergulhava o desejo de um copo de álcool diminuísse.

Por esses dias, não se expunha inutilmente no convés, por isso pegou no jornal La Tribuna de Marbella e voltou para a sala, sentando-se na poltrona para o folhear. Estava a ver com apatia a secção das crónicas policiais quando voltou a página de repente ao vislumbrar um nome: Paul Fricke. O artigo intitulava-se «Assassinato, suicídio ou acidente?» O cabeçalho dizia: «Morreu em Ceuta, em circunstâncias estranhas, Paul Fricke, o secretário pessoal do ministro da Defesa alemão.» Aldo levantou-se, em pânico.

– Oh, meu Deus!

Continuou a ler, embora tivesse de se esforçar em segurar no jornal porque as mãos lhe tremiam. Paul Fricke, com quem tinha feito negócios no passado, era a sua última alternativa para arranjar o bolo amarelo antes de recorrer a Gulemale, e essa última alternativa esfumara-se. Não havia dúvidas, estavam a eliminá-los um por um.

Pousou o jornal e foi até à sala, contornando os móveis, indo de uma ponta à outra, esfregando as contas do masbaha, repetindo a Bismallah, o primeiro versículo do Corão: «Bismallah ir-Rahman ir-Rahim» («Em nome de Alá, Clemente, Misericordioso»).

Esgotado, com os nervos em franja, deixou-se cair novamente no sofá. Precisava de ouvir a voz de algum ente querido. Precisava de ouvir a voz de Matilde. «Olá, papá» teria bastado para lhe devolver a alegria. Mas a sua princesa estava a milhares de quilómetros, num sítio inóspito do Congo, isolada, sem redes de comunicações, arriscando a vida por uns pretos cheios de doenças. Contentar-se-ia em ouvir a voz de Sofia. Atendeu-o Ginette e, por instantes, recebeu que a sua irmã não estivesse em casa. Sofia pegou no auscultador segundos depois.

– Allô?

– Sofi, é Aldo.

– Aldo! – Sem dizer mais palavras, Sofia começou a soluçar. A tensão a que estava sujeita desde quinta-feira transbordou ao ouvir a voz do irmão. Aldo esperou com paciência que Sofia recuperasse a compostura. Falaram durante muito tempo.

– O que sabes de Matilde?

– Falei com ela há uma hora, mais ou menos, pela rádio.

– Não me digas! Como está a minha princesa?

– Destroçada pelo que aconteceu a Eliah. Amélie disse-me que ficou muito mal quando soube que o tinham ferido na operação de resgate. – Aldo apertou o punho em volta do telefone. – Aldo, estás a ouvir-me?

– Sim, estou aqui.

– O que se passa?

– Não suporto esse tipo. Deves calcular que não acho graça nenhuma ao facto de a minha filha se envolver com o filho de Al-Saud.

– Aldo, Aldo... – disse Sofia. – Ainda não superaste isso?

– Evidentemente que sim! Isso não significa que me resigne à ideia de que a minha filha se envolva com um Al-Saud. Além disso, não gosto dele. É um pedante, com pinta de matador.

– Eliah é filho de Francesca! E como tal é um rapaz nobre, dos melhores que conheço. – Um silêncio dominou a linha. – De qualquer forma, não tens de te preocupar com esse assunto porque eles acabaram antes de Matilde viajar para o Congo.

– Sim? Porquê?

– Não sei exatamente, mas julgo que foi por causa de um artigo publicado no Paris

Match acerca de Eliah. Francesca disseme que ele os processou por calúnias e injúrias.

– O que dizia o artigo?

– Que Eliah é um mercenário. Na realidade, que Eliah é o rei dos mercenários. Acreditas em semelhante estupidez?

Sábado à noite, Matilde sentiu um cansaço semelhante ao da primeira semana em Masisi, quando o seu corpo ainda não estava habituado ao calor opressivo da selva tropical ou à intensidade do trabalho num hospital em crise. A noite em branco passada no banco, que fazia às sextas-feiras, em conjunto com o impacto de saber que Eliah fora ferido durante o resgate dos reféns, tivera um efeito demolidor no seu corpo e na sua mente. O alívio que se seguiu à comunicação com Sofia levou-a novamente ao pranto. Segundo a sua tia, Francesca acabara de lhe telefonar para lhe dizer que Eliah sobrevivera à cirurgia e que estava bem, embora fraco, em consequência da grande perda de sangue.

– Francesca disseme que tinha sido a tua Medalha Milagrosa a salvá-lo por ter recebido o impacto da bala e de a ter desviado. Caso contrário, teria acertado no coração.

Amélie agarrou no recetor e prosseguiu a conversa porque Matilde estava incapaz de continuar. Encolheu-se na cadeira e desatou a chorar com um desconsolo que demorou algum tempo a dominar. Juana abraçava-a e dirigia-lhe palavras de alento.

– Mat, a tua medalha salvou-o, amiga. Meu Deus! É um milagre. Essa medalha é o máximo. Eliah deve-te a vida.

– Não, não – soluçava –, não me deve nada. Nada!

Juana avistou Jérôme, que tinha fugido do refeitório e observava novamente Matilde, meio escondido atrás da porta. Chamou-o com um movimento da mão. O menino aproximou-se e imitou-a nas carícias. Matilde sentiu outras mãos nas suas costas e cabeça, mais desajeitadas, e soube a quem pertenciam. Sentou-se e, passando pela cara as mangas da camisa com cheiro a permetrina, tentou sorrir.

– O teu amigo morreu?

Matilde emitiu um som, uma mistura de pranto e riso, e puxou Jérôme para si.

– Não, meu amor, não. O meu amigo está bem. Já está melhor.

– Então, porque choras?

«Porque o amo, porque sinto a falta dele, porque não sei viver sem ele, mas tenho de aprender a fazê-lo.»

– Tens razão. Já não há motivos para chorar. O meu amigo está bem.

– Vamos brincar?

Matilde, Juana e Joséphine passaram a tarde com as crianças, partilhando as suas atividades e brincadeiras. Matilde juntou-se aos rapazes num jogo de futebol, enquanto Juana ajudava um grupo de meninas nos trabalhos de casa e Joséphine, que demonstrou ser uma modista exímia, ensinava as mais velhas como confeccionar roupa com pedaços de tecido que tinha levado. Durante o lanche, enquanto molhavam um pedaço de pão numa chávena de chá açucarado, Matilde contou-lhes uma história que até os mais velhos seguiram com semblantes estáticos.

Jérôme não se afastava de Matilde e ela gostava que ele lhe desse a mão ou lhe puxasse pela camisa. Sentia-se amada e útil. De vez em quando, sem motivo, parava e, de cócoras, abraçava-o e enchia-o de beijos até o fazer rir. Amava aquele menino como ninguém; nem sequer os seus sobrinhos, filhos da sua irmã Dolores, lhe inspiravam o mesmo que Jérôme. Queria-o para sempre na sua vida.

Como era sábado, dia do banho dos órfãos, antes do pôr do sol ajudaram as religiosas e as professoras nessa tarefa. A água, que se valorizava como ouro, era racionada entre as cinquenta e três crianças e trazida de uma cisterna até ao refeitório transformado em casa de banho. Transportavam-na as mulheres acolhidas, as violadas e as da fístula que conseguiam andar sem problemas, em bidões de vinte litros, que deitavam sobre as cabeças das crianças. Lavavam-nos sobre uma bacia com sabonetes que sœur Edith fabricava com as mulheres.

Matilde apanhou o cabelo num coque antes de deitar mãos à obra. Tratou primeiro de Jérôme e lavou-o conscienciosamente, utilizando mesmo uma escova para lhe esfregar os pés e os joelhos. Antes de o limpar, entregou-lhe o sabão e ordenou-lhe que lavasse as partes íntimas.

– Aí – disse-lhe – só tu podes tocar. Percebido?

O menino assentiu, com os olhos bem abertos, ao reparar na severidade de Matilde. Embora da secagem se encarregassem sœur Angelie e sœur Annonciation, não puseram objeções quando Matilde lhes pediu uma toalha para secar o seu protegido. Fê-lo com movimentos enérgicos para que o sangue circulasse. Besuntou-o com o repelente de mosquitos e vestiu-lhe uma muda de roupa limpa, da que tinha comprado no mercado de Rutshuru. Como Jérôme não aceitava afastar-se dela, sentou-o a alguns metros para que não se salpicasse, e continuou a lavar outras crianças. De vez em quando, virava-se e via-o ali com o olhar sério, imóvel, direito contra a cadeira, com ar cerimonioso. Parecia um adulto em ponto pequeno. Sorria-lhe para o fazer sorrir e piscava-lhe um olho, coisa que Jérôme tentava imitar sem sucesso, o que lhe arrancava uma gargalhada. «Ah, Eliah, se pudesses ver o que eu vejo, amá-lo-ias tanto como eu. Os seus olhos enormes e escuros, a sua cabecinha perfeita, o seu nariz que parece um botãozinho e a sua boquinha que me lembra a tua, mas, sobretudo, a sua alma de menino bom é o que Jérôme tem de mais bonito. Oxalá, estivesse aqui para o veres.»

Depois do jantar, um grupo de crianças – todas as noites calhava a um grupo

diferente – levantou a mesa e ajudou Vumilia e as outras raparigas a lavar os pratos. Partilharam um momento de oração dirigido por soeur Amélie antes de irem para os seus quartos. Os mais pequenos tinham adormecido nos braços das religiosas e das órfãs mais velhas. Jérôme, a quem os olhos se fechavam durante a oração, lutava para se manter acordado e ia pela mão de Matilde, em silêncio e com o queixo encostado ao peito. Devido a uma epidemia de meningite, o laboratório do hospital colapsara e as análises menos urgentes demoravam semanas, razão pela qual Matilde ainda não sabia os resultados das análises feitas a Jérôme. No entanto, animava-se convencendo-se de que o via saudável. Eram também detetadas doenças como o VIH ou a tripanossomíase humana africana. Sœur Tabatha, que revelava uma inclinação especial pelo recém-chegado, reforçara as suas esperanças ao garantir que comia com apetite, «embora à noite tenha pesadelos e acorde a chorar», comentário que, ainda que não surpreendesse Matilde – só Deus sabia os horrores que Jérôme tinha presenciado –, a mergulhara numa grande tristeza e impotência.

– Estás muito cansado, riqueza? – perguntou-lhe Matilde, tirando-lhe os ténis para lhe vestir o pijama que lhe tinha oferecido.

– Não – mentiu Jérôme. – Quero que me contes uma história. Essa dos meninos que se perdem no bosque, a que me contaste no hospital.

Matilde deitou-se ao seu lado e colocou o mosquiteiro à volta deles. Em voz baixa, quase num sussurro, contou-lhe uma versão modificada de Hänsel e Gretel. Tapava a boca e reprimia o riso que lhe provocavam os esforços de Jérôme para não adormecer. Acordava com espasmos e arregalava os olhos, até tocar com as pestanas nas sobrancelhas, embora as pálpebras comessem de novo a cair. No fim da história, Matilde saiu da cama e inclinou-se para pousar os lábios na testa do menino.

– Já não estás triste pelo teu amigo? – ouviu-o murmurar.

– Não, já não. Estou feliz por estar aqui contigo. Senti muito a tua falta durante a semana.

– Eu também.

«É verdade», pensou Matilde, porque Tabatha lhe dissera que todas as manhãs Jérôme lhe perguntava: «Hoje é sábado? Matilde vem hoje?»

– Vamos, toca a dormir porque amanhã quero jogar futebol outra vez.

O sorriso de Jérôme, que invadia cada traço do seu rosto e lhe iluminava os olhos, bastava para dar sentido à sua vida. Ajeitou-lhe a almofada e, ao fazê-lo, a sua mão chocou com uma coisa dura.

– O que é isto? O que escondes aqui? – Tirou a caixinha de cliques onde ela tinha guardado a sua madeixa de cabelo. – Ah – exclamou, emocionada e surpreendida. Esquecera-se desse pormenor.

– Pu-la debaixo da almofada – explicou Jérôme – para não ter sonhos feios.

– E funciona? – O menino abanou a cabeça afirmativamente. – Boa noite, meu querido. Bons sonhos.

Jérôme tirou rapidamente os braços de baixo do lençol e passou-os em volta do pescoço de Matilde, puxando-a para a cama. Matilde aceitou o abraço e permaneceu imóvel e muda, com o rosto contraído e uma opressão à altura do esterno que a ajudava a reprimir o choro, enquanto cada soluço de Jérôme se lhe cravava no peito e lhe partia o coração.

– Tens saudades da tua família, não é verdade? – disse, recuperando o domínio de si própria.

– Sim – foi a resposta do menino, mistura de gemido e de suspiro.

– Queres contar-me o que aconteceu com eles?

Mais uma vez, Jérôme se recusou a fazê-lo, o que levou Matilde a esboçar conjecturas que a apavoraram.

– Querida Alizée – disse, com voz pausada –, o teu filho Jérô, que amo com toda a minha alma, está muito triste porque partiste. – Matilde apercebeu-se de que o menino apertou o abraço. – Eu sei que, na realidade, não partiste e estás aqui connosco, por isso te peço que durmas junto dele para que não tenha pesadelos. Obrigada, querida Alizée. Boa noite.

Há mais de meia hora que o gerador não funcionava e que a penumbra reinava na missão. As crianças dormiam ou fingiam fazê-lo. Matilde, ainda abraçada a Jérôme, tentou infundir-lhe paz. Fechou os olhos, fez um dos exercícios respiratórios que Eliah lhe ensinara e concentrou-se nos sons da noite, aqueles que chegavam da floresta tropical e entravam furtivamente pelas janelas abertas, protegidas por mosquiteiros. O concerto de guinchos, uivos e rugidos misturava-se com o ressonar do interior e compunha uma música incessante e harmoniosa, que a acalmava. Passados minutos notou, pela respiração de Jérôme, que este dormia. Libertou-se do seu abraço e beijou-o na testa.

– Que Deus te abençoe, meu amor – murmurou, pondo-se de pé.

Endireitou o mosquiteiro, procurando ajustá-lo a todas as esquinas. Deu as boas-noites a sœur Angélie, que dormia essa noite no orfanato, e atravessou a correr o espaço que a separava da casa das religiosas. Entrou pela cozinha na ponta dos pés, deu a volta à chave e encaminhou-se para a sala, onde Vumilia colocara três colchões para elas. Ao passar diante do quarto de Amélie, viu uma réstia de luz debaixo da porta. Bateu levemente com os dedos.

– Entre.

Ao ver a cara de Matilde que espreitava com prudência, Amélie pousou o livro na mesa de cabeceira e saiu da cama. Sem o hábito nem o véu, a prima parecia

diferente, mais jovem, mais bonita, apesar do cabelo cortado como o de um homem.

– Anda, entra, entra.

– Não, não. Só queria agradecer-te por me teres permitido ficar mais um pouco com Jérôme.

– Deves estar exausta – conjecturou Amélie. – Não me parece sensato que esgotes o teu corpo até ao limite. – Matilde respondeu-lhe com um sorriso cansado e entrou. – Senta-te.

– Obrigada – disse, ao mesmo tempo que descobria de onde vinha a luz, um pequeno candeeiro de halogéneo que funcionava a pilhas.

– Que dia, o de hoje! Não é verdade? – Matilde concordou. – Que intenso!

– Amélie, queria pedir desculpa pelo espetáculo que dei esta manhã, quando soube que tinham dado um tiro a Eliah, e pelo que dei depois, quando a tua mãe nos disse que estava bem.

– Ex abundantia cordis. – Perante o sobrolho franzido de Matilde, traduziu: – Da abundância do coração. O teu espetáculo – disse, fazendo a mímica de pôr a palavra entre aspas – nasceu da exuberância dos teus sentimentos por Eliah.

– Sim, suponho que sim.

– Ama-lo muito?

– Muitíssimo – admitiu, sem veemência e com os olhos no chão.

– Nesse caso, lamento que tenham acabado.

– A nossa relação não tinha futuro. Soube-o desde o início, mas atraía-me tanto que me deixei levar. Sabia também que sofreria quando o deixasse e, no entanto, permiti-me viver o sonho mais bonito da minha vida.

– Porque não tinham futuro?

Matilde ergueu o rosto antes de responder:

– Porque não posso ter filhos.

– Oh! Não sabia! Lamento muito! – As mãos de Amélie pousaram nas de Matilde e apertaram-nas.

– O cancro arrebatou-me o sonho de ser mãe. Poucos sabem. A avó Celia proibiu que a tia Enriqueta o dissesse à tua mãe. Suponho que para a avó era vergonhoso eu não poder gerar um filho.

– Isso não tem nada de vergonhoso – irritou-se Amélie. – Vergonhoso é o que ela fez comigo... – Calou-se e abanou a mão. – Não falemos disso. Voltando ao outro assunto, Eliah acabou contigo quando soube do teu problema?

Matilde reparou que a prima fazia a pergunta com incredulidade, como se não

acreditasse que Eliah fosse capaz de uma ação tão baixa.

– Não, fui eu quem acabou.

– Ah. Não te parece excessivo ter acabado com ele, amando-o tanto, só porque não podes ter filhos?

– Só? – espantou-se Matilde. – Achas pouco?

– A verdade é que acho.

– Houve outras coisas que me levaram a decidir-me, embora, na realidade, apenas tivessem servido para precipitar o inevitável. No fundo, o mais importante é o facto de ser estéril e não querer condenar Eliah a uma vida sem filhos.

– Poderiam adotar.

Matilde abanou a cabeça numa negativa.

– Conheço Eliah. É do tipo de querer ter os seus próprios filhos. Além disso, é tão saudável, tão cheio de vida... Não me parece justo amarrá-lo ao meu destino. Não sei se sabes, Amélie, mas o cancro é uma doença com alto risco de reincidência, ou seja, pode reaparecer.

– Isso só Deus sabe.

– Enfim... – murmurou Matilde. – Também vim para te contar que estou decidida a adotar Jérôme. Quero fazê-lo quanto antes.

– Ora, ora! – Amélie levantou-se. – Pensaste bem nisso? Um filho não é coisa fácil. Hoje tiveste uma amostra ajudando-nos a cuidar das crianças. Exigem muito tempo, precisam de muita atenção, e tu estarias sozinha em tudo. E precisarias de trabalhar.

– Eu sei. Não será fácil, mas o que sinto por ele não se explica por palavras. É qualquer coisa de misterioso, de mágico. Tenho a sensação de que o conheço de toda a vida.

– Jérôme é um menino muito especial. Quando Oscar, o pai, fazia trabalhos de pedreiro na missão, trazia-o às vezes e eu observava-o. Era muito pequeno, quatro ou cinco anos, e, no entanto, aprendia muito rapidamente o que o pai lhe ensinava e levava muito a sério as tarefas que Oscar lhe dava. Fazia-as muito bem, com uma meticulosidade que não era comum para a idade.

– Minha riqueza...

– Aqui também nos cativou a todas. Tabatha está fascinada com ele.

– Como se relaciona com as outras crianças? Hoje não queria jogar futebol. Só o fez porque eu o fiz.

– E tu fizeste-o para que ele jogasse. A verdade é que Jérôme faria qualquer coisa para te agradar, isso vê-se. Está a custar-lhe adaptar-se e integrar-se, mas é preciso

não esquecer que sofreu um... como se diz? Traumatisme.

– Um trauma.

– Sim, um trauma terrível. Não sabemos pelo que passou, o que presenciou. Creio que devíamos dar graças a Deus porque, dentro do que é possível, está a reagir bastante bem. Dir-te-ei o que penso: ele está bem graças a ti, porque encontrou em ti uma substituição de Alizée.

– Nesse caso, com mais razão deveríamos dar início às formalidades de adoção.

– Uf! – Amélie suspirou. – São tão burocráticos e corruptos!

– Não me interessa. Não me interessa nada. Quero que Jérôme seja meu filho. O que tenho de fazer? Por favor, Amélie, ajuda-me!

– Não duvides de que te vou ajudar. Na segunda-feira escreverei aos meus amigos da Associação de Adoção Internacional do Congo.

– Obrigada! Obrigada, Amélie!

– Porque não vais dormir? As tuas olheiras estão maiores do que as minhas e isso é significativo.

Depois de andar quilómetros para leste durante quase um dia, Udo Jürkens encontrou uma granja. Ameaçou os proprietários, um casal de velhotes, com a sua Beretta 92 e obrigou-os a levá-lo até ao povoado mais próximo, depois de o terem alimentado; estava a desfalecer de fome e de exaustão. O povoado chamava-se Gmünd, uma cidade a nordeste da Áustria, a poucos quilómetros da fronteira com a República Checa, um nó ferroviário importante que o levaria onde quisesse.

Ainda que os velhotes tivessem ouvido as notícias acerca da fuga de um dos terroristas que tinham assaltado a sede da OPEP, não o associaram com Udo, uma vez que este tinha aspeto de teutónico, não de palestino, além de falar alemão perfeitamente. Entregaram-lhe o dinheiro que tinham e levaram as suas ameaças a sério. Ninguém que tivesse uma voz de entoações elétricas e olhasse para eles com um olhar isento de humanidade falaria em vão ao afirmar que viria atrás deles e os degolaria caso se atrevessem a denunciá-lo. Deixaram-no na praça principal de Gmünd e regressaram à granja, onde beberam uns copos de vodka antes de voltarem ao estábulo para tratar das vacas. Dias depois, quando viram nas notícias a fotografia de um homem de cabelo louro, não duvidaram de que fosse ele. Os velhotes entreolharam-se e continuaram a comer.

No sábado à noite, Jürkens viajava de comboio para Praga. Ia com um passaporte falso arranjado em Trípoli, cuja fotografia correspondia ao seu aspeto atual: cabelo preto e faces cheias. De qualquer forma, a sua metamorfose não serviria para nada se Eliah Al-Saud, no caso de ter sobrevivido ao tiro, facultasse à polícia a descrição para a elaboração de um retrato-robô. Embora, refletiu, como só tinha tirado a máscara no último momento para avisar os companheiros e a tirara por alguns

segundos apenas, tivesse a esperança de que Al-Saud não tivesse memorizado as peculiaridades do seu rosto. «Isto», disse para consigo, «se aquele filho da puta continuar vivo. Caso contrário...» Pensou no seu chefe, Gérard Moses, e sentiu-se bastante perturbado. Telefonar-lhe-ia de Praga para o telefone com o indicativo do Iraque. Não conseguia avaliar as consequências para si, se tivesse assassinado o amigo de infância de Moses. A obsessão do seu chefe por Al-Saud não tinha limites e, ainda que Udo não compreendesse aonde pretendia chegar, estava em posição de afirmar que Moses, por Al-Saud, era capaz de qualquer coisa.

Independentemente de como decorresse a comunicação com o seu chefe, Jürkens tinha consciência de que tinha de desaparecer da cena por algum tempo. O Iraque surgia como a escolha mais sensata; aí encontraria refúgio, quer fosse sob a asa de Gérard Moses, quer do seu amigo Fauzi Dahlan. No entanto, a decisão recaiu noutro sítio: o Congo, mas antes entraria em contacto com o hacker Charles Bonty, que já teria averiguado em que cidade Matilde trabalhava.

No domingo, 3 de maio, de manhã cedo, chegou a Hlavní Nadrazi, a estação central de comboios de Praga, e dirigiu-se para a Praça Wenceslao, onde comeu um suculento pequeno-almoço e leu um jornal austríaco do dia anterior, maioritariamente dedicado ao assalto à OPEP. Ficou a saber que quatro dos seus companheiros tinham morrido e que dois tinham sido detidos com vida quando as forças escondidas no Jumbo os surpreenderam a meio da confusão que ele próprio criara ao descobrir Al-Saud disfarçado de piloto.

Viu um telefone público dentro do bar e trocou uma nota de dez dólares para obter moedas. Calculou que horas seriam no Iraque e marcou o número que Moses lhe dera. O telefone tocou repetidamente. Prestes a pousar o auscultador, ouviu a voz do chefe.

– Allô?

– Chefe, sou eu – anunciou Jürkens, em francês.

– Em que merda estavas a pensar quando fizeste aquilo?

– Chefe, acalme-se. Lembre-se de que não se pode enervar.

– Enervar-me? Por tua causa tenho as pulsações a mil à hora! – Moses respirou e pressionou as pálpebras com o polegar e o indicador. – O que aconteceu? – perguntou sem abrir os olhos, quase num sussurro.

– Ele estava lá – disse, enquanto pensava como se poderia explicar sem dar nomes. ECHELON, o sistema de escuta norte-americano, tê-lo-ia localizado em segundos se dissesse a palavra errada.

– Ele? Quem é ele?

– O seu amigo, o da avenida Elisée Reclus. – Udo esperou que o chefe digerisse a informação. – O piloto era ele – acrescentou.

– Tens a certeza?

– Evidentemente! – exclamou.

– Dizem que o piloto está gravemente ferido.

– Sinto muito, chefe – murmurou Jürkens, pesaroso. – Sinto muito, mas ele tentou puxar de uma arma.

Moses apertou o punho e pressionou as pálpebras para reprimir a fúria que se transformou em tremores, que o percorreram como ondas. Precisava de se acalmar para pensar com clareza.

– O senhor sabe que eu não teria disparado...

– Cala-te! – Respirou de uma forma entrecortada até conseguir recuperar a fala. – Tens que dar a cara a quem sabes. Ele não tolerará que desapareças sem explicar o que aconteceu.

– Mas...

– Tens de o fazer! Conheço-o desde criança. Se te escondes, procurar-te-á, caçar-te-á como um animal, viverás com a sombra dele pairando sobre ti.

– Se voltar àquele sítio – Jürkens referia-se ao acampamento de Al-Muzara nos arredores de Trípoli – não encontrarei nada.

– Sim, sim. Depois do fiasco, já terá abandonado esse refúgio. Ele é assim, nunca perde tempo. É obsessivo. Temos de ir a Paris. Mais cedo ou mais tarde enviar-nos-á uma mensagem por pombo-correio. Embora... Paris seja inconveniente para ti – lembrou-se Moses de súbito.

Jürkens, que só pensava em descobrir a localização de Matilde, viu aí a oportunidade de visitar o hacker Charles Bonty.

– Não há problema, chefe. Tomarei as precauções necessárias.

– Muito bem. Vemo-nos em Paris dentro de alguns dias, na casa do Quai de Béthune.

Por mais que tivesse querido dormir até tarde, Matilde não teria conseguido. Às oito da manhã do domingo, a missão era um enxame de ruídos, cheiros e luz. Deixou-se estar no colchão, com o antebraço a cobrir a cara para se proteger do sol que entrava pelas janelas sem cortinas. O aroma do café tentou-a e decidiu levantar-se. Joséphine estava a pentear-se a alguns passos de distância sob o umbral de uma portada com o olhar fixo na paisagem. Assim, de perfil, com a expressão concentrada e o corpo delineado pelo corte do vestido, exibia a beleza de uma rainha africana exuberante e orgulhosa.

Para sua surpresa, Juana já se tinha levantado e, conforme a informou Joséphine, estava na casa de banho. Matilde tirou a camisa de dormir e vestiu uma camisola de manga comprida – mesmo que estivesse calor, nunca andava com os braços descobertos –, enfiou as calças de ganga e prendeu o cabelo, tudo isto num ápice.

Queria ver Jérôme. Encontrou-o à espera dela na cozinha, na atitude de quem se mantém fora do caminho para não chamar a atenção e fazer com que o expulsem. Ao descobri-la, Jérôme presenteou-a com um sorriso que lhe aumentou as pulsações. Pôs-se de joelhos e abriu-lhe os braços. Jérôme, esquivando-se a Vumilia com habilidade, correu para ela. Matilde pegou nele ao colo, beijou-o e embalou-o, perguntando-lhe como tinha dormido e se tivera pesadelos.

– Não acordei nem uma vez – garantiu o menino, reafirmando a sua declaração com o indicador levantado.

– Que alegria, Jérô, meu amor! Estás a ver, a tua mamã cuidou de ti toda a noite.

– E a tua madeixa de cabelo.

Perto das dez da manhã, uma carrinha Toyota, cuja cor branca se adivinhava sob os salpicos de lama vermelha, entrou no caminho da missão. As crianças abandonaram as suas brincadeiras e foram recebê-la com gritos de entusiasmo. O padre Jean-Bosco Bahala saiu do veículo com um sorriso e faces brilhantes, e dedicou muito tempo a cumprimentar e a conversar com as crianças, que o ajudaram a descarregar as provisões que transportava no porta-bagagens da Toyota.

Depois de tomar o pequeno-almoço, o sacerdote reuniu-se com os mais velhos para continuar as aulas de catecismo. Uma hora mais tarde deu missa na capela, a que se juntaram as mulheres que viviam no setor mais afastado da missão, incluindo as da fístula. Há anos que Matilde e Juana não iam à missa. Porém, ao comentarem isso no fim do dia, já de volta a Rutshuru, concordaram que tinha sido uma cerimónia emotiva. Durante o sermão, o padre Jean-Bosco falara do amor, da caridade e da esperança, num sentido prático e humano, sem definições teológicas; nem por uma vez pronunciou a palavra pecado.

Matilde, com Jérôme ao lado, fechava os olhos e rezava por Eliah com uma devoção que não tivera nos meses de quimioterapia, há onze anos. Por outro lado, agradecia à Virgem, com igual fervor, ter-se interposto entre a bala e Eliah. Ao imaginar o instante em que o tiro o atingira, os olhos ardiam-lhe e um calafrio percorria-a.

Como não estava a chover, colocaram grandes tábuas em frente da casa das religiosas e partilharam um almoço ao ar livre. O padre Jean-Bosco abençoou os alimentos antes que as refugiadas se dispusessem a servir o que os congolese consideravam um manjar: tilápia, um peixe do rio, cozinhado nas brasas em folhas de marantacee, com tanto piripíri que queimava a boca; também havia saka saka, uma espécie de puré de folhas de iúca com óleo de palma e molho de amendoim, salada de couve e mandioca no forno. No fim da refeição, sœur Edith contou a Matilde e a Juana que o banquete era um presente de Joséphine, que mandara o seu motorista, Godefroide Wambale, vir no domingo de manhã com os ingredientes. Tinha comprado toda a pesca de tilápias a uns pescadores que encontrara na margem do Rutshuru, no seu caminho para a missão.

Jérôme comia com vontade, via-se que estava familiarizado com os sabores, embora não com os talheres. Parou de mastigar quando o padre Jean-Bosco, sentado diante dele, o elogiou porque a professora, sentada junto do sacerdote, garantia que durante essa primeira semana na escola tinha demonstrado ser um aluno aplicado e inteligente. Matilde sorria e beijava-o na cabeça.

– Come, come – dizia-lhe, pondo-lhe o garfo na mão, garfo que Jérôme colocava de lado para continuar com as mãos, tal como a maior parte das outras crianças.

Ao terminar o almoço, Matilde e Juana visitaram as mulheres acolhidas com os seus pertences. Como muitas não falavam francês, Amélie, fluente em suaíli e noutras línguas locais, fazia as vezes de tradutora. As que tinham sido violadas, algumas mutiladas, mostravam-se tímidas, não olhavam nos olhos e praticamente não abriam a boca. Poucas, as que tinham ido a um centro de saúde antes das setenta e duas horas posteriores ao vexame, tomavam antirretrovirais proporcionados pela Cruz Vermelha ou pela Mãos Que Curam. Das restantes, a maior parte estava infetada com VIH, segundo Amélie, e viviam com os medicamentos doados pelas mesmas instituições.

– Duas engravidaram em consequência da violação – informou-as Amélie em castelhano –, Lamale e Lesego – disse, pousando as mãos nas cabeças das raparigas. – O filho de Lamale faleceu o ano passado, na epidemia de cólera. Não conseguiu vencer o quadro de VIH que tinha desde o nascimento. A de Lesego é Siki. – Amélie referia-se a uma das suas preferidas, uma menina de três anos, muito esperta, que tinha passado todo o almoço a tocar nos caracóis de Matilde e a tentar conquistar Jérôme, sem sucesso.

– Nesse caso – disse Juana –, Siki não é órfã.

– A mãe não a quer – explicou Amélie, avançando para continuar a ronda.

No pavilhão das mulheres com fístula, Matilde interrogou-se se na verdade não haveria uma solução para elas. Talvez o doutor Gustafsson, com a sua mestria na cirurgia da fístula, conseguisse fechar o orifício que ninguém conseguira e que provocava a perda de urina e, nalguns casos, de fezes, pela vagina. Afastavam-se, como leprosas, conscientes de que cheiravam mal. Mais de uma, com o nervo da anca afetado, arrastava a perna.

– A solução seria dispor de fraldas descartáveis, mas é um luxo que não podemos permitir-nos. Fraldas para elas ou comida para todos. Quando temos, damos-lhes algodão. No resto do tempo usam trapos, assim pelo menos não lhes escorrega pelas pernas. Quanto ao cheiro. Bem, é o maior problema para elas, apesar de se lavarem várias vezes ao dia.

De volta ao orfanato, para continuar a visita com as crianças, Juana disse:

– Admiro-te, Amélie. O que fazes por esta gente devia valer-te o Prémio Nobel da Paz.

– Viria a calhar, para comprar tantas coisas de que necessitamos!

– Não sei como fazes para aguentar isto, dia após dia, com tanto trabalho – confessou Juana. – Parece interminável.

– E com tantos problemas – completou a religiosa. – Às vezes sinto-me muito cansada e com vontade de voltar a viver na casa confortável dos meus pais em Paris. Mas olho para as minhas crianças e interrogo-me: «O que será delas se as abandonar?» Nessa altura, qualquer vestígio da burguesa comodista se apaga do meu cérebro. Agora aterroriza-me que a epidemia de meningite atinja a missão. Seria uma catástrofe para nós. Aterroriza-me também a guerra iminente. Nada deveria aterrorizar-me, se tenho fé em Deus. «O Senhor é o meu pastor. Nada me pode faltar» – citou e calou-se de repente ao ouvir o som de um motor. – A quem pertence este jipe?

O Jeep Rescue, pintado com camuflagem militar, parou a poucos metros da casa das religiosas, no sítio antes ocupado pela carrinha do padre Jean-Bosco. Matilde ficou perplexa ao ver o seu paciente, Nigel Taylor, sair do veículo. O homem colocou a mão em pala para observar os arredores. Parou ao descobri-la a alguns metros e dirigiu-se-lhe com um sorriso.

– É um paciente do hospital – explicou Matilde.

– Um paciente muito bonito – comentou Amélie.

– E que, pelos vistos, está a babar-se por Mat.

– Babar-se? – admirou-se Amélie.

– Que pinga baba, saliva – explicou Juana –, por ela. Quer dizer que gosta de Mat.

A alguns passos das três mulheres, Taylor tirou os óculos de sol e os seus olhos azuis refletiram a luz do entardecer. Matilde admirou, pela primeira vez, as suas pestanas e pensou que teriam sido a inveja de qualquer mulher.

– Senhor Taylor, que surpresa! – disse Matilde em inglês, em jeito de cumprimento, estendendo a mão para evitar a familiaridade do beijo.

– Boa tarde, doutora.

– Como se sente?

– Muito bem. Um pouco fraco, tenho de admitir.

– Deveria estar a repousar. Só passaram quatro dias desde a operação. Tem a faixa colocada?

– Sim – respondeu Taylor, com um sorriso paciente.

– Como soube onde encontrar-me?

– Hoje voltei ao hospital à sua procura e a enfermeira Udmila disse-me que passaria o fim de semana na Missão São Carlos. E o meu colaborador – virou-se um

pouco para indicar Osbele, que estava dentro do jipe – trouxe-me até aqui. É um sítio conhecido na região. Suponho que vive na missão, irmã – disse, dirigindo-se a Amélie. – Muito prazer. O meu nome é Nigel Taylor, paciente da doutora Martínez.

– Ela é minha prima, senhor Taylor. Amélie Guzmán, religiosa da ordem Irmãs da Misericórdia Divina e encarregada da missão.

– Encantado, irmã.

– Um prazer, senhor Taylor – respondeu Amélie em inglês.

– E esta é a minha amiga, a doutora Juana Follicuré.

– Um prazer conhecê-la, doutora, embora já a tivesse visto no hospital. – Juana apertou-lhe a mão e observou-o com hostilidade, atitude que Taylor passou por alto, embora conservando o sorriso enquanto girava sobre si próprio para observar o que o rodeava. – É um sítio encantador, embora de difícil acesso. A selva é muito espessa aqui e não se conseguiria aterrar com um helicóptero no caso de ser necessário um resgate de urgência.

– Não estávamos a pensar nisso, senhor Taylor – insinuou Amélie –, ao aceitarmos as únicas terras que o governo congolês se dignou conceder-nos para fundar a missão. Trabalhámos muito para construir o que vê, mas ainda não está nos nossos planos desbravar a selva para um heliporto.

Taylor deu uma gargalhada e levou a mão à zona da ferida.

– Senhor Taylor – disse Amélie –, acompanhe-nos um momento a casa. Aí poderá sentar-se e beber alguma coisa fresca.

– Deveria estar na cama – objetou Matilde.

– Precisava de falar consigo, doutora. É só um momento.

Perto da galeria, Jérôme foi receber Matilde, seguido por Tabatha. Correu para ela e pendurou-se à sua cintura, encostando-lhe a cabeça ao ventre.

– Olá, minha riqueza.

– Estou a ver que tenho concorrência – disse Taylor com uma desfaçatez que arrancou um sorriso a Amélie e fez Juana franzir o sobrolho.

– Senhor Taylor – disse a religiosa –, desde já o aviso que perdeu a guerra. Entre, por favor. Vumilia! Prepara-nos um chá.

Antes que a figura de Taylor desaparecesse no interior da casa, Derek Byrne, que vigiava Matilde com uns binóculos de doze por cinquenta, com miras camufladas para que a luz ao refletir na lente não denunciasses a sua posição no bosque, trocou-os por uma máquina fotográfica com uma objetiva catadióptrica, que lhe permitiria fotografá-la àquela grande distância que o separava da missão. Na realidade, o interesse de Byrne não se centrava na mulher do chefe, mas no homem europeu que acabara de sair de um Jeep Rescue.

Lá dentro, no refeitório, Taylor iniciava uma conversa banal com Amélie. Soeur Edith, cujos conhecimentos mundanos lhe permitiam avaliar que o inglês, com um casaco Christian Dior, óculos de sol Prada e um relógio Omega de ouro, encarnava um potencial benfeitor da missão, mostrou-se tão simpática como parca costumava ser durante o resto do tempo. Matilde tapava a boca, enquanto Juana, depois de revirar os olhos, se levantou e foi para o escritório de Amélie para ver se a internet funcionava; queria escrever uma mensagem a Shiloah.

– Não te demores, Mat – disse-lhe em castelhano, antes de desaparecer. – Olha que saímos daqui a pouco.

Depois da segunda chávena de chá, Matilde, que se mantinha deliberadamente em silêncio, levantou-se e atraiu a atenção de Taylor.

– Na verdade, senhor Taylor, creio que é uma imprudência não estar a fazer repouso. Como sua cirurgiã, ordeno-lhe que vá descansar. Deram-lhe os antibióticos que lhe prescrevi?

Acompanhou-o com Jérôme interpondo-se entre eles. Fizeram o trajeto em silêncio, alheios à velocidade com que Byrne carregava no obturador da sua máquina fotográfica. Ao chegar junto do jipe, Taylor olhou-a nos olhos e, numa pose masculina, com o pé apoiado ao veículo e um braço sobre a parte superior da porta aberta, sorriu-lhe com um descaramento que já não a surpreendia.

– Não vai perguntar-me porque vim até aqui?

– Diga-me, por favor.

– Vim agradecer-lhe por estar vivo e não a morrer com uma septicemia.

– Só fiz o meu trabalho, senhor Taylor.

– Para mim fez muito mais do que isso. Ser operado a uma apendicite nesta maldita fossa é quase tão perigoso como fazer um transplante de coração. – Dando-se conta de que Matilde suportava o seu olhar com vestígios de aborrecimento, melhorou o discurso: – No hospital de Rutshuru não quiseram cobrar-me nada, porque é do município. De qualquer maneira, fiz uma doação generosa.

– Obrigada, senhor Taylor. Aprecio bastante, a sério.

As feições de Taylor não se alteraram, apesar do salto que o seu coração deu quando se apercebeu de que começava a perfurar a couraça da Dr.^a Martínez. Durante os dias de internamento, enquanto passeava os olhos com avidez pelos corredores à procura dela, interrogava-se como é que um homem mundano e frio como Eliah Al-Saud tinha conquistado uma mulher sensível e profunda como a Dr.^a Martínez, que preferia trabalhar naquele sítio miserável em vez de fazer nome em Paris.

– Sou um homem muito rico, doutora.

– O seu trabalho é bastante rentável, já o sei.

- Como o sabe?
- Bom, imagino – corrigiu-se.
- Sim, é rentável. O risco e a rentabilidade são diretamente proporcionais – explicou Taylor. – E eu arrisco a vida em cada um dos meus trabalhos.
- Desejo que nunca lhe aconteça nada de mal. Agora despeço-me...
- Não, espere.

Taylor agarrou-lhe no braço e puxou-a para si. Impressionou-o a magreza de Matilde; parecia-lhe estar a segurar num pau de vassoura. A médica libertou-se da mão dele com um movimento suave, embora decidido.

– Diga-me, senhor Taylor, mas depressa porque as minhas amigas me esperam para regressar a Rutshuru.

– Peça-me o que quiser. Preciso de a compensar pelo que fez por mim.

Matilde ficou a olhar para ele, inicialmente confusa. Passados segundos, ao pensar na perna ortopédica para Tanguy e na cirurgia reconstrutiva para Kabú, o enfant sorcier, sentiu a ambição ocupar o lugar do desinteresse.

– Não precisa de me compensar por nada. Fiz o meu trabalho e a MQC paga-me um salário por isso.

– Na realidade, não quero compensá-la – admitiu Taylor –, mas redimir-me perante si. Não quero que me despreze por ser mercenário. Demonstrar-lhe-ei que um soldado profissional também é uma pessoa com sensibilidade.

– Compensando-me não se redime. Por outro lado, não tem por que se redimir perante mim. Eu não o desprezo, senhor Taylor. Simplesmente não estou de acordo com a sua forma de ganhar a vida.

– Quero conquistar o seu respeito. Diga-me como posso fazê-lo. Colaborando com a missão da irmã Amélie, talvez?

Matilde observou-o com uma expressão astuta, semicerrando os olhos e acariciando o queixo, que Taylor definiu como adorável, por ser pequeno e arrebitado.

– Talvez aceite a sua oferta, senhor Taylor. Não para mim – esclareceu rapidamente –, mas para duas crianças que sofreram traumas muito severos e precisam de dinheiro para recuperar, dinheiro que, evidentemente, não têm.

– Dá-lo-ei se isso a faz feliz.

– Far-me-ia muito feliz, senhor Taylor.

– Diga-me de quanto precisa e para quê.

– Agora não posso dizer-lhe nada. Deixe-me fazer umas averiguações. Dentro de alguns dias terei a informação necessária.

– Quando posso voltar a vê-la?

– Trabalho no hospital de segunda a sexta-feira. Pode lá ir quando quiser.

Não teve tempo de estender a mão para evitar o beijo. Taylor caiu-lhe sobre a face com a agilidade de uma cobra e apoiou os lábios mais tempo do que o necessário. Não se queixaria. Iniciara um jogo pelo bem de Tanguy e de Kabú e teria de o jogar de acordo com as regras. Acompanhou o jipe com os olhos antes que a selva o engolisse.

Jérôme puxou-lhe pela manga da camisa.

– O quê, riqueza?

– É esse o teu amigo, aquele que quase morreu?

– Não. Disseste que o meu amigo se chama Eliah. Este senhor chama-se Nigel.

– Não gosto de Nigel.

Matilde não perguntou se se referia ao nome ou à pessoa.

Capítulo 9

No quinto dia de internamento, Eliah Al-Saud passeava de uma ponta a outra do quarto do Hospital Geral de Viena, barafustando contra o cirurgião que não se decidia a dar-lhe alta. Tinha demonstrado ser um péssimo paciente desde o princípio. No segundo dia, quando a enfermeira se preparava para lhe dar um calmante através do soro, Al-Saud proibiu-a. Disse que lhe provocava náuseas, que o impedia de comer e que precisava de se alimentar para repor a força física.

– A ferida vai doer-lhe – avisou-lhe a enfermeira.

– Não interessa.

Pouco depois já se sentia melhor, embora a ferida latejasse, e pediu comida. No terceiro dia, saiu da cama e, embora um pouco enjoado, passeou pelo quarto. Com o passar das horas, apercebia-se dos progressos. Não compreendia a teimosia do médico austríaco que insistia em mantê-lo enclausurado.

– Há cinco dias que me mantêm aqui. Sairei por minha conta – ameaçou, e os seus sócios, Tony Hill e Mike Thorton, riram-se baixinho.

– Ainda não te tiraram os pontos – disse Thorton.

– Qualquer um o pode fazer em Paris, até a minha irmã.

– Porque não acalmas e encaras estes dias como umas pequenas férias?

– Tony, estás a falar de quê? – irritou-se Al-Saud. – Este assunto do assalto à OPEP e a minha ferida atrasaram-nos muitíssimo. Já devíamos estar no Congo, apropriando-nos da mina. E continuamos aqui, a perder tempo.

– Já te dissemos – recordou-lhe Mike – que McAllen aproveitou esta demora para intensificar o treino dos novos recrutas. E dos velhos também, que não lhes faz mal nenhum, não falando já do aprovisionamento, que sofre sempre atrasos. Sabias que o carregamento de PG-7M ainda não chegou? – Thorton referia-se às munições para os lança-granadas RPG-7.

– Eliah, é importante que estejam preparados para suportar as temperaturas e as condições do Congo. Que melhor lugar do que a ilha de Fergusson?

– Por outro lado – recordou-lhe Mike –, achamos que é conveniente não iniciar a missão enquanto não fizeres a tua visita a Gulemale.

Al-Saud suspirou e sentou-se na poltrona de frente para os sócios. Inclinou a cabeça e olhou pela janela. Sentia-se prisioneiro, o que ia contra a sua essência de Cavalo de Fogo, essa necessidade lacerante de se saber livre. Estava inquieto, cheio de perguntas. No entanto, o pensamento que lhe tirava a paz era Matilde. Apesar de se sentir traído e do rancor que aumentava dia a dia, preocupava-se com a situação dela naquele país endiabrado e com o reaparecimento de Udo Jürkens, que já uma vez tentara raptá-la. Voltou-se para os sócios quando Mike perguntou:

– O que se soube acerca do assalto à OPEP?

– Só o que dizem os noticiários. Interrogaram os dois palestinianos que não morreram, sem grandes resultados. Os norte-americanos e os israelitas exigem a sua extradição. Se caíssem nas mãos deles, não se mostrariam tão pacientes como os austríacos durante o interrogatório.

– O que mais lhes interessa – insinuou Hill – é saber o paradeiro do teu cunhado.

– Garanto-te – afirmou Al-Saud – que o meu cunhado há muito tempo que abandonou o seu esconderijo. É brilhante. Durante anos manteve-se longe do alcance da Mossad e da CIA. Quando os seus homens revelarem, sob tortura, o seu paradeiro, isso será história antiga.

– Ainda me parece incrível que o próprio Udo Jürkens tenha participado no assalto. Quem diabo é esse tipo? – perguntou Mike Thorton, de uma forma retórica.

– A única coisa que agradeço é ele não ter levado a arma carregada com as suas habituais balas Dum-Dum – comentou Hill. – Caso contrário, a tua medalha não teria servido para nada.

– Aumentaram a vigilância da minha família? – perguntou Al-Saud, mudando de assunto.

– Peter está encarregado disso. Não é fácil recrutar bons guarda-costas de um dia para o outro. Está a entrevistar vários.

A seguir, e perante o interrogatório de Al-Saud, Thorton e Hill mergulharam numa análise dos assuntos mais urgentes da Mercure. Al-Saud mostrava-se impaciente por saber e, embora tivesse falado várias vezes com as suas secretárias, Thérèse e Victoire, e com Stephanie, a chefe de Sistemas na base, tinha a sensação de que estava a perder o controlo e de que não lhe diziam tudo para não o preocuparem durante a convalescença.

– Amanhã voltamos juntos para Paris – decidiu, aborrecido –, com o acordo do cirurgião ou sem ele.

Ouviram umas pancadinhas na porta.

– Entre – convidou Al-Saud, e, como estava à espera dos pais, ficou mudo e quedo na poltrona ao descobrir de quem se tratava: Gérard Moses.

Há semanas que Moses trabalhava sem descanso, coisa que o levava ao limite das suas forças e que o punha em risco de sofrer um ataque de porfíria. No entanto, nada o afetara tanto como saber que Eliah Al-Saud tinha sido ferido pelo fogo do seu assistente, Udo Jürkens. Assim que terminou a conversa telefónica com Udo, sentiu as primeiras pontadas no baixo-ventre que, já sabia, acabariam por transformar-se em câibras, consequência do desequilíbrio dos eletrólitos. Também sentiu o gosto de bÍlis na garganta e a taquicardia como um tamborilar rápido no peito. Dirigiu-se aos tropeções até ao quarto que ocupava na base militar subterrânea perdida num ponto

no Norte do Iraque, e, com dificuldade, procurou numa gaveta até descobrir um calmante e uma tablete de Snickers. As mãos tremiam-lhe e o suor, que lhe escorria pela testa, entrava-lhe nos olhos, apesar das suas sobrancelhas fartas. Engoliu o comprimido com um gole da bebida desportiva rica em minerais que lhe devolveria os eletrólitos que perdia por segundo. Deitou-se na cama e encolheu-se para comprimir o estômago. A tablete de chocolate tremeu antes de ficar presa entre os seus dentes amarelados. A ingestão de hidratos de carbono era indispensável para impedir um ataque severo. Minutos depois, mais calmo, pensou na notícia de Jürkens.

– Não, Eliah não – soluçou. – Eliah não pode morrer. Eliah...

Não se sentiu em paz até saber que estava fora de perigo, chegou mesmo a telefonar para Shiloah, convencido de que o seu irmão lhe daria informações fidedignas. Como não podia telefonar da base – ali as comunicações restringiam-se por razões de segurança –, inventou uma desculpa e foi de helicóptero até Bagdad, de onde telefonou a Shiloah. A atitude amistosa do seu irmão mais novo, que procurava sempre uma aproximação, fez com que a sua preocupação se transformasse em mau humor.

– Não te estou a telefonar para fazer as pazes, Shiloah. Só quero saber como está Eliah.

– Como soubeste? O nome dele não foi mencionado na imprensa e é impossível identificá-lo nas filmagens do aeroporto.

– Soube e é tudo.

– Telefonas-me de onde?

– Isso que importância tem? Vais dizer-me como está ele?

Gérard ouviu o seu irmão bufar.

– Alamán telefonou-me no domingo. Na sexta-feira operaram-no para extrair a bala, localizada muito perto do coração. – Gérard apertou o punho em redor do auscultador e fechou os olhos. – Felizmente, uma medalha que a namorada lhe ofereceu salvou-o, ao desviar o curso da bala.

– Namorada? Que namorada? – fingiu não saber.

– Uma médica argentina. Matilde. Uma rapariga maravilhosa.

– Está no hospital com ele?

– Não, eles acabaram o namoro há umas semanas.

Tal como há instantes as palavras do seu irmão o tinham mergulhado no ciúme e na angústia, as últimas provocaram-lhe um arrebatamento de felicidade.

– Onde está internado?

– Em Viena, no AKH.

Desligou sem se despedir. Procurou na sua agenda eletrónica o telefone da companhia Iraqi Airways e telefonou para reservar uma passagem. Chegou a Viena, via Londres, na quarta-feira, 6 de maio, por volta das cinco da tarde, com o sol ainda a brilhar. Felizmente, fizeram-nos sair por uma manga e não ficou exposto à luz solar, coisa que lhe teria provocado lesões graves na pele dada a sua condição de porfírico. Esperou dentro das instalações do Aeroporto Internacional de Viena-Schwechat até anoitecer. Apanhou um táxi por volta das sete e ordenou ao motorista, em alemão, que o levasse ao Hospital Geral. O veículo parou à entrada da rua Währinger Gürtel, diante da entrada principal. Gérard atirou cinquenta dólares ao condutor, muito mais do que o custo da viagem, e dirigiu-se para a entrada. Esperou com impaciência, batendo com o pé no chão de granito e dando pancadinhas na boca, até a rececionista o informar do número do quarto de Eliah. Enfiou-se numa casa de banho para fazer as suas necessidades e para se arranjar e perfumar. A urina, de um castanho intenso, recordava-lhe sempre a sua doença.

Ao entreabrir a porta e ver o seu amigo sentado numa poltrona, com bom aspeto, sentiu uma felicidade que só a visão de Eliah Al-Saud lhe provocava. Imediatamente a alma lhe caiu aos pés ao descobrir dois homens sentados diante dele.

– Gérard! – Eliah levantou-se rapidamente da poltrona. – Que surpresa! Entra, amigo, entra.

Deram um abraço e umas palmadas nas costas. Gérard recuou para o observar. Viu-o com olheiras e não se surpreendeu pelo facto de uma particularidade que deformaria outra pessoa qualquer em Eliah apenas lhe viesse realçar o verde-esmeralda dos olhos e o embelezasse. Estava com um aspeto descontraído, com o cabelo despenteado e comprido – notava-se que não ia ao barbeiro há muito tempo –, com a barba grande e o roupão de seda entreaberto, permitindo-lhe entrever que só vestia uns boxers. Gérard evitou olhar nessa direção.

– Como soubeste que estava aqui?

– Disse-me Shiloah.

Ainda que a resposta o tenha deixado perplexo – sabia da péssima relação entre os irmãos Moses –, Al-Saud não fez comentários e, com uma mão sobre o ombro de Gérard, levou-o para dentro e apresentou-o aos seus sócios. Apercebeu-se imediatamente da impressão que o aspeto do seu amigo de infância causou em Thorton e em Hill. Não os culpava. Gérard Moses não era um homem normal, uma vez que sofria de uma das doenças mais estranhas e desconhecidas. A porfíria, uma patologia metabólica, que provocava uma superprodução de porfirina – a substância que dá a cor vermelha ao sangue –, causava estragos no interior de Moses que se refletiam no seu exterior, como a pilosidade excessiva no rosto e nas mãos para o proteger da luz solar, feridas mal cicatrizadas, sobretudo na testa, nariz e dedos, dentes escuros, que lhe transformavam o sorriso numa careta desagradável. Mesmo a sua expressão, a sua maneira de olhar e de falar, revelava que alguma coisa não

estava bem. Como sempre, pensar que o sistema nervoso central do seu querido amigo se deteriorava até à insanidade causava-lhe alguma mágoa.

– Vamos jantar antes de irmos para o hotel – anunciou Mike. – Qualquer coisa, telefona.

Despediram-se e, ao sair, deixaram atrás um rasto de silêncio só interrompido pelas buzinas distantes e ruídos de motor.

– Quando chegaste a Viena?

– Hoje, por volta das cinco, mas não podia sair do aeroporto até anoitecer.

– Sim, compreendo. Senta-te. Não tenho nada para te oferecer além de um copo de água.

– Não, não. Estou bem. Só queria ver-te para saber como estás.

– Como podes ver, em forma como um violino – respondeu Al-Saud em inglês, e riram-se ambos porque era uma frase que costumavam repetir em crianças.

A surpresa inicial dava lugar a uma incomodidade pouco habitual entre eles. A última vez que se tinham visto, em fins de janeiro nos escritórios da Mercure em Paris, Gérard e Shiloah tinham protagonizado uma discussão que Al-Saud não conseguia esquecer. As acusações de Gérard eram, na opinião de Eliah, uma prova da deterioração do seu sistema neurológico.

– Como está o teu pai? – perguntou Moses, e a pergunta deu lugar à revisão dos factos do assalto à OPEP. Apesar de ter contado a história uma infinidade de vezes, Al-Saud espraçou-se nos pormenores, sem revelar nada de importante, agradecido por ter um assunto que preenchesse o silêncio e disfarçasse a incomodidade. Há já algum tempo que tinha consciência do abismo que o separava do seu grande amigo de infância, sobretudo desde que tinha renascido com o amor de Matilde.

– O que me dirias – disse Al-Saud, com a cara repentinamente iluminada – se te contasse que pilotei um Su-27? – As sobancelhas espessas de Gérard arquearam-se. – Sim! Um Su-27, irmão. O nosso avião favorito. – Deu uma gargalhada e bateu no joelho de Gérard.

Al-Saud desconhecia o impacto de algumas das suas palavras e expressões. «O nosso avião favorito», repetiu Gérard, e a emoção, que subiu até lhe turvar a visão e lhe aumentou perigosamente as pulsações, quase o levou a atirar-se nos braços do seu amado Eliah.

– Um Flanker – balbuciou, utilizando a denominação da NATO. – Voaste num Flanker!

Mergulharam numa conversa tão animada e familiar como pouco fluida fora a anterior. Voltavam a relacionar-se num terreno que os unia, a paixão pelos aviões de guerra. Se Francesca os tivesse visto nesse momento, não teria notado diferenças

entre eles e os dois adolescentes que ficavam acordados até de madrugada a falar de armas e de aviões. Al-Saud descrevia as características do caça russo, e Gérard ouvia-o com um ar bastante concentrado, que às vezes se suavizava com um sorriso motivado pelo entusiasmo de Eliah, que se espalhou na descrição da cabina, que definiu como «espartana».

– Não tem nada digital – acrescentou. – Só os relógios analógicos e o ecrã do radar.

Mergulharam num pingue-pongue de perguntas e respostas que teria excluído a maioria, porque falavam num vocabulário técnico incompreensível. «Qual é a sua envergadura? E o peso máximo de descolagem? E o de aterragem? E a velocidade máxima? E a velocidade máxima ao nível do mar? Fizeste a cobra de Pugachev?», e Al-Saud, mais do que responder, disparava as respostas. Falou-lhe acerca do sistema de controlo HOTAS, que permitia, da alavanca de controlo, gerir as restantes funções sem desviar a atenção do alvo, e referiu também o radar Doppler, que permitia seguir e disparar para um alvo que se movia abaixo da linha do horizonte.

– O meu primo Turki comprou uma unidade para treino, um de dois lugares. Tem-na na base aérea de Dhahran, na Arábia Saudita. Um dia poderíamos voar juntos. De noite, claro.

– Não, não, Eliah. Eu não estou preparado para suportar as forças G a que te submete um avião dessa natureza. Que força G tiveste de suportar ao quebrar a barreira do som? Quatro, cinco? Seria terrível para mim! Chegaria muito antes ao G-LOC – afirmou, referindo-se à aceleração que o faria perder a consciência. – A ti treinaram-te para isso. Sei que, com a roupa anti-G e com as técnicas de tensão muscular, poderias suportar nove G.

– Com a roupa anti-G e a uma velocidade prudente, não sofrerias de todo – garantiu-lhe Al-Saud. – Seria uma experiência ótima para ti, que percebes tanto de aviões de guerra e que nunca entraste em nenhum.

– Veremos – disse, evasivo. – Cumpriste o teu sonho de quebrar a barreira de som em picado?

– Pensavas que ia perder isso a bordo de um Su-27?

Riram-se de pura emoção, até os risos irem diminuindo e o estado de espírito, acalmando. Um novo silêncio caiu sobre eles.

– Soube que foi uma medalha que te salvou a vida. Uma medalha que te ofereceu a tua namorada. – Al-Saud ergueu os olhos e viu um olhar de censura nos olhos do amigo. – Há algum tempo, quando te perguntei se andavas com alguém, disseste-me que não. Porquê?

Al-Saud deu um suspiro e levantou-se. Afastou-se em direção à janela. Pensou em justificar-se dizendo, por exemplo, que Matilde não tinha significado nada para ele. No entanto, não diria essa mentira, nem sequer para não ferir o amigo.

– Não te disse porque me magoa saber que tu, devido à tua doença, decidiste fechar-te ao amor de uma mulher. Sentia que, contando-te, te esfregava na cara uma felicidade que tu nunca sentirias.

– Esta doença morrerá comigo e mais ninguém terá de a sofrer. Seria um irresponsável se gerasse um filho. Não repetirei o que fez o filho da puta do meu pai. Porque não está ela aqui contigo? – perguntou, sem uma pausa.

Al-Saud voltou-se e regressou para junto de Gérard, que também se tinha levantado.

– Deixou-me em fins de março, antes de abandonar Paris.

– Ainda a amas?

Al-Saud encolheu os ombros com indiferença.

– Já encontrou outro. Se ela conseguiu esquecer-me tão depressa, eu também posso fazê-lo. – Caiu como um peso morto na poltrona e suspirou ruidosamente. – A verdade é que já tenho as mulheres pela ponta dos cabelos – disse, acompanhando a expressão com um gesto que fez Moses rir, em parte porque era invulgar tanta eloquência e histrionismo em Eliah, um tipo bem mais comedido e sóbrio; também se riu de alegria ao saber que o assunto com a tal Matilde acabara. De qualquer forma, Gérard pressentia que, por detrás do aborrecimento de Eliah, se escondia uma profunda amargura porque, sem dúvida, ainda a amava, e a amava como não tinha amado nenhuma outra.

– E tu, Gérard, em que andas metido?

– Desenho armas, principalmente, para a Fabrique Nationale.

– Vives em Herstal?

– Viajo muito – respondeu –, mas sim, poderia dizer-se que a minha residência principal é em Herstal. – De repente lembrou-se de uma coisa que o alegrou: – Sabes? Acabei de entregar um desenho que fará furor na próxima exposição de armamento em Berlim.

– Vamos lá sempre, algum dos meus sócios ou eu. De que se trata?

– É uma ferramenta a que chamei «unidade de controlo de tiro» e que melhora a pontaria no instante do lançamento de uma granada a partir de um lança-foguetes, com uma margem de erro de escassos centímetros.

– Muito interessante. Já está à venda? Interessar-me-ia comprar algumas.

– Entreguei o protótipo há quase três meses. A fábrica já deve dispor de uma primeira série. Arranjo-te uma e envio-ta para que a experimentes.

– Isso seria magnífico – entusiasmou-se Al-Saud.

Uma enfermeira bateu antes de entrar sem esperar que a convidassem. Al-Saud

lançou-lhe um olhar pouco amistoso.

– A hora das visitas terminou há meia hora, senhor Al-Saud. O senhor terá de se retirar – disse, apontando para Gérard Moses.

Al-Saud, com o sobrolho franzido e duas palavras teria despachado a insolente enfermeira, porém, não o fez porque se sentia um pouco cansado e queria ficar só. Nesse dia havia passado pelo quarto um desfile de pessoas, primeiro a família, depois os seus sócios e, por fim, a surpresa de Gérard. Além disso, desconfiava de que já não tinha sobre o que falar.

– Já vou, já vou – prometeu à enfermeira, em alemão. – Não te preocupes – disse a Al-Saud. – De qualquer maneira tenho de me ir embora porque o meu voo para Londres sai às onze da noite e já são dez. Só vim ver-te e já vou.

– Obrigado, Gérard.

Abraçaram-se e Al-Saud apercebeu-se de que Gérard o apertava mais do que o necessário. Perguntou a si próprio como seria a vida do seu amigo. Solitária e triste, conjecturou. Noutros tempos, quando eram adolescentes, tinham partilhado tudo. Nesse momento, Al-Saud não sabia quem era Gérard Moses.

Moses saiu do quarto e procurou uma casa de banho. Enfiou-se num dos compartimentos, baixou a tampa da retrete e sentou-se em cima dela. Cobriu a cara com as mãos e desatou a chorar. Eram soluços apagados, quase um silvo. Chorava porque lhe doía gostar tanto dele e pela sua própria cobardia. Recuara quando estava prestes a confessar-lhe os seus sentimentos, apavorado com a possibilidade de uma rejeição. Aterrava-o causar-lhe repulsa. Eliah Al-Saud, habituado ao seu aspeto e à sua doença desde muito novo, era dos poucos que não se alteravam ao vê-lo entrar num aposento. Enlouqueceria se perdesse o vínculo de amizade, mesmo que escasso. Recuara também porque a sombra de Matilde pairava sobre Al-Saud de uma forma ominosa. Não a esquecera nem a esqueceria. Conhecendo o seu amigo, tinha a certeza de que lutaria para a recuperar. Afastou as mãos do rosto e transformou-as em punhos fechados. Queria conhecê-la. «Ah, se o imbecil de Udo não tivesse falhado naquele dia...», lamentou-se. Como era a mulher que tinha roubado o coração de Eliah?

No dia seguinte, Al-Saud, com o braço esquerdo ao peito, deixou o hospital. Embora não estivesse de acordo, o cirurgião deu-lhe alta e recomendou-lhe uma semana de repouso antes de regressar à rotina. «Os exercícios físicos ficam proibidos durante um mês», prescreveu, e Al-Saud assentiu, sem prestar atenção, fazendo o mesmo quando aquele lhe recomendou pontualidade ao tomar o antibiótico. O Learjet 45 partiu do aeroporto de Viena perto do meio-dia e aterrou no de Le Bourget duas horas mais tarde. Medes, o motorista curdo de Al-Saud, foi buscar o seu chefe e os sócios e levou-os à casa da avenida Elisée Reclus.

Ao ouvir a voz de Al-Saud, Leila parou de bater as claras e foi a correr recebê-lo.

Ainda que praticamente não tivesse aberto a boca desde a partida de Matilde, o comportamento infantil tinha ficado para trás. Parou sob o umbral que fazia a ligação da cozinha com a garagem e observou-o de cima a baixo: o braço ao peito, a barba por fazer, os papos sob os olhos injetados e a franja despenteada. «Está muito cansado», pensou. Abraçou-se a ele suavemente e beijou-o várias vezes nas faces, humedecendo-as com as suas lágrimas. Ao acabar o abraço com Leila, Al-Saud descobriu Peter Ramsay na cozinha. Entrelaçaram-se e Peter sorriu-lhe com a expressão de quem tinha sido apanhado em flagrante. Não foi preciso perguntar-lhe o que fazia em sua casa quando não sabia que ele chegaria nesse dia. Há muito tempo que desconfiava da natureza dos sentimentos que Peter albergava por Leila. Apesar de ser muito mais velho do que a rapariga bósnia, estava em plena forma, era ágil, saudável e tinha bom feitio, e Eliah considerava-o um dos seus amigos de confiança. No entanto, Peter tinha mulher em Londres, ainda que se tratasse de um «casamento estranho», como o próprio Ramsay o definia. Teria de resolver a situação, se quisesse obter o seu consentimento. Neste ponto, Al-Saud arrojava-se direitos sobre Leila, como os que um irmão mais velho reclamaria sobre uma irmã.

Ramsay e Al-Saud deram um abraço e trocaram um olhar eloquente. Imediatamente apareceram Marie e Agneska da cozinha e cumprimentaram Eliah com a formalidade e o respeito que ele lhes inspirava, embora com gestos que dificilmente escondiam a sua alegria. Partilharam um almoço ligeiro na cozinha, em redor da ilha de mármore. Pela forma como Peter se comportava, com a segurança de quem conhece o que contém cada armário, onde se guardam os talheres, os pratos, os guardanapos, era óbvio que ultimamente tinha passado muitas horas no reino de Leila. Al-Saud comia e via-a agir com uma indiferença deliberada com o inglês, comportamento que servia para ratificar a sua suspeita: alguma coisa estava a cozinhar-se entre esses dois.

Desceram depois até à base, o centro nevrálgico da Mercure, três andares sob a terra, a que se acedia depois de contornar uma série de medidas de segurança, como um scanner de olhos. Ao entrar no amplo recinto, Al-Saud inspirou profundamente até encher o nariz do aroma familiar. Pareciam-lhe ter decorrido meses desde que estivera ali pela última vez. Recebeu os cumprimentos dos empregados e convocou Stephanie para a sala de reuniões no piso do meio, onde a jovem especialista em computação os pôs a par dos pormenores das diversas missões e dos trabalhos que os soldados profissionais da Mercure desempenhavam no mundo. A seguir, mantiveram uma teleconferência com o coronel McAllen, que, da ilha de Fergusson, os informou da chegada das granadas para os RPG-7.

– Quando partimos para o Congo? – quis saber o militar norte-americano.

– Dentro de três semanas – informou Hill, participando-lhe a decisão que tinham tomado no regresso de Viena –, lá para fins de maio. Ainda não podemos confirmar a data exata. De qualquer forma, devem ter tudo preparado, porque podemos ordenar a vossa deslocação a qualquer momento.

– Não vai ser fácil mantê-los entretidos durante três semanas – comentou McAllen. – Estão ansiosos por entrar em ação.

– Intensifique os treinos, coronel – ordenou Tony. – A região dos Kivus é uma armadilha mortal, não só por causa dos grupos rebeldes, mas pelo próprio terreno.

– Como se comporta La Diana? – quis saber Al-Saud. Era a única mulher da equipa e tratava-se da sua primeira missão militar. Anteriormente só trabalhara como guarda-costas.

– Excelente performance. Chegará a ser um dos nossos melhores soldados.

– Como se relaciona com os restantes comandos? – perguntou Mike Thorton.

– Os rapazes aprenderam da pior forma possível que com ela não se brinca, sobretudo Sergei Markov, que ainda está com um olho negro.

Ouviram-se risos antes de trocarem frases de despedida. Embora comesse a sentir-se cansado e com a ferida a incomodá-lo, Al-Saud trancou-se no seu gabinete para falar com Derek Byrne ou com Amburgo Ferro. Embora lhe custasse, queria saber de Matilde.

– Enviei-lhe umas fotografias que tirei no domingo – disse Byrne. – O objetivo passou o fim de semana numa missão de freiras católicas.

«Sim», pensou Eliah, «é verdade, estive na missão com Amélie. Foi aí que soube que me tinham atingido.» Perguntou a si próprio se teria sofrido e concluiu que Matilde sofreria diante do sofrimento de qualquer um, estava na sua natureza compadecer-se por qualquer pessoa.

Colocou o auricular do telefone no ouvido para libertar a mão direita. Abriu o correio eletrónico, disposto a ver as fotografias, enquanto continuava a interrogar Byrne acerca dos movimentos de Matilde nos últimos dias. Interessava-lhe particularmente saber dos avanços da sua relação com o cretino. A primeira imagem surgiu no ecrã do computador portátil e ele sentiu latejar a zona do peito onde se localizava a ferida. Apertou o braço esquerdo para o diminuir, sem sucesso, e continuou a ver as fotografias, suportando a dor, aumentando-as com o zoom, angustiando-se por Matilde estar muito magra e pálida, sobretudo em comparação com Juana, cuja tonalidade azeitonada da pele se intensificara até se transformar num bronzeado muito saudável. Não se via o médico belga, o que o tranquilizou. Porém, Matilde aparecia na maior parte das fotografias com a mesma criança preta dependurada nela. Ainda que houvesse uma quantidade de crianças em volta, esta sobressaía porque a observava sempre com uma intensidade obsessiva e porque nunca quebrava o contacto físico, fosse porque lhe dava a mão, fosse porque se agarrava à bainha da camisa. Sentiu ciúmes e conteve um riso amargo ao aperceber-se de como esse sentimento era ridículo. Talvez o invejasse por estar aí, com ela, por poder tocar-lhe, vê-la, cheirá-la. Ao chegar à décima imagem, o sorriso esfumou-se-lhe e deu lugar a um sobrolho franzido. Aumentou-a ao máximo para corroborar o que

não aceitava estar a ver. «Nigel Taylor», vociferou no seu íntimo, e a dor no seu lado esquerdo agudizou-se.

Nigel Taylor com Matilde. Nigel Taylor com Matilde. Não podia ser verdade. Esta imagem não era real. Matilde com um dos seus piores inimigos. Teve uma sensação de vertigem, como se o chão tivesse desaparecido sob os seus pés. Zumbiam-lhe os ouvidos e não ouvia o que Byrne lhe dizia acerca das últimas deslocações dos banyamulengues de Nkunda. O seu corpo, à exceção da pontada feroz no lado esquerdo, tinha congelado; a sua mente, no entanto, trabalhava, frenética, para solucionar a charada, sobretudo para determinar se existia a possibilidade de Taylor conhecer a sua relação com Matilde. «Gulemale», decidiu finalmente, e baixou os olhos, abatido, enquanto o pânico se espalhava pelo seu íntimo como tinta preta. Disse para consigo que existia uma probabilidade mínima de que o encontro entre Taylor e Matilde fosse casual. Gulemale não sabia que Matilde estava no Congo, ou saberia? Como ficara a par? E se soubesse, por que razão o comentaria com Taylor? Ainda que a exótica negra desconfiasse que entre ele e o inglês existia mais do que uma simples antipatia, porque lhe falaria de Matilde? Talvez estivesse a fazer uma tempestade num copo de água, talvez Taylor e Matilde se tivessem conhecido por acaso. Levantou-se com uma violência confirmada pelo insulto que proferiu. Descarregou a força do seu punho na secretária.

– Passa-se alguma coisa, chefe? – preocupou-se Byrne do outro lado da linha.

Abanou a cabeça, com os olhos e os lábios fechados com força. Não fazia sentido enganar-se, sabia que no mundo por onde se movia não existiam acasos nem coincidências. De repente, viu com clareza o lobo feroz a rondar a menina perdida no bosque.

– Nada, nada – acabou por dizer. – Diz-me, Byrne, o que sabes sobre o sujeito que aparece ao pé de Matilde na fotografia número dez?

Enquanto Byrne consultava o arquivo, Al-Saud inclinou-se sobre o ecrã e continuou a avançar até chegar à última fotografia, que mostrava Taylor beijando Matilde na face. Observou-a sem pestanejar, com o punho apoiado na lateral do portátil, e foi capaz de perceber, como se tivesse penetrado na imagem por artes de magia, que não se tratava de um beijo normal, mas de um dado com estudada lentidão, apoiando os lábios na face de Matilde. Nessa altura pensou em Mandy, a apaixonada e perturbada mulher de Taylor, que uma tarde o seguira até ao vestiário do seletor clube londrino onde costumava jogar ténis com Nigel, e se metera, nua, no duche onde ele estava. Fechou os olhos e soltou o ar reprimido com lentidão. Voltou a inspirar e a repetir o exercício até conseguir acalmar-se.

– Já estou a ver a fotografia número dez – disse Byrne. – O sujeito chegou à missão já a tarde ia a meio. A menina Matilde parecia conhecê-lo porque o apresentou à religiosa e à sua amiga Juana.

– Chama-se Nigel Taylor – disse Al-Saud e Byrne apercebeu-se da inflexão na sua

voz, que se tornou mais grave, mais opaca. – É um mercenário.

– O dono da Spider International?

– O próprio. Quero que averiguem o que faz aí. Não lhe tirem os olhos de cima. Se for necessário, contratem um local para que o siga. Posso dar-te um contacto, se precisares.

– Não – disse Byrne. – Já estamos a trabalhar com um desertor das milícias de Nkunda.

– Muito bem. Que mais podes dizer-me sobre Taylor? Tornou a ver Matilde?

– Sim – respondeu Byrne. – Visitou-a todos os dias no hospital, exceto hoje. Hoje, quinta-feira, não foi vê-la.

Byrne calou-se e esperou com paciência.

– Como é a relação entre eles?

– A menina Matilde trata-o com fria cortesia. As intenções dele são claras.

«Sim, evidentemente», disse Al-Saud para consigo, despedindo-se do seu agente. Sentou-se na cadeira e voltou a concentrar-se na última fotografia, a do beijo. «Fria cortesia», repetiu. Sim, Matilde fazia do uso da fria cortesia uma arte; ele podia testemunhá-lo porque o sentira na própria carne durante os primeiros tempos da sua relação, quando o evitava e impunha distância. No entanto, ele tinha vencido a barreira e Matilde acabara na sua cama. As intenções de Taylor eram claras, como dissera Derek Byrne, mas o que haveria atrás delas? Ter-se-ia apaixonado por Matilde ou procurava vingança? Sempre se arrependera da sua aventura com Mandy Taylor, mas nunca tanto como nesse momento.

Sorriu com amargura, pensando como a vida era paradoxal, como o passado nunca ficava totalmente sepultado, como voltava para cobrar dívidas antigas. Também se lembrou de como desprezara Roy Blahetter e Aldo Martínez Olazábal, por envolverem Matilde nos seus negócios turvos e por a terem colocado em perigo. Se Nigel Taylor queria magoá-la para o atingir a ele, conseguiu-lo-ia.

Os seus sócios, reunidos na sala de mapas, diante de um ecrã que projetava a região dos Kivus, viram-no passar em direção à saída com a expressão contraída numa careta de dor e cabisbaixo. Trocaram olhares de consternação.

– Há apenas seis dias que o operaram para extrair uma bala – comentou Mike. – É uma imprudência estar de pé.

– Quem se atreve a dizer-lhe para ir descansar? – perguntou Ramsay.

– Deixemo-lo em paz – propôs Tony Hill. – Ele sabe o que faz.

– Eu acho-o bastante mudado desde que Matilde o deixou – comentou Mike. – Não é o mesmo – concluiu.

Ao voltar para casa decidido a deitar-se um pouco, Al-Saud encontrou Marie e Agneska, que discutiam ao pé da escada principal. Aproximou-se silenciosamente e apercebeu-se de que não estavam a brigar, de que Agneska chorava e de que Marie insistia para que falasse.

– Tens de lhe dizer, Agneska. Tens de falar com ele.

– Não, não. Aquele tipo matava-me.

– A menina Matilde pode estar em perigo.

– O que se passa com Matilde? – A voz de Al-Saud retumbou no vestíbulo e as raparigas abafaram uma exclamação. – O que tens de me dizer sobre Matilde, Agneska?

A rapariga arregalou os olhos e olhou-o de uma forma que refletia o pânico que a atormentava. Marie, num gesto mecânico, passou o braço pelos ombros da amiga e puxou-a para si.

– Senhor, Agneska está muito assustada, mas quer falar, quer contar-lhe tudo.

– De que se trata, maldição? Fala! – O pranto de Agneska aumentou e Eliah cobriu a testa com a mão e murmurou um insulto. – Venham comigo – disse, num tom de voz mais calmo e conciliador –, entrem no meu escritório.

As empregadas entraram e Al-Saud fechou a porta atrás delas.

– Sentem-se. Queres tomar alguma coisa, Agneska? – A rapariga abanou a cabeça numa negação. – Tenta acalmar-te e diz-me o que aconteceu. Não tenhas medo. O melhor que podes fazer é contar-me, para poder proteger-te. Há muito tempo que trabalhas para mim e sabes que posso fazê-lo.

Agneska assentiu e limpou os olhos e o nariz no avental antes de iniciar o seu relato.

– Aconteceu há quase dez dias, a 28 de abril. Saí para fazer umas compras. Fui pela Maréchal Harispe para atravessar o Campo de Marte, assim corto bastante caminho. E um homem agarrou-me por detrás e encostou-me uma navalha ao pescoço. – Apontou para o sítio onde Jürkens tinha apoiado a lâmina do seu Hatamoto. – Perguntou-me a que horas saía a menina Matilde.

– O que lhe respondeste? – apressou-a Al-Saud ao vê-la hesitar.

– Disse-lhe que já não vivia connosco. Perguntou-me onde vivia e, quando lhe disse que não sabia, cortou-me um pouco aqui – disse, e apontou com o indicador para uma marca avermelhada. – Eu não queria dizer-lhe, senhor! Juro! A menina Matilde foi tão boa comigo. Gosto muito dela. Mas ele disse-me que me degolaria! E eu sei que não mentia. Embora não conseguisse vê-lo, sentia que era uma má pessoa, malíssima. A voz dele... – murmurou, e foi-se abaixo.

Os batimentos de Al-Saud aumentaram e retumbaram contra a ferida.

– O que se passa com a voz dele, Agneska? Tens de te acalmar e de me contar tudo! Fala-me da voz dele.

– Não sei... Era muito estranha. Como a voz de um robô.

«Udo Jürkens.» Agora compreendia a chamada recebida na segunda-feira, 27 de abril, quando alguém perguntou por Matilde e desligou quando ele agarrou no telefone.

– Que mais lhe disseste acerca de Matilde?

– Tive de dizer-lhe que tinha ido para o Congo!

Ao ver que Al-Saud semicerrava os olhos e deixava cair o braço ao lado do corpo, Agneska soltou um gemido e pôs-se a chorar.

– Que mais lhe disseste, Agneska? Acalma-te! Que mais lhe disseste?

– Que trabalha para a Mãos Que Curam. Perguntou-me a cidade, mas disse-lhe que não sabia. Ameaçou matar-me se contasse tudo isto a alguém. Depois obrigou-me a encostar a cabeça ao chão e foi-se embora.

Al-Saud não precisava de saber mais. Disse a Agneska e a Marie que se retirassem e não saíssem de casa. Pelo intercomunicador, pediu a Leila duas aspirinas. A sua intenção de dormir umas horas tinha ido por água abaixo. Mesmo que a cabeça lhe explodisse e a ferida lhe doesse, tinha de analisar a situação e planear as novas medidas de segurança. Telefonou para o irmão.

– Alamán, sou eu, Eliah.

– Como estás? Como te sentes?

– Merda, isso não interessa. Ouve-me. – Contou-lhe o encontro entre Agneska e Jürkens.

– Isso foi apenas dois dias antes do ataque à OPEP – calculou Alamán. – Esse tipo tem tomates. Vir a Paris, sabendo que o seu retrato-robô foi publicado em todos os meios de informação e que a polícia está atrás dele... É inacreditável! Parece estar obcecado com Matilde.

– Para quem diacho trabalhará? – alterou-se Al-Saud, que não tinha gostado nada do último comentário do seu irmão. – Onde estará agora?

– Não duvides que estará a tentar chegar ao Congo.

– Alamán, ainda que não duvide de que se trata dele, quero rever as filmagens das câmaras ocultas que estão no exterior de casa. Podes vir para as revermos na base?

– Em meia hora estou aí.

Leila entrou com uma chávena de chá verde e duas aspirinas e Al-Saud atirou-as rapidamente para a garganta e empurrou-as com a infusão quente e doce. Sentiu-se imediatamente melhor. Leila observava-o com doçura.

– Obrigado, ma petite. Sabes sempre do que preciso. – Leila sentou-se na cadeira, diante dele, e continuou a observá-lo com um halo de mistério. – O que se passa? Queres contar-me alguma coisa? Estás bem?

Al-Saud não esperava que esta lhe respondesse de modo que, quando Leila falou, ficou duplamente perplexo, pelo som da sua voz alquebrada e de forte sotaque eslavo e pelo que lhe disse.

– Matilde telefonou ontem à tarde.

Al-Saud, prestes a encostar os lábios ao rebordo da chávena, devolveu-a lentamente ao pires. Permaneceu estático, com os olhos cravados nos olhos escuros e faiscantes de Leila, incapaz de falar.

– Queria saber de ti. Quando jurei que estavas muito bem e que saírias rapidamente do hospital, começou a chorar.

O rosto de Leila esbateu-se e o calor que sentiu atrás dos olhos dispersou-se pela cabeça de Al-Saud, sensibilizando-lhe o couro cabeludo. Uma cãibra apertou-lhe a garganta, como se a traqueia se tivesse retorcido, e provocou-lhe uma dor intensa que concorria com a do tiro. Leila endireitou-se na cadeira, apoiou o tronco na secretária e estendeu a mão para lhe limpar as lágrimas que lhe escorriam pela barba.

– Como Matilde não conseguia falar, Juana pegou no telefone. Explicou-me que seria uma chamada curta porque estavam a usar um telefone por... sale...

Al-Saud pigarreou e disse em voz baixa:

– Por satélite.

– Sim, um telefone por satélite, que uma amiga lhes emprestava. Mas como a chamada era muito cara, não podia ser demorada. Disse-me que estão quase incomunicáveis.

– O que disse Matilde exatamente?

– «Olá, Leila, é a Matilde.» Eu já a tinha reconhecido no «olá» – riu-se Leila. – Tem uma voz muito especial, não tem? – Al-Saud assentiu com um sorriso trémulo. – «Tenho muitas saudades tuas, Leila. Penso sempre em ti», e eu respondi-lhe que a amava como amo Mariyana e Sanny. «Não posso falar muito, mas preciso de saber como está Eliah.» Disse assim, «preciso», com desespero. Eu garanti-lhe que estavas muito bem e ela deixou de conseguir falar porque desatou a chorar, muito baixinho, quase não se ouvia.

– Como a achaste? – Apesar de lhe ser estranho partilhar um diálogo adulto com a mulher que até há pouco tempo se tinha comportado como uma criança muda, Al-Saud sentia-se à vontade a falar de Matilde com Leila, um assunto que só teria abordado em profundidade com o seu sensei, Takumi Kaito, e, superficialmente, com a sua mãe. Pensou que talvez se abrisse com Leila por ambos a amarem muitíssimo.

- Senti-a triste, muito triste. Aqui foi tão feliz, connosco...
- E Juana, o que te disse?
- «Dá um beijo ao papurri da minha parte.»

Al-Saud riu-se baixinho devido à forma como Leila pronunciou «papurri». Tinha saudades de Juana, do seu otimismo, da sua alegria contagiante e da cumplicidade com que sempre o apoiara.

– Não mencionou Auguste Vanderhoeven? – Leila negou, abanando a cabeça. – Nem Juana nem Matilde pediram para falar comigo? – A jovem voltou a negar. – Obrigado por me teres contado. É muito importante para mim.

– Eu sei.

Leila saiu do escritório e Al-Saud precisou de alguns minutos para se recompor. A notícia do telefonema de Matilde era uma surpresa que o mergulhava num mar convulso de sentimentos e de emoções. Pigarreou várias vezes, pressionou as pálpebras e levantou o auscultador para telefonar a Edmé de Florian. Encontrou-o no seu gabinete da Direction de la Surveillance du Territoire.

– Estás a falar por uma linha segura?

– Sim – respondeu De Florian.

– Os teus homens não estão a fazer um bom trabalho – começou Al-Saud.

– A que te referes?

– A 27 e 28 de abril, Udo Jürkens passeava-se pelas ruas de Paris, debaixo dos narizes dos teus agentes, e eles, nada.

– Como sabes? – Al-Saud contou-lhe a experiência da sua empregada. – Prometeste enviar-me uma fotografia atualizada de Jürkens. Fá-lo, por favor. Será mais útil do que o retrato-robô que fizemos há tempos.

– Envio-ta imediatamente para o teu e-mail pessoal. E lembra-te de que agora está com o cabelo escuro e a cara mais gorda.

Enquanto preparava o e-mail com o arquivo de imagem para De Florian, Al-Saud voltou a falar com Byrne pelo telefone por satélite e referiu-lhe os factos do Campo de Marte.

– Não podem baixar a guarda por um momento – insistiu. – O filho da puta anda atrás de Matilde.

Ao desligar, sentiu-se impotente. Que mais poderia fazer? Como desejava estar lá, para a abrigar nos seus braços e protegê-la de tudo! Embora não devesse esquecer-se de que Matilde já tinha um homem que a defendia e protegia, e de que outro a rondava com as mesmas intenções.

– Merde! – exclamou, pondo-se de pé para percorrer o seu amplo gabinete como

um tigre esfomeado. Aquelas alterações bruscas de estado de espírito, tão pouco familiares em si, desequilibravam-no, confundiam-no, deixavam-no de péssimo humor. Exortou-se a focar o pensamento no que interessava: defender Matilde de Jürkens.

«Continuarei a procurar Aldo Martínez Olazábal até o encontrar. Talvez me oriente para descobrir de onde provém o golpe. Se é que Martínez Olazábal ainda está vivo», refletiu ao recordar os traficantes de armas que tinham morrido em circunstâncias duvidosas nos últimos tempos. Segundo Yaakov Merari, agente da Mossad e informador de Lefortovo, o pai de Matilde fazia parte da lista negra do serviço de espionagem israelita. «Fazer parte da lista negra da Mossad», tinha exclamado numa ocasião o general Raemmers, «é o mesmo que estar morto. Os seus kidonim são infalíveis.»

Matilde terminou uma cirurgia de intussusceção intestinal numa criança de três anos e desejou que, nesse dia, fosse a última, embora não duvidasse já que em breve estaria de banco e que sempre apareciam urgências. Como acontecia com frequência desde que trabalhava no Congo, essa tinha sido uma semana vertiginosa e repleta de acontecimentos, mas o que a esgotara física e mentalmente fora, sobretudo, a espera de notícias sobre a saúde de Eliah. Todos os dias, quer a partir do rádio do hospital ou do que havia na casa da Mãos Que Curam, entrava em contacto com a Missão São Carlos para saber se a sua tia Sofia tinha telefonado com novidades. Nem na segunda-feira, nem na terça, nem na quarta teve sorte, além da alegria de ter trocado algumas palavras com Jérôme, que lhe contava coisas que a deixavam feliz e que lhe arrancavam sorrisos, às vezes gargalhadas, como o facto de sœur Amélie estar a ensinar-lhe a falar castelhano, como ter deixado de fazer xixi na cama (bom, só uma vez), como Mashako, o único menino hutu da missão, o ter convidado a jogar futebol e como sœur Edith o ter obrigado a tomar um remédio pior que urina de macaco. A vontade de o apertar contra si e de beijá-lo transformava-se em tensão muscular que a esgotava. Atormentava-se à noite pensando naqueles que já considerava os seus dois grandes e únicos amores, Eliah e Jérôme, e não encontrava paz porque, quando fazia um esforço para se convencer de que Eliah estava bem, se interrogava se Jérôme não estaria a chorar sozinho, na cama, por ter saudades dos seus pais. Ela tinha consciência de que amar implicava sofrer, porque quando a nossa vida depende da existência e do bem-estar de outro ser humano, nunca se alcança a tranquilidade. Teria preferido evitar o sofrimento mas, como lhe era impossível não amar daquela maneira desmesurada Eliah e Jérôme, estava condenada a uma vida de padecimentos.

Na quarta-feira à tarde, quando Joséphine foi ao hospital buscar Juana, Auguste e Matilde, para os levar a jantar na sua fazenda, Matilde não conseguiu conter-se e pediu-lhe emprestado o telefone por satélite. Ofereceu-se para pagar a chamada, mas Joséphine recusou-se firmemente e um pouco ofendida. Depois da sobremesa, enquanto Auguste jogava ao Monopólio com o dono da casa, Balduino Boel, e Juana usava o computador de Joséphine para falar no chat com Shiloah, esta e Matilde instalaram-se perto da aparelhagem de música para conversar.

– Obrigada por me teres emprestado o telefone. Foi uma imprudência pedi-lo, mas garanto-te que a ansiedade em saber dele me privou da minha boa educação.

– Pelo que me contaste sábado na fazenda, pude sentir como se amaram. Ou se amam. Por isso te compreendo perfeitamente. Eu teria feito qualquer coisa pelo homem que amava, mas ele enganou-me e destruiu as minhas ilusões.

Matilde estendeu a mão e apertou a de Joséphine.

– Sinto muito, José. Quem não sofreu por amor, não sabe como é doloroso.

– Só quem já o viveu pode compreender outro que o padece – concordou a congoleza. – Creio que esta dor nunca desaparecerá, apesar de já terem passado alguns anos. Duvido que volte a apaixonar-me.

– Não sabes como te compreendo. A mim não me interessa ninguém. Nenhum homem me parece atraente. Eliah deixou-me incapaz de amar novamente.

Nem sequer Nigel Taylor a seduzia, um homem de uma beleza saxónica indiscutível, alto, magro, embora com ombros firmes e estrutura forte, olhos azuis embelezados por pestanas pretas que contrastavam com as madeixas loiras que lhe escondiam a testa alta. Ao contrário de Matilde, que se protegia do sol como da peste e andava sempre com chapéu e protetor solar, Taylor não dava importância a isso, e, nesses dias sob o sol equatorial, tinha adquirido uma tonalidade acobreada que fazia sobressair todo o resto: os olhos azuis, as madeixas loiras e os dentes brancos ao sorrir, coisa que repetia amiúde na presença de Matilde. O inglês não fazia segredo da sua queda pela jovem médica argentina e fazia qualquer coisa para lhe agradar. Tinha-lhe garantido que punha o seu livro de cheques à disposição do que ela considerasse necessário.

– Senhor Taylor – Matilde mantinha a formalidade, apesar de Nigel lhe ter pedido que o chamasse pelo seu nome próprio –, pôr um livro de cheques à disposição de uma mulher é muito arriscado.

– De uma mulher qualquer, sim – admitiu Nigel. – Mas você não é uma mulher qualquer. Você é única.

Logo no início da semana, Matilde pedira ao Dr. Jean-Marie Fournier, que, devido às suas viagens a Kinshasa, tinha mais acesso ao mundo, que tentasse saber o custo de uma perna ortopédica para Tanguy e o de uma cirurgia reconstrutiva na África do Sul para Kabú, o enfant sorcier, o menino feiticeiro. O diretor do hospital, Dr. Loseke, tinha-lhes recomendado um cirurgião plástico do hospital Chris Hani Baragwanath, em Joanesburgo. Soeur Angélie oferecera-se para acompanhar o menino na viagem e ficar com ele enquanto durasse a convalescença. Uma semana depois da cirurgia, Kabú continuava no hospital de Rutshuru, na unidade de cuidados intensivos, sedado, e Matilde, uma vez lido o report e verificados os seus sinais vitais, ficava a olhar para ele interrogando-se se algum dia conseguiria esquecer a violência exercida sobre ele. Pensava o mesmo quando visitava Bénédicte, a menina a quem tinham provocado uma

septicemia que a mantinha à beira da morte, quando lhe extirparam os genitais externos para a purificarem. Bénédicte, operada no mesmo dia que Kabú, também permanecia na unidade de cuidados intensivos, entubada e ligada ao ventilador que a Mãos Que Curam havia doado há alguns meses. Matilde acariciava-lhe os bracinhos magros onde ainda se viam manchas vermelhas e violáceas, chamadas petéquias e equimoses, um sinal típico dos problemas de coagulação presentes num quadro de septicemia. Tal como Kabú, visitava-a todos os dias e inclinava-se para lhe falar baixinho em francês, embora o padre Bahala não lhe tivesse dito se o entendia. Fazia-o para que a menina não se sentisse sozinha.

Nessa sexta-feira, acabada a cirurgia de intussusceção intestinal, Matilde tirou o avental plástico com que protegia a roupa para não se sujar de sangue, atirou as luvas para o cesto dos resíduos patogénicos, fez o mesmo com as proteções que cobriam as socas cirúrgicas e saiu, ansiosa pelo contacto com a Natureza. Percorreu o corredor até à galeria principal, absorta nos seus pensamentos, e parou de chofre ao erguer os olhos e avistar, entre a multidão que se aglomerava às portas do hospital, o cabelo louro de Nigel Taylor. Era óbvio que ele a observava há algum tempo. Olharam-se através do espaço ruidoso e iluminado pelas cores berrantes das roupas dos congoleses. Matilde sorriu com ligeireza para moderar a energia vibrante da troca de olhares, e avançou na sua direcção. Não deveria admirar-se por o encontrar aí, pensou. Nigel Taylor visitava-a diariamente, provocando o risinho das enfermeiras, um bufar furioso em Juana e má cara em Vanderhoeven.

– Mesmo com essa touca – disse Taylor quando Matilde parou diante dele – que esconde o seu cabelo magnífico, continua a ser a mulher mais bonita que conheço.

Matilde tirou a touca e abanou a cabeça para soltar os caracóis, que caíram, cobrindo-lhe o rabo. Como sempre, o seu cabelo era um espetáculo demasiado atraente e várias mulheres congolesas rodearam-na para o admirar. Algumas, enquanto Matilde conversava com o inglês, esticavam a mão e tocavam nele.

– Vamos sair daqui – disse Taylor, incomodado.

– Sim. De facto, estava com vontade de passear pelo jardim do hospital. Preciso de um pouco de ar fresco. Passei o dia na sala de operações e na tenda dos doentes de meningite, a fazer punções. Estou desfeita.

– Não é perigoso para si? Refiro-me ao facto de entrar no pavilhão de doentes de meningite.

Matilde riu-se antes de responder.

– Senhor Taylor, o bombeiro receia o fogo? Ou um corredor de automóveis a velocidade? Ou um alpinista as alturas? Ou um mercenário as armas de fogo? – rematou, e ouviu a gargalhada curta do inglês.

– Foi uma pergunta estúpida a minha, eu sei. Preocupo-me consigo. Disso se trata, de uma preocupação genuína.

– Agradeço-lhe, senhor Taylor, mas há anos que trabalho em hospitais e estou habituada a esta vida e a este ambiente. O meu corpo também está. De qualquer forma, desde que começou a epidemia de meningite, o staff da Mãos Que Curam foi vacinado com gamaglobulina. É você, pelo contrário, quem se expõe vindo aqui. Não só à meningite, mas a outras doenças, como a tuberculose.

– Não importa, assumo o risco. O que me interessa está aqui – acrescentou.

Caminharam em silêncio até ao portão de acesso ao hospital, uma rotina que tinha começado na segunda-feira e que repetiam sem necessidade de a sugerirem; simplesmente, quando Nigel a encontrava, cumprimentavam-se e empreendiam a caminhada. Também fazia parte da rotina comprarem refrigerantes a duas meninas que se sentavam sobre as suas geleiras de esfervite à saída do hospital. Matilde tinha reparado que, a quem quer que tivesse comprado as bebidas, elas dividiam sempre o dinheiro em partes iguais.

– São irmãs? – perguntara-lhes e as meninas negaram, abanando a cabeça, o que desconcertou Matilde.

Taylor comprou refrigerantes não só para ele e Matilde mas para meio hospital. Na segunda-feira, depois de ele ter pago duas garrafas de Coca-Cola, Matilde comprou mais umas quantas, para Juana, para Auguste, para o Dr. Loseke, para Udmila, para Danielle, para Zakia, para Julia e para Jean-Marie Fournier, que estava de passagem por Rutshuru. Taylor desconfiava que, na realidade, ninguém tinha pedido nada a Matilde e que ela as comprava para ajudar as meninas, até lhes dava trocos para facilitar a divisão dos lucros. A partir de terça-feira, Taylor comprou todas as garrafas que ele e Matilde podiam carregar e ganhou um sorriso amplo e cúmplice, de dentes brancos e maçãs do rosto salientes, que o afetou fisicamente. Sentiu um formigueiro na boca do estômago e um calor, que não tinha relação com a temperatura elevada, atravessou-lhe a barriga.

Gostava de observá-la quando ela não o notava. Às vezes, esgueirava-se até à sala de pediatria e via-a interagir com as crianças. A espontaneidade dela encantava-o, uma qualidade que as crianças também apreciavam. As suas carinhas escuras iluminavam-se quando a doctoresse «Mat» entrava no corredor, com a sua bata da Mãos Que Curam, o estetoscópio ao pescoço e um eterno sorriso. Invariavelmente, os pequenos doentes pediam em coro: «Un conte, doctoresse Mat! Un conte!», e ela, depois da ronda, cansada e com olheiras, contava-lhes uma história que tirava da cartola.

Matilde era equilibrada, serena, inteligente. Estava sempre de bom humor e, embora fosse pequena e desse uma ideia de fragilidade e de delicadeza, tinha o vigor de vários homens. Trabalhava sem descanso, levada pela paixão, e com boa disposição, sempre com uma palavra de encorajamento e de carinho. Para ela, amar era fácil. A ele, pelo contrário, aquela caterva de pretos, com pestes e chagas, revolia-lhe o estômago. No entanto, uma transformação subtil acontecia no seu

íntimo com o passar dos dias e a sua percepção dos congoleses ia-se alterando graças às conversas com Matilde, que lhe falava dos seus pacientes, das suas histórias, das suas personalidades, dos seus problemas, conseguindo comovê-lo. Isso era raro, comovê-lo. Comovia-o que Matilde recordasse os nomes deles, os seus locais de origem, os seus problemas, os seus medos e os seus talentos. Ele só se importava consigo próprio e com a Spider International. E com a destruição de Eliah Al-Saud.

– O que faz para os conhecer em tão poucos dias?

– Gosto de falar com eles – tinha sido a resposta simples. – Adoro ouvi-los.

«É verdade», refletiu Taylor, «Matilde gosta de ouvir, fá-lo com a sinceridade que põe em tudo. E caímos enfeitados por ela e contamos-lhe os segredos mais obscuros», concluiu, lembrando-se do dia em que lhe confessou que era um soldado profissional. O que tinha começado como um jogo de vingança, adquiria uma dimensão que o superava e o devorava. Devia ter voltado para Londres, onde assuntos urgentes exigiam a sua presença, mas permanecia ali, instalado no acampamento dos rebeldes de Nkunda, para poder visitá-la diariamente no hospital de Rutshuru. Há muitos anos que não acordava tão feliz de manhã.

Nessa sexta-feira, apesar do calor, da humidade opressiva e dos cheiros densos, o céu diáfano, de um azul intenso e brilhante, era um espetáculo que Taylor tinha apreciado na sua viagem até ao hospital. A paisagem composta pelos vulcões, a exuberância da vegetação e a terra vermelha poderiam transformar o Congo num destino cobiçado pelos turistas europeus. No entanto, o Congo estava anatemizado e as embaixadas começavam a pedir aos seus cidadãos que o abandonassem devido ao clima de guerra que o percorria.

– Que novidades há sobre a operação de Kabú? – Taylor surpreendia-se consigo próprio. O simples facto de chamar um pobre menino congolês pelo nome, com a mesma familiaridade utilizada por Matilde, fazia-o sentir-se bem. Até o tinha visitado na unidade de cuidados intensivos, o que fez com que o seu fingido interesse pelo enfant sorcier se transformasse em genuíno.

– O doutor Loseke falou ontem com o cirurgião de Joanesburgo. Ele estaria disponível para o operar no fim do mês. A recuperação far-se-ia lá mesmo, no hospital Chris Hani Baragwanath, e alojariam sœur Angelie por um valor muito razoável.

– Já lhe disse que não se preocupasse com os gastos. Eu encarregar-me-ei de tudo. Kabú e sœur Angelie viajarão no meu avião privado para Joanesburgo quando tudo estiver resolvido e serão tratados como reis no hospital porque pagaremos para isso.

– Obrigada, senhor Taylor. Imagino a carinha de Kabú quando entrar no seu avião. Que feliz ficará!

Admirava-o que Matilde pensasse sempre no que o próximo sentiria perante esta

ou aquela situação. A sua empatia era tão natural como inexistente nele.

– Jean-Marie – Matilde referia-se a Fournier – encomendou a perna ortopédica para Tanguy em Londres, porque em Kinshasa não conseguiu uma apropriada. Deverá ser muito cara. – Matilde enterrou a cabeça entre os ombros e franziu o nariz como quem diz: «Sinto muito.» – Fazê-la à medida e trazê-la de tão longe custará os olhos da cara.

Taylor tê-la-ia abraçado e esmagado a boca dela com um beijo se a distância que Matilde impunha não o desencorajasse.

– Talvez – disse Taylor, nervoso e depressa devido àquele instinto carnal – eu possa trazê-la de Londres quando voltar, dentro de algumas semanas.

– Vai viajar?

– Sim – respondeu Taylor, e a alegria que sentiu ao ver a desilusão de Matilde quase o levou a dar um grito de triunfo e a saltar como quando era adolescente e fazia um try para a sua equipa de rugby do colégio.

Repartiram os refrigerantes pelos pequenos frigoríficos da sala dos médicos e da enfermaria e voltaram ao jardim com os seus nas mãos.

– Venha – disse-lhe Taylor, atrevendo-se a pegar-lhe no cotovelo. – Sentemo-nos nestes troncos.

O simples contacto deixou-o atordoado. Segundos depois reparou na pequenez do osso, como no domingo anterior, quando, para a reter, a segurara pelo braço e tivera a sensação de estar a agarrar num pau de vassoura. Matilde, para se proteger dos insetos, usava sempre mangas compridas, mas às vezes, como neste momento em que levantava o braço para levar a garrafa à boca, ele via-lhe o pulso, que era do tamanho do pulso de uma criança.

– Matilde, desculpe imiscuir-me, mas comem bem no hospital e na casa da MQC?

Matilde tapou a boca para esconder o riso.

– Senhor Taylor, perguntar-me isso é o mesmo que dizer-me que tenho o aspeto de uma desnutrida.

– Oh, não, não, de todo.

– Nesse caso...?

– Só me interrogava se, por trabalhar num sítio tão pobre, vocês, os médicos da MQC, não teriam necessidades básicas.

– Não se preocupe. Alimentam-nos muito bem. Evidentemente que, por viver no Congo, as nossas vidas mudam imenso. Por exemplo, temos de ser cuidadosos com os insetos, habituamo-nos a borrifar a roupa com permetrina, tal como o mosquiteiro que protege as nossas camas e, apesar do calor, habituamo-nos a não usar roupa leve e a estar sempre bem cobertos. Não podemos usar a água corrente, nem sequer para

lavarmos os dentes, o que nos obriga a levar uma garrafa de água mineral para todo o lado. No duche, temos de usar a menor quantidade de água possível e garanto-lhe que, com o meu cabelo, isso não é fácil.

– Nem pense em cortá-lo!

– Não, não, nunca! Ah – disse, ao ouvir umas explosões ao longe –, e temos de aprender a conviver com a violência extrema, que é o mais difícil.

Os sons – a sirene das ambulâncias da MQC que entravam e saíam incessantemente, o bulício de um grupo de mulheres, que cantavam e dançavam a alguns passos deles, e o estrondo dos mísseis que explodiam a poucos quilómetros dali – envolveram-nos na sua cadência e silenciaram-nos.

– Senhor Taylor, a sua presença no Congo deve-se ao facto de estar para breve uma guerra?

– Quem lhe disse que estava para breve uma guerra?

– É o que comentam.

– Sim, receio bem que sim. Estou aqui porque está para breve uma guerra.

Matilde assentiu, cabisbaixa.

– E porque haverá guerra?

– O que quer saber? As razões que esgrimem as partes em conflito ou o motivo verdadeiro?

– Os dois.

– Bem. As razões que justificam a guerra advêm do genocídio dos tútsis às mãos dos hutus interahamwes no Ruanda, em abril de 1994. Se Kabila expulsasse os seus aliados, o Ruanda e o Uganda, do governo, e as tropas deles do país, e fá-lo-á, não tenha dúvidas, os tútsis, que agora compõem os governos desses países, dirão que os interahamwes que fugiram em 1994 e se esconderam aqui, no Congo Oriental, tentarão massacrar os banyamulengues, os tútsis congolese. E com o pretexto de os protegerem, o Ruanda e o Uganda invadirão o Congo justamente por aqui, pela zona dos Kivus. Será preciso ver o que fará o Burundi, que está sempre à espera de um conflito para tirar proveito.

– E a real?

– A real é criar o caos para explorar o coltan... Já ouviu falar do coltan? – Matilde assentiu. – Pois bem, é uma guerra criada para conseguir o controlo desse mineral, sem pagar taxas, sem se sujeitar a limites anuais de extração, com absoluta liberdade. Como diz o ditado: «Rio revolto, ganho de pescadores».

– E as grandes potências mundiais não farão nada para impedir a guerra?

Taylor deu uma gargalhada forçada e sarcástica.

– São elas que a fomentam! Nunca pensou qual é a origem das companhias que usam coltan? Garanto-lhe que, se dependesse dos congoleses ou dos ruandeses, o coltan continuaria debaixo da terra por toda a vida. Para que precisam dele? Não saberiam o que fazer com o «ouro cinzento». Pelo contrário, as companhias de telemóveis, de computadores, de armas, de equipamento médico e outras, precisam dele como nós precisamos do ar, sobretudo porque o coltan é uma raridade mineral com uma grande qualidade: é capaz de armazenar energia por muito tempo.

– Nesse caso usam-no para as baterias.

– Entre outras coisas. – Taylor fez uma pausa, cravando o seu olhar no perfil sério e pensativo de Matilde. – Como se o coltan não fosse suficiente para criar um conflito monumental, o Congo, em especial esta zona, a dos Grandes Lagos, é rico em ouro, diamantes, cobre, madeiras nobres, urânio. Sabia que um dos veios mais ricos de pecheblenda fica aqui, no Congo?

– Não, não sabia. O que é a pecheblenda?

– A pecheblenda é o mineral que contém maior quantidade de urânio. Se quiser encontrar urânio em grande escala, procure um veio de pecheblenda.

O silêncio caiu novamente sobre eles.

– O padre Jean-Bosco Bahala, um pároco que vive não muito longe daqui – comentou Matilde –, garante que Deus, ao criar o Congo tão rico, estendeu-lhe uma armadilha, porque os mais poderosos vêm saqueá-lo e os congoleses são uns desgraçados. Os mercenários fornecem armas aos grupos rebeldes? – disparou Matilde, sem interrupção, e Taylor demorou uns segundos a responder.

– Não – respondeu –, os mercenários não são traficantes de armas.

– Uma vez li um artigo que garantia que uma empresa militar privada vendia armas aos tâmeles, ao mesmo tempo que treinava o exército do Sri Lanka que os combatia.

Taylor sorriu e sacudiu os ombros. Sabia bem a que artigo se referia porque ele tinha fornecido noventa por cento da informação que o jornalista holandês Ruud Kok utilizou para prejudicar Elish Al-Saud.

– Creio que essa afirmação é imprecisa. Os mercenários não são traficantes de armas, não estamos metidos nesse mercado, mas conhecemos muitos traficantes porque, é claro, nos fornecem armas. O que acontece habitualmente é fazermos o papel de intermediários entre os nossos clientes e os nossos fornecedores.

– Cobram por essa intermediação?

– Evidentemente. Neste mundo, paga-se por tudo.

– Como é uma guerra, senhor Taylor?

Nigel cruzou os braços sobre o peito, pressionou o lábio inferior entre o indicador e

o polegar e fixou os olhos no chão.

– A guerra é ruído, gritos, um cheiro denso a pólvora, fumo, sangue e, sobretudo, terror. O terror sente-se no ar, juntamente com o cheiro da pólvora. Lamentavelmente, Matilde, a guerra é inerente à natureza humana. Nunca conseguimos prescindir dela. Platão dizia: «Só os mortos viram o fim da guerra.» Mas neste mundo bipolar, se não houvesse guerra, não apreciaríamos a paz.

A última frase causou impacto em Matilde e fê-la pensar que se apreciavam a luz era por existir a escuridão, e se se cobiçava a saúde era porque havia doenças, e se se amava, era também porque se odiava. O mal existia para dar valor ao bem, o que, meditou, a levava a concluir com um paradoxo: que o mal deveria existir. Não fazia sentido.

– Obrigada por ter sido sincero comigo, senhor Taylor.

– Não tem de quê, Matilde. – Pegou-lhe na mão, pequena, de dedos longos e unhas curtas e arrançadas, como se esperava de uma cirurgiã, e Matilde ficou imóvel, tensa devido ao contacto, enquanto pensava na forma de o quebrar sem ofender o senhor Taylor. – Partirei amanhã, mas regressarei rapidamente. Enquanto isso, quero que tenha cuidado consigo, por favor. – Matilde sorriu e retirou a mão fingindo afastar uma madeixa de cabelo da cara. – O melhor seria ir-se embora, sair deste inferno, mas sei que não o fará.

– Não, não o farei – confirmou Matilde, enquanto as explosões e os tiros continuavam ao longe.

– Eu sei. O que fará quando a guerra começar? Sairá do Congo?

Matilde não teve oportunidade de responder. Um camião militar atravessou o portão do hospital e irrompeu no terreno, provocando uma agitação entre os que circulavam por aí. O condutor tocava a buzina e batia na parte exterior da porta com a mão esquerda para chamar a atenção. Matilde levantou-se de um salto para conseguir ver melhor. Viu que a caixa do camião estava cheia de soldados feridos.

– São do exército regular – disse Taylor. – Devem ter caído numa emboscada ou ter-se envolvido numa escaramuça com os banyamulengues.

– Tenho de deixá-lo, senhor Taylor. Não teremos mãos a medir na sala de operações.

– Matilde – deteve-a –, tenha cuidado, por favor.

– Sim, terei. E obrigada pelo que está a fazer por Kabú e por Tanguy. Nunca me esquecerei.

Taylor deu um passo em frente com a intenção evidente de beijá-la, mas Matilde rodou sobre si própria encaminhando-se para o edifício do hospital.

– Acompanho-a – propôs Taylor. – Tenho de pedir ao doutor Fournier os dados da

empresa em Londres que fabricará a perna ortopédica de Tanguy.

– Oh, sim! Já me tinha esquecido. Você é incrível! – exclamou Matilde, um pouco agitada enquanto avançava em passos largos. – Nunca se esquece de nenhum pormenor.

– Um soldado profissional não pode permitir-se fazê-lo. A sua vida depende muitas vezes dos pormenores.

– Compreendo.

Capítulo 10

– Tia Sofía, é Eliah.

– Olá, riqueza! Como estás, meu amor? Como te sentes?

Al-Saud esboçou um sorriso diante da exuberância do cumprimento da tia. Bateu com a lapiseira Mont Blanc várias vezes sobre a secretária, enquanto Sofía continuava com as suas perguntas e certezas.

– E aquele desgraçado do Anuar! – explodiu a mulher. – Com tudo o que os teus pais fizeram por ele e pelos irmãos! É um traidor, um lixo. Não vale nada.

– Há de pagar, tia. Não te preocupes que mais cedo ou mais tarde há de pagar.

– É o que espero – desejou Sofía.

– Tia, telefono-te porque preciso de entrar em contacto com o teu irmão.

– Com o meu irmão? Com Aldo?

Al-Saud inspirou profundamente e fechou os olhos.

– Sim, com Aldo, com o pai de Matilde.

– Para quê?

– Quero comentar-lhe umas coisas.

– Alguma coisa de Matilde? Ela está bem?

– Não se trata de Matilde, mas de negócios.

– Ah! – Conhecia o carácter de Eliah, pelo que se absteve de continuar a indagar. – A verdade é que é mais fácil falar com Bill Clinton do que com o meu irmão.

– Porquê?

– É ele quem telefona. Quando quer – acrescentou.

– Não tens um número de telefone onde possa encontrá-lo?

– Sim, tenho um número de telemóvel, mas vai sempre para as mensagens.

– Dá-mo, por favor.

Momentos depois, Al-Saud marcou o número de telefone fornecido por Sofía. O indicativo internacional, 54, correspondia à Argentina. Depois de vários telefonemas, ativou-se o atendedor automático. Ouviu a voz de Aldo, que pedia, em inglês e em árabe, que deixasse uma mensagem depois do sinal. O seu árabe era bom, fluente, embora com um evidente sotaque castelhano.

– Senhor Martínez Olazábal, é Eliah. – Absteve-se de dar o apelido. Também não lhe daria um número de telefone porque não sabia se falava por uma linha segura. – Preciso de entrar em contacto consigo urgentemente. É muito importante. Vê-lo-ei no

lugar onde nos encontrámos pela última vez, na próxima terça-feira, 12 de maio, às 19. É imperativo que nos vejamos – insistiu antes de desligar.

Na segunda-feira, 11 de maio, perto do meio-dia, Al-Saud estava reunido com o seu advogado, o Dr. Lafrange, no seu gabinete do oitavo andar do Hotel George V. Discutiam os avanços do processo por calúnias e injúrias contra a revista Paris Match.

– Exigiremos que nos digam quais foram as fontes de informação e que apresentem provas irrefutáveis que apoiem as suas afirmações. Como não o farão, será fácil conseguir uma sentença que nos seja favorável.

– Conseguiu falar com o coronel Amberg? – Eliah referia-se ao seu superior na base de Al Ahsa, na Arábia Saudita, durante a Guerra do Golfo.

– Sim. Foi muito amável e garantiu-me que está disposto a testemunhar a seu favor. Estava bastante aborrecido com o que tinham escrito sobre si no Paris Match. Garantiu-me que ninguém em L’Armée de l’Air sabia que o bunker militar de Amiriyah estava cheio de civis.

– Quero que esses filhos da puta não só me paguem uma fortuna pelas mentiras que disseram, mas que escrevam um pedido de desculpas. Não aceitarei menos!

– Isso ficou assente na ação judicial. Esperemos que o juiz aceite a petição.

O telefone tocou e Al-Saud levantou o auscultador, aborrecido, porque tinha dito às secretárias para não lhe passarem chamadas.

– Desculpe, senhor – apressou-se a dizer Thérèse. – Interrompo-o porque tenho um senhor em linha que garante ser o pai de Matilde.

Al-Saud levantou-se e, depois de uns segundos de deliberação, ordenou:

– Thérèse, passe-me a chamada para a sala de reuniões. – Voltou-se para Lafrange: – Atenderei esta chamada. Serão só uns minutos. – Saiu do gabinete e dirigiu-se apressado para a sala de reuniões. – Allô?

– Porque precisa de falar comigo? – disse Aldo, prescindindo das fórmulas de cortesia e das formalidades.

Al-Saud apercebeu-se de que Martínez Olazábal não tinha mencionado nomes.

– Telefona-me de uma linha segura?

– Sim. – Aldo utilizava o telefone de um hotel em Puerto Banús, escolhido ao acaso e onde acabara de se registar. No entanto, Al-Saud decidiu não arriscar porque não confiava no discernimento de Martínez Olazábal. – O que me quer? Não falarei da minha filha consigo.

– Não se trata dela – enfureceu-se Al-Saud. – Não se atreva a pronunciar o nome dela por mais segura que esta linha seja para si. Fui claro?

– Sim – respondeu Aldo, mais tranquilo.

– Como conseguiu este número de telefone? – interrogou-o Eliah.

– Através de um interessante artigo no Paris Match, soube o nome da sua empresa – explicou, com um tom sarcástico. – E lembrei-me de que um conhecido meu tinha requerido os seus serviços há algum tempo. Ele deu-me o número.

– Temos de falar – apressou-o Al-Saud. – É impossível fazê-lo por telefone.

– De que se trata?

– De si. Da sua segurança. – Al-Saud calou-se e manteve um silêncio intencional.

Aldo emudeceu de surpresa. Convencido de que Al-Saud tinha descoberto a sua verdadeira profissão, achou que o chantagearia para que o ajudasse a recuperar Matilde.

– A que se refere?

– Falo da sua atividade de broker e das consequências que isso traz.

Nesse caso já sabia a que se dedicava, pensou Aldo. Ou não?

– Não sei do que está a falar.

– Claro que sabe – disse Al-Saud, impaciente, porque a chamada se prolongava perigosamente.

– Não, não sei – teimou Aldo. – Fale claro ou esta conversa acaba agora.

– Não falarei por telefone. Encontremo-nos amanhã, onde lhe disse.

– Acha que pode dispor da minha agenda como se fosse meu chefe?

– É de vida ou de morte – atirou Al-Saud, mergulhando de novo num mutismo deliberado.

– O que sabe? – quase gritou Aldo, alterado. – Porque me diz isto?

– Não falarei por telefone.

Martínez Olazábal queria terminar esta conversa quanto antes. Aborrecia-o que Al-Saud soubesse tanto acerca dele e que dispusesse de informações acerca do seu destino. O que poderia dizer-lhe que já não soubesse? Que estavam a caçá-lo como a um animal? Tinha muita vontade de perguntar-lhe por Matilde. Não falava com ela desde a sua partida para o Congo. O telemóvel de Juana não funcionava, dando sempre a mesma mensagem: «O telefone para onde está a chamar encontra-se desligado ou fora da área de cobertura.» Bom, não interessava. Depressa visitaria esse desgraçado país e veria a sua Matilde adorada.

– Nesse caso, se não fala por telefone, não o fará de todo – decidiu, desligando a chamada.

– Merde! – exclamou Al-Saud, batendo com o auscultador ao devolvê-lo à base.

Mais tarde, nesse mesmo dia, recebeu uma chamada de Gulemale.

- Chéri, não sabes quanto me alegra saber que o teu pai saiu ileso deste assunto.
- Obrigado, Gulemale. Como estás?
- Desejosa de ver-te e de mimar-te. Soube que não saíste tão ileso como o teu pai.

Al-Saud riu-se. Supunha-se que ninguém conhecia a identidade do piloto que tinha recebido o tiro no aeroporto de Viena.

– Como sempre, querida Gulemale, sabes mais do que qualquer serviço secreto. Deveriam contratar-te.

- Às vezes fazem-no.
- Não duvido.
- Querido, quando virás conhecer o meu paraíso no Congo Oriental?
- O teu paraíso, Gulemale, está construído sobre um barril de pólvora.
- Ah, não me digas que tens medo, não é verdade? Aqui poderias recuperar completamente. Lembra-te de que, antes daquele episódio lamentável, estavas decidido a visitar-me.
- Sim, eu lembro-me. Visitar-te-ei rapidamente, estou ansioso por conhecer o teu paraíso.
- Quando, Eliah? – pressionou-o, com uma voz insinuante.
- Assim que resolver uns assuntos pendentes.
- Não tragas a tua menina com cara de anjo porque pretendo fazer-te coisas que a deixariam escandalizada.

Al-Saud deu uma gargalhada, obrigado pela necessidade de simular frivolidade, ainda que a advertência o tenha repugnado. Não tolerava que Matilde fosse envolvida com gente tão baixa. Tinha a sensação de que, nomeando-a, a maculavam. Sentiu uma coisa semelhante horas depois quando, ao sair do George V para ir ao laboratório da sua irmã Yasmín – queria que ela lhe tirasse os pontos –, deparou com Céline no caminho.

- O que queres? – perguntou-lhe, sem a cumprimentar e mantendo a distância.
- Falar contigo – respondeu a famosa modelo e, como Al-Saud a viu calma, apontou para o Aston Martin estacionado atrás dela, interessado em afastá-la antes que fizesse um escândalo à porta do hotel do seu irmão Shariar.
- Vamos para a minha casa – propôs Céline e Al-Saud assentiu.

Não trocaram palavra durante o tempo que durou aquela curta viagem. Céline tentou beijá-lo no elevador enquanto se dirigiam para o andar onde tinha o seu apartamento, mas Eliah segurou-a pelos braços e afastou-a dele.

– Vejo que continuas chateado comigo.

Al-Saud limitou-se a observá-la com uma fixação e uma seriedade que a acobardaram. Céline baixou os olhos e apertou as mãos. Como estas lhe tremiam, Al-Saud tirou-lhe a chave e abriu a porta. Céline precipitou-se para o interior, atirou a carteira de veludo para a poltrona e tirou os sapatos Chanel de salto alto.

– Queres beber alguma coisa? – ofereceu.

– Não quero beber nada – disse Al-Saud, cortante. – Disseste-me que querias falar. Fala.

Céline aproximou-se, andando como se estivesse na passarela, e parou a centímetros dele. Não tentou tocar-lhe.

– Tive imensas saudades tuas, meu amor. Sei que me portei mal contigo.

– Não, comigo não. Com a tua irmã.

– Não falarei dessa!

– Está bem, não fales, mas diz de uma vez o que queres dizer-me.

– Eliah, meu amor, quero que voltemos a ficar juntos, mas desta vez quero que seja diferente. Este tempo sem ti foi insuportável e compreendi que já não me basta a vida louca que levei até agora. Quero assentar, formar uma família, ter filhos contigo.

– Céline, não me faças rir. Tu, assentar? Tu, uma vida moderada? Tu, filhos? – acrescentou por último, elevando a voz. – Tens os ovários e o útero que faltam a Matilde, mas o teu instinto maternal é o mesmo de uma ameiba.

Al-Saud apercebeu-se, como se de um odor se tratasse, da mudança de atitude da modelo.

– Sei que tu e a minha irmã já não estão juntos. Disseme Ezequiel.

– Graças a ti.

– Eliah, por favor! Não me digas que a Matilde é mulher para ti? Aquela coisinha minúscula e insignificante! – Céline acendeu um cigarro e deu um longo trago; os seus lábios rodearam a beata com avidez. – Vamos, Eliah, um homem do mundo como tu, que poderia ter a mulher que quisesse, metido com a minha irmã mais nova, cujo único objetivo na vida é despiolhar negros africanos.

– Não vim aqui para discutir as qualidades da tua irmã.

– Está bem, está bem. Falemos de nós.

– Agora falarei eu, Céline. Não há nós. Nunca houve, nunca haverá.

– Porquê? – Céline expressou-o como um lamento dilacerante. Os seus olhos azul-celeste adquiriram brilho e uma tonalidade avermelhada.

Eliah suspirou. Estava cansado, queria que Yasmín lhe tirasse os pontos para voltar para casa e enfiar-se na piscina. Não tinha disposição para suportar as loucuras de uma toxicodependente.

– Céline, a relação que mantivemos durante anos, de carácter exclusivamente sexual, acabou. Gostaria de ser claro neste ponto. Creio que mereces a minha franqueza. Acabou-se, Céline. Espero que o entendas.

– Deixas-me porque tens esperança de voltar para a imbecil da Matilde! Tu não a conheces como eu! Ela nunca mais voltará para ti depois de saber o que houve entre nós.

– Não interessa – disse Al-Saud, com uma calma estudada e uma voz quase inaudível. – Não interessa. Mesmo que Matilde não volte para mim, eu não voltaria para ti. O que tínhamos acabou de qualquer maneira.

Deu meia-volta e dirigiu-se para a porta. O instinto preveniu-o do ataque. Sentiu o perigo como uma comichão que se propagou ao longo da sua coluna vertebral. Afastou-se para a direita e Céline sulcou o ar com o atizador, provocando um assobio de chicote. Nem um murmúrio o tinha alertado. Céline deslocara-se descalça pelo tapete sem um rangido do soalho.

Agachou a cabeça quando Céline retomou o ataque com uma cutilada e depois com outra. Empunhava o atizador com fúria.

– Basta, Céline! Não quero magoar-te! Mas fá-lo-ei se não paras com isso!

– Filho da puta! – Levantou o ferro sobre a cabeça, disposta a acertar na de Al-Saud.

Eliah inclinou-se e investiu como um touro. Ouviu-se o gemido afogado de Céline e o som abafado do atizador ao bater no tapete. Céline, de costas no chão, tentava convulsivamente encher os pulmões de ar. Al-Saud reparou que o rosto dela passava de uma tonalidade avermelhada para uma azulada. Agarrou-a e pô-la de pé.

– Vamos, calma – animou-a, ao mesmo tempo que, com a mão aberta, lhe desenhava grandes círculos nas costas. – Anda, acalma-te. Tenta respirar com inspirações curtas e pequenas.

Passados segundos, Céline soluçava e cobria o rosto para não o ver. Al-Saud afastou as mãos e recuou dois passos.

– Porque tínhamos de acabar assim?

Céline ergueu os olhos, sabendo que estava pavorosa, com a máscara a desenhar-lhe sulcos negros nas faces, o cabelo despenteado e o aspeto de uma louca. Não interessava. A humilhação ajudava a aumentar a sua raiva.

– Vou matar Matilde, Eliah. Se não és para mim, não hás de ser para essa desgraçada. Juro-te.

Afetou-o Céline ter feito a ameaça em castelhano e tê-lo feito sóbria – não cheirava a álcool nem parecia drogada. Estava lúcida, apesar de possuída por uma emoção violenta.

Céline viu como as feições de Al-Saud endureciam ao mesmo tempo que se relaxavam. O efeito era paradoxal, porque, ainda que desaparecesse o cenho, se esfumassem as rugas na testa, se relaxassem as linhas em volta da boca e os lábios se unissem até delinear aquela boca em forma de coração que ela estava desejosa de beijar, o rosto dele adquiria uma dureza pétrea. Onde se concentrava a maldade que a sua expressão transmitia? Nos olhos, concluiu, cujo verde-esmeralda perdera o calor de que ela desfrutara durante as suas longas horas de cópula, que tinham endurecido, com uma expressão obstinada acentuada pelas pálpebras semicerradas – tinham mesmo sofrido uma metamorfose e pareciam mais claros, de um verde-água. Só um movimento do osso do maxilar, perto da orelha, a fez perceber que cerrava os dentes.

– Retira o que disseste – ordenou-lhe Al-Saud e o tom da sua voz, profunda, um pouco áspera, e calma, muito calma, deixou Céline com a cabeça em branco.

Ficou a olhar para ele, admirando a sua beleza, desejando que a virilidade que transpirava se vertesse nela, no seu corpo, e que a fizesse gritar num orgasmo.

– Céline, retira o que disseste.

– Não – sussurrou. – Não o farei – repetiu, em francês. – Matilde não te terá. Antes, mato-a.

Céline quebrou o silêncio com um grito antes de Al-Saud lhe apertar o pescoço e a obrigar a ficar em pontas de pés. O seu rosto furibundo ficou a centímetros do dela.

– Se chegares a tocá-la, se chegares a magoá-la, eu matar-te-ei a ti. Conheces-me, Céline. Sabes que sou capaz de o fazer. E digo-te isto absolutamente consciente. Prometo-te que te matarei se magoares Matilde.

– Não terei de o fazer porque ela nunca mais voltará para ti.

Na manhã de segunda-feira, 11 de maio, Matilde sentou-se à mesa do pequeno-almoço e todos, Auguste, Julia e Juana, repararam nas suas olheiras e no seu aspeto cansado. N'Yanda serviu-lhe café com leite, ovos mexidos, um prato com pedaços de manga e um sumo de papaia.

– Coma tudo, doutora Matilde – insistiu a mulher na sua forma direta, parca e autoritária de falar. – Perdeu peso desde que chegou a Rutshuru. E o que aconteceu ontem na missão é porque está mal alimentada e a dormir mal.

Ouviu-se o suspiro de Juana, que a seguir deu uma dentada violenta na torrada de pão de milho. Matilde virou-se para ela e os seus olhos injetados de sangue cruzaram-se com os olhos escuros e vivos da sua amiga. «Continua aborrecida», pensou. A discussão começara no sábado de madrugada, durante uma pausa depois da confusão que tinha significado receber um camião cheio de soldados feridos.

– Vi-te com Mister Taylor esta tarde – disse Juana, com ar de censura.

– Sim, veio ver-me.

– Não sei onde queres chegar com o pirata inglês.

– Está a ajudar Kabú e Tanguy.

– Ah, adoro isto! Nunca querias aceitar que o teu pai te desse dinheiro, mesmo que tivéssemos de comer arroz todo o mês, porque desconfiavas que o dinheiro dele não era legítimo. Mas deste, um completo mercenário, já aceitas. Quem te compreende?

– Este dinheiro não é para mim, mas para duas pobres crianças.

– Não digas «crianças» que me deixas louca! E agora que me lembro, não acabaste com Eliah porque, entre outras coisas, era um mercenário?

Juana arrastou a cadeira ao afastá-la da mesa na sala dos médicos e saiu com um ar enraivecido, deixando Matilde com a resposta na boca. Horas mais tarde, de volta à casa da Mãos Que Curam, e depois de tomar um duche, Matilde vestiu-se com roupas cómodas e largas e, enquanto atava os atacadores dos botins, Juana entrou. Acabava de tomar banho, vestia a camisa de noite e secava o cabelo com movimentos enérgicos.

– Onde vais?

– À missão.

– Estás louca? Não podes fazer essa loucura dois fins de semana seguidos. Ontem à noite tivemos um banco de loucos. Tens de descansar. Podes ir amanhã.

– Não.

– Ah, que teimosa! E tudo isto para ver Jérôme, não é?

– Sim. Prometi-lhe que iria e não vou defraudá-lo. Além disso, preciso de o ver.

– Estás a esforçar-te demasiado. Trabalhas como uma louca no hospital, não comes bem... Não olhes assim para mim! Achas que não sei que comes como um canário? Tens o aspeto de um cadáver! Parece que acabaste de dar entrada na morgue.

– Obrigada, amiga querida! Tu também estás muito bonita.

– Ufa! – impacientou-se Juana. – Pelo menos trata de dormir na missão – disse, e saiu do quarto sem dar a Matilde tempo de contar que estava feliz porque nessa manhã, antes de voltar para casa, passara pelo laboratório do hospital e lhe haviam entregado as análises de Jérôme. Não tinha VIH no sangue e estava são como um pero.

Ajabu esperava-a à porta com o Land Rover ligado que, apesar de ter sido consertado pelo compadre do motorista, ainda mostrava na chapa os vestígios do

ataque dos rebeldes. Matilde percorreu o capô com os olhos e, enquanto se detinha a examinar cada orifício de bala, sentia um zumbido que aumentava até se transformar no estrondo das espingardas. O jardim de N'Yanda desapareceu e as imagens da tarde do assalto ofuscaram-na. Estremeceu com um calafrio no calor asfíxiante da manhã e teve medo de percorrer aqueles caminhos de terra vermelha ladeados pela espessa floresta tropical onde podia ocultar-se um exército inteiro. «As rotas nesta região», explicara-lhe Taylor, «são armadilhas mortais». «Matilde, meu amor, não podes ir para o Congo. Percebes, não é verdade? Não posso permitir que te metas naquele inferno! Não irás para o Congo!» A voz de Eliah enfiou-se nos seus pensamentos. Quase desejava tê-lo ouvido. «Não!», exclamou. «Não teria conhecido Jérôme se não tivesse vindo. Tinha de vir.»

Deu um pulo quando Vanderhoeven lhe apertou o ombro. Matilde reparou que trazia o saco a tiracolo.

– Vou contigo. Há dias falei com Amélie e combinámos que convocaria a população dos arredores para que lhe dêssemos alguma formação este fim de semana.

– Não me disseste nada – recriminou-o Matilde.

– Tens estado muito ocupada com o teu novo amigo inglês – argumentou o belga, abrindo-lhe a porta traseira para que entrasse. Ele ocupou o lugar do acompanhante.

– Doutor Auguste! – Era N'Yanda, que desceu a correr as escadas da galeria e se dirigiu para o veículo; a sua filha Verabey seguia-a em passo lento, com uma caixa de cartão às costas. – Posso ir convosco? Há muito tempo que não vejo sœur Amélie.

– Verabey aguentará sozinha a casa? Olha que voltaremos amanhã à noite.

– Claro que aguento! – garantiu a rapariga, colocando a caixa na parte traseira. Olhou para Matilde e explicou: – São conservas e marmeladas que a mãe preparou para as irmãs.

Ajabu, que tinha nascido em Goma e que conhecia as montanhas Virunga como a palma da sua mão, não foi pelo caminho habitual, levando-os por um alternativo. Era conhecido apenas dos guias e menos arriscado, embora Matilde duvidasse porque, pouco depois de saírem, penetraram numa espessura verde repleta de sons estranhos que revelavam a evidência de uma vida selvagem que começou a vislumbrar-se quando o tração às quatro rodas diminuiu a marcha devido ao caminho acidentado. Nessa altura, Matilde avistou aves exóticas de cores inacreditáveis, chimpanzés e outro tipo de macacos, mais pequenos e com a cara preta; também viu serpentes penduradas de cabeça para baixo. O cheiro da selva acentuava-se à medida que se aproximavam de um terreno alagadiço junto ao rio Rutshuru, que atravessaram por uma zona de bancos de terra. Matilde conteve a respiração quando o Land Rover entrou no rio e a água começou a engolir a carrinha. Os quatro pneus agarravam-se ao fundo lamacento e puxavam pelo veículo. Ao longe, um grupo de hipopótamos divertia-se na água, um bando de flamingos pescava e uma manada de zebras bebia

nas margens, atenta aos seus inimigos mortais, os crocodilos, que abandonavam o descanso na lama e deslizavam como flechas na direção do grande intruso branco. N'Yanda, ao seu lado, não estaria mais serena se estivessem a atravessar uma rua tranquila do Septième Arrondissement de Paris. A sensação de irrealidade ia-se apoderando de Matilde que, quando chegaram à missão, já tinha esboçado uma nova história para contar às crianças, em que uma zebra e um flamingo ocupavam o lugar dos protagonistas, e um crocodilo encarnaria o mau da história que depois se tornava bom. Admitiu que a fábula tinha semelhanças com as histórias que Horacio Quiroga reunira em Contos da Selva, um livro que a fascinara aos doze anos.

Uma multidão ocupava o terreno da missão. Era óbvio que as pessoas das povoações próximas começavam a chegar para ocuparem um lugar sob o grupo de cajueiros de que Amélie se sentia particularmente orgulhosa. As mulheres, com os seus vestidos compridos de estampados e cores berrantes, algumas com turbantes a condizer com o tipo de vestido, traziam cestos à cabeça, bebés às costas e avançavam com várias crianças pela mão.

Matilde subiu ao para-choques traseiro do Land Rover e procurou Jérôme entre a multidão. Descobriu-o perto da casa da missão, de mão dada com soeur Tabatha. Pela sua expressão, de sobrolho franzido, e pela sua atitude – punha-se nas pontas dos pés e esticava o pescoço –, era óbvio que estava à procura dela. «Estou aqui, minha riqueza. Estou aqui por ti», teria exclamado. Desceu de um salto e correu para ele, abrindo caminho por entre as pessoas sem grandes considerações e sem reparar que, na corrida, perdia o chapéu; também não reparou nos olhares e nas expressões de surpresa que o seu cabelo louro provocava entre as congoleesas.

– Jérô!

O menino libertou-se da mão de Tabatha e correu para ela. Matilde ergueu-o no ar e rodopiou-o. O riso de Jérôme acariciou-lhe os ouvidos, aqueceu-lhe o peito, emocionou-a até lhe turvar a visão. Acabaram abraçados, Matilde sentada sobre os calcanhares, com as pontas do cabelo a arrastar no chão, e Jérôme num novelo ao seu colo, agarrado à sua cintura. Era tão carinhoso e doce. Matilde não se apercebeu do grupo de pessoas que os rodeavam, atraídas pelo espetáculo formado por ela, tão branca e loura, e por ele, tão escuro.

– Como tens passado, meu amor? Como passaste a semana? Portaste-te bem?

– Tive muitas saudades tuas – foi o que o menino murmurou e o seu hálito penetrou no tecido da camisa de Matilde e chegou-lhe ao ventre.

Auguste Vanderhoeven aproximou-se e sacudiu o ombro de Matilde.

– Prende o cabelo se não queres que a única coisa que fazem seja olhar para ele e não ouvir o que temos para lhes dizer.

Matilde fingiu não se dar conta da hostilidade do colega e continuou a abraçar Jérôme até a sua prima Amélie se ter aproximado para a cumprimentar.

– Este cavalheiro – disse, apontando para o menino – comportou-se muito bem na tua ausência e teve notas excelentes na escola.

– Vou buscar o meu caderno! – exclamou Jérôme, correndo até ao edifício do orfanato.

– O que sabes de Eliah? – perguntou Matilde, sem preâmbulos, enquanto prendia o cabelo num coque e o cobria com o tipo de touca que utilizava na sala de operações. Nem uma madeixa ficou de fora.

– Fica calma. Falei com a minha mãe há umas horas e ela disseme que Eliah está totalmente recuperado. – Amélie sorriu diante da transformação de Matilde que, de carrancuda, passou a emocionada. – Disseme uma coisa estranha. Disseme que ontem, sexta-feira, Eliah lhe telefonou para lhe perguntar como podia localizar o teu pai.

– O meu pai?

– Sim, por questões de negócios.

– Duvido que o meu pai queira fazer negócios com ele. Detesta-o.

– Porquê? – sobressaltou-se Amélie.

– Porque o meu pai adorava Roy, o meu marido, como se fosse seu filho. E culpa Eliah pela nossa separação. Nada mais longe da verdade, garanto-te.

A confusão que lhe provocou o comentário de Amélie caiu no esquecimento quando deram início ao trabalho. Com a ajuda de sœur Edith, de sœur Annonciation, de N'Yanda e de Abaju, organizaram a pequena multidão em grupos de cinco pessoas para facilitar a triage, ou seja, a classificação dos pacientes de acordo com a gravidade dos casos. Ato contínuo, ocuparam-se dos mais urgentes, como febres altas, vômitos, diarreias e convulsões, e adiaram a revisão das inflamações, chagas e uma grande variedade de maleitas. Matilde coseu a mão de um lenhador e injetou-lhe a antitetânica, drenou um abscesso na perna de uma menina e tratou de uma queimadura no braço de uma velhota. Alguns apresentavam estados gripais e Matilde e Auguste sabiam que, na maior parte dos casos, se tratava da primeira fase da tripanossomíase africana, mais conhecida por doença do sono, ou de malária, que proliferava na época das chuvas. Só com estudos muito específicos poderiam determinar com certeza se se tratava de uma ou de outra, ou simplesmente de uma gripe. No entanto, depois de um exame consciencioso, Auguste, sem hesitar, diagnosticava a doença e medicava em consequência, quer fosse com antipalúdicos, como a cloroquina, que às vezes reforçava com artesunato quando se tratava de casos mais graves, que apresentavam resistência aos medicamentos tradicionais, quer fosse com uma injeção intravenosa de pentamidina para a doença do sono. Matilde admirava os seus conhecimentos em matéria de doenças tropicais e o seu discernimento para se decidir por uma ou por outra. Como o melhor para combater a tripanossomíase africana e a malária era a prevenção, Abaju e N'Yanda distribuíram

garrafas com repelente para manter longe a mosca tsé-tsé e o mosquito Anopheles e ensinavam medidas básicas para evitar atraí-los, por exemplo, não conservando recipientes com água no exterior ou lixo perto de casa.

Entre a multidão descobriram casos graves, não só de tripanossomíase ou de malária em estado avançado, mas de tuberculose e de meningite, e separaram-nos, porque à tarde viria o serviço permanente de ambulâncias do hospital de Rutshuru, custeado pela Mãos Que Curam, que os levariam para a cidade para serem internados. Matilde fez uma prece pelos motoristas, para que viajassem a salvo e para que ninguém os detivesse ou ferisse. Alguns pacientes não se aguentavam de pé e Matilde admirava-se porque a maior parte tinha percorrido quilómetros. Para eles, improvisaram-se camas sob os cajueiros, com cobertores, lonas plásticas, lençóis e toalhas. Outros, os que apresentavam casos muito graves, eram canalizados para serem imediatamente medicados; os parentes ou aqueles que se ofereceram de boa vontade faziam turnos para segurar no soro. Matilde comovia-se com a solidariedade que demonstravam. Ao meio-dia, os recursos que tinham trazido de Rutshuru começaram a escassear e antes da uma da tarde ficaram sem garrafas de soro fisiológico e sem a maior parte dos medicamentos.

Como Amélie tinha pânico que as crianças apanhassem as doenças dos recém-chegados, sobretudo a meningite, ela, as outras religiosas e as mulheres acolhidas, empenhavam-se em mantê-los afastados dos cajueiros, o local onde Matilde e Auguste trabalhavam. Jérôme revelou um lado rebelde que não lhe conheciam e, com uma birra por não aceitar afastar-se de Matilde, chorava para que lhe permitissem ficar com ela. Num descuido de Tabatha, o menino libertou-se da sua mão e correu para uma palmeira-do-óleo, para onde trepou com a agilidade de um macaco: com os braços e as pernas sobre o tronco, paralelos ao chão, chegou à copa em poucos segundos.

– Desce daí! – ordenou-lhe Amélie, com o coração aos pés, pois a queda poderia ser mortal: a palmeira media mais de dez metros de altura.

– Daqui vejo Matilde! Não quero descer!

– Meu Deus... – sussurrou Amélie. – Virgem Santa, protege-o.

– Nunca vi um amor tão profundo entre um órfão da missão e um adulto – comentou Tabatha, observando, com a mão na testa, o pequeno acrobata.

No fim, a subida de Jérôme serviu para manter as restantes crianças entretidas, uma vez que não podiam jogar futebol por o «campo» estar cheio de gente. Além disso, Jérôme ganhou a admiração dos mais velhos, que depois lhe pediram para lhes ensinar a proeza.

Jérôme aceitou descer ao verificar que Matilde se afastava dos pacientes e se dirigia para casa, embora o tivessem proibido de se aproximar enquanto ela não se tivesse desinfetado e mudado de roupa. Depois, ninguém teria sido capaz de o afastar

dela, nem sequer quando no início da tarde, recém-acabado o almoço, iniciaram as palestras sobre fístula, violações sexuais, nutrição e prevenção de doenças como a sida, a cólera, a malária e a febre-amarela. Falavam Vanderhoeven e Amélie, que dominavam o suaíli, língua franca compreendida pela maioria. Era evidente que tinham apresentado esta rotina uma infinidade de vezes pela forma coordenada como partilhavam a exposição; cada um sabia onde começava a sua parte, quando se devia calar, quando intervir e acerca de que pontos fazer finca-pé. Ajabu e N'Yanda faziam de intérpretes dos que só falavam lingala, kikongo, kituba e kinyarwanda. Matilde, com Jérôme agarrado à cintura, passeava os olhos sobre o grupo de pessoas, atenta aos oradores, até as crianças mostravam interesse, e, como lhe acontecia diariamente no hospital, sentia uma corrente de carinho e de admiração por eles. Alguns sofriam com uma dignidade que lhes impedia queixar-se, e o coração sangrava-lhe de tristeza.

As palestras terminaram com a chegada das ambulâncias, três carrinhas Nissan, adaptadas ao transporte de doentes. Nem todos seriam enviados para o hospital de Rutshuru, que tinha atingido o seu limite na noite anterior, quando lá dera entrada o camião militar repleto de feridos, pois alguns iam para o de Goma.

Chamou a atenção de Matilde as famílias, antes do pôr do sol, não iniciarem a viagem de regresso, dado que muitos teriam pela frente uma caminhada de horas em terreno inóspito e perigoso. No entanto, via-os instalar-se dispostos a passar a noite ao relento.

– Sabem que amanhã mzee Balduino assará uma vaca da sua fazenda e enviá-la-á para a missão para os alimentar.

– Mzee Balduino? – repetiu Matilde.

– Sim, o pai de Joséphine Boel. Mzee é uma maneira respeitosa de referir-se aos homens mais velhos. Significa «velho sábio» em suaíli. Mzee Balduino é muito querido na região dos Kivus. Todos sabem que era o melhor amigo de Patrice Lumumba, o herói nacional dos congoleses.

– Sim, já sei. Joséphine falou-me dele.

– Mzee Balduino ajudou-o muitíssimo e ajuda muitíssimo o povo. É um patrão benevolente e generoso. Joséphine disse-me que, embora a cervejeira dê prejuízo, o pai não a quer fechar porque isso deixaria os seus empregados na rua. E por aqui, como deves saber, o trabalho não abunda.

– Vi-o numa cadeira de rodas no dia em que fui a casa de Joséphine. Não tem uma perna.

– É diabético e ainda por cima teve um acidente vascular cerebral há uns anos.

– É viúvo?

– Não, a mulher abandonou-o, mas não sei nada acerca dela porque Joséphine nem a menciona. Dedica-se apenas ao pai.

– Não é perigoso dormirem ao relento? – preocupou-se Matilde. – Digo isto por causa dos mosquitos da malária. Alimentam-se de noite.

– Ontem, prevendo isto – explicou-lhe Amélie –, mandei fumigar os arredores. De qualquer forma – acrescentou com um ar resignado –, eles estão sempre expostos. Não creias que, por permanecerem dentro das suas choças, se livram das picadas. São muito precárias e com orifícios por todo o lado. Pareceu-me uma boa ideia distribuírem repelente.

– Que lhes durará um suspiro – afligiu-se Matilde. – E depois?

– Matilde, não podemos salvá-los a todos. É uma coisa que vais ter de entender. Eu demorei algum tempo a consegui-lo. Houve uma época em que a impotência quase me levou a deixar o hábito e a abandonar a missão.

Fizeram duas fogueiras, onde se cozinharam mandiocas, inhames e batatas envoltas em folhas de bananeira. Preparou-se fufú, com cuaco e folhas de iúca, e um guisado com feijão a que se acrescentou uma galinha doada pela missão. Aos mais pequenos, Amélie mandou dar leite com açúcar. Sentaram-se todos em redor das fogueiras e, enquanto uns comiam, outros dançavam e cantavam. Matilde achava graça à ansiedade com que devoravam e com que participavam da festa. Uns sentavam-se e outros saltavam de pé para retomar a dança. Jérôme, sentado entre as pernas de Matilde, aplaudia e cantava entre trincadelas; sabia a letra das canções. Beijou-o no cocuruto e o menino voltou-se para olhar para ela.

– Um passarinho contou-me que subiste à palmeira como se fosses um macaquinho.

– Queria ver-te – justificou-se. – Sœur Tabatha não me deixava ir ter contigo porque estavas a trabalhar.

– Não deixava que te aproximassem porque era perigoso para ti. Aquelas pessoas estavam doentes e podiam contagiar-te.

– E a ti, não podem contagiar-te?

– Não, a mim não – mentiu, apagando a expressão de preocupação do menino.

Matilde apoiou as costas no tronco de um cajueiro, cruzou os braços sobre o peito de Jérôme e fixou os olhos no fogo. Pensou em Eliah, nas muitas saudades que tinha dele. Teria gostado de, assim como ela dava colo a Jérôme, ele lhes desse colo aos dois. «Como se fôssemos uma família.» Adormeceu e, quando a festa acabou, Tabatha encarregou-se de levar Jérôme até ao orfanato e Vanderhoeven, Matilde. O médico belga atravessou o terreno da missão em direção à casa das religiosas com Matilde nos braços, espantado com a sua pequenez e leveza.

– Leva-a para o meu quarto – disse Amélie. – Por aqui – conduziu-o. – Deita-a na minha cama. Eu ficarei num colchão no chão. – Amélie contemplou Matilde enquanto lhe tirava as botas e comoveu-a a sua carinha de criança em repouso. – Estás

exausta, priminha – sussurrou. – Creio que estás a exigir demasiado de ti. Porquê? O que precisas de provar?

Na manhã seguinte, Matilde demorou alguns segundos a perceber onde estava. Deu-se conta de que já era tarde porque se adivinhava uma luz brilhante entre as frinchas da persiana. O calor era já excessivo. Rodou na cama e deparou com Jérôme. Numa cadeira, olhava fixamente para ela, com os cotovelos apoiados nas pernas, o queixo sobre as costas das mãos e o corpinho voltado para a frente. Era tão bonito, mesmo assim, sério, com cara de preocupado. Há quanto tempo estaria ali?

– Tira os ténis e vem para aqui.

Matilde não afastou o lençol porque estava de cuecas. Disse-lhe que se deitasse ao seu lado, por fora. Ficaram de lado, um em frente ao outro, com as mãos sob o queixo, meio acocorados. Matilde passou-lhe o indicador pelo nariz que parecia um botão.

– Como dormiste, riqueza?

– Não molhei a cama!

– Parabéns! És um menino brilhante, inteligente, bonito. Adoro-te Jérô – disse, beijando-o na testa.

– O que quer dizer «adoro-te»?

– Quer dizer que penso sempre em ti, que quero que estejas bem, que me preocupo contigo, que gosto de estar contigo, que gostaria de estar sempre contigo e nunca me separar de ti. Que te amo com todo o meu coração.

– Nesse caso, eu também te adoro, Matilde.

Jérôme franziu o sobrolho ao reparar que os olhos prateados de Matilde brilhavam na penumbra. Apercebeu-se de que se enchiam de água, que caiu em forma de lágrimas. Passou-lhe a ponta do indicador pela face para as limpar.

– Choras por Eliah?

Matilde ficou maravilhada com a memória do menino. Negou, abanando a cabeça, e esfregou a cara na almofada para a secar.

– Não estou a chorar, meu amor. Às pessoas também lhes saem lágrimas quando sentem muita felicidade. E eu sinto felicidade por me teres dito que me adoras.

– Sim.

– Aqui estás! – exclamou sœur Tabatha e Jérôme rodou a cabeça de chofre, voltando-a imediatamente para Matilde, a quem sorriu com cumplicidade, arrancando-lhe uma gargalhada. – Devia ter calculado.

– Vamos, vamos – apressou-o Amélie, batendo as palmas e entrando no quarto. – Tens de ir ajudar a pôr a mesa para o almoço.

Jérôme agarrou-se ao pescoço de Matilde e beijou-a na cara antes de sair da cama, calçar os ténis e acompanhar Tabatha até ao refeitório do orfanato. Amélie abriu as portadas e sentou-se na cadeira.

– Já é meio-dia? – impressionou-se Matilde.

– Sim, é meio-dia e um quarto. Dormiste imenso.

– De mais! E na tua cama!

– De mais? Matilde, ontem à noite caíste tão profundamente adormecida que não conseguimos acordar-te.

– Como cheguei aqui?

– Auguste trouxe-te.

Matilde deu um gemido envergonhado e cobriu a cabeça com a almofada.

– Gostavas de tomar um banho? Peço a Vumilia para aquecer água.

– Sim, gostaria muito.

– Prima – disse Amélie, e Matilde arqueou uma sobrancelha porque previu um sermão –, acho que estás a exceder-te. Estás a exigir demasiado de ti. Auguste disse-me que trabalhas incessantemente. O que fizeste ontem, trabalhar todo o dia depois de fazeres banco na noite de sexta-feira... Não sei, Matilde, não é sensato.

– Sei que pareço um morto-vivo. Já mo disse a minha querida amiga Juana.

– Preocupa-se, tal como eu.

Matilde saiu da cama com dificuldade e sentou-se na beira, com os ombros caídos e o queixo no peito. Doía-lhe cada músculo, até o couro cabeludo e os dedos dos pés, e uma náusea ligeira formigava-lhe na boca do estômago. Detestava náuseas porque lhe recordavam os dias posteriores às sessões de quimioterapia. Sentiu-se melhor depois do banho e do almoço que a própria Amélie lhe serviu e a obrigou a comer. Joséphine, que tinha chegado muito cedo com a carne e outras provisões, propôs-lhe sentarem-se à sombra de uns irocos a beber limonada, descontraindo nas espreguiçadeiras enquanto esperavam que decorressem as horas de maior calor.

– Trouxe-te um presente – disse, e tirou da sua primorosa carteirinha cor-de-rosa, de um tecido semelhante à sarapilheira, um leque de renda branca com varetas de madrepérola. A delicadeza e feminilidade da peça não estava de acordo com aquela paisagem agreste, nem Matilde era digna dela, com o seu cheiro a permetrina e as suas roupas baratas, de cores mortas e tecidos grosseiros.

– Oh, José! É lindíssimo!

– Era da minha avó. Trouxe-o da Bélgica, de uma das suas muitas viagens. É de renda de Bruges – afirmou, e apontou para ele com a ponta do seu próprio leque.

– Não posso aceitar. – Matilde colocou-o sobre o regaço da jovem congoleza. – Não

podes separar-te de uma coisa que te ofereceu a tua avó.

– Quero dar-to, Matilde. Não podes recusar, porque me ofenderei. Neste pouco tempo, comecei a gostar muito de ti. Considero-te uma grande amiga. – Joséphine falou sem olhar para ela, numa atitude envergonhada, e apertou-lhe a mão. – Além disso, olha para o lado prático: passarás melhor estas horas de calor abanando-te. Este é para Juana.

– Ui! Juana vai ficar contentíssima com uma coisa tão bonita. Das duas, é ela quem tem mais sentido estético.

– Matilde! Matilde!

Matilde pôs a mão em pala. Jérôme corria na sua direção. Não estava a dormir a sesta? Porque corria com tanta velocidade na hora de maior calor? Animou-a ver que sorria. Foi ao encontro dele e abraçou-o. O menino separou-se, ansioso por falar.

– Matilde, Matilde – repetiu, agitado.

– O quê, riqueza? – disse, passando-lhe a mão pela testa húmida. Abanou-o depois com o leque, o que arrancou uma gargalhada ao menino e a Joséphine.

– Sabes o que N’Yanda acabou de me dizer?

– Não, conta.

– Que tu me adoras e que eu te adoro porque, noutra vida, tu foste minha mãe e eu fui teu filho.

Teve a sensação de que a selva mergulhava num mutismo sacro, como se a Natureza estivesse a conter a respiração perante a magnitude da revelação. Ergueu os olhos e descobriu N’Yanda a uns metros, atenta ao que se passava. A mulher observava-a com a seriedade do costume, embora tivesse um brilho peculiar nos olhos. Sempre pressentira que N’Yanda sabia coisas que o comum mortal não podia ver ou compreender. A visão da tútsi ruandesa tornou-se difusa, embora prevalecesse com nitidez o brilho verde dos seus olhos. Deu-se uma mudança na respiração de Matilde, que se tornou rápida e superficial, e a náusea da manhã voltou para a atormentar. Desfaleceu passados segundos.

Jérôme soluçava daquela forma desconsolada que a tinha comovido no hospital de Rutshuru, com o punho entre os dentes para abafar o som e olhando à sua volta com o desespero de quem se sabe sozinho no mundo. Matilde via-o ao longe e, por mais que tentasse chegar a ele, não conseguia; tinha os pés colados ao chão.

– Já está a voltar a si! Está a mover a cabeça.

Matilde reconheceu a voz de Joséphine e sentiu umas palmadas leves na cara. Ouviu chamarem por ela. Custou-lhe abrir os olhos e focar os rostos que se inclinavam sobre si. Pôs-se de lado para travar a náusea que lhe subia pelo esófago e descobriu Jérôme num canto ao pé da porta, tal como tinha sonhado: chorava,

mordendo o punho, os olhinhos dele observando-a em pânico, uma súplica revelando-se-lhe na expressão. Estendeu a mão na direção dele.

– Anda cá, riqueza.

Jérôme atirou-se para a cama, mergulhou a cara na almofada e chorou com uma amargura que até a Vanderhoeven, ciumento e aborrecido, emocionou.

– Por favor, Amélie – disse Matilde, em castelhano –, deixem-me sozinha com ele.

A religiosa abriu os braços em cruz para abarcar os presentes e empurrá-los para fora. Matilde encolheu-se sobre ele, apoiou-lhe os lábios nas fontes e cantou-lhe o *Alouette*, gentile *alouette*, massajando-o nas costas. Parou ao sentir que o pranto diminuía e que só restavam suspiros, espasmos e fungadelas.

– Assustaste-te muito?

– Sim. – Enterneceu-a aquele «sim», semelhante ao piar de um passarinho.

– Sim? – imitou-o. – Porquê?

– Julguei... Julguei que tinhas morrido, como o meu papá e a minha mamã.

– Só desmaiei.

– Sim, José disse-me. Mas eu assustei-me porque os teus olhos ficaram brancos e a tua cara...

– Também ficou muito branca? – ajudou-o.

– Mais branca do que antes! – exclamou, com uma careta de incredulidade, como se tivesse acabado de afirmar uma coisa impossível. – Foi por minha culpa – admitiu em voz baixa.

– Por tua culpa? O que estás a dizer, Jérô?

– Desmaiaste por causa do que te disse. Pelo que me contou N'Yanda.

– Ouve-me, Jérô. – Apertou-lhe o ombro para sublinhar a importância do que lhe ia dizer. – Tu não tiveste culpa nenhuma. Desmaiei porque, desde que acordei esta manhã, não me estou a sentir bem.

– Porquê?

– Porque estou a trabalhar muito, a comer pouco e a dormir ainda menos.

Jérôme agarrou-se ao pescoço dela e recomeçou a chorar. Matilde apercebia-se da angústia com que a puxava para si, aterrorizado com a possibilidade de outra perda.

– Não quero que morras – acabou por murmurar.

Matilde afastou-o e segurou-lhe na cara entre as mãos.

– Jérô, lembras-te do que te prometi há algum tempo, quando estavas internado no hospital de Rutshuru? Lembras-te, meu amor? – O menino assentiu. – Não te prometi

que nunca te abandonaria? – Jérôme assentiu de novo. – Nunca faltarei à minha promessa, Jérô. Sabes? Quero adotar-te. Percebes o que significa? – Jérôme negou com um abanar da cabeça. – Quero que passes a ser meu filho. Eu quero ser a tua mamã e quero que tu sejas o meu filhinho querido. O que achas? Gostas da ideia? – O sorriso de Jérôme deu-lhe vontade de rir, porque imediatamente desapareceu quando o menino desatou novamente a chorar; a careta tinha sido engraçada. – Choras porque não queres ser o meu filhinho querido?

– Quero sim ser o teu filhinho querido! – exclamou, alto e depressa, querendo deixar bem clara a sua posição.

– Que sorte! – disse Matilde. – Por momentos pensei que dirias que não.

– Não – murmurou. – Nunca diria que não.

N'Yanda bateu à porta duas vezes e entrou sem esperar pela resposta. Ficou no umbral, com uma chávena fumegante na mão e os olhos fixos em Matilde e em Jérôme.

– Finalmente voltaram a reencontrar-se – disse em kinyarwanda.

– O que dizes, N'Yanda?

– Que finalmente nos voltamos a reencontrar – traduziu Jérôme.

– Entendes a língua de N'Yanda? – O menino assentiu. – Como a aprendeste?

– Ensinaaram-me – respondeu de uma forma evasiva, porque não queria falar de Karame, o chefe dos interahamwes.

Na viagem de regresso, enquanto Vanderhoeven lhe dava uma reprimenda com a autoridade de um pai e a ameaçava repatriar se não cuidasse mais de si, Matilde olhava para o tapete verde que se estendia em direção às montanhas e sorria com ar ausente e com a cabeça cheia de imagens e de palavras de Jérôme.

Capítulo 11

Na segunda-feira, 11 de maio, depois do pequeno-almoço que Matilde teve de tomar sob os olhares atentos de N'Yanda, Juana e Auguste, preocupados com o desmaio do dia anterior, a equipa da Mãos Que Curam reuniu-se na sala de jantar de casa antes de ir para o hospital.

– Desde que me nomearam chefe da missão em Rutshuru – disse Vanderhoeven –, quis pôr em funcionamento uma clínica móvel para percorrer os campos de refugiados e as cidades que não dispõem sequer de um dispensário. Finalmente, na semana passada, Jean-Marie conseguiu que um grupo de Capacetes Azuis nos escolte.

– Não querias fazê-lo sem a proteção dos Capacetes Azuis? – quis saber Julia, a enfermeira colombiana.

– Não, é muito perigoso. Uma coisa é deslocarmo-nos do hospital para casa, quando muito até à Missão São Carlos, outra é deslocarmo-nos quilómetros para norte.

– Também não é muito seguro movermo-nos aqui perto – insinuou Juana, a quem a ideia de viajar não agradava. – Lembrem-se do que aconteceu naquele domingo, quando tu e Mat voltavam do hospital e uns rebeldes deixaram a carrinha como um coador.

– Por isso não quis pôr em marcha o programa da clínica móvel sem o apoio das Nações Unidas. – Vanderhoeven estendeu um mapa sobre a mesa. – Sairemos amanhã, ao amanhecer. Iremos primeiro ao campo de refugiados Kibati-1 – disse, apontando para um ponto muito perto de Rutshuru. – Seguiremos para norte e visitaremos as cidades de Kiwanja e Kanyabayonga, e na sexta-feira voltaremos a visitar a Missão São Carlos, onde a população das povoações vizinhas se reunirá, como aconteceu no sábado passado.

A notícia de que iniciariam o trabalho com a clínica móvel não causou tanta alegria em Matilde como saber que passaria três dias seguidos com Jérôme. No dia seguinte, terça-feira, 12 de maio, às seis da manhã, reuniram-se no terreno do hospital, a carrinha Land Rover da Mãos Que Curam, repleta de material cirúrgico – quase uma sala de operações ambulante, nas palavras de Julia –, de medicamentos e de alimentos, outra carrinha Toyota com o símbolo da Mãos Que Curam, os dois camiões que constituíam o comboio dos Capacetes Azuis e uma Grand Cherokee preta com a sigla TV nas portas, capô e tejadilho. A Toyota estava a cargo de Jean-Marie Fournier e de dois engenheiros que se encarregariam de avaliar as condições sanitárias e de aprovisionamento de água, especialmente nos campos de refugiados, e também da drenagem das chuvas, que se acumulavam em grandes charcos que atraíam o mosquito Anopheles.

Matilde reconheceu de imediato os dois ocupantes da Grand Cherokee preta, os jornalistas que os tinham salvado do ataque rebelde há semanas. Aproximou-se com a

mão estendida e com um sorriso que revelava a sua alegria. Voltou a agradecer-lhes a intervenção oportuna.

– Juntam-se ao nosso comboio?

– Com efeito – confirmou Derek Byrne. – Aproveitamos a escolta dos Capacetes Azuis para fazer o nosso trabalho.

– Não creio que necessitem – comentou Juana. – A avaliar pelo que Matilde me contou, vocês os dois seriam suficientes para chegarmos sãos e salvos a toda a parte.

Byrne e Ferro riram-se. Na verdade, tratava-se de uma boa oportunidade para permanecer perto da mulher do chefe e ideal para cumprir outro dos seus encargos, filmar, fotografar e recolher testemunhos de civis acerca da realidade do Congo Oriental, o que lhes dava um disfarce excelente para o seu papel de jornalistas. Dias antes, a chefe de Imprensa dos Defensores dos Direitos Humanos, Dorianne Jorowsky, tinha aprovado o orçamento da Mercure, e Al-Saud ordenara aos seus agentes que comesçassem a recolher informações que acabariam por apoiar as denúncias que aquela organização humanitária apresentaria ao secretário-geral da ONU e ao Tribunal Internacional de Justiça, com sede na Haia. Não lhes tinha sido fácil convencer o chefe da escolta, um coronel uruguaio, a autorizar que o acompanhassem. Finalmente, dez notas de cem dólares persuadiram-no mais do que as razões profissionais ou humanitárias.

À medida que se aproximavam do campo de refugiados Kibati-1, um murmúrio crescia e impunha-se aos sons da selva e ao dos motores. Ao chegarem aos confins do campo, circundado em toda a sua extensão por um gradeamento com mais de três metros de altura, depararam com um problema: a multidão, umas dez mil pessoas, amontoavam-se às portas, empurravam o gradeamento, gritavam e exigiam que os deixassem sair. Matilde e Juana subiram para o capô do Land Rover e, com uma mão em pala, examinaram o espetáculo: milhares de metros quadrados cobertos de choças construídas com canas de bambu, folhas de bananeira e lonas, semelhantes às do campo de Mugunga, com um vulcão como pano de fundo – Matilde não sabia qual –, cuja visão, com as nuvens brancas suspensas sobre a cratera, era tão ameaçadora como a multidão comprimida e enfurecida.

– O que se passa? – gritou Juana para o chefe dos Capacetes Azuis.

– Têm fome. Pedem para sair para procurarem alimentos. Há dias que lhes cortaram os fornecimentos.

– Porquê? – quis saber Matilde.

– Porque os camiões da ONU com alimentos sofreram uma emboscada dos rebeldes do Congresso Nacional para a Defesa do Povo. Este é um campo de maioria hutu e os do CNDP, que são tútsis, garantem que aqui se refugiam muitos dos assassinos de 1994, os do massacre do Ruanda – esclareceu.

A multidão, face à presença de dois camiões da ONU, julgou que, finalmente, os fornecimentos tinham chegado. Quando as autoridades administrativas os desenganaram, a ira espalhou-se de uma forma feroz. O portão de grades cedeu e a multidão, de uma só vez, tentou fugir, receosa de que as portas voltassem a fechar-se. Os primeiros caíram sob o ímpeto daqueles que os empurravam e acabaram por ser apanhados pela debandada. A raiva desapareceu e o terror ocupou o seu lugar. Gritos de pânico inundaram o terreno. Matilde e Juana saltaram da carrinha para ajudar as crianças, as mulheres e os homens presos sob o peso de outros.

Os Capacetes Azuis demoraram alguns minutos a restabelecer a ordem. Deram tiros para o ar, levantaram os caídos e falaram pelo megafone. No entanto, esses minutos bastaram para que alguns tivessem ficado com feridas, contusões e ossos partidos, pelo que o plano de tarefas da Mãos Que Curam para Kibati-1, metodicamente traçado e que começaria com o programa de vacinação contra a meningite, foi por água abaixo. As autoridades do campo, ainda trémulas e suadas, conduziram-nos aos escritórios onde se improvisou uma sala de urgências. Matilde e Vanderhoeven passaram a primeira parte do dia suturando cortes, engessando extremidades e examinando golpes, enquanto Juana e Julia tratavam das doenças comuns, os engenheiros ensinavam as autoridades a drenar as águas paradas e a construir latrinas e os Capacetes Azuis distribuíam bolachas energéticas, que os refugiados comiam quase sem tirar o invólucro.

Matilde ficou assombrada por haver violações dentro do campo. Felizmente, duas raparigas, que tinham sido humilhadas há menos de setenta e duas horas, receberam a profilaxia pós-exposição com antirretrovirais e, ainda que a Mãos Que Curam os fornecesse ao Kibati-1, os rumores garantiam que as autoridades do campo os utilizavam para traficar.

«O Congo excede a minha capacidade de surpresa», disse Matilde para consigo quando, por volta do meio-dia, surgiram vários com feridas de bala. Desde quando as tinham no corpo?

– Ontem chegou um grupo de deslocados de Mutongo – informou-a Derek Byrne, que tinha estado a entrevistar os refugiados. – A aldeia deles foi saqueada pelos interahamwes, que, entre outras coisas, dispararam sobre eles com AK-47 enquanto fugiam. A sua chegada ao campo, que já não tinha víveres, precipitou a debandada de hoje.

Com o equipamento portátil de raios X, a cargo de Julia, determinavam a localização do projétil e, numa sala de cirurgia que até esse momento fora o escritório de um contabilista e que teria causado horror a um cirurgião europeu, Vanderhoeven e Matilde tentavam extraí-lo. Ainda que tivesse levado a cabo muitas vezes esta cirurgia desde a sua chegada ao Congo, primeiro no hospital de Masisi e depois no de Rutshuru, Matilde não conseguia habituar-se à imagem de um bebé com uma bala no corpinho; havia realidades para as quais não estava preparada e para as quais nunca estaria, concluiu. Os recém-operados acabavam em colchonetes

fornecidos pela Mãos Que Curam e em tendas montadas pelos Capacetes Azuis, com os tubos de soro fisiológico seguros por canas de bambu que os soldados tinham trazido da floresta tropical.

«Como se tudo isto não bastasse», queixou-se Matilde, «agora está a chover.»

Numa pausa, enquanto comia sob a supervisão de Auguste, sentada nuns sacos, numa elevação do terreno, Matilde observava a extensão repleta de choças e de cores vistosas. O aroma da selva chegava em vagas e misturava-se com o das latrinas e com o dos corpos sujos por falta de água.

– Isto parece uma prisão – comentou, e Auguste até na voz sentiu o seu cansaço.
– Para quê o gradeamento?

– Por duas razões – respondeu o belga. – A primeira e mais importante, porque muitos dos que cá estão são interahamwes e receiam que, se os deixarem ir, se juntem aos que assolam a região. Já são suficientes, não achas? E a segunda, porque se lhes permitissem sair, refugiar-se-iam na selva onde, mais cedo ou mais tarde, morreriam, quer de doença, quer de violência ou de fome. Estes campos de refugiados são o melhor do pior.

Matilde continuou a observar a paisagem sórdida, mastigando sem vontade a sanduíche de pão de milho e de frango que N'Yanda e Verabey lhes tinham preparado. Ainda a perturbava pensar na revelação da mulher, que ela vivera outra vida em que Jérôme era seu filho. Amélie dizia que N'Yanda era vidente e curandeira. Matilde não garantia que fosse verdade, apenas que N'Yanda era muito especial. A sua educação cristã impedia-a de acreditar no que desejava: que ela tinha sido a mãe de Jérôme noutra existência, única coisa que explicava o vínculo que, desde o início, a uniu ao seu rapazinho.

– Porque não acreditas na reencarnação e no facto de termos vivido várias vidas?

Lembrou-se de uma conversa mantida com Juana há algum tempo, durante a qual a sua amiga dera um voto de confiança à teoria das vidas sucessivas. Nessa altura, Matilde desconfiara de que Juana, desde que fosse para discordar da doutrina da Igreja Católica, teria apoiado qualquer pensamento que se lhe opusesse.

– Pensa, Mat – tinha insistido –, o que os padres nos dizem é um disparate. Acontece que Deus, o Deus do amor, o Deus pai!, nos lança para este mundo com um defeito de fabrico... não te esqueças do pequeno pormenor do pecado original. Bom, lança-nos para este mundo, que não é precisamente um paraíso, e que está cheio de tentações, violência, pecado e mal, e diz-nos: «Meu querido filho, é melhor que te portes bem neste vale de lágrimas, caso contrário enfiar-te no Inferno.» – Juana ensaiou um gesto de incredulidade e levou o indicador à testa para mostrar como a teoria lhe parecia de loucos. – Não achas muito mais razoável e mais lógico pensar que Deus nos dá muitas oportunidades de melhorar e elevar o nosso espírito?

Nesse momento, Matilde queria acreditar porque dessa forma o seu amor

desmesurado por um menino negro e órfão que só tinha conhecido há dezoito dias adquiria sentido. Teria gostado de que o seu espírito fosse livre e de que não precisasse de justificações para sentir o que sentia. «Elijah não teria questionado nada», pensou. Ele era a pessoa mais livre que conhecia. Semicerrou os olhos à procura de uma fantasia que gostava de recriar, a dos três sentados na sala de música da casa da avenida Elisée Reclus, deitados no tapete, abraçados, enquanto ouviam a canção *Can't take my eyes off of you*. Elijah explicava a Jérôme: «Esta é a nossa canção, da tua mãe e minha.»

Ao abrir os olhos, voltou à realidade de Kibati-1 e elevou uma prece para agradecer o facto de Jérôme estar na missão, protegido pelo amor das religiosas, bem alimentado e cuidado. «É tão doce o meu rapazinho», pensou, «apesar de tudo o que sofreu.» Que horrores teria vivido? Esta pergunta tirava-lhe a paz.

Uma menina, que espreitava há algum tempo, aproximou-se, embora mantendo a distância com uma atitude tímida. Matilde reparou que estava descalça, como a maior parte das crianças. Estendeu a mão e ofereceu-lhe uma sanduíche, que a menina aceitou imediatamente e comeu com voracidade.

– Devagar, devagar – disse-lhe Auguste, em suaíli – ou vai doer-te a barriga.

A menina riu-se e as suas trancinhas tesas abanaram. Diminuiu o movimento dos maxilares e comeu tudo, lambendo mesmo a palma da mão e a ponta dos dedos. Pôs-se diante de Matilde e falou em francês.

– Tu és médica? – perguntou, e Matilde assentiu. – Vem – disse, e acompanhou o pedido com um gesto.

Vanderhoeven seguiu-as. Percorreram o labirinto de choças, contornando charcos, tentando não escorregar na lama avermelhada nem tapar o nariz para não ofender ninguém. A menina parou diante de uma choça bastante afastada e mais pequena, que deu a Matilde a ideia de isolamento. Quando a menina levantou a lona que cobria a entrada, compreendeu porquê. O cheiro a urina e a fezes surgiu como um hálito fétido e, mecanicamente, esconderam a cara atrás do antebraço. A menina entrou indiferente, habituada ao cheiro. Os dois médicos seguiram-na. Uma mulher, encolhida contra o limite da choça, choramingou e dirigiu umas palavras à menina, que lhe respondeu com um sorriso. Matilde percebeu que falavam em kinyarwanda, a língua dos ruandeses.

– Ela é a minha mamã. Quer que se vão embora porque cheira mal, mas eu disse-lhe que vocês a vão curar do mau cheiro.

– Fístula vaginal – diagnosticou Auguste, sem hesitar.

Matilde pôs-se de cócoras diante dela pensando no cheiro de uma forma racional, analisando-o de um ponto de vista médico, para não fugir daquele lugar hediondo e abafado, e sorriu para a mulher, que se virou e escondeu o rosto atrás de um bocado de pano. Matilde estendeu a mão, agarrou-lhe no queixo e, com suavidade, obrigou-a a

olhar para ela.

– Nós podemos ajudar-te. Quando começou isto?

A mulher lançou um olhar à filha e Matilde compreendeu que não falaria diante dela.

– Sai, por favor – pediu-lhe, e a menina obedeceu.

– Diz-me, desde quando tens este problema?

– Desde que quatro soldados abusaram de mim.

– Aqui, no campo?

– Não, a caminho do campo, depois de atravessar a fronteira com o Ruanda.

«Senhor! Porque abandonaste esta gente?», clamou Matilde.

– Há quanto tempo aconteceu isso?

– Há quatro anos. É verdade que podem ajudar-me?

– Sim.

– Na segunda-feira – interveio Vanderhoeven –, uma ambulância virá buscar-te. Eles levar-te-ão ao hospital de Rutshuru, onde tentaremos fechar o orifício por onde perdes urina e fezes.

– E a minha menina?

– Pedirei também uma autorização de saída para ela – decidiu Auguste. – Poderá acompanhar-te. Dá-me o teu nome e o da tua filha.

Vanderhoeven tirou um bloco-notas e um lápis do bolso traseiro das calças e anotou-os. A mulher sorriu entre lágrimas e agarrou nas mãos de Matilde, cobrindo-as de beijos.

– Não, não. Não faças isso.

– Obrigada, obrigada!

– Mandarei comida pela tua filha. Vejo que não tens nada – comentou Matilde. – E deixa a lona da entrada levantada, para que o ar se renove.

– Outros sentirão o cheiro – disse a mulher.

– Ninguém sentirá o cheiro. Estás afastada das outras casas.

Saíram da choça e inspiraram grandes lufadas de ar. Enquanto regressavam à sala de urgências, comentavam o caso em inglês para que a menina, que ia atrelada, não compreendesse, embora o mais provável é que tivesse presenciado a violação apenas com cinco ou seis anos. Jérôme teria presenciado a da mãe?

– Deve ter-se tratado de um ataque bastante agressivo – coligiu Auguste –, com objetos como ramos e garrafas. Às vezes usam facas.

– Basta, por favor!

Vanderhoeven passou-lhe um braço pelos ombros e Matilde não se afastou.

– Desculpa-me.

– Porque lhe disseste que a mandarias buscar na segunda-feira? Ninguém em Rutshuru poderá operá-la.

– O doutor Gustafsson chega segunda-feira de Bukavu. Ficará connosco quinze dias.

– A sério? – entusiasmou-se Matilde. – Porque não me disseste? Sabias como queria ver uma cirurgia de fístula. Já não me contas nada, Auguste.

O médico belga parou e cravou as mãos nos ombros de Matilde. Olharam-se fixamente.

– Já não pareces interessada na nossa missão. Só pensas no inglês que te visita diariamente e em Jérôme.

– Estás a ser injusto! Trabalhei mais do que ninguém e tu sabes disso.

– E se não tiveres cuidado contigo e dormires as horas necessárias não direi a Gustafsson que te permita assisti-lo numa operação de fístula.

– Não serias capaz!

– Ó, se seria.

Matilde tentou libertar-se, mas Vanderhoeven mergulhou os dedos na sua carne magra. Puxou-a para si e tentou beijá-la. Matilde, sem emitir um som, afastou o rosto e os lábios de Auguste acertaram-lhe abaixo da orelha.

– Doutora! – Amburgo Ferro, de máquina de filmar ao ombro, interrompeu-os. – Dá-nos uns minutos? Gostaríamos de lhe fazer uma entrevista. Será muito útil. O mundo respeita a Mãos Que Curam.

– Sim – balbuciou Matilde –, sim, está bem.

No dia seguinte à discussão com Céline, terça-feira, 12 de maio, Al-Saud telefonou a Ezequiel Blahetter.

– Allô?

– Ezequiel, é Al-Saud.

– Ah, é você. O que deseja?

– Preciso de falar com Trégart.

– Não está.

– Dá-me o número do seu telemóvel. É urgente.

– O que se passa?

– Passa-se que Céline está descontrolada. Tem de ir a um psiquiatra para que a medique.

– Céline já não é responsabilidade de Jean-Paul. Deixou de ser seu agente há semanas.

A notícia apanhou-o de surpresa. Trégart era dos poucos que Céline respeitava e a quem obedecia.

– Nesse caso, desculpa o incómodo.

– Al-Saud! – exclamou Ezequiel para evitar que o outro desligasse.

– Diz.

– O que sabe de Matilde e Juana? Desde que se foram embora, não tive notícias.

– E porque teria eu de saber delas? Matilde deixou-me em fins de março, coisa que, segundo me lembro, te causou um enorme prazer.

– Sim, é verdade – afirmou Ezequiel com um tom de voz afligido –, não devia ter perguntado.

– Adeus, Blahetter.

– Al-Saud?

– O que queres agora?

– Soube alguma coisa sobre a investigação à morte do meu irmão?

– Mais uma vez, porque teria eu de saber alguma coisa a esse respeito?

– Matilde disse-me que você tem amigos na polícia.

Ezequiel ouviu o suspiro de Al-Saud, como quem expira o fastio, e achou que desligaria o telefone.

– Tens onde escrever?

– O quê? Ah, sim, sim! Aqui está...

– Liga para este número, para Edmé de Florian – e ditou-o – e para este, o inspetor Olivier Dussollier. – Ezequiel repetia-os enquanto os anotava. – Diz-lhes que telefonas da minha parte. Eles saberão informar-te, embora duvide que tenham avançado no caso.

– Obrigado, Al-Saud. – Ezequiel ia acrescentar mais qualquer coisa, mas emudeceu diante do sinal sonoro que o informava que, finalmente, Al-Saud tinha desligado.

À noite, Al-Saud regressou a casa depois de um dia complicado. Finalmente, a guerra anunciada entre a Eritreia e a Etiópia tinha sido declarada, e o general Odurmán, chefe do exército eritreu, exigia-o no terreno, insistindo também para que intermediasse a compra de armas. Por um assunto ou por outro, tudo apontava para um encontro com Gulemale. Meteu-se no quarto de vestir à procura da mala que

prepararia essa noite para viajar no dia seguinte de manhã até Asmara, capital da Eritreia.

De pé diante das prateleiras do quarto de vestir, passeou os olhos pelos acessórios que tinha oferecido a Matilde e que ela deixara ao abandoná-lo. Permaneciam no mesmo sítio. Ergueu o frasco do Paloma Picasso e tirou a tampa. Hesitou antes de o aproximar do nariz porque sabia o que iria desencadear: uma quantidade de lembranças doces que nessa amarga realidade não lhe provocariam felicidade e que voltariam a mergulhá-lo na melancolia do início.

Desde o abandono de Matilde, Al-Saud passara por três etapas: a melancolia, o desespero e a fúria. Por estes dias, sentia-se bem na última fase, com a raiva a afogar os lamentos do seu coração destroçado. Muitas vezes se surpreendia recreando a imagem do beijo entre Matilde e o cretino para alimentar a força do ódio, que o mantinha de pé. Convencia-se de que se tratava de uma traição, e isso aticava o seu orgulho ferido. No entanto, depois do ataque à OPEP, deixava-se arrastar por estados de espírito instáveis, que passavam com facilidade da ira ao sentimentalismo. Detestava o desequilíbrio.

Por fim, inspirou o Paloma Picasso com a voracidade de quem o faz com uma linha de cocaína. «Jura-me que só comigo usarás este perfume. Jura-me, por favor.» «Porque queres que só o use contigo?» «Porque quero que seja o nosso perfume.» «E tu só vais usar o A Men comigo?» «Juro-te. E tu só o Paloma comigo.» «Sim, juro-te.» Estendeu o braço e apoiou-se no armário. Deixou pender a cabeça para a frente, angustiado, quando uma catadupa de imagens caiu sobre si. Os ouvidos encheram-se dos sons que eles mesmos produziram nesse quarto de vestir, na manhã em que fizeram amor com o desaforo nascido do desejo que despertavam um no outro. O deles não tinha sido um amor tranquilo mas desesperado, atormentado, desmesurado. O dele, porque desconfiara sempre que Matilde não lhe pertencia totalmente, que era inatingível, etérea e que se desvanecia nas suas mãos como a bruma; o dela, porque carregava o estigma da esterilidade.

Saiu do quarto de vestir com a urgência de quem foge de um aposento em chamas, saiu mesmo do quarto de dormir e desceu a escada sem saber para onde dirigir-se. Acabou no seu escritório e sentou-se na cadeira. Levantou a tampa do computador portátil e viu o e-mail. Os seus olhos caíram numa mensagem de Amburgo Ferro, que abriu com a inquietação que lhe provocava tudo o que se relacionasse com Matilde. Enquanto via as primeiras fotografias, tiradas no hospital de Rutshuru, tocou o telemóvel. Era Ferro.

– Não conseguimos telefonar-lhe ontem porque as comunicações estavam impossíveis – justificou-se o agente italiano.

– Vejo Nigel Taylor em várias fotografias – mencionou Al-Saud.

– Sim, foi visitá-la ao hospital todos os dias.

– O que podes dizer-me... – Al-Saud interrompeu a frase ao chegar a uma fotografia tirada de noite, na missão. A tonalidade esverdeada revelava que Ferro utilizara uma câmara de visão noturna. Apesar disso, a imagem era nítida e não deixava dúvidas: tratava-se do cretino levando nos braços Matilde adormecida.

Os seus demónios acordaram com ira renovada e as memórias revividas no quarto de vestir foram arrasadas pelo fogo do ódio.

– Chefe? – chamou-o Ferro. – Continua aí?

– Estou aqui – disse com voz rouca, alterada.

– No domingo – prosseguiu o agente – aconteceu uma coisa na missão...

– O quê? – pressionou-o Al-Saud, sentindo que hesitava.

– A menina Matilde desmaiou. Levantou-se e caiu no chão.

A notícia cortou-lhe a respiração e sentiu uma secura desagradável na garganta. Pigarreou. Saltava de uma emoção para outra como se entrasse num frigorífico e depois passasse para um forno.

– Desmaiou como? – Pânico, terror, pavor de que o cancro estivesse novamente à espreita. – Fala, Amburgo!

– Não sei mais do que isso. Eu estava muito longe e, com os binóculos, vi-a cair por terra. Assustei-me porque pensei que podia tratar-se de um tiro com silenciador, mas, passada uma hora e meia, vi-a sair da casa das religiosas pelo seu próprio pé. Estava mais pálida do que o normal, mas nada mais.

Minutos depois, Al-Saud continuava com os cotovelos apoiados na secretária e com a cabeça entre as mãos. «Mon Dieu, mon Dieu», repetia, não como um estribilho proferido num momento de surpresa, mas como o clamor de um ser vulnerável ao seu Criador Todo-Poderoso. Ele não sabia rezar, nunca o fazia – tinha prescindido de Deus a vida inteira. Nesse momento de desolação, a necessidade de O convocar tinha nascido de uma forma espontânea e natural.

– O que se passa?

Al-Saud sobressaltou-se e endireitou-se na cadeira. O seu irmão Alamán observava-o à porta do escritório.

– Matilde desmaiou no domingo – disse, sem pensar. – Estou muito preocupado.

Alamán encolheu os ombros e sentou-se diante do irmão.

– Preocupas-te porque uma mulher desmaia num dos climas mais opressivos do mundo? Não te dás conta de que estão a um passo do equador, onde a temperatura e a humidade atingem registos inumanos? Deve ter tido uma queda de tensão!

– Achas que se tratou disso?

Alamán ficou a olhar para ele, admirado com a aflição de Eliah. Era uma novidade

descobrir-lhe uma vulnerabilidade.

– Durante os primeiros tempos no Congo, Amélie passava o tempo no chão.

– A sério? – Alamán assentiu. – Sim, é possível – concordou, depois de refletir na informação. – Na realidade, Matilde está no Congo há pouco mais de um mês. Não é tempo suficiente para se habituar a um clima tão extremo.

– Evidentemente – ratificou Alamán. – Muda-me essa cara. O que pensaste? Por que razão um simples desmaio de Matilde te deixou assim?

– Pensei... – Não conseguia pronunciar a palavra cancro. Embora lhe custasse admiti-lo, temia-o com um receio supersticioso. Moveu a mão e levantou-se. – Nada, nada. Esquece.

Sem sair da cadeira, Alamán voltou-se e perguntou:

– Victoire telefonou-me esta tarde e transmitiu-me a tua mensagem. O que é isso de partirmos amanhã para a Eritreia?

– Há uns dias foi declarada guerra entre a Eritreia e a Etiópia e tenho interesses aí.

– Com qual das partes?

– Eritreia. Preciso que me acompanhes para assessorares em matéria de guerra eletrónica o general Odurmán, o chefe do exército. É necessário que lhe expliques como impedir que o inimigo utilize o espaço eletromagnético. Peço desculpa por avisar com tão pouco tempo, mas Odurmán telefonou-me hoje para a Mercure e pressionou-me para que fosse. Daí seguiremos para o Congo.

– Quais são os teus interesses na Eritreia? Tens um comando?

– Há algum tempo, Dingo e Axel estiveram a treinar o exército. Agora temos um grupo de homens no Sul da Eritreia, treinando guerrilheiros sudaneses que se propõem derrubar o regime de Cartum e que o governo eritreu apoia. O que Odurmán quer agora é assessoria para comprar armas e tecnologia de guerra e, evidentemente, o contacto para o fazer.

Por volta das dez da noite, Al-Saud preparou-se para enfrentar a última obrigação antes de partir para África no dia seguinte. Marcou o número de Céline e, depois de deixar tocar várias vezes e já quase a desligar, aliviado de certa forma, a modelo levantou o auscultador e falou com uma voz pastosa que revelava o seu estado de intoxicação.

– Céline, sou eu. Eliah.

– Meu amor! – gritou. – Não me deixes, Eliah! Não me abandones! Perdoa-me! Nunca quis fazer-te mal! Ontem à noite estava como louca.

– Está bem, acalma-te. Telefono porque quero pedir-te um favor.

– O que quiseses!

– Quero que amanhã vás a um médico.

– Um médico? Que tipo de médico?

– Um psiquiatra.

– Eu não estou louca!

– Os psiquiatras não tratam só dos loucos, Céline. Pessoas normais como nós também precisam deles quando as situações nos ultrapassam. Soube que Trégart já não é o teu agente.

– Aquele filho da puta...

– Fazes-me esse favor e vais ao médico? O doutor Brieger é um dos melhores psiquiatras de Paris. Atender-te-á amanhã. O meu motorista, Medes, vai buscar-te às duas da tarde, e Victoire e Thérèse acompanham-te.

Nessa manhã, Al-Saud mantivera uma longa conversa telefónica com o Dr. Brieger, o psiquiatra de Leila, a quem falara do encontro da noite anterior com Céline, da reação exagerada da mulher e da ameaça de atentar contra Matilde. Apesar de não ter disponibilidade até finais de junho, o médico aceitou recebê-la entre um paciente e outro no dia seguinte, dada a urgência e a potencial periculosidade do caso. Al-Saud pediu-lhe que cobrasse a consulta a Thérèse, sua secretária, que acompanharia Céline.

– Vais? Estarás pronta amanhã às duas? – perguntou-lhe Al-Saud, num deliberado tom amistoso.

– Não quero ir a um médico de malucos, Eliah. Não estou louca – soluçou.

– Não estás louca, Céline, mas estás muito alterada. Permite que te ajudemos. Às vezes não conseguimos enfrentar sozinhos os problemas.

– Tu, sim. Tu consegues enfrentar tudo sozinho, não precisas de ninguém.

«Preciso de Matilde desesperadamente.»

– Enganas-te. Eu também não aguento tudo. Muitas vezes procuro o apoio dos meus amigos. E eu sou teu amigo, quero ajudar-te.

– Eu não quero que sejamos amigos, mas amantes.

– Por agora, ofereço-te a minha amizade. Mais à frente, veremos – tentou-a –, dependerá de ti. Mas se te recusares a falar com o doutor Brieger e a fazer o que ele te indicar, perder-me-ás como amigo e para sempre. Juro-te, Céline.

O silêncio prolongou-se na linha por mais de um minuto. Não ouvindo qualquer som do outro lado, Al-Saud recebeu que Céline tivesse adormecido.

– Está bem – ouviu-a dizer, e o alívio que sentiu fê-lo semicerrar os olhos. – Amanhã irei ver o teu psiquiatra.

– Às duas – lembrou-lhe Al-Saud.

– Emociona-me que te preocupes comigo, meu amor.

«Não o faço por ti mas pela tua irmã, para a proteger da tua loucura.»

Devido à situação caótica no Kibati-1, Jean-Marie Fournier ordenou que voltassem também na quarta-feira, sobretudo para efetuar o seguimento dos recém-operados e para completar o plano de vacinação contra a meningite, pelo que tiveram de alterar o programa. Iriam a Kiwanja na quinta-feira, a Kanyabayonga na sexta, e reservariam apenas o sábado e o domingo para a Missão São Carlos, o que dececionou Matilde. No entanto, a viagem tinha as suas compensações e, de dia para dia, apesar de ver situações injustas e cruéis, o seu trabalho dava frutos e satisfações, como o sorriso das crianças ou das mulheres com fístula a quem prometiam possibilidades de cura.

Vanderhoeven tinha-se desculpado essa mesma noite com Matilde e, levado pelos dois copos de vinho de palma, atreveu-se a confessar-lhe que a amava e que tinha ciúmes.

– Apaixonei-me por ti assim que te conheci em Paris, mas não fiz qualquer avanço porque andavas com o tipo do Aston Martin.

– Mesmo que tenha acabado com Eliah – disse Matilde –, continuo apaixonada por ele. Não seria justa contigo se aceitasse iniciar uma relação.

Vanderhoeven assentiu, afastando os olhos. Levantou-se com alguma dificuldade e meteu-se na tenda que partilhava com Fournier e com os engenheiros.

Tanto em Kiwanja como em Kanyabayonga não encontraram feridos de bala, mas sim os quadros típicos de desnutrição, malária, tripanossomíase, tuberculose e outras doenças que pairavam sobre a população como dragões de sete cabeças impossíveis de vencer. Estas patologias eram inimigos poderosos quando combinados com o VIH. Preocuparam-se ao encontrar cinco casos de cólera, pelo que os soldados da ONU distribuíram comprimidos de permanganato de potássio para a purificação da água, insistindo que esta fosse fervida assim que estes acabassem.

– Com que fazem fogo para aquecer a água? – perguntou Julia.

– Com madeira fazem carvão – informou o chefe dos Capacetes Azuis –, que depois usam para cozinhar e aquecer água. Por isso os parques nacionais estão a ser dizimados, uma vez que os deslocados se refugiam aí e derrubam árvores para acender fogueiras. Imaginem! Madeira de mogno para aquecer água.

– Prefiro que usem mogno a que bebam água do rio ou das lagoas sem estar purificada – pespegou Juana.

– Se esta é a situação atual, com tantas doenças e epidemias, o que acontecerá se a guerra for declarada? – A pergunta de Matilde, que parecia retórica, foi respondida pelo chefe dos Capacetes Azuis.

– Seria um genocídio. Pela minha experiência, estas guerras em países do Terceiro Mundo não se ganham com balas, mas com doenças, e não falo de armas biológicas, mas de negligência, de brutalidade, de esquecimento e de marginalidade.

Na noite de sexta-feira, Matilde e Juana tinham pesado, medido e auscultado tantas crianças desnutridas e doentes, com moscas a esvoaçar nas mucosas e sem forças para segurarem a cabeça, que estavam de rastos. Comparavam-nas ambas aos judeus do Holocausto, literalmente pele e osso. Por isso, quando na manhã seguinte estacionaram as carrinhas na Missão São Carlos, Matilde riu de felicidade ao avistar Jérôme que corria na sua direção, saudável, limpo e bem tratado. Tinha um presente para ele, uma caixinha de madeira de okumé, comprada a um artesão de Kiwanja.

– Que destino lhe darás? – perguntou-lhe Matilde, piscando-lhe o olho. Deu uma gargalhada quando Jérôme tentou imitá-la, sem sucesso, ensaiando em vez disso uma careta em que fechou ambos os olhos com força e franziu o nariz. Matilde acocorou-se, abraçou-o e beijou-o várias vezes nas bochechas. – Diz-me, riqueza, o que guardarás na caixinha?

– A tua madeixa de cabelo! – respondeu, com o ar exasperado de quem acha a pergunta estúpida.

O Gulfstream V partiu de Asmara, capital da Eritreia, e, depois de um voo de quatro horas sem incidentes, aterrou no aeroporto de Kinshasa. Eram duas horas de sábado, 16 de maio, e um Citroën XM esperava por eles na pista, com o secretário privado do ministro da Defesa, o general Joseph Kabila. O motorista colocou as malas no porta-bagagem enquanto Eliah e Alamán se sentavam também atrás e apertavam a mão estendida do sorridente congolês, que lhes participou que ficariam alojados na casa familiar dos Kabila.

Joseph esperava por eles na escadaria de entrada da mansão, localizada no melhor bairro da cidade, o das legações diplomáticas, imersa numa paisagem exuberante, com palmeiras, hibiscos e magnólias que ladeavam o caminho de paralelepípedos. Al-Saud saiu do Citroën e fundiu-se num abraço com o seu amigo. Há muito tempo que não se viam, porém, sentiam um pelo outro admiração e afeto. Joseph Kabila era, sem dúvida, um hutu, de pele muito escura e brilhante, altura mediana, cabeça rapada e corpo robusto, embora nalguns círculos políticos se murmurasse que a mãe, de quem não se sabia nada com muita certeza, tinha sido uma tútsi, e enfatizavam esse boato porque os seus traços eram mais finos do que os do pai, visíveis sobretudo na forma do crânio, do nariz, afiado e estreito, e dos lábios, menos voluptuosos, ainda que se abstivessem de o mencionar abertamente para evitar a ira do presidente Kabila. Por essa época, as relações com os tútsis do Ruanda não viviam os seus melhores dias.

– Deixaste crescer o bigode – notou Eliah. – Fizeste bem. Já não te pareces com o rapazote que chegou à ilha de Fergusson em 1996. Quantos anos tinhas?

– Não tinha ainda vinte e cinco.

– E agora com vinte e sete já és general e ministro!

– Não o mereço – disse com sinceridade e, nesse aspeto, o da humildade e da modéstia, também se distinguia do pai.

– Apresento-te o meu irmão Alamán.

– É ele o génio da eletrónica?

– O próprio.

Depois dos cumprimentos, Kabila convidou-os a entrar para usufruírem do ar condicionado. Na sala, esperava-os uma bandeja de sumos de frutas tropicais e aperitivos.

– Almoçamos quando o meu pai chegar. Está desejoso de ver-te.

Kabila interessou-se pela sorte dos companheiros que tinha conhecido durante o treino de seis meses na Papuásia-Nova Guiné.

– Será o coronel McAllen – prosseguiu Al-Saud – quem irá liderar o grupo que protegerá a mina de coltan.

– É o homem ideal. Poucos conhecem os segredos da selva como ele. Poucos conhecem a guerra de guerrilha como ele. A sua experiência com os vietcongues será muito valiosa neste caso. Mas, e tu? Não o comandarás tu?

– Comandarei durante o assalto. Depois a responsabilidade será de McAllen, embora eu permaneça no terreno. Joseph, quais as hipóteses de ter transpirado a localização da mina de coltan que Zeevi explorará?

A expressão de Kabila, que arregalou os olhos e esticou os lábios, enquanto se instalava na poltrona, foi suficiente para responder à pergunta: as hipóteses eram muitas.

– Tomámos precauções – garantiu –, mas às vezes tenho a sensação de que não há palavra que diga que não acabe por cair nos ouvidos do inimigo.

– Fazem limpeza diária de microfones e de câmaras ocultas? – quis saber Alamán.

– Não.

– É fundamental fazê-lo. Tal como colocar barreiras eletrónicas.

– É muito caro?

– Sim, é caro, sobretudo se for utilizada tecnologia de ponta, que é a que prefiro, obviamente.

– Poderias apresentar-nos um orçamento?

– Conta com isso.

Joseph Kabila voltou-se para Eliah para perguntar:

– Quando iniciarás a operação?

– Tudo depende de uma reunião que terei dentro de dois dias com Madame Gulemale.

– Não fales dela diante do meu pai – sugeriu Kabila.

Como se o tivesse convocado, ouviu o vozeirão do presidente que, da porta, perguntou: «Onde está o meu velho camarada de armas?», referindo-se a Eliah que há um ano exatamente, a 16 de maio de 1997, tinha conduzido um comando da Mercure que facilitou o caminho do exército de Kabila na sua marcha até Kinshasa, o último bastião de Mobutu Sese Seko. Centenas de cadáveres tinham ficado para trás à passagem da sua equipa, todos soldados ainda fiéis ao anterior presidente.

– Mzee Kabila – disse Al-Saud ao vê-lo aparecer, levantando-se –, é óbvio que a presidência do Congo lhe assenta muito bem.

Do umbral, Kabila deu uma gargalhada.

– Fizeste de propósito, rapaz! – exclamou, com os braços abertos. – Vieste festejar o meu primeiro ano no poder! Não é verdade?

Com um sorriso cúmplice, Al-Saud dirigiu-se ao encontro do primeiro mandatário da República Democrática do Congo. Alamán, de pé a alguns metros, observava o homem bastante mais baixo do que o seu irmão, embora visivelmente mais largo, que o mantinha prisioneiro entre os seus braços. «Como deve agradar-te pouco tanta intimidade física, meu irmão!», pensou, sorrindo com sarcasmo. Ao reparar na cabeça do presidente, Alamán perguntou a si próprio: «Que alcunha lhe daria Juana? Bola de bilhar», respondeu.

Durante o almoço, o presidente Kabila devorava o estufado com a mesma paixão com que encarava qualquer atividade, e era surpreendente que não se engasgasse, porque falava, gesticulava e vociferava ao mesmo tempo. Joseph abanava a cabeça com um sorriso que revelava a paciência que tinha de invocar quando se tratava do pai.

– Então a tua mãe é argentina? – admirou-se o presidente. – Eu conheci um argentino há trinta anos. O mítico Che Guevara! Lutámos juntos pela revolução. O ano passado, tu e os teus homens ter-me-iam bastado, Eliah! – explodiu sem pré-aviso. – Não teria necessitado daqueles vermes ruandeses e ugandeses! Vê o aperto em que estou agora! Com os funcionários deles fazendo o que querem no meu governo e os seus exércitos passeando-se pelo meu território. Querem ficar com a parte oriental! Achas que não sei que planeiam anexar os Kivus aos seus territórios?

– Expulse-os – aconselhou Al-Saud.

– Isso levaria a uma guerra e não sei se este é o momento para voltar ao combate. Pendurei a espingarda há apenas um ano.

– Tudo depende dos aliados que possa ganhar para a sua causa.

– Aliados novamente! – queixou-se o presidente.

– São um mal necessário – admitiu Al-Saud. – É preciso escolhê-los com cuidado e saber o que lhes oferecer.

– Isso lembra-me – interveio Joseph – que tu e eu devemos falar das brigadas de que precisarás enquanto durar a exploração da mina.

– O assalto, fá-lo-ei só com os meus homens. Depois de fixar o perímetro, precisarei dos teus para as rondas e a defesa. É um terreno demasiado extenso, mesmo quando dispomos de radares e de tecnologia de última geração. Quantos soldado estás disposto a ceder-me?

– Poucos, para dizer a verdade – confessou Joseph. – Pediremos o apoio dos mai-mai. Eles conhecem essa região como a palma da sua mão. E, por dinheiro, farão qualquer coisa que lhes peças, muito melhor do que o exército.

– Quanto dinheiro? – quis saber Eliah, e preparou-se para efetuar uma conta rápida que lhe permitisse confirmar se a rentabilidade da Mercure estaria garantida.

Não puderam abandonar Kinshasa antes de segunda-feira porque no domingo, 17 de maio, se viram obrigados a participar nos festejos do primeiro aniversário da entrada triunfal de Mzee Kabila na capital. Eliah tinha urgência de chegar ao Congo Oriental e de se encontrar com Madame Gulemale, embora a ansiedade que sentia enquanto pilotava o Gulfstream V em direção ao aeroporto de Goma não se relacionasse com os negócios. O seu coração batia mais depressa porque o avião o levava cada vez mais para perto de Matilde e, enquanto tentava afastar-se de uma zona de turbulências, o seu espírito mergulhava num vórtice de sentimentos confusos e fortes que aprofundavam o desequilíbrio que o alterava há semanas. Nem sequer a ginástica respiratória e os momentos de meditação que o sensei lhe tinha inculcado durante anos eram eficazes para o fazer voltar ao seu centro.

O Gulfstream V aterrou e aguardou uns vinte minutos no final da pista até o autorizarem a circular pela única pista de rodagem que levava ao hangar.

– Bem-vindos a África – disse o capitão Paloméro, irónico e sem entusiasmo. – Nem em Heathrow, um dos aeroportos com mais tráfego do mundo, nos fariam esperar tanto. E com a renda diária que nos cobram por estacionar aqui!

A tripulação entrou num veículo que os conduziria ao único hotel decente da capital do Kivu Norte, com as recomendações necessárias para viver uma temporada numa zona de selva e abandoná-la sem malária, doença do sono ou sida. Os irmãos Al-Saud tinham à sua espera um helicóptero AS365 Dauphin, propriedade de Madame Gulemale, com os rotores ligados, pronto para descolar.

– Mon Dieu! – queixou-se Alamán – Isto é um banho turco.

– E hoje está mais fresco do que ontem – comentou um dos pilotos.

Eliah mantinha-se em silêncio e examinava a paisagem que se estendia como um

manto verde cinco mil metros abaixo do helicóptero, salpicada por grandes lagos. O espetáculo das montanhas Virunga, uma sucessão de vulcões na Falha Albertina do Grande Vale do Rift, manteve-o concentrado durante a viagem até à propriedade de Gulemale. «Nesta selva», pensou, «seria muito fácil esconder-se, mas também cair numa emboscada.»

Sentiu o instante em que o piloto iniciou a descida lenta e, passados segundos, avistou uma piscina enorme entre palmeiras e uma vegetação abundante, embora cuidada. O Dauphin aterrou numa colina afastada da casa principal, de que os irmãos Al-Saud tinham tido uma panorâmica antes da aterragem.

Três nativos que, pelo seu uniforme de casaco azul e bermudas cinzentas, pertenciam obviamente ao serviço doméstico, iam atrás de Frédéric, o assistente de Gulemale. Eliah saltou do helicóptero e, ao vê-lo, tirou os Ray Ban Clipper e franziu o sobrolho. Frédéric, que se aproximava em sandálias e fato de banho minúsculo, sorriu-lhe e deu os últimos passos com a mão estendida, que Al-Saud observou com desprezo e não aceitou.

– Bem-vindos ao oásis de Gulemale – disse Frédéric, com simpatia, ignorando a grosseria de Al-Saud. Levantou a máquina fotográfica que trazia ao pescoço e disparou.

– O que estás a fazer? – repreendeu-o Al-Saud.

– Tiro algumas fotografias. Não é óbvio? Sou bastante bom.

– Não voltes a fotografar-nos – ordenou, com uma expressão e voz ameaçadoras. – E, agora, dá-me o rolo.

– OK – concordou Frédéric que, depois de mexer na máquina, tirou o rolo e o entregou. Al-Saud abriu a película para a inutilizar.

– Havia boas fotografias nesse rolo. Que pena – disse, com um sorriso triste. – Gulemale está ansiosa por te ver, Eliah. Apresentas-me o teu companheiro? Embora, pelas parecenças, me atrevesse a apostar que são irmãos.

Alamán estendeu a mão e apresentou-se.

– Tal como hoje, há algum tempo, em Londres, Eliah e eu não começámos bem – explicou Frédéric, já a caminho da mansão. – E receio que a culpa tenha sido minha por ter convidado a mulher dele para dançar em Ministry of Sound.

– Convidaste Matilde para dançar? – Alamán sacudiu a mão e assobiou. – Isso sim, foi temerário.

– Nessa altura não tinha consciência de que estava a meter a mão na boca do leão. Depois, Gulemale iluminou-me um pouco ao descrever-me os talentos do teu irmão.

Alamán soltou uma gargalhada e Eliah bufou. A alguns metros, situada numa

elevação coberta de relva, ficava a piscina, rodeada por cadeiras e cadeirões de jardim brancos com almofadões vermelhos e por chapéus de sol sob os quais se viam mesas com bandejas repletas de frutas tropicais e copos com bebidas de várias cores. Duas nativas, com uma farda semelhante à dos homens que se tinham encarregado da bagagem, inclinavam-se sobre as mesas, repondo comida e tirando copos vazios. Podia tratar-se do jardim de qualquer mansão de Nice, pensou Al-Saud. A alguns metros, encobertos pela folhagem das plantas, descobriu dois africanos de aspeto robusto, com espingardas M-16 a tiracolo, que os examinavam com expressões pouco amistosas.

Gulemale endireitou-se numa chaise-longue, virou a cabeça e imprimiu um ar de picardia ao rosto ao encontrar o olhar de Eliah. Levantou-se, prendeu um páreo de cores vivas à cintura e calçou umas sandálias. Dirigiu-se a eles exibindo um sorriso amplo, de dentes muito brancos, dessa brancura pouco natural que se obtém com químicos. Os seios moviam-se sob o biquíni branco. «Tem o corpo de uma mulher de vinte anos», apercebeu-se Al-Saud, reparando também que não suava, ao contrário dele e do irmão, que estavam encharcados.

– Esta maravilha de olhos verdes como jade deve ser o teu irmão Alamán! – exclamou a anfitriã, cobrindo os olhos teatralmente. – Tanta beleza junta é como olhar para o sol de frente! – Abraçou Eliah e deu-lhe um ruidoso beijo nos lábios. – Tive imensas saudades tuas, meu amor. – Estendeu a mão a Alamán e, em vez de apertar a que este lhe oferecia, acariciou-a. – Bem-vindo, Alamán.

– Enchanté de faire votre connaissance, Madame Gulemale.

– Trata-me por tu, querido. Creio que nos divertiremos todos juntos – afirmou, passeando os olhos pelos três jovens esculturais que a rodeavam.

– Creio que sim – concordou Alamán.

Outro convidado, que tinha permanecido afastado, aproximou-se a um sinal de Gulemale.

– Eliah, Alamán, apresento-vos o meu querido amigo Hansen Bridger.

Embora nunca o tivesse visto, Al-Saud soube quem estava à sua frente: o irmão do traficante sul-africano Alan Bridger, morto numa explosão há pouco mais de um mês. Dizia-se que tinha decidido continuar com o negócio do irmão, aproveitando a rede de contactos no Médio Oriente. Se Gulemale o convidara, tinha em mente uma compra de armas porque, a avaliar pelo aspeto do sul-africano – baixo, barrigudo e vermelho –, Al-Saud duvidava de que planeasse levá-lo para a cama, a menos que com isso obtivesse vantagens económicas.

Meia hora depois já os irmãos Al-Saud tinham ocupado os seus quartos – o de Eliah junto do quarto de Gulemale, conforme o informou a própria anfitriã – e mergulhavam na piscina. A anfitriã animava-os, do seu trono na borda, enquanto os quatro jogavam voleibol. Decidiram almoçar na sala de jantar, ao abrigo do ar

condicionado, porque a temperatura e a densidade do ar tinham subido para valores intoleráveis. Com o pretexto de mudar de roupa antes de se sentar à mesa, Eliah aproveitou para examinar a distribuição da casa, que tinha um único piso com mais de mil metros quadrados. Também tentou localizar a segurança. Do helicóptero, vira o perímetro da mansão, cercado por um muro alto com arame farpado no cimo, provavelmente eletrificado e ligado a um alarme. No interior, descobriu o mesmo sistema de câmaras de infravermelhos da sua casa da avenida Elisée Reclus, da mesma marca até, e lembrou-se de que o havia recomendado a Gulemale. Não duvidava de que, naquele anexo situado a vários metros da casa principal, três ou quatro homens monitorizavam os movimentos no exterior e interior da propriedade, e ouviam também os diálogos.

À tarde, a disposição diminuiu e ninguém jogou voleibol, preferindo descansar sob os chapéus de sol, bebendo sumos de frutas com a languidez que o clima tropical impunha. De vez em quando, quando o suor os encharcava, davam um mergulho, voltando imediatamente à sombra. Depois de um jantar opíparo e esgotados devido às altas temperaturas e aos exercícios na água, os convidados foram-se retirando. Al-Saud reparou que Gulemale tinha começado cedo a beber; ao jantar já estava bastante entornada. Mudaram-se para a sala e sentaram-se num sofá de vários lugares, onde a mulher se pôs a brincar com a orelha de Eliah e com o cabelo junto às fontes.

– O que faz aqui o irmão de Alan Bridger?

– Ah, conhecias Alan. Soubeste que morreu há um mês, mais ou menos?

– Li-o no jornal. Estás a pensar comprar-lhe armas?

– Oh, não, não. Está aqui porque dentro de alguns dias chegará um amigo a quem farei o favor de o apresentar. É tudo. Entretanto, aprecio a sua companhia. A sua atração, como deves ter reparado, reside no seu carácter afável e na sua cultura. – Aproximou a boca do ouvido de Al-Saud e sussurrou-lhe: – Finalmente tenho-te nos meus domínios.

– Planeias sequestrar-me?

– E acabar como os terroristas em Viena? Não, obrigada. – Al-Saud deu uma gargalhada curta. – Fico sem respiração de cada vez que te vejo, mas, quando ris, pergunto a mim própria se existe alguém mais bonito do que tu – disse, com a voz carregada de excitação e de álcool.

Al-Saud voltou a cabeça e examinou o rosto de Gulemale, de olhos semicerrados e lábios suaves e voluptuosos.

– Tu também és muito bonita, Gulemale. Poucas mulheres te fariam sombra – disse, com sinceridade, sentindo a reação do seu corpo ao estímulo das mãos de Gulemale depois de tantas semanas de abstinência sexual.

– É verdade? Poucas me fariam sombra. A tua Matilde e mais um punhado delas.

A menção a Matilde arrefeceu a excitação. Al-Saud agarrou no pulso de Gulemale e retirou-lhe a mão da braguilha. A mulher sorriu, com um ar entre irónico e paciente, e voltou a colocar as mãos nas orelhas e no cabelo de Al-Saud.

– Sei porque estás aqui, no Congo.

– Porque me convidaste.

– A sério? – Gulemale deu vários estalidos com a língua para o contradizer. – Estás aqui por duas razões: a menos importante, pelo teu contrato com o israelita Zeevi, a mais importante, por Matilde. Eliah, sei que ela está aqui. Sei também que trabalha para a Mãos Que Curam em Masisi.

Al-Saud congelou a expressão num ponto diante dele. Na tensão do maxilar, as carícias de Gulemale deixaram de ser um contacto agradável e passaram a ser enfadonhas. Interrogou-se, mais uma vez, sobre quem seria o informador desta exótica e complicada congoleza. A imprecisão acerca da localização de Matilde não interessava.

– Também sei – prosseguiu, passando-lhe a língua pela covinha do queixo –, que não estás com uma mulher há muito tempo. Não é verdade?

– É verdade – confirmou Al-Saud, fechando os punhos quando a ponta da língua de Gulemale, com sabor a conhaque, lhe separou os lábios. Afastou a cara para perguntar: – Como soubeste que Matilde está no Congo?

– Chéri, tenho os meus contactos.

– A quem poderia interessar o facto de Matilde estar no Congo? – As conjecturas de Al-Saud dispararam. Tratar-se-ia de Udo Jürkens ou da Mossad, que seguia a pista do pai dela?

– Oh, a ninguém de importância – tentou acalmá-lo a mulher. – Acontece que soube por acaso. Beija-me, Eliah, já não suporto mais a tua indiferença. Achas que Matilde merece tanta fidelidade? Essa miúda não valoriza o homem que tem. Achas que, se fosses meu, te abandonaria para vir para este sítio tratar de uns pretos empestados? Nunca! Trataria de manter-te na cama a maior parte do tempo.

O perfume de Gulemale, Paloma Picasso, embriagava-o e trazia-lhe recordações de Matilde, da noite em Ministry of Sound, do beijo abrasador que tinham dado, da felicidade sentida. A voz de Sade, que interpretava *Your love is king*, penetrava pelas frinchas da sua prudência ofuscada e juntava-os, deixando-o às escuras, mergulhado num desejo espesso e quente como alcatrão derretido. Uma onda sulcava-lhe a pele para explodir nas suas terminações nervosas. Reclinou Gulemale no sofá e beijou-a com desespero. Queria voltar a sentir. O abandono de Matilde e a sua traição posterior com o cretino tinham-lhe arrebatado a paixão pela vida. Ele, movido por essa energia própria do Cavalo de Fogo, tinha seguido em frente. No entanto, os seus gestos eram artificiais e inertes, quase grotescos, na máscara de dureza a que deitara mão para esconder a humilhação e salvar o orgulho. Por dentro, a tristeza

incrustava-se-lhe no coração e feria-o.

– Sim, toca-me – incitou-o Gulemale. – Vês? Estou húmida por tua causa. Estou assim desde que te vi sair do helicóptero. Desejo-te, Eliah. Senti tanto a tua falta. E a dele também – acrescentou, deslizando a mão até encontrar a dureza escondida nas calças. Al-Saud expeliu o ar que retinha nos pulmões.

Com um movimento ágil, Gulemale colocou-se-lhe entre as pernas e abriu-lhe o fecho. Observou com cobiça o pénis escuro, inchado e ereto, antes de o engolir e sugar com uma habilidade que, Al-Saud tinha de admitir, poucas mulheres possuíam. Pensou em Matilde, na sua falta de perícia, e imaginou-a metendo-o na boca, com os lábios a escorregar sobre a carne tumefacta. Tentou inutilmente afastar as imagens, porque outras o assaltavam, como a de Matilde no orgasmo. Os seus gritos de prazer ao ejacular na boca de Gulemale não conseguiram silenciar os de Matilde na sua cabeça.

Gulemale sentou-se em cima dele para obter a sua recompensa, mas o toque do telefone misturou-se com Smooth operator e sobressaltou-a.

– Merde! – explodiu a mulher. – Quem será a esta hora? – No entanto, olhando para o seu relógio Chopard, apercebeu-se de que nove e meia da noite não era assim tão tarde.

Frédéric desapareceu silenciosamente ao ouvir os passos de uma das empregadas que se aproximava com o telefone sem fios para o entregar a Gulemale. Já no seu quarto, olhou para a máquina fotográfica e sorriu. Uma revista porno pagar-lhe-ia bom dinheiro pela sessão que acabara de fazer.

– Quem é? – perguntou Gulemale à empregada, com maus modos, ajeitando uma madeixa de cabelo louro e limpando as comissuras dos lábios com o indicador e o polegar.

– O senhor Bergman.

– Ah, sim. Atenderei no meu escritório. Volto logo a seguir, querido.

Embora tenha assentido e sorrido, o íntimo de Al-Saud tornara-se de gelo. Ele conhecia Ariel Bergman, o chefe da Mossad na Europa. Os seus alarmes dispararam. Deslizou em pontas de pés pelo chão de mármore e os seus ténis Hogan não provocaram qualquer ruído. Parou diante da porta do escritório, evitando a câmara de infravermelhos colocada no teto, e encostou o ouvido à madeira, que, felizmente, não era maciça. Conseguia ouvir pedaços da conversa.

– Sim, sim, estará aqui em menos de uma semana. Sei o de... – Gulemale subia e baixava os decibéis. – Al-Abiyia disse que...

«Al-Abiyia», recordou Al-Saud. «O sócio de Aldo Martínez Olazábal.» Porque falava Gulemale com um katsa da Mossad acerca do sócio de Martínez Olazábal? Que importância tinha a presença do irmão de Alan Bridger em tudo isto? A quem se

referia Gulemale quando lhe garantiu que Hansen Bridger estava ali na sua mansão porque dentro de alguns dias o iria apresentar a um amigo?

– ... não é um bom momento. A casa estará cheia de gente. – Gulemale baixou a voz ao aperceber-se de que estava quase a gritar. – Não serei responsável se as coisas correrem mal – acrescentou em voz baixa e num tom de voz aborrecido.

Al-Saud regressou à sala ao perceber que a conversa estava a terminar. Atirou-se para o sofá e fingiu dormir. Gulemale inclinou-se sobre ele e acariciou-lhe a testa.

– Ei, Eliah – sussurrou, e Al-Saud, sem erguer as pálpebras, grunhiu. – Sinto muito, querido. Tinha de atender, era importante.

– Está bem – balbuciou, sempre com os olhos fechados.

– Estás muito cansado?

– Desfeito – confirmou.

– Serei benevolente e deixar-te-ei em paz. Amanhã cobro com juros.

No entanto, no dia seguinte de manhã cedo, Al-Saud pediu-lhe um carro emprestado para ir a Goma.

– Para que queres ir a Goma? Não irás a Masisi ver Matilde, não é verdade? – O homem não respondeu. – Isto não é Paris, Eliah. Lá fora é perigoso.

Al-Saud riu-se com sarcasmo e insistiu em que lhe emprestasse um dos seus veículos.

– Por favor, Gulemale! Não tenho o dia todo. Não me faças perder tempo.

– Para que queres um carro? – insistiu a mulher.

– Para visitar uns amigos em Goma – mentiu.

– Amigos em Goma? – Perante os olhos em alvo de Al-Saud e do suspiro de tédio, cedeu. – Está bem, está bem. Pedirei a Saure que vos leve onde quiserem.

– Nada de Saure – opôs-se Eliah. – Iremos por nossa conta. Agora, vais emprestar-me o automóvel ou não?

– És insuportável.

– E não quero que te preocupes se não regressarmos esta noite – exigiu, beijando-a ligeiramente nos lábios. – Trouxeste o mapa e a bússola digital? – perguntou a Alamán, assim que se pôs ao volante de uma Pick-Up Chevrolet C10 com cabina dupla.

– Tenho tudo aqui. Deixa-me instalar este bloqueador eletrónico. Se o veículo tiver algum sistema de seguimento por satélite, o sinal eletromagnético que este aparelho emite bloqueia-o e não conseguirão localizar-nos.

Não foi difícil chegar a Rutshuru. Nos lados da estrada estendia-se uma fila infinita

de deslocados que abandonavam as suas aldeias, tudo gente sossegada e pobre. Não deram com nenhuma facção armada. Encontraram a pensão onde Byrne e Ferro se hospedavam, perto das nove da manhã.

– Quem é? – perguntou Derek em francês, ao ouvir as pancadas na porta.

– Al-Saud.

– Chefe! – admirou-se Derek Byrne, convidando-os a entrar. – Se tivesse encontrado Marilyn Monroe não teria ficado tão surpreendido.

– Mas ficarias mais feliz por vê-la a ela que a nós – insinuou Alamán.

Al-Saud examinou o cubículo onde se hospedavam os seus homens, um quarto de uns nove metros quadrados, com a pintura descascada, o teto com manchas de humidade, um lavatório manchado de ferrugem e péssima iluminação.

– Foi o melhor que encontrámos – desculpou-se Byrne, ao ver a cara de Eliah. – Mas fica perto do hospital e a caminho da casa da Mãos Que Curam.

Sobre a única mesa do quarto via-se um monitor, de onde saíam vozes familiares, que estava ligado a uma máquina de filmar. Al-Saud contornou a mesa e instalou-se diante do ecrã. Alamán e Byrne colocaram-se atrás dele. Eliah, com os polegares enfiados no cós das calças de ganga, permaneceu congelado diante da imagem de Matilde, que, coberta por uma bata branca com o logótipo da Mãos Que Curam, luvas de látex e uma máscara, suturava a pálpebra de uma menina, que tinha estado a chorar, isso era evidente devido às suas faces molhadas e às pestanas coladas, ainda que nesse momento sorrisse.

– Nunca vi uma menina tão valente como tu – lisonjeou-a Matilde, ao mesmo tempo que enfiava a agulha curva e passava o fio preto. – Porque até os velhos choram quando os coso aqui, na pálpebra. Tu, pelo contrário, Ramila, nem sequer te queixas. Ramila – voltou a dizer. – Que nome bonito! Tão bonito como tu. Sabes que és muito bonita?

– Como a senhora? – perguntou a menina.

– Muito mais!

Alamán riu sem forças, tratou-se mais de um sorriso com um suspiro, o que levou Byrne a comentar:

– Sim, a doutora Mat, como lhe chamam, tem uma maneira especial de se relacionar com as crianças. É muito doce – acrescentou, num meio murmúrio, como que envergonhado. – Estivemos com ela a semana passada, viajando de um sítio para outro – esclareceu. – Isto passou-se na terça-feira, no campo de refugiados Kibati-1, onde obtivemos informações valiosas para Os Defensores dos Direitos Humanos. Estava a editá-las, chefe, para as enviar para si.

Al-Saud não disse uma palavra nem afastou os olhos do monitor. Subjugavam-no

as mãos habilidosas de Matilde. Era a primeira vez que a via no seu papel de cirurgiã, e uma mistura de orgulho e de puro desejo carnal endureceu-lhe o corpo e elevou-lhe as pulsações. Apontou com o controlo remoto para o ecrã e passou à frente as cenas que não significavam nada para ele, como os interiores das choças, as latrinas imundas, as crianças esqueléticas, as montanhas de lixo, e parou na imagem seguinte de Matilde. Vestia um fato-macaco verde, tinha a cabeça coberta por uma touca da mesma cor e uns óculos de acrílico transparentes que lhe cobriam também o nariz.

– Permitiram-nos entrar numa sala de operações que improvisaram para que filmássemos como extraíam balas. Um grupo de refugiados, que chegara na noite anterior a Kibati, tinha sido baleado pelos homens de Nkunda. Àquele pobre miúdo, não tinha mais de treze anos, a doutora Mat extraiu uma bala da nuca.

«A doutora Mat», disse Eliah para si próprio. Uma semana partilhada com ela e os seus agentes, duros e curtidos, caíam como moscas. Avançou um pouco mais e parou o filme ao vê-la sair de uma tenda com o cretino. Apertou o controlo remoto quando o médico belga pousou o braço nos ombros de Matilde e ela não fez nada para o afastar. Embora o seu rosto tenha mantido a compostura e permanecido imutável, o seu coração deu um pulso ao ver que Vanderhoeven se colocava diante de Matilde e lhe apertava os ombros. Discutiam, isso era evidente, mas não percebia o que diziam um ao outro. Matilde tentou libertar-se, contudo, o belga manteve-a presa. Al-Saud fez o controlo remoto ranger quando o cretino a puxou para si com a intenção evidente de a beijar. Como Matilde voltou o rosto, o cretino beijou-a no pescoço.

– Amburgo interveio para a ajudar a safar-se do médico belga. É um imbecil.

Byrne calou-se de súbito devido ao olhar que Al-Saud lhe lançou.

– Onde está Ferro? – perguntou, com uma voz opaca.

– No hospital.

Al-Saud voltou os olhos para o monitor quando ouviu a voz de Matilde. Amburgo Ferro estava a entrevistá-la.

– O que se passa no Congo é um genocídio de que ninguém fala – declarou. – Aqui mata-se com AK-47, mas também com a negligência e com a corrupção. Morrem aos milhares devido à ausência de uma política de saúde. E ninguém se interessa desde que se possa continuar a saquear os recursos das províncias Kivu Norte e Kivu Sul.

– Qual é a realidade da mulher congoleza? – interrogou-a Ferro, no seu disfarce de jornalista.

– A mulher transformou-se no campo de batalha do Congo. As diversas facções sabem que, destruindo a mulher congoleza, desarticulam o tecido social. Entre as mulheres veem-se mais mortes resultantes de violações do que de tripanossomíase africana. Os ataques são de uma crueldade inaudita. Se os violadores não as matam, mutilam-nas.

– Apaga isso – ordenou Al-Saud. – Tudo. – Como Byrne e Alamán ficaram a olhar para ele, insistiu: – Agora, Derek. Não quero que estas declarações cheguem a sítio nenhum.

– São valiosíssimas para Os Defensores dos Direitos Humanos. Uma declaração destas, expressa por um membro da Mãos Que Curam...

– Ordenei-te que as apagasses. Agora. São excelentes declarações, de acordo, mas são perigosas.

Assim que Al-Saud confirmou a eliminação da entrevista com Matilde e a não-existência de cópias, apropriou-se da cassete.

– Bom trabalho – disse a Byrne. – Agora, vamos ao hospital.

Ferro tinha estacionado a Grand Cherokee preta com as siglas TV num ponto estratégico próximo do fim do terreno do hospital, à sombra de um sicómoro e com uma boa visão da galeria de entrada. Ligava o motor de vez em quando para pôr em marcha o ar condicionado e refrescar-se. Dedicava uns minutos à vigilância através dos binóculos com ecrã de cristal líquido e câmara. Depois pressionava as pálpebras para descansar a vista e, se a comichão não diminuísse, lubrificava os olhos com lágrimas artificiais, truques aprendidos durante o treino.

Byrne bateu no vidro fumado do lado do condutor. Ferro abriu os olhos, sobressaltado, e endireitou-se com a mão na coroa da sua Browning HP 35. Viu as horas e franziu o sobrolho: ainda não eram horas da sua substituição. Abriu a porta e teve uma surpresa ao ver o seu chefe e Alamán Al-Saud a uns metros, dentro de uma carrinha com cabina dupla.

– A esta hora – disse Ferro depois dos cumprimentos –, a doutora Matilde costuma dar um passeio pelo terreno do hospital, a menos que tenha uma emergência.

Al-Saud olhou para o seu Breitling Emergency. «Onze horas». Queria conhecer os hábitos dela no Congo, como os tinha conhecido em Paris.

– Aí está – disse Ferro, passando-lhe os potentes binóculos.

Matilde vinha com Juana, que, como de costume, mexia as mãos ao falar. Matilde sorria sob a aba de um chapéu de palha. Ia coberta com a bata da Mãos Que Curam e levava o estetoscópio ao pescoço. Estava tão perto e, com os binóculos, examinava-a ao pormenor. A emoção de Al-Saud enterrou a raiva, os ciúmes e a frustração, e a necessidade de a abraçar, que o invadiu como uma febre, quase o levou a correr para ela.

Um Suzuki Grand Vitara entrou no perímetro do hospital e parou perto das médicas argentinas. Uma rapariga preta, de porte aristocrático e muito bem-vestida, saiu do veículo e dirigiu-se para Juana e Matilde, cumprimentando-as com familiaridade.

– Quem é esta rapariga? – interessou-se Alamán, que espreitava ao pé de Eliah

com o seu monocular eletrónico.

– Chama-se Joséphine Boel – respondeu Byrne. – O pai, Balduino Boel, é branco e um dos poucos belgas que não deixaram o Congo em 1961. É muito rico. Tem uma plantação de chá, de café e de cevada, que usa na sua fábrica de cerveja. Investigámo-la, é boa – informou. – Joséphine Boel travou amizade com a doutora Matilde e com a doutora Juana. Costumam ir juntas à missão.

Uma enfermeira, que se aproximou a correr, postou-se diante de Matilde, agarrou-a por um braço e, enquanto a arrastava em direção à entrada, falava com gestos eloquentes. Matilde entrou no edifício do hospital e desapareceu do seu campo de visão.

– É assim o dia todo. – Al-Saud ouviu a voz de Ferro e voltou-se para olhar para ele. – Digo que é assim o dia todo. Não tem descanso. Pagamos a uma empregada de limpeza para que nos conte o que faz a doutora Mat diariamente, e a verdade é que passa o tempo na sala de operações ou a fazer a ronda dos doentes. Raras vezes descansa.

– E se o faz, interrompem-na poucos minutos depois – completou Byrne.

«Malditos exploradores», bramou Al-Saud para consigo. Abusavam da perícia dela e da sua boa vontade sem se importarem com ela para nada. Estava tão magra. Embora estivesse coberta de roupas, ele tinha-lhe visto o pulso e a magreza deste tinha-o apavorado. Além disso, as maçãs do rosto sobressaíam nas faces fundas e davam-lhe um efeito dramático ao rosto, porque os olhos e os lábios passavam a ser preponderantes, parecendo ainda maiores.

Alamán abriu o mapa sobre o capô da carrinha e Byrne e Ferro indicaram-lhes o caminho de acesso à missão. Al-Saud apercebeu-se de que se tratava de um enclave situado no coração da selva tropical, rodeado por vulcões e perto do Parque Nacional Virunga.

– Não há maneira de aceder de helicóptero – informou Byrne –, a não ser lançando-se por cordas através das árvores.

– Onde fica a clareira mais próxima para aterrar?

– Aqui – indicou Ferro –, a uns dez quilómetros a norte.

– Gulemale – chamou-a Frédéric, entrando no quarto da mulher.

– O que queres, querido?

– Mostrar-te uma coisa.

A congoleza virou-se no tamborete, com o batom perto do rosto.

– Pela cara com que vens – concluiu –, é uma coisa que me vai agradar.

– Sim – afirmou Frédéric, e entregou-lhe várias fotografias abertas como um leque. Acabo de revelá-las. Não estão maravilhosas?

Os olhos de Gulemale foram-se fechando à medida que se via nas fotografias com o pénis de Al-Saud na boca. Frédéric sorriu ao aperceber-se de que os lábios da mulher se separavam para deixar escapar um gemido de excitação. Sem erguer os olhos, Gulemale esticou a mão e esfregou-a na ereção do argelino.

– És um fotógrafo estupendo. Apesar de teres evitado o flash para não te denunciares, as fotografias estão grandiosas.

– A qualidade brumosa do ambiente está de acordo com a cena. Magnífico exemplar – sussurrou e, com a ponta do indicador, percorreu o falo de Al-Saud. – Estou em brasa, Gulemale.

– A sério? – E, depois de um silêncio durante o qual reviu as fotografias, exclamou: – Como gostaria de vos ter a ambos na cama!

– Sabes que sou como um boy scout. Sempre pronto!

– Sim, tu sim, riqueza, mas Al-Saud é difícil de agarrar. Se conseguir atraí-lo para a minha cama, não poderei partilhá-lo contigo. Não lhe agrada.

– Vem – disse Frédéric, tirando-lhe as fotografias. – Faz-me o mesmo que a Al-Saud.

As crianças, que depois do almoço faziam os seus trabalhos de casa, saíram em debandada do orfanato ao ouvirem o rugido de um motor. Não esperavam ninguém nesse dia e entusiasmavam-se sempre com visitas. Mantiveram a distância enquanto o Chevrolet C10 estacionava sob os cajueiros. Dois homens, com aspeto de brancos embora com a pele escura, saíram do carro, tiraram os óculos de sol e observaram o que os rodeava. As cabecinhas voltaram-se em unísono ao ouvirem o grito proveniente da capela. Vários pares de olhos, mesmo os das professoras, abriram-se desmesuradamente ao verem soeur Amélie a gritar como uma louca e a correr na direção dos recém-chegados. Um deles levantou-a nos braços e rodopiou-a. O outro abraçou-a demoradamente.

– Mon Dieu! Eliah, Alamán, que bela surpresa! Não posso acreditar que vos estou a ver aqui, na missão! – As lágrimas caíam pelas faces morenas da religiosa, pelo que Eliah lhe entregou o seu lenço. – Estou tão feliz! – exclamou Amélie, abraçando-os a ambos. – Olhem o que construí com o vosso dinheiro! – Abarcou os edifícios com um gesto abrangente do braço direito. – Venham, quero mostrar-vos tudo. Mas, o que fazem aqui? Porque não me avisaram de que vinham? Teríamos preparado uma festa de boas-vindas. Almoçaram?

– Não – disse Alamán – e a verdade é que estou a morrer de fome.

– Vumilia! – A rapariga aproximou-se aos saltos, feliz por ter uma desculpa que lhe permitisse aproximar-se dos homens. – Prepara alguma coisa de comer, depressa.

Dirigiram-se para a capela, em cuja porta se agrupavam as irmãs, que observavam o espetáculo com sorrisos incrédulos. Amélie apresentou Eliah e Alamán como seus

primos, os benfeitores da missão, e os rostos das religiosas iluminaram-se e o agradecimento que eles lhes inspiravam transformou-se em infinitas demonstrações de hospitalidade, a que Eliah e Alamán respondiam com um incessante «obrigado, obrigado».

– Estas são as nossas crianças – disse Amélie ao chegar ao orfanato. – São cinquenta e três, mas rapidamente receberemos mais duas, uma menina e um menino, que estão a recuperar de feridas graves no hospital de Rutshuru.

Eliah passou os olhos pelas carinhas escuras, de olhos grandes e negros, e esforçou-se, sem sucesso, por sentir o carinho e a compaixão que despertavam em Matilde. Agradava-lhe saber que, em parte, eram alimentados graças às suas doações. No entanto, o seu interesse não ia além disso.

Almoçaram na casa das religiosas. Como as irmãs já tinham comido, acompanharam-nos num chá. Primeiro, Amélie crivou-os de perguntas acerca de Paris, da sua família, dos Al-Saud, de velhos amigos, e depois mergulhou num momento de memórias e de nostalgia da infância e da adolescência partilhada.

– Usavas-me como um boneco para brincar – queixou-se Eliah.

– Eu tinha nove anos quando tu nasceste. Eras a coisinha mais bonita que tinha visto na minha vida. Só pensava em chegar a casa da tia Francesca para pegar em ti e mudar-te.

– E continuou assim, tanto quanto me lembro.

– Oh, como és resmungão! Mimava-te mais do que aos teus irmãos e tu adoravas.

– Posso garanti-lo – interveio Alamán.

As irmãs regressaram às suas obrigações e Amélie e os seus hóspedes foram até à sala para conversarem em privado.

– Eliah, quase morri de angústia quando soube que te tinham ferido durante o resgate na OPEP. Mas o que fazes aqui? Há tão pouco tempo estiveste internado em estado grave!

– Não tão grave – insinuou. – Operaram-me a 1 de maio e hoje já é dia 19. Passou muito tempo. Como vês, estou recuperado.

Amélie abraçou-se a ele e beijou-o na cara.

– Mostra-me a Medalha Milagrosa que te salvou a vida. Trá-la contigo?

– Sim – respondeu, tirando-a de baixo da camisa.

– Mon Dieu – sussurrou Amélie, observando o pendente deformado. – Que milagre maravilhoso.

Um menino, que Al-Saud descobrira há alguns minutos, espreitava, mostrando uma cabeça de caracóis cortados rente e observando-os com atenção. À medida que

ganhava coragem, ia entrando com passos curtos, embora decididos. Finalmente, pôs-se ao lado de Amélie que, sem parar de falar, o levantou e o sentou nas suas saias. Eliah reparou na fixação com que o observava; nem por um segundo desviou a sua atenção na direção de Alamán. Achou graça à seriedade com que o observava e não viu antipatia na sua expressão, só puro interesse. Examinou-o, atraído pelas suas feições delicadas, de nariz pequeno, lábios carnudos, mas não exagerados, que pareciam desenhados à mão, testa alta, cabeça bem formada e um queixo com uma covinha minúscula, embora visível, que lhe provocou ternura. Surpreendido com esse sentimento, afastou os olhos e endireitou-se na cadeira.

– Tu és o amigo da minha mamã?

– Como? – perguntou Al-Saud, ao dar-se conta de que o menino se dirigia a ele.

– Tu és o amigo da minha mamã?

Al-Saud procurou a cumplicidade de Amélie, que lhe devolveu uma expressão maliciosa de lábios tensos devido ao riso contido.

– Eu não conheço a tua mamã.

– Sim, conheces. És Eliah? – Al-Saud assentiu. – A minha mamã disse-me que te ama muitíssimo.

Pouco à vontade, Eliah voltou a pedir a ajuda da prima.

– Fala de Matilde – compadeceu-se Amélie, e continuou em castelhano. – Matilde e Jérôme desenvolveram um vínculo afetivo inexplicável. Adoram-se, como mãe e filho, e Matilde disse a Jérôme que quer adotá-lo. Desde que soube disso, quando fala dela chama-lhe mamã e sonha com o dia em que Matilde o levará daqui.

Alamán expressou a sua surpresa na forma de um assobio longo e agudo, que arrancou uma gargalhada a Jérôme. Eliah, pelo contrário, ficou de pedra, embora tenha contido a respiração. Acabara de se dar conta de que Jérôme era o menino que aparecia agarrado a Matilde em todas as fotografias.

– Não dizes nada, Eliah?

– O que poderei dizer?

– Se a ideia te agrada – sugeriu Amélie.

Encolheu os ombros, torceu a boca e arqueou as sobrancelhas.

– Não é da minha incumbência – manifestou, com um tom de voz rancoroso. Matilde arrancara-o para sempre da sua vida. Planeava dar um passo definitivo e fundamental sem ele. Não precisava dele, podia viver sem amor, prescindia dele. «A minha mamã disse-me que te ama muitíssimo.» Odiou-se porque, tal como um adolescente, desejava afastar o menino e pedir-lhe todos os pormenores que tinham suscitado esse comentário.

– Vamos – disse Amélie em francês. – Gostaria de vos mostrar as instalações,

aquelas que erigimos graças à vossa generosidade.

Jérôme seguia-os e era óbvio que Amélie não pretendia remediar a situação. Ao saírem de casa, Al-Saud sentiu que o menino lhe dava a mão. Sentiu-se incomodado e, embora tenha querido largá-la, reprimiu o impulso porque receava ofendê-lo. Reparou que a mãozinha era quente e suave e que agarrava na sua com firmeza. «É decidido», pensou, «e corajoso também», pois Al-Saud não se mostrara amistoso, muito pelo contrário. Ele nunca tinha inspirado simpatia nas crianças, nem sequer nos filhos do seu irmão Shariar, que o evitavam. No caso de Jérôme – agradava-lhe o nome –, acontecia o contrário; a criança comportava-se como se estivesse subjugada por ele. Continuou a andar, com a mão de Jérôme no seu punho, como se nada tivesse acontecido. Se Amélie e Alamán se davam conta da situação, fingiam não ver.

– E esta casa – continuou a religiosa a explicar –, foi construída com o dinheiro de Shariar. Aqui vivem as mulheres acolhidas, as maiores vítimas da violência no Congo Oriental.

– E aquela casinha? – interessou-se Alamán.

– Aí vivem dois senhores, a quem os interahamwes despojaram de tudo, das famílias, de suas casas e das suas aldeias. Eles tratam agora dos trabalhos de manutenção.

Al-Saud sentiu o puxão na mão, mas fingiu não se dar conta disso, até Jérôme, além de lhe sacudir o braço, lhe ter fincado o indicador na perna.

– O quê?

– Quero mostrar-te uma coisa.

– Agora não porque Amélie me está a mostrar...

– Vem, por favor.

Ficou a olhar para ele. «É bonito», pensou, «e muito doce.» Esmagava-o a ternura que lhe nascia no peito como um calor latente. Num primeiro momento, tinha odiado este menino por suscitar em Matilde um amor desmesurado ao ponto de o querer adotar. Ela queria Jérôme para sempre ao seu lado, mas abandonara-o a ele. No entanto, nesse instante em que o menino o observava com uns olhos cheios de decepção, teve um impulso louco: desejou abraçá-lo.

– Está bem, leva-me onde quiseres.

Minutos depois detiveram-se num jardim circundado por um gradeamento branco de madeira. Jérôme abriu a porta e entrou.

– Aqui está enterrada a minha mamã. A minha verdadeira mamã, a que me teve na barriga.

– E essa cruz, é para quem?

– É para a minha irmãzinha Aloïs. O meu papá também está morto. Mataram-no

uns homens maus.

– Sinto muito.

– Sim.

– Gostas muito de Matilde?

– Sim! – respondeu e voltou a cabeça para olhar Eliah nos olhos. – E ela ama-te muitíssimo. Disseme um dia.

– A sério? – Jérôme assentiu, novamente com a vista cravada nas campas de Alizée e Aloïs. – E porque te disse?

– Eu perguntei-lhe porque estava a chorar.

– Matilde chorava?

– Muitíssimo!

A inquietação de Al-Saud levou-o a colocar o joelho no chão e obrigar Jérôme a voltar-se para lhe dar atenção.

– Porque chorava Matilde? Lembras-te, Jérôme?

– Sim. Chorava porque tu estavas a morrer. E tu és muito bom, Matilde disseme.

«Não o suficiente.»

– Quero mostrar-te outra coisa.

– Outra coisa? – repetiu Eliah, sorrindo pela primeira vez. – Está bem, mostra-me.

– Vem.

Levou-o até ao quarto do orfanato, aquele que partilhava com outros dez meninos, que o viram avançar até à cama de Jérôme com expressões de medo, impressionados com o tamanho e com a expressão pouco amistosa do amigo de sœur Amélie.

Jérôme tirou, de baixo da sua cama, uma caixa que não tinha mais de cinquenta centímetros de largura, calculou Al-Saud.

– Esta caixa foi um presente de sœur Tabatha. – Jérôme levantou a tampa com reverência. Via-se roupa cuidadosamente dobrada e guardada. – Tudo isto me ofereceu a minha mamã.

– Matilde?

Jérôme assentiu, estendendo uma T-shirt sobre a cama.

– Esta é a minha preferida.

– É muito bonita – concordou Al-Saud, que teve de avaliar e dar opiniões sobre cada peça de roupa.

Para uma criança como Jérôme, refletiu, aquela roupa era um grande tesouro.

Enterneceu-o a forma como a dobrava e a colocava no lugar, com cuidado e com um ar concentrado.

– Matilde deve amar-te muito para te ter oferecido tanta roupa.

– Adora-me.

– Adora-te? – repetiu Al-Saud e arqueou as sobrancelhas e a comissura esquerda.

– Sim, ela disseme. Sabes o que significa?

– Não, a verdade é que não sei – mentiu Al-Saud, sem saber que, desde o dia em que Matilde lhe tinha explicado, Jérôme repetia as palavras para as decorar.

– Quer dizer que pensa sempre em mim, que quer que eu esteja bem, que se preocupa comigo. – Hesitou, como se tivesse esquecido uma linha de um discurso. – Ah, sim! Que gosta de estar comigo, que gostaria de estar sempre comigo – moveu a mão para sublinhar o «sempre» – e que não quer separar-se de mim, nunca. Ama-me com todo o seu coração.

Sem reparar na inveja que a sua declaração despertou em Al-Saud, Jérôme meteu a mão de baixo da almofada e tirou uma caixinha de madeira. Abriu-a e observou o conteúdo antes de o erguer para o partilhar com o amigo de Matilde.

– É uma madeixa de cabelo da minha mamã. Ela deu-ma.

As emoções que se agitaram no seu íntimo foram muitas e de índoles diversas. Ciúmes, raiva, tristeza, ternura, amor, cobiça, desespero. Houve um tempo em que se considerava dono de Matilde, de toda ela, dos seus olhos prateados e também do seu cabelo inacreditável, que lhe chamara a atenção no aeroporto de Buenos Aires. Sentiu uma saudade tão funda e visceral de Matilde que não conseguiu evitar que os seus olhos se tornassem doces e aguados.

Ao descobrir as lágrimas de Eliah, Jérôme pegou na madeixa de cabelo entre o indicador e o polegar e, com um movimento delicado, levantou-a até a colocar diante de Al-Saud.

– Ofereço-ta, Eliah.

Al-Saud agitou a mão e pigarreou.

– Não, não, Jérôme, é tua – disse com a voz afetada. – Deves conservá-la.

– Quando eu estava muito triste, olhava para o cabelo e desaparecia a vontade de chorar porque deixava de pensar em coisas tristes e pensava em Matilde.

Sentiu um impulso: querer tocar-lhe. Estendeu a mão, acariciou-lhe o cocuruto áspero e depois desceu até lhe cobrir a bochecha gorducha.

– Já sei porque Matilde te ama tanto, Jérôme. Porque és um menino muito bom. Olha, quero oferecer-te uma coisa para que te lembres de mim. – Tirou da presilha das calças de ganga o seu chaveiro Mont Blanc, de cabedal preto e ouro branco, de

onde tirou as chaves da sua casa da avenida Elisée Reclus antes de o entregar a Jérôme. – Para que, quando fores grande, possas pôr aqui as chaves da tua casa e do teu carro. Gostas?

– Ai, muitíssimo! – garantiu, sem afastar os olhos do chaveiro, que examinava de todos os ângulos. – Obrigado, Eliah! – exclamou e, sem lhe dar tempo de reagir, atirou-se-lhe ao pescoço e beijou-o na cara.

Eliah emocionou-se ao ver que Jérôme guardava o chaveiro junto da madeixa de cabelo de Matilde, na caixinha de madeira. Achou o gesto simbólico, como se, de alguma forma, o menino os tivesse aproximado.

Capítulo 12

Talvez, disse Nigel Taylor para consigo, o seu regresso precipitado à região dos Grandes Lagos se relacionasse com questões que nada tinham a ver com Nkunda e os seus rebeldes, mas com Matilde. Tinha saído do Congo a 8 de maio e a 20 já estava de volta. Admitia-o, estava louca e profundamente apaixonado pela médica argentina, a ponto de ter posto de parte Al-Saud e a sua vingança para pensar só nela, para poder partilhar o espaço que ocupava, respirar o mesmo ar, arrancar-lhe um sorriso, obter a sua aprovação. Não se tratara de um processo forçado ou premeditado, mas de um sentimento que, com subtil firmeza, lhe arrancara do coração a raiva aí alojada durante tantos anos.

Tinha a perna para Tanguy e propor-lhe-ia irem juntos a Masisi entregá-la. Pagara uma fortuna para que o ortopedista a fabricasse rapidamente e não via a hora de a entregar para receber a sua recompensa: um olhar doce que transmitisse admiração.

No entanto, teria de esperar para a ver. Essa quinta-feira, 21 de maio, seria dedicada a Nkunda e, à tarde, aceitaria o convite de Gulemale. Entrou na tenda e, embora o gerador fizesse um ruído endiabrado, agradeceu que desse eletricidade para o ar condicionado. Ainda não eram dez da manhã e essa região do Congo Oriental parecia uma sauna. Tinha a pele pegajosa e suada.

O general Laurent Nkunda, que falava pelo telefone por satélite, sorriu ao vê-lo e convidou-o a sentar-se com uma sacudidela da mão. Embora falasse em francês, língua que Taylor não dominava, percebeu que conversava com um distribuidor de coltan em Bruxelas. De facto, acabara de ver descolar o avião que, segundo Osbele, transportava mais de quinhentos quilos do mineral cobiçado pelas companhias de eletrónica.

– Em Walikale – o enfermeiro referia-se a uma cidade cujos arredores eram particularmente ricos em coltan –, encontraram um veio gigante. O general pôs os rapazes a trabalhar duro e o resultado foi inacreditável.

Taylor não teve dificuldades em imaginar o que o eufemismo «pôr a trabalhar duro» escondia. Sabia que Nkunda, tal como os mai-mai e os interahamwes, sequestrava crianças para os escravizar nas minas e os punha sob vigilância de homens armados com AK-47 e chicotes de pele de rinoceronte.

Nkunda continuava a falar ao telefone por satélite e Taylor começou a sentir desprezo pelo homem bem-vestido, de pele brilhante e saudável, que tinha à frente. «Eu não sou melhor do que este munyamulengue», admitiu, porque, apesar de estar a par dos abusos que Nkunda perpetrava, mantinha o acordo, não só pelo dinheiro envolvido, mas porque esse era o seu ofício – não sabia fazer outra coisa.

– Desculpe tê-lo feito esperar, senhor Taylor – disse o general congolês, com modos impecáveis e um sorriso, quando acabou a chamada.

– Esse é o mapa da região dos Grandes Lagos? – perguntou o inglês, apontando

para uma folha estendida sobre a mesa.

– Sim. Venha, aproxime-se. Estava a estudá-lo com os meus comandantes, tentando estabelecer qual é a mina que o governo de Kinshasa cedeu à joint venture sino-israelita.

– Alguma notícia do seu espião em Kinshasa?

– Sim. Segundo o nosso informador, a mina situa-se nesta região. – Com uma esferográfica Waterman, traçou um círculo sobre uma área que compreendia as cidades de Rutshuru e Walikale.

– Essa é uma área muito extensa – comentou Taylor.

– É verdade – concordou o general munyamulenge –, mas nesta área só há quatro minas de coltan, duas das quais estão sob o nosso controlo. Esta e esta. – E apontou para dois pontos próximos de Walikale. – Se quiserem apropriar-se de alguma delas, verificarão que estão muito bem vigiadas.

– As outras duas – quis saber Taylor –, onde estão localizadas?

– Uma aqui e outra ali.

– Ah. Perto de Rutshuru. Esta zona pintada a verde mais escuro, o que é? O Virunga?

– Exatamente – respondeu Nkunda –, o Parque Nacional Virunga.

– Porque não se apoderou dessas minas primeiro?

– Porque as outras são mais rentáveis e o coltan está mais à flor da terra. É um trabalho quase artesanal aquele que se utiliza para extrair o mineral. Não dispomos de grande tecnologia.

– Existe a possibilidade de os estudos de prospeção dos israelitas terem encontrado minas que o senhor não conhece, general?

– Sim, existe essa possibilidade, embora a considere remota.

– Onde fica a pista na qual os seus homens surpreenderam o grupo da empresa israelita? – Nkunda apontou para um ponto a norte de Rutshuru. – Ah. Por uma questão de proximidade, poderíamos inferir que a mina a explorar será esta – disse o inglês.

– Sim e não – contradisse-o o general –, porque nesta zona só existe esta pista. Poderia ser usada para ir para esta mina ou para aquela outra, indistintamente.

– Bem. – Taylor acariciou o queixo, com os olhos postos no mapa. – Necessitarei de uma das suas unidades para ir até ao terreno – comunicou, movendo o indicador de uma das minas não exploradas para a outra. – Preciso de fazer um trabalho de reconhecimento, por isso gostaria que me acompanhassem pessoas que conheçam a zona como a palma da sua mão.

– Quando chegam os seus homens, senhor Taylor? – Nkunda não se esforçou por esconder a ansiedade.

– Depois de verificar as condições do terreno. – Viu as horas. – Agora tenho de me ir vestir. Madame Gulemale espera-me em sua casa e, segundo Osbele, o caminho é longo e lento.

– Eu também fui convidado por madame.

– Nesse caso, iremos juntos – decidiu o inglês.

Matilde iria porque Joséphine lhe pedira com fervor e medo no olhar, embora tivesse preferido não se sentir na obrigação de pedir licença a Vanderhoeven para sair do hospital duas horas antes. Juana iria por Joséphine e porque adorava festas.

– Quem diria que teríamos uma festa no Congo? Party, party, party – exclamou, sentada no toucador de Joséphine e usando a maquilhagem dela. – Toma, José – e entregou-lhe um frasco –, cobre as olheiras de Mat, que parece uma morta.

Matilde, que raras vezes se maquilhava, permitiu-lhe fazê-lo porque, na realidade, as olheiras traziam-lhe memórias da época da quimioterapia. Até lhe permitiu pôr-lhe máscara nas pestanas, cor nas faces e um brilho rosado nos lábios.

– Não te porei base porque a tua pele não necessita. Além disso, cobriríamos as sardas do nariz, que são adoráveis.

– Maquilhas muito bem, José – comentou Matilde.

– A minha irmã Aísha e eu fizemos um curso em Paris, há uns anos.

– Que chique! – disse Juana.

– Estás bonita, Mat. Nunca pensei que as tuas pestanas fossem tão compridas.

– O que acontece – interveio Juana – é que, como são louras, são transparentes. De quem é a festa, José?

– É o aniversário da minha mãe.

– É hoje mesmo, 21 de maio?

– Sim, mas ela não faz referência a isso porque detesta que comecem a especular sobre a sua idade. Limita-se a organizar uma festa e a divertir-se.

– Quantos anos tem?

– Não sei – admitiu a congoleza.

– Não sabes a idade da tua mãe?

– Ela diz que não sabe com certeza quando nasceu.

– Mas se sabe em que dia faz anos...

– As freiras católicas que a acolheram no orfanato de Kinshasa onde se criou,

escolheram o dia 21 de maio porque foi o dia em que a encontraram abandonada nos arredores do convento. Era uma recém-nascida.

– E isso foi em que ano? – insistiu Juana.

– A minha mãe nunca quis dizer-nos, nem à minha irmã, nem a mim.

– Os teus pais estão divorciados, não é verdade? – interessou-se Matilde.

– Sim, desde que éramos crianças.

– É estranho não viveres com a tua mãe – comentou Juana.

– Viver com a minha mãe! – Joséphine riu-se do comentário, como se este fosse um disparate. – Não, impossível. A minha mãe é uma mulher muito particular. Além disso, foi ela quem saiu de casa e nos abandonou.

– No entanto, agora vais vê-la.

– Porque chora sempre ao telefone quando recuso os seus convites e me parte o coração. No fundo, creio que está só e triste.

Joséphine viu as horas e levou a mão à testa.

– Vite! Já são seis horas. Vamos chegar tarde e a minha mãe detesta as faltas de pontualidade.

Nigel Taylor e o general Laurent Nkunda chegaram à mansão de Gulemale escoltados por um jipe com quatro soldados. Passaram o portão depois de os guardas, com M-16 a tiracolo, controlarem as identificações. Nigel detetou câmaras de vigilância que se moveram para seguir o percurso dos veículos e viu também o paredão de três metros que se erguia de ambos os lados do portão de chapa, possivelmente blindada, e que desaparecia de vista, engolido pela espessura da vegetação; havia arame farpado no cimo do muro. Pouco depois de começarem a subir um caminho pavimentado a pórfiro, avistaram a casa, uma construção moderna, de um piso, que, à vista desarmada, se caracterizava pela abundância de vidraças de vidro fixo sem cortinas, como se o interior estivesse exposto e não guardasse nenhuma intimidade. O design arquitetónico, de linhas duras e revestimento em pedra rústica, dava uma ideia de frieza, soberba e sumptuosidade, adequada à personalidade da proprietária. Taylor prestou atenção aos homens, alguns deles brancos, que, atrás dos seus óculos de sol, vigiavam o edifício, sempre com as M-16 a tiracolo, walkie-talkies na mão e ar atento.

Viam-se vários automóveis no local destinado ao estacionamento, todos eles caros e salpicados de lama vermelha. Taylor e Nkunda saíram da carrinha, e dois empregados, vestidos com casacos azuis e bermudas cinzentas, conduziram-nos até à zona da piscina, onde já se concentrava um grupo de gente barulhenta, homens maioritariamente. Frédéric, o assistente de Gulemale, veio recebê-los e, antes de os cumprimentar, levantou a máquina e tirou-lhes duas fotografias.

– General, farei uma cópia para lhe enviar. É invulgar vê-lo tão elegante num fato.

– O uniforme fica-me melhor.

– Sem dúvida! Entre, general, sirva-se do que quiser. Divirta-se. Ah, querido Hansen! Vem, aproxima-te! Quero apresentar-te o general Nkunda. General, este é Hansen Bridger, irmão de Alan, seu amigo.

– Sim, sim – disse o general, estendendo a mão, que Hansen apertou com firmeza.

– Um grande amigo. Lamento tanto a sua perda. Sinto muito, senhor Bridger.

– Obrigado, general.

– Gulemale juntar-se-á a nós dentro de momentos – interveio Frédéric. – Vou avisá-la de que chegaram.

Frédéric subiu pela rampa suave que dava para a mansão. Parou abruptamente, levantou a máquina fotográfica e disparou várias vezes na direção de uma janela, a da biblioteca: Eliah Al-Saud e Gulemale debatiam-se num beijo que deixava a mente em branco. Frédéric riu-se de uma forma afetada sem afastar a máquina da cara.

Dentro de casa, Eliah perguntou a si próprio porque beijava Gulemale. A sua anfitriã assediava-o como uma cadela no cio, e de forma agressiva.

– Ontem à noite esperei até tarde por ti no meu quarto – censurou-o.

– Disse-te que estava cansado.

– Porquê? O que estiveste a fazer?

– Gulemale, há muito tempo que não dou explicações a ninguém.

Depois de se vestir para a festa, Gulemale pôs de lado o aborrecimento e, de uma atitude combativa, passou a outra sedutora. Encontrou-o sozinho, na biblioteca, a meter o nariz nos livros, e aproximou-se por detrás. Passou-lhe a mão aberta pelos glúteos, firmes sob o pano leve das calças, e excitou-se por ele continuar a ler sem se voltar e sem dizer uma palavra, como se continuasse sozinho. No entanto, sentia o ligeiro endurecimento dos músculos e, quando enfiou o dedo grande e desenhou o vinco das calças, ouviu-o inspirar. Sorriu com ar triunfal.

Al-Saud devolveu o livro à estante e deu meia-volta. Encontrou os olhos negros da anfitriã, que não pestanejava e que continha a respiração. Passou-lhe uma mão pela nuca, outra pela cintura e colou-a ao seu corpo para a beijar. Porque o fazia? Para castigar Matilde? Porque desejava Gulemale? Porque estava entediado? Enquanto o beijo subia de tom, o desejo nascia na mulher; em Al-Saud, pelo contrário, diluía-se. Farto, afastou-se e, quando Gulemale se moveu para o prender novamente no seu abraço, Al-Saud levantou a mão e deteve-a.

– Olha para mim! – exigiu ela, segurando-o pelo queixo para o obrigar a cumprir a ordem.

– O que queres, Gulemale? – perguntou-lhe com enfado.

A mulher agarrou-lhe nos testículos e no pénis através das calças e apertou-os com cuidado.

– Quero isto. E isto – disse, e deslizou a mão até ao coração – e isto – repetiu, cobrindo-lhe um dos lados da cabeça com a palma aberta. – Quero-te todo, Eliah. – Al-Saud riu-se sem vontade e afastou-se. – O que te fez essa criatura? Despojou-te da tua energia e da tua vontade de viver. Noutra época, já me terias possuído em todos os aposentos da casa e em todas as posições que a mente humana é capaz de inventar. Estaríamos a rir de tudo e de todos.

Al-Saud voltou-se e Gulemale susteve a respiração, comovida com o olhar sinistro e a expressão de Eliah, alterado pela ira.

– Tenho-a cravada aqui – disse, num sussurro de dentes fechados, e apertou o volume sob o fecho das calças – e aqui – deu um murro no lado esquerdo do peito – e aqui – acrescentou, e apoiou a ponta do indicador na testa. – Está a enlouquecer-me.

Gulemale permaneceu imóvel e calada. Só os seus olhos se moviam sobre as feições de Al-Saud, contraídas por uma mistura de raiva e de dor. Levantou a mão e acariciou a face áspera com barba de dois dias.

– Matilde é um ser superior a nós, Eliah. Somos simples mortais, cheios de defeitos e de ambições, ela, pelo contrário, é como se fosse de outra dimensão, mais elevada é verdade. É alguém que está acima das mesquinhas deste mundo.

Al-Saud fechou os olhos e deu um suspiro pelo nariz diante da franqueza de Gulemale e, sobretudo, da verdade contida nas suas palavras.

– Eu conheço uma pessoa assim – prosseguiu a congoleza – e garanto-te que nunca te sentes à altura. Achas que nunca conseguirás atingi-la, que, por mais que subas, só lhe roçarás o calcanhar.

– Mas eu quero-a toda para mim.

– Nunca a terás por completo – profetizou a mulher, voltando-se para a porta. – Vou para a festa. Os meus convidados esperam-me – declarou, sem se voltar, e saiu da biblioteca.

Al-Saud permaneceu uns minutos em recolhimento, devastado pela declaração de Gulemale. Saiu da biblioteca num impulso de rancor. Não gostava do homem em que se tinha tornado. Queria voltar a ser o Cavalo de Fogo, egoísta, sedutor e livre. Com esse espírito, juntou-se à festa que decorria em volta da piscina.

Matilde, Juana e Joséphine chegaram à festa assim que escureceu. Percorreram um caminho de pedra até à mansão, cujas enormes vidraças sobressaíam na penumbra, lançando sobre o exterior um brilho de luz e cores. A música, uma canção com bastante ritmo dos anos 1980, Call me, de Spagna, chegava cá fora e competia com o rumor incansável da selva. Matilde reparou que a festa começara no jardim porque, graças ao refletor que iluminava a zona, descobriu os copos, os pratos, os

cinzeiros e as garrafas vazias que enchiam as mesas dispostas em volta da piscina. Era óbvio que os convidados se tinham transferido para o interior de casa ao pôr do sol, para se protegerem do mosquito da malária, além de que se sentia o cheiro do inseticida com que haviam fumigado o terreno, um luxo a que a maior parte dos congoleses não podia permitir-se. A porta branca, imponente, de dois batentes, abriu-se e da casa saiu uma onda fresca, aromatizada e sonora que as puxou para dentro. Matilde entrou no amplo vestíbulo, sentindo pouca simpatia pela mãe de Joséphine.

Intimidou-a o movimento das pessoas a uns metros. Era um grupo grande, composto especialmente por homens, que se moviam por um amplo salão com copos, charutos e canapés na mão. Riam, bebiam, alguns dançavam. Juana dificilmente controlava a vontade de dançar e agitava os braços e esticava o pescoço, impaciente com Joséphine, que não acabava de cumprimentar o empregado que lhes tinha aberto a porta, perguntando-lhe por cada um dos seus filhos.

Matilde avistou uma cabeleira leonina que lhe provocou inquietação. A mulher deu meia-volta e o seu olhar fixou-se no de Matilde. A perplexidade de Gulemale ao descobri-la em sua casa refletiu-se numa expressão de olhos bem abertos, sobrancelhas arqueadas e lábios que não acabavam de desenhar um «oh». Matilde, pelo contrário, permaneceu imutável enquanto a palidez que lhe roubava a cor das faces lhe tornava a pele fria. Pensou, tal como o fizera naquela vez em Ministry of Sound, que Gulemale lhe fazia lembrar Cruella de Vil.

Gulemale recompôs-se imediatamente e dirigiu-se para o vestíbulo com um sorriso. Matilde, embora continuasse com os olhos fixos nela, não teria sido capaz de reparar que a mulher trazia um vestido comprido e justo de lantejoulas amarelas, uma estola de penas brancas em volta do pescoço e luvas de cetim branco até ao cotovelo.

– Mon Dieu, Matilde! – exclamou, envolvendo-a num abraço.

Matilde sentiu o aroma do Paloma Picasso e logo a acometeu uma pontada de ciúme e de raiva. Não se admirou. Aquela mulher acabava sempre por despertar nela os sentimentos mais vis, nem que fosse por estar a usar o perfume que só pertencia a Eliah e a ela.

– Olá, Gulemale.

– Que surpresa inesperada!

– Vim com uma amiga – comunicou, olhando para Joséphine que, acabada a conversa com o mordomo, se aproximou para cumprimentar.

– Olá, mamã.

– Joséphine! Não me digas que Matilde é tua amiga! – A rapariga assentiu, séria. – Entre as duas venha o diabo e escolha! – Nenhuma delas pediu explicações acerca do significado do ditado. – Como me alegra teres vindo este ano com Matilde e não com o padre Jean-Bosco, como o ano passado. O desgraçado estava tão deslocado...

– Mamã, apresento-te outra amiga, a doutora Juana Folicuré. – Juana estendeu a mão e retirou-a quando Gulemale caiu sobre ela para a abraçar.

– Que coincidência! – tornou a dizer Gulemale, mantendo Juana e Matilde abraçadas. – Como fico contente por saber que te tornaste amiga destas duas jovens maravilhosas!

– De onde conheces Matilde? – Joséphine não abandonava a expressão séria e distante.

– Como nos conhecemos, Matilde? Ah, sim! Numa discoteca em Londres, há uns meses. Ela estava muito bem acompanhada nesse momento. O que fazes no Congo, Matilde? É inacreditável encontrar-te aqui!

– Juana e eu trabalhamos para a Mãos Que Curam.

– Matilde! – A voz de Frédéric abriu caminho entre o bulício. – Gulemale, uma fotografia com a tua filha e as amigas! – vociferou o argelino, e a anfitriã esticou os braços enluvados para rodear as raparigas como uma galinha com os pintos debaixo da asa.

– Olá, Frédéric – cumprimentou Matilde, aceitando os dois beijos da praxe.

Frédéric parou diante de Joséphine e sorriu-lhe com uma expressão malandra a que a jovem respondeu com um olhar duro, sem pestanejar.

– Como estás, José?

– Bem, obrigada. Mamã – voltou as costas a Frédéric, que continuou a sorrir com sarcasmo –, fiz-te o teu pudim de manga, aquele de que gostas.

– Ah, José. – Gulemale passou o braço pelo ombro de Joséphine e apertou-a contra si. – Não é um verdadeiro tesouro?

– O mais valioso – respondeu Frédéric e fotografou-as.

– És tão boa e caridosa como o teu pai. A tua irmã Aísha, pelo contrário, é mais parecida comigo.

– Aísha não se parece nada contigo – exclamou Joséphine, e Matilde apercebeu-se do instante de mal-estar sofrido por Gulemale. Parecia pouco provável que alguma coisa a perturbasse. Todavia, as palavras da filha tinham atravessado o disfarce de mulher de ferro, atingindo-a no coração.

– Saure! – exclamou, com um sorriso, como se Joséphine lhe tivesse feito um elogio.

– Às suas ordens, madame – disse o mordomo.

– Recebe o pudim que José fez e pede a Désirée que o corte em quadrados pequenos e o sirva aos convidados. Todos os meus amigos têm de provar o manjar que José preparou. – Voltou a olhar para Joséphine e, enquanto sorria, observava-a. –

Não sabes quanto me alegra estares aqui esta noite! E com estas amigas maravilhosas. Que alegria teres finalmente amigas! Vives sozinha em Anga La Mwezi. Entrem, entrem. Divirtam-se e sintam-se em vossa casa.

Matilde encaminhou-se, sem vontade, em direção às pessoas, mergulhada ainda no assombro de Gulemale ser a mãe de Joséphine, incapaz de saber de que modo esta descoberta a afetaria. Avançou, com a cabeça repleta de lembranças e de imagens de Ministry of Sound. Como às vezes era assaltada por superstições, disse para consigo que, tal como na noite do seu aniversário em Londres, o encontro com aquela mulher não pressagiava nada de bom. Soube imediatamente que os seus receios não eram infundados. Eliah Al-Saud estava a alguns metros dela, de perfil, sentado numa poltrona, com o cotovelo apoiado no braço do sofá e as costas da mão contra os lábios. Ouvia um comentário do seu interlocutor, sentado diante dele, e, sob o punho, adivinhava-se-lhe um sorriso. Matilde admirou-lhe o pescoço grosso e bronzeado, a barba de vários dias e o cabelo preto e brilhante, cortado rente na nuca; a franja, que conservava a espessura, não tinha gel e caía-lhe sobre a testa.

– Já o vi – sussurrou Juana ao ouvido de Matilde. – Peço-te que fiques calma.

– Estou a tremer.

– Eu estou aqui. – Juana apertou-lhe a mão. – Não te afastes de mim.

– Não posso acreditar que esteja novamente a acontecer – disse, com uma voz estridente, lembrando-se da festa em casa de Jean-Paul Trégart. – Quero ir-me embora.

– Juani! Matilde! – Alamán aproximou-se com grandes passadas, e Juana aproximou-se para o abraçar.

– Cabshita! Meu Deus, Cabshita! Que alegria tão grande! Que surpresa!

Eliah voltou a cabeça na direção do alvoroço e descobriu Matilde. Os seus olhares encontraram-se, encadearam-se, entrelaçaram-se. No curto espaço que os separava, repleto de pessoas, de ruídos, de cores, eles só tinham consciência da presença do outro, como se o resto se tivesse desintegrado, como se a sala estivesse fechada no vazio.

Passado aquele segundo de atordoamento e fingindo parcimónia, Al-Saud voltou a cara para prestar atenção ao funcionário ruandês que lhe contava histórias divertidas acerca de Mobutu Sese Seko, o antigo ditador congolês, e deu mesmo uma gargalhada, sabendo que Matilde continuava com os olhos fixos nele, quando o homem lhe contou que Mobutu, um dos maiores ladrões de que há memória, tinha dito num discurso: «As massas têm de entender que, se todos tratassem de satisfazer as suas ambições, o resultado inevitável seria a anarquia.» Empenhou-se em não permitir que a sua expressão denunciasse a perturbação que a visão de Matilde lhe causara. «O que fazes neste antro de traficantes, mercenários e funcionários corruptos? Porque te expões a este mundo que te devoraria sem que te desses conta?» Ficou imóvel,

tenso, esmagando a boca com o punho até os dentes se lhe cravarem na carne.

A indiferença de Eliah deixou Matilde sem fôlego. Sentiu uma pontada no estômago, como se lhe tivessem dado um murro. Umas mãos suaves pousaram-lhe nos ombros e exigiram que se voltasse. A familiaridade do rosto de Alamán, o seu sorriso carregado de afeto e os seus olhos vivos ajudaram-na a recompor-se.

– Olá, Mat.

– Olá.

Encolheu-se nos braços de Alamán e agarrou-se a ele.

– O que fazem aqui? – sussurrou Matilde. – Não posso acreditar que estou a verte.

– Somos convidados de Gulemale.

– Cabshita – Juana obrigou-os a separar-se –, quero apresentar-te a nossa amiga, Joséphine Boel. José, este é um grande amigo nosso, Alamán Al-Saud.

Olharam-se nos olhos enquanto apertavam a mão e murmuravam um cumprimento. Alamán reconheceu de imediato a jovem que tinha visto há dias no hospital de Rutshuru. Apesar de a ter achado atraente através da lente do seu monocular, de perto a sua beleza africana pareceu-lhe arrebatadora. Sorriu-lhe e obteve uma resposta tímida, apenas um tremor nos cantos da boca e um descer de pálpebras para esconder o olhar da cor do sol.

– Vamos para a festa! – propôs Juana, arrastando-os com o seu entusiasmo até ao local onde algumas pessoas dançavam.

– Não, não – recusou-se Joséphine, quando Juana lhe agarrou nas mãos e a incitou a seguir o ritmo de um tema dos Police. – Não sei dançar, Juani. Por favor, não quero passar vergonhas.

– Deixa-a, Juana – interveio Matilde. – Eu também não tenho vontade de dançar. Anda, José, vamos sentar-nos.

Depois de fazer uma expressão de desgosto em direção a Matilde, Juana pegou em duas taças de champanhe que uma empregada doméstica oferecia e deu uma a Alamán.

– Nunca imaginei beber champanhe no Congo!

– E não é qualquer champanhe – avisou-a Alamán. – É Dom Pérignon.

– Olha! Lagostins panados – disse, roubando dois da bandeja.

– Chegaram hoje num voo de Bruxelas. Saure foi buscá-los ao aeroporto de Goma.

– Não posso acreditar! Aqui não há lagostins? Não, claro que não – respondeu a si própria. – Se não temos gaze nem álcool iodado no hospital, lagostins ainda menos. Desde que não tenham descongelado... – disse, subitamente preocupada.

- Saberemos de madrugada, depois dos excessos – vaticinou Alamán.
- Pelo amor de Deus, Alamán! Conta-me que diacho fazem no Congo.
- Gulemale convidou Eliah a passar uns dias na sua mansão.

– Sim, claro, porque este país está mesmo vocacionado para o turismo. Não me lixes, Cabshita! É um lugar lindo, refiro-me às paisagens naturais, mas a vida aqui é um filme de terror. O papurri não se vai dignar cumprimentar-nos?

- Está com o ministro da Defesa do Ruanda – justificou-o Alamán.

Nigel Taylor não queria acreditar na sua sorte. Contra todos os prognósticos, Matilde acabava de aparecer na receção de Gulemale. Observou-a enquanto acabava os cumprimentos e as apresentações. Era uma mudança radical vê-la sem bata e sem o estetoscópio ao pescoço. Mesmo simples, o seu vestido comprido branco, com renda nos punhos, na cintura e na bainha, e pregas no peito, acentuava-lhe o ar virginal e fazia-a sobressair entre os vestidos excessivos das outras convidadas. Tinha soltado o cabelo e usava-o com a risca no lado esquerdo e uma fina trança no direito. Os seus únicos enfeites eram uma carteira de tecido rústico, que trazia a tiracolo, uns brincos de pérolas e o relógio que já lhe conhecia, preto, com engaste de ouro. Mesmo ao longe, chamava a atenção o impacto que causava um pouco de máscara preta nas pestanas. Os olhos adquiriam um tamanho inacreditável nas suas feições de maçãs do rosto salientes e faces encovadas.

Aproximou-se da cadeira onde Matilde conversava com a filha de Gulemale e colocou-se atrás dela. Apoiou os antebraços nas costas da cadeira e sussurrou-lhe um cumprimento quase ao ouvido.

- Olá, Matilde.

Matilde voltou-se, sobressaltada.

- Nigel! – admirou-se, olhando-o com alegria.

Esse pormenor, verificar que se alegrava por vê-lo, bastou para apagar as más intenções que o tinham guiado, a de provocar ciúmes e raiva em Al-Saud. Viu-se imerso na beleza daqueles olhos prateados e na pureza do seu sorriso. Contornou a cadeira e parou diante dela. Inclinou-se para a beijar na face, e um rasto suave de perfume brincou-lhe debaixo das narinas. Era a primeira vez que não cheirava a álcool iodado ou a sabonete antisséptico. Sentou-se sobre a mesa de centro situada muito perto dos joelhos de Matilde e separou as pernas para que as dela ficassem dentro do triângulo formado pelas pernas dele.

- Nigel, apresento-te Joséphine Boel, uma amiga.

Desde o aparecimento de Matilde, há dez minutos, a mente de Al-Saud precipitara-se num torvelinho de pensamentos obscuros, onde a presença de Nigel Taylor não ocupava um lugar de somenos. Também se interrogava onde estaria o cretino. Se eram um casal, porque não estava com ela na festa? E entre tantas interrogações e

escrúpulos, recriava o olhar que Matilde lhe dirigira, entre atônita, expectante e magoada. Vira-a empalidecer sob os seus olhos e tinha voltado a cara porque um segundo mais tarde teria corrido para a agarrar, beijar e cheirar. Ah, que vontade de provar os seus lábios, desfrutar da suavidade da sua pele! Mas ela não lhe pertencia, agora era de Vanderhoeven.

Um movimento de Taylor alertou-o de que o inglês se punha em movimento em direção à sua presa. Conseguia farejar o desejo que o comandava. Os seus olhos azuis destilavam fome, e rodeou Matilde com uma cadência utilizada por um lobo para paralisar uma ovelha. Levantou-se, indiferente à história que lhe contava o ministro da Defesa do Ruanda, e dirigiu-se para Matilde sem parar diante das empregadas que lhe ofereciam comida e bebida, nem diante dos convidados que o cumprimentavam. Atravessou a sala com a precisão de uma flecha. Alamán e Juana pararam de dançar e seguiram-no com os olhos.

– Nigel – explicou Matilde a Joséphine – trouxe de Londres uma perna ortopédica para um menino de Masisi que tivemos de amputar por causa de uma chaga de Buru... – Uma voz baixa, grave, um pouco áspera, interrompeu-a.

– Matilde.

Voltou-se para a direita e inclinou a cabeça para trás na direção do olhar de Eliah, cujo metro e noventa e dois parecia aumentar nessa posição. Sabia que estava enfurecido e receava-o quando semicerrava os olhos, o sobrolho se lhe franzia e as narinas palpitavam. Ficou inerte a olhar para ele. Era inacreditável tê-lo junto dela, naquela terra distante de África. Observou-o, sem se dar conta, dos pés à cabeça, e agradeceu-lhe a combinação das calças azuis de tecido e da camisola branca de algodão, com linhas azuis nos punhos, no cós e no decote em V. Como lhe ficava justa, fazia sobressair a dureza dos peitorais e dos bíceps. Matilde soube que não trazia nada por baixo porque uma mata de pelo negro espreitava pelo V do decote.

– Vem aqui um momento – Al-Saud expressou-se em castelhano de propósito –, quero falar contigo.

– Porquê? – conseguiu sussurrar, achando a pergunta idiota e ficando com as faces coradas.

Como Matilde não reagia, passou-lhe uma mão pela axila e levantou-a com o esforço que teria empregado para apanhar uma fruta do chão. Matilde abafou uma exclamação e teria caído, enredada entre as pernas de Taylor, se Al-Saud não a tivesse segurado. Taylor, impedido pela saída abrupta da jovem, conseguiu abandonar o seu lugar na mesa passados instantes. Agarrou Al-Saud pelo ombro e deteve-o.

– Al-Saud, não vejo que Matilde vá contigo de livre vontade. Afasta as mãos dela.

– Taylor, não te intrometas entre mim e a minha mulher.

– Matilde não é tua mulher.

– Oh, sim, Taylor – afirmou, com um tom irónico e um sorriso que não suavizava a ferocidade instalada nos olhos –, garanto-te que Matilde é minha mulher.

– Por favor – articulou ela, movendo o braço numa tentativa de se libertar da garra de Al-Saud. – O que se passa? Vocês conhecem-se?

– Sim, conhecemo-nos – foi a resposta sombria de Al-Saud. – E não fazes ideia da índole de Nigel Taylor.

– É ela quem não sabe que tipo de lixo és tu.

– Sei muito bem porque queres aproximar-te da minha mulher.

– Sim, sabes? E contas-lhe tu ou eu?

Al-Saud deu meia-volta e arrastou Matilde até à porta da biblioteca com uma rudeza que a fez reagir subitamente.

– Larga-me! – exigiu-lhe, e a sua ordem misturou-se com o som de um golpe seco e com um gemido de Al-Saud. Matilde deu um grito ao ver-se atirada para um lado quando Eliah a afastou para travar a investida de Taylor.

O rumor dos convidados elevou-se sobre a música e, bastante bebidos, alguns com cocaína no sangue, rodearam Taylor e Al-Saud para incitar a luta. Três gritos de Gulemale detiveram os adversários. Ela interpôs-se entre eles, com os braços estendidos.

– Se tiverem que lutar, que assim seja. Mas fora da minha casa!

Os criados apressaram-se a abrir as portas de vidro e a multidão dirigiu-se para o jardim, escoltando aqueles que prometiam oferecer um bom espetáculo. Alamán tentou deter Al-Saud.

– Deixa-me! Já estou com este filho da puta até aos tomates! É altura de acertar contas com ele! Vai com Matilde – pediu-lhe.

Matilde, contida por Alamán e por Joséphine, observava a luta que se travava diante dela e tentava descobrir de que forma as coisas tinham atingido aquele cariz dantesco. Um homem recebia apostas, enquanto os convidados espicaçavam os adversários como se fossem galos de combate. A situação adquiria proporções de pesadelo. Ainda não se recompusera da surpresa que lhe provocara o facto de Gulemale ser mãe de Joséphine ou de Eliah estar no Congo na qualidade de convidado daquela mulher horrível, e já a forçavam a presenciar uma coisa que detestava: uma luta de socos. Matilde desaprovava qualquer tipo de conflito. Era conciliadora por natureza, detestava a violência física com o mesmo ímpeto com que Al-Saud e Taylor se atiravam um ao outro ao murro e ao pontapé. Não se atrevia a afastar os olhos de Eliah com receio de que lhe acontecesse alguma coisa. Eram ambos excelentes lutadores, isso via-se, e faziam-no com técnica e precisão, o que os tornava mortíferos.

Al-Saud cambaleou depois de um pontapé voador de Taylor, e este aproveitou para se atirar a ele com a fúria de um touro Miura. Al-Saud recuperou o domínio e afastou-se para o lado no último instante. O inglês passou ao largo. Eliah, sem se voltar, espetou-lhe uma cotovelada à altura do rim esquerdo, que o deitou por terra. Taylor caiu de bruços e proferiu um gemido longo e dorido. Tentou levantar-se, mas Al-Saud impediu-o, colocando-lhe a bota sobre a nuca. Taylor ouviu os aplausos daqueles que tinham apostado em Al-Saud e pensou em Matilde, que estava a vê-los, e na humilhação por que estava a passar por causa daquele mestiço filho de uma puta. Tentou mexer-se, sem sucesso. Al-Saud inutilizara-lhe as mãos à altura das omoplatas e, de cócoras, disse-lhe num sussurro ofegante:

– Nigel, já te desferraste montando-me uma armadilha em Mogadíscio e usando aquele jornalista holandês para que escrevesse uma fiada de mentiras a meu respeito que destruíram a minha reputação. Agradece não ter ido à tua procura para te matar. Mas não te metas com Matilde, porque nesse caso nada me deterá.

– Eu não descansarei enquanto não te destruir – prometeu Taylor ofegante.

– Vem atrás de mim, estou mais do que pronto para te fazer frente, mas mantém-te longe da minha mulher. Nigel, juro-te pela minha vida, se tocas em Matilde, arranco-te os braços.

Al-Saud levantou-se, afastou a franja da testa e soube, pela comichão que sentiu na face e no olho direitos que, se não pusesse gelo, no dia seguinte inchariam como uma bola de ténis. Ouviu Taylor começar a mexer-se no chão.

– Não tenho medo de ti, Al-Saud!

– Sim, sim, já te ouvi dizer isso antes – disse, sem se voltar e com um tom de voz condescendente.

O instinto fê-lo parar. Soube que Taylor lhe apontava uma arma a partir do chão. Cravou os olhos em Matilde, ladeada por Alamán e pela filha de Gulemale, e descobriu as lágrimas que lhe deslizavam pelas faces. Era evidente que não se tinha apercebido do movimento de Taylor.

– Guarda essa arma, Nigel. – As suas palavras provocaram em Matilde o sobressalto que pressentira. Alamán deteve-a pelo pulso quando ela tentou mover-se em direção a Eliah. «O que pensavas fazer, meu amor?», perguntou-lhe Al-Saud com os olhos, e uma onda de ternura ocupou o lugar da raiva que ela lhe inspirava ultimamente.

– Nigel! – enfureceu-se Gulemale, aproximando-se. – O que estás a fazer?

– Só um covarde mataria a sangue-frio e pelas costas – declarou Al-Saud. – E eu sei que tu não és desses, Nigel.

«Sim, sou. Não fui capaz de reter a minha mulher e entreguei os meus companheiros em Mogadíscio.» Al-Saud retrocedeu com a vista cravada nos olhos

injetados de sangue do inglês.

– Eliah – disse Gulemale –, vai-te embora, entra em casa, não o provoques. E tu, Nigel, guarda essa arma. Agora!

Al-Saud continuou a avançar até a pistola CZ 75 estar a escassos centímetros da sua perna.

– Eliah! – O grito de Matilde pareceu emudecer a selva. Al-Saud apertou os punhos para deter o impulso de dar meia-volta e olhá-la. Não se distrairia, não cometeria esse erro.

Joséphine reparou no vigor que Alamán utilizava para prender Matilde que, levada pelo desespero, se debatia com uma força impensável para uma mulher do seu tamanho. Ouviu-a murmurar e soube que rezava em castelhano.

Nigel Taylor baixou o braço e guardou a arma no seu coldre axilar. Pôs-se de pé e olhou para Al-Saud fixamente.

– Um dia hei de destruir-te como tu destruíste Mandy – sussurrou.

Al-Saud deu meia-volta e dirigiu-se para casa envolto no murmúrio dos convidados. Ao transpor a porta envidraçada da sala, apercebeu-se de que Matilde se tinha aproximado de Taylor e lhe dirigia umas palavras. Taylor, com os olhos no chão, sacudia a cabeça, com ar compungido, no papel de vítima. Deu um estalo com a língua, desgostoso, e foi até à cozinha à procura de gelo.

– Sinto muito, Nigel. Quanto o lamento! Foi por minha causa.

– Matilde, isto não tem nada a ver contigo, garanto-te. Al-Saud e eu conhecemos há anos e temos dívidas pendentes. Esta noite, o pretexto foste tu. Al-Saud é teu namorado? – Matilde negou com um movimento rápido, enquanto mordida o lábio inferior porque tinha a impressão de que mentia. – Ele não é uma boa pessoa, Matilde. Ele não é bom para ti.

– Deixa-me que te examine as feridas.

– Não é nada – desvalorizou o inglês.

– Senhor Taylor – interveio Nkunda –, creio que a festa terminou para nós. O melhor será sairmos.

Taylor assentiu, apesar de Gulemale o ter convidado a passar a noite na mansão. Regressar ao acampamento àquela hora não era sensato, dadas as condições das estradas. A rapina de Mobutu Sese Seko, mantida durante trinta e dois anos, tinha reduzido a rede de estradas de cento e vinte mil quilómetros a uns meros vinte mil e num estado calamitoso. No entanto, permanecer sob o mesmo teto que Al-Saud estava fora de questão.

– Boa noite, Matilde – disse, saindo mortificado.

Alamán regressou ao interior da casa juntamente com os restantes convidados,

que discutiam os pormenores da briga, bastante impressionados com a destreza dos lutadores. Outros contavam as notas que tinham ganho com a vitória de Al-Saud. As portas de vidro fecharam-se, a música voltou a fazer-se ouvir e as empregadas começaram a circular entre as pessoas, disponibilizando comida e bebida. Tudo decorria com normalidade, como se a luta, com um final quase trágico, não tivesse acontecido.

Avistou-a a um canto, inclinada sobre uma mesa com fotografias, que examinava com um sorriso que lhe formava covinhas ao pé da boca. Joséphine Boel era parecida com Madame Gulemale. No entanto, as suas feições, de linhas mais arredondadas e regulares, conferiam-lhe um ar suave, contrariamente ao ar frívolo e beligerante da anfitriã. Bebeu champanhe e deslocou-se para a observar de outro ângulo. Ainda que fosse alta e magra, tinha um traseiro suculento, que mostrava imprudentemente nessa posição, enfiado num vestido cor de laranja. Alamán reparou na forma harmoniosa como este se erguia entre as suas ancas estreitas, como um pompom de lã. Imaginou-se a dar-lhe palmadas até a pele, de uma tonalidade semelhante à do café com leite, se tornar rosácea. Sentiu um puxão entre as pernas e fechou o casaco para esconder a ereção.

Enquanto se aproximava de Joséphine, parou ao ver que Frédéric lhe fotografava o traseiro, sorrindo com ar malicioso. Pousou a taça num contador antes de encarar o argelino.

– Que diacho estás a fazer?

– Não se nota? – perguntou Frédéric por sua vez, com o olho encostado ao visor. – Ei! – exclamou, quando Alamán lhe arrebatou a máquina. – Como te atreves! – enfureceu-se ao ver, impotente, que expunha o rolo à luz.

Joséphine endireitou-se e, com o sobrolho franzido, observou a situação que se desenrolava à sua frente. Alamán atirou a máquina para uma poltrona antes de colocar o indicador perto do nariz de Frédéric, que respirava de uma forma congestionada.

– Já suportei bastante os Al-Saud – disse, atirando um soco à cara de Alamán, que o deteve com a palma da mão. Frédéric uivou de dor quando os seus dedos rangeram no punho de Al-Saud.

– Comporta-te como um cavalheiro com a filha da anfitriã – ordenou-lhe e empurrou-o ao soltar-lhe a mão. Frédéric cambaleou e caiu na poltrona.

– Não te agradou que fotografasse o rabo de Joséphine? Porque não? É o rabo mais bonito que já vi na vida.

Alamán ouviu o gemido de Joséphine e apercebeu-se de que não conseguiria controlar a ira.

– Pede desculpa à menina Boel – ordenou com uma voz grave e calma.

– Pois! Desculpa? O rabo da menina Boel foi meu as vezes que quis.

– Oh! – exclamou Joséphine ao mesmo tempo que o maxilar de Frédéric rangia sob o punho de Alamán.

– Basta! – interveio Gulemale. – Não tolerarei outra luta em minha casa. Frédéric, levanta-te e retira-te.

Alamán angustiou-se ao encontrar os olhos de Joséphine, que brilhavam como topázios iluminados pelo sol devido ao efeito das lágrimas. Olharam-se com a mesma intensidade com que o tinham feito no instante em que Juana os apresentara. Alamán sorriu-lhe e sacudiu a cabeça numa negativa.

– Não, Joséphine, não chores. Aquele verme não o merece.

– Estou tão envergonhada! – disse, numa voz quase inaudível, e Alamán teve de lhe ler os lábios para perceber.

– José – disse Gulemale, tentando dar-lhe o braço, mas a rapariga impediu-o. – Não lhe dê importância. Já sabes como fica quando bebe.

Alamán reparou que Joséphine evitava estabelecer contacto visual com a mãe. Tremiam-lhe as mãos e o queixo. Teria arrastado Frédéric para o jardim para o afogar na piscina; ajustaria contas com ele no dia seguinte. Nesse momento, interessava-lhe devolver o sorriso a Joséphine. Ficou nervoso quando a rapariga olhou para o relógio e anunciou que já se ia embora. Admirou-se por sentir essa inquietação.

– Não – disse Gulemale –, não podes ir. Acabaste de chegar. É muito cedo ainda. Filha – chamou-a e Alamán apercebeu-se do efeito que a palavra tinha na jovem; como por milagre, a angústia desapareceu-lhe das feições. – Não vás ainda. Nunca estamos juntas. E estou muito feliz por te ter esta noite comigo. Por favor, José.

Gulemale era uma excelente atriz, pensou Alamán, porque do papel de mulher mundana tinha passado para o de mãe extremosa num abrir e fechar de olhos. Joséphine assentiu e Alamán sentiu-se aliviado.

– Alamán – disse Gulemale –, confio-te a minha filha. Sei que és uma excelente companhia. Faz com que se esqueça deste momento desagradável.

– Podes estar certa disso, Gulemale – comprometeu-se Al-Saud e, com o braço estendido, indicou a Joséphine que se sentasse. Chamou uma das empregadas, que lhes apresentou uma bandeja de bebidas. Gostou que Joséphine tivesse escolhido um sumo de ananás. Outra aproximou-se com comida.

– Prove estes, senhor – sugeriu a rapariga. – É o pudim de manga da menina Joséphine. É delicioso.

Joséphine sorriu diante da expressão de prazer, um pouco exagerada, de Al-Saud, enquanto este saboreava o pudim, e tapou a boca para suster uma gargalhada quando ele tirou a bandeja à empregada e lhe disse: «Este manjar fica aqui. É todo para

mim.»

– Obrigada.

– Porquê? – quis saber Alamán.

– Por apreciar o meu pudim.

– É excelente – garantiu, metendo outro bocado na boca. – É uma receita típica do Congo?

– Oh, não. Aprendi-a em Le Cordon Bleu.

– Le Cordon Bleu de Paris? – Joséphine assentiu. – Viveste em Paris?

– Sim. E em Bruxelas, onde estudei interna num colégio. Entre as duas cidades, prefiro Paris, evidentemente. Paris é o meu local favorito no mundo. Adoro percorrer a avenida dos Champs Élysées de manhã cedo...

Alamán ficou absorto com a beleza daqueles lábios carnudos e de contornos definidos, que se moviam sem perder o brilho do batom fúcsia. Achava a sua pronúncia encantadora, com aquele cantar que tinha ouvido entre os nativos, embora mais refinado, que ela não tentava esconder. Gostou que não se esforçasse por imitar o dos parisienses.

– ... não tanto como gostaria porque a administração da cervejeira me toma demasiado tempo e...

– Geres uma cervejeira? – interrompeu-a Alamán, arrebatado de súbito dos seus devaneios.

– Sim. Foi fundada pelo meu avô, no início do século. E também faço a gestão da fazenda da minha família.

– A sério?

– Pareces admirado. Será que não pareço uma mulher capaz de se encarregar de um negócio?

– Não, não – apressou-se a esclarecer Alamán. – Pareces-me tão feminina, tão... mulher, que calculei que te dedicasses a outras coisas mais tradicionais, como cozinhar – disse, erguendo um bocado de pudim. – Admito-o, sou um machista empedernido.

– De facto és, Alamán – censurou-o, risonha.

– Um defeito que estou mais do que disposto a corrigir.

Joséphine afastou o rosto para esconder um sorriso de complacência e o seu cabelo, comprido e liso, pouco habitual numa africana, ao acompanhar o movimento, revelou um pescoço esguio, de pele lisa e perfeita. Alamán sentiu um impulso incontrolável de beijar-lhe o tendão que expunha.

– Adoro esta canção – disse Joséphine e, ao voltar-se de repente, fez Alamán dar um salto, regressando depois à sua posição inicial. – Sabes como se chama?

– I just died in your arms tonight, de Cutting Crew. Vê-se que Gulemale gosta de música dos anos oitenta.

– Não, não é a minha mãe. É Frédéric – murmurou.

– Gostarias de dançar comigo, Joséphine?

Foi assaltado por outro impulso, nascido da ternura que lhe provocou a atitude assustadiça e envergonhada de Joséphine, que olhou para o grupo de convidados, que comiam, bebiam e conversavam, mas não dançavam. Alamán passou-lhe as costas da mão pelo pescoço e viu-a trepidar e baixar os olhos.

– Ninguém está a dançar.

– Que interessa isso? Nós queremos dançar e fá-lo-emos.

Joséphine ergueu a cabeça e olhou para Al-Saud nas profundezas dos seus olhos, séria, segura, enquanto um formigueiro que não sentia há anos lhe invadia o estômago. «É tão atraente», pensou, enquanto um sorriso amplo, de lábios separados, dentes brilhantes e covinhas que ladeavam a boca, dava brilho aos seus olhos de topázio.

– Mon Dieu, Joséphine... És tão bonita. – Alamán riu-se ao vê-la corar e passou-lhe os dedos pela cara, incapaz de reprimir o desejo de tocá-la. – Quero dançar contigo. Por favor – suplicou-lhe, e ela assentiu e aceitou a mão que ele lhe oferecia.

A canção não era lenta, porém, os dois aproximaram-se para a dançarem encostados. Não houve um instante de dúvida ou hesitação quando a necessidade de pôr os seus corpos em contacto os levou para os braços um do outro. Depois de contornar a cintura de Joséphine e de lhe pegar na mão para a pôr sobre o seu coração, Alamán soltou a respiração. Deu-se conta de que estava nervoso como um inexperiente. Talvez, disse para consigo, no sentimento que esta rapariga lhe inspirava, fosse de facto um inexperiente.

Juana batia à porta da casa de banho e pedia a Matilde para sair.

– Vou sair quando me disseres que Joséphine está pronta para se ir embora desta casa. Não vou voltar à festa. Não quero cruzar-me com Eliah. Não quero voltar a vê-lo na minha vida! Foi grosseiro com Taylor. E comigo.

Um convidado aproximou-se e interrogou Juana com os olhos.

– Mat, está aqui um senhor que precisa de ir à casa de banho.

Ouviu-se o ranger da fechadura e a porta abriu-se. Matilde saiu com o ímpeto de uma ventania e Juana, depois de erguer os olhos para o céu e suspirar, seguiu-a.

– Para onde vais? – perguntou-lhe.

– Vou à procura de Joséphine. Vamo-nos embora agora. Amanhã tenho uma cirurgia de fístula e não quero que o doutor Gustafsson veja que estou com olheiras e maldormida.

– Não vês que Joséphine está a conversar com Alamán? – censurou-a, apontando para um canto da sala. – Parece estar muito contente. E ele também, que não deixou de olhar para ela desde que chegámos. Serias uma egoísta se lhe pedisses para ir. Sabes que é mais boazinha do que a Lassie em coma e que, só para te fazer a vontade, iria. Mas não seria justo para ela, que está tão sozinha e conhece tão pouca gente do seu nível para se divertir.

– Está bem! Espero por ela no carro.

– Com o amargo do Godefroide?

– Prefiro Godefroide a deparar novamente com Eliah. Deixa-me sair daqui antes que me cruze com ele.

– Não vais despedir-te da mãe de Joséphine?

– Não – respondeu e, depois de pedir a uma empregada a sua shika, pô-la a tiracolo e saiu de casa.

– Que festa de merda – murmurou Juana, que se debatia entre seguir a amiga e dar uma oportunidade à festa que tanto a entusiasmara poucas horas antes.

– Juana, onde está Matilde?

Al-Saud sobressaltou-a, pondo-lhe a mão em redor do pescoço.

– Olá, Eliah. Como estás? Também tenho muito gosto em ver-te de novo depois de tanto tempo.

– Olá, Juana – disse Al-Saud, sorrindo com uma expressão contrita. – Desculpa-me.

– Sim, desculpo-te por te teres comportado como um imbecil e um mal-educado desde que chegámos.

– Fiquei bastante surpreendido por vos ver.

– A nós, pelo contrário, não se nos moveu um pelo. – Al-Saud baixou a cara e riu-se sem vontade. – Eliah, Matilde ficou gelada quando te viu. Tremia como uma folha. Encontrar-te aqui, na casa de Gulemale! Neste país de merda! Que diacho achas que sentiu?

– Porque não veio Vanderhoeven?

– O quê?

– Vanderhoeven, o belga.

– Sim, já sei que Auguste é belga. O que se passa com ele?

- Porque não veio esta noite com Matilde?
- E porque deveria vir com Matilde?
- Onde está?
- Mat? Não aguentou mais e foi para o carro esperar.
- Está sozinha lá fora?
- Não, Godefroide, o motorista de José, está com ela.
- Merde!
- O que se passa? – Juana correu atrás dele. – Deixa-a, Eliah! Não vás chateá-la. Não me liga nenhuma! Eliah! Ah! – Assustou-se quando Al-Saud parou de chofre e rodou sobre si próprio.
- Em que carro está?
- Que noite de merda!
- Juana.
- Naquele Grand Vitara vermelho.

Matilde agitava o leque, oferta de Joséphine. Parou o movimento ao avistar a figura de um homem que se aproximava do estacionamento a passos rápidos. Ela teria reconhecido aquela forma de andar entre um milhão de pessoas. Endireitou-se no assento traseiro, nervosa, porque mesmo àquela distância sentia a raiva que dominava Eliah Al-Saud. Fingiu aborrecimento quando o homem abriu a porta e lhe ordenou em francês:

- Sai agora mesmo e entra em casa.
- Papurri, que se passa contigo? Porque não te acalmas um pouco? Porque falas com ela assim?
- Como queres que fale com ela quando a encontro a namoriscar com aquele imbecil do Taylor?

Godefroide Wambale, tão alto como Al-Saud e mais robusto, pespegou-se diante do homem que se atrevia a maltratar a doutora Matilde.

- Vou pedir-lhe que se retire, senhor.
- Oh, está bem, Godefroide – interveio Matilde para evitar outra briga –, não há problema. Irei com ele. – Saiu do veículo e dirigiu-se depressa para casa.

Al-Saud e Juana iam atrás. Eliah via-a avançar com aquele ar entre ofendido e iracundo que a levava a sacudir o traseiro que o enlouquecia e do qual se sentia dono porque tinha tocado nele, o tinha lambido, mordido, batido e que queria penetrar. Emocionava-o tê-la novamente tão perto. Que saudades tivera! Como precisava dela para ser feliz! Apesar da raiva, enlouquecia-o a emoção de tornar a vê-la ou a

expectativa de poder beijá-la ou tocar-lhe.

Matilde esperou por ele à porta com os braços cruzados e uma expressão de indignação.

– Daqui não saio – garantiu-lhe, quando ele lhe pousou a mão no ombro para a fazer entrar. – Não penso entrar nessa casa de loucos.

– Vamos até ao meu quarto para falarmos tranquilamente – disse ele, comedido e conciliador.

– O quarto que estás a partilhar com Gulemale? Não, não vou.

– Não estou a partilhar o quarto com ninguém.

– Deixo-vos sós – disse Juana, entrando.

– Por favor, Matilde. Não quero falar aqui.

– Falar? Acerca de quê? Quando cheguei à festa não parecias disposto a... já nem digo conversar comigo, simplesmente a cumprimentar-me.

– Como conhecestes Taylor?

– Não tenho que dar explicações. Larga-me! – exigiu-lhe, quando Al-Saud, novamente colérico, a agarrou pelos braços, à altura das axilas, e a obrigou a ficar em pontas de pés.

– Não quero que voltes a vê-lo – exigiu-lhe, mostrando os dentes. – Aquele filho da puta odeia-me e quer magoar-te para me atingir.

– O que tenho a ver contigo?

– Matilde – disse, com os olhos fechados, procurando um pingo de sensatez a que agarrar-se –, suplico-te, afasta-te desse tipo. É um filho da puta perverso.

– É um bom homem. – Matilde tremeu quando Al-Saud ergueu as pálpebras. Os olhos dele estavam negros e odiavam-na da escuridão.

– Devias odiá-lo tanto como me odeias a mim porque ele também é um mercenário.

– Eu sei. – O instante de perplexidade de Al-Saud não significou um triunfo, pelo contrário, a desolação do homem que amava provocou-lhe uma dor física. Sentiu que afrouxava a prisão e que a afastava dele.

– Como sabes?

– Porque ele mo disse pouco depois de nos conhecermos. Ao contrário de ti, não me mentiu nem me escondeu a verdade. E garanto-te que não quer magoar-me para te atingir. Nem sequer sabia que tu e eu nos conhecíamos.

– Pois! – reagiu Al-Saud. – E tu acreditas nisso? Claro que sabia!

– Nunca lhe falei de ti.

– Ele soube-o de alguma forma! Como o conhecestes?

– Apareceu um dia no hospital com um quadro de apendicite. Eu era a cirurgia disponível para lhe fazer a apendicectomia e fi-la. Tirei-lhe o apêndice e ele passou a ser meu paciente. Foi assim que o conheci. Estás satisfeito agora?

A declaração de Matilde destruiu os argumentos de Al-Saud e mergulhou-o num estado de assombro.

– Posso voltar para o carro?

– Matilde...

– Não me toques!

Al-Saud inclinou-se sobre ela, prendeu-a contra a parede e imobilizou-lhe os braços e as pernas com o poder e o peso do seu corpo. Os seus olhos, ainda escurecidos, cravaram-se nos de Matilde com uma intensidade esmagadora e ela, apesar de ter lutado, não conseguiu controlar os soluços que se lhe escaparam dos lábios e que a humilharam.

– Deixa-me – pediu-lhe, sem forças. – O que estás a fazer aqui? Porque tivemos de nos encontrar? Meu Deus! – exclamou.

Al-Saud mergulhou a cara no pescoço de Matilde e absorveu o aroma que a sua pele húmida e quente exalava. Não encontrou a colónia de bebé esperada, embora o aroma o tenha enlouquecido da mesma forma, uma fragrância floral, feminina, delicada, embora intensa ao mesmo tempo. Ter-lha-ia oferecido o cretino ou Taylor?

– Que perfume estás a usar? – perguntou-lhe, e Matilde sentiu o movimento dos lábios dele sobre a sua pele. – Quem to deu?

– Joséphine emprestou-mo – decidiu responder, para o acalmar. – Por favor, larga-me.

– Como se chama? Quero comprá-lo para ti.

– Não – recusou com um sussurro.

– Sim – respondeu ele, com um fervor na voz que se transferiu para as suas extremidades e que Matilde notou no aumento da pressão. – Diz-me como se chama.

– Anaïs-Anaïs.

– Anaïs-Anaïs – repetiu ele, e a sensualidade da sua voz alojou-se-lhe entre as pernas como um alfinete. Aborreceu-a a sua própria debilidade e o descaramento de Al-Saud, que brincava com ela na porta de casa da sua amante africana.

– Deixa-me agora. Não quero outro escândalo. Se Gulemale nos encontra assim, não creio que fique satisfeita.

– Entre mim e Gulemale não há nada.

- Não acredito. Mentiste-me demasiado.
- Tu também.
- Por isso, porque houve demasiadas mentiras, é que tudo acabou entre nós. Deixa-me ir.

Al-Saud ergueu a cabeça e olhou-a nos olhos, afetado pela serenidade com que Matilde se expressara. Como podia falar de um fim entre eles se estavam unidos para sempre, de corpo e alma? Encolerizou-o a sua frieza, e também a sua estupidez, e afastou-se dela recuando dois passos.

- Não quero que voltes a ver Taylor. Fui claro?
 - Basta. Por favor.
 - Taylor é um merda e quer magoar-te.
 - O que aconteceu entre vocês?
 - Uma velha rivalidade.
 - Ele foi muito bom com as crianças do hospital. Doou muito dinheiro para elas.
 - Porque quer impressionar-te!
 - Não interessa. Ajudou duas crianças muito infelizes.
 - O que diria se soubesse que vais para a cama com o cretino do Vanderhoeven?
- Arrependeu-se ainda antes de terminar a frase. A facilidade de Matilde em corar era a mesma que tinha em perder a cor, e ele viu-a empalidecer de uma forma tão drástica que esticou os braços num ato instintivo para a segurar. A tonalidade dos lábios e da pele assemelhou-se, na mesma brancura, à do papel.

- Miserável.
- Matilde, perdoa-me...
- Não! E não voltes a aproximar-te de mim. Deixa-me em paz!

Impotente, viu-a correr na direção do Suzuki Grand Vitara, com o seu cabelo que flamejava e que, ao agarrar a luz da lua, fosforescia na escuridão.

Capítulo 13

Na manhã seguinte, maldormido e de muito mau humor, Al-Saud saltou para o interior do Chevrolet C10 e conduziu como um louco por uma estrada cheia de buracos. Uma barreira de soldados, com que se cruzou no caminho, obrigou-o a parar e a perder alguns minutos ao exigir-lhe a identificação. No fim, Al-Saud tirou alguns dólares e resolveu o assunto. Sabia que, há alguns meses, o governo não lhes pagava o pré e que os homens do exército deambulavam à procura de comida, transformados numa matilha de cães tão selvagens como os interahamwes ou os mai-mai. Os soldados ruandeses e ugandeses também vadiavam por ali e, embora recebessem o salário dos seus governos, tinham ordens para se dedicarem à pilhagem e à violência.

Reiniciou a viagem mais calmo, indiferente à paisagem e às pessoas que se deslocavam pelas bermas do caminho. Um instante de sensatez levou-o a cumprir o seu plano para esse dia: visitar, com Derek Byrne, os arredores da mina de coltan que tinham de garantir para os funcionários de Shaul Zeevi. Não sabia porque ponderava a possibilidade de não ir ver Matilde primeiro ao hospital Rutshuru quando, por mais que a sua mente reprovasse, o seu corpo e as suas entranhas o obrigavam a isso sem que ele pudesse ou quisesse rebelar-se. Matilde ocupava-o por completo. Apoiou o cotovelo na janela, segurou na cabeça e continuou a conduzir com a direita, refletindo acerca do desastre da noite anterior. Bateu com a mão no volante. Tinha imaginado outro cenário e outras circunstâncias para o reencontro. Poucas vezes a vida o apanhara tão desprevenido como no instante em que a descobrira na sala de Gulemale. Contra o seu temperamento, treinado para evitar o efeito surpresa, permitiu que o assombro, os ciúmes e a raiva se apoderassem do seu raciocínio. A partir daí só cometeu erros.

Encontrou Byrne e Ferro montando guarda nos limites do hospital; tinham trocado o veículo para evitarem levantar suspeitas. Amburgo confirmou-lhe que Matilde entrara no hospital depois das oito da manhã e que não voltaram a vê-la. Uma rapariga, tímida como uma gazela e com o garbo de uma lagosta, aproximou-se da carrinha e esperou com os olhos no chão. Ferro explicou a Eliah que se tratava da rapariga da limpeza que lhes dava informações acerca da Dr.^a Mat, e afastou-se para falar com ela. Byrne comunicou com ela recorrendo ao seu suaíli rudimentar porque a jovem não falava bem o francês.

– Diz que a doutora Mat passou o tempo na sala de operações, desde que chegou. Que está a operar neste momento. Esperamos, chefe, ou pomo-nos em marcha para a mina?

– Esperamos – decidiu Al-Saud, depois de ver as horas.

Matilde lavava as mãos na sala pré-cirúrgica junto do Dr. Gustafsson, incapaz de sentir o mesmo entusiasmo de há meses, quando, em Paris, Vanderhoeven e o médico sueco lhe explicavam as complexidades de uma operação de fístula vaginal, e ela não via a hora de chegar ao sítio onde se encontrava nesse instante, prestes a fechar pela

primeira vez a abertura que transformava a vida de Kutzai, a mulher que tinham conhecido no campo de refugiados Kibati-1, num inferno. Desde segunda-feira que assistia a Gustafsson enquanto este operava cinco mulheres por dia, interrogando-o e intervindo nas tarefas mais simples. Por sua vez, Gustafsson vira-a efetuar uma punção para extrair líquido cefalorraquidiano e, no dia anterior, surpreendera-se quando Matilde salvara a vida de um menino com um hematoma intracraniano em consequência de um golpe de machete. Ainda que não fosse neurocirurgiã, mas cirurgiã pediátrica, garantiu que se atrevia a efetuar o procedimento depois de o ter presenciado várias vezes no hospital Garrahan. No de Rutshuru não dispunham de um neurocirurgião e os sinais vitais do menino pioravam a cada minuto; era urgente diminuir a pressão no interior da cavidade craniana. Como costumava dizer Jean-Marie Fournier, no Congo era preciso desenrascar-se com o que havia, ninguém podia armar-se em exigente, pelo que o Dr. Loseke a autorizou a operar o menino.

Felizmente dispunham dos instrumentos necessários a uma angiografia que, colocada à luz do negatoscópio, lhes permitiu examinar os vasos sanguíneos da cabeça do paciente para determinar o que já desconfiavam: que se tratava de uma hemorragia extradural, de um coágulo alojado entre a parte inferior do crânio e a dura-máter, a camada que reveste o exterior do cérebro. Com sorte, um pequeno orifício no osso bastaria para que o sangue fluísse e a descompressão fosse imediata. O risco maior, de danos cerebrais, quase paralisava Matilde. Uma criança com incapacidades físicas e neurológicas não tinha qualquer possibilidade de sobrevivência num contexto como o do Congo. Se não servisse para cuidar do gado ou para trabalhar no campo, a família relegá-lo-ia para o lugar de pária.

O pulso não podia tremer-lhe enquanto abria aquela cabecinha rapada, por isso inspirou profundamente e encomendou-se ao Espírito Santo. Trepanou o periósteo, colocou compressas, fixou o separador autoestático, que manteria o tecido retraído e perfurou o osso. De imediato, o sangue do coágulo brotou do orifício e inundou o campo, e Matilde tratou de aspirá-lo. Limpa a zona, recebeu o aparelho para a eletrocoagulação dos vasos, que se fecharam sem dificuldade. Logo a seguir, uma vez libertada a pressão intracraniana, os sinais vitais do menino começaram a normalizar.

O desempenho de Matilde na sala de operações convenceu Gustafsson de que a médica argentina estava preparada para fechar fístulas e foi o que lhe disse na manhã de sexta-feira, diante de Vanderhoeven, que arqueou as sobrancelhas, assombrado. Com ele, o sueco tinha sido mais exigente e só nessa visita a Rutshuru lhe permitira levar por diante uma cirurgia sem a sua intervenção. Matilde entreviu alguma inveja e ressentimento na expressão do belga, mas encarou-a com a mesma indiferença com que avaliava tudo essa manhã. O que vivera na festa de Gulemale deixara-a inerte e sem lágrimas. Na noite anterior, voltara para o carro de Joséphine e reclinara-se no assento, pondo-se a chorar sem se importar com a presença de Wambale.

Um cansaço, que a acometeu de chofre e lhe deixou as pálpebras pesadas, despojou-a da vontade de chorar e espalhou-se pelos seus braços e pernas, fazendo-a

sentir-se desajeitada e pesada. Estava deprimida, sabia disso, e nem sequer a perspectiva da cirurgia que a esperava lhe devolvia o entusiasmo. Pensou em Jérôme, que veria no dia seguinte, e sorriu debilmente, enquanto levantava os braços para que a enfermeira da sala de operações lhe colocasse o avental de plástico. A mulher olhou para ela e sorriu-lhe por sua vez, porque tinha achado estranho a Dr.^a Mat estar tão calada e taciturna essa manhã.

O caso de Kutzai, a mulher do Kibati-1, era complicado, pensou Gustafsson, seguindo com atenção as mãos da Dr.^a Martínez, que colocava a sonda na bexiga e lhe injetava azul de metileno para comprovar se o fechamento que acabara de efetuar na fístula vesicovaginal era à prova de água. O sueco sorriu ao verificar que não saíam gotas azuis dos lábios da sutura.

Antes de sair da sala de operações, Matilde tirou a máscara e aproximou-se da paciente, que tinha permanecido acordada ao longo da operação, pois haviam usado anestesia raquidiana. Acariciou-lhe a testa.

– Kutzai, correu tudo muito bem – garantiu-lhe em suaíli, de uma forma pausada e pronunciando mal, e a mulher deu um risinho curto, com lágrimas nos olhos.

– Merci – respondeu e, quando Matilde se inclinou para a beijar na testa, a mulher agarrou-lhe nas mãos, já sem as luvas de látex, e pressionou-as contra os lábios. – Deus a abençoe, doutora Mat.

Matilde olhou-a nos olhos, sentindo compaixão e carinho por aquela criatura que tinha sofrido tanta tortura, e a sua dor adquiriu uma outra dimensão, não só em comparação com a de Kutzai, mas porque o facto de ter contribuído para pôr um sorriso no rosto escuro da mulher ter tornado a sua dor mais pequena, insignificante.

Explicou-lhe em francês que, dentro de uma semana, fechariam a fístula retovaginal, que provocava a evacuação das fezes pela vagina. Na terça-feira, estando há um dia no hospital e depois de Gustafsson ter analisado a estenose na parte final do reto, Kutzai tinha entrado pela primeira vez na sala de operações para que Matilde lhe fizesse uma colostomia, uma intervenção pela qual os excrementos terminam numa bolsa colocada fora do corpo do paciente, passo fundamental que preparou Kutzai para a última cirurgia, a que faria passados sete dias, na sexta-feira, 29 de maio.

Quanto à operação que acabara de fazer, disse-lhe que conservaria a sonda para urinar durante quinze dias, passados os quais, com exercícios de cinesiologia, aprenderia a usar novamente a bexiga. Tratava-se de uma etapa difícil porque algumas bexigas se tornavam «preguiçosas» e dava trabalho fazê-las funcionar.

– Kutzai, pensa que só falta uma cirurgia para voltares à tua vida normal. Quero que fiques contente e que continues a ser corajosa.

– Farei o que me disser, doutora Mat. Serei corajosa.

As enfermeiras deslocaram a maca e levaram Kutzai para a sala de recuperação.

Encontraram-se com Auguste no vestiário. O médico belga acabara de operar de urgência um rebelde com um estilhaço de granada no estômago.

– Como te correu? – perguntaram em uníssono, com ansiedade e interesse sincero, e riram-se, e até Gustafsson, um homem bastante sóbrio, deu uma gargalhada.

Chegaram ao corredor com uma disposição melhor do que aquela que os tinha dominado antes das cirurgias. Riam-se e comentavam os pormenores das intervenções.

– Acaba de passar no seu batismo de fogo, doutora Martínez – disse Gustafsson. – Um caso difícil para começar. Felicito-a. Demonstrou uma grande perícia. Eu não o teria feito melhor.

– Foi fácil consigo ao meu lado, doutor – admitiu Matilde –, porque sabia que solucionaria qualquer erro que eu cometesse.

– Amanhã de manhã, quando voltar para Bukavu, irei com a certeza de que deixo dois grandes cirurgiões de fístula em Rutshuru.

– Jean-Marie – Vanderhoeven referia-se a Fournier – está a planear uma viagem a Goma dentro de algumas semanas, para operar aí.

– Isso seria... – Matilde não acabou a frase. No fim do corredor, num charco de luz natural que o embelezava e que lhe aumentava a altura e a dimensão dos ombros, estava Eliah Al-Saud.

Ele vira-a atravessar umas portas de vaivém, escoltada pelo cretino e por um médico branco, mais velho do que eles, com a cabeça completamente grisalha. Riam e conversavam com entusiasmo. Tal como os dois homens, Matilde vestia um fato de cirurgião, composto por umas calças e um casaco turquesa, e trazia ainda a touca e a máscara ao pescoço, que tirou. Ao fazê-lo, arrastou a touca e desfez o coque, pelo que o cabelo lhe caiu pelas costas. O cretino, que ia um passo atrás, admirou o cabelo de Matilde com cobiça, e Al-Saud apertou os maxilares. Obrigou-se a controlar-se para evitar os erros da noite anterior. Magoou-o a dureza que se apoderou do rosto de Matilde quando o olhar dela caiu sobre ele. O homem mais velho e o cretino pararam por sua vez e seguiram o olhar de Matilde. Nessa altura, Al-Saud pousou os olhos em Vanderhoeven, que, depois de uns instantes de perplexidade, lhe devolveu o olhar com evidente antagonismo. Viu que Matilde se voltava para os colegas, lhes dava algumas explicações e avançava na sua direção. Al-Saud foi ao seu encontro, fingindo um ar triunfal, para que o cretino, que permanecia no fim do corredor, se enfurecesse.

Matilde enfiou as mãos nos bolsos do casaco e olhou-o nos olhos, fingindo uma calma que estava longe de sentir: as mãos tremiam-lhe, por isso as escondera, e duvidava de que a sua voz soasse normal. Mantiveram-se em silêncio observando-se, emocionados por estarem tão perto um do outro depois de tanto tempo.

Matilde aborreceu-se por a beleza daquele homem a afetar a ponto de a reduzir a um ser estúpido, sem vontade própria nem domínio, com a respiração acelerada e palpitações velozes que lhe magoavam o peito. Não conseguia acreditar que ainda lhe cortasse a respiração a forma como as madeixas pretas da franja se lhe espalhavam sobre a testa, ou a forma dos seus lábios, ou o osso do maxilar, que se agitava porque ele estava a fechá-los, ou a cor do buço depois de se ter barbeado essa manhã, ou o feitio das suas orelhas, pequenas e encostadas ao crânio, ou a sua elegância, embora vestisse umas calças largas cor de caqui e uma camisola branca. Reparou imediatamente que as pernas das calças estavam enfiadas nuns botins, típicos dos soldados, pensou.

Lutou para não lhe acariciar a meia-lua vermelha que lhe contornava o osso da pálpebra inferior, fruto da luta da noite passada. Aborrecia-a o facto de, em vez de a irritar a sua postura pedante, de pernas ligeiramente afastadas, polegares enfiados no cóis das calças e queixo um pouco levantado, a fizesse derreter-se.

– Olá – cumprimentou-a e ela nem se dignou responder. – Pareces contente. Correu-te bem a cirurgia?

– Sim, muito bem, graças a Deus.

– Graças a ti, que és uma excelente cirurgiã.

– Tu não sabes se sou boa ou má cirurgiã.

– Tu és boa em qualquer coisa em que te metas.

– Para que vieste? Ontem à noite trataste-me como se fosse uma qualquer e acusaste-me de ir para a cama com Auguste.

– Ontem à noite acusaste-me de ter ido para a cama com Gulemale.

– E não é verdade?

– Não.

Matilde forçou um sorriso e encolheu os ombros.

– Desculpa-me. Não me cabia perguntar-te. Não é minha incumbência. Tenho de me ir embora. Dentro de uma hora regresso à sala de operações e quero almoçar.

Voltou-se para se ir embora e Al-Saud prendeu-a pelo pulso, arrastou-a para longe da vista do cretino e ela permitiu porque não queria afastar-se dele. Resultado paradoxal: estava amargurada porque estava feliz. Sentia uma felicidade imensa por o ter de novo junto dela, num lugar impensável, numa altura inesperada, e no entanto desprezava-se por permitir a si própria essa fraqueza. Afastaram-se até um setor silencioso, escuro e afastado, onde as mulheres da limpeza guardavam os seus carrinhos. A única coisa que conseguiu fazer quando ele parou diante dela foi baixar os olhos para se proteger da ascendência daquele olhar.

– Porque ficou Vanderhoeven a olhar para nós? Com que direito o faz?

– Com nenhum direito. Fá-lo e basta. Não é um problema meu como também não é se te deitas com Gulemale ou não.

– Claro que é um problema teu!

– Não, não me interessa.

– Eu não te interesso?

– Não.

– Esta é uma daquelas alturas em que dizes exatamente o contrário do que pensas?

Matilde, teimosa na sua decisão de não olhar para ele, manteve um silêncio condenatório. Fixou os olhos no decote em V da camisola branca, por onde espreitava uma penugem espessa e preta, e imaginou-se enredando os dedos e roçando os mamilos eretos, e às palpações do seu peito juntaram-se as da vagina, que se transformaram numa pontada quando as mãos de Al-Saud lhe rodearam o pescoço e os seus polegares exerceram pressão no queixo para lhe exigir que o olhasse.

– Sim – disse Al-Saud –, não dizes o que pensas. Porque telefonaste para minha casa para saber como estava se não te interesso? Leila disse-me. – Sorriu com malícia quando as faces de Matilde e até o seu nariz enrubesceram. – Só de olhar para ti fico duro. Voltar a tocar-te... meu Deus, Matilde, enlouquece-me. Matilde – suspirou, com os olhos fechados. – Sinto tanto a tua falta, meu amor. – Inclinou-se para a beijar, mas Matilde afastou a cara e, ao fazê-lo, as suas narinas encheram-se de Givenchy Gentleman. Porque não usava A Men, para cumprir a promessa feita em Ministry of Sound?

Al-Saud tentou apoderar-se dos lábios de Matilde, mas ela esquivou-se novamente.

– Não – ouviu-a murmurar. – Não quero. – «Aguenta», disse para consigo e recordou imagens que viviam a atormentá-la, de Eliah e da sua irmã Celia na cama, partilhando uma cópula abrasadora.

– Porque não? – sussurrou ele, e as suas mãos prenderam a cintura dela e colaram a pélvis ao seu vulto, duro, quente e palpitante. – Já não te excito?

– Não – mentiu –, já não.

– Já não? – Matilde reparou que as mãos de Al-Saud se tornavam bruscas e que a sua voz endurecia. – Será que encontraste outro que te excita? O imbecil do belga talvez? Ou Taylor?

Matilde remexeu-se para se libertar.

– Larga-me. Não tenho vontade de ouvir os teus insultos. Com o atrevimento de ontem à noite já tive o suficiente.

Al-Saud abriu uma porta com o pé e enfiou-se, com Matilde nos braços, num quatinho que, pelo cheiro, era o depósito dos produtos de limpeza. O armário,

ligeiramente iluminado graças à luz que entrava pela bandeira, tinha prateleiras com frascos, latas, garrafas e baldes. Al-Saud prendeu Matilde contra a porta, envolveu-lhe a cintura com o braço esquerdo e segurou-lhe no maxilar com a mão direita, fazendo os lábios dela sobressaírem.

– Não te atrevas! Deixa-me! – queixou-se Matilde, com a voz distorcida.

Não se tratou de um beijo, mas de um assalto violento em que a boca dela desapareceu dentro da dele. Literalmente, devorou-a e iniciou um jogo habilidoso, camuflado na ferocidade, até conseguir que Matilde separasse os dentes e o deixasse entrar. Verificou-se uma alteração na respiração de ambos quando Al-Saud conseguiu penetrá-la e iniciar uma luta com a língua dela. Percorreu-lhe as gengivas, os dentes, o céu da boca e cada um dos recantos com a autoridade que lhe conferia a sua situação de dono daquela mulher. Chupou-lhe a língua como o teria feito com um mamilo e introduziu-se profundamente na boca dela até saber que a afogava. Identificou o instante em que Matilde claudicava e se entregava, e a malícia voltou a curvar-lhe os cantos da boca quando as mãos da cirurgiã lhe prenderam a nuca. Reacomodou-a entre os seus braços, beijou-lhe o pescoço e desenhou-lhe as linhas das orelhas com a ponta da língua até a boca dela ir buscar a dele.

Juntamente com a luz ténue que entrava pela bandeira, entravam também os sons do hospital – a sirene de uma ambulância, o choro das crianças, as vozes dos pacientes, as ordens das enfermeiras –, que, no entanto, não bastavam para silenciar os protestos de Matilde ou a respiração impetuosa de Al-Saud.

Eliah enfiou a mão pelo elástico das calças e meteu-a sob as cuecas de algodão até lhe apertar um glúteo. «Por favor», lamentou-se, «como está magra!», e odiou Vanderhoeven com força renovada por explorá-la, e odiou-a a ela com a mesma intensidade com que a desejava e com que a amava por permitir que aquele imbecil abusasse dela. Mergulhou a mão entre as nádegas e acariciou-lhe repetidamente o ânus, para trás e para a frente, com puxões suaves. Matilde estremeceu contra o peito de Al-Saud como que presa por uma descarga elétrica; atirou a cabeça para trás, deu um grito e, mecanicamente, como se estivesse a cair de costas, cobriu-lhe o rosto com uma mão e cravou-lhe as unhas da outra na carne do pescoço. Al-Saud falou-lhe sobre a palma da mão, humedecendo-a, aquecendo-a, roçando-a com os lábios.

– O que foi isso? Um orgasmo?

Matilde limitou-se a assentir, agitada, assombrada, atordoada de prazer. Al-Saud tocou-lhe na palma da mão com a ponta da língua e Matilde retirou-a, pousando-a no ombro dele.

– Jura-me – exigiu-lhe em francês – que só comigo estremeceste assim.

Como ela persistia no silêncio, com os olhos fechados, os lábios pálidos e as narinas dilatadas, Al-Saud continuou a descida da mão até atingir a vagina viscosa.

Matilde rodou a cabeça, encostada à porta, e gemeu debilmente. Al-Saud, implacável, deu um risinho sarcástico e penetrou-a com os dedos indicador e médio, desenhando círculos com o polegar sobre o clítoris inchado de Matilde.

«Porque luto contra isto?», interrogou-se. «Por orgulho? Por vergonha dele? Para me proteger?» Não conseguia resistir-lhe. Soltou um gemido, ou um lamento, e a sua pélvis iniciou um vaivém sobre a mão de Al-Saud contra a sua vontade. Soluçou quando ele parou com a massagem, dizendo-lhe em francês sobre os lábios.

– Quem te excita como eu? – desafiou-a e, para que ele continuasse a friccioná-la, confessou-lhe a verdade, deixando-se arrastar facilmente para a língua dele.

– Personne. – «Ninguém».

– Quem te tocou assim?

– Personne. Por favor! – suplicou, e ele voltou a penetrá-la com os dedos e a beijá-la, retirando-lhe depois a língua da boca e a mão da vagina para lhe provocar uma nova frustração.

– Quem é o único que te excita?

– Tu.

– Diz o meu nome. Não disseste o meu nome desde que voltámos a ver-nos. Di-lo!

– Eliah.

– Outra vez.

– Eliah.

Matilde nem sequer tinha consciência da chantagem. Só queria satisfazê-lo para que ele a satisfizesse também.

– O que significa para ti, Matilde? – perguntou-lhe, mais manso, percorrendo-lhe o rosto e o nariz com a boca, dando-lhe pequenos beijos nas sardas que adorava.

– Tu és tudo.

Os lábios de Al-Saud separaram-se num sorriso triunfal; gostou que o tivesse dito em castelhano. Recomeçou as carícias e o movimento dos dedos dentro dela, com uma lentidão intencional até a levar ao desespero.

– Por favor, Eliah!

– Sim, meu amor, sim.

Não foi uma tarefa trabalhosa e conduziu-a ao alívio em poucos segundos. Matilde quebrou o silêncio da arrecadação com gritos agudos e demorados, mais próprios de quem está a receber um castigo físico. Eliah riu-se, ufano, e desejou que Vanderhoeven, guiado pelos gritos de Matilde, os descobrisse.

Ficou inerte, com a testa apoiada sobre o coração de Al-Saud. A firmeza do corpo

dele e a dureza dos seus músculos reconfortavam-na. As mãos dele, que a mantinham de pé, ainda a excitavam só por lhe transmitirem calor e poder. Não queria ver-lhe a cara. Tinha vergonha, agora que revia os últimos momentos. Manteve-se imóvel e conteve a respiração quando viu que Eliah, depois de pousar os lábios na sua orelha, lhe ia falar.

– Não voltes a dizer-me que não te excito. Mentes com muita facilidade, Matilde. Como consegues estar com Vanderhoeven quando quem te excita sou eu?

Retirou-lhe o apoio, o das suas mãos e do seu corpo, e, sem lhe dar tempo para corrigir o erro, esgueirou-se de lado pela frincha da porta e foi-se embora. As pernas não a sustentaram e ela escorregou até ficar encolhida no chão.

Frédéric levantou-se de mau humor, com uma nódoa negra no maxilar e sem a sua máquina fotográfica ao pescoço. Pouco depois, tomou o pequeno-almoço junto da piscina, escondido atrás dos óculos de sol e com uma expressão de aborrecimento que arrancava sorrisos trocistas a Gulemale e a Hansen Bridger, e olhadelas pouco amistosas de Alamán.

– Onde vive a tua filha, Gulemale? – perguntou-lhe Al-Saud.

– Ontem à noite vi-te muito entusiasmado com ela – comentou a mulher.

– É uma rapariga excecionalmente bonita e agradável. Felicito-te.

– Na verdade, Gulemale – concordou Bridger –, a tua filha é uma preciosidade. Além de ter um encanto angelical. Também eu te felicito.

– Oh, não me felicitem a mim, mas ao pai. Foi ele quem fez todo o trabalho.

– A beleza dela, não duvido, é herança tua – lisonjeou-a Bridger.

– Merci beaucoup, chéri.

– Queria vê-la – disse Alamán. – Vais dizer-me onde vive?

– Não te atrevas a interessar-te por Joséphine – disse o argelino, mas Alamán não lhe prestou atenção.

– Se me deres a sua direção e tiveres a amabilidade de me emprestar um veículo, poderia visitá-la.

Frédéric, ao dar um murro na mesa, fez a loiça tilintar e um copo voltar-se. Pôs-se de pé.

– Já te disse que não te atrevesse a aproximar-te de Joséphine!

Alamán imitou-o, pondo-se também de pé, e a sua cara, habitualmente afável, adquiriu uma expressão sombria e ameaçadora que levou Gulemale a descobrir-lhe enormes parecenças com Eliah. Frédéric retrocedeu quando Alamán avançou na sua direção; era uns centímetros mais baixo e vários quilos mais leve. Ao contrário do

seu irmão mais novo, de corpo magro e atlético, Alamán Al-Saud tinha uma estrutura maciça que o teria feito passar por um peso-pesado do boxe. Começou a arrepender-se da fanfarronice, lembrando-se do soco da noite anterior.

– Por favor, rapazes – interveio Bridger.

– Alamán – disse Gulemale –, pede a Saure que te dê um carro e que te indique como chegar a Anga La Mwezi, a fazenda do meu ex-marido.

– Obrigado, Gulemale – disse, sem afastar os olhos de Frédéric.

Ao contrário da propriedade de Gulemale, com homens armados por toda a parte, a fazenda dos Boel não colocava nenhuma dificuldade à entrada. O portão, uma bonita peça de ferro forjado preto, estava aberto de par em par, e Alamán ficou escandalizado ao verificar que não tinha câmaras de segurança nem sistema de alarme. O seu espanto crescia enquanto o Renault Safrane avançava pelo caminho pavimentado e não encontrava um guarda, nem sequer cães. A casa, uma mansão imponente de estilo senhorial, localizada num terreno com relva bem cuidada, emergiu depois do bosque espesso de palmeiras, bambus e árvores tropicais que ladeava o caminho. Parou o carro ao ver um cavaleiro que se aproximava a galope, com um golden retriever que corria junto dos cascos do cavalo. Saiu ao reconhecer Joséphine sobre o alazão e esperou por ela com um sorriso e os antebraços apoiados na porta do Safrane.

– Olá! – cumprimentou ela, agitada e bonita, antes de desmontar.

– Olá.

– Oh, não, não – recusou Joséphine. – Apertemos as mãos. Estou suada de mais para um beijo.

– Não tem importância – garantiu Alamán. Agarrou-a pela parte mais fina da cintura, atraiu-a a si e beijou-a com ligeireza nos lábios, como se fosse habitual entre eles, como se o tivesse feito dezenas de vezes. Joséphine olhou para ele, perturbada, ao mesmo tempo que as faces se cobriam de uma tonalidade avermelhada. Alamán devolveu-lhe um olhar inocente e um sorriso que lhe embelezava as feições. Por fim, Joséphine sorriu, indecisa, e indicou-lhe onde estacionar o automóvel. Ela ia à frente dele, com as rédeas na mão, dando risinhos cada vez que o cavalo lhe farejava o pescoço ou que o cão saltava para a lamber.

Incontrolável, o olhar dele pousou no traseiro de Joséphine, que as calças de montar bege faziam sobressair de uma forma que lhe provocou ciúmes, porque, irracionalmente, achava que era só dele e que não devia mostrá-lo desta forma. Apercebeu-se de que o comparava com o das suas ex-namoradas e decidiu que nenhum era tão voluptuoso como este. «É perfeito», concluiu. Tal como na noite anterior, não conseguiu apagar a tempo a imagem daquelas nádegas avermelhadas pela ação dos seus dentes e das suas palmadas e sentiu uma ereção. Numa tentativa de apagar o traseiro ruborizado de Joséphine, evocou uma lembrança, impressa a fogo

na sua memória, do dia em que a sua avó Fadila telefonara para avisar que o tio Faisal tinha sido assassinado à saída de uma mesquita em Riade. Antes de voltar a sair do Safrane, o volume sob o fecho das calças tinha diminuído para um tamanho decente.

Joséphine entregou as rédeas a um rapaz e aproximou-se de Alamán, que permanecia junto do carro. A rapariga voltou-se ao ouvir o cavalo relinchar e, no movimento brusco, o botão superior da blusa azul-celeste abriu-se e Alamán pôde observar o nascimento dos seios e a curva turgente que apareciam sob um sutiã com terminações de renda. Inspirou profundamente e pensou de novo na morte do tio Faisal.

– Aborrece-te que tenha vindo sem avisar? – perguntou, enquanto se encaminhavam para casa.

– De todo! Chegaste a tempo de almoçares comigo e com o meu pai. Ele ficará feliz por ter um convidado.

Balduino Boel não revelou o entusiasmo prognosticado pela filha e ela admirou-se por achar que apreciaria a visita de Alamán Al-Saud, tal como apreciara a de Juana, Auguste e Matilde há algumas semanas. Acontece que Balduino, apesar de velho e doente, tinha ainda instintos aguçados e soube que aquele rapaz de sorriso amigável e tamanho de roupeiro tinha aparecido em Anga La Mwezi para roubar o seu maior tesouro.

– Vem, Alamán – disse Joséphine, incomodada com a frieza do pai –, acompanha-me à cozinha para ver como vai o almoço.

Passaram primeiro por uma casa de banho social e lavaram as mãos. Para Alamán era uma novidade a alegria que sentia ao partilhar com Joséphine uma ação tão simples como lavar-se antes de comer. O coração batia-lhe com força. Sentia-se vivo e transbordante de felicidade. Admirou os pormenores da decoração, clássica e acolhedora, com tapetes gobelinos, tecidos de seda e damasco, móveis primorosos, estatuetas de porcelana e jarrões de cristal transbordantes de flores, e em cada pormenor descobriu-a a ela, à sua essência delicada e profundamente feminina. «É tão mulher», disse para consigo, emocionado, quando Joséphine entrou na cozinha como uma rainha e suscitou a admiração e a alegria das suas empregadas, enquanto controlava os cozinhados, o envolvia na degustação e lhe pedia a sua opinião, que ele dava com comentários que faziam rir as cozinheiras. Joséphine acrescentava sal ao guisado, noz-moscada à sobremesa, abria os frigoríficos – havia três –, via o estado das verduras e das frutas, planeava as próximas refeições, verificava se tinham aberto o vinho preferido do pai para acompanhar o pato, acrescentava açúcar, ovos e calvados à lista de compras, e fazia-o com desembaraço, naturalidade e domínio. Alamán, que a seguia com olhos ávidos, murmurou para si: «Quero que seja a rainha da minha casa», consciente de que nos seus quase trinta e quatro anos nunca uma mulher lhe inspirara um pensamento dessa natureza.

Um investigador da CIA não teria desempenhado o seu trabalho de forma tão minuciosa como Balduino Boel durante o almoço. Interrogou-o mesmo sobre o apelido da família para a qual tinha trabalhado a sua avó Antonina em Córdoba, e arqueou as sobrancelhas, sobressaltado, quando Alamán lhe explicou que se tratava da família de Matilde. Balduino foi muito direto no fim do interrogatório:

– Que religião pratica a sua família, senhor Al-Saud? Disse que o seu apelido era saudita, não é verdade?

– Com efeito, senhor.

– São cristãos?

– Não, o meu pai é muçulmano. A minha mãe é católica – acrescentou, tentando justificar o pecado anterior, e desprezou-se por isso.

Balduino franziu o sobrolho e olhou fugazmente para a filha, voltando de imediato ao objeto do seu interesse.

– E o senhor? Por que religião se decidiu?

– Por nenhuma, para dizer a verdade – respondeu Alamán e Joséphine reparou que a paciência e benevolência do seu hóspede se esgotavam. – Criaram-me na fé islâmica, mas nunca me senti atraído pelo Corão.

– Um homem sem religião – murmurou Balduino, afagando o queixo.

– Alamán – intercedeu Joséphine –, gostarias de tomar o café na minha salinha? Tem ar condicionado.

– Adoraria – respondeu, aliviado –, se o teu pai nos desculpar.

– Sim, sim – disse Boel, com ar ausente.

A salinha era o reflexo da dona, feminino, caloroso e bonito, um aposento circular, completamente envidraçado, com chão de mosaicos em xadrez, móveis lacados de branco e uma cúpula de vidros coloridos. Alamán conteve-se ao entrar naquele pequeno aposento, assaltado pelo escrúpulo de macular a perfeição e a beleza do local. Sentiu a fragrância doce da baunilha.

– Que bem cheira!

– Estou a queimar um óleo de essências nesse forninho. A minha irmã envia-mos dos Estados Unidos. Este de baunilha é o meu preferido – explicou, e Alamán reparou que ela se punha nervosa. – Senta-te, por favor.

Uma empregada entrou com uma bandeja, que pousou na mesa, diante dos cadeirões de junco branco. Joséphine agradeceu-lhe em suaíli e dispensou-a. Tremia-lhe a mão quando lhe estendeu a chávena de café.

– Tens um belo aposento.

– Gosto de passar aqui a maior parte do meu tempo livre, que não é muito.

– Como é um dia de Joséphine? – interessou-se Alamán.

Conversaram durante muito tempo e, à medida que decorriam os minutos, ambos sentiam a facilidade com que comunicavam. De repente, Joséphine apercebeu-se de que estava a falar de assuntos que não partilhava com ninguém, apenas com Aísha, como, por exemplo, a sua relação com Frédéric.

– Estavas muito apaixonada por ele?

– Sim.

Alamán pôs os olhos no chão, magoado com a resposta. Aliás, uma dor inesperada porque, ao perguntar, não tinha previsto que os ciúmes o assaltassem e o ferissem.

– O que aconteceu? – perguntou, sem olhar para ela.

– Mentiu-me. Disse-me que me amava e não era verdade. Traiu-me.

– Com outra mulher?

– Encontrei-o na cama com a minha mãe.

A cabeça de Alamán ergueu-se repentinamente e o seu olhar congelou-se no rosto de Joséphine. Parecia tão serena e majestática no cadeirão, com os joelhos unidos, as pernas ligeiramente inclinadas para a esquerda e os olhos fixos no jardim, que Alamán sentiu o impulso de se inclinar diante dela e de lhe beijar as mãos.

– Como é possível que tenhas ido ontem à noite a casa da tua mãe?

– Porque a perdoei. Jesus Cristo diz que é preciso perdoar sempre os que nos fazem mal. A minha mãe pediu-me perdão e eu perdoei-a do fundo do coração, embora às vezes... Achas que sou uma tonta e uma ingénua, não é verdade?

– Oh, não, não – murmurou Alamán, estendendo a mão para roçar a de Joséphine. – Pelo contrário. Admiro-te. Profundamente – sublinhou, e Joséphine rodou o pescoço longo e esguio até os seus olhos dourados encontrarem os verdes dele e lhe cortarem a respiração.

– Obrigada.

Sustiveram o olhar durante alguns segundos e a troca transformou-se numa sensação, simultaneamente prazerosa e insólita, porque não sentiam qualquer incomodidade apesar de se terem conhecido há poucas horas. Para Al-Saud, os olhos de Joséphine, cuja tonalidade constituía um mistério, eram tão loquazes e transparentes como as suas palavras.

– Alamán, és amigo da minha mãe?

– Não, acabei de conhecê-la. O meu irmão Eliah é muito amigo dela. Se fosse amigo da tua mãe, isso iria interpor-se entre nós?

– Não, de maneira nenhuma. Desde que vivi aquela experiência horrível, tentei perdoar, não me encher de ressentimento e de amargura. No entanto, às vezes custa

muito – admitiu, fixando a vista nas mãos, entrelaçadas sobre as pernas, e sentindo um formigueiro quando Alamán as envolveu no seu punho e as apertou num ato de solidariedade. – Gostarias de conhecer o meu jardim? – disse rapidamente, com um sorriso, porque detestava inspirar pena.

Alamán assentiu, sério, e levantou-se. Prestes a sair da salinha, agarrou em Joséphine pelos ombros e exerceu uma ligeira pressão para a obrigar a virar-se. Contemplaram-se antes de Alamán inclinar a cabeça para a beijar. Joséphine afastou o rosto.

– O que se passa? – sussurrou atrás da orelha da jovem, embriagando-se com o Anais-Anais e desenhando com as mãos o contorno das costas até as pousar na cintura dela. – Porque me rejeitas?

– Porque não quero voltar a sofrer. Não quero – repetiu, com uma voz estrangulada.

– Eu nunca te faria sofrer.

– Frédéric dizia a mesma coisa.

Alamán distanciou-se com um movimento brusco e Joséphine não arranhou coragem para o olhar.

– Tu não me conheces, Joséphine, por isso é injusto que me compares com aquele lixo. – Aborreceu-o que continuasse a esquivar os olhos e não dissesse nada. – Não achas que estás a ser injusta comigo?

– É verdade. Não te conheço. Mas conheço-me a mim mesma. Sou tonta e fácil de enganar e não quero continuar a expor-me. – Joséphine afastou-se. – A minha mãe diz que não tenho instinto de sobrevivência.

– Será que não sentes o mesmo que eu? – exasperou-se Alamán. – Não sentes esta atração? Meu Deus, se é tão difícil de controlar! Tive de prender as mãos desde ontem à noite para não te abraçar e tocar. Dançar contigo e manter as mãos no sítio foi um martírio! Não te dás conta como é fácil conversarmos? Nunca me senti tão à vontade com uma mulher, Joséphine. Acho que és única. – Pôs o indicador sob o queixo da jovem e levantou-lhe o rosto. Procurou-a com os olhos até a desconfiança dela claudicar. Quando voltaram a olhar-se, Alamán confirmou como o dourado de Joséphine revelava um brilho inacreditável em consequência das lágrimas. – Não, Joséphine, não – suplicou-lhe e os seus lábios baixaram lentamente até roçar os dela, que estremeceram com o contacto. Alamán prolongou o beijo com carícias suaves e pequenos beijos, enquanto as suas respirações se misturavam, se excitavam e iam adquirindo rapidez. Nenhum deles tocava no outro exceto através dos lábios, que se agitavam com uma energia poderosa e crescente. Finalmente, Alamán respirou profundamente e penetrou a boca de Joséphine. Envolveu-lhe as costas com o mesmo ardor com que a sua língua a perfurava e procurava despertar a dela, que se tinha retirado, imitando a atitude receosa da sua dona. Mas Alamán não passara a vida a

seduzir mulheres para que aquela que lhe interessava realmente não capitulasse. As mãos dele desceram até ao cobiçado traseiro e apertaram-no e massajaram-no, incontroladas, enlouquecidas. Arqueou-se, assaltado por um desejo demasiado intenso e arquejou dentro da boca de Joséphine, que gemeu por sua vez, e esse gemido transformou-se no grito de rendição. Acariciou as costas de Alamán, encostou o seu corpo ao tronco dele e gozou com o arrebatamento de excitação que a sua entrega provocou no homem que acabara de conhecer e a quem, no entanto, tinha confiado os seus segredos mais obscuros. Uma parte de Joséphine, que repetia para si própria que só se tratava de um beijo, ainda resistia à entrega; as coisas não lhe escapariam das mãos. Outra parte gritava-lhe das entranhas que renunciasse aos seus medos e que se permitisse esta paixão que a transbordava. Dizia-lhe também que, se rejeitasse Alamán e o arrancasse da sua vida, sofreria na mesma por não se ter arriscado. A dor associada à perda seria tão má como o arrependimento.

Enquanto movia a cabeça para um lado e para o outro, insaciável no seu beijo, Alamán tinha consciência de que alguma coisa definitiva tinha acabado de acontecer na sua vida. Inquietava-o a certeza do sentimento, a força com que o atacava. Custava-lhe separar-se dela, não queria pôr fim ao beijo, desejava que se prolongasse por mais um, dois, três minutos. Ouviu-a gemer novamente e pensou que talvez se queixasse. Estaria a afogá-la? Ele próprio já estava com dificuldades em respirar. O seu ímpeto diminuiu e os seus lábios afastaram-se. Apoiou a testa na de Joséphine, que permanecia com os olhos fechados e que ainda tremia pelo efeito do beijo.

– Incomoda-te que seja árabe? – perguntou-lhe, com voz rouca.

– Incomoda-te que seja uma africana preta?

Alamán atirou a cabeça para trás e riu-se. As mãos de Joséphine apertaram-lhe a carne dos ombros.

– De maneira nenhuma – respondeu ele, entre risos.

– Eu também não – garantiu-lhe Joséphine.

– Importas-te que seja muçulmano?

– Importas-te que seja católica?

– Não, de modo nenhum.

– Eu também não. Além disso, tu não és muçulmano. És um homem sem religião.

Riram-se com as testas unidas. Agora olhavam-se, mergulhados numa abstração que os impediu de ouvir o ranger de uma cadeira de rodas. Balduino Boel parou no umbral e observou a cena.

– Joséphine.

– Oh, papá! – Exerceu pressão sobre os peitorais de Alamán, que a reteve por instantes antes de lhe permitir afastar-se.

– Esqueceste-te de que íamos à cervejeira?

Joséphine mostrou-se confusa e Balduino observou-lhe as faces coradas e os lábios inchados.

– Esqueceste-te – afirmou.

– Não, não...

– É melhor pormo-nos a caminho. Boa tarde, senhor Al-Saud.

– Boa tarde, senhor Boel.

Alamán deu a mão a Joséphine para fazer o percurso até ao Renault Safrane e obrigou-a a encostar-se ao automóvel para lhe dar o beijo de despedida. As mãos de Joséphine perderam-se no cabelo de Alamán e ele encostou a pélvis ao ventre dela. Nenhum deles se apercebia do calor e da humidade, nem da presença do jardineiro ou do seu ajudante, que os observavam, pasmados.

– Que loucura! – murmurou ela. – Quase não te conheço.

– Na realidade, a loucura é sentir que te conheço desde sempre.

– Sim. Talvez tenha sido isso que me levou a contar-te coisas que só partilhei com a minha irmã.

– Obrigado por mas teres contado.

– Não tens que agradecer.

– Não consigo ir embora, não quero deixar-te.

– Não quero que vás, mas o meu pai está à minha espera.

– Não gostou de mim.

– Gostará quando vir que não és como Frédéric, quando tiver a certeza de que não me magoarás.

– Como poderia? – interrogou-se Alamán. – Só penso em proteger-te e em adorar-te. – Lembrou-se da falta de medidas de segurança da fazenda e disse para consigo que abordaria o assunto com Boel na próxima visita. – Voltarei amanhã, Joséphine.

– Amanhã irei com Matilde e Juana à Missão São Carlos. – Acariciou a testa de Al-Saud e beijou-o no início do maxilar.

– Não faças isso se quiseres que me vá embora.

– Não quero que vás.

– Amanhã estaremos juntos em São Carlos.

– Sei que tu e o teu irmão Eliah são grandes benfeitores da missão.

– Di-lo ao teu pai, para que veja que não sou um homem sem religião.

- Fá-lo-ei.
- Venho buscar-te para irmos à missão?
- Não te incomodes. Godefroide leva-nos.

Alamán apreciava aquele africano gigante, com cara de mau, não por se ter mostrado amável com ele, pelo contrário, mas porque irradiava um espírito protetor que envolvia Joséphine. Na noite anterior, quando a acompanhara até ao estacionamento, Wambale comportou-se com zelo, atento ao que Joséphine parecia ignorar: que estavam numa região perigosa, prestes a explodir. Não mencionaria o assunto das medidas de segurança a Boel, mas a Wambale.

– Quando me darás o último beijo? – perguntou Joséphine, sem abrir os olhos, depois de Alamán a ter beijado várias vezes, sempre com a promessa de partir imediatamente.

– Nunca – disse com veemência, antes de mergulhar na boca dela novamente e de lhe arrancar um gemido.

Alamán entrou para o Renault, pô-lo a trabalhar e abriu a janela. Joséphine apoiou-se ao vidro.

- Tem cuidado, Alamán.
- Tu também – pediu-lhe.

Ao regressar a casa, encontrou o pai no vestíbulo e sorriu-lhe com um ar benevolente.

– Papá, há anos que não saís desta casa. Não tinhas uma desculpa melhor para expulsar Alamán?

– Não me ocorreu outra ideia para me desfazer dele, embora tu não parecesses disposta a deixá-lo ir.

– É um bom homem, papá. E agrada-me. Agrada-me muito.

– Conheceste-o em casa da tua mãe, tal como Frédéric – disse Boel. Joséphine perdeu o sorriso e o olhar apagou-se-lhe. – Filha, nada que provenha da tua mãe pode ser bom. Cometerás duas vezes o mesmo erro? Além disso, é muçulmano. Bom, o pai dele, por isso ele deve ter recebido essa educação retrógrada. Fazes ideia do tratamento que os muçulmanos dão às suas mulheres?

Eliah Al-Saud abandonou o hospital de Rutshuru com a disposição alterada pelos ciúmes, pela raiva e pelo desejo. Caminhou com passadas largas, desviando-se dos pacientes, alguns colocados no chão, e mastigando insultos por causa do mau cheiro, do choro das crianças e do calor que aumentava devido à aglomeração. Ao sair para a galeria, interrogou-se como suportava Matilde essa realidade todos os dias. Olhou para trás e viu o enxame de pretos e de cores berrantes e não conseguiu compadecer-se deles. Só conseguia sentir ciúmes daqueles infelizes a quem Matilde dava prioridade e

por quem abandonara uma vida de rainha ao seu lado.

Ferro e Byrne viram-no aproximar-se e, ainda que estivessem habituados à expressão séria e dura de Al-Saud, repararam que vinha com uma catadura agressiva, por isso permaneceram calados e limitaram-se a continuar a vigiar o hospital. Al-Saud meteu-se na carrinha e saiu com um mapa na mão, que abriu sobre o capô – era o mapa da região dos Kivus.

– Derek, anda cá – ordenou. – Aqui está situada a mina que o governo cedeu a Zeevi – apontou para um ponto próximo da parte oeste do Parque Nacional Virunga. – Quero fazer um reconhecimento. Iremos assim que Alamán e o teu guia chegarem. Aqui estão as coordenadas – disse, entregando-lhes um papel. – Insere-as na bússola eletrónica.

– Essa zona está sob o domínio dos do Congresso Nacional para a Defesa do Povo, os de Nkunda – esclareceu o irlandês.

– Sim, já sei. Prepara as armas – ordenou-lhe, embainhando uma pequena faca Bowie numa bainha ao lado da sua bota. – Iremos na C10.

– Desculpe, chefe – disse Ferro. – A sua anfitriã, Madame Gulemale, não está a segui-lo?

Al-Saud deu uma gargalhada curta que não diminuiu o seu aspeto mal-humorado e que, pelo contrário, pareceu acentuá-lo.

– Gulemale sabe que me aperceberia disso imediatamente, Amburgo. E que demoraria cinco segundos a livrar-me disso. Não, não é tonta. Conhece-me.

Assim que o guia e Alamán se lhes juntaram, puseram-se em marcha. Yuvé, o guia, um desertor do exército de Nkunda, vestido com o seu uniforme de camuflado, conhecia a região do direito e do avesso, e falava um francês aceitável. Descreveu a organização do CNDP, não só a forma como se agrupavam os soldados e as armas com que combatiam, mas o processo para obter o coltan e para o exportar para o Ruanda, de onde saíria para os distribuidores na Bélgica. Entraram no Parque Nacional Virunga. Al-Saud dispunha de uma autorização para circular passada pelo próprio ministro do Interior, embora esperasse não encontrar soldados ou guardas-florestais.

– Os gorilas são daqui? – interessou-se Alamán.

– Sim – respondeu Yuvé. – Neste parque trabalhava Dian Fossey, a norte-americana que protegia os gorilas e que foi assassinada em 1985 por caçadores furtivos.

– Foi feito um filme sobre a vida dela – acrescentou Byrne. – Gorilas na Bruma.

– Agora ninguém protege os gorilas – lamentou-se Yuvé. – Morrem porque os deslocados os caçam para comer, também por doenças e porque estão a destruir-lhes o habitat. Os refugiados cortam as árvores para fazer lenha.

Elijah não participava da conversa, nem sequer a ouvia, atento ao mapa, ao caminho e ao que os rodeava. Além disso, também não apreciava as colinas das serras Virunga cobertas pela floresta tropical. Por indicação do guia, saíram do caminho de terra e andaram aos tombos pelo bosque, seguindo um riacho ladeado por altíssimas canas de bambu. O aroma era embriagador, doce, húmido e denso, e Al-Saud não conseguia discernir se lhe agradava ou enojava.

– Paramos aqui – anunciou Yuvé – e continuamos a pé. É demasiado arriscado continuar com a carrinha. Poderiam ouvir o motor.

– Marca as coordenadas para podermos encontrá-la novamente – exigiu Elijah a Alamán. – Coloquem os casacos de camuflado.

Derek tirou do seu bernal um estojo de pintura. Besuntou os dedos indicador e médio com as cores verde e castanha e, com grande habilidade, cobriu o rosto; só se lhe viam os olhos azul-celeste. A pintura dava-lhe um aspeto aterrorizador. Passou o estojo a Al-Saud, que se camuflou num abrir e fechar de olhos.

– Baixa o tom de voz – avisou Elijah a Alamán, quando este garantiu que não poria aquela pasta na cara.

– Sou engenheiro eletrotécnico, não um soldado – queixou-se entre dentes, enquanto o irmão lhe passava os dedos cheios de pintura pela testa e Yuvé e Byrne cobriam a carrinha com folhas de palmeiras e de bananeiras.

– Sei que não és um soldado – disse Elijah –, mas preciso que venhas ao terreno para depois poderes desenhar as medidas de segurança. Quero que leves esta pistola – disse, acionando a corredeja de uma Glock 18C para colocar a primeira bala de calibre quarenta e cinco ACP na câmara. – Sabes como usá-la. – Entregou-lhe um carregador de reserva, que Alamán guardou no bolso do casaco de camuflado. – Tem cuidado com ela. É uma raridade difícil de arranjar. Não, não ponhas os óculos. O reflexo do sol atrairia o inimigo. Se não te veem, não te transformarás num alvo – concluiu.

Entraram na selva. O guia liderava a fila, seguido por Alamán e Derek Byrne. Elijah cobria a retaguarda. Apesar da vegetação exuberante, iam por uma picada marcada pela passagem do homem e que se tornava ascendente enquanto subiam a encosta de uma colina. Yuvé guiava-os e Al-Saud confirmava com a bússola eletrónica se estavam na direção correta. Não confiava no rapaz nem no ambiente que o rodeava, que continha armadilhas mortais. Os sons dos animais, o jogo de sombras e luzes das árvores, os cheiros intensos, tudo se conjugava para mimetizar qualquer rasto humano. Como chovera, o chão estava mole e Derek, batedor experiente, tinha a missão de procurar pegadas. Até esse momento, só havia reconhecido as de um animal, um javali.

Iniciaram uma descida abrupta e seguraram-se nas raízes e nos ramos porque escorregavam. Chegaram a um vale com rochas entre as quais corria um riacho.

Atravessaram-no e reiniciaram a subida pela encosta seguinte.

– Do cume desta colina – explicou Yuvé –, avistaremos a mina.

Ao chegarem ao ponto de maior exposição, Al-Saud ordenou a Yuvé e a Alamán que se agachassem para evitarem transformar-se em alvos dos rebeldes, caso estes estivessem escondidos na folhagem da ribanceira.

Al-Saud aproximou os binóculos com miras camufladas para refratar a luz do sol sem provocar clarões e examinou a ribanceira. Um riacho, mais caudaloso do que aquele que tinham acabado de atravessar, corria entre dois barrancos de terra vermelha.

– Qual é a mina? – perguntou Byrne num sussurro, apontando os seus binóculos com máquina de filmar incorporada e passando revista à ribanceira e aos arredores.

– Está ali – insistiu Yuvé em voz baixa. – As minas de coltan não são como as de outros minerais. São a céu aberto. A terra da ribanceira e do fundo do riacho está cheia de coltan. Extrai-se à mão. Os homens cavam a lama. Depois, fazem a água girar em volta da abertura, que faz o coltan ficar depositado no fundo, de onde o tiram com baldes. Limpam-no e separam-no da lama e das pedras.

– Porque não está Nkunda a explorar esta mina?

– Porque não dispõe de mineiros suficientes. Atacam as aldeias para sequestrar homens e rapazes, que obrigam a trabalhar nas minas. Mas nunca são suficientes. Os interahamwes fazem a mesma coisa, mas eles controlam menos minas e dominam a zona norte de Kivu Norte.

– Desçamos – propôs Byrne.

Al-Saud reteve-o por um braço e pediu silêncio. Focou os binóculos na ribanceira, convencido de que os ramos se tinham movido de uma forma suspeita. Alguma coisa que brilhou entre o matagal confirmou as suas suspeitas. Derek também o viu com os seus binóculos. Trocaram um olhar de confirmação.

– Não se mexam nem falem – sussurrou Al-Saud. – Há homens lá em baixo.

Tentavam determinar quantos eram e se pertenciam a alguma facção rebelde ou ao exército. Talvez se tratasse de deslocados à procura de refúgio no Virunga. O grito de Yuvé ouviu-se na sonoridade da selva e provocou um sobressalto nos seus companheiros e nos homens escondidos na mata. Vários soldados apareceram com as suas AK-47.

Al-Saud atirou-se sobre Yuvé que, numa espécie de dança enlouquecida, gritava e saltava sobre uma perna, enquanto as balas das espingardas russas lhe acariciavam o cocuruto. Viu a víbora comprida e acinzentada que rastejava entre a vegetação e reconheceu as características que faziam dela uma espécie venenosa. Voltou os olhos na direção de Yuvé e viu que o guia não calçava botas mas ténis – nem sequer usava meias. Retirou-lhe a mão da perna com dificuldade, subiu-lhe a bainha das calças e

encontrou o que temia: a marca dos incisivos e de dois pontos mais pequenos atrás. Viu as horas porque sabia que os médicos lhe perguntariam quando tinha sido inoculado o veneno.

– Estão a atravessar o rio! – anunciou Byrne, apontando com a sua Magnum Desert Eagle.

– Quantos? – perguntou Al-Saud, tirando a faca Bowie da lateral da bota e cortando um pouco das calças de Yuvé e, a seguir, um bocado de um ramo.

– Vejo sete.

– Consegues identificar a fação a que pertencem?

– À de Nkunda.

– São todos teus, Derek.

Colocou o pedaço de pano a alguns centímetros da mordedura, em volta da barriga da perna, e ajustou-o com a ajuda do ramo, sabendo que a solução do torniquete tinha contraindicações graves. A seguir, com a ponta da Bowie, cortou as perfurações dos incisivos, encheu a boca de saliva e chupou. Cuspiu para o lado, ainda que um pouco do veneno lhe tenha entrado na garganta. Não lhe faria nada, mas sabia a fel.

– Fica quieto, Yuvé. Não te mexas para que o fluxo sanguíneo diminua.

– Vou morrer, vou morrer!

– Não morrerás, mas fica quieto e cala-te.

Al-Saud deslizou sobre os cotovelos e os antebraços até ao cume da colina. Apontou o seu Colt M1911 e disparou no instante em que um rebelde se erguia atrás de uma rocha com a sua AK-47 apontada para eles. A bala atingiu-o no peito. Caiu de costas e mergulhou no riacho.

– Derek, restam quantos?

– Já liquidámos dois. Restam cinco. Pelo menos, foi os que consegui contar. Mas sabemos que os batalhões de Nkunda dispõem de sessenta homens, aproximadamente. Talvez os restantes estejam escondidos no bosque – admitiu, e continuou a disparar e a recarregar a sua Magnum.

– Não creio que seja um batalhão – afirmou Eliah –, mas um piquete de vigilância.

– Porque não nos vamos embora? – propôs Alamán. – Estamos em vantagem.

– Avisariam por rádio outra patrulha e emboscar-nos-iam mais à frente.

– Já devem ter avisado! – conjecturou, exasperado com a serenidade com que Byrne e Eliah atuavam.

– Não – objetou Al-Saud, prosseguindo com os disparos. – Não vejo que tragam um rádio portátil nem nenhum veículo por perto – manifestou, trocando de carregador. –

Mas se lhes dermos tempo, poderão avisar. Talvez tenham um rádio nalgum veículo estacionado a alguns quilómetros daqui.

– Estás a ser insensato! – censurou-lhe Alamán. – Sabes que, enquanto estes atiram sobre nós, outros podem correr até ao veículo e avisar. Estamos a perder tempo.

– Não irei sem liquidar o maior número possível de inimigos, Alamán – admitiu Al-Saud.

– Fazes por gosto! – assombrou-se o irmão mais velho.

Eliah manteve-se em silêncio e continuou a disparar. Sim, apreciava a ação, servia-lhe para descarregar as tensões dos últimos meses e para compensar a dor e a raiva causadas pelo abandono e pela traição de Matilde.

– Se estão a guardar a mina – vociferou Byrne, sobre o bulício do tiroteio –, é porque Nkunda desconfia que poderá tratar-se da que pretendemos ocupar.

– Não me espanta – disse Al-Saud. – Em Kinshasa as medidas contra a espionagem são paupérrimas. Atenção, Derek. Vou fazê-los saltar. – Levantou-se, pondo-se de joelhos e, uma vez descarregados os sete cartuchos Parabellum do seu Colt M1911, permaneceu exposto por uma fração infinitesimal de tempo, imprudência que encorajou os rebeldes a imitá-lo e a abandonarem os seus esconderijos atrás das rochas e dos troncos de palmeiras. – Agora! – gritou Al-Saud, pondo-se ao lado de Derek, que disparou três tiros certos. Al-Saud ocupou-se dos outros dois. Novamente se ouviram gemidos e quedas na água.

– O que estás a fazer? – enfureceu-se Alamán. – O que estás a fazer, imbecil? Podiam ter-te enchido o corpo de balas!

– Derek, cobre-me enquanto trato de levar Yuvé.

– Eliah! – exclamou Alamán. – Enlouqueceste?

– Que chatice trabalhar com civis! – mastigou, antes de ajudar o guia a levantar-se. – Vamos, temos de descer a colina. Não apoies a perna.

Como desconfiavam, havia dois rebeldes escondidos na vegetação, que emergiram ao avistar a figura de Al-Saud em cima da colina. Derek ocupou-se de um e Alamán, do outro.

– Vamos! – gritou o irlandês, puxando por Alamán, que permanecia com os olhos fixos no cadáver do homem que acabara de assassinar. – É duro a primeira vez – reconheceu Byrne, assim que chegaram à ribanceira e atravessaram o riacho.

Byrne caminhava às arreas, fechando a fila. Yuvé apoiava-se em Eliah e avançava aos saltos. Alamán imitava o irlandês e, com a Glock levantada, esquadrihava as árvores, entre as canas de bambu e na vegetação que devorava o caminho e os fustigava à sua passagem. Apercebia-se de que, por mais concentrados

que se mantivessem, os perigos podiam assaltá-los sem que eles tivessem tempo para nada. Observou o seu irmão Eliah, que ia à sua frente, com Yuvé praticamente às costas, embora conservando uma atitude alerta e agindo com desembaraço. Era evidente que tinha passado por situações limite semelhantes. Alamán sabia, graças a uma confissão do próprio Eliah, que o irmão tinha feito parte de um grupo militar de elite e recebera um treino que teria aniquilado mais de um. Eliah não falava do assunto, exceto quando lhe contou a verdade sobre a sua profissão, razão pela qual Alamán não estava a par de pormenores importantes, como, por exemplo, a que organização tinha pertencido nem porque se dedicava a um ofício dessa natureza. Desconfiava de que se tratava de um grupo secreto da Legião Estrangeira, porque, ainda que Eliah fosse francês, também tinha a nacionalidade saudita. Que homem peculiar era o seu irmão mais novo! Desde que Alamán se lembrava, Eliah fazia ouvidos de mercador aos cânone e preceitos familiares com uma parcimónia e uma desfaçatez espantosas, o que significara um confronto contínuo com o pai. Tinha-se casado aos dezoito anos e não frequentara a universidade, integrando em vez disso L'Armée de l'Air, formando-se como piloto muito novo e com excelentes classificações. Tinha participado em várias guerras e recebido condecorações, a que dedicava o mesmo interesse que a uma moeda de cinco cêntimos. Um dia, em 1991, surpreendeu-os anunciando que abandonaria a força e que se dedicaria à criação de cavalos. Samara ficou feliz, Francesca e Yasmín também. Os homens da família trocaram olhares perplexos, incapazes de acreditar que um homem com o fogo de Eliah Al-Saud se contentaria com a fazenda de Ruão, acabada de herdar e quase em ruínas. Passados anos, quando fundou a Mercure S.A. e o convidou a participar, Eliah explicou-lhe que, ainda que para a família a empresa se dedicasse exclusivamente a fornecer segurança, na realidade, a sua finalidade iria além desse limite. «Sou um soldado, Alamán», confiara-lhe. «Há quatro anos que pertenço a um grupo militar secreto.» Não aprofundou pormenores por mais que Alamán o tenha interrogado. «Não posso dizer-te mais», garantiu.

A carrinha continuava onde a tinham estacionado, escondida pelas folhas de palmeira e bananeira. Alamán e Byrne tiraram-nas rapidamente e Eliah instalou Yuvé nas traseiras. O guia permanecia consciente, embora comesse a acusar o efeito do veneno na corrente sanguínea.

– Aguenta, Yuvé – animou-o Al-Saud. – Vamos levar-te ao hospital.

– Não, ao hospital não – murmurou o homem. – Levem-me ao curandeiro da minha aldeia. Ele percebe de venenos de serpente. Ele salva-me. No caso de perder a consciência, digam-lhe que fui mordido por uma mamba-preta.

– Eu sei onde é a aldeia dele – disse Byrne, pondo a carrinha em marcha.

Al-Saud recarregou o seu Colt M1911, a Glock 18C de Alamán e verificou o seu HP 35. Ainda faltavam vários quilómetros para saírem do Virunga e tratava-se de um caminho irregular, cheio de lombas, lagoas e lama. A C10 não era o veículo ideal; o Range Rover de Amélie teria sido melhor.

Alamán vigiava o lado direito do caminho, um barranco escondido sob o colchão verde formado pela exuberância da vegetação. Eliah controlava a colina que ladeava o flanco esquerdo, menos espessa e mais lúgubre, uma vez que as árvores, as palmeiras e os bambus impediam a passagem dos raios de sol.

Não passou de um pestanejar, de um clarão fugaz que não podia passar por alto. Abriu a janela, pôs meio-corpo de fora e perscrutou com os binóculos a fração de bosque que ia ficando para trás.

– Derek, acelera! – vociferou, quando entreviu o perfil de um veículo.

O Jeep Rescue, camuflado para a selva, avançava colina abaixo, aos tombos e baloiçando, abrindo caminho entre os troncos das árvores. Ao chegar ao caminho, o condutor voltou habilidosamente o volante para evitar acabar no fundo do barranco.

– Ainda havia mais alguns daqueles filhos da puta! – murmurou Byrne. – Malditos pretos do demônio – disse e, depois de uma mudança de velocidade, acelerou.

Al-Saud abriu a janela e disparou, embora lhe custasse acertar no alvo com a carrinha a agitar-se como um shaker. Alamán também disparava, sem grandes resultados.

– O que está a fazer? – vociferou Alamán, ao ver que o copiloto do Jeep emergia pelo tejadilho e apontava para eles com um tubo comprido que apoiava no ombro.

– Derek – disse Eliah –, preparam-se para disparar com um RPG.

– Shit! – exclamou o irlandês.

Ainda dispunham de uns quantos segundos, o tempo que o rebelde demorava a inserir a granada no disparador, provavelmente uma PG-7z.

– Derek, quando te disser, quero que vires bruscamente para a esquerda e subas a colina.

A manobra implicava um risco enorme porque havia a possibilidade de acabarem enfiados no tronco de uma palmeira. Al-Saud abriu o tejadilho do Chevrolet e, tal como o rebelde, pôs o tronco de fora. Apontou o seu HP 35, tentando abstrair-se das sacudidas, e disparou. O tiro falhou e o rebelde acionou o RPG-7.

– Agora! – gritou Al-Saud, metendo-se dentro da carrinha e caindo sobre o irmão por causa da viragem do veículo, que subiu a ladeira e foi ganhando riscos, amolgadelas e faróis destroçados à medida que abria caminho entre o matagal e as árvores.

A seguir voltaram ao caminho. O rebelde preparava-se para tentar novamente a sua sorte com o RPG-7. Al-Saud pensou: «Desta vez liquido-os a ambos.» Desconstruiu o corpo e, tal como fazia ao montar acompanhando o cavalo nas suas subidas e descidas como se fossem um só corpo, uniu-se ao ritmo imposto pelas sacudidas da carrinha, como se flutuasse no mar e as ondas o embalassem. Esticou o braço e

colocou na mira o primeiro objetivo, o rebelde com o lança-granadas. Respirou normalmente, enquanto se adaptava ao movimento do veículo e calculava a influência do vento. Durante os seus anos em L'Agence, tinha efetuado várias vezes missões como franco-atirador e, embora não fossem as suas favoritas pela falta de ação, Raemmers escolhia-o graças à precisão dos seus tiros. De qualquer forma, contava sempre com o apoio de um marcador de pontaria que, colocado junto dele, com uma mira especial, media a distância até ao alvo e a velocidade do vento, entre outras coisas. Nesse instante, estava sozinho e não podia falhar. Tinham escapado ao primeiro projétil, talvez não tivessem a mesma sorte se o rebelde lançasse o segundo.

– Diminui a velocidade! – ordenou a Byrne que, ao passar para terceira, fez rugir o motor.

O jipe aproximou-se perigosamente da traseira do Chevrolet, mas Al-Saud conseguiu o que queria: ter o congolês a menos de trinta metros. Conteve a respiração e disparou. A bala acertou no pescoço do rebelde, que ficou deitado de costas sobre o tejadilho do jipe, enquanto o lança-granadas caía no caminho. O condutor arregalou os olhos quando compreendeu a situação. O seu companheiro tinha morrido e o segundo tiro, o que o tipo da carrinha se preparava para efetuar, era-lhe destinado. Não conseguiu fazer nada. O projétil de nove milímetros Parabellum perfurou o para-brisas e acabou enterrado na sua cara. O veículo perdeu o controlo, deu uma cambalhota, esmagou o corpo do primeiro rebelde liquidado e caiu no barranco.

Completaram o trajeto até à aldeia de Yuvé sem contratempos. O homem chegou inconsciente à sua choça. Uma mulher, que se apresentou como a companheira de Yuvé, entrou no carro e levou-os até à casa do curandeiro. Derek e Eliah levaram-no até ao interior e pousaram-no num catre feito de canas e coberto por folhas de bananeira.

– Foi mordido por uma mamba-preta – explicou Eliah ao ancião. – Fiz-lhe um torniquete e chupei-lhe o veneno.

– Há quanto tempo foi mordido pela mamba?

Al-Saud olhou para o relógio.

– Há duas horas e vinte minutos.

A companheira de Yuvé chorava ao pé do catre. Al-Saud entregou-lhe trezentos dólares, uma fortuna para ela, e saiu. Ao entrar na carrinha para se sentar no lugar do condutor, sentiu um grande cansaço e um desejo perturbador de descansar no regaço de Matilde e de sentir as mãos dela no seu rosto. Conduziu até ao hospital em silêncio, mergulhado em reflexões turbulentas: por momentos pensava em Matilde e no cretino, depois nos rebeldes que tinham eliminado e nas implicações, depois em Taylor e na presença dele no Congo. Pô-lo de mau humor o facto desse nome, Nigel

Taylor, estar relacionado com o de Matilde. O destino ria-se na sua cara. Teria chegado a hora de pagar pela morte de Mandy?

– Chefe – Byrne quebrou o mutismo –, por terra não há maneira de aceder àquela maldita mina a não ser a pé. – Al-Saud murmurou o seu acordo. – É uma armadilha mortal.

– Qual o raio que pretendes que tenha o perímetro em volta da mina? – quis saber Alamán.

– Dez quilómetros.

Alamán deu um assobio para expressar a sua surpresa.

– Vai custar uma fortuna.

– Tivemo-lo em conta no orçamento que entregámos a Zeevi, lembras-te? Far-se-á como estava planeado. Dez quilómetros cobertos pelos melhores sistemas de infravermelhos de deteção. Acabámos de ver que não lidamos com macacos indisciplinados. São soldados com bastantes conhecimentos e bem armados.

Ao chegar ao hospital, Al-Saud sentiu com uma força renovada o desejo de ver Matilde e de sentir as mãos dela na sua cara, como nessa manhã enquanto lhe provocava o orgasmo. Olhou para si próprio. Com restos de pintura de camuflagem, o casaco militar e as calças imundas, não estava em condições de enfrentá-la.

– Amanhã de manhã – disse Al-Saud – quero que escoltem Matilde até à Missão São Carlos. A partir daí, eu encarregar-me-ei. Podem tirar o fim de semana.

– Obrigado, chefe.

Chegaram a casa de Gulemale à noite. Eliah apontou o controlo remoto para o portão e abriu-o. Os guardas ofuscaram-nos com lanternas antes de lhes darem passagem.

– Que pinta! – exclamou Hansen Bridger, ao ver os irmãos Al-Saud.

– O que lhes aconteceu? – scandalizou-se Gulemale. – O que é isto? – admirou-se, passando o indicador por um resto de pintura de camuflagem na cara de Eliah.

– Óleo da carrinha. Tivemos um acidente. Nada de grave – desvalorizou. – Pagar-te-ei o conserto. Amanhã levo-a a Goma porque não creio que haja oficinas mecânicas de confiança em Rutshuru. – Observou-a com um ar ameaçador antes de comentar: – Vi o automóvel do teu querido Taylor na entrada.

– Ninguém é tão querido como tu – afirmou a congoleza, colando o corpo à roupa poeirenta de Al-Saud.

– É melhor ir para o meu quarto tomar um banho – disse Alamán, retirando-se.

– Não, Gulemale – aborreceu-se Al-Saud. – Não vês que estou imundo?

– A sério? Até tens colado o cheiro a selva. Onde estiveste? À procura da mina

para o teu cliente israelita?

– Onde está aquele filho da puta do Taylor? – perguntou Al-Saud como resposta. – Voltou para levar outra sova?

– Deixa-o em paz, Eliah. Está lá fora, na piscina.

– É um filho da puta tão grande que nem os mosquitos da malária o picarão.

– Não sejas mauzinho, deixa-o lá – pediu-lhe, arrastando-o para longe de Bridger. – Melhor, vamos até ao meu quarto e terminemos o que começámos há algumas noites neste cadeirão.

– Não, estou desfeito.

– Desfeito? – Gulemale arqueou as sobrancelhas e afastou-se. – Queres dizer que não pensas tocar-me num cabelo porque agora é Matilde quem te ocupa a cabeça, não é verdade?

– Gulemale, Matilde não tem nada a ver com isto.

– Por quem me tomas, Eliah? Por uma estúpida?

– Por favor, Gulemale. Tive um dia de merda e só penso em tomar um banho e ir para a cama.

– No fim, encaras esta casa como uma pensão! Nunca estás! Deixas-me abandonada todo o dia quando eu cancelei muitos compromissos para passar este tempo aqui, em Rutshuru, contigo!

– Saio amanhã mesmo para que possas retomar a tua vida normal.

– Não, querido, não. – Gulemale deteve-o por um braço. – Não quero que te vás embora, Eliah.

– Nesse caso, não me pressiones porque ultimamente não tenho disposição para nada.

– Está bem, não te aborreças. A única coisa que quero é que descanses um pouco. Para isso quis que viesses para cá. Há tão pouco tempo que te feriram e que estiveste às portas da morte...

– Não exageres, Gulemale! Nunca estive às portas da morte.

Ouviram-se risos e o chiar da porta envidraçada ao abrir-se. Frédéric e Nigel Taylor entraram com o cabelo húmido e toalhas em volta do pescoço. O sorriso de Taylor congelou-se, desvanecendo-se passados segundos. Os hematomas no seu rosto denunciavam a sova da noite anterior. Al-Saud susteve o olhar dele. Sentia a vaga de ódio que emanava do inglês, equivalente ao desprezo que Taylor inspirava a Eliah. Deu meia-volta e entrou em casa.

No sábado de manhã, Matilde passou o tempo que durou o trajeto do hospital à missão a contar histórias a Kabú, o enfant sorcier. Wambale conduzia o Grand Vitara

numa manhã de invulgar tranquilidade e de bom tempo. Juana contribuía para a história de Matilde com comentários que faziam o menino rir-se, enquanto Joséphine se mantinha em silêncio à frente. Cumprimentara-as com um abraço, praticamente não abrira a boca e cobria o rosto com uns óculos de sol enormes de que não se separou em nenhum momento.

– É a primeira vez que ando de automóvel – disse Kabú em suaíli, a sua língua materna, porque não gostava de falar em francês, apesar de o compreender; custava-lhe muito.

– Diz que é a primeira vez que entra num automóvel – traduziu Joséphine, e Juana e Matilde notaram-lhe a voz quebrada e sem força.

– Sabes que mais, Kabú? – disse Matilde. – Também entrarás num avião quando fores a Joanesburgo com soeur Angelie para tratar das feridas do teu rosto.

– Os meninos da missão vão trocar de mim – preocupou-se Kabú de repente, com as mãos sobre a cara queimada com ácido. Ainda tinha ligaduras nalgumas partes por cicatrizar.

Matilde pô-lo ao colo e abraçou-o, lembrando-se da reação do menino a primeira vez que se vira ao espelho, sem ligaduras. Ninguém o queria, nem a família nem os habitantes da aldeia, por isso o Dr. Loseke tinha agilizado as formalidades para libertar a cama dele e enviá-lo para a missão, sob a tutela de soeur Amélie.

– Garanto-te, Kabú, que ninguém trocará de ti. Na missão vive um menino chamado Jérôme a quem falei muito de ti e que está à tua espera porque quer ser teu amigo.

– Jérôme? – Matilde assentiu. – Sabe que me queimaram o rosto por ser bruxo?

– Pergunta se Jérôme sabe que o queimaram por ser bruxo – interveio Joséphine.

– Tu não és bruxo, rapazinho! – saltou Juana, fazendo-lhe cócegas na barriga. – Tu és um encanto! Vem com a doutora Juana – ordenou, arrancando-o dos braços de Matilde.

– Kabú – disse Matilde, acariciando-lhe a face com as costas da mão –, na missão estão todos à tua espera com muita alegria. Aí vão gostar tanto de ti como eu e a doutora Juana gostamos.

– E a minha família? Eles já não me querem?

– Não sei – admitiu. – Talvez te queiram, mas tenham medo de que os vizinhos voltem a magoar-te. Por isso preferem que vivas na missão. Acontecerá o mesmo a Bénédicte, quando sair do hospital. Ela irá viver para a missão.

– A sério?

Matilde assentiu, emocionada. A carinha disforme de Kabú iluminou-se com um sorriso que para outros teria sido uma careta grotesca. Contra todos os prognósticos,

Bénédicte, a menina submetida a uma infibulação cruel, tinha saído do quadro de septicemia e, após quase um mês de internamento, recuperava numa sala de cuidados intermédios. Como a família dela também não a receberia de volta – de facto, nunca tinham ido visitá-la por maior que tivesse sido a insistência do padre Jean-Bosco –, o Dr. Loseke ocupava-se da documentação para a enviar ao Hospício das Irmãs da Misericórdia Divina. Kabú só conhecia Bénédicte através dos relatos de Matilde. Porém, pensava nela com frequência e no dia em que a conheceria. Estavam unidos pela desgraça e pela rejeição das respetivas famílias.

Como de costume, as crianças vieram recebê-los ao avistar o automóvel de Joséphine. Kabú começou a ficar nervoso ao ver tanto movimento e bulício e encolheu-se no colo de Juana, que saiu com ele ao colo e assim o manteve durante longo tempo. Matilde tratou de levar uns sacos com medicamentos e boiões com repelente, doação da Mãos Que Curam. Erguia os sacos sobre a cabeça para que as crianças não metessem as mãos, incapaz de as repreender ou afastar porque estava morta de riso. A intervenção rápida de sœur Amélie, que abriu caminho batendo palmas e exclamando: «Allez, enfants! Laissez doctoresse Mat tranquille!», pôs fim ao assédio.

Elijah, com Jérôme pela mão, observava-a a rir-se e a dar saltinhos, e sorriu apesar do mau humor com que tinha chegado à missão. O encontro com os rebeldes no dia anterior só traria consequências desfavoráveis para a Mercure, porque poria Taylor e Nkunda de sobreaviso e revelaria a localização da mina que o governo de Kinshasa tinha atribuído à joint venture de Shaul Zeevi e da empresa chinesa TKM. Até esse momento, o secretismo acerca da posição da mina jogara a seu favor. Havia a possibilidade de pensarem que se tratara de uma escaramuça com o exército ou com outras fações rebeldes, embora Al-Saud duvidasse. Possivelmente Nkunda chegaria a essa conclusão, mas não Nigel Taylor. Além disso, se encontrassem o local no cimo da colina de onde tinham disparado, descobririam os cartuchos de armas que não correspondiam às que eram usadas pelo exército ou pelos rebeldes.

O seu mau humor diminuiu um pouco ao sentir-se adulado pela devoção de Jérôme que, atento aos seus movimentos, se foi aproximando até colocar a sua mãozinha na dele. A ansiedade que partilhavam, e que crescia minuto a minuto enquanto esperavam pela chegada de Matilde, também foi varrendo a raiva que o assolava por tantas coisas. Ao ouvir o motor do Suzuki Grand Vitara, Jérôme saltou da cadeira que ocupava junto dele e incitou-o a sair.

– Vamos, Elijah! A minha mamã chegou.

Pararam perto da entrada da casa das religiosas, absortos ambos na observação de Matilde, com o seu chapéu de palha e o cabelo preso em duas tranças. Trazia ainda a bata branca com que estivera nas urgências essa noite, mas, como a trazia aberta, via-se uma blusa larga e florida, muito hippie, decidiu Al-Saud, por fora das calças de ganga. Olhou para o calçado e agradeceu-lhe que estivesse de botas, apesar do calor.

– Juana traz um menino com ela – comentou Jérôme. – Deve ser Kabú, o enfant sorcier. Tem a cara queimada.

Al-Saud não ouviu o comentário. Matilde tinha acabado de descobri-lo. Não o soube pela sua expressão de espanto, uma vez que a aba do chapéu, ao projetar uma sombra no rosto de Matilde, lhe escondia os olhos e as feições, exceto a boca. Soube porque Matilde parou de repente, apertou as pegadas dos sacos e mordeu o lábio inferior.

Resgatada do assalto das crianças, Matilde avançou na direção da casa das religiosas, procurando Jérôme entre os órfãos. Viu que estava afastado, como sempre, e de mão dada a um homem com um boné de baseball e óculos Ray Ban espelhados. Parou em seco, com a mente congelada numa imagem que parecia extraída de um sonho: Eliah e Jérôme, os dois juntos, de mão dada. A emoção foi tão perturbadora que não conseguiu reagir e, sem se dar conta, deixou de respirar.

– Matilde! – exclamou Jérôme, correndo ao seu encontro.

Matilde largou os sacos e abriu os braços para o receber. Al-Saud vinha sem pressas atrás de Jérôme, levantando a comissão esquerda num sorriso trocista que dissimulava a ternura e, ao mesmo tempo, os ciúmes que sentia ao ver Matilde abraçar com tanto ardor aquele órfão. Ele também queria que ela lhe enchesse a cabeça e a cara de beijos e que lhe chamasse «mon trésor».

– Matilde, Eliah está cá! O amigo de quem gostas muitíssimo! – Afastou-se para dar a mão a Al-Saud e arrastá-lo os últimos passos, e permaneceu expectante, alternando o olhar entre Matilde e Eliah, que se observavam fixamente.

– Olá – disse Al-Saud em castelhano, e inclinou-se para a beijar muito perto da comisura esquerda, tão perto que Matilde sentiu a respiração dele sobre os lábios húmidos. Baixou os olhos e inspirou o perfume de Al-Saud. Reconheceu o A Men e tentou retê-lo nas narinas, sem sucesso; dissipou-se no ar da selva.

– Olá – cumprimentou, seca, cortante, contrariada porque estava a cheirar a hospital, a álcool iodado, a permetrina, e estava com um aspeto de presidiária. Ele, pelo contrário, estava pronto para um passeio pela avenida dos Champs Élysées. Ficava-lhe muito bem o boné de baseball, dava-lhe um ar juvenil e descontraído. Não lhe conhecia os óculos, iguais aos Ray Ban Clipper, mas espelhados. Sugeriam uma veia ameaçadora e intrigante que a subjugava. Apressou-se a agarrar nos sacos, mas Al-Saud antecipou-se e levantou-os do chão antes dela.

– Eu levo.

– Obrigada.

Jérôme pôs-se a meio e pegou na mão livre de Al-Saud e na de Matilde. Com a sua tagarelice incessante, preenchia o silêncio que tinha caído sobre os adultos.

– A professora diz que sou muito inteligente.

– Não duvido – exclamou Matilde – porque és mesmo. E porque to disse?

– Porque fiz umas contas muito difíceis sem que ninguém me ajudasse. Ontem, soeur Tabatha emprestou-me os seus lápis de cores. Fiz dois desenhos, um para ti e outro para Eliah.

– Mal posso esperar que me dêes o meu! – exclamou, simulando curiosidade com o seu modo franco. Conhecia Eliah desde quando? – O que desenhaste para mim?

– Desenhei Eliah. Sabias que Eliah é aviador? Sabe pilotar aviões. – Matilde assentiu. – Um dia vai levar-me a voar num avião de guerra. Não é verdade, Eliah?

– Sim, um dia levo-te a voar.

Matilde voltou-se para olhar para o rosto de Al-Saud e recriminar-lhe com a vista a promessa vã. Ele continuava imperturbável, com uma expressão na boca que, ela sabia, reprimia o riso. Escondia-se atrás dos óculos e caminhava com os olhos no chão. Entraram em casa. Matilde cumprimentou as religiosas e as raparigas que trabalhavam na cozinha, consciente dos olhos esfomeados que a seguiam como os de um predador a seguir a sua presa. Estava nervosa, não sabia o que esperar da presença de Al-Saud.

Juana, Joséphine e Alamán, com Siki sobre os ombros, entraram momentos depois, seguidos por Godefroide, que trazia duas caixas com provisões. Face ao anúncio de soeur Edith, de que já iriam servir o pequeno-almoço, Matilde disse a Jérôme que fosse lavar as mãos. Foram juntos à casa de banho. Embora não o ouvisse, porque ele sabia andar como um gato, Matilde sentia a presença de Al-Saud atrás deles.

Eliah apoiou-se ao umbral da porta da casa de banho, cruzou os braços e observou a cena. Matilde ensinava Jérôme a lavar-se e fazia-o de uma forma divertida, contando-lhe uma história acerca do senhor vírus e da senhora bactéria, que arrancava gargalhadas ao menino, tão cristalinas e ingénuas que o contagiaram, e começou a rir-se baixinho de pura felicidade, enquanto um desejo o consumia, o de abraçar ambos e de os levar para longe deste lugar de dor, doença e carências. «Que boa mãe será!», disse para consigo. Matilde lavou a cara de Jérôme e limpou-o suavemente, e, enquanto lhe via as unhas e lhe dizia que mais tarde as cortaria, perguntava-lhe como tinha dormido, se comera bem, se tivera pesadelos, se jogara futebol. Entre passagens de toalhas e respostas, Jérôme dava-lhe beijos na cara.

– Jérôme! – A voz de soeur Tabatha ouviu-se mesmo na casa de banho. – Onde te meteste, rapaz?

– Vai – incitou-o Matilde –, não a faças esperar.

Lavou as mãos e passou-as humedecidas pela cara. Fingia não ver a presença de Al-Saud, apesar de o seu coração desenfreado lho recordar sem lhe permitir recuperar o domínio. Ele olhava para ela com um meio sorriso que a teria aborrecido. Matilde limpou-se, colocou a toalha no toalheiro e dispôs-se a sair. Al-Saud endireitou-se e obstruiu-lhe o caminho. Parou a centímetros dele e cravou-lhe os olhos no peito. Não

podia concentrar-se na mata de pelo preto que espreitava pela abertura da camisola vermelha. Como lhe ficava bem o vermelho!

O silêncio prolongava-se e Matilde não se atrevia a feri-lo com palavras falsas como, por exemplo, «deixa-me passar», que, por outro lado, pareceriam dissonantes. Não sabia como estavam as coisas entre eles e mortificava-a a lembrança do que ele lhe fizera no dia anterior, no quatinho da limpeza, e a forma como ela se comportara, como uma qualquer.

Al-Saud afastou-lhe uma madeixa de cabelo da testa e pô-la atrás da orelha. Matilde não se moveu e apertou as mãos para sufocar os tremores.

– Estás cansada?

– Não – sussurrou.

– Não estás como? Estiveste toda a noite de pé.

– Como sabes? – perguntou-lhe, dignando-se olhar para ele. – Foi Amélie quem to disse?

– Sim – mentiu.

– Vamos. – Tentou passar mas Al-Saud não se moveu. – Com licença, Eliah. Tenho muitas coisas que fazer depois do pequeno-almoço.

– Hoje não quero que trabalhes. Quero que passes o dia a descansar.

Matilde arregalou os olhos, incapaz de formar uma frase coerente. Finalmente, deu um suspiro e relaxou os ombros e a cabeça.

– Pelo amor de Deus, Eliah, o que estás a fazer no Congo?

– Queria ver-te. Estava louco para te ver.

«Porque vieste? Estou a tentar aprender a viver sem ti! Assim não consigo, contigo à minha frente! Eu também estava louca para te ver, meu amor. Sinto tanto a tua falta...»

– Estás aqui por causa da guerra?

– Não.

– Não me mintas, Eliah.

– Não te minto. – Deu um passo em frente e fechou as mãos em redor da cintura de Matilde.

– Não, não. Deixa-me.

– Porquê? – sussurrou-lhe no pescoço e Matilde praguejou porque o roçar dos lábios dele bastava para que a sua vagina respondesse; tornou-se húmida e palpitante. – Poderias jurar-me que não queres isto tanto como eu?

– Tu não o queres! – aborreceu-se e colocou as mãos nos antebraços de Al-Saud

para o afastar. – Ontem deixaste-me como se fosse lixo.

– Estava aborrecido.

– Porquê?

– Por tudo.

– Por tudo? Tudo é demasiado, Eliah.

– Demasiado é saber que permites que o imbecil de Vanderhoeven te toque, que se ache com direito sobre ti, que...

– O que estás a dizer? Entre mim e Vanderhoeven não há nada. E se tivéssemos alguma coisa, que te importaria a ti? Será que eu questiono o teu romance com Celia ou com Gulemale?

– Pelo amor de Deus! – Al-Saud levou as mãos à cabeça e esmagou a franja. – Celia, Gulemale! O que tenho a ver com elas?

– Uf! – exalou Matilde, escapulindo-se para a cozinha.

Não ajudou a aplacar os ânimos terem encontrado Vanderhoeven sentado à mesa do pequeno-almoço. Jean-Marie Fournier e a enfermeira Julia também faziam parte do grupo. Tinham acabado de chegar e explicavam que dariam início à campanha de vacinação contra a meningite no orfanato das Irmãs da Misericórdia Divina, seguindo depois para a próxima aldeia. Al-Saud apertou a mão de Fournier e de Julia quando Matilde os apresentou e nem sequer olhou para o médico belga que, por sua vez, teve uma atitude semelhante.

Kabú continuava agarrado ao tronco de Juana e escondia o rosto no peito dela. Ninguém conseguia que se comportasse de uma forma razoável. Estava assustado e sentia-se deslocado.

– Ele entende francês? – perguntou Alamán a Juana, em castelhano.

– Bastante, mas não o fala muito bem.

– Ei, Jérôme! Este menino que está com Juana, é teu amigo? – interessou-se Alamán, e Jérôme, com a boca cheia de manga, abanou a cabeça numa negativa. – Sabes como se chama?

– Kabú.

Al-Saud reparou que Matilde se inclinava sobre o ouvido de Jérôme e lhe dizia: «Riqueza, engole antes de falar», e não compreendeu por que razão este simples ato fez com que no seu íntimo se erguesse com força renovada o sentido de propriedade que Matilde lhe inspirava sempre, só que agora também reclamava a propriedade do menino, como se ambos, Matilde e Jérôme, fossem uma mesma coisa, uma coisa dele. Talvez por Matilde desejar ser mãe do menino e ele querer satisfazer todos os seus caprichos, talvez pela presença de Vanderhoeven, que trazia à tona o seu lado mais obscuro.

– Jérô, o que achas que se passa com Kabú?

– É um enfant sorcier.

– Não sou um enfant sorcier! – replicou Kabú, em francês.

– Não gostas que digam que és um enfant sorcier? – Com a cara enfiada no decote de Juana, Kabú abanou a cabeça. – Eu sei como demonstrar que não és um enfant sorcier – afirmou Alamán, e o menino voltou-se um pouco para olhar para ele com o olho esquerdo.

Joséphine tinha pousado a chávena de café no pires e observava a troca de palavras com atenção. Deliberadamente, tinha tratado Alamán com frieza, embora lhe custasse continuar a fazê-lo, sobretudo quando ele lhe deitava olhares desconcertados que lhe trespassavam o coração e, mais ainda, se tinha Siki ao colo e se comportava com tanta doçura com um pobre menino congolês deformado pelo ácido. No entanto, as palavras do seu pai, que tinha semeado a dúvida e a dor, ainda a perseguiam.

– Como demonstrarias isso, Alamán? – interveio Amélie.

– É muito fácil – disse, passeando os olhos pela mesa até encontrar a fruteira. – Uma lenda conta que um dia, um enfant sorcier que passeava pela selva encontrou uma manga gigante.

– Cabshita, uma manga gigante? – guinchou Juana, olhando para ele com uma expressão que dizia: «Não te podias ter lembrado de uma coisa melhor?», e Joséphine achou graça à careta aflita e à sacudidela de ombros que Alamán lhe devolveu. – Uma manga gigante – apressou-se a acrescentar Juana – é uma coisa muito perigosa. Se rolar, esmaga-nos.

– Claro! – concordou Alamán. – Antigamente, há muito, muito tempo, todas as mangas eram gigantes. E rolavam para esmagar as pessoas que queriam comê-las.

– Qual era tamanho dessas mangas gigantes? – perguntou Joséphine e Alamán olhou-a, sério, antes de responder:

– Eram tão altas como eu.

– Enormes! – exclamou, e conseguiu que Kabú afastasse um pouco mais a cara do decote de Juana para examinar Alamán, que se pôs de pé e provocou uma expressão de espanto nas feições deformadas do menino. – E o que aconteceu então? – Joséphine animou-o a continuar.

– O enfant sorcier tinha muita fome e queria comer a manga. A manga, evidentemente, não ia permiti-lo. – Tirou uma manga da fruteira. Primeiro segurou-a de pé e depois pousou-a deitada para a fazer rodar sobre a mesa na direção de Kabú. – A manga começou a rolar com a intenção de esmagar o enfant sorcier, que era um sorcier muito poderoso e que, só por ter levantado a mão e imaginado a manga pequena, conseguiu reduzi-la a este tamanho. – Recuperou a manga e ergueu-a no ar. Nessa altura, Kabú já se tinha afastado completamente de Juana e olhava para

Alamán com atenção.

– O que aconteceu a seguir? – encorajou-o Joséphine.

Alamán sentou-se antes de prosseguir.

– O enfant sorcier levantou a manga do chão, fechou os olhos e imaginou-a descascada. Ao abri-los, a manga estava descascada, pronta para ser comida.

– E ele comeu-a? – perguntou Kabú.

– Pergunta se a comeu – traduziu Joséphine.

– Toda! Comeu-a toda.

– O que aconteceu então? – apressou-o Joséphine.

– Do nada apareceu a rainha das mangas. – Todos abafaram uma exclamação e Kabú ergueu-se um pouco mais no colo de Juana. – Era a manga mais bonita de todas as mangas. Ela também era uma sorcière muito poderosa, embora não tanto como o enfant sorcier, por isso não pôde fazer-lhe mal.

– O que fez a rainha?

– Lançou uma maldição a todos os enfants sorciers. Disse: «Por ter comido uma das nossas e por nos ter reduzido a um tamanho tão pequeno, um enfant sorcier nunca poderá comer uma manga sem que a boca se lhe converta em fogo e o estômago se lhe dissolva.» – Outra exclamação unânime. – Desde esse dia, as pessoas sabem se um menino é um enfant sorcier porque o obrigam a comer manga. Se lhe sair fogo da boca e se o estômago se transformar em água, então sabem que é.

Joséphine espetou um bocado de manga do seu prato e disse a Kabú, em suaíli.

– Ouve, Kabú, não queres provar um bocado de manga? Assim demonstrarias a todos que não és um ndoki, mas um menino como qualquer outro. – Kabú assentiu e esticou o braço numa atitude insegura para agarrar no bocado de fruta. – Muito bem, querido. Agora, come-a.

Todos sustiveram a respiração como se esperassem que saísse fogo da boca do menino.

– Vamos! Coragem! – animou-o Joséphine. – Tu sabes que não és um ndoki, por isso não tens nada a temer.

– E se for?

– Porque hesita? – quis saber Juana.

– Tem medo de ser um enfant sorcier e de ficar com fogo na boca.

– Será que nunca provou uma manga? – admirou-se Juana.

– A fruta é um bem de luxo entre os congolese. Os mais pobres raras vezes a

provam – explicou Amélie em castelhano, e prosseguiu em suaíli: – Diz-me, Kabú, tu saberias transformar esta pequena manga numa gigante? – O menino negou, abanando a cabeça. – Nesse caso, não és um ndoki. Vamos, demonstra a todos que não o és.

Kabú prendeu o bocado de manga entre os dentes e Tateou-a com a língua. O sabor doce e a textura escorregadia da fruta encorajaram-no a metê-la na boca. Trincou-a com cuidado, lentamente, e, à medida que a manga se diluía na boca e nenhuma queimadura o afetava, os olhos do menino abriam-se e os lábios separavam-se-lhe num sorriso.

– Bravo! – exclamaram em unísono.

– Estás a ver, Kabú? – disse Amélie. – Tu não és um enfant sorcier.

Todos partilharam o sorriso de Kabú e encheram-no de elogios, ao contrário de Joséphine e de Alamán, que se mantinham em silêncio e olhavam um para o outro através da mesa.

– Riqueza – disse Matilde ao ouvido de Jérôme –, queres acompanhar Kabú e apresentá-lo aos outros meninos? Ele sente-se muito sozinho e assustado, como quando tu chegaste e não conhecias ninguém. – Jérôme assentiu. – Limpa a boca com o guardanapo. Assim, muito bem. Agora vai com ele.

Jérôme saiu da sua cadeira junto à de Matilde e aproximou-se de Kabú. Puxou-lhe pela manga da camisola e falou com ele em suaíli, coisa que impressionou Matilde porque era a primeira vez que o via falar nessa língua.

– Vamos lá para fora jogar futebol?

– Que boa ideia! – disse Amélie. – Vai com Jérôme, Kabú. Vais divertir-te muito.

Matilde, Eliah, Juana, Alamán e Joséphine seguiram-nos vários passos atrás. Os órfãos pararam as suas brincadeiras e aproximaram-se dos meninos, rodeando-os. Com a sinceridade isenta de fingimento dos mais pequenos, um deles apontou para a cara de Kabú e perguntou-lhe o que tinha acontecido. Uma vez que comunicavam em suaíli, Joséphine traduziu e, enquanto o fazia, sentiu a mão de Alamán fechar-se sobre a sua.

– Queimaram-no com ácido – explicou Jérôme, e Matilde perguntou a si própria se ele saberia o que era um ácido.

– Porquê?

– Porque era um ndoki! Mas não é um ndoki! – apressou-se a esclarecer Jérôme. – Acabou de comer manga e não ficou com fogo na boca. Por isso não é um ndoki.

Os adultos esconderam o riso atrás das mãos.

– Se fosse um ndoki, teria ficado com fogo na boca?

– Fogo na boca e com as tripas em água.

– Porquê?

Jérôme repetiu a história contada por Alamán diante de um auditório emudecido.

Como lhe custava conter a ira, Al-Saud manteve-se longe de Matilde, que colaborou na vacinação das crianças. Também falou com as mulheres que sofriam de fístula, aquelas a quem a cirurgia não tinha resolvido o problema, examinou um dos homens que viviam na missão e que sofria de dores abdominais, e dois meninos com febre. Queria, sobretudo, pôr de parte a possibilidade de cólera no adulto e de inflamação das meninges nos mais pequenos.

A pedido de Amélie, Eliah e Alamán montaram uma cama para Kabú e colocaram-na ao pé da cama de Jérôme. Joséphine tratou de pôr os lençóis e de instalar o mosquitoieiro. Ao saber que Alamán era engenheiro eletrotécnico, sœur Edith pousou na mesa do refeitório alguns pequenos eletrodomésticos – um secador de cabelo, um rádio, uma lanterna, dois walkie-talkies, uma batedeira e um candeeiro – e pediu-lhe que os consertasse. Joséphine, com ar tímido e em silêncio, sentou-se junto dele para o observar.

– Sabes muito destas coisas – comentou, quando o rádio começou a funcionar depois de uma segunda tentativa.

– Especializei-me noutro tipo de tecnologia – respondeu Alamán, preparando-se para desmontar o secador de cabelo.

– Em que tipo de tecnologia?

– Em segurança e em contramedidas eletrónicas, coisa de que a fazenda do teu pai precisa desesperadamente.

– A sério?

– Ontem entrei em Anga La Mwezi sem nenhuma dificuldade. O portão estava aberto, não havia guardas, nem câmaras, nada – disse, e ergueu os olhos para os fixar em Joséphine. – Isso seria perigoso em qualquer lugar do mundo, mas aqui, no Congo, é uma insensatez. Porque vive o teu pai assim, sem precauções? Tem uma filha que proteger.

– O meu pai ama esta terra e tem uma perceção um pouco irrealista do Congo – admitiu Joséphine. – Pensa que todos respeitam o apelido Boel e que ninguém se atreveria a fazer-nos mal.

– Pois... – troçou Alamán, continuando a trabalhar.

– Estás aborrecido comigo?

– Deveria estar?

– Sim. – Alamán pousou o secador na mesa e, passados segundos, ergueu os olhos. – Tratei-te friamente quando cheguei.

– Muito friamente.

- Desculpa-me.
- Porque o fizeste?
- Já to disse ontem, em casa. Porque tenho medo que me magoes.
- Já to disse ontem, na tua casa: nunca te magoaria.
- Isso é o que todos dizem.
- Eu não sou todos.

Alamán pôs-se de pé com um estalo da língua e encaminhou-se para a porta. Joséphine foi depressa atrás dele e deteve-o, pondo-lhe a mão no ombro. Sentiu-o grosso e forte e excitou-se.

– Perdoa-me, Alamán. Sei que estou a ser injusta contigo, mas não consigo evitar. Sofri muitíssimo.

– E o teu pai colaborou para aumentar o teu medo falando-te mal de mim, não é verdade?

– Fazes com que me sinta uma estúpida que permite que outros tenham influência nas suas decisões.

– Não é assim? – Joséphine anuiu, evitando olhar para ele e Alamán sentiu que a raiva diminuía e que a doçura o embargava. – Porque não te preocupas só com o que sentes? És uma mulher inteligente, Joséphine.

– Oh não, não sou – disse, com uma voz abafada.

Alamán agarrou-a e colou-a ao seu corpo.

– Pensas que me teria apaixonado por ti se fosses uma tonta?

– Estás apaixonado por mim?

Alamán riu-se um pouco e fortaleceu o abraço em redor de Joséphine.

– Não se nota que estou louco por ti?

– Quero que mo digas.

– Joséphine, estou perdidamente apaixonado por ti. Ontem à noite não consegui dormir por tua culpa. Passei o tempo a pensar em ti.

– Eu também não dormi ontem à noite, pensando em ti.

– Em como sou mau? Em como te farei sofrer?

– Não, pensava no beijo que me deste ontem, imaginava o beijo que me darias hoje.

Joséphine acariciou as costas de Alamán, pôs-se em bicos de pés e apoiou a boca entreaberta na dele, que se manteve imóvel, expectante, enquanto a jovem movia os lábios com suavidade e lhe cravava os dedos na nuca e na base da cabeça. Esse

contraste, entre as carícias da sua boca e o fervor das suas mãos, enlouqueceu-o. Devorou-lhe os lábios, penetrou-a com a língua e acariciou-lhe os seios até a fazer gemer.

– Sim, meu amor, geme, enlouquece-me. Entrega-te a mim, Joséphine. Por favor, entrega-te a mim.

– Alamán... Meu amor...

O beijo tornou-se selvagem. Não lhes bastava as bocas para expressar a paixão que despertavam um no outro, nem as mãos para comunicar o ardor que sentiam. Os gemidos prolongavam-se, as respirações aceleravam-se. Alamán arrastou-a até uma parede e curvou o seu corpo sobre o dela, como se quisesse fundi-la nele. Assim os encontrou sœur Annonciation, quando entrou no refeitório disposta a pôr a mesa: enredados num beijo que teria escandalizado alguém mundano.

– Oh! – exclamou, e o olhar congelou-se-lhe num espetáculo que, ao mesmo tempo que a repugnava, a atraía. – Desculpem – murmurou antes de sair com passo rápido.

Alamán e Joséphine entreolharam-se e riram-se.

Juana falava com Shiloah no telefone por satélite de Eliah; Alamán e Joséphine conversavam, embalados num cadeirão de baloiço, sob os irocos; as crianças dormiam a sesta para evitar o período de maior calor, tal como as religiosas e as mulheres acolhidas. A chuva cheirava-se no ambiente opressivo das primeiras horas da tarde e a fúria com que cairia adivinhava-se na calma que se tinha apoderado da selva.

Matilde, exausta, mas incapaz de pregar olho, deambulava pelo orfanato, mergulhado num silêncio perturbador. Jérôme e Kabú acabaram por adormecer depois de ouvirem uma história. Perguntou a si própria onde estaria Eliah. Não olhara para ela enquanto almoçavam, nem sequer quando Fournier repetira os elogios que Gustafsson lhe fizera depois de ter partilhado com ela uma semana na sala de operação. «É de uma habilidade com o bisturi poucas vezes vista», «a sua segurança a resolver imprevistos é a de um cirurgião com mais de vinte anos de experiência», «a doutora Matilde nasceu para operar e quem cair nas mãos dela será um felizardo». Estes elogios só lhe interessavam se Eliah os ouvisse. Ele, no entanto, fez de conta, ao contrário de Vanderhoeven, que mergulhou de cabeça num panegírico de Matilde que deixava poucas dúvidas a respeito dos seus sentimentos. Para cúmulo dos males, quando, depois do almoço, Juana e Matilde acompanharam os colegas até à carrinha da Mãos Que Curam, o médico belga apanhou-a de surpresa ao abraçá-la. Embora não se tenha voltado, Matilde sabia que Al-Saud estava a vê-los.

Momentos antes, quando Jérôme mostrou a Kabú o seu tesouro, a caixinha com a madeixa de Matilde, esta reparou que havia mais qualquer coisa, um chaveiro Mont Blanc que lhe pareceu familiar.

- Ofereceu-mo Eliah – respondeu o menino, muito desembaraçado.
- Quando? Hoje?
- Não, no outro dia, quando nos conhecemos.
- Porque to ofereceu?
- Para que me lembre dele.

Saiu do orfanato com a disposição de rastos e dirigiu-se para a casa das religiosas. Avistou Alamán e Joséphine no cadeirão de baloiço, muito encostados; riam-se. Na sala, Juana continuava a falar no telefone por satélite com Shiloah, deitada no sofá, sonhadora. Amélie e Eliah conversavam e bebiam café envoltos numa aura intimista que, juntamente com os seus sorrisos nostálgicos, a fez sentir-se excluída, pelo que decidiu ir até ao quarto da prima e deitar-se um pouco. Doía-lhe a cabeça e o corpo queixava-se da noite às claras, do trabalho extenuante da semana e do ambiente tenso vivido na festa de Madame Gulemale.

– Ei, Mat! – chamou-a Amélie, com uma exclamação sufocada. – Vem cá. – Amélie moveu-se na banquetta e arranjou-lhe lugar ao seu lado. Eliah não ergueu os olhos e continuou a dobrar uma folha de papel com uma expressão muito concentrada. – Sirvo-te um café.

– Não, obrigada.

– E um chá? Faço-te um chá. – Matilde aceitou com um sorriso. – Felicito-te, prima – disse Amélie, preparando a infusão. – Jean-Marie não parava de te elogiar. Parece que como cirurgiã és excelente.

– Disso queria falar-te – disse Matilde, para acabar com o assunto dos elogios. – Gostaria de fazer mais uma tentativa nas mulheres com fístula da missão. Talvez tenhamos sorte desta vez.

– Sim, achas? Algumas, como Niara, passaram por duas cirurgias.

– Eu sei, mas gostaria de tentar. Poderíamos começar pelos casos que tiveram uma única cirurgia. Esta semana eu trataria das coisas no hospital para poder recebê-las na semana que vem.

– Que bênção seria poder devolver-lhes a normalidade! – exclamou Amélie, pousando a chávena diante de Matilde. – Deita-lhe muito açúcar, estás pálida.

Al-Saud parou as mãos e ergueu os olhos pela primeira vez. Olhou-a fugazmente e voltou a concentrar-se nas dobras do papel.

– Vou ligar as bombas para a água encher os tanques – disse Amélie. – Hoje é dia de banho das crianças. Dentro de pouco tempo começarão a chegar as mulheres com os bidões para levar a água até ao refeitório.

Ficaram sós num silêncio tão profundo que Matilde não se atrevia a quebrar se levasse a chávena à boca e fizesse barulho ao beber e engolir.

- O que estás a fazer? – acabou por sussurrar, incapaz de manter o mutismo.
- Um avião para Jérôme. Um amigo ensinou-me a fazê-lo quando éramos crianças, mas não estou a ter grande sucesso.
- Que amigo?
- O meu melhor amigo. Gérard Moses.
- Moses? Como Shiloah Moses?
- São irmãos, mas não se dão bem.
- Nunca me falaste dele.
- Nunca falo de Gérard.
- Porquê?

Al-Saud encolheu os ombros, sempre com os olhos no papel.

- Talvez por ele ser muito especial e só eu o compreender.
- Especial? Em que sentido?
- Sofre de uma doença congénita, que herdou do pai. Não pode levar uma vida normal – disse, segundos depois.

– Que doença? – Como Eliah olhou para ela com dureza, Matilde retraiu-se. – Desculpa! Estou a perguntar de mais. Já sei que não gostas que invadam a tua privacidade.

– Antes, a minha privacidade e a tua eram a mesma coisa. A doença de Gérard chama-se porfíria – esclareceu, sem pausas, sem lhe dar tempo de refletir sobre a primeira afirmação. – É uma afeção que, entre outras coisas, o impede de estar ao sol.

– Sim, a porfíria. É um desequilíbrio na produção do hemo – disse, mais para si própria. – É uma doença muito rara, pouco comum. Quase não se sabe nada sobre a sua origem ou a sua cura. Gostaria de conhecer Gérard.

Al-Saud não disse nada, embora lhe tenha doído pensar que não teria gostado que a sua mulher e o seu melhor amigo se conhecessem. Não por recear que Matilde se assustasse com os traços toscos e os dentes acastanhados de Gérard, era evidente que estava habituada a coisas piores, mas porque não a queria expor a ele; pressentia que havia alguma coisa de mau no seu amigo. Fez uma última dobra e levantou o avião de papel para o examinar de diversos ângulos.

– Quero ver a cara dele quando lhe deres esse avião – disse Matilde com uma voz risonha, que Al-Saud não partilhou. – Eliah, porque lhe disseste que o levarias a voar? Está muito ansioso com isso. E muito esperançado.

- Disse porque penso fazê-lo.

O silêncio prolongou-se. Al-Saud persistia na sua atitude esquivada e mal-humorada. De repente, a mágoa e o cansaço formaram uma frente demasiado poderosa e Matilde claudicou: precisava de descansar ou acabaria por desmaiar de novo. Pôs-se de pé e contornou a mesa, arrastando a mão sobre a toalha, mão que Al-Saud agarrou antes que a levantasse para se ir embora.

– Chama-te «mamã» quando não estás – disse, sem olhar para ela, com os olhos fixos nos dedos de Matilde.

– A sério? – Al-Saud assentiu. – Nunca imaginei que alguém me chamasse «mamã» nesta vida – garantiu, limpando a garganta para desfazer o nó de emoção.

– Nunca tinha visto um miúdo amar tanto um adulto – admitiu Al-Saud, mais surpreendido do que ciumento. – Só fala de ti, passa o tempo todo a falar de ti.

– Pois agora, enquanto tentava adormecê-lo, só falava de ti.

– Gosta de mim porque pensa que sou teu amigo.

– Gosta de ti porque te acha simpático. Vanderhoeven é meu amigo e ele não gosta nada dele.

– Só teu amigo?

– Só meu amigo. Ele gostaria que fôssemos mais qualquer coisa, mas eu não consigo.

– Não consegues? – retrucou ele, agressivo, mordaz. – Isso quer dizer que gostarias?

«Não, não gostaria. E também não consigo porque te amo a ti.»

– Eliah, estou tão cansada – disse em vez disso. E o facto de o ter admitido foi suficiente para que Al-Saud se preocupasse. Deixou a cadeira e abraçou-a com delicadeza. Matilde afundou o nariz no peito dele onde nidificavam os cheiros que ela relacionava com a felicidade: o do seu perfume, do seu suor, do amaciador com que Leila lhe lavava a roupa. Pôs os braços à volta dele e descansou sobre o seu corpo são e jovem.

Al-Saud fechou os olhos, emocionado com a entrega de Matilde, angustiado com a magreza dela. Sentiu-a estremecer de extenuação e levantou-a do chão com o esforço que teria utilizado para pegar na sua sobrinha Francesca. Matilde agarrou-se a ele, apoiou-lhe a cabeça no ombro e fechou os olhos, que lhe picaram e essa sensação propagou-se pelas extremidades, enfraquecendo-as, descontraindo-as. Deu um suspiro, que humedeceu o pescoço de Al-Saud.

Levou-a no colo até à sala onde, com um movimento da cabeça, indicou a Juana que saísse do sofá para se instalar aí com Matilde como se fosse um bebé.

– Está a dormir? – sussurrou Juana.

– Não – murmurou Matilde sem forças. – Tenho de dar banho a Jérô.

Al-Saud pousou-lhe os lábios na testa antes de dizer.

– Dorme. Peça-te, meu amor, dorme.

– Matita – disse-lhe Juana ao ouvido –, eu encarrego-me do banho do meu sobrinho – o que arrancou um sorriso ténue a Matilde antes de adormecer no colo de Al-Saud.

O trovão fê-la estremecer. Alterou o ritmo da respiração, mudou de posição e continuou a dormir. Al-Saud, deitado na cama de Amélie junto a Matilde, via-a dormir há três horas. Não conseguia afastar os olhos dela.

Jérôme, com a sabedoria que tinha em escapulir-se, esgueirou-se para dentro da casa das religiosas, depois de Juana o ter ajudado com o banho, para verificar que não lhe mentiam, que a sua «mamã» estava a dormir. Até ter entreaberto a porta do quarto de soeur Amélie e a ver deitada na cama com Eliah ao lado, não recuperou a calma. Receava que tivesse partido, que o tivesse abandonado.

Al-Saud fez-lhe sinal para manter silêncio e, ao ver o pânico na expressão do menino, sentiu um aperto no coração. Convidou-o a entrar com um gesto da mão. Viu que Jérôme tinha acabado de tomar banho e estava com roupa limpa e com os caracóis húmidos, tão fechados que pareciam contas pretas. O menino ajoelhou-se perto da cabeceira e sussurrou, ou melhor, moveu os lábios:

– A minha mamã está doente? – Al-Saud agitou o indicador para negar. Ainda lhe custava ouvir aquele «mamã»; a sua parte possessiva e selvagem revoltava-se e gritava. – O que é que ela tem?

– Estava muito cansada. Se não dormisse, ia desmaiar.

Comprimiu os lábios para reprimir a gargalhada que lhe causou a careta de Jérôme, que arqueou as sobrancelhas, depois franziu o sobrolho, mordeu o lábio e encolheu os ombros, angustiado de impotência e preocupação. Apoiou a cara na almofada, sobre o cabelo de Matilde. Eliah observava-o. Movia as pálpebras lentamente, como se as pestanas, tão encaracoladas e espessas, lhe pesassem. A respiração tornava-se regular e os ombros descaíam-lhe. Não devia estar confortável, refletiu Al-Saud, com os joelhos no chão de tijoleira e, no entanto, mantinha-se estoico, numa atitude protetora; admirou-o por isso.

Um novo trovão perfurou o silêncio do quarto e deu lugar à chuva, que caiu sem misericórdia. Al-Saud saiu da cama para fechar as portadas e tornou a deitar-se. Matilde agitou a cabeça e as pernas e acordou. Al-Saud esperou, expectante, até os olhos prateados o terem descoberto junto dela e lhe terem sorriso. Al-Saud passou-lhe a ponta dos dedos pela face quente e corada e inclinou-se para a beijar nos lábios. Jérôme deu-lhe vários beijos nas costas e no braço direito.

– Quem anda aí? Um ratinho?

– Não – disse o menino, sério. – É Jérô.

– Ah, a minha riqueza está aqui! – exclamou sem se voltar. – Tira os ténis e

deita-te connosco.

Elijah sentiu vontade de rir pela velocidade com que se descalçava e subia para a cama, muito estreita para os três. Meteu-se entre ele e Matilde, ou antes, enfiou-se, virando-lhe as costas e olhando para Matilde com uma adoração em que Elijah se reconheceu.

– Juana ajudou-nos a tomar banho, a mim e a Kabú.

– Portaram-se bem?

Jérôme assentiu, solene.

– Tratou das queimaduras de Kabú e não me fez impressão vê-las.

– É por seres tão valente, minha riqueza.

– Ias voltar a desmaiar se não dormisses?

– Estava muito cansada – admitiu Matilde –, mas não creio que voltasse a desmaiar.

– Porque te pergunta isso? Desmaiaste alguma vez de cansaço? – Al-Saud fingiu não saber e Matilde ergueu os olhos, encontrando os seus olhos verdes, severos e repletos de censura. Não reparou na preocupação nem no aborrecimento de Elijah. Pensou, em vez disso, que se tratava de um sonho tornado realidade tê-los a ambos ali com ela. Era tão comovedor e inacreditável que receava que fizesse parte de uma ilusão que se desvaneceria quando acordasse.

– Há mais de dez dias desmaiei aqui, na missão.

– Merde, Matilde! – exclamou. – Isso é porque trabalhas sem descanso e te alimentas como um passarinho. Aquele filho da puta do Vanderhoeven explora-te! Vou matá-lo.

Matilde estendeu a mão e acariciou-lhe a face de barba incipiente com as costas dos dedos, coisa que teve um efeito imediato na ira de Al-Saud: neutralizou-a. Ele procurou-lhe a mão com a boca, mordiscou-lhe os dedos e beijou-os.

– O que se passa? O que diz Elijah? Está aborrecido?

– Sim – admitiu Matilde. – Diz que não como nem descanso o suficiente.

– E por isso desmaias?

– Sim – interveio Al-Saud, com a raiva dificilmente sufocada –, por isso desmaia.

– Não quero que trabalhes tanto e quero que comas muito! – choramingou Jérôme, mergulhando a cara no peito de Matilde e passando-lhe o braço pela cintura para se encostar a ela.

– Estás a assustá-lo – repreendeu-o Matilde, em castelhano. – Perdeu toda a família. Não te dás conta da angústia que lhe causa pensar que me vai perder

também a mim?

Al-Saud olhou para ela com uma expressão tão contrita, tão invulgar nele que Matilde se esforçou por não rir.

– Ei, campeão – chamou-o Eliah, inclinando-se sobre o ouvido do menino –, não tenhas medo. Não acontecerá nada a Matilde porque tu e eu não permitiremos.

– Não? – choramingou, sem afastar a cara do decote dela.

– Não e tu vais ajudar-me. Vais ajudar-me?

– Sim – garantiu, dando meia-volta para olhar Al-Saud, que sentiu uma forte emoção diante da carinha húmida de lágrimas. O sentimento voltou a apanhá-lo de surpresa, apesar de já saber que Jérôme tinha a mesma capacidade de Matilde, a de o despojar da couraça deixando-o desarmado, exposto e vulnerável. Passou-lhe o polegar pela bochecha para limpar as lágrimas, e a beleza do seu rosto de criança voltou a espantá-lo. Era tão bonito, de traços regulares e olhar doce.

– Tu e eu – disse, com um tom de voz cúmplice – trataremos que durma muitas horas, que não trabalhe tanto e que coma bem. O que achas? Ajudas-me?

– Sim, sim!

– Estão a conspirar contra mim?

Um alvoroço, que não era provocado por risos mas por vozes assustadas e corridas, interrompeu o diálogo. Al-Saud saiu da cama de um salto. Matilde e Jérôme seguiram-no.

– Mat! – O chamamento de Juana, com um timbre evidente de terror, transformou-se num calafrio no corpo de Matilde, que saiu do quarto como um furacão.

– Estou aqui! O que se passa?

Alamán, encharcado, trazia uma menina nos braços. As religiosas e Joséphine seguiam-no, tal como algumas das mulheres acolhidas.

– Foi picada por uma abelha! – explicou Juana. – E acontece que é bastante alérgica. O edema da glote está a obstruir as vias respiratórias. A dispneia é muito severa. E o pulso, muito baixo.

Mesmo com a cara inchada como um balão, tanto que os olhos tinham desaparecido debaixo das pálpebras, e com uma cor azulada na pele, Matilde reconheceu Siki, a menina de três anos, a preferida de Amélie, a rejeitada pela mãe, Lesego, por ser fruto de uma violação.

– Para a mesa da cozinha! – ordenou. – Joséphine, pede a Godefroide que traga a minha mala. Ficou na tua carrinha.

Al-Saud e Jérôme permaneceram no quarto, mesmo depois de o grupo ter saído

em bloco na direção da cozinha.

– Vai morrer? – perguntou o menino.

– Não – afirmou Al-Saud, sem nada a que se agarrar. – Vamos – disse, e levou Jérôme pela mão.

Na cozinha, Al-Saud viu que Siki já tinha sido colocada de costas na mesa, com um pano sob a nuca. Juana apoiava a mão na testa da menina para manter a cabeça para trás e expor o pescoço. Godefroide, encharcado, apareceu com a mala e pousou-a na bancada. Matilde pôs Betadine nas mãos e esfregou-as rapidamente; não dispunha de luvas de látex.

A dispneia de Siki era quase total. Praticamente não respirava e o risco de danos cerebrais tornava urgente a intervenção.

– Saíam todos – pediu Matilde, tirando algumas coisas da sua mala.

Amélie levou-os para fora, à exceção de Al-Saud e de Lesego que, com um ar obstinado, negaram abanando a cabeça e ficando a um canto.

– Juani, arranja-me uma lapiseira ou qualquer coisa tubular e desinfeta-a.

Al-Saud via-a atuar com uma expressão congelada, como se sobre ele tivesse caído um feitiço. Só os seus olhos se moviam para seguir as mãos da cirurgiã. Apesar da urgência, Matilde falava com Siki, chamava-a pelo nome e encorajava-a a aguentar.

– Far-lhe-ei uma coniotomia – disse, e Al-Saud não sabia a quem se dirigia. – Nesta situação é menos perigosa do que uma traqueostomia.

– Sim – respondeu Juana, que segurava numa esferográfica a que tinha tirado o interior. – Já tenho o tubo. Vou desinfetá-lo com álcool.

Eliah observava, absorto, o movimento dos dedos de Matilde no pescocinho da menina. Apalpava-o para localizar alguma coisa e fazia-o com enorme destreza. De facto, estava a tentar localizar a cartilagem tiroideia e a membrana cricotireóide, sobre a qual efetuar a incisão. Uma vez localizado o sítio, pintou-o com álcool iodado.

– Amélie, Eliah, segurem-na. Vou cortar.

Matilde fez pressão sobre a pele da menina e efetuou uma incisão com cerca de um centímetro e meio, de onde saiu um sangue escuro e espesso. Siki, inconsciente, não se mexeu. Matilde limpou o corte com gaze e seguiu em frente até saber que tinha aberto uma via na traqueia.

– O tubo – pediu, e Juana entregou-lho. Ela inseriu-o no orifício e imediatamente notaram que o peito da menina se expandia quando os seus pulmões se enchiam de ar.

– Graças a Deus! – exclamou Amélie.

– O pulso está a restabelecer-se – informou Juana.

– É preciso levá-la para o hospital de Rutshuru. Já – insistiu Matilde, rodeando com gaze a base do tubo e prendendo-o ao pescoço de Siki com adesivo.

– Com esta tempestade? – disse Amélie, apavorada. – É muito perigoso.

– A coniotomia é um procedimento praticado em meios não hospitalares quando a dispneia é total, mas exige cuidados intensivos imediatos. Os riscos são imensos. Temos de ir a Rutshuru.

– Amélie – interveio Al-Saud –, dá-me as chaves do Range Rover. Eu levarei a menina a Rutshuru.

– Eu vou contigo – disse Matilde e Al-Saud, conhecedor daquela expressão resoluta, soube que não valia a pena tentar que desistisse.

Pegou em Siki com um cuidado extremo, atento às diretivas de Matilde. Entre ela e Juana faziam com que o tubo não saísse do lugar, enquanto sœur Angelie e sœur Tabatha as protegiam com guarda-chuvas. Lesego ia atrás, e ninguém se opôs quando entrou na carrinha e se sentou ao lado de Matilde, que lhe ordenou que segurasse nas perninhas da menina. Como Matilde não podia e Lesego não sabia como, Alamán, a um pedido de Eliah, colocou-lhes os cintos de segurança.

– Eliah, mantém-te longe do rio! – pediu-lhe Amélie.

– Estaremos a rezar por vocês! – exclamou Joséphine, enquanto o Range Rover fazia marcha-atrás.

A chuva aumentava e dificultava a visibilidade a um ponto alarmante. Matilde interrogava-se como Eliah saberia por que caminho conduzir. Os limpa-para-brisas não davam vazão a tanta água, que caía como uma cortina. A carrinha era sacudida ao passar pelas lombas e Matilde receava que a cânula saísse do lugar; a incisão tinha começado a sangrar e depressa a ligadura não seria suficiente para absorver o sangue. Os seus dedos polegar e médio tentavam permanecer no pulso de Siki para medir as pulsações a todo o momento.

Nas suas viagens à missão, Al-Saud notara que, nesse setor, o rio Rutshuru corria por costas baixas, ao contrário de outros setores, onde corria no interior de um desfiladeiro, com barrancos elevados. Não duvidava de que tivesse transbordado e, mesmo que se mantivesse afastado, por simples instinto, uma vez que não via nada, a água acabaria por alcançá-los rapidamente. Arrepentia-se de não ter amarrado Matilde a uma cadeira para impedir que o acompanhasse.

Alguma coisa contundente bateu no lado direito do Range Rover, à altura de Lesego, e Matilde conteve uma exclamação de pânico.

– Estão bem? – perguntou Al-Saud.

– Sim. O que foi isto?

– A água, que já inundou o caminho.

Matilde admirou-se porque pensou que se tratava de um tronco, talvez de um animal que os tivesse abalroado. O golpe repetiu-se e uma onda castanha subiu pela janela e afastou-se. Matilde baixou os olhos, fixou-os na cânula e começou a rezar o pai-nosso mecanicamente, nem sabia o que dizia, mas confortava-a repetir sucessivamente a oração.

O rio não se limitava a avançar sobre o caminho de terra vermelha e pedregosa, antes carcomia-o à passagem da carrinha, e a velocidade do Range Rover tornou-se insuficiente para fugir à derrocada. As rodas traseiras patinaram sobre a beira do barranco e ficaram sem apoio, sob a água. A traseira do veículo deu uma guinada e os ocupantes foram sacudidos. A carrinha ficou inclinada como se subisse uma ladeira. Se Al-Saud permitisse que a tração dianteira deixasse de puxar, cairiam ao rio e seriam arrastados, pelo que as suas extremidades se moviam com rapidez e de uma forma coordenada para acelerar e mudar as velocidades, à procura de um ponto onde a carrinha encontrasse uma porção de terreno sólida onde se segurar para se propulsar para a frente. A cada segundo, a parte dianteira elevava-se num ângulo que acabaria nos noventa graus se a sorte não mudasse rapidamente.

Matilde, que tinha parado de rezar e de respirar, apercebia-se dos esforços de Eliah para os tirar de onde quer que tivessem caído. Não conseguia desviar os olhos do apoio para a cabeça do banco dianteiro ao mesmo tempo que imaginava a tensão dos músculos dos antebraços e das pernas dele devido à luta que travava com a caixa de velocidades, com o volante, com os pedais. Era bom condutor, ela sabia disso, e esta era uma carrinha preparada para caminhos difíceis. No entanto, quem media forças com a Natureza?

Numa fração de segundo, Al-Saud meteu a primeira e acelerou. As rodas dianteiras morderam o terreno, deixaram de patinar e aderiram ao caminho. O Range Rover inclinou-se para a frente e, dada a força da aceleração, foi empurrado, fendeu a água do caminho e avançou. Matilde ouviu os movimentos rápidos de Al-Saud na alavanca das velocidades e os dos seus pés sobre os pedais, para aproveitar o golpe de sorte que os salvara de cair ao rio. Reparou que se afastavam para a esquerda do caminho, para o limite com a selva tropical, a fim de evitarem a beira do barranco, cujos limites se ampliavam à medida que a corrente adquiria força e devorava a argila.

Embora os olhos se lhe tivessem embaciado com lágrimas de alívio e de amor pelo homem que as tinha salvado, reparou que a cânula se mexera e saíra do orifício da traqueia. Comprovou que o pulso de Siki enfraquecia e que o peito dela não subia e descia com a regularidade de antes.

– Lesegó, dá-me a minha mala.

– O que se passa? – preocupou-se Al-Saud, e os olhares de ambos encontraram-se no espelho retrovisor.

– Nada – disse, e sorriu-lhe, sem conseguir que ele distendesse o sobrolho que lhe transformava as sobrancelhas numa linha única, larga e preta.

Matilde tirou o adesivo e o gaze e manobrou a cânula até encontrar o orifício que a ligava à traqueia. A dispneia ainda persistia com o tubo no lugar, por isso tratou de ventilar soprando na extremidade. Imediatamente o peito de Siki se encheu e baixou, e tornou a inchar e a baixar, e Matilde sentiu o alívio como um frio no rosto; soube que estava pálida como um morto. Ainda que a menina estivesse a respirar, tinha receio de danos cerebrais permanentes.

Felizmente, a chuva não caía com a violência inicial e, apesar de não diminuir completamente, Al-Saud já não conduzia às cegas. O caminho continuava alagado e a ondulação do rio ainda batia no lado direito do Range Rover. A poucos quilômetros de Rutshuru, onde a geografia do terreno marcava uma elevação, a água foi-se retirando até ao leito e limpando a estrada, que tinha ficado desfeita, cheia de buracos, de ramos, de pequenos animais a flutuar, inchados e tesos.

Matilde pensou que se Alamán não lhes tivesse colocado os cintos de segurança, as suas cabeças, a dela e a de Lesego, teriam acabado incrustadas nos assentos dianteiros quando o Range Rover afocinhou numa cova mais profunda do que as anteriores. Al-Saud tentou fazer marcha-atrás, sem sucesso, uma vez que as rodas traseiras estavam no ar.

Matilde teria gritado: «Não, pelo amor de Deus, não saias!», quando viu que Al-Saud tirava o cinto de segurança e abandonava o interior. Começou novamente a rezar o pai-nosso, sem tirar os olhos da cânula. Preocupava-a que o sangue da ferida entrasse na traqueia e afogasse Siki. «Senhor, agora que a mãe demonstra algum interesse por ela, não permitas que esta criança tão bonita morra ou fique incapacitada.» Mortificava-a a culpa, porque lhe deu para pensar que tinha sido uma loucura iniciar esta viagem a meio do temporal; censurava-se pelo arrebatamento de a levar para o hospital quando, entre ela e Juana, poderiam ter controlado a coniotomia até a chuva parar. Passados instantes, desdizia-se, enumerando os riscos a que Siki teria sido exposta por falta de atenção apropriada.

Al-Saud escorregou pela parede da cova e, com a água até à cintura, fincou os pés no fundo e retesou os músculos para impedir que a corrente o arrastasse. Limpava os olhos com frequência enquanto examinava a situação e avaliava as alternativas para tirar a carrinha do buraco. O focinho do Range Rover estava mergulhado na água turva, por isso teve de mergulhar as mãos e tatear até encontrar o cabrestante. Felicitava-se por ter tido a ideia de o mandar instalar, um de última tecnologia, preparado para três mil quilos. Acionou-o e o motor, preparado para trabalhar debaixo de água, começou a desenroscar o cabo de aço. Al-Saud afastou-se na direção de uma árvore, a cujo tronco prendeu o cabo. Regressou para junto da carrinha e mudou o sentido da tração do motor.

– Quero que fiques calma – disse a Matilde, em francês, através de uma frincha da janela do condutor. – A carrinha vai dar uma sacudidela, mas tudo ficará bem.

Matilde não teve oportunidade de lhe pedir que tivesse cuidado. A silhueta de Al-

Saud afastou-se do vidro embaciado e regressou para junto do cabrestante para o ligar. A árvore tremeu quando o aparelho começou a enrolar o cabo e Eliah receou que, devido à suavidade da terra, a arrancasse pela raiz. Decorriam os segundos, o motor engolia o cabo e puxava o Range Rover para fora, e a árvore mantinha-se de pé. Finalmente, a carrinha bamboleou quando as suas quatro rodas se apoiaram na estrada.

Al-Saud saltou para dentro, meteu a primeira e acelerou. Chegaram ao hospital em menos de meia hora e, em resposta às buzinas insistentes do Range Rover, dois enfermeiros chegaram a correr pela galeria de ingresso e encarregaram-se de Siki. Instalaram-na numa maca e levaram-na para a cirurgia, tentando não deslocar a cânula.

Al-Saud observava Matilde de uma ponta do corredor. Ela tratava de explicar a um colega o que sucedera. Embargava-o um orgulho que poucas vezes sentira por outro ser humano. Amava-a. Oh, Deus, como a amava! Com as suas mãos habilidosas de cirurgiã, tinha salvado uma menina de morrer asfisiada; as suas mãos, de dedos longos e unhas curtas, que nunca pintava, que ele desejava sentir no seu corpo. Um tremor percorreu-o, mistura de excitação e de emoção.

Matilde despediu-se do colega a quem acabara de pormenorizar as manobras efetuadas em Siki e apoiou a testa na parede diante de um leve enjoo. Sentiu umas mãos em volta da cintura e sorriu. Ninguém a agarrava com aquela autoridade exceto o seu Eliah. Deu meia-volta e, sem abrir os olhos, apoiou a testa no peito encharcado dele.

– O que queres fazer? – ouviu-o perguntar-lhe.

– Quero deitar-me e dormir dez anos – admitiu.

– Vamos. Hei de encontrar um hotel. Não podemos voltar à missão.

– Não. Vamos para a casa da Mãe Que Curam. Só lá estão N’Yanda e Verabey, as empregadas domésticas. Mas antes, liguemos a Amélie pela rádio. Devem estar muito angustiados.

Depois de falarem com Amélie, foram à procura de Lesego, que recusou acompanhá-los. Matilde não insistiu. Seria bom para Siki acordar e encontrar a mãe junto da cama, apesar de aquela mulher ser praticamente uma estranha para a menina. Al-Saud deu-lhe alguns francos congolese, que a mulher agradeceu com um merci murmurado, sem erguer os olhos. Despediram-se com a promessa de que voltariam na manhã seguinte.

Matilde parou diante do Range Rover e observou os ramos que pendiam do para-choques, da grelha e também os bocados de lama vermelha presos ao chassis, e apercebeu-se da odisseia pela qual tinham passado. A linha de água persistia e roçava as maçanetas das portas. Voltou-se e observou o aspeto de Al-Saud. Penteara o cabelo para trás e tinha as pestanas aglutinadas. Esticou a mão para tocar na sua

camisola vermelha, dura de lama. Abraçou-se a ele e encostou-se ao seu corpo numa tentativa de absorver a humidade e devolver-lhe um pouco de conforto.

– Obrigada – disse, e Al-Saud, sem dizer uma palavra, beijou-a no alto da cabeça.
– Vamos. Quero que tires essa roupa molhada.

A caminho da casa da Mãos Que Curam, Matilde, ainda esmagada pela reviravolta dos acontecimentos, observava a paisagem e só quebrava o silêncio para indicar a Al-Saud a direção que devia tomar. Verabey abriu-lhes a porta e proferiu uma exclamação de surpresa. N'Yanda apareceu na sala e ficou imóvel e calada diante de Al-Saud. Disse algumas palavras em kinyarwanda, que Verabey não se deu ao trabalho de traduzir. Matilde apresentou-os e as mulheres limitaram-se a inclinar a cabeça de longe, como se receassem aproximar-se.

– N'Yanda, podias trazer uma toalha e um sabonete para Eliah? Precisa de tomar um banho. E poderias preparar-nos alguma coisa para comer, por favor?

Pouco depois, Verabey ocupava-se da lavagem da roupa suja de Al-Saud e da limpeza das suas botas, e N'Yanda cozinhava estufado e tortilha de mandioca.

– Não te atrevas a rir – ameaçou-a Al-Saud, ao sair do banho envolto no roupão de cetim violeta de Juana, que nem lhe cobria os joelhos, e com os pés enfiados numas pantufas a condizer.

– Era isso ou a roupa de Vanderhoeven – troçou Matilde, obtendo um grunhido e uma má cara.

Comeram no quarto de Juana, que tinha uma mesa pequena, e Al-Saud mostrou-se insistente e persuasivo na altura de cumprir a promessa feita a Jérôme, que cuidaria de Matilde e que a obrigaria a comer e a dormir.

– Basta, Eliah! Não me entra mais nada.

– Que bom, senhor, que a obrigue a comer – intrometeu-se Verabey, entrando no quarto para lhes servir compota de papaia –, porque a doutora Mat come muito pouco e mantém-nos a todos preocupados.

– Sim, eu sei. E como é teimosa, muito teimosa – sublinhou –, é preciso sentar-se com ela, como se fosse uma criança, e meter-lhe a comida na boca.

– Não aguento mais – obstinou-se Matilde. – Vou para a cama.

Embora não fossem ainda oito da noite, decidiram ir dormir. Lavaram os dentes partilhando um momento de intimidade que lhes recordava a convivência na casa da avenida Elisée Reclus quando, cada um num lavatório, se olhavam ao espelho e se riam de felicidade. Desta vez, encontraram-se no espelho e olharam-se com um ardor que não favorecia os risos. Despediram-se no corredor, à porta do quarto de Juana.

– Obrigada – voltou a dizer Matilde.

– Porquê?

– Por te teres arriscado a trazer Siki até ao hospital.

– Não tens de quê. – Inclinou-se e, sem lhe tocar, pousou os lábios entreabertos nos dela, ainda frescos e com aroma a hortelã.

– Boa noite – disse Matilde, depressa, metendo-se no quarto. Tratava-se de um jogo perverso aquele que fazia com ele e consigo. Apesar de o desejar a ponto de o sexo lhe doer, castigava-o por ter amado Celia antes dela. Castigava-o porque Celia lhe podia dar filhos e ela não, e porque não a considerara digna de lhe confiar a sua verdadeira profissão. Porque não o fizera com o desembaraço e a naturalidade de Nigel Taylor?

O general Nkunda entrou na tenda enraivecido, com o punho direito fechado em redor da bengala, e deteve-se a meio, agitado como um touro de lide. Um dos seus comandantes acabava de lhe confirmar as suspeitas: o piquete encarregado de vigiar a mina chamada «do riacho velho» tinha sido aniquilado; dois dos rapazes e o Jeep Rescue continuavam desaparecidos, o que os fazia supor tratar-se de uma deserção, coisa habitual entre os seus soldados. De nada valia o recrutamento compulsivo se os imbecis, treinados e com armas, se deixavam matar como moscas e outros desertavam à primeira oportunidade.

Nigel Taylor, com a paciência a esgotar-se, seguiu-o e esperou que o general desse a volta.

– O que me diz disto, querido Nigel? – perguntou o munyamulengue, com fingido regozijo. – Nove dos meus homens assassinados e dois desaparecidos, sem falar do veículo, que vale milhares de dólares.

– Desconfia de alguém, general?

– Pode ter sido qualquer um. O exército, embora não creia, porque a pontaria dos soldados de Kabila é péssima, e o comandante Bakare, que viu os corpos, garante que alguns morreram com uma bala entre os olhos. Podem ter sido os mai-mai ou os interahamwes de Karme. Aquele filho da puta é muito malandro e está a aproximar-se demasiado do meu território. Tenho uma vontade de o matar... – disse em voz baixa.

Nigel Taylor considerava uma quarta possibilidade: Eliah Al-Saud.

– General, mostre-me a localização da mina que os seus homens vigiavam.

– Aqui – disse, apontando com a ponta da bengala para um ponto no mapa aberto sobre a mesa. – Chamamo-la mina do riacho velho.

– Fica na região que o seu espião em Kinshasa indicou como a que engloba a mina concessionada ao israelita Shaul Zeevi. Poderia tratar-se justamente dessa mina, a que Kabila entregou ao consórcio sino-israelita.

– Porque diz isso?

– É uma suposição. O ataque poderia ter sido perpetrado por elementos da

Mercure, a empresa contratada para garantir a segurança da mina.

– Por que razão ocupariam essa mina, quando esta e esta são mais ricas em coltan? Sem contar com as que nós exploramos atualmente. Além disso, Bakare, que foi ao local dos acontecimentos, encontrou-o deserto. Não está lá ninguém a montar guarda ou a trabalhar.

– É uma suposição – reiterou Taylor, com pouca vontade de explicar uma evidência a um homem com carácter ciclotímico. O seu humor também não era o mais alegre ou constante desde a sova que Al-Saud lhe dera e a humilhação sofrida diante da Dr.^a Martínez. Não tinha voltado a aparecer no hospital nem na missão. Sentia a falta dela, queria esclarecer a situação. A ansiedade piorava o seu estado de espírito porque não via a hora de arrebatá-la àquele filho da puta e de a transformar em sua mulher.

– General, peço-lhe que disponha de três homens para que me acompanhem a percorrer os arredores da mina. Quero que Osbele faça parte do grupo.

– É um rapaz muito esperto, não é verdade?

– Sim – disse, sucinto. – É importante descobrir de onde partiram os tiros que mataram os seus homens. Talvez, ao analisar os invólucros, saibamos que tipo de armas foram utilizadas e dessa forma consigamos identificar o agressor.

– O mais provável – conjecturou Nkunda – é encontrar vestígios de balas de 7,62 milímetros, as munições das espingardas Kalashnikov. Se nalguma coisa estão de acordo todos os exércitos que tentam ocupar o Congo Oriental é na melhor arma para combater: a AK-47 – disse, dando uma gargalhada.

De acordo com o columbograma chegado a Paris e preso à pata de Ivoire, Udo Jürkens devia tomar um ferry no porto egípcio de Port Said que o levasse ao de Limassol, no Chipre.

Assim que Gérard Moses descodificou a mensagem, que, como sempre, vinha em forma de charada – parecia que, apesar do fiasco do assalto à OPEP, Anuar Al-Muzara não perdia o bom humor –, regressou ao Iraque, onde precisava de continuar com a construção das centrifugadoras de urânio, e abandonou Jürkens à sua sorte para que fugisse de França, uma ação arriscada tendo em conta que a polícia e os agentes da Direction de la Surveillance du Territoire procuravam por ele com afinco renovado. Isto do afinco renovado era uma conjectura a que ambos chegaram depois de descobrirem, no aeroporto Charles de Gaulle e na estação de comboios Gare du Nord, o retrato-robô de Udo colado em locais estratégicos. E não se tratava de cartazes velhos e rasgados a que ninguém prestaria atenção, mas de cartazes acabados de afixar, com um retrato atualizado onde já se via o cabelo pintado de preto e as faces avolumadas. O que teria motivado o novo impulso dado à busca do assaltante da capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa? Como teriam ficado a conhecer os seus novos traços?

Udo levou vários dias a sair de França. Evitava os aeroportos e as estações de

comboios porque, ainda que tivesse alterado o seu aspeto mais uma vez, com barba postiça e óculos, não lhe inspiravam confiança. Ia de cidade em cidade alugando automóveis cujo aluguer pagava em dinheiro. Atravessou os Pirenéus por uma passagem que, anos antes, lhe tinham mostrado os seus amigos do grupo terrorista Euskadi Ta Askatasuna, mais conhecido por ETA, e entrou no País Basco. Dois etarras, velhos camaradas de armas, ajudaram-no a sair de Espanha rumo ao Egito.

No ferry, onde entrou em Port Said, que atravessava o Mediterrâneo até Limassol, Jürkens disse para consigo que estava prestes a enfrentar o seu destino. Os revolucionários, em especial os palestinianos, não aceitavam nem perdoavam as falhas, e ele tinha falhado. Talvez não saísse com vida do encontro com Al-Muzara, ou talvez surgisse com novas forças. O que sabia é que não escaparia. Ele, um revolucionário convicto, que depois de achar que a sua vida como tal tinha acabado na noite em que Abu Nidal lhe metera um balázio na nuca e lhe cerceara as cordas vocais, voltara a materializar-se, qual fénix renascida, para recuperar a sua razão de ser. Admitia que o perseguissem os polícias e os agentes franceses, fazia parte do jogo, mas não admitiria que o perseguissem aqueles que ele considerava camaradas e que lhe tinham dado uma oportunidade. «Maldito Al-Saud», resmungou, «que se tinha intrometido para arruinar um golpe planeado ao pormenor e que prometia ser um sucesso.»

O ferry fendeu as águas da baía de Akrotiri e atracou no porto de Limassol ao entardecer. Havia grande afluência de turistas, por isso os funcionários da emigração despachavam com rapidez e não prestavam muita atenção à documentação ou às feições dos visitantes. Fiel às instruções, Jürkens hospedou-se num hotel do centro e, poucas horas depois, meteram-lhe um papel por baixo da porta. «Na rua Nicosia, à entrada de Le Méridien, um sedã amarelo estará à sua espera dentro de quinze minutos.» Como se tratava de uma direção próxima, percorreu os quarteirões até ao Hotel Le Méridien com um boné de basebol e óculos de sol. Viu imediatamente o sedã e o coração palpitou-lhe de emoção e de medo. Sentia-se vivo. Com os vidros fumados, era impossível ver quem estava lá dentro. Entrou quando a porta traseira se abriu. Imediatamente, sem lhe dar tempo para nada, cobriram-lhe a cabeça com um saco de serapilheira, amarraram-lhe as mãos atrás das costas e revistaram-no, percorrendo-lhe mesmo o contorno do corpo com um censor de metais para ver se trazia algum dispositivo sob a pele que levasse os inimigos das Ezzedin al-Qassam até ao novo esconderijo nos bosques das montanhas de Tróodos.

A viagem durou mais de uma hora, segundo calculou Jürkens, e a parte final do percurso foi feita por um caminho escarpado e acidentado. Ao sair do veículo, reparou que o ar era mais fresco e que cheirava a humidade e a vegetação. Obrigaram-no a agachar-se para entrar num determinado sítio, um quarto, uma tenda, não sabia o quê, e pressionaram-lhe os ombros para que se sentasse numa cadeira. Esperou duas ou três horas sem que ninguém lhe oferecesse um copo de água nem lhe tirasse o saco da cabeça; a transpiração picava-lhe e, ao coçar as faces nos ombros, irritava-as com

a aspereza da serapilheira. Estava num local precário, uma vez que o chão era de terra. Ouvia vozes no exterior, risadas ocasionais, ruído de motores. Adormecia, acordando depois sobressaltado, quase a cair. Deduziu que já era noite há algum tempo porque a temperatura tinha descido. A ele, de qualquer forma, não o afetava, mas a fome e a sede, sim. Endireitou-se, com uma agitação nervosa, ao ouvir passos.

– Senhor Jürkens, tem de prestar contas pelo desastre da OPEP – disse uma voz desconhecida em árabe – e pelos nossos seis companheiros perdidos.

– Sim – limitou-se a responder.

Anuar Al-Muzara, ladeado pelo seu lugar-tenente, Abdel Qader Salameh, e por outro homem, cravava os olhos na cabeça coberta pelo saco de serapilheira até que, com um gesto, ordenou que o tirassem, juntamente com a corda que lhe prendia as mãos.

Jürkens esfregou os olhos para se habituar à luz ténue de uma tenda de campanha, conforme descobriu momentos depois. Al-Muzara e dois dos seus homens estavam diante dele. Olhou-os decididamente, mostrando-se à vontade, enquanto o silêncio se prolongava.

– Um copo com água, por favor – pediu, e Al-Muzara assentiu. – A explicação que vos devo – disse, depois de beber a água de uma só vez – é uma só: apercebi-me, a metros das escadas do avião, de que se tratava de uma emboscada.

– Como se apercebeu disso? – perguntou Salameh. Al-Muzara continuava sem falar.

– Porque reconheci o piloto, que, de acordo com as nossas exigências, devia estar ao pé das escadas. Soube que, se ele estava ali, nos esperava uma cilada.

– Quem era?

– Eliah Al-Saud – respondeu, examinando o semblante de Al-Muzara à procura de uma mudança.

– Sei – disse Al-Muzara, falando pela primeira vez – que os noticiários e os jornais deram outro nome, um austríaco, Johann von Kalvest.

– Mentiram. Eliah Al-Saud era o piloto e estava lá. E, se ele estava lá, tudo o resto era uma emboscada.

– Como é que um homem comum e corrente chegaria a esse sítio?

– Eliah Al-Saud não é um homem comum e corrente. É o dono da Mercure S.A.

– Eu sei. A Mercure S.A. é uma empresa de segurança.

– É muito mais do que isso. É uma empresa de mercenários altamente capacitados, com armamento e tecnologia de ponta, capazes de aniquilar um grupo de rebeldes em dias. É assim que faturam milhões de dólares por ano. Vendem aos governos a sua destreza e, aos rebeldes, arranjam armas, sacando uma fatia pela intermediação. Depois, destroem-nos. A verdadeira natureza da Mercure ficou bem

evidente há meses, num artigo publicado na revista Paris-Match.

Al-Muzara revelou um instante de perplexidade. Talvez o seu afastamento da civilização e da tecnologia o isolasse a ponto de o transformar num desinformado, o que também constituía um perigo e o tornava vulnerável. A informação que acabava de receber, além de o sobressaltar, mergulhou-o numa profunda reflexão. O seu cunhado tinha sido piloto de guerra, não soldado. Como teria adquirido o know how para dirigir uma empresa de mercenários? Aquele filho de uma cadela sempre tivera segredos, coisa que enlouquecera Samara de raiva e de dor. Ela desconfiava das suas longas ausências «por questões de negócios», negócios relacionados com a criação e venda de frisões, não com a guerra. De repente, uma ideia iluminou-lhe o cérebro como uma luz um quarto escuro. Al-Saud dispunha de dinheiro, armas e homens treinados na arte da guerra, tudo o que Al-Muzara precisava para combater o império sionista. Se ele descobrisse o calcanhar de aquiles de Al-Saud, onde bater para o vergar, obteria gratuitamente o que lhe custava milhões, cada vez mais difíceis de encontrar. Desde que Muammar Kadhafi cortara com o envio dos petrodólares, o financiamento das atividades transformara-se num pesadelo diário, a ponto de às vezes pensar que as Brigadas Ezzedin al-Qassam acabariam por desaparecer. Saiu da tenda sem dirigir um olhar ao berlinense.

Jürkens passou dois dias entre aquelas paredes de pano. Não voltaram a amarrá-lo. No entanto, os rapazes, com AK-47, faziam turnos para o vigiarem. Deram-lhe um colchão e um cobertor e davam-lhe de comer. Não sabia o que esperar. Na noite do segundo dia, Anuar Al-Muzara voltou a aparecer. Já não era o mesmo da primeira troca de palavras com Jürkens. Agora dispunha de informação que apoiava o testemunho do antigo elemento do grupo Baader-Meinhof.

– Deliberámos e decidimos – disse sem preâmbulos – que, se voltaste para nós e deste a cara, é porque acreditas na nossa causa.

– Sim, acredito – disse Jürkens.

– Mas tens de nos compensar pelo desastre da OPEP.

– Fá-lo-ei. Diga-me apenas como.

– Se é verdade o que dizes de Al-Saud, consegue-me o dinheiro dele, as suas armas e a sua destreza.

Jürkens manteve-se em silêncio, com os olhos cravados no interlocutor, enquanto avaliava a ordem do chefe das Brigadas Ezzedin al-Qassam.

– Ele tem uma mulher que ama mais do que tudo no mundo e pela qual estaria disposto a fazer qualquer coisa.

Anuar pensou imediatamente em Samara, que venerara aquele cachorro. Custou-lhe que Al-Saud amasse outra, e de uma forma incondicional, como nunca amara a sua irmã.

- Encontra-a e trá-la.
- Fá-lo-ei, mas com uma condição. A mulher será minha.
- O que fizeres à mulher não me interessa. Limita-te a trazê-la.

Capítulo 14

Matilde acordou com calma. Abriu os olhos, que não sentiu pesados, como se, há instantes, não estivesse ainda profundamente adormecida. Viu, imediatamente, Eliah junto dela. Adormecido. Nu. A única coisa que tinha em cima era o relógio e o que restava da Medalha Milagrosa.

O brilho prateado que entrava pela janela e atravessava o mosquitoireiro banhava o seu corpo escuro e conferia-lhe uma tonalidade metálica e fria, embora só na aparência, porque, ao tocar-lhe na anca, Matilde verificou que a pele dele irradiava calor, calor que ela valorizara durante as noites geladas de Paris. Ao contacto, Al-Saud inspirou, fez uns ruídos com a boca e mergulhou de novo num sono tranquilo e de respiração constante.

Afastou-se para a beira da cama de modo a obter uma visão completa do corpo dele. Dormia de lado, sobre o lado direito, e os pés ultrapassavam o colchão, cobertos pela gaze do mosquitoireiro. No jogo de luzes e de sombras, os músculos das pernas projetavam-se como as elevações e as depressões que, de uma forma harmoniosa, traçavam a geografia de um terreno. Matilde esticou a mão e arrastou a ponta dos dedos desde o joelho esquerdo de Al-Saud até ao glúteo e, enquanto o fazia, um tremor percorria-a, como se, na realidade, fosse ele quem estivesse a acariciá-la.

Aproximou o rosto até encontrar, perto do coração, a ferida causada pelo projétil ao perfurar-lhe a pele e rasgar-lhe os músculos, e imaginou-o recebendo o impacto e caindo, com um grito de dor e a sangrar, na pista. Percorreu-a um espasmo, que aprofundou a sensibilidade que se expandia pelas suas extremidades, e mordeu o lábio para conter o pranto porque nesse momento não queria ficar triste. Estava feliz por tantas coisas, pela presença de Eliah, pelo amor infinito que Jérôme lhe inspirava, por ter salvado a vida de Siki, pelo interesse que a mãe mostrava pela menina. Não permitiria que imagens turvas lhe tirassem a luz. Também não pensaria em Celia, nas noites de sexo e paixão partilhadas com Eliah durante anos, nem no facto de ele ser um mercenário e de não lhe ter dito. A pergunta repetia-se: porque a tinha mantido à margem de uma parte tão substancial da sua vida? Às vezes atribuía-se a culpa. Pareceria uma moralista implacável, incapaz de compreender a realidade e o ponto de vista de outra pessoa? Odiava pensar que outros poderiam julgá-la como ela julgava a sua avó Celia.

Pôs os dedos indicador e médio na depressão formada pela ferida de bala e concentrou-se para sentir os ecos dos batimentos de Al-Saud que seguiam o ritmo da sua respiração. Inclinou-se e pousou os lábios na cicatriz. Moveu-os delicadamente e, ao tato, reconheceu o frescor da ferida. Ergueu-se e o seu coração deu um salto ao descobrir o olhar de Al-Saud, escuro, imperioso, exigente, intenso, fixo nela. A pele eriçou-se-lhe até doer. Era espantosa a sensação que provocava o contraste entre a dureza dos mamilos e o calor e a languidez da vagina.

Al-Saud iniciou as suas carícias na testa de Matilde, percorreu-lhe o contorno do

nariz, afundou a carnosidade dos lábios, desenhou-lhe o queixo arrebitado e desceu pelo pescoço até acabar com a ponta do indicador no mamilo direito, que encontrou duro e que fez girar para conseguir o que queria, que Matilde se arqueasse e gemesse. Sem pressas, tirou-lhe a camisa de noite e ela colaborou esticando os braços e levantando o traseiro; fez a mesma coisa com as cuecas. Passou-lhe a mão pela curvatura que a sua cintura formava de lado, levou-a até às costas e exerceu uma pressão suave, mas firme, para a atrair a si.

Viveram com emoção o contacto dos seus corpos nus e, embora esperassem aquela espécie de tremor violento, este acabou por apanhá-los de surpresa. Abraçaram-se com um fervor que não cessava de aumentar dentro deles, no peito, nos ventres, nas mãos, nas pernas, e também nas bocas, nos narizes, nos ouvidos, nos pescoços, e que os devorava, desatando os nós e libertando o lado selvagem e livre que os enchia de felicidade. Nada era suficiente para comunicarem o que cada um deles representava para o outro, o que inspiravam, o que provocavam um no outro, o bom e o mau, o feroz e o doce, a contenção e o exagero. O amor deles compunha-se de paixão e de pureza, mas também de ciúmes, de dúvidas, de desconfiança, e o conjunto resumia-se ao abraço desenfreado que partilhavam. As bocas entrelaçaram-se sem se beijar, ou melhor, ficaram estáticas, trocando respirações ofegantes que se aceleravam a cada segundo. Não conseguiam falar. A exaltação do momento privava-os de palavras. Também não conseguiam pensar. A magia do momento roubava-lhes essa capacidade, porque se tratava de uma energia mágica que os unia e os encaminhava um para o outro. Ambos – ela, com a sua pouca experiência, ele, com um longo caminho percorrido – sabiam, instintiva e visceralmente, que o torvelinho de emoções, sensações e desejo que os dominava os colocava diante do próprio sentido das suas vidas. Tinham vindo a este mundo para se amarem, essa era a revelação.

Al-Saud sentia tudo ao mesmo tempo, a excitação da carne, o desespero dos ciúmes, a angústia de a perder, a fome de Matilde, a humildade diante da sua grandeza, a vaidade de a possuir, o domínio sobre ela. No entanto, era a felicidade que se elevava sobre o resto e que o fazia desejar que a vida nunca mais acabasse. Parecia-lhe inacreditável que o corpo de Matilde estivesse sob o seu peso, que os seus gemidos o envolvessem, que as suas mãos se agarrassem às suas costas com desasossego. Suspirou, aliviado. Tinha a sensação de ter esperado cinquenta anos para gozar novamente.

Envolveu-lhe a coxa direita com a mão e levantou-a. Matilde abriu os olhos e, ao encontrar os de Eliah, iluminados por um fogo arrepiante, apercebeu-se de que ele, apesar da sua soberba, da sua autossuficiência, da sua segurança, estava a pedir-lhe licença, talvez não com submissão, antes com impaciência. O vassalo aguardava, com ansiedade mal reprimida, que a rainha o autorizasse a penetrar a sua carne sagrada. Matilde, cheia de ternura e compaixão, apertou-lhe a nuca e atraiu-o para a sua boca.

– Sim, meu amor, entra dentro de mim. Já esperámos demasiado tempo.

Ainda que ele lhe tivesse infundido um instante de doçura, nunca o teria contrariado porque a chama que vira nos seus olhos mostrava a verdadeira essência que habitava nele, a do Cavalo de Fogo.

Com o consentimento de Matilde, o quarto voltou a povoar-se dos sons da excitação: as queixas, as respirações agitadas, o ranger da cama, os gemidos, o roçar dos lençóis. Eliah explorou o interior das pernas dela e a sua glândula embebeu-se naquela humidade viscosa antes de deslizar para dentro da vagina apertada e quente, e fê-lo lentamente, não só para evitar a ejaculação, mas porque queria prolongar a solenidade do ato. Com as mãos apoiadas no colchão, escondeu a cara na almofada, por cima do ombro de Matilde, e foi-se introduzindo nela centímetro a centímetro, tomando consciência de como a carne o recebia e o devorava, do anel apertado que as pernas dela formavam em volta dele, da sujeição das mãos dela no seu traseiro, do vaivém do corpo, preso sob o peso do dele. Amava aqueles corpos quentes e vibrantes que lhes davam a possibilidade de expressar o amor com plenitude.

Al-Saud acabou de a penetrar e deixou sair o ar retido nos pulmões, calando os outros sons, mesmo o ranger do sommier da cama. Esse clamor provocou um arrepio em Matilde, que sentiu a debilidade dele, a sua estupefação também. Falou-lhe ao ouvido.

– Meu amor, não pares. Por favor, Eliah, não pares.

Essa nova licença da rainha, sussurrada e apaixonada, atravessou-o como uma corrente elétrica da cabeça aos pés e ele gemeu quando o seu pénis adquiriu ainda mais firmeza dentro dela. As investidas, que começaram com um cuidado reverencial, foram adquirindo um ritmo febril, que Matilde instigava agitando a pélvis, friccionando o púbis, ajustando as pernas, gemendo, apertando-lhe os glúteos, separando-os para o acariciar mesmo nos testículos. Al-Saud arremeteu repetidamente dentro dela sem a consideração do início, completamente descontrolado, incapaz de se deter. Era como uma locomotiva sem o controlo dos seus comandos. E como queria que acabassem juntos, deslizou a mão entre os seus corpos até encontrar o clítoris de Matilde. Esfregou-o e apertou-o com o mesmo ímpeto com que a penetrava. Uma voz que lhe dizia: «Mais, mais, dá-lhe mais», estava a enlouquecê-lo. Queria chegar ao cimo do que quer que estivessem a escalar. Matilde chegou primeiro e Eliah, sem deter os impulsos dentro dela, concentrou-se na expressão do seu rosto, porque, durante os meses de separação, nas suas noites solitárias, tinha recriado muitas vezes a expressão de Matilde à beira do orgasmo, quando separava os lábios num grito mudo que no fim adquiria uma sonoridade de gemido doído, como se tivesse estado a passar por um sofrimento físico. Riu, satisfeito, enquanto o lamento de Matilde se prolongava porque ele lhe prolongava o prazer. Os risos dissolveram-se, as respirações agitadas tomaram o seu lugar. Al-Saud investiu com brutalidade uma, duas vezes, agarrando-se à cabeceira da cama, antes de explodir e se esvaziar dentro dela.

Matilde ergueu os olhos e viu Eliah estático, teso. Embora tivesse atingido o alívio,

sentia-o em tensão sobre ela. O seu corpo conservava a rigidez, os tendões do pescoço estavam marcados, fechava com força os olhos e fazia desaparecer os lábios entre os dentes. Quando os soltou, fê-lo com uma queixa estentórea que ocupou cada canto do quarto. Não quis deixar-se cair sobre ela porque estava convencido de que a sua fragilidade tinha aumentado durante os meses de separação. Por isso, cravou o cotovelo no colchão e manteve-se de lado enquanto, com a cabeça caída, recuperava o fôlego. Matilde afastava-lhe a franja, que lhe fazia cócegas na testa, e pressionava-lhe as costas, intimando-o a cobri-la totalmente, a descansar no seu corpo.

Al-Saud levantou a cabeça e os seus olhares tocaram-se. Emocionava-o a mudança em Matilde; a expressão extasiada do orgasmo tinha-se transformado num gesto de olhos bem abertos, expectantes como os de uma criança. Os batimentos de Al-Saud sofreram uma alteração e sentiu um puxão na garganta ao dar-se conta de que se enchiam de lágrimas. Com um estalido da língua, prendeu-a entre os seus braços e amou-a com tanta intensidade e desespero que precisou de dizer o seu nome para saber que se tratava dela, que ela era dele. O «Matilde» surgiu com uma voz rouca e instável, e soou como um diapasão no mutismo do quarto. As suas vibrações percorreram-nos com um movimento serpenteante. A ferocidade com que os seus braços e as suas pernas se entrelaçavam foi fraquejando à medida que o sono os ia vencendo.

Acordaram por volta das oito, quando o sol enchia de luz o quarto e lhes feria os olhos, pelo que, às cegas, sem dizer uma palavra, voltaram a amar-se, apesar de ouvirem as idas e vindas de N'Yanda e de Verabey, ocupadas nos afazeres domésticos. Entre risos sufocados, atravessaram o corredor em pontas de pés e meteram-se na casa de banho, onde tomaram duche juntos. De regresso ao quarto, encontraram a roupa de Al-Saud na cadeira, uma bandeja com o pequeno-almoço na cama e um ramo de hibiscos vermelhos.

– Tenho a certeza de que N'Yanda sabe que passámos a noite juntos – garantiu Matilde, roçando o maxilar de Al-Saud com o pistilo da flor; parecia veludo.

– Algum problema com isso?

Matilde abanou a cabeça, negando. Pousou o hibisco na almofada e pegou num bocado de pão de milho. Ofereceu-o a Al-Saud.

– Prova. É N'Yanda que o faz. Não é ótimo?

– Tudo o que provei nesta casa é ótimo – afirmou ele, sorrindo com ar travesso enquanto se encostava ao corpo dela. – Mas nunca na vida provei coisa tão requintada como tu, Matilde. – A disposição maliciosa passou a séria, não grave, antes solene. – O que partilhámos ontem à noite foi sublime, meu amor.

Matilde desviou a cara e fixou os olhos no ramo de hibiscos, cuja cor se assemelhava à das suas faces. Sem dúvida, o que viveram na noite anterior naquela cama estreita e incómoda tinha sido invulgar, talvez sobrenatural, e ela ainda

estremecia ao evocá-lo. No entanto, a realidade impunha-se de uma forma categórica e os problemas que os separaram em fins de março voltavam a deixar ver as suas cabeças detestáveis. De tudo o que ela tinha a recriminar-lhe, os seus amores com Celia era o que mais lhe pesava. Teriam partilhado o mesmo fogo alguma vez?

– O que se passa, meu amor? – Al-Saud prendeu-lhe o queixo entre o polegar e o indicador e obrigou-a a voltar o rosto. – Matilde, estou tão feliz, tão imensa e completamente feliz por tudo, pelo de ontem à noite, pelo desta manhã, por estar contigo, por te ter recuperado. Porque não te sinto igualmente feliz?

– É porque nada mudou – admitiu, baixando as pálpebras para esconder-se porque ele não lhe permitia afastar a cara. – O facto de estares aqui e de ontem à noite termos vivido o que vivemos não mudou nada.

Al-Saud tirou a toalha que tinha em volta da cintura com um puxão e atirou-a para cima da cama.

– Desprezas-me por ser mercenário e, no entanto, aceitas a amizade de Taylor, que também é. Sabes com quem estava na festa de Gulemale? Com o general Nkunda. Taylor sim, está aqui por causa da guerra.

– Eu sei, ele próprio mo disse. E tu, porque estás?

Ia apressar-se a dar-lhe uma resposta, mas decidiu calar-se. Deu um suspiro e sentou-se na beira da cama. Rodeou a cintura de Matilde com as mãos e sentou-a entre as suas pernas. Matilde não conseguiu evitar dirigir o olhar para o pénis dele, que lhe roçava a coxa, e recordar o prazer que lhe tinha oferecido.

– Não olhes para ele – ordenou-lhe em francês – ou acordá-lo-ás. Porque estou aqui? – repetiu para si próprio. – Há uns meses um empresário israelita, dono de uma companhia de fabrico de computadores, obteve uma concessão do governo do Congo para explorar uma mina de coltan, aqui, em Kivu Norte. De acordo com o contrato, este empresário tem de explorar a mina com trabalhadores bem pagos, todos maiores de idade, e de os proteger com medidas de segurança, além de deixar uma parte substancial dos lucros nos cofres do Congo, como se faria em qualquer país civilizado. Mas o Congo está longe de ser civilizado e quando o empresário enviou os seus trabalhadores, o pessoal de Nkunda afugentou-os a tiro. O israelita contratou a Mercure para proteger a mina e os seus empregados enquanto decorrer a exploração. Vim organizar a operação.

– Disseste-me que estavas aqui por mim – começou a aborrecer-se. – Mentiste-me de novo. Disseste-me que estavas louco para me ver.

– E estava! – exclamou ele, com uma paixão e uma ira que amedrontaram Matilde. – Estava a enlouquecer sem ti! Não fazes ideia do que foram estes tempos, Matilde! Talvez para ti tenha sido fácil viver sem mim...

– Não, não – sussurrou ela, visivelmente afetada, e silenciou-o, colocando-lhe uma mão sobre os lábios. – Não foi nada fácil, garanto-te, Eliah. Na realidade, foi a coisa

mais difícil por que já passei.

«Mais difícil do que o cancro, do que a quimioterapia?», teria querido perguntar, mas não teve coragem de o fazer.

– Estou aqui por ti, meu amor. Não te menti quando to disse. Mike, Tony ou Peter podiam ter-se encarregado deste assunto. No entanto, o contrato com o israelita deu-me a desculpa perfeita para vir procurar-te. – Sentou-a sobre as suas pernas e o pénis roçou o traseiro de Matilde através do tecido do roupão. – Mon Dieu... – suspirou, e pousou a testa na face dela, que fechou os olhos e lhe cobriu a cara com a mão, enquanto sentia como os mamilos, a pele e a vagina respondiam ao simples facto de a respiração dele lhe bater na cara. Verificou que o pénis dele também respondia e tentava erguer-se sob o peso das suas nádegas. Moveu-as e Al-Saud gemeu e aumentou a pressão das mãos. Matilde voltou a esfregar-se no falo e, ao senti-lo muito duro e quente, despiu o roupão e prendeu-o na fenda do seu traseiro, iniciando um movimento que pôs fim aos escrúpulos de Al-Saud. A excitação cegou-o e esqueceu-se de que estavam na casa da Mãos Que Curam, que já passava das nove da manhã e que as empregadas estavam atentas a eles.

Com uma manobra carente de delicadeza, colocou-a escarranchada sobre as suas pernas, de costas para ele, e levantou-a pela cintura para a penetrar com uma investida surda, que impeliu a totalidade do seu membro no interior de Matilde. Ela, num ato de preservação, atirou o braço para trás, tentando agarrar-se à nuca dele. Al-Saud mordeu-lhe o ombro para abafar o grito que teria dado devido à sua própria destemperança e pensou que ela ficaria com uma nódoa negra, a marca do seu arrebatamento, e essa reflexão acicatóu os sentimentos mais obscuros que Matilde lhe provocava. Pensou: «Oxalá o cretino e Taylor vejam os meus dentes cravados nela.» Acariciou-lhe os seios e prendeu os mamilos entre os dedos.

– Mexe-te como há pouco – exigiu-lhe em francês. – Sim, oh, sim, assim.

O hálito de Eliah queimava-lhe e humedecia-lhe a pele. O prazer propagava-se como ondas num tanque, cujo centro se encontrava entre as suas pernas, onde o pénis de Eliah se tinha enterrado até a fazer sentir-se completa e cheia. Tê-lo outra vez dentro de si era uma experiência que, mesmo partilhada muitas vezes, nestas circunstâncias parecia um sonho.

A cama abanava com o vaivém dos amantes e os hibiscos iam escorregando um por um até acabarem no chão. A loiça do pequeno-almoço tilintava ao entrecochar e a esse tilintar juntava-se o chiar da estrutura da cama, compondo os únicos sons do quarto, porque Matilde e Eliah, apesar de respirarem com violência, tentavam não gemer. Um pássaro, pousado no peitoril da janela, desatou a voar, apavorado, quando Al-Saud emitiu um grunhido, incapaz de continuar a conter a pressão que o seu corpo acumulava.

Tudo lhe doía, que lhe apertasse os mamilos, que lhe mordesse as costas, até as pernas, no esforço de se mexer para ele, e, no entanto, sentia-se incapaz de lhe pedir

que parasse, sentia-se incapaz de parar, porque ela já conhecia essa sensação, a do mal-estar que se misturava com a antecipação do prazer. Ela tinha notado que existia um ponto onde a incomodidade se desvanecia e um calor a inundava. Adorava esse instante anterior ao orgasmo. Repetiu o nome dele várias vezes enquanto o balanço das suas pernas, cansadas há segundos, se tornava febril. Al-Saud conseguiu tapar-lhe a boca e Matilde aliviou-se na palma da mão dele. Ainda não tinha recuperado quando ele a seguiu num cataclismo de investidas, dedos enterrados na cintura e gritos que não se deu ao trabalho de reprimir e que fizeram N'Yanda e Verabey parar as suas tarefas e trocar olhares, primeiro de espanto e depois de cumplicidade.

De volta à missão, Matilde ia em silêncio, observando o caminho que no dia anterior estava coberto pelas águas do Rutshuru e que agora mostrava os vestígios, como charcos e covas profundas. Por duas vezes tinham estado prestes a ser arrastados pelo rio e Al-Saud salvara-as. Talvez, entre os seus talentos de mercenário, se contasse o de saber enfrentar as forças da Natureza.

- Ensinam os soldados a sobreviver em diferentes geografias?
- Regra geral, sim.
- Porque dizes «regra geral»?
- Os soldados rasos não são treinados com a mesma intensidade com que treinam os grupos de elite.
- Grupos de elite?
- São soldados especializados, enviados em missões pontuais, de alto risco.
- Tu és um soldado de elite?

Al-Saud manteve os olhos na estrada e permaneceu em silêncio. Para Matilde, a resposta era clara. No entanto, precisava de a ouvir dos lábios dele, pelo que o olhou com obstinação.

- Sim – respondeu Eliah. – Pertencia a uma unidade secreta de elite. Só tu e Alamán sabem disso.
- E à tua família? O que dizias?
- Que me dedicava à criação de cavalos frisões, o que não era totalmente falso.
- Samara estava a par? – Al-Saud negou, com uma sacudidela da cabeça. – Não podias dizer-lhe a verdade? – Outra negação. – Deve ter sido difícil para ti.

Encolheu os ombros antes de dizer:

- Foi o que me ordenaram.
- Porque abandonaste essa carreira? A de soldado de elite.
- Porque, como sempre, começou a aborrecer-me. Além disso, nunca tive paciência para receber ordens.

Matilde sorriu com a lembrança das palavras de Takumi Kaito: «Um Cavalo de Fogo não admite os conselhos nem as ordens. Raras vezes consegue trabalhar com um chefe... É capaz de desenvolver dez projetos ao mesmo tempo. É trabalhador e engenhoso; detesta a preguiça. Ora bem, uma vez atingido o seu objetivo, imediatamente se aborrece. A rotina oprime-o, apavora-o.»

– Aborrecer-te-ás de mim? – perguntou, com um ar divertido, que se esfumou assim que Al-Saud rodou a cabeça, olhando para ela, chateado.

– Não faças perguntas com ligeireza, Matilde. Não brinques com o que há entre nós depois do que vivemos ontem à noite e esta manhã. E não te esqueças, nunca, que foste tu quem me deixou.

Um mutismo incómodo instalou-se na cabina da carrinha. Matilde preferiu calar-se a expor os seus pontos de vista porque, nas palavras de Juana, eram falsos, simples vias de escape nascidas do medo de enfrentar o grande monstro da sua vida: a esterilidade. Ao pensar nisso estando tão perto de Al-Saud, começou a sentir um afogamento que foi aumentando até a obrigar a abrir a janela, sem se importar com o ar condicionado, e a pôr a cabeça de fora para sentir o ar quente e húmido da selva.

– Amélie disse-me que queres adotar Jérôme – comentou Al-Saud, depois de algum tempo sem falar.

– Sim, quero adotá-lo.

– É uma criança saudável? Quero dizer, tem sida, doença do sono ou alguma coisa do género?

– Não. Jérôme é tão saudável como tu, um achado nesta terra repleta de pragas. A que se deve essa pergunta? Não deveria adotá-lo se estivesse doente?

Al-Saud pensou na resposta.

– Sempre soubeste, porque eu próprio to disse, que não me caracterizo pela compaixão que em ti é tão natural. De qualquer forma a resposta é: sim, deverias adotá-lo na mesma. Jérôme é a única criança que não me incomoda e não me faz sentir desajeitado. É inteligente e tem uma consciência de como se deve comportar que muitos adultos não atingem nem na velhice.

Matilde observou a paisagem como estratégia para esconder o sorriso de satisfação. Tinha consciência da transfiguração do seu rosto. Sentia as faces quentes e os olhos aguçados. Certa de que a voz não se lhe quebraria, disse:

– Amélie está a ajudar-me. Tem amigos na Associação de Adoção Internacional do Congo e telefonou-lhes para agilizar as formalidades. Mas é muita burocracia na mesma.

Al-Saud conduziu sem dizer uma palavra todo o trajeto restante, embora as perguntas e os comentários lhe fervilhassem na cabeça. Queria muito saber se ela desejava que ele fosse o pai de Jérôme e, sobretudo, queria saber se, depois do que

tinham partilhado na noite anterior, as coisas voltariam a ser como antes entre eles, como na casa da avenida Elisée Reclus, onde a felicidade parecia não ter fim. Matilde era a única pessoa que punha acima dele e a quem temia. De certa forma, tudo continuava na mesma.

O rugido do motor atraiu as crianças, que saíram da capela em bando e correram para dar as boas-vindas aos recém-chegados. Jérôme gritava os nomes de Eliah e de Matilde e, enquanto Al-Saud estacionava a carrinha, saltava ao lado da porta; Kabú imitava-o. Quando Eliah saiu e Jérôme se atirou nos seus braços, levantou-o no ar, deu-lhe um beijo na cara e fê-lo rodopiar. As gargalhadas do menino contagiaram Matilde, que observava a cena com enlevo. Nunca tinha visto Eliah tão carinhoso com uma pessoa que não fosse Leila ou ela.

As religiosas, Juana, Joséphine, Alamán e o padre Bahala, ainda com os paramentos sacerdotais, saíram da capela com tanta ansiedade e expectativa como os órfãos. Amélie abraçou Eliah e disse-lhe «merci» várias vezes ao ouvido. Fez o mesmo com Matilde, mas em castelhano.

– Como está Siki? – perguntaram em coro.

– Estivemos com ela antes de irmos para cá – informou Matilde. – Está muito bem, graças a Deus, embora assustada. Não disse uma palavra. Só olhava para nós com os olhos muito abertos.

– Não disse uma palavra? – repetiu sœur Edith. – Nesse caso está realmente assustada.

– E a mãe? – quis saber Amélie.

– Com ela, ao pé da cama.

– Bendito seja Deus! – exclamou sœur Annonciation.

Depois do almoço, enquanto Eliah e Jérôme lavavam o Range Rover – Al-Saud conseguira que Amélie o dispensasse da sesta –, e Joséphine e Alamán conversavam no que parecia ter-se tornado o seu local favorito, o cadeirão de baloiço sob o iroco, Juana e Matilde, deitadas no sofá do refeitório, esperavam que decorressem as horas mais quentes do dia.

– Nesse caso usou o meu roupão violeta?

– E as tuas pantufas violeta.

– Daria qualquer coisa para o ver com o meu roupão e com as minhas pantufas! Dormiu no meu quarto? Porque não o imagino a ir para o de Auguste. – O silêncio de Matilde levantou suspeitas. Juana espetou-lhe o cotovelo nas costelas. – Onde dormiu o papurri, Matita?

– Supunha-se que dormiria na tua cama. Mas de madrugada acordei e encontrei-o a dormir na minha.

– Aconteceu o que tinha de acontecer? – Matilde sorriu e corou, e Juana deu um guincho.

– Chiu – exigiu-lhe. – As irmãs estão a dormir.

– E? Que tal? Foi bom? Porque depois de tanto tempo... Não sei... Eu tenho medo de que, quando estiver de novo com Shiloah, não seja a mesma coisa. Às vezes uma pessoa dececiona-se, ou dececiona o outro. Como foi? Não me deixes em pulgas!

Matilde instalou-se de lado e juntou as mãos sob o queixo. Falou em sussurros.

– Juani, não consigo descrever-te com palavras. Não sabes o que foi.

– Ai, amiga! Não me dês pormenores que, com esta abstinência de merda, ainda me venho sozinha.

– Não foi só o sexo, que foi maravilhoso. Houve mais qualquer coisa. Magia. Alguma coisa que não consigo definir. Senti-o tão meu, como uma parte de mim, como se a ausência dele fosse a morte.

– Não estiveste meia morta todos estes meses longe dele? Mat, tu e Eliah são almas gémeas, daquelas que reencarnam repetidamente para se reencontrarem neste mundo e amar-se.

A Matilde escapou-se-lhe um soluço e abraçou a amiga.

– Juani, tenho tanto medo.

– De quê, tonta?

– Dele, da sua natureza. Takumi sensei explicou-me o que significa ser Cavalo de Fogo no horóscopo chinês. É um dos animais mais complexos, em especial o de fogo.

Juana ronronou.

– Só com o nome, Cavalo de Fogo, já fico a arder.

– Sim, é um nome muito bonito e romântico, mas não deixa de ser atemorizante. Ele não tem limites, nem paz, nada lhe basta. Já vês, é um mercenário, andou com Celia quando estava casado...

– Porque não era feliz com a mulher!

– E quando se cansará de mim? Outra característica da sua personalidade é aborrecer-se rapidamente.

– Ó, Matita, não sejas chata. Nunca na vida vi um tipo tão obcecado com uma mulher.

– Sim, talvez se reduza a uma obsessão e, assim que me tiver garantida, fartar-se-á de mim, como de tudo. Ele próprio acabou de me dizer que, a longo prazo, tudo o aborrece.

– Não sei que dizer-te, Mat.

– E nem falo da Celia ou da profissão dele. Com essas duas questões, tudo se complica.

– E o que se passa com a tua incapacidade para engravidar?

– Ai, amiga. Nunca imaginei que me pesasse tanto. Quando me convenci de que não me importava não poder ter filhos, quando decidi preencher a minha vida com a medicina, tinha dado como garantido que nunca me apaixonaria. O meu casamento com Roy não conta. Tu sabes que não conta. Mas com Eliah... Meu Deus, ele estilhou a organização meticulosa que eu tinha. Arruinou os meus planos, os meus sonhos. Não suporto a ideia de não poder dar-lhe filhos – admitiu, com voz fanhosa e queixo trémulo.

– Mat, ele está-se nas tintas para filhos.

– Agora, talvez. Mas essas coisas pesam com o tempo.

– Chega de falar destas merdas! Porque não vamos ver o que está a fazer o teu futuro filho, que é a coisa mais linda do mundo?

A caminho da mata de mognos onde estava o Range Rover, Matilde parou de chofre e apertou a mão de Juana. Eliah, ao volante, com Jérôme ao colo, apontava para o tabliê e falava com o menino, que se mantinha sério e atento, com uma expressão de sobrolho franzido que Matilde já vira outras vezes.

– Juana – sussurrou Matilde –, vê-los juntos... E desta forma tão harmoniosa... Parece um sonho.

– Mamã! – gritou Jérôme ao vê-la ao longe, e desta vez foi Juana quem apertou a mão de Matilde. – Não saias daí! Não te mexas!

– Não me mexo! – prometeu Matilde, conforme pôde, porque com um nó na garganta lhe custava falar. – Acabas de ouvir o que eu ouvi?

– Sim, amiga. Chamou-te «mamã».

Al-Saud pôs a carrinha em movimento e permitiu que o menino se encarregasse do volante. O sorriso de Jérôme expandia-se e brilhava, atingindo Matilde no coração que palpitava, descontrolado. A carrinha parou junto delas, e Jérôme precipitou-se para fora, para os braços de Matilde, que esperavam por ele abertos.

– Viste como conduzi? Viste, viste, mamã?

– Sim, minha riqueza, vi. Fizeste-o tão bem! Tão bem como Eliah!

Al-Saud e Matilde trocaram um olhar carregado de significado, até Matilde quebrar o contacto por Jérôme lhe ter agarrado na cara com as duas mãos para a obrigar a olhar para ele.

– Eliah prometeu-me que, quando fizer dezoito anos, me vai comprar um carro só para mim. Não é verdade, Eliah?

– É verdade, campeão.

Matilde, nervosa, apoiou a mão na testa de Jérôme e perguntou-lhe:

– Molhaste a cabeça como te disse?

– Eliah molhou-ma muitas vezes. E não me deixava ir para o sol.

– Obrigada – disse ela, destinando um olhar rápido a Al-Saud, repentinamente pouco à vontade, envergonhada.

– E não há beijo nem abraço para a tia Juana?

– Sim! – exclamou Jérôme.

Al-Saud, que permanecia no lugar do condutor, com a porta aberta, estendeu o braço na direção de Matilde, puxou-a com suavidade até à beira da carrinha e rodeou-lhe a cintura. Matilde pousou a testa no seu ombro.

– Chamou-te «mamã» – sussurrou-lhe e Matilde limitou-se a assentir. – Perguntei-lhe porque te chamava «mamã» só quando não estavas presente.

– O que te disse?

– Nada. Olhou-me nos olhos, meio desconcertado, e depois ficou calado algum tempo. Quando te viu, gritou «mamã» com o desembaraço de quem o faz há anos.

– Minha riqueza.

– Eu também sou a tua riqueza?

– Receio bem, Eliah, que tu, para mim, sejas a vida.

Godefroide Wambale, num gesto de generosidade invulgar devido ao seu temperamento, cedeu o lugar de condutor a Alamán, que se ofereceu para acompanhar Joséphine até Anga La Mwezi, enquanto o seu irmão Eliah levava Juana e Matilde a Rutshuru, para depois ir buscá-lo e regressarem juntos a casa de Gulemale.

Joséphine, sentada ao seu lado, ia atenta ao caminho, numa postura de ombros erguidos que realçava a sua elegância, tão natural nela como a cor da sua pele. Olhava-a de soslaio, extasiado de felicidade e de orgulho, ainda admirado pelo facto de esta criatura boa e sensível ter saído do ventre de Gulemale. Conduzia e, de vez em quando, desfrutava da visão composta pelo seu nariz pequeno e reto, pelo perfil de lábios cheios, pela curvatura da sua testa ampla e pela esbeltez do seu pescoço, exposto por ter apanhado o cabelo num coque. Mantinha-se serena e dava uma ideia de solidez, de mulher sensata, o que o seduzia tanto como a sua beleza.

Ao longo da sua vida, Alamán mantivera muitas relações sentimentais, algumas mais sérias do que outras, com mulheres de todo o tipo, jovens, maduras, casadas, solteiras, mesmo viúvas. Com a maior parte delas divertira-se bastante e desfrutara do sexo. No entanto, com nenhum desses amores tivera a sensação de plenitude vivida esse fim de semana na Missão São Carlos porque, apesar do incidente com Siki,

manter na sua a mão suave e firme de Joséphine Boel era suficiente para recuperar forças e enfrentar qualquer calamidade. Tratava-se de uma experiência nova, a de sentir que ela lhe dava forças. A cada beijo roubado esse fim de semana, Joséphine transformara-o. As emoções assaltavam-no em uníssono, inquietavam-no por serem novas e ardentes. Se estivesse sozinho no Suzuki Grand Vitara, teria dado um grito de felicidade.

– Anga La Mwezi é uma bela propriedade. Este nome que significa?

– Significa «Luz da Lua» em suaíli – explicou Joséphine. – A fazenda ficou com o nome do local onde se encontra. Era como chamavam a este sítio os meus compatriotas, antes de o meu avô comprar as terras ao governo belga.

– E sabe-se porque lhe chamavam assim?

– Segundo a lenda, é porque a lua estava apaixonada por uma lagoa situada a alguns quilómetros a norte da casa principal, na qual gostava de se ver refletida para lhe mostrar como era bonita e, dessa forma, conquistá-la. A sua luz era tão intensa que se refletia nas águas da lagoa e iluminava tudo, vários quilómetros em redor.

– A lagoa existe?

– Sim e é bonita! Um dia levo-te lá. Iremos a cavalo. É um lindo passeio, se aguentares o calor.

– Ouve, Godefroide – disse, e procurou o homem no espelho retrovisor –, qual a tua opinião sobre a segurança de Anga La Mwezi?

Wambale refletiu durante alguns segundos.

– É péssima – respondeu. – Eu durmo dentro da casa principal, perto dos quartos das meninas e do patrão, com a minha Winchester ao lado da cama. Teriam de passar sobre o meu cadáver para conseguirem fazer-lhes mal. E acredite, senhor Al-Saud, que não seria fácil transformar-me em cadáver.

– Tenho a certeza de que não seria fácil – concordou. – Mas o que aconteceria se entrassem vários homens, digamos uma vintena, e te fosse impossível matá-los a todos?

Alamán sentiu a mão de Joséphine no seu joelho direito e ficou imóvel enquanto ela a subia e baixava. Juntamente com esse vaivém, a resposta do seu corpo vibrava em cada centímetro de pele. Maravilhava-o que Joséphine, com uma simples carícia, o deixasse duro como uma pedra. Voltou a cabeça para a observar, consciente de ser incapaz de suavizar a severidade dos seus olhos, que não se relacionava com o aborrecimento, mas com um desejo tão carnal e agudo que eliminava os artifícios que costumava utilizar com uma mulher que lhe agradava: despojava-o de qualquer urbanidade, despia-o. Porque era esta mulher diferente das outras? Ela sorria-lhe e expressava-lhe agradecimento pela sua preocupação.

– Se nos invadissem uma vintena de homens – disse Wambale, depois de uma nova

reflexão –, ver-me-ia em sérios problemas, senhor Al-Saud. – Depois de um silêncio, o homem afirmou: – Senhor Al-Saud, se falasse com o senhor Boel sobre as medidas de segurança para Anga La Mwezi, eu apoiá-lo-ia.

À medida que se aproximavam da fazenda dos Boel, Alamán sentia o nervosismo que se apoderava de Joséphine. Sabia que se relacionava com o pai. Ao chegar, Joséphine saiu do veículo e correu até à galeria, onde Balduino Boel esperava pelo seu regresso. O golden retriever, a que Joséphine chamava Grelot, saltou-lhe para cima, alvoroçado, até que, a uma ordem de Boel, se sentou junto da cadeira de rodas. Alamán, que se aproximava com o saco de Joséphine, parou a alguns passos do local onde pai e filha se abraçavam. Boel apercebeu-se da presença de Al-Saud e a alegria desapareceu do seu semblante.

– Ah, você outra vez. Boa tarde.

– Boa tarde, senhor Boel – cumprimentou, dando uma palmadinha no dorso de Grelot, que se tinha sentado para lhe dar as boas-vindas.

– Encontrei Alamán na Missão São Carlos. Acompanhou-me até aqui, papá.

– Aconteceu alguma coisa a Godefroid?

– Não, não – apressou-se a esclarecer. – Mas como ontem choveu tanto e o caminho estava muito lamacento, Alamán ofereceu-se não fosse depararmos com algum inconveniente.

– Obrigado – resmungou o homem que, da sua cadeira de rodas, via Alamán como um ciclope.

– O que gostarias de beber, Alamán? Café, chá, sumo, vinho de palma?

– O que beberes está bem para mim.

A rapariga saiu da galeria, nervosa, inquieta. Al-Saud, pelo contrário, sentia-se sereno diante da hostilidade do colono belga. Sentou-se num cadeirão de junco branco a um gesto do seu anfitrião.

– A minha filha não me disse que você estaria na missão. – Como não tinha nada que acrescentar a essa declaração, Alamán ficou calado. – Porque foi à missão, senhor Al-Saud?

– Fui porque sœur Amélie, a diretora da missão, é minha prima. – Apesar da penumbra que se apoderava da galeria, Alamán reparou que a informação surpreendia Boel. – Criámo-nos juntos, praticamente como irmãos.

– A que se dedica, senhor Al-Saud?

– Sou engenheiro eletrotécnico.

– Onde trabalha?

– Trabalho como freelance. O meu principal cliente é a empresa do meu irmão

Eliah, que virá buscar-me dentro de momentos. Não ficarei para jantar, não se preocupe, senhor.

Boel remexeu-se na cadeira de rodas, incomodado com a menção tácita à sua indelicadeza.

– A verdade, senhor Al-Saud, é que esta não é uma região onde se possa andar até muito tarde pelos caminhos e pelas ruas.

– Concordo consigo, senhor Boel. E gostaria, justamente, de referir-lhe que...

Joséphine apareceu com as bebidas, um sumo de manga para ela e outro para Alamán, e um chá para o pai.

– Não me trouxeste umas bolachas de chocolate? Duas abrem-me o apetite antes do jantar.

– Papá, sabes que não podes – recordou-lhe Joséphine. – Às vezes és como uma criança caprichosa. – Com um sorriso tímido, dirigiu-se a Alamán: – O meu pai é diabético.

Nesse momento, Alamán compreendeu a falta da perna direita de Boel.

– Este sumo está delicioso, José – disse Alamán. – Obrigado.

– Senhor Al-Saud, preparava-se para me referir alguma coisa.

– Sim, a questão da segurança da sua propriedade, senhor Boel.

– Alamán é engenheiro eletrotécnico, papá – interveio Joséphine, alvoroçada e nervosa, tentando que Alamán caísse nas boas graças do pai. – É especialista em medidas de segurança.

– E isso que tem a ver com a minha propriedade?

– O senhor acabou de mencionar os perigos de andar de noite pelos caminhos e estradas desta região. E franquear a sua propriedade não apresenta nenhuma dificuldade. Entrar aqui foi-me muito fácil. Não há segurança no portão, não há câmaras, não há homens armados.

– Senhor Al-Saud! Está a insinuar que sou um irresponsável e que não protejo a minha propriedade e a minha família?

– Papá, por favor...

– Não – respondeu Alamán, sereno, estou a dizer que a sua propriedade carece de medidas de segurança e que eu estou mais do que disposto a fornecê-las.

– É um vil vendedor! Acha que, porque a minha casa é palaciana, este velho está cheio de dinheiro. Engana-se!

– Papá, calma...

Grelot juntou os seus latidos às exclamações de Boel.

– Trinta e dois anos de Mobutu Sese Seko levaram-me à beira da ruína! Não irá arrancar-me um centavo!

– Senhor – disse Alamán e, ao pôr-se subitamente de pé, causou um sobressalto no dono da casa que, instintivamente, moveu a cadeira para trás. – As medidas de segurança que planeava instalar na sua casa iam ser um obséquio. Um presente para si e para a sua filha. A única coisa que quero é que Joséphine esteja protegida.

– Atrave-se a entrar nesta casa e a atirar-me à cara que não protejo a minha filha, o que mais amo neste mundo? Você é um impertinente! E a que propósito se atreve a fazê-lo?

Joséphine, também de pé, apertou o antebraço de Alamán.

– Por favor, não o alteres. Far-lhe-á mal.

– Peço-lhe desculpa, senhor Boel, se lhe pareci um impertinente. Garanto-lhe que a minha intenção não foi essa. Quis, simplesmente, pôr o meu conhecimento ao seu serviço e ao da sua filha. A propósito de quê, pergunta-me? Apenas porque amo Joséphine.

– Pois... Ama Joséphine! Uma rapariga que mal conhece. Vêm todos aqui dizer-me o mesmo. Mas garanto-lhe que nenhum está à altura da minha filha. Você, menos ainda.

– Eu sei.

– Vamos, Alamán, por favor. Acompanho-te até lá fora.

– Boa noite, senhor Boel – cumprimentou-o, sem obter resposta.

– Grelot! Fica aqui! Vá, agora mesmo!

O cão recuou e, ganindo, deitou-se aos pés de Boel.

– Estou tão mortificada – choramingou Joséphine no vestíbulo, junto à porta principal. – Desculpa-o, Alamán. Tu, que és tão bom e generoso, desculpa-o. É muito zeloso das suas coisas.

– E de ti – acrescentou, atraindo-a a si. – Meu Deus, Joséphine, não suporto deixar-te nesta casa insegura. Gostaria de levar-te comigo.

– Alamán, beija-me, por favor.

Fê-lo com suavidade, tentando acalmá-la, infundir-lhe paz. Saboreou as suas lágrimas e tentou absorver os seus tremores. Não queria que sofresse, que alguma coisa a magoasse. Queria fazê-la feliz.

– Quando me vais levar à lagoa? – perguntou-lhe, para a fazer esquecer a discussão com Boel.

– Amanhã. Vem cedo para evitar as horas de maior calor. É verdade o que disseste ao meu pai, que me amas? Como é possível, Alamán? Conhecemo-nos há

uns dias apenas.

– Eu sei, eu sei. Não penses que não estou perplexo. O que sinto por ti é tão repentino e inesperado. Mas é verdade, amo-te, Joséphine. Amo-te e não me interessa se a lógica não consegue explicá-lo. Quero senti-lo e basta.

– Alamán! Como pode ser verdade isto que está a acontecer-nos? É como uma febre que nos devora desde o instante em que nos vimos em casa da minha mãe. Não consigo deixar de pensar em ti. Sonho com a tua presença. Com o teu cheiro – disse, enfática, pondo-se em pontas de pés para lhe cheirar o pescoço. – Adoro o teu perfume.

– Eau Sauvage, de Christian Dior, não se dê o caso de me queres oferecer um frasco. – Joséphine riu-se e Alamán rodeou o rosto pequeno e magro com as mãos. – Quero que sorrias sempre. Quero fazer-te sorrir a cada segundo. Quero fazer-te feliz, Joséphine. Não sei porquê, mas de repente parece ser esse o sentido da minha vida, fazer-te feliz. Meu amor, diz-me a verdade: estão a passar por necessidades? O teu pai disse que estão à beira da ruína.

– Esta casa parece-te a de uma família que passa necessidades? – Alamán negou, abanando a cabeça. – É verdade que a fortuna dos Boel está a chegar ao seu ocaso. Era imensa, por isso aguentou os anos de rapina de Mobutu, mas esgotou-se. Ainda restam as plantações, mas sem tecnologia e com as terras esgotadas, cada vez rendem menos. A cervejeira não conta, porque dá prejuízo. A minha irmã e a minha mãe dão-me às mãos-cheias. Nunca menciones isto na presença dele.

– Não o farei.

– Por outro lado, se vendêssemos um só dos quadros que temos na sala, poderíamos viver vários anos. Acontece que não o faria porque o meu pai adora cada uma das pinturas que colecionou ao longo da vida.

– Compreendo. Achas que o teu pai quererá voltar a ver-me?

– Não sei – admitiu, e a disposição de Alamán decaiu. – É melhor que não se encontrem por uns tempos. Pedirei a Godefroide que o amoleça. É o único que o consegue fazer.

O som de um motor anunciou a chegada de Eliah. Antes de permitir que a abrisse, Alamán comprimiu Joséphine contra a porta e beijou-a, não com a suavidade empregue há minutos para a tranquilizar, mas com um fervor desmesurado para lhe transmitir a paixão que despertava nele.

– Desejo tanto fazer amor contigo. – Joséphine deu um gemido afogado, que incendiou Alamán. – Mon Dieu, Joséphine! Que loucura é esta?

– Desejo-te, Alamán.

– Di-lo de novo, por favor.

– Desejo-te, meu amor. – E não lhe disse porque não sabia como o encararia, mas esteve quase a agradecer-lhe ter-lhe devolvido a vontade de gozar com um homem, ter-lhe devolvido a sua índole de mulher.

Despediram-se com dificuldade. Joséphine permaneceu no umbral até o Chevrolet desaparecer no bosque que circundava a casa. Acenou com o mesmo entusiasmo com que se empenhava em não quebrar o contacto com os olhos cor de jade que a devoravam da carrinha, até que o anoitecer caiu repentinamente, como é hábito perto do equador, e deixou de os ver.

Fechou a porta e encaminhou-se para a galeria com uma disposição estranha, por um lado exaltada, por outro deprimida, devido à hostilidade do pai. Antes mesmo de chegar à galeria, no silêncio do casarão, Joséphine ouviu a respiração agitada de Boel e o seu balbuciar sem sentido. Percorreu a correr a pouca distância que a separava dele, enlouquecida de medo porque sabia que o pai estava a sofrer um ataque de hiperglicemia. Encontrou-o suado, dando palmadas no ar como se estivesse a afugentar morcegos, sacudindo a cabeça, balbuciando incoerências. Boel cravou os olhos injetados na filha e tentou atingi-la. Joséphine, habituada a estes episódios, agarrou-o com força e baixou-lhe os braços.

– Calma, papá. Calma. Godefroide! Godefroide, ajuda-me! O papá está a ter um ataque!

– Não vais deixar-me por esse! – vociferou Boel. – Não irás! Não me deixarás! Não abandonarás as tuas filhas! Gulemale! Gulemale! – clamou, partindo o coração de Joséphine.

– Calma, papá. Não te deixarei, não te deixarei – prometeu-lhe, e comprimiu a boca contra a testa do velho, banhada em suor, para deter os tremores.

Godefroide apareceu. Agarrou nos pulsos do homem e começou a falar-lhe em suaíli com voz grave, monocórdica e pausada, que o apaziguou até o sentir frouxo na cadeira de rodas. Joséphine, acompanhada pelas empregadas, regressou à galeria com uma bebida desportiva que mandava vir da África do Sul, saturada de minerais.

– Bebe, papá. Por favor, bebe – sussurrou-lhe, aproximando-a da boca. – Sentir-te-ás melhor.

Boel ergueu as pálpebras e os seus olhos azul-celeste adquiriram luz no emaranhado de pequenas veias vermelhas. Prendeu a palhinha entre os lábios trémulos e, enquanto chupava com esforço, cravava os olhos nos da sua filha.

– Não me deixes, José. Não me abandones.

– Não, papá. Porque pensas que te deixarei?

– Vais embora com aquele muçulmano.

– Não, papá, não irei para lado nenhum com ninguém.

– Prometes-me?

– Prometo-te.

Godefroide lançou um olhar furibundo ao patrão e saiu da galeria.

– O que há entre ti e a filha de Gulemale?

Eliah fez-lhe a pergunta sem desviar os olhos da estrada escura e ameaçadora. Alamán permaneceu em silêncio, com uma expressão concentrada, até que, inspirando profundamente, declarou:

– Suponho que o mesmo que existe entre ti e Matilde.

– É assim tão grave? – disse Al-Saud com uma expressão trocista.

– Receio que sim.

– Como sabes? Digo, que o sentimento é tão profundo. Acabaste de a conhecer – acrescentou.

– Diz-me, quanto tempo te levou a saber que Matilde era a mulher certa?

Eliah exibiu um pequeno sorriso, numa expressão compreensiva, antes de responder.

– Algumas horas, o tempo da viagem de Buenos Aires a Paris.

– O que te fez ver que era ela a mulher certa?

Refletiu na resposta, com um ar subitamente sério.

– Toda ela me levou a essa conclusão. O seu olhar, o seu sorriso, o seu cabelo. O seu carácter. Encantava-me que fosse suave e também firme quando era preciso sê-lo. Fascinava-me a sua bondade. Gostava que tivesse ideias tão claras. Que fosse médica e que adorasse a sua profissão. Sabes que mais? É a única mulher que admiro. Sim, creio que no fundo se trata disso, de que, além de me excitar, provocava em mim admiração e respeito. É uma combinação rara.

– E não é fácil ganhar a tua admiração e o teu respeito, não é verdade?

– Não, não é.

Diante do portão da propriedade de Gulemale, Al-Saud abriu-o com o controlo remoto que o chefe de segurança lhe dera. A carrinha iniciou a subida pelo terreno a baixa velocidade porque as luzes não se acenderam e parecia que se dirigiam para uma boca de lobo.

– Que estranho – disse Alamán. – O sistema de segurança perimetral está desligado.

– Como sabes?

– Porque a luz de presença não está a piscar. Está colocada ali, na coluna do portão. Cada vez que saio ou entro, reparo e está sempre acesa. Devem estar a fazer

manutenção.

– A esta hora?

– Ou está com alguma avaria – aventurou Alamán.

Al-Saud, cujo instinto lhe indicava que alguma coisa não estava bem, deixou a carrinha no bosque para se aproximar da mansão a pé, aproveitando a folhagem para se esconder.

– Trazes a Glock que te dei no outro dia? – murmurou para o irmão.

– Sim.

– Empunha-a. Não gosto nada desta escuridão e de o sistema perimetral estar desligado.

Al-Saud tirou do coldre a sua Colt M1911 e avançaram em direção à casa. Eliah estendeu o braço e indicou a Alamán que parasse. Dessa posição, atrás de um feto gigante, viam a mansão e a piscina. A luz do interior derramava-se sobre alguns setores do parque.

– Não vejo nenhum guarda. Onde se meteram todos?

– É realmente estranho – comentou Alamán.

Correram até casa e, encostados à parede, empunhando as armas, aproximaram-se da primeira porta envidraçada, que correspondia à sala principal. Eliah espreitou e descobriu que, no interior, se vivia um ambiente distendido e amistoso. Gulemale, Frédéric e Hansen Bridger, sentados num sofá, conversavam com um convidado a quem Al-Saud não via a cara.

– Em princípio não se passa nada. Voltemos para ir buscar a carrinha.

Minutos mais tarde, entraram na mansão.

– Ah, queridos! – exclamou a anfitriã ao vê-los aparecer, dirigindo-se a eles em passo ligeiro. – Estava tão preocupada! Onde estiveram ontem e hoje?

– Em Goma – mentiu Al-Saud –, à procura de uma oficina decente para consertar a carrinha. Não encontrámos nenhuma.

– Oh, deixa de te preocupar com isso, Eliah. Anda, quero apresentar-te um amigo querido. Chegou esta tarde.

Al-Saud e Alamán avançaram atrás de Gulemale, vestida com uma túnica de seda de cores vivas, cujas mangas em forma de borboleta flamejavam à sua passagem. O rasto do Paloma Picasso em volta dela embriagava Al-Saud de lembranças de Matilde e de Londres. Não tinha sido fácil deixá-la na casa da Mãos Que Curam, sobretudo porque Vanderhoeven estava de volta. Enquanto se despedia de Matilde, não tinha cessado de esquadrihar as janelas iluminadas da casa, até ter visto a silhueta do cretino perfilada naquela que correspondia ao seu quarto. Certo de que estaria a espia-

los, agarrou em Matilde de surpresa e beijou-a desafortadamente. Ela, alheia à sua intenção, entregou-se ao beijo com tal abandono que, depois de vários minutos de jogos de língua e de apalpões, Al-Saud acabou por esquecer o objetivo inicial. Contudo, foi-se embora de mau humor porque Matilde passaria a noite no quarto contíguo ao do belga.

O seu mau humor não tinha diminuído ao chegar a casa de Gulemale, por isso tinha pouca vontade de conhecer o recém-chegado e, menos ainda, de socializar.

– Alamán, Eliah, apresento-lhes um amigo querido...

Eliah, que se dispunha a estender a mão para apertar a do convidado, retraiu-a como se receasse que a cortassem. O pai de Matilde estava diante dele, com uma expressão tão alterada e reveladora de confusão como seria, com certeza, a expressão de Al-Saud.

– ... Mohamed Abu Yihad – disse Gulemale.

– O que faz aqui? – perguntou Eliah, em castelhano.

– Posso perguntar a mesma coisa – retorquiu Aldo.

– Como? Conhecem-se? – fingiu espantar-se a congolesa. – Falem em inglês, por favor.

– Desculpa, Gulemale – disse Al-Saud. – Acontece que conheço o senhor... Abu Yihad. Como está? – disse, estendendo-lhe finalmente a mão, que Aldo olhou com desprezo antes de a aceitar. – Apresento-lhe o meu irmão, Alamán Al-Saud.

– Que feliz coincidência, não é verdade? Mas, como se conhecem? De onde?

– A minha filha mais nova, Matilde, é conhecida do senhor Al-Saud.

Eliah teria enforcado Martínez Olazábal por colocar nas mãos de uma mulher como Gulemale semelhante informação. O seu instinto protetor agudizou-se e, mais uma vez, esse instinto lhe indicou que, naquela sala, alguma coisa não encaixava.

– A sério? Matilde? Que Matilde? A tua Matilde, chéri?

Al-Saud assentiu com uma expressão furiosa e Gulemale arqueou as sobranceiras e sorriu com cumplicidade. Convidou-os a sentar-se e pediu a Saure, o mordomo, que trouxesse mais aperitivos e que apressasse as coisas na cozinha. Estava faminta e queria jantar.

Aldo Martínez Olazábal voltou para a poltrona que ocupava antes da irrupção dos irmãos Al-Saud. Tinha-os em frente, um ao pé do outro. Em ambos podiam ver-se traços de Francesca, embora no mais novo fossem mais evidentes do que no outro. Sorria dos comentários de Hansen Bridger, mas, no íntimo, praguejava. Maldita sorte: Al-Saud, amigo de Gulemale. Como explicaria o nome árabe com que a mulher o tinha apresentado? «Que situação de merda!», lamentou-se. A possibilidade de Al-Saud conhecer a sua verdadeira profissão tornava-se muito acertada com o decorrer dos

segundos, não porque Gulemale fosse mencionar a compra do bolo amarelo e de armas nessa sala e nessas circunstâncias, mas porque Al-Saud a pressionaria até o arrancar. E dispunha de armas para o fazer. Via-se a cobiça e o desejo com que a mulher o observava. Teriam ido para a cama? Sim, entre eles notava-se o halo de cumplicidade que une os amantes. Pois bem, disse para consigo, mais calmo, ele também possuía informações que podiam prejudicar Al-Saud junto de Matilde.

– Gulemale – disse Alamán –, quando entrámos na tua propriedade, reparei que o sistema perimetral estava desligado.

– A sério? – Mostrou-se preocupada. Pousou o copo de martíni na mesa de centro e endireitou-se no sofá. – Tens a certeza?

– Sim. A luz de presença estava apagada. A menos que o led se tenha estragado, o que é improvável, isso indica que o sistema não está a funcionar.

Gulemale pegou no auscultador do telefone, carregou num botão e falou em suaíli. Segundos depois, apareceu o chefe da segurança, que exibia com descaramento o seu coldre axilar com uma Jericho 941, de fabrico israelita. Eliah tinha experimentado uma e admitia que se tratava de uma arma estúpida. Gulemale, sem dúvida, não ficava atrás em matéria de tecnologia bélica. Lembrou-se de ter visto os guardas com espingardas de assalto Galil e outros com pequenas metralhadoras Negev, surgidas no mercado apenas no ano anterior, quase desconhecidas no mundo. Como as teria obtido? Duvidava de que a Israel Military Industries fornecesse a mulher que, durante décadas, vendera armas à OLP. Ou sim?

Gulemale dirigiu-se em suaíli ao seu empregado. Ainda que Al-Saud não o falasse fluentemente, entendia-o bastante bem, coisa que a sua anfitriã desconhecia. De certa forma, não o apanhou de surpresa a mulher não ter mencionado ao chefe da segurança o problema do sistema perimetral. Também sentiu as suas pulsações acelerarem porque, como um cão de caça, farejou o perigo.

– Deixa tudo preparado – disse Gulemale ao homem da Jericho 941. – Coloquei o objetivo no último quarto da ala direita. – Referia-se ao setor da casa onde dormia Hansen Bridger, contrário àquele onde se situavam os quartos dela, de Frédéric e dos Al-Saud.

Eliah apoiou os cotovelos nos joelhos e inclinou o rosto para esconder a sua perturbação. As peças acabavam de encaixar com um ruído estrepitoso. Baixou os olhos e efetuou uns exercícios respiratórios para dominar as energias desencadeadas no seu interior. Nesse momento, já percebia o diálogo telefónico de há dias entre Gulemale e «o senhor Bergman». Não havia dúvidas: tratava-se de Ariel Bergman, o chefe da Mossad na Europa. Aldo Martínez de Olazábal, ou Mohamed Abu Yihad, estava na lista negra do «Instituto» e Gulemale tinha-se transformado na denunciante. Também não havia dúvida de que a Mossad conhecia o parentesco entre Matilde e Abu Yihad. Gulemale sabia que Matilde trabalhava para a Mãos Que Curam e que estava no Congo porque Bergman a informara. Não bastava Udo Jürkens andar

atrás dela; agora juntavam-se também os da Mossad.

Não queria comer nem beber porque receava que Gulemale tivesse mandado colocar narcóticos nos alimentos e nas bebidas. Quem se encarregasse de eliminar Abu Yihad não ia querer encontrar escolhos. Planeariam liquidar também Hansen Bridger? Desviou o olhar e viu o sul-africano embrenhado numa conversa com Martínez Olazábal. Falavam com ar muito concentrado e intimista, com o sobrolho franzido e o tronco ligeiramente inclinado, como se estivessem a contar segredos. Um negócio de armas. Para Saddam Hussein? Yaakov Merari, o informador de Lefortovo, garantia que Abu Yihad trabalhava para o regime do carnicheiro de Bagdad e que estava à procura de urânio. Alan Bridger tinha sido um fornecedor famoso de bolo amarelo, o combustível básico para uma centrífugadora. O seu irmão Hansen retomaria o negócio? Para quem seria o urânio? Para o Iraque? Será que, contra todos os prognósticos, Saddam estava novamente a desenvolver o seu poderio atómico? Com que dinheiro? Desde o embargo decretado pela ONU em 1991, o Iraque era um deserto.

Nada disso interessava de momento. A única coisa que importava era arrancar Martínez Olazábal com vida da casa de Gulemale. Levantou-se e afastou a sua anfitriã do grupo, agarrando-a por um braço.

– Vou tomar um banho.

– Agora não, chéri. O jantar vai ser servido.

– Não vou jantar, Gulemale. Não me sinto bem. Deve ser de alguma coisa que comi em Goma.

– Como és tonto, Eliah! Ires para Goma para consertar aquela carrinha de um raio, deixando-me sozinha todo o fim de semana. Quando te convidei para a minha casa, nunca imaginei que fosses tão difícil de domar, que nada e ninguém poderiam reter-te. Andas de um lado para o outro durante todo o tempo.

– Eu sou assim. Não te preocupes. Esta noite acabaremos o que começámos no dia em que cheguei.

– A sério? – Os olhos escuros de Gulemale brilharam como se de repente tivessem estrelas na íris.

– Certifica-te de que Frédéric não aspira ao mesmo que eu.

– Não te preocupes. Dormirá como um anjo toda a noite. Eu encarregar-me-ei disso. Apressarei tudo aqui para me libertar o mais cedo possível. E a respeito de Matilde?

– Terminámos – garantiu, dirigindo um olhar ao irmão Alamán, que o seguiu até ao quarto, onde Eliah tratou de correr as cortinas e de fechar a porta à chave.

– Que merda se passa aqui? – Alamán falou em árabe. – As câmaras de infravermelhos também estão desligadas.

- Suspenderam todas as medidas de segurança.
- Porquê? – espantou-se Alamán.
- Lembras-te da fotografia que apareceu no Le Monde há algumas semanas, a que te pedi que analisasses com Lefortovo?
- Sim, a fotografia onde se via o pai de Matilde. O que está ele a fazer aqui?
- Está prestes a fechar negócio com Bridger. Para comprar armas e, provavelmente, urânio.

Alamán deu um assobio e pôs-se a percorrer o quarto.

- Urânio?
- Isso agora não interessa. Ouve-me, Alamán. Esta noite, mete-te na cama vestido e com a tua arma pronta. Virão atrás do pai de Matilde para o levarem e eu planeio impedi-lo.

– Quem? Como sabes?

– Não sei com certeza. É uma coisa que tentarei confirmar mais tarde, com Gulemale. Mas tudo indica que assim será. Não tenho tempo para te explicar agora. Volta para a sala de jantar e age normalmente. Eu já me desculpei perante Gulemale. Trata de não beber ou comer, finge fazê-lo. Desconfio que Gulemale mandou deitar narcóticos na comida e na bebida.

– Merde! Desapareceu-me o apetite. Mas, como se finge comer e beber?

– Diz que alguma coisa que comeste em Goma te caiu mal. Foi a minha desculpa. Eu vou buscar-te ao teu quarto. Quero que estejas preparado. Sairemos desta casa com Martínez Olazábal assim que todos forem dormir. Tens aqui as chaves da carrinha. Conduzes tu.

– Já quase não tem combustível.

– Pede a Saure que lhe deite dois bidões. Isso bastará para chegar ao aeroporto de Goma.

Alamán saiu, e Eliah trocou a camisa branca por uma camisola preta. Apagou as luzes. Procurou às cegas os óculos de visão noturna. Encaixou o suporte em volta da cabeça e ligou-os. Imediatamente o quarto adquiriu uma tonalidade esverdeada. Enquanto Gulemale e os convidados jantavam, esgueirou-se pelo interior da casa até localizar o quarto de Aldo. Entrou. A mala, intacta, estava pousada na cama. Aproximou-se da mesa de cabeceira e encontrou três objetos que o deixaram desconcertado: um masbaha, o terço muçulmano, uma bússola e um exemplar do Corão. Abriu-o, estava em árabe, e tinha mesmo anotações à mão nesse idioma. A bússola seria para determinar a direção de Meca? Será que Martínez Olazábal se fazia chamar Mohamed Abu Yihad por se ter convertido ao Islão e não como simples cobertura para traficar armas e drogas?

Al-Saud regressou ao seu quarto, calçou umas botas e preparou as suas armas: a faca Bowie, o Colt M1911, a HP 35, uma High Standard Victor calibre 22 e vários carregadores, e fez tudo isto às escuras. A certeza de que enfrentaria os sicários mais bem preparados do mundo acelerava-lhe as pulsações e a adrenalina corria velocemente pelas suas veias, mantendo-o desperto e alerta. Algum tempo depois, ouviu os passos dos convidados e as suas vozes sonolentas enquanto percorriam o corredor em direção aos seus quartos. Alamán ria-se com Frédéric; pareciam bêbados. Esperou quinze minutos antes de sair do quarto e de se dirigir para o de Gulemale. Entrou sem bater. A mulher, sentada diante do toucador, em négligé, punha perfume atrás das orelhas. Ao ver Eliah no espelho, separou os joelhos e perfumou o sexo.

– Podemos estar sossegados? – quis saber Al-Saud, colocando-se atrás dela.

– Sim. Frédéric dormirá toda a noite como um bebé. O teu irmão e Hansen também.

– Como és mazinha, Gulemale – repreendeu-a Eliah, inclinando-se para cheirar o perfume dela.

– Fomos sempre muito bruscos e ruidosos, chéri. Porque estás vestido? – reclamou, subitamente carrancuda.

– Porque quero que me tires a roupa.

Gulemale ronronou e rodou no tamborete. A cara dela ficou ao nível da braguilha de Al-Saud. Passou a mão aberta várias vezes pelo volume de Eliah até sentir que endurecia. Gemeu de dor e de prazer quando Eliah lhe agarrou no cabelo e lhe puxou a cabeça para trás. Apoiou a ponta da faca Bowie na face. Gulemale estremeceu de medo, apesar de sorrir com suficiência.

– Estou a ver que vai ser realmente brusco esta noite. Excita-me tanto...

– Serei brusco esta noite, chérie, se não me disseres a que horas virão os sicários da Mossad buscar Abu Yihad. – Al-Saud sentiu a tensão que se apoderou do corpo da mulher. – Fala ou este belíssimo rosto sem idade ficará desfigurado. – E apoiou a ponta da Bowie na face esquerda.

– Não te atreverias – desafiou-o e, ao tentar sorrir, a faca feriu-lhe a pele. – Afasta essa faca do meu rosto, filho da puta!

– Fá-lo-ei se responderes às minhas perguntas. A que horas virão os sicários da Mossad e quantos serão?

– De que estás a falar, Eliah? Maldito filho da puta, larga-me! – ordenou-lhe, batendo-lhe nos lados do corpo.

– Não te mexas assim, Gulemale. A minha mão poderia escorregar sem querer e cravar-se no teu rosto. A que horas? – insistiu, pressionando a lâmina na base do pescoço.

– Eliah, por favor, falemos como gente civilizada.

– A que horas?

Gulemale contraiu-se instintivamente.

– Não te atreverias a desfigurar-me.

– Não me conheces, Gulemale. Sou capaz de qualquer coisa, do que for preciso para atingir um objetivo.

– Qual é o teu objetivo?

– Salvar o pai de Matilde. – Um corte superficial no pescoço provocou gemidos histéricos da mulher. – Cada vez me aproximo mais destas feições tão bonitas – ameaçou Al-Saud, deslizando a ponta até ao queixo.

– És um filho da puta.

– Já o disseste antes e comesas a cansar-me. Responde-me ao que te pergunto e não acontecerá nada à tua beleza.

Gulemale, agarrada ao antebraço de Al-Saud, sentia a dureza dos seus músculos e a sinuosidade dos seus tendões, estirados e dilatados.

– Sabes, Eliah? Excitas-me na mesma. Creio que, se quisesses dar-me uma queca depois disto, desfrutaria ainda mais.

– Fala, Gulemale. Nunca fui famoso pela paciência. Estás a cansar-me.

Gulemale não gritava, não chorava nem se queixava, enquanto o fiozinho de sangue lhe fazia cócegas entre os seios.

– Falas agora ou terei de ser mais convincente?

– Virão esta noite. Às duas da madrugada. São quatro.

– Porquê tu? Porquê pedir-te a ti?

– Porque sabem que Abu Yihad e eu somos amigos e sócios.

– Quem é o teu contacto na Mossad? Ariel Bergman?

Gulemale moveu rapidamente os olhos na direção dos de Eliah. O seu assombro era evidente. Limitou-se a inclinar a cabeça para assentir.

– Como o conheceste?

– Nigel apresentou-mo.

– O que te ofereceram em troca deste serviço? As armas israelitas com que os teus guardas se pavoneiam?

Gulemale recuperou alguma da sua ironia rindo baixinho, com ar cansado. Al-Saud tirou uma corda de cânhamo do bolso traseiro das calças, desenrolou-a com uma sacudidela, pôs os braços de Gulemale na parte de baixo das costas e amarrou-lhe os

pulsos.

– Lamento fazer isto, chérie, mas traíste-me e não tenho confiança em ti.

– Pagarás por isto, Eliah – ameaçou-o, antes de Al-Saud a amordaçar com o cinto de seda do roupão.

– Lamento que tenhamos terminado assim, Gulemale.

Obrigou-a a pôr-se de pé e empurrou-a para que se dirigisse à cama, onde a instalou, com as almofadas debaixo da cabeça, para depois lhe prender os tornozelos. Consultou o seu Breitling Emergency. Um quarto para a uma da manhã. Ao sair, fechou a porta à chave. De volta ao seu quarto, colocou os óculos de visão noturna e também trancou a porta ao sair. Entrou no quarto do irmão e, sem acender a luz, falou-lhe em árabe.

– Estou pronto – confirmou Alamán, enfiando o monocular que Eliah lhe entregou. Custou-lhe habituar-se à luz esverdeada e ao facto de o seu olho esquerdo permanecer mergulhado na escuridão. Chegou mesmo a ficar maldispuesto. Saíram do quarto empunhando as armas.

Caminharam sobre a alcatifa, envoltos num silêncio sepulcral. Naquele setor da casa, nem sequer os sons noturnos da selva entravam. Perto do objetivo, Eliah levantou a mão para indicar ao irmão que parasse. Três homens, diante da porta do quarto de Martínez Olazábal, vestidos com roupa de neopreno preto para enganar as câmaras de infravermelhos – sem necessidade, porque estavam desligadas, pensou Al-Saud – e equipados com capacetes de visão noturna, olhavam em volta e para o interior do quarto. Gulemale mentira-lhe ou a Mossad tinha alterado os planos – ainda não eram duas da manhã. Segundos depois, quando outros dois trouxeram Martínez Olazábal de rastros, novamente a informação de Gulemale se revelou imprecisa: ela tinha falado em quatro.

A cabeça de Martínez Olazábal pendia sobre o peito. Tinham-lhe batido ou narcotizado, provavelmente a segunda hipótese, convenceu-se Al-Saud. Sem abrir a boca, indicou ao irmão que esperasse. Alamán não conseguiu detê-lo. Pretenderia enfrentar cinco assassinos profissionais?

Colado à parede, Al-Saud seguiu os kidonim da Mossad. O que fechava a fila voltava-se de vez em quando para proteger a retaguarda, e Eliah escondia-se atrás dos móveis que povoavam o amplo corredor. Não podia permitir que chegassem à sala, pois seria complicado encarregar-se dos cinco num espaço aberto. Percorreu num ápice o último trecho do corredor e, quando o kidon se voltou para vigiar, Al-Saud cravou-lhe a Bowie na jugular. Assestou um golpe seco, um impulso silencioso para trespassar a roupa de neopreno e o músculo do pescoço. O gemido do israelita deixou os outros quatro alerta. Dois, os que não seguravam o corpo inerte de Martínez Olazábal, cercaram Al-Saud, um deles com uma Beretta 92 apontada à cabeça. Não esperou que disparasse e apanhou-o de surpresa ao saltar com a velocidade de um

raio, desferindo-lhe um pontapé voador que lhe partiu o osso, a milímetros do pulso. Não pontapeou a pistola mas o rádio que, sabia, se partiria com facilidade e deixaria o inimigo fora de combate, pelo menos de momento. A Beretta do kidon voou. O homem soltou um rugido abafado dentro do capuz de neopreno e agarrou no antebraço direito; a mão enluvada pendia-lhe. O outro atirou-se a Eliah sem perda de tempo. Al-Saud disse para consigo que precisava de o neutralizar porque os que levavam Martínez Olazábal já se afastavam em direção à saída.

Não foi fácil. O homem era um dos melhores lutadores de Krav Magá que Al-Saud tinha enfrentado, mais rápido e habilidoso do que os kidonim do Hotel Summerland, em Beirute. Acabaram enredados no tapete, envolvidos numa briga de tudo ou nada. Al-Saud ouviu um tiro e um gemido. Um corpo caiu e a cabeça do israelita a quem tinha partido o pulso acabou muito perto dele. Interrogou-se se teria sido Alamán a disparar, mas esqueceu-o imediatamente e concentrou-se em tirar de cima o especialista em Krav Magá. Uma faca de aço preto, semelhante à que tinha roubado a o kidon do Summerland, pairava sobre o seu olho esquerdo. A folha tremia a milímetros da sua pupila, devido ao esforço com que um se empenhava em afastá-la e o outro, em cravá-la. A mão esquerda de Al-Saud mantinha a faca afastada, enquanto a direita rodeava o pescoço do atacante, sem conseguir exercer a força necessária para o matar. Colocou com dificuldade o polegar e o indicador e apertou a traqueia, causando uma dor insuportável ao israelita e desconcentrando-o. Al-Saud recuperou algum vigor e domínio para apertar a traqueia ainda mais. O homem agitou-se e largou a faca. Al-Saud afastou a cara para evitar a ponta ao cair e levantou a cabeça com violência para atingir o seu rival com o osso frontal, que acertou em cheio no nariz do homem.

Al-Saud livrou-se dele, pôs-se de pé de um salto e, antes que o israelita pudesse levantar-se, matou-o com dois tiros na cabeça.

– Vamos, Alamán! – gritou, correndo em direção aos que sequestravam Martínez Olazábal.

Na sala, descobriram uma das portas envidraçadas que dava para a piscina aberta. Eliah soube que se tratava de uma esperteza para os despistar.

– Não, por aí não. Vamos pela porta das traseiras, pela da cozinha.

Os minutos despendidos por Al-Saud para se desfazer dos kidonim bastaram para que os outros arrastassem o peso de Martínez Olazábal, levando-o até uma furgoneta. No entanto, não haviam sido suficientes para o colocar na caixa. Como Alamán não compreendia a linguagem de sinais dos soldados, Eliah foi obrigado a arriscar-se a sussurrar o plano.

– Conta até quinze e aparece diante deles com a arma empunhada e pronta para disparar, e ordena-lhes em inglês que libertem Abu Yihad ou os matarás.

Alamán, mais uma vez, não teve tempo para dizer nada. Praguejou entre dentes

quando o seu irmão mais novo desapareceu na escuridão do pátio traseiro. Começou a contagem ao ritmo desenfreado do seu coração, pelo que chegou depressa ao número quinze, inspirou profundamente e dirigiu-se para o veículo. Os homens de negro tinham carregado o corpo inconsciente de Martínez Olazábal e fechavam a porta lateral corrediça.

– Mãos ao ar! – Gritou, sentindo-se um idiota. – Soltem Abu Yihad agora mesmo ou matar-vos-ei.

Viu Eliah aparecer atrás do carro e avançar até aos sicários desprevenidos, que se viraram antes que aquele tivesse oportunidade de os atacar pelas costas. Não tendo tido tempo para sacar das armas, apelaram à luta corpo a corpo.

– Alamán, entra no carro e arranca! – gritou-lhe em castelhano.

Tentou desferir um pontapé no joelho de um, sem sucesso, e, depois de um bluff que baralhou o adversário, enfiou-lhe os dedos na garganta protegida pelo neopreno grosso. Recebeu um golpe nas costelas flutuantes, que o desestabilizou, e outro na canela, que lhe provocou uma dor lacerante. Caiu de joelhos e sentiu a ponta da arma na cabeça. Levantou a cara, e o cano, depois de lhe arrancar os óculos de visão noturna, acabou sobre o septo nasal. Deu-se conta de que a carrinha era blindada porque o outro kidon apontava para os pneus. Alamán avançava a uns quarenta quilómetros por hora na direção do caminho de paralelepípedos que conduzia à saída e depressa desapareceria. Al-Saud não queria que ele sáísse da propriedade, convencido de que lá fora encontraria mais agentes da Mossad. Imediatamente a sua suspeita se confirmou quando aquele que lhe apontava a pistola falou por um microfone incrustado no capacete. Fê-lo em hebreu e Al-Saud nem chegou a captar a ideia, mesmo que isso não fosse necessário.

Depois de vários tiros falhados para os pneus, o sicário decidiu correr atrás da carrinha. Eliah, de joelhos, com a arma no nariz, fixava os olhos no seu rival, que não os afastava dele. Não podia saber que o homem o tinha reconhecido; sabia que, diante dele, tinha Eliah Al-Saud, pessoa que não podiam voltar a importunar ou explodiria um inferno em Israel. Nas palavras de Ariel Bergman, o cabrão tinha-os agarrados pelos tomates. Admirava-se também por ele respirar como se estivesse sentado a ler, apesar de ter liquidado três dos seus companheiros. Tratava-se, sem dúvida, de um profissional altamente treinado, tão bom ou melhor do que um kidon. Decidiu dar-lhe uma coronhada na cabeça para o deixar fora de combate.

Eliah recordou uma lição de Takumi sensei: «Não existe situação da qual não consigas sair.» Precisava de sair desta para proteger o seu irmão. A fixação com que o sicário olhava para ele tinha criado uma espécie de abstração entre ambos, como se uma cápsula de vidro os tivesse isolado e um vazio os rodeasse. Al-Saud não pestanejava, mantinha-se estático e respirava sem expandir o peito; parecia ter congelado. Nessa tensão, deu um grito e agitou as mãos como um louco. O efeito foi demolidor no inimigo, que deu um tiro antes de perder a arma para Al-Saud. Recebeu

vários pontapés nos testículos e uma cabeçada na testa que o deixou estendido na relva.

Al-Saud correu atrás do último kidon. A carrinha já não se via. O sicário ouviu as suas passadas e, sem parar de correr, disparou. Eliah atirou-se para o chão. Dessa posição e com óculos de visão noturna, era difícil acertar no alvo. No entanto, Al-Saud recorreu à sua pontaria e abriu fogo com o seu Colt M1911. O homem dobrou as costas, soltou um lamento e caiu. Como o viu mexer-se, correu até ele e enfiou-lhe uma bala na parte posterior da cabeça.

Apanhou o veículo a poucos metros do portão principal e, com a coronha da arma, bateu várias vezes na traseira.

– Alamán, sou eu!

A carrinha diminuiu a velocidade e Eliah saltou para dentro. Acionou o controlo remoto e o portão abriu-se.

– Ouve, há mais agentes cá fora. Pode ser que os encontremos assim que sairmos ou mais à frente. Este veículo é blindado, de modo que avança e não pares por mais que disparem.

– OK.

Al-Saud passou para a traseira, onde Martínez Olazábal ainda dormia. Tomou-lhe o pulso e achou-o normal.

– Vêm aí! – avisou Alamán.

– Continua! Não pares.

Alamán esquivou o Renault Laguna, mudou de velocidade e pisou fundo no acelerador. Eliah esperou que o Laguna desse uma volta em U e recomeçasse a perseguição. Deslizou a porta lateral, segurou-se ao cinto de segurança e pôs o tronco de fora para disparar. Esvaziou o carregador e furou várias vezes o para-brisas. Não tinha acertado no condutor. Entrou, recarregou a pistola e voltou a pôr o corpo de fora. Apontou e levou algum tempo a disparar. O automóvel ziguezagueou, caindo pela colina.

Al-Saud fechou a porta e regressou ao assento do copiloto. Alamán conduzia, tenso e suado, e com a vista fixa na estrada escura.

– Mãos ao ar? – troçou Eliah, desatando às gargalhadas.

– És um doente, sabias? Como podes rir depois do que vivemos? Tenho os tomates do tamanho de uma ervilha! Cheguei ao Congo há menos de uma semana e já matei duas pessoas! Meu Deus... Vou enlouquecer.

– Pensa que mataste dois dos maus.

– E continuas a fazer piadas! És insuportável. Achas que haverá outro grupo esperando por nós mais à frente?

– Não sei – admitiu Al-Saud, ainda risonho, enquanto verificava o carregador do Colt M1911.

Alamán voltou a cabeça e lançou-lhe um olhar fulminante.

– Era a isto que te dedicavas? Era isto que fazias nesse grupo militar?

– Nem sempre era tão divertido.

Alamán suspirou, exasperado.

– O que faremos agora com o pai de Matilde?

– Escondemo-lo.

– Onde?

– Num local impensável.

Antes de continuarem para Goma, pararam em Rutshuru, na pensão onde Amburgo Ferro dormia. Assim que ouviu as pancadas na porta, o italiano empunhou a HP 35, escondida sob a almofada, e aproximou-se da porta. Viu as horas à luz da lua, que entrava pela janela. Dez para as três.

– Sou eu – disse Al-Saud, e Ferro suspirou, aliviado.

– O que se passa, chefe? – Afastou-se para que Al-Saud entrasse. Alamán tinha ficado na carrinha.

– Tenho de sair do Congo imediatamente. Antes preciso de fazer alguns telefonemas. A situação complicou-se. Preciso de uma vigilância muito mais agressiva para Matilde. Gulemale pode querer magoá-la, além de Udo Jürkens e da Mossad.

– A Mossad? – admirou-se Ferro, erguendo os olhos para o céu.

– Liga o satélite. Tenho de fazer essas chamadas urgentemente.

Acordou Peter Ramsay que, com uma voz sonolenta, lhe recordou que a maior parte do pessoal se preparava na ilha de Fergusson para o assalto à mina do Congo.

– E não te esqueças – acrescentou Ramsay – de que, depois do ataque que o teu pai sofreu na OPEP, aumentámos a vigilância a todos os membros da tua família. Estamos com falta de pessoal – concluiu.

– Preciso de dois homens aqui, Peter – insistiu Eliah. – Liberta Meyers e Sartori da missão no Afeganistão. Quero-os aqui hoje mesmo.

– Hoje mesmo?! Enlouqueceste?

– A situação é complicada.

– És uma seca! Vou fazer o que puder.

– Obrigado. Envia-os para Rutshuru. Toma nota da direção onde Byrne e Ferro estão hospedados.

A seguir telefonou para Riade, para o seu primo Turki Al-Faisal.

– Preciso que o teu motorista me vá buscar ao aeroporto Rei Khalid. – Al-Saud referia-se ao aeroporto de Riade, o maior do mundo.

– Quando? – A voz áspera de Turki revelou que a chamada também o apanhara a dormir. Na Arábia Saudita eram cinco da manhã.

– Chegarei hoje dentro de... – Al-Saud olhou para o relógio. – Dentro de cinco horas – calculou –, às dez da manhã, hora de Riade.

Depois das últimas indicações a Ferro, Al-Saud saiu da pensão, entrou na carrinha e ordenou ao irmão que fosse para sul, em direção a Goma, a capital de Kivu Norte, onde chegaram sem inconvenientes. Acordaram a tripulação que, embora sobressaltada e maldormida, se sentiu feliz com a notícia de que deixariam o hotel, que mais parecia uma pensão barata, e a cidade. O aeroporto estava fechado e a torre começava as suas atividades às seis da manhã.

– Não podemos esperar – disse Eliah.

– O que pretendes fazer? – exaltou-se o irmão. – Descolar sem plano de voo, autorização ou guia da torre?

– Evidentemente.

– Podes chocar com um avião!

– Usaremos uma rota limpa. Não me chateies, Alamán! Percebo de aviões e de voos um pouco mais do que tu, não achas? Os da Mossad poderão aparecer por aqui de um momento para o outro. A carrinha tem, com certeza, um dispositivo de localização, e eles cairão sobre nós dentro de pouco tempo. Temos de sair daqui.

– As autoridades do aeroporto denunciar-te-ão! Poderão expropriar o avião!

– Alamán, isso agora é o que menos me preocupa. Depois logo vejo. A corrupção no Congo tem uma coisa positiva: conseguimos solucionar tudo com dinheiro ou com contactos.

Al-Saud foi generoso com o guarda, que lhes permitiu entrar no terreno e no hangar. A situação era bastante irregular. No entanto, Paloméro manteve-se em silêncio e apressou-se a cumprir a sua tarefa, habituado às decisões intempestivas e nem sempre razoáveis do seu chefe. O salário que recebia, o triplo do que se pagava a um piloto privado, e outros benefícios compensavam as preocupações e os nervos.

Aldo Martínez Olazábal agitou-se no assento do Gulfstream V enquanto Natalie, a hospedeira, lhe apertava o cinto. Continuou a dormir e acordou passadas duas horas de voo. Olhou em volta, com os olhos arregalados, até encontrar os de Al-Saud, que o olhava fixamente.

– O que faço aqui? Onde estou?

– No meu avião.

– Estou muito maldisposto. Muito enjoado.

Natalie acompanhou-o à casa de banho, onde o ruído das turbinas não foi suficiente para cobrir as arcadas de Martínez Olazábal enquanto vomitava. Regressou ao seu assento e sentou-se entre gemidos e suspiros. Fechou os olhos e cobriu a cara com o antebraço.

– Natalie, traga-lhe alguma coisa para beber. Um chá? – perguntou na direção de Aldo.

– Sim, um chá de limão. Meu Deus! Como me sinto mal!

– Deram-lhe uma droga para o adormecer.

– Quem?

– Provavelmente, Gulemale. Ou talvez aqueles que o sequestraram.

– De que diacho está a falar, Al-Saud?

– Falarei nesta língua – disse em árabe –, que sei que você compreende muito bem. A hospedeira fala castelhano e não quero que fique a par do que lhe direi.

Martínez Olazábal abanou a cabeça para assentir e esse simples gesto provocou-lhe tonturas e náuseas. Bebeu o chá, que lhe aplacou a embrulhada do estômago.

– Fale, Al-Saud. O que quer? Que diacho faço aqui?

– Não sei em que confusão está metido, mas, esta noite, a nossa anfitriã esteve prestes a deixá-lo nas mãos da Mossad.

– O que está a dizer? – Alterou-se e soltou um gemido quando, ao tentar levantar-se, a cabina começou às voltas em seu redor.

– Olhe, Martínez Olazábal, não acredito que tudo isto o apanhe de surpresa. Há cerca de quinze dias, você e eu mantivemos uma conversa telefónica durante a qual tentei avisá-lo que uma coisa deste tipo poderia acontecer. Não estou aqui para brincar ou perder tempo. De facto, tirá-lo do Congo e salvar-lhe o coiro está a custar-me muito, em todos os sentidos. Peça-lhe que coopere e que não me dificulte as coisas.

– Como sei que não é você quem está a sequestrar-me? Porque iria confiar?

– O seu árabe é bastante aceitável – ironizou Al-Saud. – Sou o único em quem pode confiar agora. Como já lhe disse, a minha intenção foi tirá-lo com vida da confusão em que está metido.

– Não confio em si, Al-Saud. É um mercenário do pior, sem falar no facto de ter andado a brincar com o coração das minhas filhas, Celia e Matilde. Estive com Celia em Paris antes de vir para o Congo. Confessou-me que você lhe tinha prometido casamento.

– A sua filha Céline está louca. Nunca lhe prometi nada.

– Sendo amante de Celia, envolveu-se com Matilde. Matilde não é como Celia, Al-Saud. Ela é pura, vulnerável e indefesa. Porque a queria a ela também?

– É por Matilde que estou aqui, tentando salvar-lhe a vida. Ela é a única coisa que me importa neste mundo. E não quero que sofra. Se a Mossad o assassinasse, como desconfio que planeavam fazer esta noite, ela sofreria muitíssimo. Não sei a razão por que a sua filha o ama tanto, tendo sido você um pai deplorável.

– Matilde é assim, Al-Saud, uma pessoa demasiado elevada espiritualmente para que nós, simples pecadores, a compreendamos. Você fica muito abaixo dela.

– Eu sei. Mas amo-a com um sentimento sincero e honesto. Garanto-lhe que o facto de Matilde me amar me honra, faz de mim uma pessoa melhor.

Aldo Martínez Olazábal calou-se. Devia confiar num homem que vendia ao melhor licitador a sua perícia na arte de matar? Como ter a certeza de que não era ele que a Mossad tinha contratado, aproveitando a ligação que tinha com a sua filha mais nova?

– Você e Matilde terminaram. Disse-me a minha irmã Sofia.

– Vim ao Congo para a recuperar.

– Conseguiu-o?

– Senhor Martínez Olazábal – disse Al-Saud, impaciente –, estamos a perder tempo falando da minha vida sentimental. Devíamos abordar outros assuntos, muito mais urgentes.

– Porque deveria acreditar em si? Gulemale e eu somos amigos há muito tempo. Fizemos negócios juntos e nunca me traiu.

– Há sempre uma primeira vez. Gulemale não tem amigos. É, sobretudo, uma mulher de negócios.

– Porque desconfia de quem quer matar-me?

– Sei de fonte segura que você e o seu sócio Al-Abiyia estão na lista negra da Mossad, tal como Alan Bridger, Kurt Tärveider e Paul Fricke, todos eles mortos em circunstâncias estranhas.

Martínez Olazábal voltou a fechar os olhos. Al-Saud reparou como se acentuava a palidez da cara dele, a parte que a barba não cobria, e a alteração que se verificava no ritmo da sua respiração. Para acabar de convencê-lo, acrescentou:

– Não o perseguem apenas por você fornecer armas às Brigadas Ezzedin al-Qassam e ao Iraque, mas porque se diz que anda atrás da pista do bolo amarelo. E quando se trata de urânio, em Israel disparam todos os alarmes.

– O que pensa fazer?

– Levá-lo para um sítio seguro, escondê-lo por uns tempos. Também pretendo falar consigo. Estão a acontecer coisas graves, coisas que põem em perigo a vida da

sua filha mais nova.

- De que está a falar? – alterou-se.
- Conversaremos mais tarde.
- De acordo, mas agora quero que me diga como acabei aqui.

Al-Saud descreveu-lhe os factos, que Alamán corroborava e completava dada a pouca inclinação do irmão para os pormenores. Aldo ouvia-os com atenção, revendo os últimos momentos que recordava. Depois do jantar, onde se tinha excedido na comida, entrou no quarto com dores de cabeça e um mal-estar no estômago. Justificou o cansaço com a viagem e a tensão dos últimos dias. Conseguiu tirar do bolso das calças a carteira e o telemóvel, que acabaram na mesa de cabeceira, antes de se atirar para a cama sem se despir. Obrigou-se a praticar as abluções; ainda faltava a última oração do dia.

Acordou passado algum tempo, perdido, sem saber onde estava ou que horas eram. A escuridão rodeava-o e, no entanto, distinguiu uma silhueta que se inclinava sobre o seu antebraço estendido e descoberto. Quis perguntar-lhe o que estava a fazer, mas não conseguiu falar.

– Injetaram-me alguma coisa – disse de repente, interrompendo Alamán. Arregaçou a manga da camisa e examinou a articulação, do lado das veias. – Sim, tenho aqui uma picadela.

- Conseguiu ver quem o fazia?
- Só vi uma sombra. Estava muito escuro.
- E os seus sequestradores iam vestidos de preto – testemunhou Al-Saud.
- Você também está vestido de preto. Para onde me leva?
- Para um sítio seguro onde ninguém conseguirá encontrá-lo.

Ariel Bergman, que comandava a operação Tango (assim a tinham classificado, dada a nacionalidade do principal objetivo) a partir de um hotel em Kigali, capital do Ruanda, viajou até Goma às primeiras horas da manhã de segunda-feira, 25 de maio, e chegou à propriedade de Madame Gulemale, em Rutshuru, antes das dez da manhã. Deparou com uma carnificina e com a dona da casa presa de um ataque de histeria. Dos cinco homens enviados para sequestrar Mohamed Abu Yihad e para assassinar Hansen Bridger, só restava um com vida e com os testículos inflamados e arroxeados.

Ainda que Abu Yihad tivesse fugido, Hansen Bridger não tinha tido a mesma sorte. Os seus homens carregaram o cadáver do sul-africano numa carrinha e levaram-no até à savana, onde as hienas e os felinos se encarregariam dos restos.

- O que aconteceu? – perguntou a Gulemale, com severidade.
- Aconteceu que vos disse não ser uma boa altura para levar a cabo a operação.

Mas não quiseram ouvir-me. Agora não venham reclamar.

– O que aconteceu? – insistiu Bergman.

– Um dos meus convidados antecipou-se e levou Abu Yihad com ele.

– Um dos seus convidados? Quer fazer-me crer que um dos seus convidados matou quatro dos meus homens e deixou o outro inconsciente?

– É isso que estou a dizer-lhe, Bergman.

– Quem?

– Eliah Al-Saud – confessou Gulemale, renitente.

– Eliah Al-Saud! – enfureceu-se Bergman. – Ele estava aqui e eu não fui informado?

– Avisei-vos de que a casa estaria cheia de convidados e de que não era uma boa altura!

– Madame – disse o katsa, tentando acalmar-se –, quando finalmente combinámos a data da operação, garantiu-nos que se encarregaria de tudo.

– E foi o que fiz, mas não contava que Eliah se desse conta de que vocês viriam buscar o pai da sua mulher.

– Deu-se conta?

– Sim, deu-se conta. Não me pergunte como. Veio ao meu quarto, depois do jantar, e, ameaçando-me com uma faca na cara... Veja, fez-me um corte aqui, no pescoço! – A marca quase não se via e Bergman nem se deu ao trabalho de confirmar a sua existência. – Foi assim que me arrancou a informação sobre a hora a que viriam buscar Abu Yihad e quantos seriam. Menti-lhe em ambas as vezes, mas ele saiu-se com a sua na mesma, o desgraçado.

«Maldito Al-Saud!», explodiu Bergman, embora o seu semblante não refletisse a erupção do seu íntimo. Odiava-o com a mesma intensidade com que o admirava e surpreendeu-se interrogando-se se existiria alguma forma de o tentar para que trabalhasse para a Mossad.

Ao aterrar no aeroporto Rei Khalid de Riade, Martínez Olazábal mostrou vontade de apanhar um avião, qualquer que fosse, para regressar à sua vida normal.

– Você não tem vida normal – disse Al-Saud. – Não percebe que o seu nome faz parte da lista negra do serviço de espionagem mais eficaz do mundo? Aonde quer que vá, encontrá-lo-ão e acabarão o trabalho que hoje não conseguiram realizar.

– Coisa pela qual estou muito agradecido, Al-Saud, mas não posso esconder-me onde quer que você pretenda. A minha vida e os meus negócios têm de continuar.

– Com o risco da vida da sua família, principalmente de Matilde? Aldo... Posso tratá-lo pelo seu nome? – Martínez Olazábal assentiu. – Aldo, você é um traficante de

armas e de heroína que brincou demasiado tempo com a sorte. Já é tempo de abandonar tudo, se quiser conservar a vida.

Alamán recusou-se a acompanhar o irmão. A saída intempestiva de Rutshuru, a noite desgraçada, não mencionando o facto de ter na consciência a morte de dois homens, mas, sobretudo, a separação de Joséphine, aniquilaram a sua simpatia e bom humor. Ficaria em casa da tia Fátima para que ela e as primas o mimassem, e tentaria telefonar para Anga La Mwezi para explicar a Joséphine porque não comparecera ao encontro para visitar a lagoa.

– Por favor – pediu Eliah –, diz a Joséphine que avise Matilde que tive de deixar o Congo urgentemente. Que tentarei comunicar com ela quando puder.

Aldo Martínez Olazábal entrou no helicóptero bastante enraivecido e disposto a resistir. Não poria o seu destino nas mãos do filho que Francesca dera a Al-Saud. «Que coincidência macabra!», lamentou-se.

Estava cansado da vida. Desde muito novo que cometia erros, um atrás do outro, especialmente quando, ao sair da cadeia, só e desprotegido, escolheu dedicar-se ao tráfico de produtos proibidos. A ambição, que se apoderara do seu carácter como uma febre, acabou por levá-lo por caminhos onde os lucros já não compensam os riscos. Meter-se com o regime de Bagdad tinha-lhe proporcionado enormes benefícios económicos, mas também as maiores inquietações. A sua vida transformara-se num calvário desde que descobrira que o professor Orville Wright tinha vendido a Hussein a invenção genial de Roy Blahetter. Calar-se como um cobarde, incapaz de reivindicar a memória daquele que considerava um filho, quebrara-o. Não podia negar: odiava o que fazia e já não se lembrava que inicialmente o tinha enchido de excitação. Abandonar tudo, desaparecer da face da Terra implicaria provocar a raiva de uma das pessoas mais perigosas do mundo: Saddam Hussein. De alguma maneira, e embora tivesse pena, tinha de regressar.

Ergueu os olhos e viu Eliah Al-Saud de perfil, com os auriculares e uns Ray Ban Clipper espelhados, junto do piloto do helicóptero, enquanto a máquina se elevava sobre a pista. Que destino o esperava? Para onde o levaria este homem? Parecia tão decidido, sólido e íntegro que não se espantava que as suas filhas tivessem perdido o juízo por ele.

Sentou-se no seu assento, deitou a cabeça para trás e fechou os olhos. Suspirou. Uma pontada trespassava-lhe a parte posterior dos olhos, as náuseas não diminuam; doíam-lhe os músculos das pernas. Pensou em Matilde, imaginou-a a rir-se e riu-se por sua vez. Inquietava-o a afirmação de Al-Saud, de que as suas atividades tinham posto em perigo a sua princesa. Tê-lo-ia afirmado para o assustar e convencer? Provavelmente. A desconfiança não o abandonava. O seu mundo era um ninho de serpentes – ninguém confiava em ninguém, e Al-Saud fazia parte dessa rede de mentiras, interesses e cobiça. Não confiava nele, um mercenário. Tinha a certeza de que o sequestro em casa de Gulemale era uma paródia bem orquestrada por Al-Saud e

o irmão. Para quem trabalhariam? Para já, não tinha escapatória.

O Bell 406 Combat Scout, fornecido pela Real Força Aérea Saudita e camuflado para o deserto, voou na direção leste para cobrir os mais de setecentos quilómetros que o separavam do oásis Liwa, a sul dos Emirados Árabes Unidos. Aldo acordou quatro horas mais tarde, quando o helicóptero se preparava para aterrar. Espreitou pelo vidro e viu um mar de palmeiras e uma lagoa; o resto era só deserto.

Al-Saud levantou-se do lugar do copiloto e sentou-se junto dele.

– Onde estamos? – perguntou Aldo em castelhano.

– No oásis Liwa, a sul dos Emirados Árabes Unidos. Aqui acampam os Al-Kassib, a tribo beduína mais antiga e respeitada da península. A minha avó, mãe do meu pai, era filha do xeque Harum Al-Kassib e irmã do atual xeque, Aarut Al-Kassib. Eles passarão a ser os seus guardiães, e o seu acampamento, o melhor esconderijo.

– Porque me receberiam? Não me conhecem.

– Fá-lo-ão porque eu lhes pedirei. Não saia do helicóptero ainda. Mandarei buscá-lo quando for oportuno.

Uma hora depois, o calor no interior do aparelho era intolerável. Calculou que a essa hora do dia – passava das três da tarde – a temperatura ascendia a cinquenta graus. A cabeça ia explodir-lhe e de nada valiam a água e a bebida com minerais que o piloto lhe dava a cada quinze minutos. Finalmente, um miúdo de pele escura e curta, com o cabelo endurecido pela areia e pelo vento, pediu-lhe que o acompanhasse, num árabe de sotaque cerrado que teve dificuldade em compreender. Depois de percorrer uma distância curta, atrás de uma duna não muito alta, avistaram um acampamento de tendas enormes e brancas que se estendia entre as palmeiras e em redor da lagoa. A imagem era inacreditável porque, a meio de tendas, camelos e cabras, se viam carrinhas de tração às quatro rodas, antenas de satélite e geradores elétricos. Cruzou-se com jovens cobertos pelas típicas xilabas e pelos toucados presos com cordões, além de espingardas a tiracolo e cartucheiras à cintura e até cimitarras muito ornamentadas; alguns passeavam-se com falcões pousados nos antebraços. Sorriam-lhe e cumprimentavam-no à maneira antiga: tocavam no coração, na boca e na testa antes de uma curta reverência. Aldo respondia da mesma forma.

O menino afastou a lona que fazia de porta e, com um gesto, indicou a Martínez Olazábal que entrasse na tenda. Para sua surpresa, Aldo viu que tinha ar condicionado. Meio descomposto por causa do calor, da sede e do cansaço, atirou-se sobre uns almofadões, conseguiu dizer shukran ao menino e adormeceu.

– Aldo, acorde – sussurrou Eliah, sacudindo-lhe o ombro.

– Que horas são?

– Nove da noite. Dormiu mais de cinco horas.

Martínez Olazábal endireitou-se e, com uma expressão de mal-estar, cobriu a

testa.

– Não me doía assim desde a época das minhas piores ressacas.

– Pedirei que lhe tragam analgésicos. – Al-Saud dirigiu-se com consideração a uma mulher que, completamente coberta, colocava pratos numa mesa. A mulher assentiu e saiu da tenda.

– Amanhã vou embora logo de manhã – informou Al-Saud. – Antes temos de falar. Venha, aproxime-se da mesa. Comamos alguma coisa. O meu tio, o xeque Aarut, concedeu a sua autorização para que permaneça entre o seu povo. Ajudou muito o facto de praticar o Islão. Porque o pratica, não é verdade?

– Sim. Converti-me ao Islão estando preso. Suponho que Matilde lhe contou que estive na cadeia, ou não? – Eliah assentiu. – Aí conheci o meu sócio, Al-Abiyia, e ele ajudou-me a passar os primeiros meses de abstinência do álcool. Depois, o Corão e o Profeta seduziram-me, e não beber tornou-se uma tarefa mais fácil, devido ao preceito religioso que proíbe a ingestão de bebidas alcoólicas. Há anos que não provo uma gota.

– Bom. Pelo que vejo, conhece a cultura árabe e saberá mover-se entre eles.

– Estes são beduínos. Não sei nada acerca deles.

– Respeite-os, seja prudente, não olhe para as suas mulheres e não terá problemas.

A mulher regressou e entregou a Eliah uma embalagem de aspirina, que arrancou um sorriso cansado a Martínez Olazábal. Pelos vistos, pensou, estes beduínos não se privam de nada. Tomou dois comprimidos com uma bebida doce que o reconfortou. Sentiu fome, e devorou o hummus, o pão pita, os vegetais assados e o cuscuz. Al-Saud acompanhou-o em silêncio, ainda que comendo com a mesma avidez. Voltou a falar enquanto a mulher servia um café negro e espesso.

– A vida de Matilde corre perigo.

– Já mo disse antes.

– Sofreu dois ataques em Paris.

– Dois? Soube de um, à porta do instituto onde estudava francês.

– Houve um segundo, relacionado com o primeiro. Deu-se a 27 de fevereiro. A minha mãe tinha levado Matilde a...

– A sua mãe?

– Sim, a minha mãe, Francesca De Gecco. Sei que a conhece. A minha avó Antonina foi cozinheira da sua família durante anos.

– Sim, sim – confirmou Aldo, subitamente nervoso –, claro que as conheço e me lembro delas. Continue, continue. Fale-me do ataque.

Al-Saud referiu-lhe os factos vividos na capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa e falou-lhe acerca de Udo Jürkens, cujo verdadeiro nome era Ulrich Wendorff, antigo militante do grupo Baader-Meinhof. Martínez Olazábal achou o apelido Jürkens familiar.

– Jürkens continua atrás de Matilde. Ele sabe que ela trabalha no Congo.

– Meu Deus...

– Preciso que me ajude a encontrar aquele filho da puta, Aldo. Temos de detê-lo.

– Fá-lo-ia, mas não sei como. Qual a minha relação com esse tal Jürkens?

– Fale-me de Blahetter. Em que negócios andava metido? Porque o envenenaram? Sabe que se suspeita de que foi Jürkens? – A expressão de Aldo bastou para refletir o seu sobressalto. – Atemorizador, não é verdade? E Matilde está no olho do furacão. Ajude-me.

Aldo inspirou profundamente e soltou o ar com força para distender a opressão no peito.

– Não sei nada acerca dos assuntos de Roy – mentiu. – Era uma pessoa muito reservada, até à obsessão.

– Aldo, conhece um tal Fauzi Dahlan?

– Talvez – respondeu, evasivo. – Porque pergunta?

– Porque Dahlan e Jürkens estão relacionados. Os rapazes iraquianos que atacaram Matilde à porta do lycée foram contratados por Jürkens, mas foi Dahlan quem os pôs em contacto.

– Esta teia de aranha está a enlouquecer-me.

– O que sabe sobre Dahlan?

– É o braço-direito de Kusay Hussein, o chefe da polícia secreta de Saddam. Não sei nada acerca desse tipo. Vi-o nalgumas reuniões em que participei, em Bagdad. Há pouco estive com ele num jantar dado pelo rais... quero dizer, por Saddam, no seu palácio de Sarseng.

– Isso fica a norte – disse Al-Saud, que tinha bombardeado a zona durante a Guerra do Golfo. Lembrou-se dos mísseis antiaéreos Crotale que os soldados da Guarda Republicana lhe lançavam do telhado do palácio.

– Por isso pensou que os meus negócios punham Matilde em risco? Porque Dahlan e Jürkens estão relacionados?

– Sim.

– Não creio. E você? Porque você não é precisamente o dalai-lama. Como mercenário, deve ter granjeado vários inimigos ao longo da sua carreira.

– Não o nego – admitiu, e lembrou-se de Nigel Taylor, tão perto de Matilde, tão decidido a arrebatá-la. – Mas quem está metido até ao pescoço com o regime de Bagdad é você, não eu. E todas as ameaças parecem provir daí.

– Como quer que seja, não faço ideia de quem é Jürkens. Se me permitisse sair desta prisão natural, regressaria ao Iraque e averiguaria.

– Não sairá daqui até termos neutralizado a ameaça da Mossad. Você ainda não acredita em mim quando lhe digo que hoje estive à beira de acabar numa cela de interrogatórios em Telavive, não é verdade? – O silêncio de Aldo foi a resposta. – Tentei avisá-lo há algum tempo, quando falámos ao telefone, mas desligou. – Contemplaram-se fixamente e os seus olhos refletiram a desconfiança que inspiravam um ao outro. – Não me interessa se acredita ou não – acabou por dizer Al-Saud. – Ficará aqui porque a única coisa que me interessa é mantê-lo com vida para Matilde. Ela já sofreu demasiadas perdas para perdê-lo a si tão nova. Deixe-me falar-lhe um pouco mais desta prisão natural. O oásis Liwa fica na fronteira do deserto mais inóspito da Terra, o Rub-al-Khali. Alguns chamam-lhe «o espaço vazio», porque não há nada. O Rub-al-Khali é incompatível com a vida. Não tente fugir porque acabará por se perder num mar de dunas de cem metros de altura e terá uma morte pavorosa. Agora, dê-me o seu telemóvel.

– O meu telemóvel e a minha carteira ficaram em casa de Gulemale. Além disso, se o tivesse, porque lho daria? Duvido que neste sítio haja sinal.

– Não se trata só de impedi-lo de telefonar. Podiam ter colocado no telemóvel um transmissor, para o seguirem.

– Duvido – negou Aldo.

– Quando me diziam que você era o homem mais insensato do mundo, não exageravam. – Al-Saud pôs-se de pé com um movimento brusco. Parou antes de atravessar o umbral porque Aldo o chamou, utilizando pela primeira vez o seu nome próprio.

– Eliah, Matilde não sabe nada acerca da minha verdadeira vida e ocupação, nem sequer que me converti ao Islão. Gostaria de ser eu a contar-lhe.

– Não direi uma palavra. Prometo-lhe.

– Obrigado.

– Boa noite.

Os dois iraquianos que vigiavam Mohamed Abu Yihad seguiram-no até uma propriedade nos subúrbios de Rutshuru, no domingo, 24 de maio, à tarde, e não voltaram a vê-lo. De madrugada, uma carrinha transpôs o portão de ferro preto a grande velocidade, e, ao longo do dia, desde muito cedo, houve tráfego intenso. De acordo com o transmissor colocado no telemóvel de Abu Yihad, ele permanecia na propriedade. No entanto, não conseguiam vê-lo com os potentes binóculos que, na sua

máxima potência, permitia ver pequenos pormenores. Eram especialistas em seguir e descobrir o rasto de alguém, sabiam como controlar os passos de uma pessoa sem que esta desconfiasse. O instinto e a experiência diziam-lhes que uma situação invulgar estava a alterar a rotina daquela casa e que as idas e vindas de automóveis e de pessoas não era normal. Faziam turnos para manter a vigilância, montando guarda no muro que circundava o terreno, coisa que o arame farpado, as muitas câmaras e os cães à solta não facilitavam.

O software ligado ao transmissor denunciava outra situação irregular: o telemóvel de Abu Yihad não saíra do mesmo sítio durante horas. De qualquer forma, para que precisaria dele se não havia sinal naquela região do Congo? Devia tê-lo guardado na mala.

Perto das cinco da tarde, o telemóvel pôs-se em movimento. No ecrã do computador via-se que o aparelho se aproximava das coordenadas que correspondiam à saída da propriedade. Um Renault 19, felizmente sem vidros fumados, atravessou o portão. Aí ia o telemóvel de Abu Yihad, mas do homem não havia rasto. Tê-lo-iam escondido na mala do carro ou no chão do banco traseiro? Correram até ao veículo que tinham escondido na selva, tiraram a lona que o mantinha camuflado e puseram-se em marcha. Avistaram o Renault 19 meia hora depois. Dirigia-se para sul, pela estrada que ligava Rutshuru a Goma. O automóvel entrou no aeroporto da capital de Kivu Norte e parou. Um dos iraquianos tirou fotografias dos homens que saíram e se afastaram em direção à pista. Era a altura de revistar o veículo. No interior não se via nada de estranho. Com uma gazua, abriram a mala do carro, correndo o risco de acionar o alarme. Estava vazio. Consultando o sistema de seguimento, confirmaram que o sinal do transmissor colocado no telemóvel de Abu Yihad tinha morrido.

Voltaram ao automóvel, abriram uma mala, tiraram um telefone por satélite, puxaram pela antena e telefonaram para Bagdad, para o seu chefe, Fauzi Dahlan.

– Mohamed desapareceu.

– Inúteis! – alterou-se Dahlan que, depois de uma pausa, lhes ordenou: – Regressem imediatamente.

Capítulo 15

Matilde começou a semana com novo brio. Porém, à medida que esta decorria e Al-Saud não aparecia no hospital nem na casa da Mãos Que Curam, a sua boa disposição eclipsava-se. Nada a satisfazia, nem ter dado alta a Siki e a mãe a ter levado ao colo até ao Range Rover de Amélie, nem Bénédicte ter superado o quadro de septicemia provocado pela infibulação, nem Kutzai estar com tão boa cara enquanto as enfermeiras a preparavam para a última cirurgia, durante a qual lhe fecharia a fístula retovaginal. No fim, lamentou-se, aquilo que tinha dito a Eliah num assomo de sinceridade, que ele era, para ela, a própria vida, provava ser verdade. E ela receava essa verdade.

«Onde estás, Eliah?», interrogou-se, angustiada, preocupada e furiosa, enquanto tomava o pulso de um doente com meningite. Olhou para o relógio e, como sempre, lembrou-se dele, da noite em que lho dera no Aston Martin. Que feliz tinha sido! Olhou novamente para o relógio. Meio-dia. Tirou as luvas de látex e atirou-as para o cesto dos resíduos patogénicos antes de regressar ao edifício principal – tinha de se desinfetar e vestir-se para a cirurgia de Kutzai.

Nigel Taylor viu-a sair da tenda onde isolavam os casos de meningite. Viu-a preocupada e abstraída. Há mais de uma semana que não se encontravam, desde a festa em casa de Gulemale. Esperara que as marcas da luta com Al-Saud, que compunham uma paleta de cores violáceas, azuis e amarelas nas suas faces, pálpebras e maxilares, se desvanecessem, pelo menos um pouco.

– Matilde!

Ela sorriu, com ar cansado, e aproximaram-se um do outro.

– Olá, Nigel.

– Olá – disse, inclinando-se para a beijar na face. Foi um beijo lento que a incomodou.

– Há muito que não te via – comentou Matilde, afastando-se.

– Tive muito trabalho.

– A guerra é um assunto laborioso, não é verdade? – perguntou com uma mordacidade relacionada com o seu mau humor e não com os seus princípios.

– Como? – replicou Taylor. – Al-Saud nunca to disse? Ele, de guerras, sabe tanto ou mais do que eu.

Sustiveram o olhar até Matilde ter baixado os olhos.

– Sinto muito. Luto para manter os meus pacientes com vida, enquanto outros planeiam guerras sem se importar com as pessoas que morrem. Isso traz à tona o pior de mim.

– O mundo é assim, Matilde. Alguns são feitos de luz, como tu, outros, de

escuridão, como eu. Mas a luz não brilharia se a escuridão não existisse.

– Tu não és feito de escuridão. Ajudaste Tanguy com a sua perna ortopédica e vais pagar a operação de Kabú.

Taylor teria gostado de responder: «Fi-lo por ti.»

– Vim ver-te justamente por isso, pela perna de Tanguy. Queres que a levemos amanhã, sábado, a Masisi?

– Adoraria, mas não posso. Passarei o fim de semana na Missão São Carlos. Se quiseres, podemos ir na terça-feira. Iremos a Masisi para continuar o programa de vacinação contra a meningite.

– Gostarias de ir comigo, no meu jipe? Tem ar condicionado – tentou-a, com uma careta que fez Matilde rir – e levarei Coca-Colas geladas e sanduíches.

– Quem pode recusar uma oferta tão tentadora? – namoriscou-o e, ao fazê-lo, pensava em Al-Saud, no facto de não ter voltado a procurá-la, por estar em casa de Gulemale, gozando com ela, e fortaleceu-a violar a ordem que ele lhe dera, para não tornar a aproximar-se de Taylor. – Passa por minha casa na terça-feira às sete da manhã. Tens onde anotar a direção?

Taylor tirou uma lapiseira Waterman de ouro e anotou num pedaço de papel a direção da casa da Mãos Que Curam.

– Agora tenho de me ir embora – disse, subitamente nervosa pelo que acabara de fazer. – Tenho uma cirurgia à minha espera.

– Até terça – despediu-se ele, voltando a beijá-la na cara com uma lentidão deliberada.

Fechar uma fístula retovaginal era ainda mais complicado do que fechar a que ligava a bexiga à vagina. Matilde sentia a ausência do Dr. Gustafsson, embora se tenha animado à medida que os minutos passavam e as suas mãos adquiriam segurança e certeza. Sabia o que tinha de fazer e fá-lo-ia bem, animou-se. Saber que Auguste Vanderhoeven estava ao seu lado reconfortava-a.

A operação foi um sucesso e a fístula ficou fechada. Kutzai chorava e agradecia, e Matilde não sabia se estava a prestar atenção ao que lhe explicava. Vanderhoeven e as enfermeiras felicitaram-na, o Dr. Loseke apareceu para lhe demonstrar a sua alegria e admiração, tal como outros colegas. Matilde alegrava-se sobretudo por Kutzai voltar ao campo de refugiados Kibati-1 como uma mulher normal e por enfrentar a infelicidade de viver num sítio tão desolador com uma nova energia. Ainda tinha pela frente vários dias de recuperação e de fisioterapia. No entanto, o pior tinha ficado para trás.

Contudo, o seu estado de espírito decaiu novamente. Era sexta-feira, três da tarde, e continuava sem notícias de Al-Saud. Foi à cafetaria almoçar, mesmo que não tivesse fome. Assim que entrou, viu Juana e Joséphine a conversarem numa mesa.

Alegrou-se ao ver a sua amiga, de quem também não tivera notícias durante a semana. Cumprimentaram-se com um abraço.

– Como correu a operação? – quis saber Juana.

– Um sucesso.

– Bravo, amiga! És um génio! Vou trazer-te alguma coisa para comer. Deves estar esfomeada.

Sentou-se diante de Joséphine e imediatamente se deu conta das olheiras no seu rosto extenuado.

– Sim, já sei, estou com cara de morta. É que o meu pai esteve muito mal desde a noite de domingo.

Matilde estendeu o braço e apertou a mão da amiga.

– Sinto muito, Joséphine!

– É a diabetes.

– Como está agora?

– Melhor. Embora receie que tenha uma recaída. Os seus ataques são sempre causados por maus bocados, por desgostos.

– O que aconteceu? O que causou o ataque desta vez? Desculpa-me! – apressou-se a dizer. – Não quero ser intrometida. Simplesmente preocupo-me contigo.

– Eu sei, Matilde. Foi por causa de Alamán.

– Aconteceu alguma coisa a Alamán? – agitou-se Matilde.

– Não, não, acalma-te. Não aconteceu nada. O meu pai não aprova a minha relação com ele.

– Porquê? – admirou-se Matilde. – Alamán é tão boa pessoa.

– Eu sei, mas o meu pai não é da mesma opinião e pode ser muito teimoso quando quer. Antes que me esqueça, tenho uma mensagem para ti. Alamán telefonou-me segunda-feira à tarde avisando-me que ele e Eliah tiveram de sair do Congo com urgência no domingo à noite. Eliah queria que te avisasse para que não ficasses preocupada. – Matilde sentiu a felicidade como um calor que lhe deu cor às faces. – Desculpa não te ter dito antes, mas estive junto da cama do meu pai como uma escrava. Não permitia que saísse do seu lado.

– Não te preocupes – disse, embora lamentasse não ter sabido antes para poupar tantas horas amargas. – E porque tiveram de viajar tão repentinamente?

– Alamán não me disse e eu não me atrevi a perguntar-lhe. Parecia uma coisa grave porque o senti sério e irritado.

– Voltarão? – perguntou, com o coração por um fio.

– Alamán garantiu-me que sim, assim que resolverem o inconveniente. Não disse quando.

Na quarta-feira, 27 de maio, assim que voltou do deserto, Al-Saud entrou nos escritórios da Mercure no Hotel George V, cumprimentou as suas secretárias e pediu-lhes que o acompanhassem ao seu gabinete. A lista de assuntos pendentes e de telefonemas era longa. Finalmente, Al-Saud perguntou-lhes por Céline.

– Tem ido ao consultório do doutor Brieger?

– Foi por duas vezes – informou Victoire.

– Depois foi impossível localizá-la – acrescentou Thérèse. – Sinto muito, senhor.

Al-Saud respirou fundo, com aborrecimento, e baixou os olhos.

– Liguem-me a Brieger. Victoire, encarregue-se de comprar um frasco de perfume Anaïs-Anaïs, o maior.

– Sim, senhor.

– Além disso, quero que me compre brinquedos para cerca de cinquenta e cinco crianças, de um aos treze anos.

– Sim, senhor – respondeu a secretária, tomando nota do pedido.

O psiquiatra não lhe descreveu um panorama animador. A menina Martínez Olazábal sofria de um transtorno psicológico grave devido ao consumo de álcool e de cocaína durante dez anos. O seu caso exigia internamento imediato num centro de reabilitação. Al-Saud desligou e ligou para o telemóvel de Céline.

– Allô, Eliah, mon amour!

Al-Saud sentiu-a exaltada.

– Olá, Céline.

– Estás em Paris?

– Não – mentiu.

– Ah, que pena! Tinha tanta vontade de fazer amor contigo.

– Céline, acabo de falar com o doutor Brieger...

– Ah, esse chato.

– Céline, prometeste-me que ias vê-lo.

– Fui vê-lo, Eliah. Fui duas vezes.

– Tens de continuar a ir. Tens de te entregar nas mãos dele para te curares. Tens de fazer tudo o que ele te disser.

– E se não o fizer?

- Acabarás num manicómio, louca por causa do consumo de álcool e de droga.
- Eliah, não exageres!
- Dizes que exagero? Vais negar que estás drogada neste momento? E são onze da manhã, Céline!
- Não tenho por que dar-te explicações, Eliah! Faço com a minha vida o que quiser.
- Muito bem. Faz com a tua vida o que desejares, mas não interfiras na minha. Não voltes a aparecer no George V.

Al-Saud desligou a chamada e suspirou. Encostou o telemóvel aos lábios e ficou pensativo. Não conseguia neutralizar nenhuma das ameaças que pairavam sobre Matilde. Pelo menos, animou-se, Martínez Olazábal estava a salvo. É verdade que não lhe tinha conseguido arrancar informação valiosa que lhe permitisse encontrar Jürkens. Na realidade, Martínez Olazábal conhecia os assuntos que tinham levado à morte de Roy Blahetter, só que não confiava nele para os contar. Dentro de algum tempo, quando a missão em Kivu Norte estivesse em marcha, voltaria ao oásis Liwa para o interrogar.

Tocou o telemóvel. Era Zoya, a prostituta ucraniana que trabalhava para a Mercure e para L'Agence.

- Allô, Zoya.
 - Como estás, querido?
 - Diz-me de que necessitas.
 - Natasha acabou de me telefonar. – Verificou-se um silêncio na linha. – Pediu-me mais dinheiro. – O silêncio prolongou-se. – Diz que não está a trabalhar, que não pode.
 - Se quiser o meu dinheiro, terá de falar comigo e de me explicar onde está e o que está a acontecer.
 - Não quer falar contigo. Se soubesse que estou a contar-te isto, matar-me-ia.
 - Porquê? – espantou-se Al-Saud. – O que tem contra mim? Enquanto estivemos juntos tratei-a bem, não tem nada a censurar-me.
 - Eu sei, Eliah, eu sei. Natasha foi muito feliz contigo. De qualquer forma, não quer dizer-me nada, nem sequer onde está.
 - Pois bem, não continuarei a jogar às escondidas, Zoya. Se precisa de dinheiro, dá-lo-ei, mas terá de me telefonar e de me explicar porque desapareceu.
- Al-Saud passou o resto do dia reunido com os seus sócios e em videoconferências com a base da Mercure na ilha de Fergusson. O coronel MacAllen garantiu que o Jumbo estava pronto para descolar assim que lhe ordenassem.
- Carregaram os helicópteros? – quis saber Mike Thorton.

– Zlatan Tarkovich está a acabar de desmontar as hélices do Black Hawk. O Mil Mi-25 e o Apache já estão carregados.

Graças ao conhecimento que Al-Saud obtivera no terreno, introduziram alterações no plano de ataque. Reviram a lista que pormenorizava o armamento, as munições e tantos outros elementos que tornavam aquele tipo de missão uma operação complexa: tinham de levar desde veículos e computadores até água mineral, comida enlatada, sabonetes e pasta de dentes. Por fim, decidiu-se que, no dia seguinte, o grupo que se treinava há semanas na Papuásia-Nova Guiné viajaria para Kinshasa, onde se reuniria com Al-Saud, Thorton e Hill para serem transportados até à província de Kivu Norte e se apoderarem da mina.

– Coronel – disse Al-Saud –, que Guerin – referia-se ao paramédico da equipa – se encarregue de levar diversos tipos de soros antiofídicos, sobretudo para inocular no caso de mordeduras de mamba-negra.

À noite, Al-Saud convidou os sócios e o seu irmão Alamán para jantar na casa da avenida Elisée Reclus. Passaram duas horas na base definindo, com Stephanie, a chefe do Departamento de Sistemas, o suporte de que necessitariam a partir de Paris. Na sala de projeção, voltaram a ver as filmagens feitas por Byrne no dia em que visitaram a mina e reexaminaram o mapa. Reviram o plano de ataque e elaboraram diversas hipóteses. Disseram a Alamán que aguardaria em Rutshuru, na pensão onde estavam Byrne e Ferro, até se apoderarem da mina. Uma vez tomada, começaria a trabalhar nos sistemas de segurança e de contramedidas eletrónicas no terreno.

– Pelos vistos – comentou Peter Ramsay –, não obtiveste nada de bom durante a tua visita a Gulemale.

– Nem sequer tive oportunidade de lhe falar da mina nem de lhe oferecer um acordo – admitiu Al-Saud. – Tivemos uma pequena alteração que deitou tudo a perder.

– Mulheres – troçou Mike Thorton.

– Sem dúvida – disse Ramsay –, a vigilância da mina deve ter triplicado depois do incidente que tiveram com Byrne.

– Embora não consigam saber quem os atacou, é provável que desconfiem de nós – deduziu Tony.

– Taylor sabe que fui eu – afirmou Al-Saud. – Se encontraram os invólucros das nossas armas, acabará por confirmá-lo. Nenhum dos grupos locais tem pistolas como as nossas. Lidam apenas com AK-47.

Depois do jantar, subiram até à sala de música, como de costume. Ramsay estava nervoso. Al-Saud apanhara-o a beijar Leila na cozinha. Não tinha aberto a boca, limitara-se a olhar para ele nos olhos antes de regressar à sala de jantar sem levar nada do que fora buscar.

Na sala de música, Al-Saud instalou-se no seu cadeirão Barcelona olhando para a rapariga, que servia o chá de acordo com os ensinamentos de Takumi sensei. Peter sentou-se junto dele, no tapete. Eliah observou-o de soslaio. Nessa posição, sentado no chão com as pernas cruzadas como os índios, o cabelo penteado para trás com gel – era a primeira vez que o via penteado daquela maneira –, camisola preta e jeans brancos, Ramsay parecia mais novo. Na verdade, parecia resplandecente.

– Obrigado por aquilo de Meyers e Sartori – disse Al-Saud sem olhar para ele. – Falei hoje com Ferro que me confirmou que tinham acabado de chegar a Rutshuru.

– O que aconteceu? A que se deveu a pressa em aumentar a vigilância em torno de Matilde? – Al-Saud descreveu-lhe os factos. – Achas que Gulemale tentará alguma coisa contra ela para se vingar de ti?

– Gulemale ou a Mossad.

Caiu um silêncio sobre eles. A música – um trecho de jazz que não agradava a ninguém, exceto a Tony Hill – abafava o som das conversas.

– Quero falar-te de Leila – disse Peter, com os olhos fixos na rapariga.

– Fala – pediu Al-Saud, que também olhava para ela com intensidade.

– Sei o que pensas, que sou um velho para ela.

– Se lhe agradas assim, velho como és, o que posso dizer?

– Nesse caso, porque me parece que não aprovas a nossa relação?

– Peter, sabes que gosto de Leila como de uma irmã. Queria que, depois do martírio que viveu, fosse feliz.

– É o que eu mais desejo.

– Não acho que ser a amante de um homem casado a longo prazo a torne muito feliz.

– Eliah, a semana passada meti a documentação para o divórcio. – Pela primeira vez durante o diálogo, Al-Saud voltou a cabeça para olhar na direção do seu sócio. – Sim, é verdade. Mostro-te os papéis que assinei para que o meu advogado dê início ao processo quanto antes.

– E a tua mulher?

– Ela não foi apanhada de surpresa pela minha decisão. O nosso casamento estava a morrer há anos. Dar-lhe-ei uma boa pensão. Ficará bem.

– Leila sabe? Digo, que te vais divorciar.

– Foi, evidentemente, a primeira a saber. Só assim me permitiu que lhe desse o primeiro beijo – confessou, com um ar envergonhado que lhe acentuou o aspeto juvenil.

- Parece que a influência de Leila te faz bem. Tirou-te, pelo menos, dez anos.
- Estou feliz como um adolescente – admitiu. – Às vezes sinto-me ridículo. Penteei-me assim, como tu, porque Leila gosta.
- Que rapariga sensata – disse Al-Saud, com ar trocista.
- Quero fazê-la feliz, Eliah.
- É bom que o faças.

Leila acabou de distribuir as chávenas e os pedaços de pudim de laranja e pôs-se atrás da cadeira de Al-Saud. Apoiou o queixo no cocuruto dele e passou-lhe os braços pelos ombros. Eliah pegou-lhe nas mãos e beijou-as.

Ramsay pôs-se de pé com uma agilidade que demonstrava o seu bom estado físico, apesar de já ter passado os cinquenta, e disse que se ia embora. No dia seguinte, disse, teria de madrugar para iniciar a sua viagem para Kinshasa. Leila afastou-se de Al-Saud e, sem dizer uma palavra, seguiu-o até ao rés do chão. Ramsay abraçou-a assim que entraram na cozinha, e Leila afastou-se para o olhar nos olhos porque gostava de ver como as suas íris azuis cintilavam em duas cores diferentes. Ramsay admirou-a, não só pela sua beleza delicada, pela sua pele suave e branca, mas pela pureza que os sérvios não tinham conseguido arrebatá-la durante o cativeiro no campo de concentração de Rogatica.

– Amo-te tanto – disse, com um fervor que julgava ter perdido nos seus anos de juventude.

Ela sorriu e isso bastou a Ramsay. Leila continuava a ser silenciosa, dizia poucas palavras: às vezes nem sequer formava uma frase. Até essa característica da jovem, o seu silêncio, lhe agradava. Não precisava que lhe dissesse que o amava se o contemplava com tanta doçura.

– Eliah aprova a nossa relação. Já lhe disse que dei início ao processo de divórcio. Casamo-nos assim que tiver a sentença na mão.

O sorriso de Leila rasgou-lhe os olhos e revelou os seus dentes brancos. Ramsay amava os dentes de Leila. Enredou os dedos no cabelo louro da rapariga, que ela não voltara a cortar e que quase lhe roçava os ombros, e beijou-a. Também não tinha perdido a destreza para beijar uma mulher e fazê-la suspirar, pensou.

Na sexta-feira, 29 de maio, perto do meio-dia, quando o sol e a humidade transformavam o Congo numa caldeira, a equipa de elite da Mercure trabalhava sem descanso numa base aérea abandonada a norte de Kinshasa. Al-Saud, com o seu uniforme militar para se camuflar na selva, botas e os olhos protegidos por óculos espelhados, aproximou-se de Zlatan Tarkovich, que tentava colocar as hélices do AH-64, mais conhecido como Apache, a última aquisição da Mercure ao governo da Arábia Saudita, um dos melhores helicópteros de combate, com uma tecnologia capaz de evitar os mísseis terra-ar e com blindagem para aguentar impactos de grande calibre.

Tarkovich era ajudado por quatro homens, entre eles Sándor Huseinovic, libertado das tarefas de vigilância do embaixador saudita em França e integrado na equipa à última hora, apesar de não ter recebido o treino dos outros. Tendo em vista as circunstâncias, deveriam incorporar mais cinco ou seis soldados, mas não dispunham de pessoal nem de tempo para os selecionarem.

– Como está tudo a correr? – inquiriu Al-Saud.

– Dentro de uma hora terminaremos o Apache, senhor – garantiu o croata Tarkovich. – O Mil Mi-25 e o Black Hawk estão prontos – acrescentou, apontando para eles com uma pinça.

Como tinham compreendido que o ataque aéreo definiria a contenda, Al-Saud falara com o ministro da Defesa congolês, Joseph Kabila, que se comprometeu a emprestar-lhes um helicóptero de ataque da diminuta Força Aérea da República Democrática do Congo, um Mil Mi-24 que se salvara por milagre do saque de Mobutu Sese Seko. Chegaria de um momento para o outro. Com quatro helicópteros artilhados, arrasariam com os rebeldes de Nkunda e com os mercenários da Spider International.

– Assim que o Mil Mi-24 chegar, quero que lhe faças uma revisão, Zlatan. Não confio nos mecânicos do Congo.

– Sim, senhor.

La Diana, com calças militares, uma camisola branca colada ao tronco suado e um chapéu de aba do mesmo padrão das calças, aproximou-se de Eliah e entregou-lhe o telefone por satélite. Era Alamán, a avisar que tinha chegado a Rutshuru sem novidades.

– Já viste Matilde? – perguntou-lhe Al-Saud, ansioso.

– Eliah, acabei de chegar! – impacientou-se o irmão.

– Vai vê-la quanto antes, por favor. Saí do Congo sem lhe dizer uma palavra.

– Joséphine deve ter-lhe transmitido a tua mensagem.

– Vai vê-la rapidamente na mesma.

– Não sei se poderei fazê-lo hoje porque quero preparar o equipamento e o software para domingo. Irei amanhã de manhã, quando ela acabar o turno de sexta-feira nas urgências.

– Como és chato! – queixou-se Eliah, desligando.

– Tony diz que quer falar contigo – informou-o La Diana, recebendo o telefone que Al-Saud lhe entregou.

Numa tenda que tinham improvisado para se protegerem do sol, Tony, Mike e Peter trocavam opiniões, enquanto bebiam um líquido enriquecido com minerais. No dia anterior, Derek Byrne fornecera-lhes informações importantes: um congolês, da mesma aldeia de Yuvé, o homem mordido pela mamba, garantia que Laurent Nkunda,

depois do ataque sofrido pelos seus soldados na mina «do riacho velho», tinha começado a explorá-la.

– Há já uma semana – recordou Al-Saud. – A exploração não pode estar muito avançada. Nem sequer terão tido tempo para se instalarem.

– De acordo com o informador – disse Mike –, neste setor agrupam-se as tendas onde dormem os mineiros.

– Devemos evitar esse setor – interveio Tony. – Não queremos baixas de civis. Até podem servir a Zeevi para explorar a mina, ou a nós, para a vigiar.

– A não ser que sejam crianças e adolescentes – manifestou-se Al-Saud. – Nesse caso serão devolvidos às suas aldeias.

– Atacar de noite – sugeriu Mike – beneficia-nos nesse sentido porque os mineiros não estarão espalhados, mas concentrados neste setor, a dormir.

Às duas da tarde, com os preparativos terminados e com o Mil Mi-24 a postos, os soldados e os comandantes tomaram duche numas tendas muito estreitas. Comeram uma refeição ligeira e foram descansar. Dois empregados encarregados das questões domésticas acordaram-nos por volta das nove da noite para lhes servir esparguete à bolonhesa. De sobremesa, distribuíram tabletes de chocolate com amêndoas. Tratou-se de uma refeição rica em hidratos de carbono, que era o que o corpo lhes exigiria nas próximas horas de atividade física intensa.

Às onze, os soldados cobriram os rostos com pinturas para camuflagem que não impedia a transpiração nem escorria com esta, e que «arrefecia» a pele para evitar a deteção pelas câmaras de infravermelhos; características semelhantes tinham também os uniformes, confeccionados com um tecido muito caro de origem holandesa, que diminuía a «marca de calor» que o corpo humano irradiava. Verificaram as armas, colocaram os capacetes e testaram os sistemas de comunicação e os óculos de visão noturna. Cada soldado levava milhares de dólares em roupa, coletes antibalas, armas e equipamento.

Às onze e meia, os quatro helicópteros artilhados elevavam-se sobre a pista com rumo leste. Demorariam pouco mais de quatro horas a chegar ao destino. O ataque estava previsto para sábado, 30 de maio, às quatrocentas horas.

La Diana ia sentada no Mil Mi-25, ladeada por Martin Guerin e por Dingo. Apesar do estrondo dos motores, a rapariga inclinava-se sobre o australiano e forçava a garganta para lhe falar. O homem sorria e assentia. Sergei Markov, sentado diante dela, observava-a aberta e fixamente, aproveitando a escuridão. La Diana abria a boca muito poucas vezes e só o fazia voluntariamente com Al-Saud e com Dingo. Era evidente que ao primeiro a unia um vínculo forjado de respeito, carinho e, sobretudo, agradecimento, com o segundo, no entanto, a coisa era diferente. Na opinião de Markov, La Diana estava apaixonada pelo mercenário australiano.

Continuou a observá-la. Sabia que, sob aquele capacete, aqueles óculos e aquele

uniforme militar, se escondia um corpo de mulher que o fazia vibrar. Durante as semanas em que se encarregaram da proteção da mulher de Al-Saud, tinha apelado à sua força de vontade para manter a concentração na tarefa. As pernas de La Diana, longas e magras, metidas nos jeans, tal como o seu pequeno traseiro, atraíam-no irremediavelmente. Gostava do pescoço esbelto e branco de La Diana, que ela deixava a descoberto ao prender o cabelo num rabo de cavalo, comprido e negro como a noite. Quando falava com ela, nas poucas ocasiões em que o fazia, e os seus olhos azul-celeste se fixavam fugazmente nos dele, Markov sentia uma alteração no ritmo das suas pulsações, coisa que só lhe acontecia no início de uma missão. Nesse momento, em que a observava fixamente, não sabia se o coração lhe galopava porque faltava meia hora para atingirem o objetivo, por ciúmes ou pelo atordoamento que lhe provocava a visão de La Diana. Não sabia como abordá-la. Não estava habituado à sensação de impotência em que a rapariga bósnia o mergulhava. Tivera a sua primeira namorada aos dez anos; aos doze, deu o primeiro beijo na boca, com língua e tudo; aos catorze, viveu a sua primeira relação sexual, com uma de dezanove, que o julgava com mais de vinte, dada a sua compleição e ar sombrio. La Diana era a primeira mulher que olhava para ele com indiferença e, desde o murro na ilha de Fergusson, com desprezo. Oxalá não a tivesse aborrecido com o tamanho dos seus seios. Enlouquecera-o com a visão dos seus «melões» (chamara-lhes assim), com demasiada vodca no estômago e bastante ciumento. Há muito tempo que a nódoa negra tinha desaparecido do seu olho, mas a hostilidade de Diana continuava imperturbável.

Tony Hill falou através do sistema de comunicações do Mil Mi-24. Peter Ramsay e Mike Thorton, cada um encarregado de um comando, vijavam com ele.

– Cavalo de Fogo, aproximamo-nos do ponto de descida.

Al-Saud, que ocupava o lugar de copiloto e artilheiro no Apache, baixou os olhos na direção do aparelho de GPS para corroborar o que Hill afirmava. Deslocavam-se sobre o paralelo correspondente a um grau, sul, e avançavam para leste em busca do meridiano dos vinte e nove graus.

– Coordenadas um, onze, trinta e três, sul – leu Eliah. – Vinte e oito, cinquenta e sete, cinco, leste.

Dentro de momentos, o rugido dos quatro helicópteros anunciaria aos rebeldes a presença do inimigo e estes abririam fogo, ainda que demorassem alguns minutos a organizar-se, porque surpreenderiam a maior parte deles a dormir, lapso de tempo que o grupo da Mercure aproveitaria para descarregar a fúria da artilharia de que dispunham o Black Hawk, os Mil Mi-24 e 25 e, sobretudo, o Apache.

Uma vez controlada a zona a partir do ar, Viktor Oschensky, Lambodar Laash, Martin Guerin, Harold McAllen, Sergei Markov, Dingo, Sándor Huseinovic e La Diana, juntamente com os sócios da Mercure, Al-Saud, Tony Hill, Mike Thorton e Peter Ramsay, desceriam por cordas e tratariam do resto em terra. Os pilotos, entre os

quais se contava Zlatan Tarkovich, procurariam uma clareira próxima para aterrar.

Elijah retirou a viseira do capacete e enfiou os binóculos de máxima potência, com visão noturna. Superada uma elevação, avistou as luzes e as fogueiras da mina.

– Estou a ver o objetivo – anunciou Elijah, consultando novamente o GPS. – Entraremos pelo flanco norte para evitar o acampamento de civis, situado a sul.

Ao atingir as coordenadas acordadas no plano, Al-Saud ordenou que abrissem fogo.

Aqueles que estavam de guarda, meio adormecidos, espevitaram ao ouvir uma espécie de ronronar. Os soldados da Spider International não sabiam se se tratava dos rugidos de um gorila a copular ou de outra coisa. O som das hélices e dos motores dos helicópteros tornou-se inteligível tarde de mais. Os quatro homens agarraram nas suas armas e acordaram o acampamento, enquanto uma chuva de projéteis e de mísseis lhes caía em cima. Os helicópteros do inimigo – não conseguiam determinar quantos eram – efetuavam voos rasantes e descarregavam a potência do seu armamento sobre eles. Os rebeldes de Nkunda, alguns em cuecas, outros de tronco nu, todos descalços, esvaziavam os carregadores das suas AK-47, tentando acertar nos tanques de combustível ou nos rotores. Outros, com o joelho em terra, disparavam foguetes sem grandes resultados, porque, se não era fácil acertar no alvo com um lança-granadas em plena luz do dia, de noite, sem óculos de visão noturna, era quase impossível.

Os soldados da Spider International deitaram mão às três metralhadoras DShK, conhecida entre os mercenários como dushka, «queridinha» em russo, colocadas sobre bases móveis. Um deles atirou para a fuselagem do Mil Mi-25, sem causar danos, e recebeu em troca uma rajada de munições do canhão M230 do Apache, que o matou na hora.

Dois helicópteros da Spider International descolaram e lançaram-se na perseguição dos atacantes. Al-Saud viu o logótipo da empresa do seu inimigo na cauda dos Kamov Ka-50, com os seus famosos rotores coaxiais, e sorriu com malícia. O desmembramento da URSS tinha tornado possível a compra de magníficos aparelhos voadores de fabrico russo por preços irrisórios, e Taylor aproveitava as condições favoráveis do mercado.

– Gama! – vociferou o piloto do Mil Mi-24. – Míssil em voo às tuas três!

Al-Saud conteve a respiração até o míssil ar-ar Vypmel R-73 disparado de um Kamov ter roçado a parte superior da cabina do helicóptero, acabando por explodir na selva.

– Gama e Beta – ordenou Al-Saud para chamar os dois helicópteros Mil Mi-24 e 25 –, encarreguem-se do Kamov situado às minhas nove, o camuflado. Alfa e Ípsilon, nós encarregamo-nos do Kamov preto. Zeta – disse, para chamar o seu piloto, Zlatan Tarkovich, que conduzia o Apache com mestria –, pronto para a dogfight? – Convidava-o para um combate cerrado ou de contacto visual, coisa que tinha

apreciado no passado quando pilotava um Mirage 2000 e enfrentava os Mig-21 iraquianos. O sangue pulsava nas suas veias ao ritmo crescente da emoção. Sentia-se vivo e eufórico.

– Preparado, Cavalo de Fogo – assegurou Tarkovich e na sua resposta evidenciava-se a mesma paixão, coisa que agradou a Al-Saud, que, no seu posto de artilheiro, se preparou para atacar o helicóptero inimigo.

Os pilotos da Spider eram habilidosos e descreviam manobras para evitar o fogo pesado, disparando ao mesmo tempo a sua artilharia. O ataque de terra prosseguia, e as dushkas, os foguetes e as AK-47 não paravam. Al-Saud sentiu o impacto de um foguete na fuselagem blindada do Apache, e decidiu acabar com esta contenda. Estava a durar demasiado porque não tinham contado com a presença de dois helicópteros artilhados. Ligou os motores foguete do míssil ar-ar AIM-92 Stinger, situado sob a asa do Apache, uma aquisição recente que tinha custado uma fortuna e que nesse momento provaria a sua utilidade. Tarkovich esquivava o fogo inimigo enquanto lutava por posicionar-se atrás do objetivo. Al-Saud admirou a sua destreza para pilotar o aparelho. Com o interruptor principal de armas ligado, moveu a maçaneta até a colocar no modo ar-ar. Um ruído persistente revelou-lhe que os motores dos mísseis estavam ligados. No ecrã, desenhou-se o círculo verde do radar. Selecionou no tabliê o número correspondente ao míssil que desejava disparar, apontou guiando-se pelo círculo no ecrã e disparou. O míssil, guiado pelo calor, propulsou-se a uma velocidade que duplicava a do som e chocou com o Kamov Ka-50 preto. O aparelho transformou-se numa fogueira que ardeu como uma bola no negrume do céu. A operação não demorara mais de cinco minutos.

– Bravo! – gritou Zlatan, e logo a seguir ouviram outra explosão.

– Acertaram-nos com um foguete disparado de terra! – informou Ramsay do Mil Mi-24, o helicóptero das Forças Armadas Congolesas.

– Gama – chamou Al-Saud –, usa a clareira situada às tuas cinco para aterrar. Consegues controlá-lo?

– Sim, senhor.

– Executa. Zeta – disse a Tarkovich –, encarreguemo-nos do outro Kamov.

– Sim, senhor.

Mas não tiveram oportunidade. O helicóptero russo, rodeado pelos quatro flancos, elevou-se e fugiu para leste.

– Deixem-no ir – troçou Mike Thorton. – Não queremos que Nigel sofra muitas perdas, não é verdade?

Ouviram-se gargalhadas no espaço radioelétrico.

– Lancem as GL-307! – ordenou Al-Saud, e imediatamente se lançaram granadas de luz, que provocaram um estrondo e uma luminosidade que ofuscou e atordou os

inimigos.

Soltaram-se as cordas, e os soldados da Mercure desceram até ao terreno e, ainda que estivessem habituados ao cheiro da guerra, franziram o nariz ao mergulharem na nuvem densa e hedionda, suspensa sobre o chão. Markov e La Diana desceram ao mesmo tempo, por cordas paralelas. O russo não afastava os olhos da rapariga bósnia, por isso reparou que se agitava de dor ao pôr o pé em terra e receber um tiro no braço. Atirou-se para cima dela e protegeu-a com o seu corpo, ao mesmo tempo que disparava a Browning HP 35 contra o agressor, um rebelde meio vestido, que se preparava para a matar e que morreu com um balázio no peito. Markov levantou a rapariga, atordoada pela dor e pelo impacto, e levou-a para trás de uma represa construída com sacos de areia para conter o curso do riacho. Sentou-a no chão húmido e barrento e obrigou-a a apoiar as costas na parede de sacos.

– Doc – disse, chamando Martin Guerin, o paramédico, pelo seu nome de guerra –, La Diana está ferida.

– Vai ter com La Diana, Doc, imediatamente – ouviu-se a voz de Al-Saud, que tinha abandonado o seu lugar de copiloto e de artilheiro do Apache para se lançar no terreno.

Guerin viu o sinal fluorescente que emergia atrás de uns pilares de sacos de areia, e correu, sem parar de disparar contra os últimos rebeldes e soldados. Assim que o paramédico chegou ao local onde se encontrava La Diana, Markov regressou ao combate. Nos minutos em que esteve ao seu lado, limitou-se a conter-lhe a hemorragia e a fixar os seus olhos no rosto tenso pela dor e pela raiva.

Os soldados da Mercure concluíram a tarefa em menos de vinte minutos. Os sobreviventes pousaram as armas e ergueram os braços em sinal de rendição. Al-Saud observou, à luz ténue do amanhecer, os corpos espalhados sobre a terra vermelha. Alguns flutuavam no riacho. Começava a tarefa pesada e aborrecida, a de impor a ordem.

Os quatro helicópteros aterraram na clareira aberta e ocupada pelos homens da Spider International. Via-se que tinham limpado uma zona de bananeiras e de palmeiras. Cada um sabia o que fazer. Mike, juntamente com Viktor Oschensky e com Lambodar Laash, encarregou-se de manter os mineiros na zona sul do acampamento. Encontraram-nos nas suas tendas, a suar de medo, e obrigaram-nos a sair de espingardas apontadas. Os nativos alinharam-se com as mãos no ar; alguns tremiam. O coronel McAllen, com o apoio de Sergei Markov e de Dingo, dominou os soldados sobreviventes – dez rebeldes e dois mercenários da Spider International –, enquanto Guerin, que já efetuara um primeiro curativo a La Diana, procurava feridos entre os corpos.

Traçar um perímetro provisório de segurança em volta da mina e colocar um sistema de alarme e contramedidas eletrónicas passavam a ser as tarefas primordiais que o grupo enfrentaria. Em poucos dias, estenderiam o perímetro por dez

quilómetros. Tony Hill e Peter Ramsay, juntamente com Zlatan Tarkovich e La Diana, que garantia sentir-se bem, embora com o braço ao peito, colocaram os sensores infravermelhos que Alamán tinha fornecido a Ramsay em Paris, e cobriram um raio de cem metros, que incluía a clareira onde estavam os helicópteros. Duas horas mais tarde, ligaram um computador portátil e testaram o software. O sistema funcionava na perfeição. Nada nem ninguém entraria no terreno sem que os alarmes disparassem.

No acampamento, Al-Saud dirigia as operações para organizar a confusão provocada pelo ataque. Mandou alinhar os cadáveres depois de lhes ter tirado as armas, os walkie-talkies e restante material de apoio. Escolheu quinze mineiros de entre os adultos – havia crianças e adolescentes – e ordenou-lhe num suaíli rudimentar que cavassem uma fossa com três metros de profundidade e cinco de largura onde se enterrariam os corpos: era necessário fazê-lo antes que o calor e a humidade acelerassem o processo de decomposição. Mandou amontoar as armas do inimigo de acordo com uma classificação prévia: Kalashnikovs num lado, RPG-7 no outro, granadas num montículo à parte, tal como as pistolas, machetes e facas. Assim que McAllen e os seus homens obrigaram os sobreviventes a pôr-se de cócoras e em fila e lhes amarraram as mãos atrás das costas com cintas de plástico, Al-Saud pôs-se a andar diante deles para os examinar. Os rebeldes de Nkunda, oito homens e duas mulheres, os dez muito jovens, tinham um aspeto cuidado. Notava-se que tinham uma boa alimentação. Vestiam um uniforme adequado e calçavam botas. «Há muito dinheiro por detrás do Congresso Nacional para a Defesa do Povo», pensou. Dinheiro de Somigl, a empresa mineira presidida por Gulemale e formada por capitais europeus de companhias de telemóveis, de computadores, de armamento, de aparelhos para medicina. A lista era longa.

Al-Saud, com uma espingarda M-16 atravessada no peito, subiu a uma lomba, oposta ao riacho onde estivera a espiar na semana anterior, e observou a mina aos seus pés. Precisava de se afastar do fedor da pólvora e do ar viciado. Viu as horas: seis e cinco da manhã. O amanhecer surpreendera-os e o sol caía sem misericórdia sobre a ribanceira numa antecipação do que seria ao meio-dia. Abriu o francalete do capacete e tirou-o para limpar a testa com um lenço, que ficou com restos de pintura de camuflagem. A paisagem tinha mudado em poucos dias, a virgindade do terreno estava perdida para sempre. Visto de cima, o setor parecia uma ferida vermelha a meio da frondosidade da selva, cujo verde intenso brilhava sob o efeito da luz diurna. Viam-se carrinhos de mão, pás, bombas de extração de água, mangueiras, geradores elétricos, bidões com duzentos litros de gasolina, sacos de areia espalhados por toda a parte. Avistou duas oficinas, construídas com chapas de zinco e madeira; uma terceira estava por terminar. Nkunda, certamente assessorado por Taylor, não tinha perdido tempo a pôr a mina em funcionamento, ainda que fosse evidente não terem ainda iniciado grandes trabalhos de escavação.

Colocou o capacete, aproximou o microfone da boca e falou pelo rádio:

– Doc, o que me dizes de La Diana?

– A bala entrou e saiu pelo braço, senhor. Rasgou-lhe o músculo, mas não partiu o osso. Mais tarde faço-lhe um curativo definitivo. Para já, pus-lhe anticoagulante na ferida e liguei-a.

– Muito bem. Quantos feridos encontraste?

– Só três, senhor. Estou a tratá-los. Dois são sem gravidade. O terceiro pode ter uma hemorragia interna. Não posso garantir.

Al-Saud desceu a lomba em trote ligeiro e dirigiu-se para a oficina maior. Estava fechada por fora com cadeado. Partiu-o com uma pá e entrou. Puxou por uma corrente e acendeu-se uma lâmpada que quase não eliminou a escuridão. Acocorou-se diante de dois montículos de arenisca acinzentada e soube que se tratava de coltan. Zeevi ficaria contente, pensou. Apoderava-se de alguns quilos de material sem que os seus homens tivessem mexido um dedo. Também se viam três tábuas compridas com banquetas e cadeiras, pelo que deduziu que os mineiros e os soldados deviam comer ali. Na oficina mais pequena, cuja porta estava aberta de par em par, deparou com os pilotos – à exceção de Zlatan, não participavam nas operações em terra – que preparavam café e chá com os utensílios do inimigo.

– Usem água mineral – recordou-lhes, e o piloto do Black Hawk levantou uma garrafa e mostrou-a. – Zlatan – disse a seguir ao microfone inserido no capacete –, encontra-te comigo junto do Mil Mi-24. Quero que avaliemos os danos.

– Sim, senhor.

– Coronel – prosseguiu Al-Saud –, na oficina mais pequena há colchões, cobertores e outras coisas que fedem. Quero que desapareçam em dez minutos. Não queremos os nossos homens cheios de pulgas.

– Sim, senhor – respondeu McAllen.

Por volta das cinco da manhã, o estrondo de um helicóptero irrompeu na tranquilidade do acampamento do Congresso Nacional para a Defesa do Povo. Os guardas apontaram as suas AK-47, enquanto os soldados saíam das tendas em roupa interior, empunhando as suas armas. Osbele acordou Nigel Taylor, que tinha tomado um sedativo para conciliar o sono. O inglês enfiou as calças e um casaco a correr e saiu. Reconheceu imediatamente o seu Kamov Ka-50 camuflado e soube que alguma coisa não estava bem.

– Não disparem! Não disparem! – gritou, correndo para se aproximar do local de aterrizagem.

Passados quinze minutos, estava na tenda de Laurent Nkunda interrogando o piloto do Kamov. Embora se tenha contido, enfureceu-o saber que perdera um helicóptero e um excelente piloto.

– Este é um péssimo antecedente! – proclamou o general rebelde, batendo na

mesa com o punho de prata da bengala. – Agora Kinshasa achará que tem condições de concessionar todas as minas, estejam ou não em meu poder!

– Acalme-se, general – pediu Taylor. – Diz-me, Edward – dirigia-se ao piloto –, quantos helicópteros vos atacaram?

– Atacaram-nos de noite, senhor, mas cheguei a ver quatro. Acertámos num.

Taylor resmungou um insulto. Os seus informadores garantiam-lhe que a Mercure só dispunha de dois helicópteros artilhados, um Black Hawk e um Mil Mi-25.

– Conseguieste ver de que aparelhos se tratava?

– Vi um Apache. São inconfundíveis. Os outros não consegui reconhecer.

«Um Apache!», sobressaltou-se. Como o teriam conseguido? Graças à Força Aérea Real Saudita, respondeu a si próprio de imediato. Maldito Al-Saud e maldito o seu poder, os seus contactos e o seu dinheiro.

– Edward, podes calcular o número de baixas?

– Não, senhor. Assim que ouvimos os rotores, corremos para os helicópteros para os ligarmos e iniciarmos o ataque. Posso dizer-lhe que o acampamento estava sob intenso fogo inimigo. Vi muitos caírem, não sei quantos.

– Recuperaremos a mina – declarou Nkunda. – Hoje mesmo iniciamos as operações.

– Não será tão fácil, general. A Mercure deve ter traçado um perímetro que deve ser praticamente intransponível. E não dispomos de helicópteros para efetuar um ataque aéreo. Sugiro-lhe que, em vez de perder tempo, homens e munições a recuperar a mina do riacho velho, nos concentremos em reforçar as outras.

– De repente, sem helicópteros não somos nada! – exasperou-se o general. – Conquistei esta região do Congo, a mais rica do meu país, sem um único helicóptero!

– Mas se o seu inimigo ataca com helicópteros, senhor Nkunda, nesse caso os helicópteros tornam-se necessários. A guerra é assim.

Nigel Taylor abandonou a tenda com uma mistura de raiva e de desânimo. Acabaria com Al-Saud, não com a sua vida, mas com o seu espírito.

Alamán apareceu na mina no dia seguinte, domingo, 31 de maio. Derek Byrne levou-o pelo mesmo caminho da vez anterior. O irlandês lançava-lhe olhadelas furtivas e abstinha-se de comentar o aspeto invulgarmente taciturno de Al-Saud e a expressão severa que lhe dava uma aparência surpreendente com o seu irmão mais novo.

Alamán fixava os olhos na paisagem do Virunga e pensava em Joséphine. No dia anterior, sábado, 30 de maio, tinha vivido os momentos mais emocionantes e felizes da sua vida. Depois de se encontrar com Matilde muito cedo no hospital de Rutshuru, antes que esta fosse para a missão, para a avisar que Eliah iria ter com ela assim que concluísse um assunto de trabalho, conduziu até Anga La Mwezi com uma

ansiedade que o levava a carregar no acelerador de uma forma imprudente. Godefroide Wambale abriu-lhe a porta e, ainda que não lhe tenha sorrido, demonstrou-lhe que se alegrava por vê-lo. Acompanhou-o à sala, onde Joséphine escrevia no computador. Ao vê-lo, pôs-se de pé com um pulo e olhou de forma pouco amigável para o seu empregado. Alamán apercebeu-se da troca de olhares e sentiu-se pouco à vontade. Será que Joséphine censurava Wambale por lhe ter permitido entrar?

– Cheguei em má altura – disse, assim que o empregado saiu da sala.

– Estava a trabalhar – disse a jovem sem se mover.

Alamán aproximou-se e inclinou-se para a beijar. Joséphine afastou a boca e ofereceu-lhe a cara.

– O que se passa? Não ficas contente por me ver?

Joséphine baixou os olhos e apertou os lábios. «Não caibo em mim de felicidade por voltar a ver-te, Alamán», pensou.

– Na segunda-feira, quando telefonaste, disseste que estaria muito ocupada com os assuntos da cervejeira e do campo.

– Hoje é sábado. Deverias ter um dia livre para descansar.

– Estou muito ocupada – insistiu, aborrecida, tentando afastar-se de Alamán. Mas este agarrou-lhe no braço nu e meteu-lhe a mão sob a axila.

– Tão ocupada que nem sequer tens um momento para mim? – sussurrou-lhe e Joséphine vibrou quando os lábios dele lhe acariciaram o lóbulo da orelha.

– Alamán, por favor – queixou-se, sem convicção.

– Diz-me o que se passa, meu amor. Domingo passado, quando nos despedimos, prometeste-me que iríamos à lagoa. Estávamos tão felizes... E agora sinto-te tão fria, distante. Aborrecida.

– O meu pai esteve doente e de cama toda a semana. A discussão contigo deixou-o muito mal e teve um ataque. É diabético, Alamán, e maus bocados como aquele por que passou no domingo podem matá-lo.

– Juro que não discutirei mais com ele – disse Alamán, contrito. – Prometo – insistiu. – Sinto muito, meu amor! – continuou, depois de uma pausa em que fixou os olhos no perfil de Joséphine e viu até que ponto estava determinada em afastá-lo. – Imagino o quanto te preocupaste com o teu pai. E eu, longe de ti.

– Não quero que voltes aqui – sussurrou, sem convicção. – Não quero que o meu pai fique mal por nossa causa.

– Não me peças isso – suplicou ele, apertando a mão em torno do braço magro e encostando-lhe os lábios à testa. – Não tornes a dizê-lo, por favor.

– Alamán... – murmurou, com a vontade e a voz quebradas. – Por favor, vai-te

embora. O meu pai pode ficar a saber que estás aqui e adoecer novamente.

– Joséphine, se te fizer uma pergunta, prometes responder com sinceridade? – Joséphine anuiu, sempre de perfil, sempre com os olhos no chão. – Tu queres que me vá embora e nunca mais volte?

Al-Saud reparou como a rapariga comprimia o queixo para travar os tremores e viu as lágrimas que brotaram entre as suas pestanas compactas. As narinas dilatavam-se, desesperadas por ar, ao mesmo tempo que encolhia o peito para que os soluços não explodissem. Agarrou-a com força, quase com violência, até sentir que ela se rendia nos seus braços e chorava.

– Não, não quero que te vás embora! – sussurrou-lhe com veemência, entre soluços afogados. – Não quero que me deixes! Meu Deus, como te amo!

Alamán afundou a cara no ombro nu de Joséphine e molhou-o de lágrimas e saliva. Mantiveram-se abraçados com um fervor que lhes entorpeceu os músculos. Ergueram-se pouco depois, cansados e serenos. Olharam para os seus olhos húmidos e para as pestanas coladas e sorriram com ternura.

– Leva-me à lagoa, por favor.

– Sim.

Wambale apareceu na sala e anunciou que os cavalos estavam prontos. Depois, veio Petra, a cozinheira, com um cesto repletos de manjares e um lençol dobrado e engomado. Alamán quase soltou uma gargalhada diante daquele complô doméstico.

– Direi a mzee Balduino que teve de ir à paróquia, menina José – apressou-se a dizer Petra. – Nós encarregamo-nos dele.

– Não te esqueças de que às onze tem de medir o açúcar.

– Vá com Deus, menina José. Nós saberemos o que fazer.

Os cavalos pressentiram a energia que dominava os cavaleiros e desataram a galopar a toda a velocidade. Alamán admirava a destreza de Joséphine e cobiçava o seu corpo inclinado sobre o dorso do animal. Via como a camisa adería à sua cintura fina e as calças, aos glúteos rechonchudos e firmes. Teve uma ereção dolorosa, apertada contra o tecido grosso das calças de ganga. Ao chegarem à lagoa, saltou do cavalo, desceu Joséphine com rapidez e beijou-a segurando-a pelos maxilares, penetrando-lhe a boca, irrompendo com a língua, que pulsava à mesma cadência desesperada do seu pénis. Tremeu e gemeu quando as mãos de Joséphine lhe levantaram a T-shirt e lhe percorreram as costas. Ela afastou-se com impaciência e deixou-o pasmado e trémulo. Seguiu-a com olhos ávidos enquanto Joséphine estendia o lençol sob uma árvore.

– Vem, Alamán – convidou-o, deitando-se de costas, com os joelhos dobrados e os braços em cruz.

Al-Saud dirigiu-se, cego, ao seu encontro. Não via a lagoa atrás deles, nem a beleza da paisagem, nem os bandos de aves que levantavam voo e executavam danças coordenadas. Só tinha olhos para Joséphine. Caiu de joelhos diante dela, que abriu os olhos e estendeu as mãos.

– Quero sentir-te dentro de mim.

– Joséphine... – exclamou, num sussurro afogado, sentindo-se desajeitado e inexperiente.

Tirou-lhe as botas e as meias e admirou-lhe os pés longos e magros e as unhas curtas, pintadas de vermelho. Gostava da combinação do esmalte com a cor morena da sua pele, excitava-o a sua feminilidade. Beijou-lhe os tornozelos antes de lhe desapertar o cinto e de lhe tirar as calças, que atirou para o lado sem contemplações. As suas mãos enormes percorreram-lhe as pernas e as coxas e detiveram-se a centímetros do seu sexo. Ela sufocou um guincho de frustração e estendeu a mão para esfregar o monte de Vénus, como se tentasse acalmar uma dor.

– Não! – deteve-a Alamán, retirando-lhe a mão. – Isso é só para mim. Depois – prometeu.

Desabotoou-lhe a blusa com uma lentidão que exasperou Joséphine. As mãos dela pousavam sobre as de Al-Saud sem conseguir apressar a tarefa. Ele abriu a camisa para revelar o tronco, mas não a tirou. Joséphine arqueou-se e gemeu quando a ponta dura, quente e húmida da língua de Alamán se lhe cravou no umbigo. Arrastou-a pelo centro do ventre, pelo vale entre os seios e até ao queixo, saboreando o sal do seu suor e desfrutando da suavidade da pele dela.

– Levanta as costas para te desabotoar o sutiã.

Al-Saud abriu-lhe o sutiã, que ficou sobre o decote de Joséphine. Cobriu-lhe os seios com as mãos, conteve-os, massajou-os, enquanto sorria, satisfeito, com a forma como ela se contorcia e gemia. A boca de Alamán agarrou num mamilo e chupou-o, sendo o outro objeto do jogo dos seus dedos. Joséphine apertou o lençol com a mão esquerda e cravou os dedos da direita na cabeça de Al-Saud para o aproximar do seu peito, para o levar a unir-se com ela.

– Oh! – gritou, e as aves que bebiam na margem da lagoa levantaram voo, espavoridas. Alamán metera-se sob o elástico das suas cuecas e acariciava-lhe a entrada da vagina. – Alamán! – implorou, quando o suplício se tornou insuportável.

Viu-o erguer-se sobre si, imponente, gigantesco, sólido, confiável. Os olhos dela seguiram-no enquanto ele, com uma urgência desajeitada, baixava as calças e os boxers e libertava o pénis. Alamán sorriu envaidecido quando Joséphine arqueou as sobranceiras com uma expressão de assombro. Rasgou o invólucro de um preservativo e enfiou dentro dele o seu membro ereto e enorme. Reclinou-se sobre Joséphine, tendo o cuidado de não a esmagar, e, enquanto lhe beijava o pescoço, perguntou-lhe:

- Gostaste do que viste?
- Sim – suspirou ela. – Muitíssimo.
- Ainda o queres dentro de ti?
- Sim! Oh, sim, Alamán! Agora, amor!

Joséphine não conseguiu acabar a sua súplica. Alamán penetrou-a com um impulso decidido e escorregou com facilidade dentro da vagina lúbrica e apertada. Ambos pareceram congelar, Joséphine com a cabeça deitada para trás, a boca entreaberta e o pescoço em tensão. Soltaram o ar contido e iniciaram um vaivém com a pélvis, que adquiriu um movimento vertiginoso, sacudindo Joséphine e empurrando-a para perto do tronco da árvore. Os gemidos de prazer enlouqueceram-no e ele empurrou e percutiu-lhe contra as pernas até a sua carne a penetrar por completo, e imaginar que lhe chegava ao útero. A violência da ejaculação deixou-o desfalecido e, enquanto gritava, transido de prazer, lamentou que o seu sémen não ficasse dentro dela.

Juntamente com o alívio, a calma voltou à lagoa, cuja fauna se alvoroçara devido aos estertores dos amantes. No entanto, não durou muito. Alamán, ainda dentro de Joséphine, sentiu, indefeso, como o seu pénis crescia enquanto ela lhe sussurrava frases eróticas e lhe acariciava os glúteos.

– Como és maravilhoso no orgasmo. Pareces um animal selvagem. Não conseguia parar de olhar para ti. Os teus gemidos deixaram-me com pele de galinha. Quando me penetraste, senti dor e depois que me enchias com o teu pénis enorme e belo. Quero que o ponhas na minha boca. Gostarias que o chupasse?

– Joséphine – suspirou Alamán, novamente duro e excitado.

Fizeram amor durante horas. Uma mistura de assombro, pela insaciabilidade que os dominava, e de frenesim, pela paixão que inspiravam um ao outro, alimentava repetidamente o desejo. Amaram-se em todas as posições e formas que conheciam, ensaiaram mesmo algumas novas com o desembaraço e a liberdade dos amantes que se conhecem há anos. Amaram-se na água, na margem, contra a árvore, muitas vezes sobre o lençol, com ele de costas e ela sentada em cima dele, ou com ela de gatas porque Alamán adorava ver-lhe o traseiro enquanto a penetrava. Devoraram os manjares preparados por Petra e beberam o sumo de laranja do termo, que o conservava frio. No fim, adormeceram abraçados. Ao acordar, aperceberam-se de que já eram cinco e um quarto. Entre pressas e risos, guardaram o resto da comida, os pratos e o lençol e empreenderam o regresso. Os cavalos tinham descansado, comido e bebido, e fizeram o trajeto a galopar até à mansão.

Joséphine entrou a rir, enquanto Alamán tentava beliscar-lhe o traseiro. Parou como se um feitiço a tivesse congelado. O pai, sentado na cadeira de rodas, esperava por ela no vestíbulo. Não tinha dúvidas de que na sua cara se refletia o prazer que tinha sentido e, sob o olhar condenatório e duro de Boel, sentiu-se suja e envergonhada.

– Papá! Porque te levantaste? – balbuciou.

– Onde estiveste o dia todo? Duvido muito que tenhas estado na paróquia!

– Papá...

– Que mentira vais dizer-me, Joséphine?

– Boa tarde, senhor Boel – interveio Alamán.

– Consigo não desejo falar, Al-Saud! Veio a esta casa para macular a reputação da minha filha, para a arrastar como se ela fosse uma qualquer.

– Senhor Boel!

– Não, Alamán! – Joséphine voltou-se com violência e pôs as mãos no peito do amante. – Por favor, não discutas com ele! Vai, vai! Não quero que volte a ter um ataque.

– Está a manipular-te!

– A manipulá-la? – enfureceu-se o homem. – À minha própria filha? Não quero que arruíne a sua vida junto de um homem pouco respeitável como você!

– O senhor não me conhece!

– Conheço o que se diz da família Al-Saud! A família reinante na Arábia! São corruptos...!

– Basta! – vociferou Joséphine e o seu clamor ecoou no silêncio do casarão. – Basta – insistiu, já sem fôlego. – Por favor, Alamán, vai-te embora. Vai, suplico-te.

Alamán recordava a última cena em casa de Joséphine enquanto o irlandês Byrne o conduzia à mina. Não tinha vontade de fazer nada, exceto deitar-se numa cama e pensar em Joséphine. No entanto, à sua frente tinha uma tarefa complexa que lhe exigiria, pelo menos, uma semana: traçar o perímetro de segurança num raio de dez quilómetros em volta da mina. A sua disposição não podia ser mais negra.

Na noite de quarta-feira, 27 de maio, ainda que continuasse sem notícias do seu sócio e amigo, Mohamed Abu Yihad, Rauf Al-Abiyia não desconfiou de que alguma coisa estivesse a correr mal. Sabia que os telemóveis não funcionavam no Congo e que dispor de um telefone por satélite não era fácil. Tinha curiosidade em saber o decurso das negociações com Gulemale e com Hansen Bridger. No entanto, controlava o zelo e confiava em Abu Yihad, que sempre demonstrara grande genialidade nas transações complexas e arriscadas.

Às dez da noite, enquanto jantava e via televisão, bateram à porta do seu apartamento acabado de alugar. Admirou-se que não tivessem tocado a campainha da entrada do edifício. Tratar-se-ia de Abu Yihad, que tinha chave? Saltou da cadeira e apressou-se a abrir. Dois homens robustos empurraram-no para dentro.

– O que se passa? Quem são vocês?

– Fauzi Dahlan quer vê-lo. Vista-se e venha connosco.

Nada de bom o esperava, convenceu-se Al-Abiyia, enquanto, com a porta do seu quarto aberta – o gorila não lhe tinha permitido fechá-la – vestia umas calças por cima do pijama e calçava rapidamente umas sandálias. Não lhe disseram aonde o levariam. Soube-o vinte minutos depois ao reconhecer as ruas do bairro Hai Al Tashriya de Bagdad, onde se erigia o edifício da Polícia Presidencial, o Amn al Khass, uma espécie de pandilha feroz que protegia o presidente e se encarregava de levar a cabo os trabalhos sujos do regime. Rauf não conseguiu controlar os tremores. Os dois homens agarraram-no para o guiar pelos corredores vazios, silenciosos e mal iluminados do edifício do Amn al Khass. Entraram num gabinete. Atrás da secretária estava Fauzi Dahlan. Levantou-se e cumprimentou-o desejando-lhe paz.

– As-salaam-alaikun.

– Alaikun salaam – respondeu Al-Abiyia, nada convencido pelo sorriso benevolente de Dahlan.

– Desculpa termos-te arrancado da tua casa a estas horas. Espero que não estivesses a dormir.

– Não, não. Não há problema. O que se passa, Fauzi?

– Abu Yihad desapareceu.

– O quê?

– Senta-te – convidou-o Dahlan. – Desculpa a minha rudeza. É que estamos preocupados.

– Desapareceu como?

– No domingo entrou numa propriedade do Congo Oriental. Os homens que o protegiam ficaram fora. Achamos que saiu dali de madrugada, numa carrinha.

– A Mossad! – sobressaltou-se Al-Abiyia, levantando-se de um salto. – Gulemale entregou-o à Mossad!

– Gulemale?

– Mais conhecida como Madame Gulemale. Era ela que o poria em contacto com um possível fornecedor de urânio. Não tenho dúvidas de que o entregou aos sicários de Telavive.

– Talvez essa tenha sido a intenção de madame, entregá-lo à Mossad. No entanto, alguém se antecipou e o tirou de lá.

– Quem? Quem pode ter sido?

– Pensámos que tu poderias ajudar-nos a esclarecer este mistério.

– Não há nenhuma pista do seu paradeiro?

– Não, é como se a terra o tivesse engolido.

Al-Abiyia deixou-se cair na cadeira. Fauzi Dahlan examinou-lhe o semblante alterado sem se comover. Era inacreditável a quantidade de bons atores que frequentavam o seu gabinete.

– É verdade que Abu Yihad te falou da sua intenção de deixar o negócio?

– Nem pensar! – Rauf ergueu-se no assento. – Está comprometido com a causa do rais Saddam. Está a arriscar a sua vida para obter o bolo amarelo. Como sabes, os homens da Mossad assassinaram vários traficantes que cooperam com países inimigos de Israel.

– É verdade – aceitou Dahlan. – No entanto, chegaram-nos versões fidedignas que garantem que, nos últimos tempos, Abu Yihad manifestara o desejo de abandonar o projeto nuclear do sayid rais.

– Quem diz isso, mente, para prejudicar Abu Yihad! – Voltou a levantar-se. – Fauzi, ponho as mãos no lume por ele. A sua adesão à causa é inalterável. Fauzi – disse, num tom conciliador –, sabes que neste negócio se arrancam os olhos para obter uma talhada. Ser o comprador do sayid rais é uma grande honra que muitos gostariam de ostentar. Não permitas que a maledicência arruíne a reputação de um homem que já demonstrou a sua lealdade.

– Ouve-me bem, Rauf. Entregámos muitos milhões de dólares ao teu sócio e ainda não obtivemos nada de bolo amarelo.

– Já te disse, Fauzi, a coisa está difícil por culpa dos malditos sionistas. Para comprar bolo amarelo é preciso chegar com muito dinheiro para tentar o vendedor. Caso contrário e, nesta altura, não se arriscam.

– Sim, sim – disse Dahlan entediado e sacudindo a mão –, já sei. Mas se Abu Yihad não der sinais de vida dentro de três dias, terás de responder por ele.

Há dias que Udo Jürkens viajava para o centro de África. Chegou à cidade de Brazzaville, capital da República do Congo, na sexta-feira, 29 de maio. O calor e a humidade não faziam bem ao berlinense, sobretudo com a barba artificial, a cola provocava-lhe comichão. Tirou-a na casa de banho de uma estação de serviço e suspirou, aliviado.

Só o rio Congo separava Brazzaville de Kinshasa, a capital da vizinha República Democrática do Congo, onde a Dr.^a Martínez estava há quase dois meses. Gostava de pensar nela como Ágata e disse para consigo que só lhe chamaria dessa forma na intimidade.

Comprou uma Coca-Cola bem gelada e bebeu-a de um só trago. A sede persistia. Como não se atrevia a beber água, pediu uma Seven Up.

Não atravessaria o rio Congo nesse dia. Não se sentia bem. O cansaço, as pressões e o stress começavam a fazer moossa na fortaleza de que sempre se tinha

gabado. No entanto, os anos pesavam e ele estava a abusar. Desde o desastre da OPEP não tirara um dia para descansar. Passara os últimos tempos a viajar, a fugir, a dormir em tendas, em hotéis baratos, a comer mal. Imaginou uma cama cómoda e um duche demorado e refrescante.

Perguntou a um empregado da estação de serviço por um hotel bom e próximo, e deu-lhe mil francos CFA – o equivalente a três dólares – pela informação que lhe proporcionou. Conduziu até à avenida Nelson Mandela e viu imediatamente o edifício do Hotel Laico Maya-Maya, que tinha sobrevivido à guerra civil do ano anterior, apesar de na sua fachada se poderem ver os buracos das balas. Sentiu alívio quando fechou a porta do quarto. Não se importava de ter visto baratas no corredor, que o pacote esmagou sem dissimular, nem que o ar condicionado chiasse como uma motosserra. Despiu-se lentamente. Doíam-lhe as articulações e, sobretudo, a base da nuca, sentia-a tesa. A água fria do duche cobriu-lhe as costas e Jürkens soltou um suspiro de prazer. No dia seguinte, disse para consigo, depois de dormir e de recuperar as forças, atravessaria o rio Congo num ferry. De Kinshasa, quanto tempo levaria a chegar a Masisi, onde estava Ágata?

Em poucos dias, o aspeto da mina «do riacho velho» mudara por completo, não só porque se tinham deitado abaixo as oficinas e erguido tendas modernas, com ar condicionado, frigoríficos, fogareiros e provisões, mas porque a mina se enchera de maquinaria de último modelo que facilitava o trabalho dos mineiros. Estes continuavam a ocupar o setor sul da mina, se bem que agora, em vez de dormirem em choças construídas com plásticos e canas de bambu, dormiam em tendas fabricadas com um tecido que repelia a chuva, que também não entrava pela base, e sobre colchões fofos, que tinham de arejar diariamente. As medidas de higiene eram rigorosamente respeitadas, com risco de despedimento em caso de incumprimento. O mesmo acontecia com as medidas de segurança que tinham de cumprir, sobretudo o uso de capacetes, botas e luvas de couro para quem manipulava marretas e cortafrios. Embora se fizessem fumigações com inseticida, obrigavam-nos a cobrir-se com uma camada de repelente para manter afastados o mosquito da malária e a mosca tsé-tsé. Estavam proibidos de beber água do riacho ou da lagoa, que ficava a curta distância. Outra novidade na mina «do riacho velho» era o controlo permanente do mineral extraído por parte dos engenheiros, que se certificavam da ausência de elementos como o urânio, o tório e o rádio, tóxicos para o ser humano e que costumavam aparecer com o coltan.

Ao contrário do que acontecia antes do ataque, nenhum mineiro queria perder o trabalho, porque não só lhes davam boa comida, bom tratamento e melhores condições – podiam tirar dois dias de descanso por cada dez de trabalho, e visitar as suas famílias –, como lhes pagavam um excelente salário. As crianças e os adolescentes foram devolvidos às suas aldeias. Porém, se estas tivessem desaparecido, levavam-nos para os campos de refugiados onde podiam procurar as suas famílias. Se bem que Martin Guerin se encarregasse da saúde dos mineiros, os

seus conhecimentos médicos eram limitados, pelo que o engenheiro Rosín, chefe da mina, se propôs contratar um profissional em Kinshasa, especialista em doenças tropicais; tentá-lo-iam com honorários elevados, e bastar-lhe-iam dois ou três dias para examinar toda a gente.

Poucos dias passados sobre a ocupação da mina, Al-Saud ordenou que o grupo de trabalho – especialistas em prospeção, engenheiros de minas, geólogos e afins – e os aparelhos necessários ao trabalho mineiro fossem levados para o Jumbo da Mercure, estacionado na base aérea ao norte de Kinshasa. Dentro do raio controlado pelo sistema de segurança, tinham descoberto uma pista clandestina em muito bom estado e Al-Saud pensava tirar proveito disso. Do seu ponto de vista, a descoberta fora um golpe de sorte.

– Aterrar um Jumbo numa pista de terra! – scandalizou-se Tony Hill.

– Tony – disse Eliah, pacientemente –, a Mercure não gastou sessenta e cinco mil dólares a reforçar o trem de aterragem do Jumbo para nada. Garanto-te que eu próprio me encarreguei de que ficasse tão sólido como o de um Hércules. Vi aterrar e descolar vários Hércules em praias de areia húmida e noutros terrenos pouco adequados. Se o nosso avião aterrar e descolar nesta pista não haverá problemas.

O Jumbo, pilotado por três aviadores franceses amigos de Eliah da época passada na base de Salon-de-Provence, aterrou sem inconvenientes e, numa única viagem, transportou o pessoal, a maquinaria, três carrinhas, provisões e soldados do exército congolês que se juntariam à vigilância da mina. Dessa forma, Joseph Kabila cumpria a promessa. No entanto, Al-Saud perguntava a si próprio quanto tempo duraria o apoio militar no caso de ser declarada guerra contra o Ruanda e o Uganda, dado que as tensões aumentavam.

À tarde, quando o sol se escondia atrás das montanhas Virunga, Eliah gostava de se afastar do acampamento, escalar uma elevação e admirar a paisagem e a atividade frenética da mina. Tinham efetuado um bom trabalho; tudo corria de acordo com os planos. Ainda esperavam por represálias da Spider International, por isso Alamán mantinha-se alerta aos ecrãs dos computadores, monitorizando o sistema de proteção, tal como Stephanie e a sua equipa o faziam em Paris. As três antenas parabólicas colocadas em locais estratégicos do campo mantinham-nos em comunicação, além de captarem qualquer movimento no espaço radioelétrico, o que significava que, se helicópteros inimigos tentassem cair sobre eles, seriam detetados com a antecedência suficiente para permitir que se defendessem com os seus próprios helicópteros. Zlatan, com o seu talento para a mecânica, reparara os danos causados por um foguete lançado de terra contra o Mil Mi-24, e a Mercure dispunha novamente da sua força de quatro helicópteros artilhados, que Taylor teria dificuldade em igualar.

Dessa posição elevada, avistou La Diana, ainda com o braço ao peito, que fazia o seu turno de ronda e vigilância. Felizmente, a ferida da bala cicatrizava sem

complicações, embora a limitasse, o que a deixava de mau humor. Ou talvez a irritasse o facto de Dingo lhe dispensar o mesmo tratamento que aos outros. Tirou os óculos de sol e massajou a cana do nariz, sorrindo. Deixava-o feliz La Diana voltar a sentir atração por um homem, embora se questionasse se o facto de admirar quem lhe tinha tirado de cima o sérvio que estava a violá-la, não significava que estava a confundir agradecimento e idolatria com amor. No entanto, não haveria um pouco disso no amor? Admiração, respeito, idolatria? Ele prostrava-se diante de Matilde: admirava o seu espírito evoluído, indiferente às questões mundanas, naturalmente inclinado para o bem. Venerava-a. Matilde, pelo contrário, não o admirava, não respeitava a sua profissão ou talento para a guerra. Na realidade, desprezava essa parte da sua vida. Amá-lo-ia, nesse caso? «Receio bem, Eliah, que tu, para mim, sejas a vida.» A resignação com o que disse magoara-o, como se lamentasse a necessidade que tinha dele.

Como tinha saudades dela! Matilde estava tão perto. De qualquer forma, ainda não era altura de se afastar da mina, nem sequer por umas horas. Estavam em jogo a segurança dos mineiros, dos empregados de Zeevi, dos seus homens e de vários milhões de dólares de equipamento. Dentro de alguns dias, quando Alamán terminasse de acertar os sistemas, ajustasse os programas e a área ficasse tão vigiada que um gorila não conseguiria mover-se sem que eles o soubessem, nessa altura, Al-Saud iria ter com ela.

Afastava-se àquela hora da tarde e subia a colina para reler pela enésima vez a carta que Matilde tinha escrevinhado no sábado, 30 de maio, no hospital de Rutshuru, enquanto Alamán conversava com Juana. Sabia-a de cor, porém, desdobrava o papel e relia-a porque queria ver a caligrafia dela, tão clara, arredondada, grande, um pouco inclinada para a direita; não era letra de médico. «Eliah», começava, e com esse início lacónico, ele, que a conhecia tão bem, apercebia-se do castigo que lhe impunha por ter desaparecido sem a avisar. «Eliah, Alamán acaba de me dizer que tiveram de sair do Congo com urgência no domingo à noite. Espero que não tenha acontecido nada de grave. O teu irmão não o mencionou e eu não quero perguntar-lhe.

Dentro de momentos, iremos até à missão. Jérô ficará dececionado por não te ver porque ontem falei com ele pelo rádio e disse-me que tinha uma surpresa para ti. Amélie espera por mim com notícias sobre a adoção de Jérôme e eu estou muito ansiosa por isso. Deus queira que sejam boas novas, mas estou preparada para a burocracia implicada em tudo isso. Não me interessa.

Estou contente porque Siki, a menina que se salvou graças a ti, regressou à missão nos braços da mãe, que antes a rejeitava por ser o fruto de uma violação; e também estou contente porque uma das minhas pacientes, a primeira a quem fechei uma fístula dupla, está a evoluir muito bem. O seu nome é Kutzai. Além disso, Bénédicte, a menina a quem extirparam o clítoris, lembras-te de te ter falado dela?, em breve terá alta. Amélie encarregar-se-á dela porque a família não a quer.

Tenho de me apressar porque Alamán está ansioso por ir até casa de Joséphine.

Se puderes, fala-me para o rádio da missão. Gostaria de ouvir a tua voz. Matilde.»

Não tinha cumprido o seu desejo. O domingo, só com um dia na mina, tinha sido um dia intenso e nada, nem sequer Matilde, podia tirar-lhe a concentração. No seu ofício, um engano, um cálculo errado significava a morte. E os dias que se seguiram foram igualmente ocupados e repletos de complicações; apagavam um incêndio e imediatamente deflagrava outro.

Esse instante, o entardecer, dedicava-o a ela, a reler a sua carta. Fascinava-o a ilação de factos que referia, como se os unisse uma rotina de anos. Sentia-se feliz por ela o fazer participar dos seus sucessos profissionais. Amava-a com uma força que, paradoxalmente, o debilitava, porque, como nos tornamos débeis quando dependemos de outra pessoa para sermos felizes!

Nada entre ele e Matilde era normal. Nem sequer sabia em que ponto estava a relação deles. Ela não lhe perguntava quando o veria, não lhe dizia que sentia a sua falta, menos ainda que o amava. Nunca lho tinha dito. Quando voltassem a encontrar-se, ele não se atreveria a falar-lhe de casamento porque, tinha consciência disso, os problemas que os afastaram em Paris continuavam latentes. Não se dominaria e, correndo o risco de iniciar uma discussão, atirar-lhe-ia à cara ter ido a Masisi com Nigel Taylor na terça-feira. Meyers e Sartori, os novos guarda-costas, tinham-no posto ao corrente à noite, e ele sofria desde essa altura. Felizmente, Juana tinha ido com eles no jipe, tanto à ida como à volta. Para aplacar o aborrecimento de Matilde, dir-lhe-ia que planeava falar com os Kabila em Kinshasa para que as formalidades da adoção de Jérôme se acelerassem. Estava convencido de que, com essa informação, a teria de novo disposta para o amor.

Na tarde de terça-feira, 9 de junho, Al-Saud guardou a carta de Matilde no bolso interior do seu casaco militar e desceu a colina em passo rápido. Dirigiu-se para a estrutura de chapa, semelhante a um contentor, onde guardavam as armas e as munições. Era guardada pelo nepalês Lambodar Laash, que, além de ostentar as armas oficiais da Mercure, nunca tirava do cinto a faca típica dos gurkhas, chamada kukri, cuja enorme folha de aço encurvado cortava pela base um braço se fosse brandida com destreza.

– Lambodar, porque está aberta a porta do depósito?

O ambiente no interior da estrutura mantinha-se sob condições estritas de temperatura, humidade e pressão, para evitar que o clima deteriorasse as armas ou as munições.

– O seu irmão está lá dentro, senhor.

– Alacán? – chamou Al-Saud, entrando.

– Estou aqui.

– O que procuras?

– Uns fusíveis.

– Aqui não há fusíveis. Anda. Acho que estão na tenda três.

Saíram em silêncio. Alamán continuava com o mesmo humor sombrio com que aparecera há quase dez dias.

– Não te está a agradar o trabalho? – perguntou Eliah. – Desagrada-te o local ou o calor?

– Não se trata disso. É Joséphine.

– Problemas, há? – Alamán assentiu. – As nossas mulheres maltratam-nos.

– Não estão bem as coisas com Matilde?

Al-Saud encolheu os ombros e imprimiu à sua expressão uma careta que revelava a desorientação que sentia.

– Não sei como estão as coisas, Alamán. Tenho a impressão de que caminho sobre gelo fino no que a ela se refere. Na terça-feira foi a Masisi com o imbecil do Taylor para levar uma perna ortopédica a uma criança dessa cidade. O grande filho da puta descobriu-lhe o lado fraco e está a fazer doações às crianças do Congo a torto e a direito. É óbvio que não percebeu que deve manter-se longe da minha mulher.

– O que se passa entre ti e Taylor? Porque se odeiam tanto?

Al-Saud não respondeu imediatamente.

– A mulher dele e eu fomos amantes. – Alamán deu um assobio. – Sim, já sei, cometi uma asneira maior do que o Taj Mahal.

– Eram amigos?

– Não, colegas de trabalho. Mas o pior foi a mulher de Taylor se ter suicidado quando acabei com ela.

– Merde! E agora supões que Taylor deseja Matilde para se vingar.

Al-Saud assentiu. Entraram na tenda que ostentava o número três nos seus quatro lados. Várias estruturas de metal com prateleiras de madeiras continham, por ordem e de acordo com critérios de classificação, todo o tipo de sobresselentes elétricos e dispositivos para comunicação: rádios, transístores, antenas, auriculares, cabos, transformadores, fichas, porcas, parafusos, barras de estanho, soldadoras, ferramentas e dois geradores de reserva. Alamán admirava-se com a quantidade de coisas exigidas que traziam para montar uma missão deste tipo. Tinha visitado as outras tendas, onde se guardavam os alimentos, a água mineral, a roupa, o calçado, os artigos de limpeza, os medicamentos, os tanques com gasolina; a lista parecia não ter fim. Admirava a capacidade organizativa do grupo dirigido pelo irmão. Eliah fez uma consulta num pequeno computador colocado à entrada da tenda sobre o local onde estavam os fusíveis.

– Corredor dois, estante quatro. – Encaminharam-se para aí. – Aqui tens os fusíveis. Escolhe o que quiseres. – Alamán franziu o sobrolho, remexendo na caixa de cartão. – Qual é o teu problema com Joséphine?

– O pai dela.

– O que se passa com ele? Não te aprova?

– Não creio que aprove alguém. Está doente. É diabético. Cortaram-lhe uma perna e vive numa cadeira de rodas. Está agarrado à filha porque receia que ela o abandone. Não a deixa viver.

– Isso é lixado. O que diz Joséphine?

– O pai manipula-a e chantageia-a emocionalmente. Não sei o que fazer.

– Oxalá as mulheres viessem sem família – disse Al-Saud, e não pensava só em Aldo Martínez Olazábal, mas naquele que também tinha sido seu cunhado: Anuar Al-Muzara.

Sergei Markov, ao comando de um grupo de dez soldados congolese, acabou a sua ronda sem novidades por volta das seis da tarde e, ao chegar ao acampamento, como sempre e quase mecanicamente, procurou La Diana entre a multidão. Viu-a a conversar com Dingo, que depois se afastou juntamente com Viktor Oschensky e com o coronel McAllen, que também tinham acabado as suas rondas e que se retiravam para continuarem um campeonato de póquer, enquanto outros grupos iniciavam a vigilância noturna.

Markov apercebeu-se da frustração de La Diana. Não tinham dito uma palavra desde a madrugada da tomada da mina, há dez dias, quando uma bala de uma AK-47 lhe perfurou o músculo do braço. Ao aproximar-se, Markov reparou no aborrecimento da jovem com a mesma nitidez com que sentia o aroma da comida que estava a ser preparada pelos cozinheiros da Mercure.

– Diana, vou à lagoa tomar um banho. Vens?

– Estás cego ou quê? – atirou-lhe. – Não vês que não consigo fazê-lo? – Levantou o braço ligado.

– Eu tomo banho e tu olhas.

A rapariga deu um estalo com a língua, voltando-se para se afastar. Markov agarrou-a pelo braço sã, mas La Diana deu um grito e, com a agilidade de uma cobra, rodou sobre o pé direito e aplicou a Markov um golpe no peito com a base da mão. O russo dobrou-se com falta de ar, encostando o tronco às coxas. Sándor, que tinha visto o desenrolar do diálogo, aproximou-se a correr.

– Mariyana!

– Não me chames assim, raios!

Markov, antigo membro da Spetsnaz GRU, um dos grupos militares de elite mais

seletos do mundo, com um metro e oitenta e oito de altura, uma estrutura muscular de quase cento e cinco quilos e vinte anos de soldado, tinha ficado fora de combate como um novato.

– O que se passa aqui? – gritou Mike Thorton.

– Bati em Markov – informou La Diana, e Sergei não notou arrependimento no timbre da voz dela.

– Porquê?

– Tentou agarrar-me num braço.

– Quero-te na tenda de comando – ordenou-lhe Mike. – Agora! Guerin!

– Senhor?

– Examina Markov.

– Estou bem – balbuciou o russo, com falta de ar. – Não foi nada. A culpa foi minha, senhor.

Guerin e Sándor ajudaram-no a levantar-se e acompanharam-no à tenda que funcionava como enfermaria. Markov mostrava-se impaciente enquanto o paramédico lhe examinava o peito.

– Não há ruturas. Mas haverá hematoma – disse. – Mais um – acrescentou, com um sorriso trocista.

Sándor Huseinovic gostava de Markov, mesmo sendo russo. Era um tipo calado, dedicado ao trabalho, sempre atento aos outros; sóbrio, embora amigável. Não percebia o entusiasmo da sua irmã por Dingo. O australiano demonstrava ser um egocêntrico que se limitava a olhar para o seu próprio umbigo. Admitia que era um soldado excelente e que, quando trabalhavam em comando, fazia do grupo uma parte do seu próprio corpo. No tempo restante, só se interessava por si próprio e pelo seu bem-estar.

Markov saiu da tenda e Sándor seguiu-o.

– Sinto muito, Sergei. La Diana não gosta que lhe toquem.

– Sim, eu sei. Al-Saud avisou-me quando trabalhámos juntos em Paris. A culpa foi minha. Tentei detê-la. Nunca imaginei que reagisse assim. Há muito tempo que não me apanhavam de surpresa – disse, com um sorriso trocista.

– Ela passou muito mal... Em Rogatica.

– Em Rogatica? Esteve nas mãos dos sérvios?

Sándor anuiu.

– Passou vários meses num campo de concentração – disse, um pouco perplexo com a confiança porque nunca falava do martírio das suas irmãs. – A minha irmã

Leila também. As duas sofreram bastante até Eliah e um grupo de comandos irromper no campo e libertá-las.

Markov manteve-se em silêncio. Não era necessário que o rapaz lhe pormenorizasse os tormentos que La Diana e Leila tinham sofrido. Uma centelha de discernimento começava a iluminar a escuridão.

– Como lhe chamaste?

– O quê? – perguntou Sándor, despistado.

– À tua irmã. Não lhe chamaste Diana. Gritaste-lhe outro nome.

– Chamei-a pelo seu verdadeiro nome. Mariyana. Mas nunca lhe chames isso ou partir-te-á o nariz.

– Obrigado pela advertência.

Capítulo 16

Matilde entrou no quarto, tirou o roupão e colocou-o nas costas da cadeira. Estava calor, apesar de a temperatura descer durante a noite. Ligou a ventoinha do teto na velocidade mínima e a brisa suave acariciou-lhe a pele húmida. Deixou a toalha em volta do corpo e sentou-se diante do toucador, onde se dispunha a escrever uma carta para Ezequiel Blahetter, o seu melhor amigo.

Rutshuru, 10 de junho de 1998, escreveu, e parou. Encostou a ponta da caneta ao lábio e, com ar pensativo, perdeu-se nuns cálculos. Há dezassete dias que não via Eliah. Depois da separação de um mês e meio, durante a qual o trabalho a ajudara a atravessar momentos tão amargos, essas duas semanas tinham-se transformado num inferno e nada, nem o trabalho nem os amigos, a ajudavam a superar a ansiedade. Queria Eliah com ela, nesse instante. Ele, no entanto, parecia estar muito bem sem ela, porque, além de não a procurar, também não se dava ao trabalho de lhe telefonar, e ela não tinha dúvidas de que deviam sobrar os rádios e os aparelhos tecnológicos de comunicação. «Onde estás, Eliah?» A história vivida em Paris durante as ausências de Al-Saud repetia-se e ela detestava-se por permitir que os demónios da dúvida e da tristeza a atormentassem.

Os seus pensamentos tomaram um rumo que desembocou em Nigel Taylor. Falaria a Ezequiel do seu novo amigo. Visitava-a quase diariamente no hospital e demonstrava um interesse que Al-Saud lhe negava. E não se limitava a revelá-lo, expressava-o de uma forma irrefutável. Sorriu ao recordar as horas partilhadas na terça-feira da semana anterior, durante a viagem a Masisi, quando Taylor se juntou à caravana da Mãos Que Curam e foi tão amável e generoso com todos, mesmo com Vanderhoeven, que lhe lançava olhares furibundos, ganhando a admiração de Jean-Marie Fournier e de Julia e, no hospital de Masisi, da sua severa compatriota, a Dr.^a Halsey, e a dos restantes médicos. O paroxismo da admiração deu-se quando Matilde explicou o motivo da presença do senhor Taylor e mostrou a caixa de madeira que continha a dispendiosa perna ortopédica. Ajabu ofereceu-se para ir à aldeia de Tanguy e para o trazer ao hospital. A surpresa e a emoção do menino, expressa num pranto, duplicado pela mãe, encheram o peito de Matilde de uma sensação embriagadora; teria começado aos saltos e a dançar numa só perna para igualar a limitação de Tanguy.

Ao regressar a Rutshuru, esgotada e feliz, reparou que não tinha pensado em Al-Saud. No entanto, quando Taylor lhe pediu que ficasse um momento a sós com ele porque queria falar-lhe, o rosto de Al-Saud apareceu diante dela e sentiu que estava a traí-lo.

Taylor agarrou-a pelos ombros e encostou-a ao Jeep Rescue. Matilde afastou-lhe as mãos com delicadeza e olhou-o desafiante para esconder o medo. Tinha brincado com o fogo e estava prestes a queimar-se.

– Teria desejado dizer-te isto à luz de umas velas no melhor restaurante de

Londres ou de Paris, mas tu és uma rapariga fora do vulgar, pelo que me obrigas a fazer também coisas invulgares.

Matilde não se riu por causa dos nervos e achou que não conseguiria dizer uma palavra se o sangue continuasse a pulsar com tanta força na sua garganta.

– Amo-te, Matilde. Foste o que de melhor me aconteceu na vida e quero-te comigo para sempre.

O silêncio prolongou-se durante segundos durante os quais se olharam fixamente. A confiança que surgira com a amizade permitia-lhes partilhar esse mutismo e esse olhar sem incomodidade ou inquietação.

– Nigel, dizes que me amas. Desculpa, sei que te ofenderei com esta pergunta, mas preciso de a fazer.

– Força. Pergunta-me o que quiseses.

– Isto é para te vingares de Eliah? Estás a usar-me? Sei que entre vocês existe um ódio muito profundo.

Taylor afastou os olhos e franziu a boca, não por a pergunta o incomodar, mas porque o envergonhava.

– Inicialmente, quando soube que estava diante da mulher de Al-Saud...

– Como sabias que Eliah e eu tínhamos uma relação?

Apanhou-o de surpresa.

– Mantenho-me sempre informado acerca dele. Temos amigos em comum – mentiu. – Eles dizem-me.

– Porquê? Porque queres saber da sua vida?

– Porque o odeio.

– Porquê?

Nigel Taylor voltou a afastar a cara e Matilde admirou a beleza do seu perfil, de nariz longo e reto, maxilar forte e sobrancelhas de um desenho suave e, ao mesmo tempo, masculino.

– Ele não te contou, não é verdade?

– Mencionou uma velha rivalidade, nada mais.

– Uma rivalidade – repetiu, e agitou os ombros ao ritmo de um gargalhar silencioso e desgostoso. – Sim, uma rivalidade, é isso que é.

– E ficares comigo seria a tua maior vingança?

– Inicialmente, sim! – admitiu com uma veemência inesperada que sobressaltou Matilde. – Inicialmente, sim – voltou a dizer com menos vivacidade. – Mas depois... Ah, Matilde! Depois meteste-te no meu coração como nunca imaginei que uma mulher

se meteria... E apaixonei-me verdadeiramente. Talvez tenha sido esse o meu castigo por tentar vingar-me dele em ti. Agora ele não me interessa. A sério, não me interessa. – E maravilhou-se por ser verdade, por nada disso ter importância, por lhe ter arrebatado a mina de coltan e aniquilado os seus soldados, por Mandy ter morrido por culpa dele. Só queria Matilde. – Amo-te a ti pelo que és. És o que de melhor há na minha vida, Matilde. Aceitas-me?

– Nigel...

– Não digas nada agora! Sei, sei que estás confusa. Não fales. Não me dês uma resposta agora. Passámos um belo dia juntos, não é verdade? – disse depressa, nervoso.

– Sim, sim, muito bom. Estou tão agradecida por tudo.

– A sério?

– Sim, como não estaria? Hoje tornaste Tanguy e a mãe muito felizes e depressa Kabú fará a sua cirurgia reconstrutiva graças a ti. És uma excelente pessoa, Nigel.

– Não, não sou.

– Sim, és.

– Matilde... – sussurrou, com a garganta tensa, e acariciou-lhe o queixo, comovendo-se com a suavidade da sua pele, que ela protegia do sol com esmero.

– Sabes porque também te estou tão agradecida? – Taylor negou, abanando a cabeça. – Porque foste sincero comigo desde o início. E agora voltaste a sê-lo ao admitir que me usavas para te vingares de Eliah. Boa noite, Nigel.

– Boa noite, Matilde.

Embora Taylor a visitasse com frequência no hospital, não lhe exigia uma resposta nem mencionava a confissão da noite de terça-feira, ainda que Matilde se apercebesse da sua inquietação que, às vezes, lhe parecia angústia. Não precisava de pensar acerca da resposta que lhe daria, mas adiava-a porque não queria feri-lo.

Retomou a carta para Ezequiel. No quarto ouvia-se o ruído da ventoinha de teto e o arranhar da caneta no papel. Do jardim, chegavam os sons da selva, a que Matilde já se tinha habituado, o seu cheiro e a sua humidade.

Umas pancadas sobressaltaram-na. Inicialmente, achou que batiam à porta. Receou que fosse Vanderhoeven, que passara o tempo com má cara por a ter encontrado sozinha com Taylor na sala dos médicos; receava que insistisse acerca dos seus sentimentos para com ela. As pancadas repetiram-se e Matilde voltou-se com violência na direção da janela. A caneta caiu-lhe da mão e ela cobriu a boca para abafar um grito ao descobrir uma silhueta atrás do mosquiteiro de metal. Num gesto mecânico, cobriu-se com o roupão.

– Matilde – disse a figura.

Aproximou-se depressa ao reconhecer a voz. Abriu a tranca e deu uns passos para trás enquanto Al-Saud erguia o mosquiteiro e trepava ao parapeito para entrar no quarto. Saltou lá para dentro com agilidade e as suas botas quase não fizeram barulho ao cair no chão de cerâmica. Olhou em torno até os seus olhos se fixarem na cama pequena, coberta pelo tule, onde a amara depois de tanto tempo, onde o reencontro tinha sido sublime. Depois, procurou Matilde com o olhar e encontrou-a expectante, tensa, com o peito agitado e preso sob a toalha. O desejo alterou-o a ponto de lhe tirar a respiração, de o privar da fala. Tinha estado a vê-la escrever, inclinada sobre o toucador, com o cabelo húmido caído num dos lados; entretivera-se observando-lhe os caracóis pequenos, como cachos, que lhe caíam sobre a nuca branquíssima, e também as vértebras, as omoplatas e a curva das costas. Tudo aquilo era dele.

– Olá.

– Olá – sussurrou Matilde.

Sentia-se desajeitada e intimidada. Perplexa e surpreendida também. A energia de Al-Saud, que a atingia como raios quentes, mantinha-a afastada. No entanto, tê-lo à sua frente fazia-a feliz e enchia-a de ansiedade. Al-Saud aparecera no seu quarto como um ladrão e, nesse momento, observava-a com dureza. Não importava, tinha voltado para ela depois de dezassete dias. Observou-lhe a roupa militar, casaco e calças de camuflado em tons verdes e castanhos como se via nos filmes de guerra.

– Como entraste? N’Yanda fecha o portão à chave.

– Estive esta tarde com N’Yanda – disse Al-Saud, e as notas da sua voz causaram vibrações na pele de Matilde. – Agrada-me aquela mulher. É fácil falar com ela. Não tive problemas em convencê-la a deixar o portão aberto para mim.

Matilde arqueou as sobrancelhas. Al-Saud não lhe contou que, em troca do favor, oferecera dinheiro à mulher, que o recusou, não ofendida, mas com uma expressão sibilina. O que disse a seguir também lhe pareceu misterioso: «O senhor pagar-me-á um dia. Mas esse tempo ainda não chegou.» Antes de desaparecer, N’Yanda tocou-lhe no braço, não para o deter, roçando-o apenas com leveza. «O senhor é o escudo da doutora Matilde», sentenciou antes de voltar para a cozinha.

– Recebeste o meu bilhete, o que te mandei por Alamán?

– Sim – respondeu ele, e foi uma afirmação opaca, de timbre grave, que tornou a afetá-la. Al-Saud tocou no peito, à altura do coração. – Trago-o sempre comigo, tal como a medalha que me deste, ou o que resta dela – esclareceu, sorrindo pela primeira vez.

– Por onde andas?

– Estou a alguns quilómetros daqui, na mina de coltan de que te falei. – Matilde assentiu e baixou os olhos. – Não consegui vir antes.

– Nem falar comigo pelo rádio?

Al-Saud ficou a olhar para ela. Desejava-a e detestava-a em simultâneo, por ter ido com Taylor a Masisi, por ter permitido que lhe tocasse nos ombros, que lhe roçasse a face, por ter ficado sozinha com ele. Não precisava de ter dotes divinatórios para saber o que aquele filho da puta lhe teria dito.

– Viste Taylor estes dias?

– Sim.

Al-Saud riu-se com uma expressão de desprezo e desviou os olhos.

– Esse filho da puta está a tentar que o esquarteje – resmungou para consigo. – E foi ver-te para quê? O que quer de ti? O que te disse?

– Disse-me que me ama, que sou o que de melhor lhe aconteceu na vida e quer casar-se comigo.

Matilde arrependeu-se imediatamente do seu impulso. No íntimo de Al-Saud estava a gerar-se um furacão de raiva, ela sabia-o pela forma como as pálpebras lhe escondiam os olhos, pela ruga na testa que lhe aproximava as sobrancelhas formando com elas uma única linha grossa e preta, e pela agitação das suas narinas.

– E tu, o que lhe disseste?

– Não lhe disse nada. Ele pediu-me que pensasse nisso.

– O grande filho da puta pediu-te que pensasses nisso! – exclamou, esmagando a franja com ambas as mãos, rindo-se com sarcasmo e rodando sobre si próprio.

– Baixa a voz! Não quero que saibam que estás aqui. É contra as regras trazer estranhos para casa.

– Evidentemente! Que o doutor Vanderhoeven não fique a saber que estou aqui ou poderia ficar com ciúmes.

– Eliah! Pelo amor de Deus!

Pressionou o couro cabeludo com a ponta dos dedos até se libertar de alguma daquela raiva.

– Porque não lhe respondeste?

– Porque não queria magoá-lo – admitiu. – Tenho a sensação de que já sofreu muito.

– Mas não te incomoda magoares-me a mim! Consegues imaginar o que sinto quando sei que um tipo que detesto pede à minha mulher que se case com ele?

– Basta, Eliah, por favor – disse, cobrindo a testa com a mão. – Não podemos ter um momento de paz? Tens sempre de duvidar de mim? Passei dezassete dias à tua espera e agora estás aqui e atacas-me e reclamas...

Antes de Matilde ter oportunidade de terminar, Al-Saud atirou-se a ela, arrancou-

lhe a toalha, que lançou para trás, e segurou-a entre os braços.

– Matilde! – disse, com a mesma ferocidade com que a apertou.

Matilde sentiu nos mamilos e no ventre a aspereza do tecido do casaco, enquanto uma pontada nas costas a torturava, no sítio onde Al-Saud a apertava. Faltava-lhe o ar. Agarrou-se a ele, impetuosa, esfregando o seu corpo, procurando o cheiro dele, refugiando-se na sua força, mesmo na sua ira, porque a ira de Al-Saud, ao mesmo tempo que a assustava, atraía-a, seduzia-a.

– Porque me fizeste esperar tanto? – sussurrou, agitada, com a garganta seca devido ao prazer que ele lhe proporcionava ao apalpar-lhe o traseiro. Acabava de descobrir que existia um nervo no ânus ligado ao clítoris porque, quando Al-Saud lhe separava as nádegas com rudeza, ela sentia uma picadela na zona da vagina. – Porquê? – insistiu, diante do mutismo dele.

– Não pude vir antes – respondeu, ofegante, sobre o ombro nu dela. – Queria, mas não podia.

– Pensavas em mim? – provocou-o, e deixou as costas de Al-Saud, abrindo caminho entre os seus corpos e acariciando-lhe a braguilha. – Ah! – exclamou, agradada não tanto com a dureza que sentiu, mas com o calor que os genitais dele irradiavam e com o pulsar que sentiu na palma da mão. – Pensavas em mim como eu em ti? Todo o tempo? – acrescentou, com uma voz ressentida. – Não acredito.

Al-Saud soltou um grunhido e, com um movimento da mão, afastou o tule da cama e pousou-a em cima dela sem grandes contemplações. Matilde saltou sobre o colchão e instalou-se de través. Viu o fogo que ardia nos olhos escurecidos de Al-Saud e regozijou-se com a pressa com que ele tirava o casaco, pelo que recuperou parte da segurança perdida durante as semanas de espera a que ele a sujeitara. Sorriu, com uma expressão lasciva e triunfal, dobrou uma perna e esticou o corpo, como se o espreguiçasse. Depois, descontraiu. Levantou o braço e chamou o seu amante com um gesto preguiçoso.

Al-Saud desistiu de se despir. Tirou o casaco com sacudidelas violentas – tinha-se esquecido de desabotoar os botões do punho – e limitou-se a baixar o fecho da braguilha e a tirar o pénis do seu confinamento; doía-lhe. Debruçou-se sobre o corpo nu de Matilde, que o agarrou pela nuca e o aproximou dos seus lábios numa atitude descontrolada. O beijo foi intenso, profundo e portentoso, e, apesar de se terem beijado dessa forma centenas de vezes, ficaram a olhar-se, surpreendidos.

– Pensaste em mim, meu amor? – insistiu ela, mansa, doce, afastando-lhe o cabelo que lhe fazia cócegas na testa.

– Matilde! – sussurrou ele, com ardor. – Mon Dieu... Porque me és tão necessária? – E, não o dizendo em voz alta, interrogou-se também: «Por que razão é que tudo o que tem a ver contigo acarreta uma dose tão grande de angústia? Porque me transformo no que não sou quando se trata de ti?»

Embora ele tenha silenciado as suas perguntas, Matilde apercebeu-se do desespero de Al-Saud quando lhe estendeu os braços sobre a cabeça e entrelaçou as suas mãos nas dela para formar um punho fechado, de nós esticados e unhas vermelhas. Manteve-a prisioneira contra o colchão, começando a passar-lhe o queixo por barbear pelas partes mais delicadas: pelo pescoço, pelas pálpebras, pelos seios, pelos mamilos, pelo ventre palpitante. Com a roupa, até com as botas calçadas e com a arma enfiada na parte de trás das calças, com ela completamente nua por debaixo, prestes a penetrá-la a alguns metros do cretino, sentia-se feliz, em completo domínio. Nenhuma mulher lhe inspirara um sentimento de natureza tão machista e retrógrada e, ainda que isso não o orgulhasse, rendeu-se à força do sentimento e gritou-lhe ao ouvido com uma exclamação contida:

– Eu sou o único que te fode! – disse-o em francês, como costumava fazer quando a excitação ou a raiva lhe ofuscavam o raciocínio. No entanto, Matilde captou o uso vulgar do verbo baisar. – Le seul! – repetiu, e meteu-se dentro dela, que conteve o ar, soltando-o lentamente.

– Sim, o único, meu amor, o único – confortou-o, em castelhano, e Al-Saud riu de prazer porque lhe fascinou o tom maternal que ela empregou e que o levou a um nível de excitação arriscado que o fazia esquecer-se do sítio onde estavam.

Separou os dedos dos de Matilde e, com uma mão, prendeu-lhe os pulsos finos sobre a cabeça, enquanto a outra lhe acariciava o clítoris. Sentiu-o duro e inchado, tal como todo o púbis. Aumentou o vigor das investidas até Matilde arquear o pescoço e abrir a boca num grito mudo que acabou por se transformar nuns gemidos lânguidos, que se repetiram minutos depois, mas que Al-Saud não ouviu porque enterrara a cara no colchão para que este absorvesse os seus clamores. A vagina de Matilde cingia-se em redor da sua carne e o fluxo de sémen parecia inesgotável. Mesmo minutos depois, estendido inerte sobre ela, a sua pélvis agitava-se em espasmos tardios e ofegava de prazer.

– Quero que te dispas – pediu Matilde e ele, exausto, demorou algum tempo a sair de dentro dela, a rolar pela cama e a abandonar o casulo formado pelo mosquiteiro de tule.

Despiu-se com movimentos pesados. Estava cansado. Calhara-lhe uma ronda de vigilância às quatro da manhã e não voltara a dormir, nem sequer uns minutos. A expectativa do encontro com Matilde manteve-o enérgico durante todo o dia. A esta hora, depois de ter descarregado nela o desejo e a irritação acumulados durante duas semanas, sentiu um esgotamento que o comprometia até aos ossos.

Matilde deitou-se sobre a barriga, ainda atravessada na cama, e espreitou pela abertura do tule. Observou-o enquanto ele passava a toalha para limpar o suor e o resto de sémen da glande. Adorava aquele corpo magro, de músculos marcados e elásticos, que transpirava saúde e juventude. Fascinava-a aquele peito peludo e a harmonia com que o tronco se lhe estreitava nas ancas, onde a penugem rareava,

exceto a mata espessa que lhe protegia o pênis e os testículos. Ficava com a cabeça em branco pela conjunção formada pelo músculo oblíquo externo do abdômen e a espinha ilíaca anterossuperior, sobretudo pela forma como o músculo se inseria no osso e o marcava.

Os seus olhares encontraram-se e a seriedade de Al-Saud roubou-lhe o fôlego. Ficou imóvel enquanto ele rodeava a cama. Ouviu-o levantar o tule do outro lado. O colchão afundou quando Eliah apoiou os joelhos aos lados do seu corpo.

– Fica como estás, não te mexas. Adoro ver-te o rabo daqui – disse, passando-lhe a mão aberta pelas nádegas. Debruçou-se sobre ela e Matilde suspirou, aliviada, afogada e simultaneamente reconfortada pelo peso dele. – Porque não deste uma resposta a Taylor quando ele te propôs casamento?

– Porque, na realidade, não mo propôs. Disse... – hesitou. Não queria começar uma discussão e sabia que a disposição de Al-Saud se mantinha tempestuosa. – Disse outra coisa.

– O quê? – impacientou-se Eliah, mordiscando-lhe o trapézio e colocando o pênis entre as nádegas de Matilde.

– Que me queria para sempre com ele.

– E isso não merecia um «não»? – Matilde sentia o esforço de Al-Saud em não explodir.

– Pediu-me que pensasse nisso. Já te disse que não quis dizer-lhe que não nesse momento porque tinha medo de o magoar.

– A mim magoas-me. Magoas-me muitíssimo.

Matilde voltou o pescoço para olhar para ele, sem sucesso, e retornou à posição inicial.

– Desculpa-me, meu amor. Não quero magoar ninguém. Sobretudo não quero magoar-te a ti.

– Porque não me queres magoar a mim, sobretudo?

– Que pergunta!

– Quero uma resposta, Matilde. – Exigiu-lhe em voz baixa, embora o substrato ameaçador tenha saltado à vista.

– Porque... porque tu...

– Custa-te tanto dizê-lo? – Matilde guinchou quando Al-Saud, com brutalidade, a obrigou a dar meia-volta, a agarrou pelos ombros e a esmagou contra o colchão. – Porque te custa tanto dizê-lo? – A dor dele atingiu Matilde e oprimiu-lhe o peito. – Porquê? – insistiu, com maus modos, sacudindo-a.

– Porque nada mudou! Por isso! Nada mudou! Não te dá conta disso?

– Di-lo! – exortou-a em francês, nada impressionado com o soluço de Matilde. – Pour l’amour du ciel! Di-lo!

– Porque te amo! Porque te amo mais do que à minha vida! Porque te amo como nunca ameie ninguém! Porque nunca deixarei de te amar! E não quero! Não quero! Não quero... – O pranto sufocou-a.

Passados uns segundos de desconcerto, Al-Saud envolveu-a num abraço e aninhou-lhe a cabeça, ciciando para a acalmar e arrastando os lábios pela face, orelhas e testa.

– Meu amor – sussurrou-lhe muitas vezes, embargado de felicidade. – Amo-te, Matilde. Amo-te tanto... Eu não sabia...

– O quê? – perguntou-lhe entre fungadelas e soluços.

– Eu não sabia que um ser humano podia sentir isto por outro. É tão grande o que sinto por ti... – Ter-lhe-ia confiado que o assustava porque o dominava e porque era mais forte do que ele. Calou-se e voltou a beijá-la.

Acalmaram-se. Matilde tinha-se aninhado na concavidade formada pelo corpo de Al-Saud. Ele, apoiado num cotovelo, observava-lhe a penugem loura que lhe cobria as fontes e as veias azuis que se viam à transparência. Nunca tinha reparado nelas. Queria conhecê-la como ninguém.

– O que pensas de mim, Matilde?

Apanhou-a de surpresa. Na realidade, quando Eliah Al-Saud lhe ocupava a cabeça, o que acontecia na maior parte do dia, ela não pensava, limitava-se a sentir. Mas acabou por responder:

– Penso em ti todo o dia, essa é a verdade, embora não devesse dizê-lo porque já és suficientemente vaidoso e eu só vou aumentar esses níveis. – Al-Saud abafou uma gargalhada no ombro de Matilde. – E, quando penso em ti, desejo-te, necessito de ti. És-me sempre necessário. Também soffro.

– Sim, mas o que pensas de mim como pessoa? – Devido ao silêncio dela, ele bateu: – Pensas que sou um mercenário e que por isso sou uma má pessoa?

– Não, não – apressou-se a garantir, passando-lhe o indicador pelo sobrolho, para desfazer a ruga, e descendo pelo nariz perfeito até aos lábios. – Creio... Bom, creio que és orgulhoso, possessivo, vaidoso, egocêntrico, ambicioso... – Interrompeu-a a gargalhada de Eliah. – Queres a verdade? – Ele assentiu, ainda risonho. – Creio que és mandão...

– Mandão?

– Significa que queres mandar em toda a gente. Suponho que isso vem do teu carácter militar. Também creio que és impaciente e desconfiado. Sim, és tudo isso, mas também creio que és generoso, responsável, constante, embora detestes a

rotina. És um amigo e irmão excelente, um bom filho, um homem brilhante. A tua inteligência assombra-me. És honesto e honrado. Trabalhas duramente para teres o que tens, e adoro isso. Não bebes álcool e, para mim, isso é muito importante. Tratas com respeito aqueles que te servem, o que me leva a pensar que, na realidade, és bastante compassivo, mesmo quando dizes o contrário. O teu coração é enorme, mas está muito fechado, ou talvez, por estar exposto a um mundo hipócrita e perigoso, prefere tornar-se de pedra para não sofrer, para não sentir remorsos. – Sorriu antes de prosseguir: – Mas, sobretudo, Eliah, és o meu anjo da guarda, quem me cura, o meu príncipe encantado, o meu rochedo.

– E um amante excelente e maravilhoso?

– Não sei. Foste o único que tive. Não tenho referências. Embora possa garantir-te que beijei outros homens e não há nada que se compare com os teus beijos.

– Admiras-me, Matilde? Eu admiro-te profundamente, meu amor. Admiro a tua capacidade de salvar vidas. Quando salvaste Siki, quando te vi tão serena enquanto lhe abrias a traqueia... – Matilde emocionou-se por ele se ter lembrado do nome da menina, sentiu-o muito próximo e humano. – Não creio que alguém tenha amado tanto uma pessoa como eu te amei a ti nesse instante. Admiro a tua compaixão porque, na verdade, eu não sou compassivo.

– Compadeceste-te de mim e salvaste-me. Creio que não tens consciência do bem que me fizeste. Ajudaste-me a descobrir a mulher que havia em mim.

– Não me compadeci de ti, Matilde. Amava-te, desejava-te, queria que fosses minha mulher. Queria que fosses feliz.

– Foste paciente, quando sei que te custa sê-lo. Trataste-me com uma doçura infinita.

– Admiras-me? – insistiu, com a ansiedade de um menino.

– Sim, admiro-te.

– Eu sei que não. Admirar-me-ias se fosse um médico da Mãos Que Curam ou o presidente de uma fundação de beneficência. Mas não admiras um mercenário.

– O que não admiro é que mo tenhas escondido. De qualquer forma, creio que o escondeste por culpa minha. – Al-Saud franziu o sobrolho. – Achaste que eu era uma moralista implacável, dessas que pontificam julgando-se superiores aos outros, e por essa razão, protegeste-te. Odeio pensar que te inspirei isso.

– Escondi-te porque achava que estavas muito acima de mim. Porque me envergonhava. E porque tinha medo de perder-te.

– Não, meu amor, que nada te envergonhe diante de mim. Eu amo-te, Eliah. Para mim és perfeito.

Os olhos arderam-lhe e, embora quisesse dizer alguma coisa, esperou uns

segundos. Pigarreou antes de falar:

– Matilde, Santo Agostinho dizia: «Se queres conhecer uma pessoa, não lhe perguntes o que pensa, mas o que ama.» E eu amo-te a ti, com todas as forças do meu ser. E por isso sou uma pessoa melhor, por te amar, por amar alguém tão boa e pura como tu.

Ela escondeu a cara entre as mãos e mordeu o lábio para conter a emoção.

– Matilde, porque me deixaste? – Viu-a comprimir os olhos e abanar a cabeça numa negativa. Era evidente que não abordaria esse assunto. – Meu amor, é necessário que falemos das coisas que nos separaram em Paris.

– Ainda não – suplicou-lhe, com uma voz quebrada. – Não estou preparada.

– Está bem. Está bem. Tu não falas. Fá-lo-ei eu. Preciso de te explicar a história do artigo do Paris Match. Quero que saibas o que tem de verdade e de mentira.

Tratou-se de uma longa noite durante a qual Al-Saud lhe abriu o coração como nunca o fizera com ninguém, nem sequer com Takumi Kaito. Falou-lhe da sua infância e de como, graças a Gérard Moses, tinha aprendido a amar a aviação, das suas vivências na Guerra do Golfo, quando, por um erro dos serviços secretos, bombardeara um bunker com quatrocentos civis, maioritariamente mulheres e crianças. Contou-lhe que, ao pedir a desvinculação de L'Armée de l'Air, se sentira só e miserável, como se lhe tivessem amputado um membro. Durante uns tempos fingira conformar-se com a criação de cavalos frisões. No entanto, quando o general Raemmers aparecera na fazenda de Ruão e lhe oferecera um posto no seu grupo militar de elite, aceitara sem hesitar porque a perspectiva o enchia de energia. Confessou-lhe que tinha matado muita gente, não só como piloto, largando bombas e mísseis, mas com as suas próprias mãos, porém, sempre o fizera julgando que, dessa forma, o mundo passaria a ser um lugar mais seguro e melhor. Falou-lhe acerca do genocídio de Srebrenica e da história dos irmãos Huseinovic, de como tinha tirado de cima de Leila um soldado sérvio e de como, infringindo a ordem de Raemmers, voltara a Srebrenica para resgatar Sándor. Explicou-lhe que, quando abandonou o grupo militar secreto, viu que não sabia fazer nada, exceto ser um soldado. Por isso, juntamente com três companheiros de L'Agence, Tony, Michael e Peter, fundou a Mercure S.A.

– Matilde, processei o Paris Match por difamação, por injúrias. Muito do que escreveram naquele artigo é mentira ou foi distorcido. Vou limpar o meu nome e a minha reputação porque no dia em que me aceites e usares o meu apelido, quero que te sintas orgulhosa.

Matilde limitou-se a assentir, incapaz de falar. Sorriu-lhe, com os lábios trémulos, enquanto as suas mãos acariciavam o corpo nu para lhe comunicar a imensidão do seu amor. Como receava que ele abordasse o outro tema espinhoso, o da sua irmã Celia, limpou a garganta e pediu-lhe que lhe falasse acerca da mina que tinham arrebatado aos rebeldes de Nkunda. Evidentemente, Al-Saud não lhe referiu a

quantidade de mortos nem as centenas de balas e foguetes disparados, nem o míssil que lançara e com o qual pulverizara o Kamov, nem a fossa comum que mandou cavar para os corpos. Pormenorizou-lhe, no entanto, a situação dos mineiros que, de um regime de escravidão, tinham passado para outro remunerado e justo. E disse-lhe que contrataram um médico de Kinshasa para que os examinasse e determinasse o seu estado de saúde. Contou-lhe que, entre os mineiros, havia crianças e adolescentes e que os tinham devolvido às suas aldeias ou aos campos de refugiados. Disse-lhe, por fim, que estava orgulhoso do seu trabalho.

– E Nkunda? Não quererá apossar-se de novo da mina?

– Tentará. Não fiques assim! Este é o meu trabalho, meu amor. Estou preparado, como tu também estás diariamente quando enfrentas um paciente numa sala de operações.

– Tenho medo de que alguma coisa te aconteça. Não consigo expressar por palavras o que senti quando soube que te tinham dado um tiro em Viena. Quase morri, Eliah. Quis morrer.

– Não digas isso! Nunca mais digas isso. Sei muito bem o que sentiste porque Jérô mo contou e foi bastante eloquente.

– A sério? O que te disse?

– Que choravas muitíssimo porque achavas que eu estava a morrer.

Matilde estremeceu com a lembrança e Al-Saud reparou como a pele das pernas se lhe eriçava. Para afastar as más lembranças, pediu-lhe:

– Fala-me de Jérô, fala-me dele.

– Como calculava, ficou bastante desiludido por não teres ido à missão. Abraçava-o e beijava-o depois de uma semana sem o ver e ele limitava-se a esticar o pescoço à tua procura, a ver se saías do carro. Perguntava-me: «Onde está Eliah? Eliah não veio? E Eliah?» Raios o partam. – Al-Saud riu-se, comovido. – Estava tão ansioso por te ver. Um dos homens acolhidos na missão, e que é muito habilidoso com a madeira, está a ensiná-lo a trabalhá-la e ele fez-te um aviãozinho. Surpreendeu-me! Porque está bonito, com muitos pormenores.

– Estou ansioso por ver Jérô. Tentarei ir no fim de semana. Mas não posso garantir. Eu também tenho um presente para ele. Para ele e para todas as crianças – esclareceu.

O sorriso de Matilde afetou-o, como de costume.

Por volta das cinco da manhã, N'Yanda entrou silenciosamente no quarto de Matilde e, como desconfiava, encontrou-os a dormir.

– Senhor! – disse num sussurro. – Acorde! – atreveu-se a tocar-lhe no peito do pé coberto pelo mosquiteiro, e Al-Saud endireitou-se de repente, com a HP 35 na mão.

Reconheceu a silhueta da mulher através do tule. Baixou a arma e verificou se estava coberto pelo lençol.

– N'Yanda, o que se passa? – perguntou com voz rouca.

– Já passa das cinco da manhã, senhor. Tem de se ir embora. Dentro de pouco tempo os outros começarão a levantar-se. Não podem encontrá-lo.

– Obrigado, N'Yanda, vou já.

– Volta esta noite?

– Sim.

– Nesse caso, deixo o portão aberto.

– Obrigado.

A ruandesa fechou a porta atrás de si e Al-Saud separou-se do abraço de Matilde com cuidado, para não a acordar. Só tinham dormido algumas horas e ela tinha de trabalhar todo o dia. Permitiu-se observá-la durante uns minutos antes de beijá-la nas fontes e sair da cama. Vestiu-se rapidamente e saiu pela janela.

A partir desse dia, a rotina das visitas noturnas de Al-Saud transformou-se na alegria de Matilde. Na noite seguinte, a entrada de Al-Saud foi a mesma, pela janela, como um ladrão. No entanto, o seu humor mudara, estava afável e descontraído, apesar do dia duro de trabalho, com uma tentativa mal-amanhada de Nkunda para recuperar a mina, que tinham neutralizado rapidamente, embora com dois soldados congolese feridos. Na verdade, os soldados do exército do Congo, indisciplinados e mal treinados, estavam a transformar-se num problema.

Trepou ao parapeito segurando num saquinho das Galerias Lafayette entre os dentes, e entregou-o a Matilde em silêncio e com uma expressão esperançada. Matilde meteu a mão no saco sem afastar os olhos de Al-Saud e tirou um frasco de perfume Anaïs-Anaïs.

– Obrigada, meu amor. Adoro este perfume.

– Adoro como cheira na tua pele.

Matilde tentou abraçá-lo, mas ele mostrou-se renitente.

– Estou sujo, não tive tempo de tomar um duche.

– Isso não importa – garantiu ela, moldando o seu corpo, tapado apenas por um babydoll de Juana, ao dele, que sentiu tenso. – Beija-me, Eliah. Por favor.

Os lábios de ambos entraram em contacto e os dois inspiraram num arrebatamento seguido pela impaciência com que os seus braços rodearam o outro. A magia repetia-se e Al-Saud admirava-se por nunca desaparecer, por ser sempre surpreendido com a pontada de emoção própria do que é novidade e não do que se repetia muitas vezes. Nessa altura entrava num transe durante o qual as

preocupações se desvaneciam, as mágoas não existiam e a felicidade o transbordava.

Enfiou os dedos no cabelo de Matilde e aprofundou a intrusão na sua boca. Inclina a cabeça para um lado e para o outro, insaciável, cobiçoso, voraz. O assobio áspero das suas respirações, o som húmido das suas bocas entrelaçadas e os gemidos fracos de Matilde enlouqueciam-no. Empurrou-a contra a parede, continuando a beijá-la com fervor redobrado. Enredou a língua na dela, chupou-a, mordeu-lhe os lábios e lambeu-lhe os dentes. Estremeceu quando Matilde, com uma brusquidão que se opunha à sua índole de seda, lhe agarrou no rabo e o atraiu até ao seu monte de Vénus para se esfregar na sua ereção. Depois de um instante em que a sua boca permaneceu estática sobre a de Matilde, esperando que o seu pénis deixasse de pulsar dentro dos boxers, inspirou profundamente e voltou a engoli-la. Matilde, indefesa, apercebeu-se de uma sensação estranha, lá onde a língua de Eliah lhe tocava. Sob as suas pálpebras, a sensação materializava-se num círculo de luz que girava, incitada pelo estímulo dele. A velocidade aumentava segundo a segundo, e a luz do círculo tornava-se incandescente. De uma forma reflexa, Matilde prendia a respiração. Pressentia que aquilo acabaria por explodir. O círculo quebrou-se transformando-se numa corrente que se lançou em voo picado, lhe atravessou o tronco, brincou em redor do seu umbigo e acabou por envolver-lhe o clítoris, como um fio em volta do carroto, antes de acabar num estampido fosforescente, quente e mudo. Matilde deu três gritos curtos e ficou esmorecida nos braços de Al-Saud.

– Matilde, o que se passa, meu amor? O que foi isso?

Matilde estava pálida, mesmo nos lábios, e as veias que se lhe viam nas pálpebras tinham adquirido um tom azul intenso.

– Eliah, meu Deus... – Ele inclinou-se para a ouvir balbuciar. – Tive um orgasmo.

Ele desatou a rir-se, abraçou-a e mergulhou no pescoço dela, continuando a rir-se, a beijá-la e a cheirá-la.

– O teu beijo provocou-me um orgasmo – sussurrou. – É comum sentir isso?

– Não, meu amor, não. De todo.

– Os teus beijos são mágicos. Eu disse-te.

– São mágicos se forem para ti.

– Sim.

Ficaram unidos frente a frente, as mãos dele firmes na cintura dela; as dela, nos antebraços dele. As suas respirações misturavam-se e faziam-lhes cócegas na cara. Sorriam de uma forma inconsciente, mantinham os olhos fechados. A paz acolhia-os num ambiente caloroso e cheio de volúpia, tornando-os leves. O cansaço tinha desaparecido.

– Comeste?

- Não – admitiu ele.
- Vou buscar alguma coisa à cozinha.
- Não! Fiquemos assim, por favor.
- Deves ter fome – conjecturou Matilde. – N'Yanda preparou um peixe que estava delicioso. Tenho a certeza de que sobrou.
- Não quero que saias assim. Não quero que o cretino te veja.
- O cretino?
- O belga.
- Não vou sair assim, mas de roupão. Além disso, estão todos a dormir. Gostas deste babydoll? Pedi-o a Juana para o vestir para ti.

Por resposta, Al-Saud cravou-lhe os dedos na parte mais fina da cintura e inspirou de uma forma brusca. Matilde afastou-se, cobriu-se com o roupão e, ao dirigir-se para a cozinha, sentia a viscosidade entre as pernas e os ecos do orgasmo como ondas suaves que se propagavam até ao seu umbigo. Acendeu a luz e descobriu a bandeja em cima da mesa. Levantou a tampa que cobria o prato: o peixe e o arroz exalaram um aroma que lhe deu água na boca. Havia um hibisco ao lado do copo com sumo de papaia. «N'Yanda», pensou.

Al-Saud devorou a comida sentado na cama, enquanto Matilde lhe contava em pormenor os acontecimentos do dia. Ele não dizia uma palavra; limitava-se a assentir, a negar, a arquear as sobrancelhas, a rir-se sem utilizar a boca. Observava-a com atenção e permitia que o entusiasmo de Matilde, a facilidade com que se abria e comunicava e a paixão que evidenciava pela medicina e pelo género humano atravessassem as suas muralhas e o cobrissem. Poucas vezes se tinha sentido tão feliz como nessa noite. E ele, que conhecia a perversidade do mundo, disse para consigo que não existia lugar tão maravilhoso. Dependia de Matilde estar nele.

Matilde devolveu a bandeja à cozinha, lavou os pratos, secou-os e guardou-os. Ao voltar ao quarto, Al-Saud dormia na cama, completamente nu. Matilde colocou o tule mosquiteiro em volta deles e deitou-se.

Ao princípio, achou que a acariciavam num sonho erótico, até que a insistência de Al-Saud a arrancou do estado de sonolência e a guiou até à realidade da urgência do seu desejo. Ao contrário da noite anterior, amou-a com delicadeza e, incapaz de reter os pensamentos, sussurrou-os em francês, sobre os lábios, enquanto se introduzia dentro dela. «Conduzi como um louco até aqui para estar contigo. Tive-te na cabeça durante todo o dia. Não conseguia deixar de pensar no que vivemos ontem à noite. Imaginava este momento, quando estivesse dentro de ti, quando a tua vagina me recebesse e ficava duro. És o amor da minha vida, Matilde.»

Al-Saud soube que o alívio se apoderava dela quando sentiu que os seus dedos se lhe cravavam nos ombros num arrebatamento inconsciente. Imitou-a passados

instantes e mergulhou novamente a cara na almofada para diminuir o fragor que lhe saía do íntimo com a mesma violência com que ejaculava dentro de Matilde. Abandonou o corpo dela depois de uns minutos de agitação. O silêncio prolongou-se durante algum tempo.

– Matilde?

– O quê?

– Precisamos de falar de Céline. – Decorreram alguns segundos sem uma resposta. – Meu amor, por favor, volta-te. Quero ver-te.

– Está escuro. Não me verás.

– Os teus olhos brilham na escuridão. Sim, ver-te-ei. Por favor – insistiu. Por fim, Matilde voltou-se de má vontade e manteve os olhos fechados. – Olha para mim. Adoro a cor dos teus olhos. Lembro-me do impacto que tiveram em mim naquele dia, no avião.

– Sim?

– Eu ajudei-te a apertar o cinto de segurança e tu dignaste-te olhar para mim para me agradeceres. E mostraste-me os teus olhos. Lembro-me do que pensei: «Existe a cor prateada no género humano?»

O risinho de Matilde fê-lo rir-se também. O som ficou suspenso por momentos antes de desvanecer. O silêncio reinou entre eles, pesado e detestável.

– Matilde...

– Não, Eliah. Não estou preparada. Disseste isso ontem à noite.

– Porque não estás preparada?

Sabia porque não estava preparada; na realidade, nunca estaria. Receava as cenas que a sua mente conjuraria, a da sua irmã e de Eliah na cama. Às vezes era-lhe impossível imaginar duas pessoas a fazer amor. Acontecera-lhe com os avós, Celia e Esteban, e com os pais. No entanto, até lhe parecia lógico que Eliah e a sua irmã tivessem sido amantes. De alguma forma, Celia estava à altura dele, pertencia ao seu mundo. O glamour que a rodeava tornava-a interessante, atraente e intensa; ele nunca se cansaria de se entreter com as suas facetas. Mas, sobretudo, Celia tinha ovários, trompas e útero.

– O que queres dizer dela? – perguntou para evitar a pergunta de Al-Saud.

– Quero falar do que houve entre nós.

– Nem sequer suporte que digas «entre nós» – replicou. – Como pretendes que suporte o resto?

Embora Al-Saud se mantivesse em silêncio, Matilde sentia a sua tristeza e a sua aflição. Também se deu conta de que queria tocá-la e de que não se atrevia.

– Eliah – acabou por dizer, e a sua voz conciliadora atingiu-o como uma carícia –, não preciso de falar dela. O que aconteceu, aconteceu. Não quero falar mais sobre isso.

– Está bem.

Matilde soube que Al-Saud queria continuar com a conversa, queria esgotar as questões que os tinham afastado em Paris. Ela, pelo contrário, tinha pânico de enfrentar a mais penosa.

– Meu amor, posso perguntar-te uma coisa? – No seu nervosismo, Matilde achava quase risível a prudência com que ele avançava, e limitou-se a assentir. – Se não tivesse acontecido aquela cena no meu escritório do George V, quando encontramos Céline, terias terminado igualmente com a nossa relação antes de vires para o Congo?

– Sim – murmurou, colocando as mãos sob o queixo e adotando uma posição fetal.

– Porquê? Porque desconfiavas de mim? Porque pensavas que te seria infiel?

– Não só por isso – admitiu e, depois de uma pausa, acrescentou: – É verdade, sentia que não era suficiente para ti, sentia-me menos do que tu, e isso provocava-me muitos ciúmes, coisa que nunca tinha sentido, juro-te. Não me agradava – disse, num fio de voz. – Ainda hoje não gosto de sentir ciúmes de ti.

– Eu sinto-me menos do que tu – admirou-se Al-Saud. – Eu sou menos do que tu, Matilde. Como é possível que te tenhas sentido assim? Porque te sentiste assim? Fiz alguma coisa para que te sentisses assim?

– Seres um homem esplêndido e maravilhoso? – tateou ela com um humor fingido e no riso dele Matilde apercebeu-se do seu cansaço.

– Meu amor – disse Al-Saud, mas deteve-se e, como ela adivinhou a que se referia, fechou-se ainda mais no seu casulo. – Matilde, ias deixar-me porque não podes dar-me filhos?

«O que sinto?», interrogou-se ela, cerrando os dentes e fechando os olhos para travar os tremores das extremidades. «Sinto pânico. Porquê? Porque me aterroriza e envergonha olhá-lo nos olhos neste momento. Nada mudou. Eu sabia, mas deixei-me arrastar novamente pelo poder que ele exerce sobre mim. Meu Deus, ajuda-me a passar este mau bocado.» Conter os soluços tornou-se impossível porque asfixiava. Descontraiu o plexo solar e expeliu o ar com um gemido. Fechou-se por completo encostando os joelhos ao peito e desatando a chorar.

Sentiu a dor de Matilde como uma garra a rasgar-lhe o coração e a sensação de dilaceramento acelerou-lhe as pulsações. Mordeu o lábio e tentou em vão controlar os tremores do queixo, que se estenderam ao seu corpo. Aprisionou a bolinha em que Matilde se transformara e chorou com ela.

O pranto, debilitando-os, também os limpava e, minutos depois, Matilde esticou-se e agarrou-se a ele com frenesim. Al-Saud aprisionou-a com o vigor que teria

empregado se um ser maligno tivesse querido arrebatá-la. Os seus troncos entrechocavam-se, os hálitos repletos de humidade molhavam os rostos, os dedos entrelaçavam-se, as pernas enredavam-se.

– Sinto muito, meu amor – balbuciou Al-Saud em francês. – Sinto tanto, tanto. Daria a minha vida...

– Chiu – ciciou ela, com um som instável, pousando-lhe a mão trémula na boca. – A tua vida... A tua vida... é a minha vida. Não... Não quero mais nada.

Embora passar as noites com ele lhe roubasse horas de sono, Matilde sentia-se viva e todos reparavam nisso: as suas olheiras desapareciam e as faces enchiam-se porque comia com vontade. N'Yanda preparava uma bandeja com acepipes e deixava-a na mesa da cozinha, que Matilde ia buscar para partilhar com Eliah depois do amor ou das longas conversas. Mesmo que tivessem convivido em Paris, Matilde achava que nunca tinham conversado com aquele grau de intimidade, profundidade e sinceridade. Al-Saud falou-lhe da sua infância, da relação conflituosa com o pai, da tentativa de sequestro por parte do grupo Baader-Meinhof, embora não lhe tenha falado da participação de Udo Jürkens. Também lhe referiu a amizade que mantinha com Takumi sensei e a influência que o japonês exercera nele, na sua conceção da vida e da morte. Por fim, falou-lhe de Samara e confessou-lhe que a dor da sua morte nunca o abandonaria devido à culpa, não só por estar com outra mulher na tarde em que ela sofreu o acidente, mas porque a evidência apontava que se tinha tratado de um atentado. Matilde, por outro lado, falou-lhe da sua família, do casamento tempestuoso dos pais, dos mecanismos da mãe para reter o pai, dos vícios e infidelidades de Aldo, da educação implacável dada pela avó Celia, que de alguma forma tinha sido a única a encarregar-se dela e das suas irmãs, da prisão do pai, do cancro, da quimioterapia e da perda de cabelo.

– Quando a quimio acabou e comecei a ter uma penugem na cabeça, jurei a mim própria nunca mais cortar o cabelo. Há anos que o deixo crescer. Às vezes, Juana convence-me a cortar um pouco as pontas, para lhe dar força, mas mais nada.

– Adoro o teu cabelo – disse Al-Saud e, agarrando num punhado de caracóis, beijou-os. – Foi graças ao teu cabelo que te descobri no aeroporto. E também adoro a minha carequinha, a ma petite tondue – garantiu, acariciando-lhe o monte de Vénus. Matilde pousou a sua mão na dele e guiou-o até baixo.

Embora o trabalho e a tensão na mina do «riacho velho» não diminuíssem com o passar dos dias, Al-Saud arranjava maneira de visitar a missão aos sábados e domingos. Na tarde de sábado em que ele e Alamán apareceram com os sacos cheios de brinquedos para as crianças, o orfanato transformou-se numa festa. As religiosas, ajudadas por Matilde, Juana e Joséphine, classificaram e selecionaram os brinquedos e escreveram os nomes nos embrulhos, enquanto as crianças esperavam, expectantes e impacientes, no refeitório, que se encheu de exclamações, risos, papéis e laços quando a repartição teve finalmente lugar. Os órfãos atiravam-se aos brinquedos,

examinavam-nos, perguntavam como funcionavam, arregalavam os olhos, riam-se, falavam todos ao mesmo tempo.

Matilde, que passeava os olhos pela cena com um sorriso, procurou Jérôme e Kabú sem sucesso. Eliah também não estava no refeitório. Um pouco preocupada e intrigada, saiu do orfanato; também não os encontrou lá fora. Correu até à casa das religiosas e encontrou-os na cozinha. Ficou imóvel e muda no umbral. Os meninos, ajoelhados no banco, com os cotovelos pousados na mesa, observavam a peça pequena que Al-Saud mexia e ouviam a explicação com grande atenção. Os lábios de Matilde curvaram-se lentamente num sorriso quando reparou na testa franzida de Jérôme, que ela conhecia e que lhe apanhava o nariz e a boca. A seriedade do assunto devia merecê-lo, disse para consigo.

– Mamã! – exclamou Jérôme ao descobri-la, e Al-Saud voltou a cabeça até encontrar os olhos grandes de Matilde. – Vê o que Eliah nos ofereceu, a Kabú e a mim! Anda, vê!

Viam-se duas caixas com fotografias de aviões de guerra na tampa e imediatamente se deu conta de que se tratava de aviões em miniatura para montar. As peças estavam espalhadas em cima da mesa, ao lado de um boião de cola, de uma pistola de colar com barras de cola transparente, de autocolantes e de ferramentas pequenas, indispensáveis a uma tarefa de precisão e delicadeza.

– Que bonito!

– Este é o meu! – disse Kabú e levantou a tampa com um F-16.

– E este é o meu! – disse Jérôme, mostrando-lhe a tampa com um Sukhoi.

Atropeladamente, lutando para ver quem contava o quê, Kabú e Jérôme puseram-na a par das funcionalidades dos caças norte-americano e russo. Al-Saud espantava-se por terem retido tanta informação.

– Eliah voou num Su-27! – orgulhou-se Jérôme. – Não é verdade, Eliah? – Al-Saud, sem erguer os olhos das partes que tentavam encastrar, assentiu. – Eliah, como se chama aquilo que fizeste? Quando puseste o avião assim? – tentou explicar-se o menino, colocando a mãozinha para cima e um pouco inclinada para trás.

– Essa manobra – disse Al-Saud – chama-se cobra de Pugachev e executa-se para evitar o inimigo que nos persegue de muito perto.

Matilde foi percorrida por um calafrio, mistura de orgulho, apreensão e excitação. Cravou os olhos em Al-Saud. Este, no entanto, permaneceu com o olhar fixo nos fragmentos que colava.

– Já deram a Eliah os vossos presentes? – perguntou, e Kabú e Jérôme foram a correr buscá-los ao orfanato. – Almoçaste? – quis saber, já sozinhos.

Al-Saud pôs-se de pé e, sem dizer uma palavra, encurralou-a contra a mesa, cobriu-lhe a parte posterior da cabeça com a mão aberta e colou-a a ele, passando-lhe

um braço pela cintura. Matilde entrelaçou os dedos no cabelo de Al-Saud e separou os lábios, desejosa de o receber na sua boca.

– Ontem à noite estive quase a ir ao hospital para que fizéssemos amor no quartinho da limpeza. – Matilde gemeu diante da imagem que lhe veio à mente. – Não consegui dormir por tua culpa.

– Ontem à noite tivemos um banco complicado – disse Matilde, sobre a boca dele –, mas garanto-te que teria encontrado uma maneira de ir contigo até ao quartinho da limpeza. Eu também tive muitas saudades tuas, meu amor. Queria fazer amor contigo.

– Não poderei ficar esta noite. Tenho de voltar para a mina.

– Problemas?

Al-Saud abanou a cabeça para negar porque não tinha vontade de estragar o momento contando-lhe que Nkunda os atacara novamente à noite com três helicópteros artilhados, o Kamov da Spider International e dois Mil Mi-24, que, Al-Saud não duvidava, tinham vindo da Força Aérea Ruandesa. Felizmente, ao detetar a ameaça a tempo, repeliram a agressão sem perda de vidas, embora uma das carrinhas tenha explodido ao receber o impacto de um foguete do Kamov, e uma das tendas, a que armazenava água e provisões, tinha sido incendiada devido a uma granada lançada por um RPG a partir do Mil Mi-24. De manhã cedo, Peter e Michael foram de helicóptero até Kisangani, a maior cidade depois de Kinshasa, a uma distância de menos de quinhentos quilómetros a noroeste de Rutshuru, para comprar água e alimentos.

Continuaram a beijar-se e a tocar-se até decidirem refrear-se.

– Basta – disse Al-Saud em francês, ofegante – ou acabarei dando-te uma queca em cima da mesa.

– Imagina se sœur Edith nos visse? – troçou Matilde, usando naturalmente a língua dele.

– Invejar-nos-ia.

– Obrigada – disse Matilde, acariciando-lhe a face por barbear com as costas da mão, enquanto ele lhe afastava o cabelo do rosto. – Obrigada por tudo isto, Eliah. Por teres trazido tanta felicidade ao orfanato.

– Amas-me um bocadinho mais por isso?

– Não sei como poderia amar-te mais do que amo. É impossível.

A correria de Jérôme e Kabú, que acabavam de irromper pela casa, obrigou-os a afastar-se e a voltar para a banqueta. Os elogios que Al-Saud destinou ao avião que Jérôme tinha feito com madeira não eram fingidos: estava assombrado com a minúcia e o esmero dos pormenores. Na parte superior das asas, Matilde ajudara-o a

escrever uma legenda em letra maiúscula de imprensa: «Para Eliah, com amor, de Jérôme Kashala». Releu a frase várias vezes, emocionado. Matilde colocou-se atrás dele, apoiou-se nas costas de Al-Saud e passou-lhe os dedos pelo cabelo da nuca, cortado rente. Sentiu-o estremecer. Inclinou-se para lhe falar ao ouvido.

– Kabú também tem um presente para ti.

Mais tarde, quando Jérôme os apanhou beijando-se com um fervor que teria atordado um adulto, começou por dirigir-lhes um olhar endurecido pelo mesmo sobrolho franzido com que observara as peças do avião em miniatura. Depois correu para eles, sorridente.

– Eliah, a minha mamã é tua namorada?

Al-Saud acocorou-se, pôs as mãos em volta da boca e respondeu-lhe ao ouvido:

– Não digas nada a Matilde, mas vou pedir-lhe que se case comigo.

Jérôme imitou-o para lhe responder e Matilde conteve o riso.

– Nesse caso, vais ser o meu papá?

– Oui.

Matilde ficou sem saber por que razão Jérôme rodeou o pescoço de Al-Saud com os bracinhos e o beijou várias vezes na cara.

Depois do alvoroço provocado pela chegada dos brinquedos, não foi fácil voltar à rotina do banho de sábado e do jantar. No entanto, as religiosas, ajudadas pelas mulheres acolhidas e por Juana, Joséphine e Matilde, conseguiram impor a disciplina do orfanato. Exaustas, recolheram-se à casa principal para comer qualquer coisa e descansar antes do terço. Ali uma surpresa esperava por elas.

Alamán pousou uma maleta de plástico preto na mesa da sala de jantar e pediu a Amélie que a abrisse. A mulher reconheceu-a imediatamente.

– Um telefone por satélite! – exclamou, e as vozes das outras mulheres ergueram-se para celebrar a oferta. – Obrigada, primos! – Abraçou-os e beijou-os antes de voltar ao aparelho. – São tão generosos connosco! Como desejávamos ter um destes!

– Mas era caríssimo! – comentou sœur Annonciation. – Não podíamos pagá-lo.

– O aparelho é caríssimo – lembrou sœur Edith –, mas também o é o serviço. Não poderemos usá-lo.

– Eliah e eu já pagámos a subscrição ao satélite de Inmarsat. E pagaremos as chamadas que efetuarem todos os meses.

– Seremos muito moderadas! – prometeu sœur Tabatha. – Não pagarão grandes contas.

– A não ser que Juana decida usá-lo para falar com Shiloah – disse Alamán.

– Cabshita! – fingiu ofender-se Juana, e desataram-se todos a rir, enquanto Juana perseguia Alamán para lhe fazer cócegas.

Joséphine, afastada e séria, não partilhava a alegria dos outros. Alamán limitara-se a cumprimentá-la para cumprir as formalidades. Custava-lhe a crer que, depois do que tinham vivido na lagoa, ele se mostrasse tão frio e distante. Desde sábado, 30 de maio, tinham decorrido treze dias sem notícias dele. Para ela, esse tempo transformara-se num inferno. Essa tarde, ao vê-lo novamente na missão, as suas esperanças renasceram para morrerem quase imediatamente quando ele se limitou a dizer: «Olá, Joséphine», de longe e sem a beijar. Achou-o bastante enérgico e tranquilo; não tinha perdido o bom humor, a simpatia ou a espontaneidade, e recebeu aquela demonstração com Juana como uma bofetada. Sem que ninguém notasse, saiu da sala de jantar e da casa das religiosas.

Matilde, no entanto, reparou que Joséphine se ia embora com a sua dor às costas. Aproximou-se de Alamán, que continuava a brincar com Juana, apertou-lhe ligeiramente o braço e sussurrou-lhe:

– Alamán, por favor, vai ter com Joséphine. Saiu muito triste.

Alamán, que se inclinara para a ouvir, ergueu-se de repente com uma expressão contrariada.

– Não creio que deseje estar comigo. Outro dia deixou muito claro que não me quer ao seu lado.

– Alamán, por favor, tu e eu sabemos que não acreditas no que estás a dizer. Joséphine adora-te. Mas tem um problema: o pai. É manipulador, mas ela não sabe como lidar com ele. A ti calhou-te uma família magnífica. Os vossos pais amam-vos verdadeiramente e sempre fizeram o impossível para vos tornar felizes. Mas eu posso falar-te um pouco de famílias conflituosas, de pais egoístas e da forma como isso nos destrói o moral e a segurança. Não quero que tenhas pena de mim ou de Joséphine. Quero simplesmente que tentes compreendê-la. A mãe é uma mulher fria e desapegada que abandonou o marido e as duas filhas, e mergulhou a família numa tristeza profunda. Joséphine, que tem um coração grande como o Congo, não consegue suportar ver novamente o pai a sofrer o que sofreu quando Gulemale o abandonou, e fica com ele para o cuidar e lhe dar o amor que a mulher lhe negou. Claramente, os papéis estão invertidos, mas Joséphine não sabe como sair do lugar que ocupa. Balduino Boel aceita o amor da filha e abusa do seu bom coração talvez por não suportar a ideia de ficar novamente sozinho, sobretudo agora que está doente.

– Uau! – espantou-se Alamán.

– Muitas horas de divã – admitiu Matilde.

– Tu e Joséphine estiveram a falar de mim?

– Joséphine está muito angustiada e procurou-me para desabafar. Ama-te e é uma das pessoas mais íntegras que conheço. O teu amor por ela não é suficiente para a

ajudar a sair do problema em que está metida?

Alamán abraçou Matilde e beijou-a antes de dizer-lhe «obrigado» com um fervor que a comoveu.

Joséphine dirigiu-se como cega para o grupo de cajueiros que, na sua opinião, formavam o local mais bonito da missão. Amava as árvores. Às vezes, muito cansada e deprimida, abraçava-se ao tronco do iroco que o seu avô tinha plantado assim que chegara ao Congo e sentia como o vigor equilibrado da árvore a invadia e lhe devolvia a paz. Em criança, quando Boel censurava Gulemale por lhe deitar a mão ao dinheiro para financiar atividades ilícitas ou para se pavonear com um novo amante, Joséphine, seguida por Aísha, corria até ao castanheiro-da-índia, trepava com a agilidade de um leopardo e passava horas nos ramos, inventando histórias, contando-as a si própria, esquecendo-se dos gritos e dos insultos que se propagavam pelas divisões da mansão familiar.

Encostou as mãos e a testa num cajueiro até a respiração, que se lhe agitara pelo esforço de conter o choro, adquirisse um ritmo regular. Lembrou-se de que tinha atrás de si a capela e decidiu visitá-la. Precisava de pedir perdão a Deus porque, desde a separação de Alamán, era assolada por pensamentos maus e perversos, chegando a desejar libertar-se da carga que o pai significava para si.

Alamán viu-a encostar a testa ao cajueiro e manteve-se afastado. Pressentiu que se tratava de um momento íntimo e não se atreveu a interrompê-lo. Escondeu-se atrás da carrinha quando Joséphine se virou e se encaminhou para a capela. Seguiu-a até aí e, na penumbra do recinto, avistou-a de joelhos no primeiro banco, com os olhos fixos no crucifixo dependurado atrás do altar.

Joséphine sentiu que o jogo de luzes e sombras mudava e voltou-se de chofre, atemorizada. Alamán ajoelhou-se ao seu lado e manteve os olhos baixos. Joséphine ficou a olhar para ele, como se se tratasse de uma aparição sobrenatural, até que, pouco a pouco, a perplexidade cedeu e a esperança tomou o seu lugar. Estendeu a mão e acariciou-lhe a orelha, o cabelo que lhe cobria a nuca, o pescoço e a extremidade do maxilar. Alamán, com os olhos fechados, moveu a cara até pousar os lábios na palma da mão que o tocava e beijou-a. Fez-lhe um traço com a ponta da língua e a vagina de Joséphine reagiu imediatamente.

– Meu amor – sussurrou, e Alamán abriu os olhos com preguiça –, porque não foste ver-me? Não sabes as saudades que senti e a falta que me fizeste.

– Achei que não me querias ao teu lado, que a minha presença te complicava a vida.

A dor de Alamán era palpável e tornou-se intolerável para Joséphine. As lágrimas transbordaram e acabaram por molhar-lhe o tecido do vestido. Alamán inclinou-se e beijou-lhe o rasto húmido que lhe atravessava as faces e inspirou o vapor da sua pele com aroma a Anaís-Anaís. Um arrepio percorreu-o quando Joséphine voltou a cara

para ir ao encontro dos seus lábios. O contacto apanhou-os de surpresa, como se se tratasse do primeiro beijo. Passados instantes, Al-Saud penetrou a boca de Joséphine que lhe devolveu o beijo com o mesmo ímpeto.

– Ajuda-me, Alamán – suplicou-lhe, momentos depois, com a cara apoiada no peito dele. – Apavora-me a ideia de te perder.

– Nunca me perderás. Sou teu, é um facto, e, mesmo que queiras, nunca conseguirás livrar-te de mim. – Joséphine riu-se entre soluços. – Quero que sejas minha para sempre.

– Sim, para sempre! Que bonito soa. Perdoa-me ter-te expulsado de casa no outro dia. Estava tão feliz pelo que tínhamos partilhado na lagoa, mas...

– Sim, já sei – silenciou-a Alamán. – O teu pai e os seus ataques. Teremos de enfrentar isso, meu amor, mas se estivermos unidos e apresentarmos uma frente comum, conseguiremos vencer esse obstáculo. Se o nosso exército se divide, vencer-nos-ão novamente.

– Não voltarei a ficar contra ti. Sei que és um homem bom e maravilhoso e confio em ti como em mais ninguém.

Frédéric apertou a faixa elástica no bíceps até as veias do braço sobressaírem. Deu umas pancadinhas com o indicador e o dedo médio no sítio onde se injetaria, agarrou na seringa que segurava entre os dentes e enterrou na pele a ponta afiada da agulha. Carregou no êmbolo e viu como a heroína entrava na corrente sanguínea. Fez efeito de imediato. Deu um suspiro de alívio e deixou-se cair na cadeira do seu escritório. Tinha-lhe sido difícil obter aquela mercadoria, um produto de primeira qualidade, de extrema pureza, e não teria podido comprá-la se Gulemale, a contragosto, não lhe tivesse dado uma enorme quantidade de dólares em troca das fotografias de Al-Saud e dela em situações escandalosas. O que faria quando o dinheiro acabasse? Desde o episódio com Joséphine e Alamán Al-Saud em Rutshuru, Gulemale praticamente não lhe dirigia a palavra e, evidentemente, não lhe dava um centavo. Tinha abusado do carácter liberal e desapegado da congoleza. Descobrir que Frédéric continuava apaixonado pela sua filha Joséphine, uma jovem cuja beleza superava a da mãe, tinha tido o seu efeito em Gulemale como em qualquer mulher: os ciúmes cegavam-na e tornavam-na intratável. Nada restava da mulher que gostava de partilhar a cama com vários homens.

Da mesma forma, Frédéric sabia que o mau humor de Gulemale não podia atribuir-se exclusivamente aos ciúmes. Desde a noite em que Eliah Al-Saud desapareceu com Mohamed Abu Yihad, arruinando-lhe os planos com a Mossad, Gulemale não tinha paz. O ligeiro corte que Al-Saud lhe fizera no pescoço cicatrizara sem deixar marca. No entanto, a marca palpitava no coração da congoleza, doía-lhe e sangrava. Frédéric, que a conhecia como ninguém, não tinha dúvidas de que, mais cedo ou mais tarde, se vingaria. Aliás, as fotografias serviriam para esse fim. Encolheu os ombros e enrugou a boca. Esse não era um problema seu e não tinha intenções de prevenir o imbecil de

Desta penosa situação, o que mais o aborrecia era que Gulemale estava a deixá-lo à margem dos negócios, não o tornava partícipe das reuniões do diretório nem o consultava antes de tomar as decisões. Não o despediria; ele sabia demasiados segredos sujos para ela se arriscar a aborrecê-lo. No entanto, a marginalização a que o submetia estava a tornar-se intolerável. As horas eternizavam-se no interior do gabinete sem nada que fazer.

Tinha tentado uma reconciliação, sem sucesso, porque Gulemale não era tonta, sabia que, na realidade, ele estava farto dela e lamentava ter acabado com Joséphine.

Dando um estalo com a língua, levantou-se da cadeira. As extremidades pesavam-lhe e a vista turvava-se-lhe. O divã, situado na outra ponta do escritório, flamejava como uma bandeira. Tinha vontade de descansar aí para que as ondas se propagassem ao longo do seu corpo. Chegou ao divã e deitou-se de barriga para cima. Na realidade, estava numa piscina e o leve movimento da água embalava-o. «Olá, Frédéric.» A voz suave e sensual arrancou-o do sono. As suas pálpebras agitaram-se antes de focar o olhar na figura de uma mulher jovem, belíssima, de pele escura, lábios carnudos, nariz pequeno e fino e olhos dourados, que se elevava sobre ele como se fosse um anjo protetor. «Joséphine», sussurrou, e a rapariga, ciciando, calou-o, o seu hálito atingiu-lhe o rosto, e Frédéric inspirou para absorver aquele aroma. «Joséphine, amo-te.» Ela não respondia e limitava-se a observá-lo com uma ternura infinita e a acariciar-lhe o cabelo. Uma paz que nunca tinha sentido fê-lo relaxar o corpo e cair num sono profundo.

Despertou horas mais tarde, encharcado em suor, apesar do ar condicionado, com o estômago revoltado e náuseas. Correu para a casa de banho – felizmente, era uma casa de banho privada dentro do seu gabinete – e vomitou até não lhe ter restado nada no estômago, exceto bilis. Enxaguou a boca com Listerine e lavou a cara várias vezes. Pediu à sua secretária um chá com açúcar e umas bolachas, e comeu-as lentamente, enquanto evocava pedaços da alucinação provocada pela heroína. Queria ter Joséphine novamente com ele. Como tinha sido estúpido ao deixar-se cativar por uma mulher como Gulemale! Se não tivesse sucumbido ao feitiço do seu corpo, da sua personalidade, da sua forma de encarar a vida e do poder que ostentava, ele estaria casado com Joséphine, seria dono e senhor de Anga La Mwezi e teria transformado os campos e a cervejeira num negócio pujante. Nisso era bom, em administrar negócios, tornando-os rentáveis. Talvez por isso Gulemale tivesse posto os seus olhos nele, para que a ajudasse a organizar Somigl, a empresa mineira ruandesa que se encarregava de comercializar o coltan quando, na realidade, não havia um grama desse mineral no Ruanda. No entanto, a sua grande paixão era a fotografia. «Meu amor, deverias dedicar-te à fotografia se é isso que te faz feliz», sugerira-lhe Joséphine há anos, com sensatez e generosidade.

Pediu à sua secretária que mandasse preparar o helicóptero Agusta A-109, propriedade da Somigl. Gulemale ficaria furiosa quando soubesse; aqueles pássaros

metálicos consumiam uma fortuna em gasolina. Estava-se nas tintas. Precisava de percorrer rapidamente a distância de cento e poucos quilômetros que separava Kigali, a capital ruandesa, de Rutshuru. Tinha urgência em falar com Joséphine. Sentia necessidade de a ver, de a abraçar, de a beijar. O estado de ansiedade aumentou o vazio que sentia no estômago.

O Agusta A-109 aterrou no parque de Anga La Mwezi. Frédéric correu, agachado, até sair do raio de influência das hélices. O barulho do aparelho tinha atraído as empregadas domésticas até à porta.

– Olá, meninas – cumprimentou, com sincera alegria.

Nenhuma lhe respondeu. Olhavam para ele com desprezo, formando um muro que o impedia de franquear a entrada. Petra, a mais velha, deu um passo em frente.

– Veio fazer o quê? Vá-se embora!

– Petra querida, tive saudades tuas. Ninguém cozinha como tu. E não irei embora sem falar com Joséphine.

– A menina não está.

– Onde posso encontrá-la?

– Não sabemos.

– Nem lhe diríamos se soubéssemos! – atirou-lhe Marie-Jean, a ajudante de Petra.

– O que se passa, Petra? Que escândalo é esse?

Frédéric reconheceu a voz de Balduino Boel e franziu os lábios. Não tinha vontade de se encontrar com aquele velho mal-humorado.

– Nada, mzee Balduino – disse Petra. – Uma visita para a menina José. Mas já vai embora.

– Quem é? Veio de helicóptero?

Frédéric abriu caminho bruscamente entre as empregadas e entrou no vestíbulo. A sensação de familiaridade caiu-lhe bem.

– Boa tarde, senhor Boel.

– Tu! – resmungou o homem, movendo as rodas da cadeira para se aproximar com a intenção de atropelar Frédéric, que recuou. – Como te atreves a pôr os pés nesta casa! Vai-te embora, desgraçado! Vai embora e não voltes mais!

– Vim falar com Joséphine. Não me vou embora até ter falado com ela.

– Vais-te embora agora mesmo! Godefroide! Godefroide! Ah! – guinchou Boel quando Frédéric se atirou a ele, asfixiando-o.

– Não irei sem ter falado com a sua filha! Ela pertence-me! É minha! Sei que não deixou de amar-me! Você não irá interpor-se entre nós!

– Não, mzee Balduino não se interporá – afirmou uma voz grossa e conhecida.

«Wambale», recordou Frédéric, sabendo que a pressão que lhe oprimia a parte posterior da cabeça era o cano da velha Winchester do preto. Endireitou-se cautelosamente.

– Quem se irá interpor serei eu e a minha espingarda – concluiu Godefroide. – Se não quiseses que te encha a cabeça de chumbo, aconselho-te a levatares voo e a nunca mais voltares. Fui claro? Na próxima vez não terei a paciência de te explicar. Limitar-me-ei a disparar.

Wambale manteve a arma apontada até Frédéric entrar no Agusta A-109.

– Anda, descola! – ordenou ao piloto com maus modos.

Espreitou pela janela. Enquanto o helicóptero se elevava e a propriedade e a figura de Wambale diminuía, Frédéric jurou voltar. «Na próxima vez virei bem preparado.»

Estavam a torturá-lo. Conhecia o método. Nos anos 1980, quando trabalhava para os serviços secretos sírios, tinha visto como arrancavam informações a um espião israelita aplicando-lhe um torniquete na cabeça. A dor é aguda e intolerável e acaba por enlouquecer a vítima.

– Por favor – gemeu em alemão –, basta. Por favor, basta.

A enfermeira inclinou-se sobre Udo Jürkens para conseguir ouvi-lo. Nem sequer reconheceu a língua em que balbuciava.

– Monsieur Garabaín – chamou-o, tomando-lhe o pulso.

A voz penetrou nas entranhas da sua mente ofuscada e dorida e perguntou a si próprio por quem chamariam. «Garabaín», repetiu. Tratava-se de um apelido basco. Ele tinha muitos amigos no País Basco, todos etarras. Rememorou cenas passadas há poucas semanas, enquanto fugia do cerco que se cerrava à sua volta na Europa. O seu amigo Jordi arranjava-lhe um passaporte falso em nome de Iñaki Garabaín, com que conseguiu primeiro sair da Europa e entrar no Chipre, e que utilizou depois para chegar a Brazzaville.

– Onde estou? – perguntou com clareza, e o esforço transformou-se numa dor aguda que se deslocou da nuca até ao sacro. Gemeu e enrugou a cara.

A enfermeira sobressaltou-se ao ouvir o sussurro metálico que deslizou entre os lábios ressequidos do paciente.

– Está num hospital de Brazzaville – conseguiu responder. – Contraiu meningite. Agora descanse – pediu-lhe, injetando-lhe um sedante no soro.

Jürkens abriu um pouco os olhos e, por entre a frincha, avistou uma mulher de bata branca.

– Doutora Martínez? – chamou várias vezes com uma voz angustiada, caindo novamente numa inconsciência repleta de sonhos estranhos nos quais tentava chegar

até Ágata sem nunca o conseguir.

– Posso fazê-lo sozinha – disse La Diana, cortante, a Martin Guerin quando o paramédico tentou tirar-lhe o apoio do braço.

Sentia a tensão da rapariga bósnia enquanto lhe tirava a ligadura e, sem querer, os seus dedos lhe roçavam o braço. Sabia que não era a ferida de bala que a perturbava, mas o facto de estar a tocar nela. Tinham-lhe garantido que ninguém, exceto Al-Saud e o seu irmão Sándor, conseguia pôr-lhe a mão em cima, nem sequer de forma involuntária, a não ser que quisessem acabar como Markov, sem ar nos pulmões. «Uma pena», pensou Guerin, «porque esta bósnia está de matar.»

La Diana saiu da tenda a que chamavam «enfermaria» e parou a observar o acampamento. Os mineiros atarefavam-se no rio à procura de coltan, os técnicos avaliavam o trabalho e davam indicações com a água até aos joelhos, tal como os nativos, os soldados congolese treonavam-se na clareira destinada aos helicópteros. Eram tão indisciplinados, tinham tão má pontaria e sabiam tão pouco da arte da guerra, que Al-Saud em pessoa assumira a responsabilidade de os espreitar um pouco. Quanto aos homens da Mercure, a maior parte estava ocupada em tarefas de vigilância – depois do ataque da noite de sexta-feira, o grupo mantinha-se alerta –, outros descansavam, como Markov, que passara a noite a fazer rondas pela selva e que nesse momento lia deitado numa rede tecida que um tal Yuvé tinha oferecido a Eliah por o ter salvado de morrer envenenado por uma mamba-preta.

Dirigiu-se para o russo, perguntando a si própria o que é que a levava a aproximar-se dele quando há poucos dias estivera perto de lhe partir o esterno. Talvez, refletiu, se devesse à reprimenda que recebera do seu irmão Sándor. Na realidade, o discurso não a tinha afetado, exceto a frase final que ele disse, não aborrecido, mas triste. «Eles», dissera, referindo-se aos sérvios, «triunfaram porque conseguiram roubar-te a alma. Transformaram-te numa pessoa dura e implacável, Mariyana.»

Markov reparou que alguém se aproximava. Continuou a ler Albert Camus e desejou que, fosse quem fosse, passasse ao largo e não o incomodasse. Não teve sorte. A sombra parou junto dele e privou-o da luz. Afastou o livro com um gesto pouco amigável que se transformou numa expressão de assombro ao descobrir La Diana. Recompôs-se e olhou para ela com uma expressão fleumática.

– O que lêes?

Respondeu-lhe após um silêncio e um sorriso trocista, que aborreceu a jovem bósnia. O aborrecimento dela divertiu-o.

– Os Justos, de Albert Camus. É uma peça de teatro.

– É boa?

– Muito boa.

– Não sabia que gostavas de literatura.

- Na realidade, Diana, não sabes nada a meu respeito.
- Sei que és russo e diz-se que pertencias à Spetsnaz GRU.
- Insisto, não sabes nada a meu respeito – afirmou, continuando a ler. Na realidade, fingiu continuar a ler porque a proximidade de La Diana atordoava-o.
- Markov?
- Hum? – disse, sem afastar o livro.
- Quero pedir-te desculpa pelo que aconteceu no outro dia. Sei que não me portei bem. Não consegui controlar-me. Além disso, quero agradecer-te teres-me salvado a vida na noite do assalto à mina.
- Não foi nada – garantiu, atrás do livro –, nem o golpe que me deste, nem salvar-te a vida – esclareceu e, com um salto, saiu da rede e ficou em pé.

La Diana, surpreendida, recuou. Markov passou ao seu lado e afastou-se na direção do acampamento.

– Markov!

O russo deteve-se e rodou um pouco a cabeça para a ver. La Diana achou aquele olhar indiferente. Para ela, no entanto, Markov não era indiferente. Um formigueiro percorreu-a enquanto se olhavam nos olhos. De repente, descobria um novo Markov, mesmo muito atraente. Em Paris, sempre o vira de fato e gravata, e, embora se adivinhasse um corpo exercitado e maciço, com as calças militares e aquela T-shirt branca e justa, a sua figura de atleta destacava-se. Ao contrário de Dingo, o seu cabelo cortado à militar era preto, tal como os seus olhos, que a trespassavam através do espaço. La Diana pestanejou e desfez-se do feitiço.

– Disse o que sentia – insistiu.

– Disse que não foi nada – repetiu Markov, que, dando meia-volta, se afastou.

O russo encaminhou-se para a sua tenda com o coração enlouquecido. Apertava o livro de uma forma reflexa, tal como os maxilares. «Agora será à minha maneira, Diana. Levará tempo, mas serás para mim.»

Aldo Martínez Olazábal desfrutava das orações na tenda do xequê Aarut Al-Kassib. Segundo Faruq, o rapaz que o guiara até à tenda no primeiro dia e que se transformara na sua sombra, partilhar a oração com o xequê era considerado um privilégio só concedido a alguns homens.

– Porque achas que o xequê Aarut me convida para a oração, Faruq? Eu não sou ninguém para ele.

– O quê? – sobressaltou-se o rapaz. – O senhor é o pai da mulher de Aymán. E Aymán é um dos sobrinhos favoritos do xequê Aarut.

– Aymán?

– O senhor conhece-o pelo seu primeiro nome, Eliah, mas como é um nome judeu, aqui ninguém o pronuncia. Chamamos-lhe sempre pelo seu segundo nome, Aymán. Como é a mulher de Aymán, Mohamed? – interessou-se o rapaz, e os olhos negros brilharam-lhe com cobiça. – Fale-me da sua filha! Como se chama?

– Matilde.

– Matilde... – disse, emocionado.

– É a mais nova das minhas três filhas.

– É bonita?

– Belíssima.

– Oh! – O rapaz parecia extasiado. – Como é ela? Diga-me como é!

– Tem o cabelo da cor da areia. E brilha como ouro quando lhe bate o sol.

– Da cor da areia! Brilha como o ouro! Nunca vi nada assim!

– Tem os olhos cor de prata – assegurou, apontando para o punho da cimitarra que o rapaz trazia à cintura, lavrada nesse metal.

– É um anjo de Alá!

– Sim, é. Tem um coração generoso e caritativo. É-lhe muito fácil amar toda a gente. É um anjo – concordou.

– E é a mulher de Aymán! Sim, a mulher de Aymán!

– Gostas muito de Aymán?

– É o homem mais corajoso e inteligente que conheço!

– Ele vem com frequência ao deserto, visitar o xeque Aarut?

– Pelo menos uma vez por ano. Costuma passar o Ramadão connosco. Passa o tempo a meditar. Diz que precisa de voltar ao deserto para restabelecer o equilíbrio que perde no Ocidente. Também vem com os seus soldados para treinar no deserto.

– Para treinar?

– Sim. Partem, com um grupo dos nossos, para Rub al-Khali para aprenderem a sobreviver no deserto. O meu irmão mais velho acompanhou-os uma vez e contou-me que simularam uma tempestade de areia com ventiladores gigantes.

– Para quê?

– A tempestade de areia é das piores coisas com que deparamos no deserto. Sobreviver não é fácil. Disse-me o meu irmão que Aymán, na tempestade simulada, aterrou e descolou várias vezes um helicóptero. Também aprendem a reconhecer a paisagem e a memorizar pontos que diferenciam uma duna de outra, para não se perderem. Aprendem a tornar-se unos com o deserto para ficarem invisíveis. Contou-me o meu irmão que marchavam sob o sol com mochilas muito pesadas e que alguns

perdiam o conhecimento. Aymán, nunca.

Aldo apreciava as conversas com Faruq, tal como as orações na tenda do xeque cinco vezes ao dia, e as refeições com a família de Faruq, até com a do xeque, que o convidava frequentemente. Dispensava-lhe um tratamento deferente, embora circunspecto; era óbvio que não tinha confiança nele. Com o tempo descobriu que não se tratava de desconfiança, mas de prudência. Os beduínos não são apressados a avaliar os outros.

Contra os prognósticos dos agoureiros, Aldo admitia que o contacto com o deserto, essa natureza tão descarnada, virgem e respeitada pelos beduínos, lhe fazia bem. Acalmava-o, tranquilizava-o e dava-lhe paz: dormia sete horas seguidas sem necessidade de hipnóticos, coisa que não fazia há muitos anos. Com o passar dos dias, começou a compreender a que se referia Al-Saud quando dizia que no deserto recuperava o equilíbrio perdido no Ocidente. No entanto, existiam assuntos que não lhe permitiam gozar dessa harmonia. Preocupava-o especialmente a sorte do seu sócio e amigo, Rauf Al-Abiyia, porque, quando o regime de Bagdad ficasse a par do seu desaparecimento – Aldo não tinha dúvidas de que o sabiam há semanas – exigiriam a Al-Abiyia informações sobre o seu paradeiro, informação que o palestino desconhecía. Também lhe imporiam a devolução do adiantamento para a compra do combustível nuclear, e isso ser-lhe-ia impossível porque Aldo tinha transferido o dinheiro para uma conta nas Baamas, em seu nome, por nos últimos tempos ter começado a desconfiar de Rauf.

No entanto, o seu carinho por Rauf continuava intacto e desejava que a sua mestria em evitar os perigos o salvasse novamente. Esse talento, que Aldo sempre tentara imitar, mantivera-o com vida durante mais de sessenta anos num mundo onde os homens raras vezes atingem os quarenta. Recordava-o sempre nas suas orações. Sim, animava-se, Rauf devia estar bem.

No oásis Liwa nem tudo eram rezas e refeições: os homens e as mulheres trabalhavam duramente. E mesmo que Abu Yihad fosse o futuro sogro de Aymán Al-Saud e um convidado especial do xeque, não estava dispensado das tarefas que lhe correspondiam. Como Faruq informou o xeque que Mohamed percebia de cavalos, destinaram-no à cavalaria do clã Al-Kassib. Aldo ficou assombrado ao ver a figura soberba, a altura e a pelagem dos puros-sangues.

– Os Al-Kassib são famosos no mundo pelos seus cavalos – informou-o Faruq. – Vêm até aqui pessoas de toda a parte para os comprarem. O xeque disse-me que, se viessem compradores, o senhor não poderia sair da tenda enquanto eles permanecessem no oásis.

O chefe das cavalaria, Abdel-Kassam, um velho que parecia comunicar por telepatia com os animais, não só com os cavalos, mas com os camelos, cabras e até com os cães, ensinou-o a tratar dos puros-sangues Al-Kassib. Provavelmente, o velho Abdel-Kassam não sabia ler nem escrever e, no entanto, Aldo ter-se-ia atrevido a

garantir que o melhor veterinário, num confronto com o chefe das cavaliças em como curar as doenças mais conhecidas e as mais estranhas dos cavalos, teria sido eliminado num abrir e fechar de olhos. Acabava o dia de trabalho esgotado, embora com a satisfação de ter efetuado uma tarefa digna. Surpreendeu-se na tarde em que se deu conta de que nunca se sentira tão gratificado com um trabalho como com este de ajudante de Abdel-Kassam e dos seus homens.

Havia um momento do dia que esperava com ansiedade, quando Faruq e os outros miúdos o convidavam a afastar-se do acampamento para irem caçar com os seus açores e falcões. Às vezes, enquanto admirava a mestria dos jovens no domínio das aves de rapina, pensava que aquelas pessoas, que teria achado selvagens e primitivas há pouco tempo, eram na verdade espíritos bastante evoluídos e sábios. Viviam em harmonia com a Natureza e essa característica dava-lhes a paz, tão cobiçada na civilização e raras vezes atingida. Tinha reparado que, entre os beduínos, as crianças não choravam e não havia doentes, não conheciam o significado da palavra insónia nem a expressão «ataque de pânico». Eram simples, ainda que nessa simplicidade radicasse o segredo da sua sabedoria.

Enquanto os rapazes desfrutavam da caça de pequenos animais, ele observava-os e refletia acerca das circunstâncias que o tinham levado até um local tão alheio às suas origens, tão exótico, quase um sonho. «O que faço aqui? Porque estou aqui?»

Com a passagem dos dias, acabara por se convencer de que Al-Saud lhe salvara a vida ao arrancá-lo das garras da Mossad nas quais Gulemale tinha pretendido colocá-lo. Que lhe teriam oferecido em troca? Agora já não importava. Nada importava, exceto proteger Matilde. Como se arrependia de não se ter aberto com Al-Saud! Deveria ter-lhe falado de Roy, da sua centrífugadora revolucionária e do roubo dos planos por parte do Dr. Orville Wright, que os entregara a Saddam Hussein. Al-Saud tinha razão: era um insensato, sempre fora, mas havia chegado a hora de enfrentar o destino como um homem.

Perguntou ao xequê Aarut se tinha meios para comunicar com Aymán, sabendo que no acampamento dispunham de vários telefones por satélite, além de rádios de alta frequência. Depois de franzir o sobrolho, o homem, sentado nos seus almofadões, pôs o narguilé nos lábios, deu uma passa e expirou o fumo aromático, que inundava a tenda, sem ser incómodo. A seguir, negou com um movimento lento e solene da cabeça.

- Não, Mohamed. O meu querido Aymán foi muito claro: nada de comunicações.
- É importante, xequê Aarut. Peço-te em nome de Alá. É pelo bem da minha filha, a mulher de Aymán.
- Não. – O beduíno mostrou-se irredutível.
- Ela corre perigo. A vida dela corre perigo.
- Aymán sabe disso. Ele disse-me que tu e a sua mulher correm perigo. Então, se

Aymán sabe, porque estás preocupado? Ele protegê-la-á, com a ajuda de Alá, o misericordioso.

– Acabei de me lembrar de informações que poderiam ajudá-lo a descobrir os homens que procuram a minha filha.

– Sinto muito, Mohamed, mas a resposta é não.

Aldo decidiu não insistir e conformar-se.

Capítulo 17

Na quarta-feira, 15 de julho, um dia depois de o presidente Laurent-Désiré Kabila expulsar do Congo um comandante militar ruandês e substituí-lo por um nacional, Eliah Al-Saud viajou no Jumbo da Mercure até Kinshasa para falar com o seu amigo, o ministro da Defesa, Joseph Kabila, e para comprar provisões. Deram um abraço e umas palmadas nas costas.

– Como vai a exploração da mina?

– Muito bem – garantiu Al-Saud –, para já – acrescentou, com uma expressão críptica, e Kabila sorriu.

– Sim, eu sei. As coisas estão a ficar cada vez piores. Ontem o meu pai expulsou James Kabare, um dos comandantes que faziam parte do governo de coligação com o Ruanda e o Uganda. Como deves imaginar, não aceitaram isso muito bem nem em Kigali nem em Kampala. Creio que se precipitou – disse Joseph. – Sente-se seguro porque a questão política está bastante calma. Fala em expulsar também os exércitos vizinhos que ainda permanecem em território congolês.

– Os ruandeses e os ugandeses não ficarão de braços cruzados. Investiram muito dinheiro para levar o teu pai ao poder e querem ser ressarcidos.

– Já estão a ser pagos com o coltan. Tiveste problemas na mina?

– Sofremos alguns ataques de Nkunda, sim.

– O que achas que irá acontecer, Eliah?

Al-Saud instalou-se na cadeira, espetou o cotovelo no braço da poltrona e pôs a mão no queixo numa atitude reflexiva.

– Creio que haverá guerra, Joseph. Não uma guerra no sentido tradicional da palavra, mas uma daquelas chamadas guerras de quarta geração.

– Uma guerra de guerrilhas – completou Joseph –, como aconteceu no Vietname.

– Com efeito. Há demasiadas fações rebeldes envolvidas. Além disso, os governos que intervirão não quererão expor os seus soldados ou o seu armamento em batalhas desgastantes. Isso custa muitíssimo dinheiro e os países africanos não nadam na abundância.

– O que deveríamos fazer, Eliah?

– Alianças – respondeu, sem hesitar. – Sinto muito, sei que no passado as alianças mostraram ser um aborrecimento para o teu pai, mas ele precisará delas. O Ruanda e o Uganda unir-se-ão para vos enfrentar. É provável que o Burundi se junte a eles. O teu pai devia começar a falar com países amigos para que o apoiem. Isso por um lado. Por outro, deveriam convocar os chefes mai-mai e os interahamwes para os juntar aos vossos aliados. Creio que, a longo prazo, serão eles quem definirá a contenda.

– Se o Ruanda invadisse o Congo – conjecturou Joseph –, seria um escândalo internacional. As Nações Unidas apoiar-nos-iam.

– Esquece as Nações Unidas. Respondem perante as grandes potências e são elas as mais interessadas em fomentar os conflitos nos Kivus. Pasteur Bizimungu – Al-Saud referia-se ao presidente ruandês – conhece bem os meandros da política internacional. É um político habilidoso e arranjará uma desculpa bem fundamentada para provocar a invasão. O mais provável é que se aproveite do conflito tribal entre tútsis e hutus para o fazer. Não sei, penso que sacrificará alguns banyamulengues, culpará os interahamwes e, dessa forma, obterá a justificação que lhe permita invadir o teu território. Dirá que só pretende defender a sua etnia para que não se repita o genocídio de 1994. Deitará mão ao mesmo argumento de Laurent Nkunda.

– Tu e eu sabemos que a única coisa que Bizimungu pretende é satisfazer a procura de coltan dos países do Primeiro Mundo e encher os bolsos.

– Sim, eu sei. Esse é o verdadeiro motivo do conflito, mas ninguém o diz em voz alta. Há demasiados interesses.

– É quase uma maldição possuir tantas riquezas naturais. De que nos servem se os poderosos as saqueiam e o meu povo vive esfomeado e doente?

O que Al-Saud tinha para responder talvez ferisse o orgulho africano do seu amigo, pelo que decidiu calar-se. Mudou de posição, bebeu um pouco de café e pigarreou.

– Joseph, queria pedir-te um favor pessoal.

– O que quiseses, amigo.

– Trata-se das formalidades para a adoção de um menino congolês. – Kabila franziu o sobrolho e arqueou a seguir as sobranceiras. – Sim, eu sei, é estranho o que te vou pedir.

– Força. Diz-me de que se trata.

– A minha mulher...

– A tua mulher? Voltaste a casar-te?

– Ainda não, mas desejo fazê-lo a curto prazo. A minha mulher trabalha em Rutshuru, como médica da Mãos Que Curam.

– Ah! – admirou-se Kabila, aplaudindo. – Isto sim, é uma surpresa!

– Sim, é verdade. É cirurgia no hospital de Rutshuru. Conheceu aí um menino. Chama-se Jérôme. Quer adotá-lo.

– Onde está o menino agora?

– Na Missão São Carlos, das Irmãs da Misericórdia Divina, perto de Rutshuru. A superiora pôs-se em contacto com a Associação de Adoção Internacional do Congo e apresentou os primeiros documentos e formulários, mas, como sabes, as

formalidades burocráticas são demoradas.

– Deixa isso nas minhas mãos. Eu próprio falarei com o ministro de Ação Social para que trate disso. Dá-me os dados do menino e da tua mulher.

Al-Saud deu-lhe o nome e o apelido de Jérôme e soletrou os de Matilde.

– Terá a intervenção da embaixada do teu país, Eliah. Eles terão de participar em todos os requisitos legais, uma vez que Jérôme passará a ser teu filho e cidadão francês.

– Eu e Matilde ainda não nos casámos e o processo foi iniciado em nome dela.

– Garanto-te que as coisas se tornariam mais fáceis se tu e Matilde se casassem. São sempre mais propensos a entregar crianças a casais que a solteiros.

Frédéric ouviu a voz de Laurent Nkunda e espreitou o corredor dos seus escritórios em Kigali. O general era um visitante assíduo da sede de Somigl. Costumava sair de lá com uma mala cheia de dinheiro que utilizava na compra de armas e de provisões para manter o seu exército rebelde. Um dos comandantes do Congresso Nacional para a Defesa do Povo ia ao seu lado, com a cabeça baixa, ouvindo o seu chefe disparatar.

– Não fazem ideia do que custa alimentar, vestir e tratar de tanta gente! Dez mil dólares! Dez mil malditos dólares! O que quer Gulemale que faça com isto? Que compre farinha de mandioca e algumas bolachas energéticas? E depois reclama e aborrece-se quando as minas caem em poder do inimigo.

– General – chamou-o Frédéric, erguendo a mão num cumprimento.

– Frédéric, como estás, rapaz?

– Com alguns problemas, general – admitiu –, tal como o senhor, pelo que ouvi.

– Atraver-me-ia a dizer que o nosso problema é o mesmo: Gulemale.

– Não é uma mulher fácil – admitiu Frédéric. – Entrem, por favor. Aceitem partilhar um copo comigo. Tenho um Johnnie Walker etiqueta verde que é como ter um pedaço de céu na boca.

Os rebeldes acederam, de boa vontade, e instalaram-se no divã, enquanto Frédéric lhes servia uma porção generosa de whisky. Entregou-lhes os copos e instalou-se diante deles. Dirigiu-lhes um sorriso ao vê-los degustar a bebida. Tinha chegado o momento de pôr em marcha o seu plano, que tinha demorado um mês a elaborar. Era infalível.

– General, como sei que é um homem bastante ocupado, irei diretamente ao assunto. Tenho um negócio a propor-lhe. Uma coisa que lhe renderá muito dinheiro.

– Estou a ouvir-te.

– Existe uma fazenda perto de Rutshuru chamada Anga La Mwezi...

– Sim, propriedade de Balduino Boel.

– Com efeito. É um mealheiro cheio de obras artísticas de grande valor, joias, gobelinos, antiguidades. Se se apoderasse desse tesouro, obteria uma fortuna.

– Eu não percebo nada de obras de arte, de joias ou gobelinos, Frédéric. O que poderia fazer com elas?

– General, tenho um amigo, uma pessoa da maior confiança, que está no negócio das obras de arte, no mercado negro. Os colecionadores privados europeus, norteamericanos e japoneses pagam qualquer preço se a obra valer a pena. O dinheiro que se consegue é surpreendente. Garanto-lhe, general, que a fazenda Boel é quase um museu. Eu calculo que poderíamos sacar vários milhões de dólares limpos.

Nkunda e o seu comandante trocaram olhares apreciativos.

– Aviso-o de que será um trabalho fácil e difícil. Fácil porque a fazenda não tem medidas de segurança e só vivem aí Boel, um tipo velho e paralítico, a filha e alguns criados. Só um é de cuidado porque anda armado com uma Winchester. Por outro lado, será difícil porque não podem tocar num cabelo da filha de Boel. Ela é assunto meu. Eu tratarei disso.

A gargalhada de Nkunda desorientou Frédéric.

– Então estamos perante um assunto de saias e queres converter-te num herói.

– De saias e de dinheiro, general. Porque, do que obtivermos pela venda dos quadros e das outras coisas, quero cinquenta por cento.

– De maneira nenhuma. A mim cabe-me fazer a despesa maior em homens e em armas. De modo que será setenta para mim e trinta para ti.

– Quarenta para mim e sessenta para si.

– Esta é a minha última oferta: trinta e cinco para ti e sessenta e cinco para mim.

– Aceito.

– Ser-nos-á útil toda a informação que possas fornecer-nos, Frédéric.

– Preparei um mapa da propriedade e outro da distribuição interior da casa. Como lhe disse, só um empregado, Godefroide Wambale, pode ser um problema. Tem uma Winchester, que sabe manejar muito bem.

– Definiremos o dia e a hora do ataque e avisar-te-emos.

– Insisto: não podem tocar num cabelo da filha de Boel. Um último pedido, general. – Nkunda fez um gesto que o convidava a expressar o seu desejo. – Quero Balduino Boel morto.

– É o ex-marido de Gulemale, o pai da sua filha.

– Gulemale importa-se tanto com o destino de Balduino Boel como o senhor, general.

– Não quero ter problemas com ela. Já a conheces.

– Não os terá, garanto-lhe. De qualquer forma, o melhor será não a avisar do ataque ou também quererá uma fatia.

Tinham a sua rotina. Ao cair da noite, Eliah levava o irmão até Anga La Mwezi, e Alamán esgueirava-se pela janela do quarto de Joséphine para passar a noite com ela, enquanto Eliah fazia o mesmo com Matilde. Cedo, por volta das cinco e meia, ia buscá-lo e regressavam ao acampamento da mina. Alamán tinha a certeza de que o grupo de empregados de Anga La Mwezi estava a par das suas intrusões noturnas e as facilitava. Até Grelot, o golden retriever dos Boel, se mostrava inclinado a aceitar as correrias de Alamán, porque o vinha receber sem ladrar, limitando-se a ganir até Alamán o acariciar e dizer: «Lindo menino.»

Amavam-se primeiro, atizados por um desejo que crescia ao longo do dia e que explodia quando o ranger da janela anunciava a chegada de Alamán. Joséphine recebia-o coberta apenas por um roupão de gaze cor de lavanda que a sua irmã Aísha lhe tinha comprado em Victoria's Secret e, com arrebatamento, ajudava-o a despir-se. Às vezes, Alamán possuía-a vestido e depois, saciado, despia-se e juntava-se-lhe na cama, onde mantinham longas conversas. Falavam sobretudo do futuro. Al-Saud queria casar-se rapidamente e levá-la para Paris. Ela argumentava que não deixaria o pai sozinho, a que Alamán respondia:

– Nesse caso, levemo-lo para Paris para viver connosco. Comprarei uma casa enorme para que todos possamos preservar a nossa intimidade.

– O meu pai é teimoso, Alamán, e não quererá sair do Congo. Não quis fazê-lo em 1960, quando nos tornámos independentes da Bélgica e os belgas se foram embora, receosos das represálias. Não o fará agora por mim.

– Eu ficaria aqui, no Congo, mas o meu negócio e o meu trabalho são em Paris. Não teria muito que fazer em Rutshuru, querida.

A verdade é que Alamán já tinha acabado o seu trabalho na mina. Com os sistemas de segurança e as contramedidas eletrónicas bem oleadas e a cargo dos empregados da Mercure, dos que trabalhavam no terreno e dos que prestavam suporte na base, em Paris, a sua presença no Congo só se prolongava por causa de Joséphine. Em Paris esperavam-no os seus clientes e outros compromissos.

– Eu sei, meu amor. Apareci na tua vida para a complicar.

– Apareceste na minha vida para lhe trazer felicidade e para lhe dar sentido. Até te conhecer, Joséphine, nunca tinha reparado como estava só. Não quero que te angusties, meu amor. Encontraremos uma solução.

– Achas?

– Evidentemente.

– Adoro o teu otimismo!

– E a mim? Adoras-me a mim?

– A ti nem tanto – brincou e Alamán fez-lhe cócegas até lhe arrancar a verdade.

No dia seguinte à sua conversa com Joseph Kabila, Eliah visitou Matilde e trepou ao peitoril para entrar pela janela. Abraçaram-se sem dizer uma palavra. Ela tinha acabado de tomar banho e de se perfumar com Anaïs-Anaïs. Al-Saud encostou as narinas ao pescoço dela e inspirou profundamente dando a seguir um suspiro que aqueceu a pele de Matilde.

– Senti a tua falta ontem à noite. Tanto – disse, ofegante, enquanto as suas mãos lhe apertavam as bochechas do rabo e a encostava à sua ereção. – O que fizeste sem mim?

– Dormi oito horas seguidas – respondeu, com uma voz brincalhona, e Al-Saud riu-se contra o seu peito.

– Acho que terei de deixar de vir todas as noites para poderes descansar bem.

– Não te atrevas!

– Isso quer dizer que me queres na tua cama todas as noites?

– Todas – garantiu, com uma veemência que não lhe era própria e que excitou Al-Saud.

Depois de se amarem, enquanto comiam nus, sentados na cama de pernas cruzadas, com a bandeja entre eles, conversaram acerca dos acontecimentos do dia. Embora não o dissessem, ansiavam tanto por esse momento de cumplicidade e confidências como pelo sexo. Pela primeira vez, Matilde tinha a certeza de que Al-Saud não lhe escondia facetas da sua vida e de que partilhava com ela os pequenos problemas, mas também os mais sérios. Adorava que ele lhe pedisse opinião.

– Como correu com o teu amigo Kabila?

Al-Saud abanou a cabeça.

– Garantiu-me que a guerra com o Ruanda e com o Uganda explodirá de um momento para o outro. – Ergueu os olhos da sanduiche para ver a reação de Matilde. – Não quero que fiques angustiada, mas é preciso que compreendas que, com o Ruanda e o Uganda a poucos quilómetros dos Kivus, este será o foco do conflito. Talvez a Mãos Que Curam decida terminar a sua missão no Congo.

Matilde ficou a olhar para ele, entre desorientada, aflita e aborrecida. Empalideceu rapidamente, como costumava acontecer, e Al-Saud apressou-se a afastar a bandeja e a atraí-la para si.

– Eliah, não vou sair do Congo sem Jérô. Não me interessa se deflagra uma guerra mundial nos Kivus. Não saio sem ele. Não vou deixá-lo sozinho.

– Eu sei.

Colocou-a sobre as suas pernas e abraçou-a. A sua pequena e delicada Matilde era capaz de enfrentar um exército por amor do seu pretinho Jérôme.

– A minha valente guerreira sem escudo nem armas – sussurrou-lhe sobre a testa. Beijou-a nas pálpebras e foi-lhe dando beijos pequeninos nas sardas e na ponta do nariz. – Tenho ciúmes de Jérô – admitiu, com ar contrito.

– Porquê?

– Porque, para ti, ele é mais importante do que eu.

Al-Saud contemplou-a com uma fixação que lhe roubou o fôlego. O verde-esmeralda dos seus olhos intensificara-se no contorno escuro formado pelas pálpebras e pestanas.

– És a coisa mais bonita que vi na minha vida – pensou em voz alta, intimidada pela sacralidade da sua beleza. Ergueu a mão e acariciou-lhe as linhas do rosto com o indicador, maravilhada com a harmonia dos seus ossos, com a forma dos seus olhos, com a linha das sobancelhas, com o comprimento das suas pestanas. Cada particularidade falava da perfeição. – Quando te observo, Eliah, que é o que faço a maior parte do tempo que estás perto de mim, caio numa espécie de hipnose porque a tua beleza me deixa atordoadada. É nesses momentos que mais lamento não poder dar-te um filho que herde as tuas feições, a cor dos teus olhos, a forma dos teus lábios. Adoro a forma dos teus lábios – sublinhou com ênfase, desenhando o contorno com o dedo.

– Não quero filhos se tu não mos puderes dar – afirmou Al-Saud em francês. – Não quero nada que não venha de ti, Matilde. Rien – enfatizou.

– Sabes de uma coisa? Estou convencida de que viajei para Paris para te conhecer e para o Congo para conhecer Jérôme. Vocês, os dois, são parte de um plano cósmico que não seria perfeito se algum dos dois faltasse. Quando conheci Jérôme, o vínculo tão estranho que me unia a ele recordava-me aquele que me tinha unido a ti em Paris. Tratava-se de um laço de que não podia fugir, por mais que tentasse. Tu e ele são o meu destino. Para mim, são uma mesma coisa. O meu homem e o meu filho.

– Matilde! – sussurrou Al-Saud, começando a beijá-la, desenfreado. Tentava comunicar-lhe com a sua paixão o que as palavras não conseguiriam explicar.

Voltaram a amar-se e, enquanto ele se movia sobre ela, olhavam-se nos olhos e sorriam, ditosos, felizes, esquecidos de que estavam num país prestes a entrar em guerra e rodeados pela doença, pela pobreza e pela dor. Bastavam-se um ao outro. Um começava e o outro acabava. Não precisavam de mais nada. Quando Eliah terminou, ainda arquejante e sensível devido aos últimos tremores de prazer, falou-lhe com uma emoção e um desespero que afetaram Matilde, a ponto de a fazer deter a respiração agitada e ficar em suspenso, imóvel debaixo dele.

– Não te mereço, Matilde, eu sei. O meu espírito é muito inferior ao teu. Mas não consigo viver sem ti. Por favor, aceita-me como teu marido. Marie-moi, Matilde. – E,

sem lhe dar tempo de expressar uma resposta, pôs-se a explicar-lhe isso do «não consigo viver sem ti» e descreveu-lhe as primeiras horas sem ela, depois de os seus olhos se terem cruzado no aeroporto Charles de Gaulle e de ele ter fugido por lhe ser intolerável a ideia de a ver partir. Falou-lhe dos primeiros dias sem ela, enquanto se torturava na casa de Ruão ouvindo o Adagio de Albinoni e a Sarabanda de Händel, e pormenorizou-lhe as primeiras semanas na casa da avenida Elisée Reclus, onde a via em cada quarto e onde esteve prestes a perder o juízo por ficar horas a olhar para Matilde e o caracol.

– Sim – murmurou Matilde, e Al-Saud continuou a falar, mergulhado naquela narração catártica. – Digo que sim. – Perante a expressão alterada dele, Matilde esclareceu: – Digo que sim, que aceito, que quero ser tua mulher.

– Sim?

– Sim, meu amor, sim. Quero ser tua mulher. Sabes que não acredito na instituição do casamento, mas se para ti é tão importante... – Al-Saud deu um grito de alegria e abraçou-a. – Eliah, vais acordar toda a gente!

– Que me importa! Estou tão feliz que seria capaz de dar um abraço e um beijo ao cretino. Sim, para mim é muito importante!

– Porque é tão importante? Não é mais do que uma formalidade fria que fica escrita num livro frio.

Al-Saud conteve as palavras antes de as proferir, porém, Matilde reparou que a sobriedade se apoderava dele, embora perdurasse um sorriso que o iluminava. Não queria dizer-lhe que precisava que o Estado com o seu poder a fizesse compreender que era dele, que, apesar de ela ser uma criatura superior, pertencia a Eliah Al-Saud, um mercenário, um ser inferior. Madame Al-Saud. Doctoresse Al-Saud. Quase mastigou o nome, que se acolheu na sua boca, se enredou na sua língua e lhe provocou um formigueiro que acabou por despertar o seu membro saciado.

– É importante porque nos convém – respondeu em vez disso. – Joseph Kabila, que prometeu ajudar-nos com a burocracia relativa a Jérô, disse-me que os juizes são mais propensos a conceder a adoção a um casal legalmente constituído que a uma pessoa solteira.

– Nesse caso – replicou Matilde, seguindo-lhe o jogo – casas-te comigo só por uma formalidade legal?

– Claro, o que pensavas?

– Que me amavas, que me querias para sempre ao teu lado, que não conseguias viver sem mim.

Al-Saud passou-lhe várias vezes a mão pelo cabelo. Nunca afastou os olhos dela.

– Peço-te que cases comigo porque te amo para lá do que é compreensível, porque te quero sempre ao meu lado e porque não consigo viver sem ti. Sem a minha

Matilde, não. É tão simples como isto: não vivo sem a minha Matilde. Sem ela, só respiro e subsisto.

A partir da noite em que Matilde aceitou ser sua mulher, para Al-Saud transformou-se numa obsessão supersticiosa chegar ao dia em que ela diria o sim diante de um juiz. Receava que o tempo lhes pregasse alguma partida desagradável, que os separasse. Andava inquieto, nervoso e, admitia-o, muito chato. «Quando? Em que dia? Marca uma data. Que tal no fim do mês? Thérèse e Victoire tratariam de apresentar a documentação na Câmara do Septième Arrondissement. Íamos a Paris, casávamo-nos e voltávamos. Não é uma loucura! É o melhor! Pensa no processo de Jérô», tentava-a, enchendo-a de ternura.

Não haveria cerimónia religiosa porque nenhum deles a desejava. Deus tinha abençoado o amor deles e a sua união há muito tempo.

A indiferença de Sergei começava a irritá-la. «Sergei.» Desde quando pensava nele como «Sergei»? Antes chamava-lhe Markov. E não saberia o nome próprio dele se Matilde não lho tivesse perguntado quando a protegiam em Paris.

Há semanas, o coronel McAllen encarregara-os, a ela e a Markov, de criar uma unidade de treino para os soldados do exército congolês e para uns aldeões que tinham aparecido na mina a pedir trabalho, entre eles Yuvé, que ainda ostentava as marcas dos dentes da mamba-preta, que mostrava com orgulho. Esclarecia sempre que «mzee Al-Saud» lhe tinha salvado a vida.

La Diana recusava-se a admitir que esperava expectante as reuniões que manteria com Sergei para organizar as atividades do dia. Eram ocasiões de conversas de cariz profissional e impessoal. Todavia, desfrutava delas como há muito tempo não desfrutava de nada. Ainda que dissimulasse e nunca o mencionasse, admirava-se com os conhecimentos de Markov acerca de armas, de táticas de ataque, de camuflagem e de sobrevivência, e também com a facilidade com que ensinava e com que ela aprendia. Gostava de o ver limpar a sua VSS Vintorez, a espingarda russa preferida dos franco-atiradores e que, segundo Lambodar Laash, revelava o passado de Markov na Spetsnaz GRU. Tinha começado a espiá-lo enquanto ele se exercitava. Uma vez vira-o fazer oitenta flexões, continuar com uma centena de abdominais e levantar-se como se nada fosse. Os músculos dos braços dela ficaram em tensão só de imaginar o esforço.

Markov era sóbrio e não precisava de iludir ninguém, ainda que se mantivesse atento às necessidades do grupo. Os outros respeitavam-no pelo seu desempenho como soldado e não se metiam com ele. Por isso, La Diana gostou que Markov e Sándor se tornassem amigos. Deu-se conta de que a amizade nascera depois de ela ter deixado o russo com falta de ar. Observava Sándor, tão normal no seu comportamento, e desejava ser como ele. Há anos ela era assim: espontânea, risonha, alegre e confiante. Os sérvios tinham-se encarregado de a reduzir a esta criatura taciturna, medrosa e ressentida, que não tolerava o contacto humano e que ficava de

sobreaviso quando alguém lhe perguntava as horas. Sándor tinha razão: os sérvios haviam triunfado. Ela fora destruída e não sabia como levantar-se das ruínas.

A sua ansiedade também aumentava quando se aproximava a hora de se afastarem do acampamento para iniciarem o treino dos grupos, o dos soldados ou o dos aldeões. Ela sentia que, embora sério e distante, Sergei, diante dos homens, tratava-a com respeito e reconhecia o seu valor. Uma tarde, enquanto os aldeões exercitavam os seus corpos definhados, La Diana perguntou-lhe:

- É tão duro quanto dizem o treino para ingressar na Spetsnaz GRU?
- Deduzes que fui membro da Spetsnaz GRU – afirmou o russo.
- Foste?
- Porque queres saber?

La Diana encolheu os ombros e pôs uma expressão indiferente.

- Curiosidade.
- La Diana, curiosa? Isso sim, é uma novidade! – disse, risonho. E, com os braços cruzados à altura do peito, rodou a cabeça para olhar para ela. La Diana também olhou e, por instantes, os sorrisos irónicos congelaram. Era impossível evitar o fluxo de energia que os atraía. Markov quebrou o contacto primeiro e afastou-se na direção dos aldeões.

Outro dia, com o pretexto de o consultar acerca das armas que devia preparar para o treino, aproximou-se da rede onde Markov lia. Ele solucionou a dúvida num instante e voltou a mergulhar na leitura.

- Está em russo?
- O quê? – disparou ele, aborrecido e afastando o livro.
- Se o livro está em russo.
- Não, em inglês.
- Como se chama?

Markov olhou para ela com um ar entre divertido e iracundo antes de responder.

- Lolita, de Vladimir Nabokov.
- Sándor diz que estás a ensinar-lhe russo. – Ficou a olhar para ela sem nada que acrescentar. – Eu também gostava de aprender.

A impaciência fingida do mercenário foi posta à prova nesse momento, mas ele preferiu esconder-se atrás de Lolita a tentar disfarçar a expressão triunfante.

- Estás a pedir-me que te ensine russo ou simplesmente a manifestar o teu desejo de um dia o aprenderes? – perguntou-lhe com soberba e voz trocista, da sua cómoda posição na rede, sem afastar o livro do rosto. Não a via. No entanto, sentia a

fúria e a incomodidade de La Diana. Admirou-se que ela lhe respondesse calmamente.

– Gostaria que me ensinasses.

– Em troca das aulas de russo, Sándor está a ensinar-me Krav Magá e Ninjutsu, que aprendeu com Al-Saud. E tu, o que podes dar-me em troca? – interessou-se, afastando o livro para a ver.

– Posso pagar-te.

– E o que faria com dinheiro neste sítio?

– Poupavas? – sugeriu ela, altaneira, e Markov apreciou que voltasse ao ataque.

– Há muito tempo que não como um bom borsch, e Sándor diz que tu preparas o melhor.

– Falas de mim com Sándor?

– Não, de ti não. Falamos de comida. Cozinhas borsch para mim de cada vez que te der uma aula?

– Cozinho, mas antes tenho de perguntar a Dante e a Kimi – La Diana referia-se aos cozinheiros da equipa – se me deixam usar a cozinha. Além disso, tenho de encontrar beterraba. Não vai ser fácil.

Outra alteração que La Diana apreciava nos dias turbulentos da selva congoleza era a sua crescente indiferença relativamente a Dingo. Tomou consciência deste facto uma vez que o australiano lhe dirigiu a palavra e as suas pulsações não dispararam. Começou a vê-lo sob um prisma mais realista. Ainda que fosse um exímio profissional da guerra, o resto do tempo comportava-se como um fedelho brincalhão, bastante convencido, que só falava dos melhores mares para surfar e para fazer mergulho. E ainda que fosse paradoxal, enquanto ela abandonava as suas intenções de se aproximar dele e de o fazer apaixonar-se por ela, Dingo dava mostras de saber que La Diana existia.

As aulas de russo alternavam-se com as reuniões para planear o treino e com o próprio treino. Além disso, McAllen formara um novo grupo de vigilância comandado por Markov, com La Diana como segunda no comando, razão pela qual passavam juntos a maior parte do dia, às vezes da noite, comprometidos nas suas rondas.

Às mudanças operadas na disposição de La Diana, juntava-se a curiosidade. Nunca fora curiosa, nem sequer em criança. Nela não havia o impulso que domina tanta gente de ficar a par das vidas alheias. No entanto, precisava de conhecer Markov, as informações básicas – onde nascera, quem eram os seus pais, qual o dia do seu aniversário, quantos irmãos tinha – e também outras mais interessantes como, por exemplo, o seu suposto passado na Spetsnaz GRU e se era verdade que o tinham expulsado da Libéria por ter mantido relações sexuais com a sobrinha do presidente Taylor. Às vezes, deitada na sua cama sem conseguir dormir, imaginava-o envolvido numa cópula com uma jovem africana voluptuosa, de curvas flexíveis e carácter

apaixonado, e fechava os olhos com força porque havia um momento em que a mulher negra se transformava numa branca. Detestava o calor que lhe ardia entre as pernas. Na verdade, estava a irritá-la a fixação por aquele homem.

Durante as aulas de russo, Markov mantinha-se distante no seu papel de professor. Tal como com os seus conhecimentos na arte da guerra, transmitia com facilidade os da sua língua materna. «É generoso», concluiu La Diana, «por isso é um bom docente. Porque dá o que sabe sem regatear.» Felizmente, conseguiu arranjar beterrabas – N'Yanda, a cozinheira da Mãos Que Curam, fornecia-as a pedido de Al-Saud – e fazia-lhe borsch. Gostava de o ver saborear cada colherada que levava à boca. Nunca dizia se estava boa, se lhe faltava sal ou se lhe sobrava pimenta. Comia-a em silêncio e devorava dois ou mesmo três pratos. Os outros cobriam-na de elogios, até Dingo.

Com o correr dos dias, La Diana convenceu-se de que Markov tinha perdido o interesse por ela. Não era de admirar. Nunca o tratara amistosamente, nem sequer cordialmente, e quase lhe partira o esterno. Por que razão ser-lhe indiferente a deprimia?

Uma tarde, enquanto treinavam os soldados congoleses na técnica do rappelling, La Diana sentiu uma súbita fraqueza no braço, largou demasiada corda, caiu uns metros a grande velocidade e, ao travar bruscamente, torceu o pulso. Deu um grito. A dor misturou-se com o orgulho ferido e a vergonha porque Markov tinha-lhe dito que não participasse nessa prática com o braço ainda convalescente. Diria que era insensata, caprichosa e convencida.

Markov, pendurado na outra extremidade do penhasco, moveu-se lateralmente, contornando os soldados que desciam entre ele e La Diana, e chegou junto dela em menos de três minutos.

– O que se passa?

– O pulso – murmurou. – Dobrei-o quando tentei travar – e, embora tenha ficado à espera do «eu bem te avisei», este nunca chegou.

– Não conseguirás descer sozinha.

– Sim, consigo – obstinou-se e tentou mexer a mão, coisa que lhe provocou uma pontada dolorosa. – Merda! – exclamou.

– Descerás comigo.

– Não! – Lançou-lhe um olhar aterrado que afetou Markov e o fez pensar imediatamente nos vexames que teria sofrido às mãos dos sérvios e nas feridas que teria marcadas a ferro e fogo.

– Diana, não conseguirás descer sozinha. Não tenho nada com que prender-te o pulso. E desconfio que não conseguirias descer mesmo que o ligasse.

– Sim, conseguirei!

– Diana. – A entoação de Markov fê-la erguer os olhos. – Deixa-me ajudar-te.

– Como o farias?

– São uns vinte metros até ao chão. A minha corda aguenta-nos a ambos. Terei de te tirar o arnês para que te abrace a mim. Atarei esta corda à minha cintura e à tua para permanecermos unidos.

– Não – replicou, angustiada, e o russo apiedou-se dela. – Chama Sándor. Ou Eliah.

– Ouve-me, Diana – disse, num tom de voz íntimo. – Sei que não suportas que te toquem, aprendi-o da pior maneira – acrescentou, risonho. – Mas não lhe dês tanta importância. Será só um roçar involuntário. Nada mais.

Todos sabiam que não podiam tocar nela. Porém, ninguém falava nisso abertamente. Markov era o primeiro a trazer à tona a sua fobia. Fizera-o com respeito e até com carinho. Assentiu para dar consentimento. O homem moveu-se com cuidado enquanto a desembaraçava do arnês e amarrava uma corda para unir as suas cinturas. Deu um puxão um tanto brusco, e o nó especial deslizou até ficar junto deles.

– Acho que não conseguirei suportar – balbuciou La Diana.

– Consegues, sim. És demasiado inteligente para te deixares vencer por este medo. Agora alargarei a fivela. Não tenhas medo, não te soltarei. A corda prende-te a mim. Passa o teu braço bom pelo meu pescoço, agarra-te. Ainda tens curiosidade em saber se fiz parte da Spetsnaz GRU?

– O quê? – perguntou La Diana, perplexa e ensurdecida pelas suas próprias pulsações.

A proximidade a Markov era-lhe intolerável e começava a arrepender-se de ter aceitado a sua ajuda. Com as cabeças tão próximas, La Diana tinha uma visão perfeita da orelha do russo e uma noção completa do aroma da sua pele.

– Se ainda tens curiosidade em saber se fui membro da Spetsnaz GRU.

– Sim – balbuciou e, ao afastar a cara para olhar para ele, achou-o atraente com o sobrolho franzido devido ao esforço.

– Sim, fui membro da Spetsnaz GRU – confirmou-lhe, ofegante e alargando a corda para tentar a descida. – Fui-o durante quinze anos. Acredita, é muito tempo para sobreviver naquele desgraçado grupo de elite.

– Porquê? – interessou-se, apesar de sentir a garra do medo em redor da garganta. De facto, as palavras saíam-lhe como grasnidos. Não queria ter um ataque de histeria, não a vinte metros de altura e diante de Markov.

– Porque na Spetsnaz GRU nos treinam para enfrentar a morte em cada missão e sair airosos. Nem sempre o conseguimos.

– Estás bem? – perguntou com ansiedade face à careta de dor do russo.

– Sim, muito bem.

– Perdeste muitos amigos?

– Sim, vários. O meu melhor amigo perdi-o na Geórgia. Foi uma missão pavorosa. Eu saí de lá com três balázios, meio morto.

A proximidade com Markov era uma novidade para La Diana. Com efeito, quando as fizeram prisioneiras e as prenderam no campo de concentração, Leila e ela eram virgens, e nunca tinham tido namorados – sabiam muito pouco acerca da intimidade entre um homem e uma mulher.

– Inspira profundamente – aconselhou-a Markov – e tenta descontrair o estômago. Falta pouco. Queres saber quantos tiros recebi ao longo da minha carreira na Spetsnaz GRU? – La Diana balbuciou um «sim». – Dezasseis. Posso prová-lo. Todos eles deixaram a sua marca.

– Acredito.

– Não me estou a gabar, Diana – esclareceu, e a voz saiu-lhe tensa porque tinha iniciado uma nova etapa da descida.

– Sei que não estás a gabar-te.

– Como sabes?

– Porque nunca o mencionaste, nem nas reuniões após o jantar, quando todos contam as suas histórias, nem nas longas horas que passámos juntos a olhar por Matilde. Fazes isso agora para me distraíres.

– Estou a conseguir? – Ela disse que sim. – Porque querias saber se tinha estado na Spetsnaz GRU?

– Porque Zlatan disse uma vez que era duríssimo passar o período de admissão. É verdade?

– Sim, é verdade. Durante os dezoito meses do treino, submetem-nos a situações tão perigosas como as próprias missões, sem usar cartuchos vazios ou balas de borracha.

– Inacreditável! É verdade que alguns morrem durante o treino?

– Nenhum do meu grupo morreu, mas muitos ficaram pelo caminho porque não conseguiam continuar. Alguns tiveram esgotamentos nervosos. Só vendo. Choravam como crianças – disse, sem troça, antes com piedade. – Chegámos – anunciou Markov e La Diana soltou uma exclamação, surpreendida. O que há minutos lhe parecera uma tortura acontecera depressa, sem que ela sofresse um ataque de pânico. Sentia-se feliz por ter enfrentado o seu pior demónio e saído vitoriosa. Sabia que não o teria conseguido sem a ajuda e a contenção de Markov.

– Obrigada – murmurou, e, com o olhar, tentou transmitir-lhe a dimensão do seu agradecimento.

– Não tens de quê. – Enquanto se ocupava do arnês e da corda, Markov disse, como que de passagem: – Começámos mal, nós os dois, não é verdade, Diana? – Soube que não teria resposta. – Estiveste muito bem. Felicito-te.

– Obrigada, Sergei.

Markov levantou a cabeça rapidamente e ficou a olhar para ela. Na sua expressão endurecida, La Diana não soube descobrir a emoção que lhe tinha provocado ao chamá-lo pelo seu nome próprio.

– Voltemos ao acampamento. Pediremos a Doc que te examine o pulso.

Elijah conduzia um Jeep Wrangler, propriedade da Mercure, cuja cor azul se mimetizava com o negrume do caminho. Alamán ia ao seu lado, em silêncio, ambos absortos nas suas reflexões, com um sorriso involuntário, embalados pela quietude da noite e pela solidão do ambiente. Faltavam alguns minutos para se reunirem às suas mulheres.

Um bulício repentino alertou-os: tiros, gritos e rugidos de motor. Endireitaram-se nos seus assentos e entreolharam-se. Alamán apercebeu-se de que estavam a poucos metros da entrada de Anga La Mwezi. Elijah olhou para o espelho retrovisor, rodou o volante e escondeu-se na vegetação da beira da estrada.

– Achas que são rebeldes? – preocupou-se Alamán.

– Sem dúvida. Devem ter saído para uma incursão. Deixamo-los passar. Não tenho vontade de me encontrar com um grupo de pretos drogados e bêbados.

Uma furgoneta Toyota branca, meia desconjuntada, coberta por bocados de lama vermelha e com refletores no tejadilho, passou a alta velocidade com a caixa a abarrotar de homens. Elijah conseguiu contar dez e viu as silhuetas das AK-47 que os rebeldes empunhavam como lanças e dos machetes que brandiam ao ritmo da música que saía da cabina do veículo. Um Peugeot 605 ia atrás. Para espanto dos Al-Saud, ambos os veículos estacionaram a curta distância.

– Estão à entrada de Anga La Mwezi! – alterou-se Alamán.

– Espera. Vamos ver o que fazem.

– Se estão a tentar entrar na fazenda de Boel, fá-lo-ão sem problemas. Não dispõe de uma única medida de segurança.

Com os automóveis parados ao lado da estrada, a música continuava a soar e os rebeldes a dançar e a gritar em cima do Toyota branco. As portas da furgoneta e do Peugeot abriram-se e saíram dois homens. O do Peugeot vestia à civil, enquanto o do Toyota ostentava o uniforme do Congresso Nacional para a Defesa do Povo. Reuniram-se nas traseiras da furgoneta e trocaram algumas palavras. A luz dos refletores caía sobre eles e era fácil reconhecê-los.

– É Frédéric! – admirou-se Alamán. – Filho de um camião de putas! Que diacho

estará aqui a fazer?

– Não imaginas? Está a combinar com os homens de Nkunda um ataque à fazenda de Joséphine.

– Mon Dieu – gemeu Alamán. – O que vamos fazer?

– Trazes a Glock? – Alamán assentiu. – Trazes um carregador de reserva?

– Sim – disse, apalpando o interior do casaco.

– A tua arma e a minha terão de bastar para os matarmos a todos.

Como calculavam, o Toyota pôs-se em marcha e entrou no caminho de terra que conduzia ao portão de entrada de Anga La Mwezi. Frédéric regressou ao Peugeot e não se mexeu dali.

– Estás pronto? – perguntou Eliah, verificando o seu Colt M1911.

– Vamos! Pelo amor de Deus, vamos!

Agacharam-se para correr até ao automóvel onde Frédéric esperava. O argelino deu um salto e um grito quando Alamán bateu várias vezes na janela do lado do condutor com o cano da pistola.

– Abre! Abre ou dou-te um tiro!

Frédéric olhou para o lado do condutor e deparou com a cara de Alamán Al-Saud, que não disfarçava as suas perversas intenções. Praguejou entre dentes. Tinha tirado o automóvel mais luxuoso da frota estacionada na mansão de Gulemale em Rutshuru, mas não sabia se era blindado. Não era necessário ser especialista em armas para saber que as pistolas empunhadas pelos irmãos Al-Saud chegariam para partir os vidros. Abriu a porta e saiu com as mãos no ar.

– O que se passa? Porque me ameaçam com essas pistolas?

– Não te armes em imbecil, pedaço de merda! – vociferou Alamán, agarrando-o pelo colarinho da camisa.

– Quantos homens invadiram a fazenda Boel?

– Eu não sei nada disso. De que estão a falar?

– Resposta incorreta! – enfureceu-se Alamán, disparando para o pé de Frédéric, que caiu a uivar.

Eliah arqueou as sobrancelhas e cravou um olhar atónito no seu irmão, que ofegava como um cão raivoso.

– Fala! – ordenou Alamán. – Ou desfaço-te os tomates com outro tiro!

Frédéric levantou a mão e pediu piedade.

– São dez homens! Vão roubar as obras de arte de Boel. Nada mais!

– Lixo! – disse Alamán, pontapeando-lhe o maxilar.

Frédéric caiu, inerte, junto do automóvel.

– São dez – confirmou Eliah –, mais o condutor do Toyota.

Alamán e Eliah entraram no Peugeot para percorrer rapidamente a distância que os separava da casa dos Boel. Ao longe aperceberam-se de que os rebeldes já tinham irrompido na propriedade, que parecia estar numa festa e não a ser vítima de um saque. Todas as luzes estavam acesas, ouvia-se música e exclamações. Através das janelas que davam para a galeria principal, os Al-Saud observavam a confusão provocada pelos homens de Nkunda, que tiravam os quadros e metiam em sacos os adornos e os tapetes com o mesmo cuidado que um elefante teria tido.

– Entremos pelas traseiras. Joséphine deixa sempre a porta do quarto aberta para mim.

A alguns passos da entrada, Alamán sentiu que o seu estômago se transformava numa bola dura e fria ao ouvir o grito de terror de Joséphine. Percorreram a correr os últimos metros e irromperam no quarto no instante em que um rebelde abria o fecho para a violar na cama dela. Alamán ergueu a arma e, com uma serenidade surpreendente, disparou contra o homem de Nkunda, que caiu em cima de Joséphine. Os outros, que, enquanto esperavam pela sua vez, se dedicavam a mexer no guarda-joias, foram alertados tarde de mais. Eliah atingiu-os com dois tiros: acertou num deles no olho esquerdo e, no outro, na testa.

Alamán lançou-se sobre a cama e atirou o cadáver para o chão. Joséphine ainda gritava, presa de um ataque de nervos, e dava palmadas e pontapés. Alamán segurou-lhe nos pulsos com uma mão e juntou-lhe os joelhos com a outra, até a dominar. Falou-lhe com ferocidade ao ouvido.

– Sou eu! Alamán! O teu Alamán! Estás a salvo, meu amor! Nada de mau te vai acontecer! Calma! Calma!

– Alamán – choramingou, agarrando-se com um vigor desesperado ao pescoço do amante. – Alamán!

Afastou-se dela e segurou-lhe no rosto coberto de lágrimas para o examinar. Mordeu o indicador ao descobrir o lábio inchado e sangrento de Joséphine.

– Alamán! – chamou-o Al-Saud. – Os outros vêm nesta direção. Ouviram os tiros.

– Joséphine, depressa! Fica atrás de mim!

– O meu pai! Temos de ir procurá-lo!

Alamán e Eliah puseram-se na porta que dava para o corredor interior. Eliminaram os dois primeiros rebeldes que se aventuraram a entrar aí. Outros – não sabiam quantos eram – entrincheiraram-se no fim do corredor, disparando ininterruptamente as suas AK-47. Era uma chuva permanente de projéteis. Os Al-Saud não respondiam

com a mesma intensidade, não podiam dar-se ao luxo de desperdiçar as balas. Quando os rebeldes, encorajados pela passividade dos seus inimigos decidiam percorrer aquela distância, Alamán ou Eliah faziam fogo e desencorajavam-nos.

– Ouve-me, Alamán. Terás de os distrair para que eu possa ir até à sala de jantar e surpreendê-los. Dispara caso tentem avançar. Restam-nos poucas munições.

Eliah saiu pelo guarda-vento por onde tinham entrado e contornou a casa. Entrou na sala e localizou os rebeldes. Eram quatro: dois continuavam a disparar contra Alamán, enquanto os outros tratavam de guardar os quadros e os objetos de valor. De acordo com as suposições de Eliah, devia encontrar seis na sala. Onde estariam os outros dois?

Com o efeito surpresa a seu favor e a precisão da sua pontaria, eliminou três com tiros certos. O último atirou a AK-47 e garantiu, em suaíli e depois num francês mal pronunciado, que se rendia. Eliah ordenou-lhe que se deitasse no chão e que pusesse as mãos na nuca, coisa que o homem fez rapidamente.

– Alamán! – chamou o irmão. – Vem até à sala. Cuidado com as costas porque faltam dois. Não sei onde estão.

Eliah arrancou os cordões que prendiam as cortinas e, enquanto o irmão apontava para o rebelde, amarrou-lhe os tornozelos e os pulsos à parte inferior da cintura. Joséphine, colada ao braço de Alamán, chorava e balbuciava que queria ir ver o pai.

– Alamán! – desesperou-se. – O meu pai! Pelo amor de Deus! Está sozinho no seu quarto!

– Vai tu ao quarto de Boel – disse-lhe Eliah. – Eu vou até à cozinha. José, onde ficam os quartos dos empregados?

– Naquela direção – indicou com um dedo e com a voz trémula.

Joséphine deu um grito que fendeu o silêncio da mansão Boel quando os seus pés tropeçaram num corpo. Tateou a parede do corredor até encontrar o interruptor da luz. Wambale jazia aos seus pés, com o rosto coberto de sangue. Alamán acorreu-se e mediu-lhe o pulso da carótida. Joséphine deixou-se cair sobre o homem e desatou a chorar.

– Não morreu! – exclamou. – Sinto-lhe o pulso – disse, separando Joséphine de Wambale. – Querida, não chores. Godefroide é forte. Resistirá.

– Resiste, Godefroide querido – rogou-lhe ao ouvido.

A luz do quarto estava acesa. Não saía qualquer som. Alamán deteve Joséphine quando esta tentava entrar no quarto sem qualquer precaução.

– Quero-te atrás de mim! – exigiu-lhe. – Não te exponhas!

O pranto de Joséphine recrudescera ao ver o pai inconsciente no chão, num dos lados da cama. Alamán, no entanto, não lhe permitiu correr para ele até verificar que

o quarto estava vazio. A seguir pediu à jovem que empunhasse a Glock enquanto tratava de levar Boel para a cama.

– Meu Deus! – exclamou Joséphine ao descobrir a mancha de sangue no peitilho do pijama do pai. – Está ferido! Oh, meu Deus! Não, por favor, não! Não permitas que morra! – As pestanas louras de Boel estremeeceram. – Papá! Paizinho! Acorda! Por favor, acorda!

O homem abriu os olhos e isto pareceu implicar um grande esforço. Moveu os olhos para um lado e para o outro até os fixar em Alamán.

– Tinha razão – sussurrou, e Al-Saud inclinou-se para o ouvir. – Tinha razão. A casa... A casa não é... segura. Entrego-lhe a minha filha...

– Papá!

– Cuide dela.

– Fá-lo-ei – prometeu Alamán.

Os lábios de Boel tremeram quando os seus olhos encontraram os olhos perturbados de Joséphine.

– Filha do meu coração – disse, numa voz clara e forte. E morreu.

A cabeça loura do homem caiu para um lado, com os olhos abertos e um sorriso. Alamán passou-lhe a mão pelas pálpebras e fechou-as, e o seu ato serviu para que Joséphine compreendesse que tinha perdido o pai. Alamán apertou os punhos e mordeu o lábio quando o grito de Joséphine o atingiu como uma chicotada. Levantou-a do chão e apertou-a contra o peito.

– Meu amor – repetiu incessantemente, enquanto a jovem gritava: «Papá, papá!»

Eliah apareceu no quarto de Boel e pousou a mão no ombro de Joséphine.

– Já me encarreguei dos rebeldes que restavam, mas duas das empregadas têm feridas de machete. Creio que as violaram.

– Wambale está vivo – disse Alamán, por cima do pranto de Joséphine. – Temos de o levar para o hospital.

Levou Joséphine para o quarto e ajudou-a a mudar-se. Em silêncio, enquanto a jovem chorava sem forças, tirou-lhe o roupão e a camisa de noite e examinou-lhe cada centímetro quadrado de pele. Não encontrou feridas, nem sequer um arranhão.

– Joséphine, meu amor, quero que me digas a verdade. Cheguei a tempo ou algum desses animais conseguiu forçar-te?

A rapariga abanou a cabeça, negando.

– Chegaste a tempo, meu amor. Chegaste a tempo para mim. Mas não para o meu pai.

– Joséphine! – exclamou, envolvendo-a num abraço emotivo. – Tenho pena, tenho tanta pena! Daria qualquer coisa para te poupar a esta dor! Oh, Joséphine, sinto muito!

– Alamán, abraça-me com força e nunca me deixes.

– Nunca, meu amor! Nunca!

Wambale e as empregadas domésticas ficaram internadas no hospital de Rutshuru. Ao primeiro tinham aberto, com um golpe de machete, um sulco na diagonal, da testa ao queixo, e, além da preocupação pela ferida, era preocupante a contusão no crânio. No entanto, depois de o coserem e de o manterem em observação, o homem demonstrara uma evolução favorável, sem os sintomas que surgem quando um coágulo se forma entre a parte interior do crânio e a dura-máter. Quanto às empregadas, estavam bastante magoadas. Suturaram-nas e desinfetaram-lhes as feridas e a seguir ministraram-lhes os antirretrovirais para iniciar a profilaxia pós-exposição ao VIH, antibióticos para prevenir doenças como a infeção provocada por clamídias, a sífilis e a gonorreia, e administraram-lhes imunoglobulina humana e a vacina contra a hepatite B.

Quanto a Balduino Boel, depois de confirmarem o óbito por ter recebido um tiro no coração, levaram-no para a morgue do hospital e guardaram-no na câmara frigorífica.

Assim que acabaram de tratar-lhe o lábio aberto e de examiná-la para ver se tinha fraturas ou golpes, Joséphine dirigiu-se para o corredor onde estavam as suas empregadas. Godefroide continuava na unidade de cuidados intensivos e não lhe permitiam vê-lo.

– Se Matilde e Juana estivessem aqui – lamentava-se –, permitir-me-iam estar com ele.

A segunda-feira não era dia de as jovens da Mãos Que Curem estarem de banco, por isso não tiveram quaisquer prerrogativas. Joséphine e Alamán passaram a noite no hospital, junto das macas das duas raparigas violadas, que tinham posto a dormir com um sedativo porque não paravam de chorar.

Eliah chamou Alamán de parte e informou-o de que ia para casa de Matilde. Viu as horas.

– São duas da manhã – disse, parecendo duvidar da sua decisão de vê-la.

– Vai – encorajou-o Alamán. – Com certeza não consegue adormecer de tanta preocupação.

– Virei buscar-te por volta das seis da manhã.

– Está bem. Agora tenho de me encarregar de tudo. Joséphine está de rastos.

Al-Saud chegou à casa da Mãos que Curam e, assim que entrou no jardim, viu a luz que se filtrava pela janela do quarto de Matilde. Encontrou-a sentada de lado na

cadeira, com o queixo apoiado no respaldo e a angústia expressa no rosto. Saltou ao vê-lo empoleirar-se no peitoril e correu a refugiar-se nos seus braços.

– Estava a morrer de angústia! – choramingou. – Pensei que os rebeldes te tinham atacado ou que tinhas tido um acidente.

– Estou bem, meu amor. Lamento que estivesses a sofrer com a minha demora. – Segurou-a pelos braços e afastou-a dele. – Matilde, aconteceu uma desgraça.

– Meu Deus!

– Um grupo de rebeldes de Nkunda entrou na propriedade dos Boel para a saquear. Mataram Boel...

– E Joséphine?

– Não, não, ela está bem. Alamán e eu chegámos mesmo a tempo de tirar de cima dela um preto que pretendia violá-la.

Al-Saud levou Matilde até à cama, onde se deitaram, e pormenorizou-lhe o que acontecera nessa noite.

– Leva-me ao hospital, Eliah. Quero estar com Joséphine.

– Não, quero que descanses umas horas. Amanhã de manhã levo-te e poderás ficar com ela todo o dia.

Matilde dormitou nos braços de Eliah, que a sentia agitar-se e falar em sonhos. Não descansava tranquilamente, pois estava possuída por uma tensão que a mantinha inquieta. Às seis da manhã vestiram-se e, antes que os outros acordassem, partiram em direção ao hospital. Matilde e Joséphine deram um longo abraço e choraram pela morte de Boel. Pouco depois apareceu o padre Jean-Bosco Bahala, que levou Joséphine até à cafetaria para conversarem. Voltaram passada uma hora e Alamán notou que a jovem estava mais tranquila.

– O padre Jean-Bosco – informou-o quase sem voz – determinou que o enterro seja depois de amanhã, em Anga La Mwezi. – Alamán assentiu. – Matilde, podias conseguir-me autorização para ver Godefroide na unidade de cuidados intensivos?

– Sim, evidentemente.

Godefroide tinha metade do rosto ligado. Matilde pegou no report que pendia aos pés da cama e examinou-o. Joséphine agarrou na mão enorme do criado, beijou-a e encostou-a à cara.

– José... – Um som rouco saiu da garganta de Wambale.

– Oh, querido Godefroide! Não fales! Tens de descansar! Como me sinto feliz por estares bem!

– Sim, está muito bem – confirmou Matilde com um sorriso. – Só muito maltratado, mas ficará bem. Dói-te a ferida, Godefroide? Não faz sentido estares a

sofrer – avisou-o Matilde, conhecendo aquela característica dos congoleses, que sofrem sem se queixar. – Avisa se te doer para que te aumentem a dose de calmante.

– José, como está mzee Balduino?

Joséphine foi incapaz de dissimular e desatou a chorar.

– Morreu, querido Godefroide! Aqueles animais deram-lhe um tiro no coração!

Era um espetáculo comovente ver a prostração de um homem do tamanho e com a ferocidade de Godefroide Wambale.

– Godefroide – insistiu Matilde –, tem de se acalmar. Permite a Joséphine vir vê-lo na condição de não o alterar.

– Sim, sim – apressou-se a confirmar a jovem congolesa, passando as costas da mão pelos olhos. – Querido Godefroide, não podes emocionar-te. Não te angusties, por favor.

– Eu devia ter-vos protegido, a ti e a mzee Balduino.

– Eram tantos, Godefroide! Como terias podido?

– E tu, José? O que te fizeram aqueles animais?

– Nada, nada! Não te angusties. Alamán e Eliah chegaram mesmo a tempo de salvar-me. Como nos filmes – acrescentou com um riso tingido de pranto. – Eles meteram-te numa carrinha e trouxeram-te até aqui.

– Sempre me agradou esse rapaz, Alamán. Não saias do seu lado, Joséphine.

– Não o farei, Godefroide. Juro-te.

Joséphine voltou para junto das suas empregadas e tratou de dar-lhes de comer e de facilitar-lhes o que precisavam. Exausta, por volta das cinco e depois de horas de insistência por parte de Alamán, aceitou sair do hospital. Viu com alívio que Anga La Mwezi esperava por ela arrumada e ordenada. Petra e outros empregados tinham trabalhado ao longo do dia, devolvendo os quadros e as outras obras de arte aos seus lugares e limpando a confusão causada pelos rebeldes, embora não tenham podido consertar os vidros partidos ou as fechaduras rebentadas.

– Eliah enviará dois dos seus homens para vigiarem a casa. E eu ficarei contigo toda a noite.

– E não terás de ir embora ao amanhecer – disse Joséphine.

Depois de lhes servir o jantar na cozinha, Petra dirigiu-se à casa de banho do quarto de Joséphine e encheu de água morna a banheira com pés de ferro em forma de leão. Joséphine completou o banho com sais de lavanda e óleo de erva-cidreira.

– Quero que te dispas e que tomes um banho comigo.

– Sim – aceitou Alamán e, enquanto tirava a roupa, não afastava os olhos de Joséphine, que se despiá a alguns metros dele.

Suspiraram ao primeiro contacto com a água e instalaram-se de forma a ficarem de frente um para o outro, com as pernas dobradas à altura do queixo. A água transbordou até equilibrar-se e a casa de banho encheu-se dos aromas dos sais e do óleo de essências. Durante minutos, deram-se as mãos e olharam-se nos olhos sem dizer uma palavra.

– Amor – disse Alamán –, rapidamente esta região se transformará num inferno. A guerra deve deflagrar dentro de dias.

– Eu sei.

– É preciso liquidarmos os teus assuntos e partirmos para Paris.

– Está bem. – O mutismo voltou a apoderar-se deles e da sua disposição. Joséphine acabou por decidir-se. – Fecharemos a cervejeira e indemnizaremos os trabalhadores. O meu pai tem... quero dizer, tinha, uma conta num banco de Lugano para uma emergência. Está em meu nome também. Pagaremos com esse dinheiro.

– Entre Eliah e eu arranharemos a quantia necessária para pagar as indemnizações. Assim não terás de ir à Suíça e voltar aqui com todo esse dinheiro. Depois, já em Paris, iremos a Lugano, tirarás da conta o que for necessário e devolverás a parte de Eliah.

– E a tua – disse Joséphine.

– A minha? Porque devolverias dinheiro ao teu marido? O que é do marido não é da mulher e vice-versa?

– Às vezes parece-me mentira que serás meu para sempre, que serás meu marido.

– Casamo-nos assim que chegarmos a Paris, logo que terminarmos as formalidades e comprares o vestido.

– Não haverá casamento pela igreja, não é verdade?

– Eu não me importo de me casar pelo rito que quiseses, mas duvido de que a Igreja Católica esteja disposta a casar um muçulmano e uma católica. – Joséphine baixou os olhos e Alamán assumiu a responsabilidade da sua tristeza. – Se quiseses, converto-me ao catolicismo e casamo-nos. Não me custaria muito. No fim de contas, a minha mãe e a minha avó são mais católicas do que o Papa.

Depois de se rir, Joséphine disse:

– Não quero que te convertas por estas razões. Se o homem que amo e com quem quero passar o resto da minha vida não é católico, pois não haverá casamento pelo rito católico. Faremos um simples casamento civil.

– E uma grande festa! – disse Alamán. – Meu amor, o que queres fazer com Anga

La Mwezi?

– Se a vendesse não obtinha a quarta parte do seu valor.

– Também, com a guerra ao virar da esquina, não seria fácil arranjar compradores.

– Conservá-la-ei – decidiu Joséphine, com uma distinção que atordoou Alamán. – Contratarei os homens do teu irmão para que a protejam. Um dia este país, o meu país, viverá em paz e poderemos voltar a este lugar que tanto amo.

– Voltaremos com os nossos filhos – disse Alamán, e o sorriso de Joséphine animou-o. – E ensiná-los-emos a amar a casa e o campo que a mãe tanto ama.

Joséphine fez escorregar o rabo no chão da banheira e fundiu o corpo com o de Alamán, que a envolveu nos seus braços e fechou os olhos com força ao compreender como tinha estado perto de a perder.

– Quero levar Petra e Godefroide para Paris. Eles serviram a minha família desde pequenos. Não saberiam o que fazer sem um Boel ao seu lado.

– Virão connosco – aceitou Alamán. – Precisaremos deles na casa enorme que planeio comprar-te para que a enchas com os nossos filhos.

– Alamán, como te amo! Sou uma mulher muito afortunada!

Beijaram-se apaixonadamente, e Joséphine passou as pernas pela cintura dele, que se levantou, com ela enroscada ao tronco, e a levou para a cama, a pingar água, deixando pegadas molhadas no carvalho-da-eslavónia. Continuaram a beijar-se e a tocar-se sobre a colcha que se ia ensopando com a humidade dos corpos e dos cabelos, até Joséphine ter afastado o rosto e Alamán a sentir inerte sob o seu peso.

– O que se passa, querida? Porque ficaste fria?

– Porque não devo gozar com tanto sofrimento à minha volta. Sinto-me culpada! – acabou por confessar. – O meu pai morto, os meus empregados no hospital, e eu fazendo amor contigo.

– O que achas que eles desejam para ti? O que pensas que quereria o teu pai ou o bom do Godefroide? Desejariam que fosses feliz! Tu foste tão generosa e bondosa com eles, meu amor... Creio que é por isso, Joséphine, pela tua dedicação e pela forma como te ofereces a todos, que te amo e te respeito tanto. Mas chegou o momento de te permitires ser feliz. A tua vida não foi fácil, meu amor. Sofreste desde criança. Não achas que chegou o momento de Joséphine permitir a si própria um pouco de alegria e de paz?

– Sim! – soluçou. – Sim, estou de acordo contigo! Mas, apesar de tudo, custa-me tanto.

– Para isso estou eu aqui, para te ajudar. Olha como te ajudo. Repara. Sei que se te acaricio desta maneira – e friccionou-lhe o clítoris –, e se te faço isto – e chupou-lhe um mamilo com lambidelas lânguidas e suaves –, e se te toco assim – deslizou a

mão sob o traseiro de Joséphine e acariciou-a entre as nádegas –, ajudou-te a esqueceres-te de tudo, exceto de mim e do nosso amor.

Nessa altura, a rapariga já se contorcia e gemia; minutos depois esqueceu-se de tudo, exceto do homem que a penetrava e que a fazia estremecer. Ao acabar, abraçaram-se, mudos e agitados. Passaram-se minutos de silêncio. Foi Joséphine quem o quebrou.

- O que acontecerá a Frédéric?
- Eliah encarregar-se-á dele. Tu, esquece-o, por favor.
- Ainda me custa a acreditar no que fez.

Gulemale recebeu Nigel Taylor no seu escritório da Somigl, em Kigali. O homem tinha acabado de regressar da região dos Grandes Lagos depois de mais de duas semanas dedicado aos assuntos da Spider International em Londres e noutras partes do mundo. Tinha voltado cego pelo desejo de se reencontrar com Matilde e para obter a resposta à sua proposta matrimonial. A entrevista com Gulemale, que lhe atrasava a viagem para Rutshuru, deixava-o de mau humor. No entanto, a mulher mostrara-se insistente ao convocá-lo. «Vem ver-me. Não te arrependers», dissera-lhe.

– Senta-te, querido – convidou-o Gulemale, e instalaram-se num sofá de vários lugares, enquanto uma secretária lhes servia café e bolachas dinamarquesas.

- Como vão as coisas por aqui?
- Enquanto o preço do coltan continuar a subir, para mim está tudo uma maravilha.
- A mina «do riacho velho» continua em mãos do inimigo? – perguntou, reticente e incapaz de pronunciar o nome de Al-Saud ou da sua empresa.

– De facto assim é. A mina continua nas mãos deles. Nkunda tentou recuperá-la. Tudo em vão – admitiu. – Al-Saud é bastante habilidoso, como sabes.

– Chegaram-me rumores que dizem que a situação dos Kivus está cada vez mais complicada e que a única saída que se vislumbra é a guerra.

Conversaram acerca da situação política em Kinshasa, do mal-estar em Kigali e Kampala, da situação dos tútsis nos Kivus e do papel do general Nkunda na contenda que se avizinhava. Por fim, Gulemale endireitou-se e, com um gesto íntimo, aproximou-se de Nigel Taylor.

– Nigel, querido, falemos de coisas mais importantes e interessantes. Falemos de Matilde – disse, erguendo as pestanas carregadas de máscara e fixando os seus olhos pretos nos azuis do inglês. – Sabes que voltou para Eliah?

- A reação espontânea de Taylor provocou uma sensação de triunfo em Gulemale.
- Não sabia – admitiu. – Estive em viagem estas últimas semanas.

– Matilde não te disse antes de partires? – Taylor fulminou-a com o olhar e a mulher sorriu. – Vejo que te afeta sobremaneira. Queres ficar com ela para ti, não é verdade?

Nigel bebeu o café e devolveu a chávena ao pires, fazendo um esforço para o pulso não lhe tremer.

– Fizeste-me vir aqui para me contares bisbilhotices, Gulemale?

– Não são bisbilhotices, é a verdade. E como sei que Matilde te interessa, quero oferecer-te uma coisa que poderá ajudar-te a acabar com aquela relação.

– De que se trata?

– Disto – disse, e estendeu um sobrescrito, de onde Taylor tirou várias fotografias.

Gulemale riu-se diante da expressão arregalada do mercenário inglês.

– Como podes ver, são recentes. Estas foram tiradas no dia da festa na minha casa de Rutshuru. Lembras-te do meu vestido? Duvido que Matilde se tenha esquecido dele. E estas... Bom, estas sim, são comprometedoras, não é verdade?

– Porque me dás isto? Porque queres prejudicar Al-Saud?

– Ah, de repente ficas cheio de escrúpulos!

– Não é isso, Gulemale. Só quero saber por que motivo vais usar-me.

– Não vou usar-te, Nigel, vou ajudar-te. E não faças mais perguntas. Será que te exijo que me contes porque o detestas tanto?

– São uma montagem?

– De todo. São a pura verdade.

Nigel permaneceu estático, com as fotografias na mão. Com estas provas destruiria Al-Saud, sem dúvida, mas também Matilde. Não sabia o que fazer. A ideia de a perder para aquele mestiço era-lhe insuportável. Porque teria de lhe arrebatara as mulheres da sua vida? Al-Saud não merecia uma criatura como Matilde.

– O que queres em troca disto?

– Nada – respondeu Gulemale com desembaraço. – Só te peço que as faças chegar às mãos corretas.

– Fá-lo-ei.

Despediram-se e a mulher regressou depressa ao seu escritório para atender uma chamada.

– Allô?

– Mamã, é Joséphine.

– Riqueza! Querida! – admirou-se a mulher. – Que maravilhosa surpresa! A que

devo este milagre?

– Mamã, aconteceu uma desgraça.

Enquanto Joséphine lhe contava os pormenores do que acontecera na noite de segunda-feira, 27 de julho, a expressão de Gulemale ia ficando alterada, tal como a sua disposição. Deixou cair a cabeça e inclinou-se sobre a secretária. Eliah Al-Saud tinha salvado a vida da sua filha, enquanto Frédéric a tinha entregado àqueles gorilas intoxicados.

– O padre Jean-Bosco – participou Joséphine – marcou o enterro para amanhã, às onze, em Anga La Mwezi. Queria que soubesses.

– Estarei aí, riqueza. Avisaste a tua irmã?

– Sim. Aísha chega esta tarde.

– Mandarei alguém ao aeroporto de Goma – ofereceu-se Gulemale.

– Não te preocupes. Alamán e Eliah estão a tratar de tudo.

Se algum dos conhecidos de Gulemale se encontrasse com ela nesse instante, teria apanhado uma surpresa e teria pensado que, pela primeira vez, parecia genuinamente contrariada.

– Onde está Frédéric?

– Não sei, mamã. Eliah encarregou-se dele.

Gulemale acabou de falar com Joséphine e pediu à sua secretária que ligasse para o general Nkunda. Assim que ouviu a voz do chefe dos rebeldes, atirou-lhe uma fiada de impropérios.

– Frédéric garantiu-me que te estavas nas tintas para o que acontecesse a Anga La Mwezi!

– Raios te partam, Laurent! A minha filha estava lá dentro! Os teus gorilas drogados quase a violaram como a uma camponesa! À minha filha!

– Supunha-se que não deviam tocar-lhe!

– Não me faças rir, imbecil! – Gulemale levou a mão à testa e fechou os olhos numa tentativa de recuperar a compostura. – Ouve-me bem, Laurent. Se voltares a agir nas minhas costas, nem que seja para comprar um saco de feijões, destruo-te. Não te esqueças de que Os Defensores dos Direitos Humanos estão a pedir a meio mundo a tua cabeça e que o Tribunal Internacional da Haia está a prestar-lhes atenção para te acusar de crimes contra a humanidade. Entrego-lhes a tua cabeça, percebeste? Volta a agir nas minhas costas e destruo-te.

No dia seguinte, quinta-feira, 30 de julho, uma pequena multidão concentrou-se em redor da campa que os empregados de Anga La Mwezi tinham aberto sob o caramanchão, um dos locais favoritos de mzee Balduino e que a menina Joséphine

escolhera para enterrar o pai.

Elijah Al-Saud voltou a cabeça e observou o grupo que se reunia em volta do caixão e das filhas de Boel. Entre os empregados da cervejeira e dos campos, calculou que estariam umas cem pessoas. Viu mesmo o secretário privado do presidente Kabila, a quem Balduino doara dinheiro para a campanha contra Mobutu Sese Seko. O seu olhar deteve-se no de Gulemale. A mulher mantinha-se afastada de Joséphine e de Aísha, numa atitude sóbria, de acordo com o seu traje preto, elegante e recatado. Os seus olhos escuros pareciam falar do ressentimento que sentia para com ele depois do incidente na mansão de Rutshuru, quando lhe frustrara o plano de entregar Mohamed Abu Yihad à Mossad. Al-Saud inclinou a cabeça num cumprimento e voltou os olhos para a frente.

Gulemale rodeou a multidão e ficou na extremidade da primeira fila, de onde tinha uma visão das filhas. Aísha, a mais forte, abraçava Joséphine, que pousava a cabeça no peito generoso da irmã. «São tão parecidas e tão diferentes!», deslumbrou-se. Não as amara em criança, aborreciam-na com a sua presença constante e com as suas perguntas. Parira-as como parte da estratégia para manter Boel satisfeito e feliz, Boel que lhe dava dinheiro às mãos-cheias, dinheiro que ela destinava ao seu negócio incipiente de contrabando de cigarros, que mais tarde se transformou num negócio de drogas e que acabou por derivar para o de armas, o mais rentável, que a enriqueceu e que fez dela uma mulher poderosa e influente. Nesse momento, Gulemale via as filhas através de outro prisma. Aísha e Joséphine tinham-se transformado em duas beldades negras daquelas que, como parte da excentricidade dos costureiros europeus, desfilam nas passerelles de Nova Iorque, Milão e Paris. Apesar do seu potencial como modelos do jet set, as suas filhas escolheram caminhos menos glamourosos. Aísha, como jornalista, especialista em recursos estratégicos, sobretudo petróleo, e Joséphine, como enfermeira de Balduino e administradora dos seus bens.

A mão de Joséphine estava pousada no antebraço de Alamán, que se erguia como uma coluna sólida e confiável. A sua energia parecia rodear e conter Joséphine como uma barreira de proteção. Ele e Elijah tinham-na salvado de um vexame cruel. Mordeu o lábio, afligida pelos remorsos. Perguntou a si própria onde estaria Frédéric. «Elijah encarregou-se dele», respondera-lhe Joséphine. «Joséphine, Joséphine», balbuciou, à beira das lágrimas. Nem uma palavra de censura, nem uma frase amarga, nem um insulto. Que tipo de pessoa habitava aquele corpo de deusa africana? Custava-lhe a crer que das suas entranhas tivesse nascido uma pessoa tão nobre e boa. Desviou os olhos e encontrou a figura minúscula de Matilde. Elijah agarrava-a pela cintura e encostava-a a ele numa atitude zelosa e alerta. Não se espantava que Nigel Taylor tivesse caído no feitiço impercetível de Matilde, da sua beleza diáfana e angelical. Era o que procuravam aqueles mercenários enojados de tanta morte, cinismo e traição.

O padre Bahala acabou o sermão, a que se seguiu um breve discurso do Dr. Loseke, o diretor do hospital, que elogiou Balduino Boel pela sua generosidade para com a comunidade de Rutshuru, continuado por outro de sœur Amélie Guzmán, que

afirmou que, sem a ajuda dos Boel, a Missão São Carlos nunca teria chegado a bom porto. Depois das palavras de Amélie, prolongou-se um silêncio povoado pelo trinado das aves, pelos rugidos dos gorilas, pelo rebuliço de outros animais selvagens e pelos ganidos de Grelot, o golden retriever dos Boel.

Aísha pediu aos empregados que descessem o caixão e Joséphine desatou a chorar. Alamán encostou-a ao peito. Finalmente, a multidão fez fila para cumprimentar as filhas de Boel.

Elijah Al-Saud dirigiu-se num passo brioso até Gulemale e parou diante dela.

– Preciso de falar contigo.

– Como te atreves a dirigir-me a palavra depois da humilhação que me fizeste passar na minha própria casa?

– Tiveste problemas com os homens da Mossad? – troçou Al-Saud e, num ato reflexo, deteve a mão que Gulemale lançara para o esbofetear. A disposição de Elijah tornou-se negra. – O que pretendias? Que ficasse de braços cruzados enquanto via como entregavas o pai de Matilde para que os teus amigos de Israel o torturassem e matassem?

– O que queres, Elijah? – perguntou com maus modos.

– Entregar-te-ei a merda de Frédéric pois levá-lo à polícia local seria o mesmo que nada. Não penso sujar as minhas mãos com um verme daqueles, mas merece um castigo por ter entregado a tua filha àqueles energúmenos de Nkunda e por ter provocado o assassinato do pai. Espero que estejas à altura e que saibas lidar com ele.

– Onde o entregarás?

– Na tua casa de Rutshuru. Aviso-te que está num estado deplorável devido à abstinência da heroína, uma das piores, como bem sabes.

– Quando o levarás?

– Quando puder.

Até aquela resposta, áspera e despótica, a excitava. Al-Saud deu-se conta do instante em que Gulemale se desembaraçava dos sinais de aborrecimento para assumir o papel de mulher fatal.

– Quando levo Frédéric lá a casa, poderias passar um bocado. – Ergueu a mão enluvada e apoiou-a na lapela do casaco de Elijah, no lado esquerdo, o do coração. – Depois de umas horas comigo verás o que é estar com uma mulher a sério. Perdoo-te tudo o que me fizeste, querido, mesmo ter-me cortado o pescoço.

– Vejo que não te ficou nenhuma marca.

– Não. Virás?

– Irei, deixarei o verme e sairei. – A mão de Gulemale caiu quando Eliah deu meia-volta para se afastar. – Ah – disse, retrocedendo. – Manda os meus cumprimentos a Ariel Bergman.

«Veremos se ficarás tão contente quando as fotografias que dei a Taylor chegarem às mãos da tua querida Matilde», deleitou-se Gulemale.

– De que falavas com Gulemale? – quis saber Matilde, já no interior do casarão dos Boel. Embora lutasse para dominar os ciúmes e as dúvidas, o seu olhar evidenciava-os.

– De Frédéric – disse, e continuou a andar.

Gulemale chegou à sua mansão de Rutshuru de mau humor. Depois do enterro do seu ex-marido e da conversa infeliz com Al-Saud, a sua filha Aísha recusara-se a cumprimentá-la. Joséphine, mais benevolente, permitiu-lhe que a abraçasse e dirigiu-lhe algumas palavras, bastante formais, até um amigo de Boel a afastar para lhe dar os pêsames. Al-Saud tinha-a desprezado. Sentia-se deprimida e não sabia o que fazer. Enfiou o fato de banho e tentou ler à beira da piscina; o livro não a agarrou. Deu um mergulho e saiu logo a seguir porque a aborrecia nadar só. Comeu na cozinha com os criados, coisa que os desorientou e os incomodou. No entanto, preferia a companhia daquela gente rude ao silêncio da mansão. Fechou-se no seu escritório e fez alguns telefonemas para Kigali, que lhe aumentaram a má disposição. Foi cedo para o quarto e deitou-se. Começou a excitar-se ao recordar o broche que fizera a Al-Saud sob este mesmo teto há mais de dois meses, e aliviou-se com o vibrador. Masturbar-se não a satisfazia tanto como tinha esperado. Tomou dois soníferos, cobriu a cara com a máscara para dormir e escorregou para baixo do lençol.

Acordou-a a campainha do intercomunicador. Teve dificuldade em saber onde estava. Sentiu-se perdida. Que horas eram? Não sabia se tinha passado uma hora ou dez. Sem tirar a máscara, deu uma palmada no auscultador. Era o chefe dos guardas.

– Madame, um automóvel acaba de parar diante do portão de entrada para deixar o senhor Frédéric. Parece estar bastante perturbado. Perdido, diria.

– Que horas são?

– Dez e dez da manhã.

– De que dia?

– Sexta-feira, 31 de julho – respondeu o homem, depois de uma hesitação.

– Leva Frédéric para o seu quarto. E tranca-o.

Gulemale tomou um duche e vestiu-se com uma túnica de mangas largas. Pediu café e fruta, que Saure lhe levou ao quarto. Comeu e bebeu lentamente, com os olhos numa fotografia dela que Frédéric tinha tirado há algum tempo. Era, sem dúvida, talentoso. Tirou da gaveta da mesa de cabeceira a sua pistola, uma Ruger P89, oferta de Al-Saud, e lembrou-se com nostalgia do dia em que a levara a um campo de tiro e

a ensiná-la a usá-la. Colocou-a no bolso da túnica, cujas pregas escondiam o vulto.

O chefe dos guardas entregou-lhe a chave do quarto de Frédéric, e Gulemale mandou-o regressar ao seu local de trabalho. Abriu a porta e entrou. Encontrou Frédéric encolhido em cima da cama, com a cara contraída numa expressão de dor.

– Frédéric – chamou-o, num tom que revelava o seu aborrecimento e a sua impaciência.

O rapaz abriu os olhos com dificuldade.

– Gulemale – disse, arquejante –, por favor, preciso de uma dose. Suplico-te.

– Primeiro vais explicar-me que merda fizeste em casa do meu marido.

– Posso explicá-lo...

– É evidente que o farás! E agora mesmo! Em que diabo estavas a pensar quando levaste essa proposta a Nkunda? Nas minhas costas! Maldito filho da puta! Entregaste a minha filha. Sabias que os homens de Nkunda estiveram prestes a violá-la?

– Não... Esse... Não era esse o acordo. Não deviam tocar-lhe. A Joséphine, não.

– Imbecil! O que pensavas? Que aqueles toxicodependentes deparavam com uma beleza como a minha filha e não se jogavam entre as suas pernas simplesmente porque tu tinhas ordenado? Assassinararam Boel!

Frédéric soluçava baixinho e contorcia-se devido às pontadas no ventre. Gulemale sentiu nojo da escória em que ele se transformara. Aproximou-se lentamente até os joelhos se encostarem à beira do colchão. Cobriu a mão com a ponta da manga e tirou a Ruger.

– Gulemale, o que estás a fazer?

– Frédéric, sinto muito, mas sabes demasiado a meu respeito e tornaste-te incontrolável. Nunca devias ter feito acordos nas minhas costas. Nunca devias ter-me traído.

Frédéric tentou levantar-se quando uma pontada o obrigou a encolher-se novamente sobre a cama. Gulemale encostou o cano da Ruger às fontes e disparou. Dispôs de alguns segundos para lhe colocar a pistola na mão direita antes de vários guardas aparecerem no quarto, alertados pelo tiro.

– Não cheguei a tempo – explicou-lhes. – Lamentavelmente, não consegui detê-lo. A abstinência da heroína fê-lo perder a cabeça. Encarreguem-se dele, por favor.

Capítulo 18

Ainda que a 14 de julho o presidente Laurent-Désiré Kabila tivesse demitido das suas funções o comandante do exército, o ruandês James Kabare, passados alguns dias nomeou-o assessor militar para aplacar a fúria de Kigali. Duas semanas depois, as suas súbitas mudanças de opinião e de humor levaram-no a não ouvir os conselhos e a ordenar que os colaboradores ruandeses e ugandeses, tal como o que restava dos seus exércitos, abandonassem o território congolês em vinte e quatro horas. Tinham-lhe servido para derrotar Mobutu Sese Seko, mas já não precisava deles. A sua presença começava a irritá-lo e a tirar-lhe o sono.

A notícia alarmou Al-Saud que, a 1 de agosto, dois dias depois do enterro de Balduino Boel, recebeu um telefonema de Kinshasa no seu telefone por satélite. Era o ministro da Defesa, Joseph Kabila, para o pôr a par das decisões do presidente.

– Com esta medida, calculo que dentro de uns dias os ruandeses e os ugandeses invadam os Kivus – disse o ministro. – Ser-te-á muito difícil conservar a praça.

– Se ordenares a uma fação dos mai-mai que se aliem comigo, conseguirei resistir. Pelo menos tentaríamos até Zeevi extrair coltan suficiente para justificar o empreendimento.

– Falarei com o general Padiri. É ele o chefe de uma das fações dos mai-mai, da mais importante.

– Obrigado, amigo. – Dado que a outra grande preocupação de Al-Saud era Matilde, disse a Kabila: – Ouve, Joseph, sei que não é o momento para te importunar com assuntos pessoais, mas tenho urgência em saber como vai o processo de adoção de Jérôme Kashala, o menino de que te falei.

– Segue os seus trâmites, segundo me informou o secretário da Ação Social. Suponho que o terá colocado à consideração do juiz de Família. Tentarei acelerá-lo.

– Obrigado, Joseph. Fico a dever-te uma.

– Não ficas a dever-me nada, Eliah.

No domingo, 2 de agosto, os tútsis da cidade de Goma vieram para as ruas protestar contra a medida do governo de Kinshasa que expulsava do país os exércitos ruandês e ugandês, que os protegiam da ferocidade dos hutus interahamwes. A manifestação adquiriu contornos violentos e a cidade ficou mergulhada numa batalha campal. O exército congolês tentou instaurar a ordem, mas as forças comandadas pelo general Laurent Nkunda vieram ao seu encontro. Os soldados, mal alimentados, sem salários há meses e com poucas munições, não hesitaram em bater em retirada diante do avanço de guerrilheiros disciplinados e bem armados.

No dia seguinte, 3 de agosto, o exército do Ruanda atravessou a fronteira e passou a controlar Goma. A rapidez com que os factos aconteciam fazia pensar que não se tratava de um motim espontâneo, mas de um plano bem delineado. O governo de

Kinshasa apresentou uma queixa formal através da sua embaixada em Kigali, a que o presidente Pasteur Bizimungu respondeu, dizendo que o governo do presidente Kabila não garantia a segurança da etnia tútsi na zona oriental do Congo, pelo que o Ruanda agia para a preservar. Defendia que o massacre que se dera em 1994 não tinha terminado: os interahamwes, fugidos do Ruanda e escondidos na selva congoleza, ainda massacravam os tútsis ruandeses e os banyamulengues.

Os Kabila mexeram-se depressa e pediram o apoio dos países vizinhos para combater uma afronta contra a soberania do Congo, ao mesmo tempo que apelavam aos seus contactos no seio das Nações Unidas para obter uma resolução que sancionasse a invasão do Ruanda, à que se somou a do Uganda, dias depois. A inquietação nas cidades sob o poder do governo de Kinshasa foi-se transformando em descontentamento pela invasão vizinha, mudando depois de cariz para passar a assumir-se como um antagonismo perigoso. Na quarta-feira, 12 de agosto, quando os ruandeses e os ugandeses controlavam a quase totalidade dos Kivus, um major do exército fiel a Kabila emitiu uma mensagem numa rádio da cidade de Bunia, no Nordeste do Congo, incitando ao massacre de tútsis, o que trouxe à lembrança os dias do genocídio ruandês quando os interahamwes faziam o mesmo para incendiar os ânimos. «O povo deve levar machetes, lanças, flechas, enxadas, espadas, ancinhos, arame farpado, pedras, ferros eletrificados e tudo o que conseguirem encontrar, queridos ouvintes, para matar os tútsis ruandeses», pormenorizou o militar e, em várias cidades, entre elas a capital, Kinshasa, houve linchamentos de tútsis e de banyamulengues.

Passados alguns dias, após uma batalha com muitas vítimas, não só entre os soldados mas também entre os civis, o exército ugandês apropriou-se de Bunia e, tal como o Ruanda tinha feito com Goma, fixou aí a sua base de operações. Da mesma forma, os grupos paramilitares, hutus e tútsis, lutavam para dominar uma parte do território na rica terra do Leste congolês. Numa questão de duas semanas, a parte oriental ficou mergulhada no caos, na guerra e no horror. Os civis abandonavam as cidades e as aldeias, à medida que estas eram atacadas e saqueadas, acabando nos campos de refugiados, carentes de água potável e de estruturas sanitárias. As doenças começaram a alastrar e a cólera, a meningite, tão dificilmente controlada, e outras doenças, apoderaram-se da população.

Desesperados, o presidente Kabila e o filho passavam o dia ao telefone com os seus pares africanos, enquanto o chanceler viajava de um país para outro à procura de apoio militar e político. Se os esforços diplomáticos não dessem frutos, Kinshasa cairia em poder do inimigo numa questão de dias. O exército não dispunha do moral necessário para deter o avanço. No domingo, 16 de agosto, verificaram-se os primeiros confrontos a poucos quilómetros da capital.

O hospital de Rutshuru estava à beira do colapso. O fluxo de feridos de bala, de mulheres e de homens violados, de crianças mutiladas e de velhos com golpes de machete não tinha fim. Pelo contrário, o fluxo de fornecimentos básicos – gaze,

adesivo, seringas, fios para suturar, absorvíveis e não absorvíveis – e mais complexos, como os antirretrovirais, anestésicos e antibióticos tinha sido cortado, porque os soldados e os rebeldes impediam a saída de Goma dos camiões da Cruz Vermelha e da Mãos Que Curam. A situação era crítica.

Há dias que Matilde não dormia na sua cama, tal como Juana e o restante pessoal da Mãos Que Curam. O cansaço pesava-lhe, embora não tanto como a angústia de não ver Eliah ou Jérôme.

Desde o início da guerra, Al-Saud não saía da mina, que sofria ataques frequentes. O sistema de segurança que rodeava o perímetro alertava-os para qualquer intromissão. Felizmente, nem os rebeldes nem os exércitos invasores dispunham de instrumentos para neutralizar os sinais, acabando sempre por ser descobertos e repelidos. Vigiavam zelosamente o Jumbo e a pista de aterragem – tratava-se do único meio de transporte com que contavam para se abastecerem de provisões e para levar o coltan para o exterior do Congo. Já não voavam para Kisangani, em poder do Ruanda, nem para Kinshasa, completamente à míngua – nem sequer tinham energia elétrica desde que os rebeldes de Nkunda se apoderaram da central hidroelétrica de Inga. Compravam os víveres, a água e as munições a preço de ouro em Mombaça, o porto mais importante do Quênia, onde os elementos da Mercure se encarregavam da segurança do presidente Moi e dos seus amigos.

Al-Saud alegrava-se por Alamán ter partido para Paris com Joséphine poucos dias depois do levantamento de Goma. As obras de arte de Anga La Mwezi, bem embaladas por Petra, Joséphine, Alamán e outros empregados, estavam no porão do Jumbo, que as transportaria para Paris uma vez terminada a missão. A segurança da fazenda estava nas mãos de Byrne e de Ferro, enquanto Meyers e Sartori se encarregavam da vigilância de Matilde, tarefa nada complicada uma vez que a Dr.^a Martínez não saía do hospital. Contudo, para Eliah era quase impossível comunicar com ela; cada vez que a chamava por rádio, uma enfermeira informava-o de que ela estava na sala de operações, o que piorava o seu humor tempestuoso e estimulava pensamentos negros. Porque não lhe telefonava entre uma cirurgia e outra? Ele era sempre o último a dispor da sua atenção. Começava a faltar-se de suplicar tanto o seu amor.

Al-Saud comunicava diariamente com a Missão São Carlos. Falava com Amélie e com Jérôme, que lhe perguntava sempre: «Quando vêm, tu e a mamã?» Não sabia que desculpa dar-lhe. Embora a sua prima fingisse força, Al-Saud sentia-lhe o medo na voz.

– Eliah, nunca nos fizeram nada. Respeitam-nos por sermos uma missão cristã. Para já ainda temos provisões.

– Já tens a cave preparada como te disse? – pressionava ele.

– Sim, sim, não te preocupes.

Tinha sido um pedido expresso de Eliah ao seu irmão Shariar: a missão tinha de dispor de uma cave com entrada camuflada, onde as freiras e as crianças pudessem esconder-se em caso de ataque. O engenheiro Al-Saud tinha feito os cálculos e depois construíra-a sob a casa das religiosas, com duas casas de banho, um bom sistema de ventilação e um circuito elétrico independente e escondido.

– Quero que leves para a cave o telefone por satélite.

– Agora? Eliah, estás a exagerar!

– Amélie – aborreceu-se Al-Saud –, acho que não percebes a gravidade do que está a acontecer a poucos quilómetros da tua missão. Leva o raio do telefone por satélite para a cave!

– Está bem! Que mau feitio!

– Desculpa, perdoa-me. É que estou esgotado e muito tenso.

– E há dias que não falas com Matilde, não é verdade?

– Sim. Quem to disse?

– Ela própria. Telefonou há uma hora para falar com Jérôme.

Depois de um silêncio, Al-Saud disse:

– Amélie, tenho de te deixar. Tentarei ir à missão assim que puder. Escuto e desligo.

– Obrigado, Eliah. Amo-te. Escuto e desligo.

Al-Saud saiu da tenda com um estado de espírito agressivo. As suas botas rangiam no chão à sua passagem rápida. La Diana tentou fazer-lhe uma pergunta e recebeu uma resposta colérica. Markov aproximou-se dela e murmurou:

– Não o culpes. Conservar a mina está a ser cada vez mais difícil e perigoso.

– E há dias que não vê a mulher – acrescentou La Diana.

Al-Saud esqueceu-se das obrigações e retirou-se para a colina de onde costumava observar a mina. Trepou a correr e, apesar do seu treino, chegou ao cume bastante ofegante. O calor, a humidade e a raiva oprimiam-lhe o peito. Custava-lhe a crer que Matilde tivesse falado com Jérôme e não com ele. Deixou cair a cabeça, subitamente vencido. Não havia nada a fazer.

No dia seguinte, quarta-feira, 19 de agosto, os esforços diplomáticos do presidente Kabila deram frutos e assinou um acordo com várias nações africanas para que o apoiassem na guerra contra os invasores. Desta forma, o conflito adquiriu um cariz internacional. Poucos dias depois, unidades dos exércitos de Angola, Zimbabwe e Namíbia entraram no Congo, e a balança inclinou-se a favor de Kabila. Ainda que o avanço do inimigo que pretendia a queda de Kinshasa tivesse sido detido, formou-se um cordão que ameaçava a subsistência dos cidadãos. No entanto, a queda da capital

nas mãos dos ruandeses ou dos ugandeses já não se considerava iminente, e o statu quo pareceu apoderar-se do país, apesar de os diversos grupos rebeldes continuarem envolvidos em escaramuças em todo o território.

Por fim, na quinta-feira, 27 de agosto, por volta do meio-dia, Al-Saud conseguiu falar por rádio com Matilde.

– Meu amor! – exclamou Matilde, mas perdeu rapidamente o sorriso ao aperceber-se do seu tom de voz agressivo.

– Esta noite irei ver-te à casa da Mãos Que Curam.

– Podes?

– Se te estou a dizer que vou é porque posso.

– Sim, claro. Desculpa. É que imagino que...

– A pergunta é se tu poderás deixar o hospital nem que seja por uma noite para te encontrares comigo.

– Sim, esta noite não ficarei no hospital.

– Vemo-nos mais tarde. Escuto e desligo.

Matilde ficou com o transmissor na mão, surpreendida e mortificada, e de repente a raiva que tinha sentido ao vê-lo conversar com Gulemale no enterro de Boel e que se dissolvera com o passar dos dias e com o excesso de trabalho, regressou com força. Saiu da sala dos médicos e, ao chegar à entrada principal disposta a percorrer a distância que a separava da tenda dos doentes de meningite, deparou com Nigel Taylor. Sentiu uma grande comoção. O inglês observava-a com um meio sorriso, atraente, com a pele muito bronzeada e os olhos azuis a brilhar. Vestia uma roupa desportiva, polo vermelho e calças de ganga, e trazia os óculos de sol como uma bandelete, na cabeça. Exalava uma energia descontraída, mais adequada a um turista no Mónaco que a um mercenário na guerra do Congo.

– Olá, Matilde.

– Nigel! Que surpresa! – O inglês inclinou-se e beijou-a na cara. Um beijo que durou até Matilde ter afastado a cara. – Há quanto tempo! – exclamou, nervosa e perturbada.

– Podemos falar? Tens uns minutos?

– Na realidade... – Matilde olhou para o relógio. – Estamos aqui à beira do colapso. Mas sim, tenho uns quinze minutos. Anda, vamos à cafetaria.

Taylor apontou para uma mesa e Matilde reparou que se tratava da mais afastada. Como já não havia café, conformaram-se com chá, que beberam sem açúcar ou leite.

– Como tens passado, Matilde?

– O que posso dizer-te, Nigel? Até 2 de agosto, corria tudo bastante bem.

Estávamos a controlar a epidemia de meningite, operávamos duas mulheres com fístula por dia e as vítimas com feridas de bala tinham diminuído. O dia do levantamento de Goma, 2 de agosto, marcou um antes e um depois. Agora é só sangue, tiros, explosões. Já nem me assusto – admitiu, com espírito fatalista.

– A guerra iria começar, mais cedo ou mais tarde. O interesse em controlar esta parte do Congo é enorme e nasce em grupos poderosos.

– Sim, sim, já sei. Tudo por causa do coltan.

– Do coltan – repetiu Taylor – e do ouro, e da cassiterite, e do cobre, e do urânio, e dos diamantes... Enfim, a riqueza da parte oriental do Congo é incalculável.

– Mas o povo morre de fome e de doenças que podiam ser facilmente evitadas. Estou esgotada, Nigel.

– Eu sei. Pareces exausta.

– Há semanas que não temos uma pausa. Não vou à missão desde que eclodiu a guerra e isso deprime-me muitíssimo. Nigel – disse, repentinamente animada –, quero agradecer-te imenso por Kabú. Amélie contou-me que o menino e soeur Angelie foram para Joanesburgo e que tu os levaste no teu avião privado.

– Nunca vi ninguém apreciar tanto um voo. Kabú estava tão feliz. Só lamentava que o seu amigo Jérôme não estivesse com ele.

– Obrigada! – exclamou, apertando-lhe a mão.

– Quanto tempo terá de permanecer no hospital Chris Hani Baragwanath? Esqueci-me de perguntar ao doutor van Helger. Talvez o tenha mencionado à minha secretária, que foi quem se encarregou dos pagamentos e das reservas.

– Não sei quanto tempo. Talvez vários meses, até terminarem os enxertos. Soeur Angelie diz que estão muito bem instalados. Diz que o hospital é como um hotel de luxo. É muito caro, não é verdade? – preocupou-se Matilde.

– Não, não – desvalorizou Taylor, com uma sacudidela da mão. – Não pergunto por isso, mas porque gostaria de ir buscá-lo quando tudo acabasse. Talvez pudéssemos ir juntos – propôs e calou-se, com um sorriso sagaz. – Matilde, não sabes como tive saudades tuas durante este tempo. Embora tenha querido visitar-te assim que regresssei ao Congo, foi-me impossível fazê-lo.

– Sim, a guerra prende-nos aos dois, mas por motivos opostos.

– Sim – afirmou com uma expressão pesarosa. – Desde que Kabila conseguiu o apoio dos países vizinhos, os exércitos recuaram um pouco e vive-se uma calma tensa. Por isso hoje consegui sair do acampamento de Nkunda e vir visitar-te.

– Como podes ter acordos com esse assassino? – perguntou Matilde com vivacidade.

– Al-Saud tem acordos com Kabila, que não é propriamente um santo – defendeu-

se, mas controlou imediatamente o nível de agressividade. – Matilde, não me julgues. É isto que sei fazer. Se eu não treinasse e preparasse os soldados de Nkunda, matá-los-iam como moscas. A minha experiência e o meu talento em questões bélicas servem-lhes para se manterem com vida.

– E para matarem outros!

– É uma guerra!

– Uma guerra provocada e financiada por pessoas que não a fazem! Imagino-os a manipular este caos do convés dos seus iates no Mediterrâneo!

– E fumando charutos em Havana – admitiu com ar cansado. – Não quero que discutamos, por favor. Vim à procura da paz e da serenidade com que sempre me contagias.

– Nigel, pelo amor de Deus, não podes pretender que não te diga o que penso quando diariamente vejo morrer crianças, mulheres, velhos, soldados, por causa da cobiça de outros. Uma cobiça que tu ajudas a satisfazer.

– Matilde, Matilde, por favor, peço-te uma trégua. – Matilde assentiu e baixou o rosto. – Na realidade vim ver-te hoje para obter uma resposta à proposta que te fiz há algum tempo. Tiveste mais de dois meses para pensares nela. O que decidiste? Aceitas ser minha mulher?

Matilde obstinou-se em continuar com os olhos fixos na mesa, examinando os riscos e as manchas da madeira.

– Sim, pensei muito na tua proposta – acabou por dizer e, erguendo o queixo, olhou Taylor nos olhos. – Não posso aceitá-la, Nigel. Lisonjeia-me a tua proposta, mas não posso.

– É por causa de Al-Saud, não é verdade? – Matilde assentiu. – Será que tu e ele fizeram as pazes?

– Vamos casar-nos.

«Vamos casar-nos.» As palavras repetiram-se várias vezes na mente de Taylor e pareciam bater contra as paredes do seu crânio. Apoiou os cotovelos na mesa e apertou as fontes.

– Preferes Al-Saud, não é verdade?

– Nigel, amo Eliah há muito tempo, antes de te conhecer a ti.

– Al-Saud é um filho da puta! Um anjo como tu não pode entregar a sua vida a um miserável como ele!

– Por favor, Nigel! – exclamou Matilde, levantando-se. Nigel agarrou-a pelo pulso e obrigou-a a sentar-se na cadeira com um puxão. – Como te atreves!

– Desculpa-me, Matilde. Por favor, perdoa-me. Só te suplico que me concedas

alguns minutos para te contar uma história. Por favor.

Matilde assentiu. Sentou-se na cadeira e pôs os braços fora da mesa para manter distância do inglês.

– Fala. Não tenho muito tempo.

– Há uns anos, Eliah e eu éramos... colegas de trabalho, digamos assim

– Nesse grupo militar de elite? – aventurou Matilde.

– Vejo que te falou de L’Agence.

– Não mencionou o nome.

– Está bem, é um segredo. Supõe-se que não devemos falar disso. Também te contou porque lhe tenho um ódio de morte? – Matilde negou, abanando a cabeça. – Evidentemente, isso não te ia contar.

– Dir-me-ás tu, suponho.

– Sim, dir-te-ei porque quero tirar-te essa venda dos olhos. Eu já fui casado. A minha mulher chamava-se Amanda, mas chamávamos-lhe Mandy.

– Chamava-se?

– Morreu há pouco mais de quatro anos. Suicidou-se.

– Sinto muito!

– Foi terrível para mim, não só perdê-la, mas conhecer quem a tinha deixado naquele estado desesperado: Al-Saud.

Taylor assustou-se com a palidez repentina de Matilde. A sua cara não adotou apenas uma tonalidade leitosa como ficou toda por igual, já não se viam matizes, e os lábios, as faces, a testa, o nariz, apresentavam a mesma cor macilenta, que fizera desaparecer as sardas e onde os olhos prateados e aguados sobressaíam de uma forma quase sobrenatural. O efeito era terrível e hesitou em continuar.

– Matilde – sussurrou, comovido.

– Continua, Nigel, por favor.

– Bebe um pouco de chá.

O inglês ficou a olhar para ela até ver que uma sombra rosácea lhe coloria os lábios.

– Uma noite – prosseguiu – convidei Al-Saud a jantar na minha casa de Londres e foi aí que ele conheceu Mandy. Começou a persegui-la, a assediá-la, a apossá-la, e, como tu sabes, ele é sedutor e sabe como tratar uma mulher. Finalmente, conseguiu que ela se apaixonasse por ele e levou-a para a cama. Mandy não era uma mulher forte. Tinha um temperamento inconstante e sensível. Eu notava-lhe a mudança, mas não sabia a que atribuí-la. Um dia encontrei-a a chorar na nossa cama. Estava bêbada.

Quando lhe perguntei o que se passava, confessou-me tudo, com pormenores que teria preferido não saber. Chorava porque ele tinha acabado a relação. Evidentemente, ele iniciara o affaire para ter alguém com quem divertir-se em Londres. Mandy, pelo contrário, apaixonara-se perdidamente e não suportava a ideia de não voltar a vê-lo. É evidente que me enfureci com a minha mulher e não me dei conta de como estava fragilizada. Preparei uma mala e fui para um hotel. Dias depois, quando voltei à nossa casa, encontrei-a morta. Tinha ingerido soníferos.

– Oh, Nigel, sinto muito! – disse Matilde com voz quebrada.

– Compreendes agora porque o detesto? Ele destruiu a mulher que eu amava. Mandy era a minha vida e ele destruiu-a com o seu egoísmo e a sua vaidade. Tinha a certeza de que nunca mais voltaria a apaixonar-me. O que tinha existido entre Mandy e eu não podia repetir-se. Até te ter conhecido e a esperança ter renascido. Mas agora Al-Saud volta a entropor-se entre mim e a mulher que amo. Não quero que sejas dele, Matilde. Ele não te merece. É um ser vil e egocêntrico...

– Nigel – sussurrou Matilde com os olhos fechados e a mão levantada –, por favor, não digas mais nada. O que me contaste é terrível e suficiente.

– Sinto muito, Matilde. Sinto-o deveras. Sei que estás a sofrer, mas era preciso pôr-te a verdade à frente. Não podes unir-te a ele. Não tu, que és tão superior a esse bastardo.

– Nigel, peço-te que respondas a esta pergunta com sinceridade. Quando nos conhecemos, tu sabias da minha relação com Eliah?

– Não – mentiu.

Matilde, incapaz de continuar a reprimir o pranto, levantou-se e fugiu a correr da cafetaria. Taylor seguiu-a com os olhos, por um lado devastado, porque sabia que Matilde nunca seria dele, por outro, satisfeito, porque também não seria de Al-Saud. Se a história, bastante retocada, do affaire entre Mandy e Al-Saud não fosse suficiente para destruir o amor de Matilde, as fotografias que acabara de colocar no seu cacifo bastariam.

Felizmente, depois da conversa com Nigel Taylor não tivera de voltar à sala de operações. Ter-se-ia desculpado. Não estava em condições de operar. O pulso ainda lhe tremia e tinha ataques de choro. Não chorava só pela história de Mandy Taylor, mas pela facilidade com que acreditava que Al-Saud a tinha seduzido e depois abandonado, como se fosse lixo. Porque desconfiava dele? Porque o achava capaz de um ato tão vil? Podia casar-se com um homem em quem não confiava? Recordou o fim de semana em Londres e pensou que, para festejar o seu aniversário, a levava à cidade onde tinham decorrido os seus amores com Mandy Taylor. Ter-se-ia lembrado dela enquanto percorriam as ruas da capital inglesa? Mandy e Eliah teriam ido a Ministry of Sound? Como sabia pouco dele e dos seus pensamentos!

Foi trocar de roupa. Ajabu vinha buscá-los dentro de dez minutos. Queria voltar

para casa e tomar um banho para tirar de cima o esgotamento e a melancolia. Antes de Taylor lhe revelar a origem do seu ódio por Al-Saud, sentia ansiedade e alegria devido ao reencontro adiado. Neste momento, receava enfrentá-lo. O que lhe responderia Al-Saud quando o interrogasse sobre Mandy Taylor? Que justificção lhe daria? Como poderia voltar a confiar nele?

Abriu o cacifo e reparou imediatamente no envelope tamanho A4, branco. Alguém, por engano, o teria guardado no seu compartimento? Não, impossível. Cada cacifo tinha uma chave própria; por exemplo, a sua chave não abria o cacifo de Juana, e vice-versa. Examinou a fechadura e não viu mostras de ter sido forçada. Pegou no sobrescrito e virou-o à procura de nomes. Nada. Não estava fechado. Abriu-o e olhou para o conteúdo. Fotografias. Tirou-as. Começou a vê-las, lentamente ao princípio, depois, alterada. Acabava de as ver e voltava ao início, repetidamente, até lhe terem caído das mãos e se terem espalhado pelo chão da casa de banho. Ajoelhou-se com as mãos sobre as coxas e com os dedos cravados no tecido fino das calças. Passeava o olhar pelas fotografias e, embora dissesse para consigo que tinha de apanhá-las, não se atrevia a tocar nelas. Umas vozes que se aproximavam pelo corredor obrigaram-na a agir. Juntou-as depressa, devolveu-as ao sobrescrito e saiu da casa de banho.

Durante a viagem até à casa da Mãos Que Curam, ninguém, nem sequer Juana, abriu a boca, pelo que a angústia e a depressão de Matilde se mimetizaram com o desânimo dos restantes e passaram despercebidas. Dirigiu-se para o seu quarto sem erguer os olhos. Receava encontrar os de N'Yanda, que descobriria a sua tristeza só de a ver pestanejar. Tomou um banho e, quando Verabey bateu à porta para a avisar de que o jantar estava servido, Matilde, fingindo uma voz alegre, garantiu que não tinha fome e que iria dormir.

O seu cabelo foi secando, os ruídos da casa silenciando-se, os da selva aprofundando-se, as luzes apagando-se, enquanto Matilde permanecia imóvel na cadeira, com os olhos postos nas fotografias pousadas na cama. «Daqui não saio. Não penso entrar nessa casa de loucos.» «Vamos até ao meu quarto para falarmos tranquilamente.» «Para o quarto que estás a partilhar com Gulemale? Não, não vou.» «Não estou a partilhar o quarto com ninguém.» «Deixa-me agora. Não quero outro escândalo. Se Gulemale nos encontra assim, não creio que fique satisfeita.» «Entre mim e Gulemale não há nada.» «Não acredito. Mentiste-me demasiado.»

Um gemido involuntário saiu-lhe dos lábios ao ouvir o som familiar das botas de Al-Saud a pisar o jardim. Pôs-se de pé e prendeu as mãos porque tremiam. Não queria enfrentá-lo.

Al-Saud trepou para o peitoril e escorregou para dentro do quarto. Matilde olhava-o de longe, sem fazer tenção de ir recebê-lo. A atitude dela desconcertou-o. Tinha previsto que, depois de semanas de separação, Matilde se atiraria nos seus braços. Ficou a olhar para ela e os ciúmes e a raiva, quase desterrados pela expectativa de a ver, voltaram.

– Olá.

Matilde engoliu para humedecer a garganta, insegura da qualidade da sua voz.

– Fala-me de Mandy Taylor – pediu-lhe num murmúrio.

– O quê?

– Mandy Taylor – repetiu, com voz fanhosa. – Fala-me da tua relação com ela.

Al-Saud contemplou-a, desorientado, com a boca entreaberta e sem pestanejar.

– Por isso não telefonaste para mim durante todo este tempo? Porque Taylor esteve a falar-te da mulher?

– Chamei-te por rádio três vezes, mas nunca estavas na mina.

– Quando me chamaste? – impacientou-se, aproximando-se dela. Incomodou-o vê-la retrair-se. – Não me disseram que tinhas chamado. – Ia matar alguém.

– Não sei com quem falei. Fala-me de Mandy Taylor – insistiu.

– É mentira, nunca me chamaste. Em todas estas semanas, nem uma vez o fizeste. Mas tiveste tempo para telefonar a Jérôme!

– Chamei-te! Eu não minto. Tu, no entanto, já o fazes. – Estava a levantar o tom de voz, por isso moderou-se. – Por favor, conta-me o que aconteceu com Mandy Taylor.

– Quando estiveste com Taylor? Porque imagino que foi ele quem te contou a sua versão dos factos.

– Sim, ele contou-me o que houve entre ti e Mandy. Foi visitar-me hoje ao hospital e contou-me.

– Maldito filho da puta – resmungou.

– Disse-me que a perseguiu até conseguires seduzi-la...

A gargalhada de Al-Saud, forçada e cínica, crispou Matilde.

– Que a perseguiu? Que a seduziu? Creio que te contou as coisas exatamente ao contrário. Foi ela quem me perseguiu e me assediou até ao cansaço!

– Diz que ela se suicidou por tua culpa! Porque a deixaste!

– Evidentemente, o querido Nigel absteve-se de comentar que a mulher era bipolar e que estava medicada por um psiquiatra. Também não te esclareceu que era instável, caprichosa e que passava do choro às gargalhadas com imensa facilidade. Bebia imenso álcool, misturava-o com a medicação. Estava louca!

Al-Saud sentiu nojo de si próprio por falar de Mandy Taylor naqueles termos. No fim de contas, ele tinha aceitado ir para a cama com ela. Além disso, estava morta. Era preciso deixá-la em paz. O que mais o humilhava era que Matilde tivesse sabido por Taylor de uma parte tão obscura da sua vida, de uma época irreflexiva em que

não media as consequências porque não tinha nada a perder, nada lhe interessava muito, não como se interessava por Matilde. Sentiu-se esmagado pela vergonha e pela sensação recorrente de se sentir inferior a ela e pouco merecedor da sua atenção. A rainha e o vassalo.

– Eliah, por amor de Deus... – soluçou Matilde, cobrindo a cara.

– Meu amor... – sussurrou, avançando na sua direção.

Matilde descobriu o rosto e lançou-lhe um olhar carregado de ressentimento que o fez parar em seco.

– Matilde, por favor. Há semanas que não estamos juntos e não sei quando voltaremos a ver-nos. O que se passou com Mandy foi um erro, admito-o, mas juro-te pela minha vida que as coisas não aconteceram como Taylor tas contou. É óbvio que te quer para si e que fará qualquer coisa para nos separar.

– Também me jurarias pela tua vida que não tiveste nada com Gulemale? Jurarias?

– Sim – acabou por responder.

– Mentiroso! – exclamou entre dentes.

Pegou nas fotografias de Gulemale e encostou-as ao peito dele. Al-Saud conseguiu agarrá-las antes que acabassem no chão. Viu-as depressa, e o ruído do papel misturava-se com os soluços de Matilde.

– Quem tas deu?

– Isso que interessa?

– Dis-moi! – exigiu-lhe, enfurecido.

– Encontrei-as hoje no meu cacifo do hospital.

– Taylor, fils de pute! Fils de pute!

Apercebeu-se imediatamente de que Gulemale, para se vingar do assunto de Abu Yihad, lhas havia dado. Não tinha dúvidas de que fora Frédéric quem as tirara, sempre a chatear com aquela máquina fotográfica ao pescoço. Praguejou repetidamente, cansado e enojado por as circunstâncias conspirarem contra si, por o seu passado voltar, implacável, para cobrar as dívidas, por a ira dos seus inimigos pairar sobre Matilde. O próprio universo conspirava contra o seu amor.

Matilde chorava e via, atrás de um véu de lágrimas, como Al-Saud voltava a rever as fotografias. Uma energia, não colérica mas acabrunhada, emanava dele.

– Não te respeito, Eliah. Não consigo confiar em ti – pensou em voz alta e arrependeu-se imediatamente ao ver a expressão dorida de Al-Saud. – Eliah...

– Com que autoridade reclamas quando beijaste o cretino de Vanderhoeven?

– Como sabes isso? Quem to disse? – Uma luz iluminou-lhe de súbito o cérebro. – Os teus homens têm estado a seguir-me?

– A seguir-te, não. A proteger-te! Terias morrido às mãos dos rebeldes naquele dia se Derek e Ferro não tivessem aparecido. Sem falar que o tipo que te atacou na capela da Medalha Milagrosa continua atrás de ti. O que querias que fizesse? Que te deixasse desprotegida, com tantos perigos à tua espreita?

– Não posso acreditar que me tenhas mandado seguir!

– Sim, fi-lo e não me arrependo. Com o teu pai... – Conteve-se a tempo.

– O meu pai? O que se passa com o meu pai? Fala, por favor! O que tens...?

– Arrête, Matilde – pediu-lhe. – Arrête, s'il te plaît. Rendo-me – sussurrou em francês, com os braços levantados e a cabeça caída. A mão abriu-se e as fotografias espalharam-se em volta dele.

Matilde soube que alguma coisa acabara de quebrar-se no íntimo de Elich e sentiu pânico.

– Estou cansado de viver desta maneira, cheio de angústia e de desespero pelo receio constante de perder-te, por não ser suficiente para ti, por desejar que me ames mais do que a qualquer outra pessoa, por me achar menos do que tu, por não te merecer...

– Elich, por favor...

– Deixa-me falar. Receio a tua avaliação tanto como os meus erros, que são muitos, eu sei, mas estão no passado e nada posso fazer para os mudar. Receio a tua condenação. Na verdade, tu estás muito acima de mim...

– Não! – clamou ela, tentando aproximar-se, mas Al-Saud voltou a erguer os braços e recuou.

– Amo-te de uma forma que não é boa para mim, e que também não o é para ti. Às vezes penso que és uma obsessão que acabará com os dois.

Deu meia-volta e, com um salto ágil, trepou para a janela e correu pelo jardim até à carrinha. Matilde ouviu o chiar das rodas e só nesse instante compreendeu o que perdera. Baixou os olhos e viu as fotografias aos seus pés. Ajoelhou-se, apanhou-as e juntou-as sobre a mesa de cabeceira. A primeira do monte tinha sido a pior: Gulemale saboreando o pénis de Elich e ele a gozar com uma expressão de êxtase que Matilde nunca lhe vira quando ela lhe fazia sexo oral.

Atirou-se para a cama e chorou com uma amargura tão profunda que lhe parecia nova. A profundidade da sua mágoa relacionava-se com a compreensão de que a vida acabava de perder sentido. Queria morrer. Aos dezasseis anos tinha lutado contra a morte. Nesse momento, tê-la-ia recebido de braços abertos.

Disseram-lhe que tinha estado quase a morrer. Devia ser verdade, refletiu Udo

Jürkens porque, depois de semanas de convalescença, ainda se sentia fraco e um esforço mínimo deixava-o esgotado. Lembrava-se pouco do que vivera no hospital de Brazzaville. Uma enfermeira contou-lhe que o tinham encontrado inconsciente na casa de banho pessoal do serviço doméstico do Hotel Laico Maya-Maya. O vírus da meningite demorou a sair-lhe do corpo, tal como ele demorara a recuperar a consciência e a pensar com clareza. Dos quase dois meses de internamento, evocava fragmentos confusos, e entre eles não podia garantir quais eram sonho e quais, factos reais, embora recordasse uma presença constante: a de Ágata. Tinha a impressão de que fora a sua amada quem segurara no fio que o tinha mantido ligado à vida. Nesse momento desejava vê-la, tocá-la e levá-la até Anuar Al-Muzara para depois a reclamar para ele.

Viajar pela África subsariana era difícil, pela República Democrática do Congo, ainda mais. Mas fazê-lo com a República Democrática do Congo em guerra seria considerado um ato suicida. Ele, no entanto, conduzia pelos caminhos de terra e pelos restos de estradas uma carrinha meio desconjuntada, a única que conseguira em Kinshasa, cuja vantagem era o ar condicionado ainda a funcionar, não se importando que, ao ligá-lo, o motor ficasse lento e pesado, pois, de outra forma, o calor tê-lo-ia matado.

Num país sem sinalização dos destinos, um bom mapa e uma bússola passavam a ser elementos fundamentais para não acabar no Quênia ou no Gabão. Parou para os consultar pela enésima vez e confirmou que estava na senda correta. Cento e cinquenta quilómetros atrás tinha entrado em território mais conflituoso, no da província do Kivu Norte, onde ficava Masisi. Tal como as cidades por onde tinha passado, a de Masisi estava mergulhada no caos, no terror e na fome. Podiam ver-se as sequelas de um ataque recente: automóveis queimados, tiros nas fachadas dos prédios, cadáveres que ninguém se dava ao trabalho de recolher e nos quais as aves de rapina se deleitavam, gente que fugia, crianças que choravam.

Abriu a janela e mostrou uns dólares a um velhote sentado num banquinho no passeio. O homem interrogou-o com um movimento da cabeça, mas não fez tenção de se aproximar do veículo. Jürkens falou com ele em francês.

– Onde fica o hospital?

– Naquela direção – disse, num francês de pronúncia quase incompreensível e sem revelar indícios de surpresa ou de medo da voz inumana de Udo. – Depois da igreja.

Como o velho não se moveu para ir buscar a gorjeta, Jürkens arrancou e dirigiu-se para o seu destino final. O coração palpitava-lhe descontroladamente e doíam-lhe as fontes e a nuca. Sofreu uma decepção enorme quando uma enfermeira lhe disse que a Dr.^a Matilde já não trabalhava no hospital de Masisi.

– Olha-me com medo por causa da minha voz, não é verdade? – perguntou Jürkens, tentando ser simpático. – Extirparam-me as cordas vocais por causa de um tumor e colocaram-me um reproduzidor de som eletrónico, que funciona com a

passagem do ar, tal como as cordas vocais. Acontece que não reproduz a voz que gostaria de ter mas, pelo menos, não fiquei mudo.

– Oh, sim, sim, evidentemente – concordou a mulher. – Desculpe, não queria parecer grosseira.

– Estou habituado.

– É amigo da doutora Martínez?

– Somos primos. Vim até aqui para a ver, porque estou preocupado com a grave situação que o Congo atravessa.

A mulher estendeu a mão e Udo Jürkens apertou-a com firmeza.

– Chamo-me Kapuki Mangale e tive o privilégio de assistir a sua prima, a doutora Martínez, enquanto trabalhou connosco.

– Muito prazer, menina Mangale. O meu nome é Javier Martínez. Quer então dizer que Matilde deixou o hospital de Masisi? Regressou à Argentina, a Paris, talvez? – Simulou estranheza e preocupação.

– Oh, não. Continua no Congo. Agora trabalha no hospital de Rutshuru.

– Tem a certeza de que continua a trabalhar em...? Como disse que se chama a cidade?

– Rut-shu-ru. Sim, tenho a certeza de que ainda está aí. Ontem chamou-nos por rádio pedindo-nos alguns medicamentos que faltam no hospital dessa cidade.

– Se voltar a falar com ela, não lhe diga que me viu. Queria surpreendê-la.

– Não o farei. Não lhe direi nada, senhor Martínez.

– Muito obrigado, menina Mangale.

Nem sequer a perspetiva de voltar a ver Jérôme depois de tanto tempo a animava. Desde a manhã de sexta-feira, andava, comia, vestia-se, penteava-se, lavava os dentes, respondia às perguntas de uma forma maquinal, como se o seu espírito tivesse abandonado o corpo, transformado numa casca, impulsionada por espasmos elétricos. Mantinha-se mesmo indiferente ao mutismo perturbador que reinava no interior do Land Rover branco da Mãos Que Curam que os levava para a Missão São Carlos. Vanderhoeven, que ocupava o lugar do copiloto ao lado de Ajabu, praticamente não lhe dirigia a palavra desde o dia anterior. À mesa do pequeno-almoço, com um olhar pouco amigável, dera-lhe a entender que a sua discussão com Al-Saud era do domínio público. Durante o dia, no hospital, só se dignava falar-lhe para se referir a assuntos médicos.

– Hoje não farás nenhuma cirurgia – ordenou-lhe.

– Mas...

– Não discutas! Serias uma irresponsável se operasses hoje. Não dormiste toda a

noite e é óbvio que a passaste a chorar. – Deu meia-volta e deixou-a no corredor, com a boca aberta.

Juana, que também ouvira a discussão, assim que teve a certeza de que Al-Saud tinha abandonado o quarto de Matilde, entrou. Encontrou a amiga de barriga para baixo, na cama. Embora não se ouvissem os seus soluços, soube que estava a chorar porque o corpo dela se agitava. Deitou-se ao seu lado e abraçou-a.

– Juani! – soluçou Matilde.

– O que se passa, Matita? Porque brigaram?

– Ele deixou-me, Juani! Foi-se embora! Acabou comigo!

Juana apertou as costas magras de Matilde e franziu o sobrolho.

– Isso é impossível, Mat. Eliah nunca acabaria contigo.

– Mas fê-lo! Cansei-o com os meus ciúmes e com as minhas dúvidas! Fartei-o! Humilhei-o! Disse-lhe que não o respeitava! Que não confiava nele! E ele deixou-me! Disse-me... – Afogada pelo pranto, começou a tossir. Juana bateu-lhe nas costas e ciciou, tentando acalmá-la. – Eliah disse-me que o nosso amor lhe faz mal. Que acabará por destruí-lo.

Juana trouxe-lhe um copo de água e obrigou-a a bebê-lo em goles pequenos. Verificando que estava mais serena, pediu-lhe que lhe contasse os factos.

– Sente-se inferior a mim, diz que o julgo, que receia a minha condenação. A mesma coisa que a avó Celia me inspirava!

Voltou a calar-se, dominada por um ataque de choro. Que cega fora! O seu amado Eliah, o mais importante para ela, sofria devido à sua falta de atenção, ao seu modo de ser frio. «Eu sou assim, fria.» «A única coisa que tens fria, Matilde, é o nariz.» Ao evocar a troca de palavras, tão longínqua e parte de um tempo feliz, estremeceu de pânico e de dor. Juana abraçou-a e pediu-lhe que se acalmasse.

– Achas que é verdade que era a tal Mandy quem se oferecia a Eliah e não o contrário?

– Não sei – choramingou.

– Tens de acreditar nele, Mat! É o homem que amas. Taylor baralhou as coisas para conseguir o que conseguiu, o grande filho da puta. Acredita em Eliah!

– Sim? Tu acreditarias depois de ver isto?

Pegou no monte de fotografias da mesa de cabeceira e entregou-as. O efeito da primeira foi brutal e desenhou uma expressão atónita nas feições de Juana.

– C’um catano! A coisa está do camandro! Até me saiu um verso.

– Juana, não estou para brincadeiras!

Juana analisava as fotografias, dava assobios e soltava impropérios.

– Nunca me disseste que o papurri a tinha tão grande e bonita. Por favor, vê bem o que é!

– És insuportável! – enfureceu-se Matilde, arrancando-lhe as fotografias. – Confio-te o que de pior me aconteceu na vida e vens-me com isso? Com o tamanho de Eliah?

– Não sei se é a fotografia que o favorece, amiga, estão um pouco escuras para dizer a verdade, mas se o papurri é realmente assim, está para lamber os beiços.

– Basta! Vamos! Fora do meu quarto!

– Não te piques! Acalma-te. Estou a tentar tirar dramatismo à coisa.

– A coisa tem todo o dramatismo que merece.

– Tu sabes quando foi tirada esta fotografia?

– O que interessa quando foi tirada?

– Interessa bastante porque se isto aconteceu quando vocês estavam zangados, Eliah tinha todo o direito de ir para a cama com quem quisesse. Não te esqueças de que tinhas acabado com ele.

– Eu perguntei várias vezes a Eliah se havia alguma coisa entre ele e Gulemale e ele disse-me que não. Mentiu-me, mais uma vez.

– Só há sexo, Mat! Como é possível que não o vejas? Para um homem, o sexo e o amor são bastante diferenciados. Para nós, tudo se mistura. Gulemale deve tê-lo perseguido, porque se nota que tem mais fominha dele do que o Monstro das Bolachas por um pacote das ditas. E Eliah, que devia estar farto da abstinência, deve ter-se deixado levar.

– E porque não mo disse quando lhe perguntei?

– Ai, Matilde! Às vezes pergunto a mim própria se és ou te fazes. Como te pode passar pela cabeça que o papurri te ia confessar que tinha estado com Gulemale? Estava a tentar recuperar-te e largava-te essa bomba atómica. Uma estratégia brilhante! Não sejas ridícula, peço-te, por favor. – Abriu a porta e saiu do quarto, deixando Matilde com uma expressão aflita e com as fotografias prestes a caírem-lhe das mãos.

Nos dias que se seguiram, Juana mostrou-se distante no hospital. Embora com a ausência de feridos não tivessem tido tempo de conversar, Matilde sabia que a sua amiga a evitava. Teria razão? Devia confiar na versão dos factos dada por Al-Saud no que dizia respeito a Mandy Taylor e aceitar que lhe tivesse ocultado a sua relação com Gulemale? Devia perdoar-lhe as suas infidelidades e falta de escrúpulos? Corresponhia-lhe a ela fazê-lo? A confusão somava-se à tristeza, fazendo-a sentir-se miserável e desgraçada. Ao meio-dia, incapaz de passar a sexta-feira nesse estado de

espírito, utilizou o rádio do hospital para telefonar para a mina. Felizmente, foi La Diana quem atendeu.

– Não está, Matilde.

– Por favor, Diana, não me mintas. Passa-lhe o rádio. Preciso de falar com ele.

– Não te estou a mentir. Porque o faria? Tivemos uma manhã terrível e Eliah está a fazer o reconhecimento da zona. Dir-lhe-ei que chamaste.

Manteve-se atenta ao rádio e pediu que a avisassem se Eliah Al-Saud chamasse. Em vão, porque ele não o fez, nem sequer durante a madrugada de sábado, apesar de saber que ela estava de serviço.

Na missão não os esperava o ambiente festivo dos sábados anteriores. Os tentáculos da guerra tinham-se estendido até aos recantos da selva para oprimir o coração das criaturas mais pequenas e indefesas. Muitas famílias, fugidas das suas aldeias para salvar a vida, procuravam abrigo no terreno da missão e viviam em tendas.

– Já não tenho com que alimentá-los – angustiava-se Amélie.

– Trouxemos algumas provisões – disse Vanderhoeven –, mas não são suficientes para alimentar tanta gente.

– O que nos trouxeste, Auguste – decidiu Amélie – será para as crianças, as da missão e as destas famílias. Os adultos terão de alimentar-se com o que pescarem ou caçarem.

– Mas já não podem caçar ou pescar – comentou sœur Annonciation – porque na selva estão os interahamwes que os caçam a eles como a animais. A maior parte é de origem tútsi – explicou.

– Começaremos por examiná-los a todos – informou Vanderhoeven. – No caso de estarem doentes, não queremos que contagiem as tuas crianças, Amélie.

– Oh, não! Deus não o permita.

Enquanto isso, Matilde abraçava e beijava Jérôme, que lhe devolia os beijos e os abraços com a mesma efusão.

– Tive tantas saudades tuas, meu amor!

– Eu também – disse o menino. – Onde está Eliah? Hoje também não vem?

A pergunta temida. Não queria mentir-lhe, mas também não queria preocupá-lo dizendo-lhe a verdade. Às vezes, refletiu, mentia-se para evitar uma dor aos entes queridos.

– Eliah está ocupadíssimo, riqueza. Perguntou-me por ti. Manda-te um beijo.

– Também tenho saudades dele – manifestou, pesaroso, e Matilde apertou-o contra o peito.

– Eu também tenho saudades dele, meu amor. Muitas saudades – repetiu, com uma voz estrangulada.

Um soldado do Congresso Nacional para a Defesa do Povo entrou na tenda onde se reuniam os comandantes e encaminhou-se para o general Laurent Nkunda com uma expressão alterada. Nigel Taylor, inclinado sobre um mapa da região dos Kivus, endireitou-se de chofre ao ouvir o soldado mencionar Patrice, o nome de código do espião de Nkunda num comando dos interahamwes.

– Senhor, Patrice acabou de chamar pelo rádio. Garante que Karme está a descer para a selva para atacar a Missão São Carlos por estar a acolher muitos banyamulengues e tútsis do Ruanda.

– Karme – resmungou o general, apertando a cabeça da águia que formava o punho da sua bengala. – Maldito demónio.

Nigel Taylor tinha ficado mudo. «A missão», pensou, aterrado, e calculou que, por ser sábado, Matilde podia estar aí.

– Quando será o ataque? – perguntou à queima-roupa.

– Segundo Patrice – informou o soldado – dentro de duas ou três horas, o tempo que demorar a descer a serra e a atravessar a selva.

– Devíamos enviar uma brigada para defender a missão – sugeriu um comandante. – É sabido que as religiosas acolhem maioritariamente crianças de origem tútsi.

– Eu estarei na frente – disse Taylor, granjeando olhares surpreendidos por parte de Nkunda e de outros chefes rebeldes. – Quero que Osbele faça parte da brigada.

– Muito bem – concedeu Nkunda. – Que se prepare a oitava brigada.

Taylor lamentou que os helicópteros da Spider International estivessem em Kisangani. Tratava-se da praça mais importante com que contava o Congresso Nacional para a Defesa do Povo, com aeroporto, várias linhas ferroviárias e porto sobre o rio Congo que recebia os barcos procedentes de Kinshasa, por isso destinavam o melhor armamento e tecnologia bélica à sua defesa. No entanto, nesse momento em que a vida de Matilde dependia de ele chegar a tempo, teria dado qualquer coisa para dispor de um dos seus Kamov para percorrer o espaço em pouco tempo. Por terra, e se não encontrassem nenhum grupo antagónico que os atrasasse, demorariam pouco mais de duas horas.

A carrinha de Udo Jürkens saiu da floresta tropical e parou de chofre ao vislumbrar várias construções cuja solidez contrastava com as choças de barro e cana de bambu a que se tinha habituado enquanto atravessava o território congolês. Agarrou nos binóculos e examinou o local. Um caos de gente reinava no terreno limpo de ervas: homens a cortar lenha, mulheres com bidões à cabeça a acartar água, crianças a correr, animais dispersos (cabras, cães, porcos, galinhas), religiosas atarefadas e, por fim, médicos, que descobriu sob um arvoredor, auscultando e examinando uma fila de

nativos.

Como durante o trajeto até à missão se mantivera atento ao mapa garatujado por um armazenista em Rutshuru e que lhe custara mais do que um Michelin, Ágata tinha desaparecido da sua mente por algumas horas. Ao vê-la entre os médicos, enfiada numa bata branca, com o estetoscópio ao pescoço e um bebé nos braços a quem fazia mimos, o coração deu-lhe um salto violento no peito e desatou a galopar, provocando-lhe eco nas fontes ainda sensíveis.

Apoiou os antebraços no volante, calibrou as lentes e inclinou-se para a observar. Mesmo àquela distância, reparou que estava enfraquecida e que círculos violeta lhe formavam uma sombra em volta dos olhos e conferiam um aspeto doentio e triste à sua fisionomia. O Congo não estava a fazer-lhe bem. Felizmente, ele tirá-la-ia rapidamente deste inferno.

Parecia-lhe inacreditável estar a vê-la, era uma visão esplêndida! Como lhe tinha custado encontrá-la! Quase dera um grito de frustração quando lhe informaram, no hospital de Rutshuru, que a Dr.^a Martínez e a restante equipa da Mãos Que Curam tinham ido para a Missão São Carlos, a vários quilómetros de distância, selva adentro, pelo Virunga. Chegar àquele fim de mundo não tinha sido uma brincadeira de crianças. Imersa na floresta, de acesso complicado e perigoso, parecia um oásis naquele deserto verde. No entanto, ali estava, diante dela, aparvalhado com a sua imagem.

Obrigou-se a concentrar o seu pensamento na missão. Tinha de planear a forma como a abordaria. Não seria fácil, rodeada de gente como estava, embora, pensou, o caos que a circundava fosse uma vantagem.

Ao ver que as pessoas se alvoroçavam, corriam e gritavam, moveu os binóculos de um setor para outro e tentou averiguar o que se passava. Não precisou de muito tempo para descobrir.

Um dos homens acolhidos na missão, aquele que ensinava Jérôme a trabalhar a madeira, saiu da floresta agitando um pequeno machado e gritando a plenos pulmões, com tanta intensidade e desespero que a sua entoação adquiria estridências tão agudas como as de uma mulher.

– Sœur Amélie! Sœur Amélie! Os interahamwes! Estão a chegar! Vêm atacar-nos!

Como o homem falava em suaíli, Matilde não compreendeu o que dizia. No entanto, pelo pânico na expressão dos aldeões, percebeu que alguma coisa de muito grave estava prestes a acontecer.

– O que se passa? – perguntou a Vanderhoeven.

– Os interahamwes! Aproximam-se!

Matilde não chegou a apreender a relevância da declaração porque as badaladas provenientes da casa das religiosas a distraíram. Moveu a cabeça com lentidão, como que presa num pesadelo, e viu sœur Edith, com o rosto alterado, a agitar o pequeno

sino de bronze pendurado na porta da capela. As restantes religiosas corriam de um lado para o outro, juntando os órfãos e empurrando-os para a casa principal. «As crianças sabem que, se ouvirem este sino, têm de correr até à casa grande e de se esconder na cave.» Lembrou-se das palavras ditas por Amélie há algum tempo, enquanto discutiam os riscos de permanecer no foco de um conflito bélico.

– Vamos, Mat! – apressou-a Juana, arrastando-a por um braço.

– O que será de toda esta gente? – perguntou, arquejante, observando os aldeões que estavam prestes a perder o seu último refúgio.

– Sœur Annonciation diz que se escondem na selva. Vamos para a casa.

Ouviam-se tiros e os gritos dos rebeldes, mais arrepiantes do que os sons das armas de fogo e das explosões. No interior da casa das religiosas, as crianças e os adultos amontoavam-se junto da entrada oculta da cave. Matilde e Juana entraram no fim, juntamente com Amélie, Vanderhoeven e Julia. Amélie trancou a porta e desceram até ao recinto buliçoso, onde as religiosas tentavam impor a ordem a um grupo de crianças aterrorizadas, que choravam e falavam em uníssono.

Assim que os seus olhos se habituaram à luz artificial, Matilde procurou Jérôme. Assaltou-a uma inquietação por não o descobrir imediatamente e misturou-se às crianças para o procurar.

– Jérôme? – começou a chamá-lo numa voz comedida, cujos decibéis foram aumentando à medida que a sua busca não dava frutos. – Jérôme! – exclamava, à beira de uma crise histérica. – Onde está Jérôme? Jérôme! Jérôme!

O menino, que jogava ao berlinde com um colega de quarto, pôs-se de pé de um salto ao ouvir os gritos do seu mestre carpinteiro. «Os interahamwes?», repetiu, sem querer acreditar que aqueles demónios voltavam a irromper na sua vida. De repente, a missão desvanecera-se e estava novamente na casinha que tinha partilhado com os pais e com a sua irmã Aloïs. Estavam a jantar em paz. O pai falava acerca de um problema no trabalho e Alizée ouvia-o, absorta. Jérôme observava-a, orgulhoso por ela ser tão bonita. As explosões e os tiros alteraram as feições da sua mãe e anunciaram-lhes que a aldeia estava prestes a sofrer o mesmo destino de outros povoados vizinhos: alguma fação dos rebeldes ou um piquete do exército atacá-los-ia para os saquear, violar e sequestrar.

Jérôme lembra-se de ter corrido de mão dada com a mãe, que trazia Aloïs nas costas, dentro de um cobertor, como nunca tinha corrido. Pararam só por um momento para recuperar o fôlego e Jérôme olhou para trás. O telhado de folhas de palmeira da sua casa ardia como uma fogueira gigante. O seu pai estava lá dentro.

Esqueceu-se da ordem de sœur Amélie – «Se ouvirem o sino, corram a toda a velocidade para a casa grande e escondam-se na cave» – e foi a correr para o orfanato. Se, na verdade, os interahamwes atacavam a missão, Jérôme não duvidava de que deitariam fogo a tudo. Ele sabia-o bem, conhecia a mania incendiária daqueles

hutus ferozes, porque tinha acompanhado Karme várias vezes nas suas correrias. Por nada do mundo permitiria que os seus tesouros fossem devorados pelo fogo. Pensava, sobretudo, na madeixa de cabelo de Matilde, no chaveiro de Eliah e no Su-27 que lhe tinha construído.

Matilde correu até às escadas para sair da cave.

– Aonde pensas que vais? – Vanderhoeven agarrou-a pelo braço.

– Procurar Jérôme! Ficou lá em cima!

– Estás louca? Será que não ouves os tiros e as explosões?

Os interahamwes, com Karme ao comando, encontraram a brigada de Nkunda, com Nigel Taylor à frente, e tinham-se envolvido numa troca intensa de artilharia. O terreno da missão, cheio de gente minutos antes, tinha desaparecido atrás de uma nuvem de fumo; o aroma tão peculiar da selva sucumbira ao cheiro da pólvora, e os seus sons, às explosões e aos tiros.

– Vou procurar Jérôme! – insistiu, enraivecida. Não concebia que a impedisse, sabendo o motivo da sua aflição.

– Não irás.

– O quê? – Matilde libertou-se da mão de Vanderhoeven. – Vou procurar Jérôme nem que tenha de lutar com vinte batalhões de rebeldes!

– Se saíres desta cave e te expuseres dessa maneira tão insensata, vou expatriar-te. Anteontem à noite violaste uma das normas da MQC e deixaste o teu amante entrar em casa. Não disse nada. Mas isto não te perdooarei.

– Expatria-me, se quiseres. Nada me importa, exceto Jérôme.

A mais de quinhentos metros, Meyers e Sartori, os guarda-costas de Matilde, observavam com impotência a cortina branca que lhes impedia a visibilidade. Há momentos tinham vislumbrado a Dr.^a Martínez com nitidez – agora não sabiam nada dela. Enquanto Sartori se obstinava com os binóculos, Meyers tirava da carrinha a malinha com o telefone por satélite e pousava-o no capô. Puxou a antena do aparelho, marcou o código de Inmarsat e, a seguir, o número de Al-Saud.

– Chefe, é Meyers.

– O que se passa?

– Estamos na missão. Um grupo de rebeldes está a atacá-la.

– Matilde está aí?

– Sim.

Eliah cerrou a mão em volta do telefone e fechou os olhos. O pesadelo que o assolava desde o instante em que soube que Matilde pretendia trabalhar no Congo acabava de transformar-se em realidade. Por instantes, o pânico privou-o do

discernimento, mas recuperou-o imediatamente.

– Quantos são? – Enquanto fazia as perguntas, avançava em passos largos para a tenda onde estavam reunidos Tony, Michael e Peter.

– Conseguimos ver uns trinta, quarenta quando muito. Julgamos que estão duas fações em luta.

– O exército e os rebeldes do CNDP?

– Julgamos que o confronto é entre os rebeldes do CNDP e os hutus interahamwes.

– Aproximem-se da missão para obter mais informações. Mantenham-me a par.

– Sim, chefe.

Al-Saud irrompeu pela tenda e os seus sócios viraram as cabeças na sua direção ao vê-lo apoderar-se de várias armas e facas.

– A missão da minha prima Amélie está a ser atacada por duas fações. Matilde está lá.

– Iremos contigo – ofereceu-se Peter.

– Não é necessário. Vamos no Mil Mi-25. Zlatan! – chamou, da entrada da tenda.

– Não disseste que não havia onde aterrar?

– Foi o que disse – confirmou Al-Saud. – A selva em volta da missão é tão diabolicamente densa que não há onde diacho aterrar.

– Chamava, senhor? – O croata apareceu na tenda.

– Prepara o Mil Mi-25. Partimos dentro de dez minutos. Verifica se tem as cordas para descer e se a maca está em condições.

– Imediatamente – disse Zlatan Tarkovich, e desapareceu. Finalmente, ouviram o ronronar dos motores do helicóptero russo pondo-se em marcha.

Um grupo de onze homens, entre os quais se contava La Diana e Markov, equipavam-se na tenda onde se armazenava o armamento. Iam passando pelas estruturas metálicas com prateleiras para se abastecerem do que era necessário: espingardas, pistolas, granadas de luz e explosivas, facas, balas, binóculos, estojos com pintura de camuflagem e máscaras antigás.

– Guerin – disse Al-Saud –, leva o teu equipamento de paramédico. Não sabemos se há feridos.

Menos de dez minutos depois, o helicóptero elevou-se sobre a mina. Al-Saud afastou a espingarda M-16 e inseriu as coordenadas da missão no GPS. Indicou a Zlatan a trajetória e o Mil Mi-25 cruzou o céu à velocidade máxima, pouco mais de trezentos quilómetros por hora.

Al-Saud consumia-se de angústia e ansiedade. Não pensava em nada. A sua mente

ficara presa numa palavra que repetia de uma forma incessante: «Matilde, Matilde, Matilde.» Na realidade, disse para consigo, a sua mente estava emperrada nesse nome desde o dia 31 de dezembro do ano anterior, quando, ao pousar o seu olhar nela pela primeira vez, no aeroporto de Buenos Aires, o seu aspeto de fada o cativou. Tinha vívido os momentos mais plenos e felizes ao seu lado e também os mais negros e desesperados. A última cena, a de quinta-feira anterior na casa da Mãos Que Curam, ainda o perturbava. A humilhação provocada pela desconfiança e pela condenação de Matilde imprimira-lhe uma ferida tão profunda que Al-Saud duvidava que alguma vez cicatrizasse. Que ela tivesse sabido pela boca do seu pior inimigo pormenores tão sórdidos da sua vida envergonhava-o, a ponto de o levar a tomar uma decisão que nunca pensou ser possível: não voltar a vê-la. Precisava de paz.

Apertou o cano da espingarda M-16, sacudiu um pouco a cabeça para a desanuviar e largou-se aos seus homens para lhes explicar a estratégia que utilizariam na missão.

Matilde abriu a porta da cave e espiou pela frincha. O fumo e o cheiro a pólvora invadiam a casa e irritaram-lhe os olhos e as narinas. Os sons ensurdecedores provinham de fora; dentro, não se via a presença de rebeldes nem se ouviam vozes. O medo estava prestes a dominá-la. Tremiam-lhe as pernas e as mãos e batiam-lhe os dentes. Poucas vezes sentira um pânico daqueles. Só a imagem do seu Jérôme exposto à violência a levava a aventurar-se no exterior. «Elijah, onde estás, meu amor? Preciso de ti. Tenho medo.»

Fechou a porta e ouviu Juana voltar a trancá-la por dentro. A sua amiga ficaria ali até ela regressar com Jérôme. Encostou as costas à parede do corredor e deslizou até ao refeitório. Nas rajadas de cheiro a enxofre, Matilde apercebeu-se do aroma da chuva que se misturava com uma brisa fresca. Deu-se conta de que ouvia o sussurro das folhas embaladas por um vento cada vez mais impetuoso porque os tiros e as explosões tinham cessado. Os rebeldes teriam ido embora? Correu através do espaço que lhe faltava. Parou em seco e deu um grito ao deparar com uma figura que ocupava praticamente o umbral que separava os dormitórios do refeitório. Ergueu os olhos e reconheceu-o imediatamente, apesar de a sua fisionomia ter sofrido alterações: não teria sabido precisar quais, mas parecia diferente e, ao mesmo tempo, era o mesmo homem que tentara raptá-la na capela da Medalha Milagrosa.

Os seus olhares encontraram-se e Udo Jürkens sentiu a emoção mais profunda e ardente que conseguia evocar. Era Ágata, novamente diante dele. Desejou-a com uma violência que lhe deve ter transformado as feições porque o pânico na expressão de Matilde se intensificou. Detestava inspirar-lhe medo.

– Ágata – disse, e a sua voz só serviu para a apavorar. – Não! – exclamou, e os ecos metálicos espalharam-se no silêncio da casa. – Não saias! – ordenou-lhe em alemão, interpondo-se para impedir-lhe a fuga. Matilde fingiu escapular pela esquerda, acabando por fazê-lo pela direita. O corpo pesado de Jürkens, com os reflexos diminuídos depois de semanas de febre, não se moveu com rapidez, e a rapariga

passou entre ele e a parede e correu para a saída.

Graças ao vento carregado de humidade, o terreno da missão estava novamente desanuviado, por isso Nigel Taylor, da sua posição atrás de umas árvores, viu-a com clareza: Matilde fugia do interior da casa com uma expressão transtornada.

– Matilde! – gritou, e a rapariga parou e olhou na sua direção.

Para Taylor a cena parecia estar a decorrer em câmara lenta: o rebelde que levava o RPG-7 ao ombro e que o apontava para Matilde, e o tipo do tamanho de um ciclope que saía da casa das religiosas e caminhava na direção dela com a decisão de um predador. Abandonou o refúgio e correu até ela para a proteger, dominado por uma impotência que só lhe permitia gritar o seu nome: «Matilde! Matilde!» Queria dizer-lhe que voltasse para dentro, que se atirasse para o chão, que não permitisse que aquele diabo a trespassasse com o projétil, mas as palavras não lhe acorriam aos lábios.

O rebelde de Nkunda disparou o PG-7N e o míssil descreveu uma trajetória hiperbólica acabando por explodir no Land Rover da Mãos Que Curam, a alguns passos de Matilde e de Taylor. O inglês levou as mãos à cara, deu um grito e caiu no chão. Matilde, que acabara de sentir que lhe tinham dado um murro no estômago, não deu importância à dor e tentou mover-se na direção de Taylor. Ao tentar mexer a perna esquerda, uma pontada sulcou-lhe o tronco e estendeu-se até à cabeça. Baixou os olhos e, antes de tombar, viu a mancha escura que lhe tingia a camisola amarela na parte esquerda do baixo-ventre.

Udo Jürkens, protegido pelo umbral da casa das religiosas, empunhou a sua Beretta 92 e apontou para o rebelde que disparara o RPG-7. A bala Dum-Dum atingiu-o no lado esquerdo da cabeça e destroçou-a. Correu em ziguezague até Matilde, perseguido pelo som das AK-47, sentindo a corrente de ar dos projéteis. Levantou Matilde do chão, cobriu-a com o seu corpo e regressou à casa. Apesar de ela pesar pouco e de só a ter carregado alguns metros, o esforço esgotara-o e as fontes pulsavam-lhe. Inspirou profundamente e obrigou-se a pensar.

A palidez de Matilde assustou-o, e procurou-lhe o pulso na carótida. Estava fraco, e ficava mais lento a cada segundo, à medida que o sangue brotava da ferida causada por um estilhaço. Não podia fazer nada por ela naquelas condições. As carrinhas – a dele, a das religiosas e a da Mãos Que Curam – ardiam, atingidas pelos mísseis. Se a carregasse pela selva até Rutshuru, acabariam ambos mortos. Tinha de a entregar aos amigos, os médicos, para que a salvassem. Só isso lhe interessava, que a salvassem. Sabia onde se escondiam, vira-a sair da cave. Pontapeou a porta mimetizada na decoração do corredor.

Juana abriu depressa. Como estava a chorar, teve dificuldade em identificar o homem e o vulto que lhe estendia. Limpou os olhos com a manga da camisa e soltou uma exclamação.

– Salve-a! – implorou-lhe Jürkens em francês, e Juana retraiu-se nos degraus ao som daquela voz de robô. – Um estilhaço atingiu-a aqui – e indicou com o queixo a mancha de sangue.

– Mat! Oh, meu Deus! Auguste! Auguste!

Juana agarrou em Matilde e, incapaz de descer as escadas, sentou-se no degrau e abraçou a amiga.

– Mat! Auguste! Auguste!

Entre o belga e Juana levaram Matilde para a cave e deitaram-na num colchão estreito. Alguém passou uma tesoura a Vanderhoeven, que cortou a camisola à altura da mancha de sangue e examinou a ferida. Um brilho entre a carne e o sangue deu-lhe a localização do pedaço de granada que a tinha perfurado.

– É preciso parar a hemorragia. Está a esvair-se em sangue.

Amélie voltou a marcar o número de telefone por satélite de Al-Saud. Tinha acabado de lhe ligar para lhe pedir ajuda. O seu primo dissera-lhe estar a par da situação e a voar para a missão.

– Eliah!

– O que se passa? Estou a chegar.

– Matilde! Oh, meu Deus! Um estilhaço de granada... Um estilhaço...

– Amélie, acalma-te! Diz-me o que se passa com Matilde.

– Está ferida! Com gravidade! Um estilhaço feriu-a no ventre. É preciso tirá-la daqui. Depressa! Precisa de assistência urgente.

Al-Saud começou a ver tudo negro e um suor frio cobriu-lhe o corpo e encharcou-lhe a T-shirt e os boxers sob o uniforme militar. «Oh, meu Deus, não, suplico-te. Qualquer coisa menos Matilde.»

Lançaram as cordas nas traseiras da missão, e Al-Saud foi o primeiro a descer a terra. Violou uma norma estrita ao não esperar pelos restantes companheiros, mas o desespero levou-o a agir de uma forma irreflexiva. La Diana e Markov, que tinham descido com ele, seguiram-no com as suas M-16 prontas para disparar uma saraivada de projéteis. Atingiram a parte da frente da casa das religiosas, contornando a parede da cozinha. Al-Saud espreitou para examinar o terreno, onde era óbvio que se tinha verificado a troca de artilharia.

Avistou imediatamente um corpo e pôs os binóculos para o examinar porque o instinto lhe dizia que conhecia aquele homem. «Nigel Taylor.»

– Estão por todos os lados – avaliou Al-Saud. – Cubram-me – ordenou à totalidade dos seus homens que, nesse momento, já se tinham reunido atrás dele. – Vou buscar Taylor. Levo-o para a casa grande.

- Eliah, é uma loucura! – queixou-se La Diana.
- Cubram-me – repetiu, com um olhar implacável dirigido à bósnia.
- Não te preocupes – sussurrou-lhe Markov. – No Sri Lanka vi-o fazer uma loucura pior e sair ileso.

Assim que a figura de Al-Saud apareceu, a ziguezaguear no terreno, os interahamwes e os homens de Nkunda abriram fogo. Al-Saud protegeu-se atrás do casinhoto que continha as cisternas e esperou que os seus homens preparassem os lança-granadas com que as suas espingardas vinham equipadas. Seis atacaram o setor onde se escondiam os hutus; os outros cinco encarregaram-se dos rebeldes do Congresso Nacional para a Defesa do Povo. Os mísseis, com carga superior aos RPG-7, derrubaram árvores e palmeiras, esquartejaram rebeldes e destruíram veículos, enquanto Al-Saud agarrava em Taylor pelo sovaco e o arrastava para o interior da casa das religiosas.

O inglês veio a si no chão da sala e gemeu. Al-Saud acocorou-se para lhe examinar a ferida. O estilhaço tinha-lhe destruído a parte esquerda do rosto.

– Matilde – ouviu-o balbuciar.

– Nigel, não fales. Descansa.

Nigel abriu a pálpebra direita e moveu o globo ocular até o centrar no rosto de Al-Saud.

– Eliah, onde está Matilde?

– Calma, vou tirar-te daqui. Matilde está a salvo – mentiu-lhe.

– Não quero que me leves para o hospital de Rutshuru – balbuciou. – Leva-me para o... – Uma queixa e uma careta de dor revelaram o seu sofrimento. – Leva-me para o hospital Chris Hani Baragwanath, em Joanesburgo. Fala... Fala com o doutor Van Helger. Van Helger – repetiu antes de perder a consciência.

O grupo da Mercure entrou em casa.

– Doc – chamou Al-Saud –, segue-me. Traz o teu equipamento médico.

– Sim, chefe.

– Markov, defendam o perímetro da casa.

– Sim, chefe.

Al-Saud correu para a cave. Bateu na porta simulada com a coronha da M-16.

– Abram! Sou eu! Eliah!

Ouviu o estalido do ferrolho e soeür Tabatha, chorosa e com uma expressão alterada, afastou-se para lhe dar passagem. Al-Saud precipitou-se escadas abaixo e parou de chofre ao ver Vanderhoeven e Juana inclinados sobre Matilde. Sentiu uma

ligeira indisposição ao ver a mancha de sangue na parte inferior do ventre dela. Tirou o capacete e limpou com a manga o suor da testa coberta pela camuflagem. Guerin passou ao seu lado, apoiou a maleta junto de Matilde e começou a falar com Vanderhoeven e com Juana.

Al-Saud viu o belga destapar o braço de Matilde e Guerin introduzir-lhe uma cânula para a hidratar com soro fisiológico. A seguir, injetaram-lhe um medicamento por perfusão intravenosa, ocupando-se depois da ferida. Al-Saud não queria olhar para os estragos que o estilhaço lhe provocara. Não suportava saber que estava ferida, que sofria. Nunca tinha sentido um medo tão fundo. Atordoava-o, paralisava-o. Não era o mesmo nas garras daquele medo visceral. Uma vez tinha lido um monge budista que dizia que, na vida, era preciso viajar com pouca bagagem e que apegar-se demasiado às coisas materiais, mesmo às pessoas, era pouco sábio porque, se se perdesse tudo num instante, podia-se acabar mergulhado na melancolia. Agora compreendia o que o monge tentara explicar. O seu apego a Matilde fora obsessivo desde o início, ele não sabia porquê. Apenas que não lhe agradava o sentimento com laivos de desespero que ela lhe inspirava. Aproximou-se em passos lentos, receoso de que lhe dissessem o que não estava preparado para ouvir. As religiosas e as crianças observavam-no com a respiração suspensa. Caiu de joelhos ao lado de Matilde, agarrou-lhe na mão e beijou-a. Estava fria.

– Doc – conseguiu dizer –, traz a maca. É preciso tirá-la daqui.

As pálpebras de Matilde agitaram-se e ela demorou a dar-se conta de que aquela cabeça de cabelo escuro caída diante dela era a de Eliah.

– Eliah... – A voz saiu-lhe áspera, quase inaudível e fez-lhe doer a garganta.

– Mat! – exclamou Juana.

Al-Saud levantou a cabeça de chofre e ficou a olhar para ela. Inclinou-se imediatamente porque viu que Matilde mexia os lábios.

– Jérô... – ouviu-a balbuciar. – Não está. Não está.

– Diz que Jérô não está.

– Não sabemos o que é feito dele – confirmou Amélie. – Quando nos demos conta de que não estava aqui, na cave, Matilde foi procurá-lo. Foi nessa altura que a feriram.

– Meu Deus... – murmurou Al-Saud.

– Eliah... Jérô... Procura-o, por favor.

Matilde revirou os olhos antes das pálpebras os cobrirem. A cabeça caiu-lhe para um lado.

– Matilde! – desesperou-se Al-Saud, levando a mão da rapariga à boca. – Matilde! – clamou, com a voz estrangulada e os olhos arregalados. – Matilde!

As religiosas e algumas crianças começaram a chorar.

– Afaste-se – repreendeu-o Vanderhoeven, verificando-lhe o pulso. – Desmaiou, mas o pulso está estável, embora fraco. Perdeu muito sangue. É preciso submetê-la a uma cirurgia e a uma transfusão. Não conseguimos fazê-lo no hospital de Rutshuru. Ontem ficámos sem anestesia e falta-nos metade das coisas. Os rebeldes não permitem a passagem dos camiões com a ajuda humanitária.

Juana aproximou-se de Al-Saud, que continuava paralisado a centímetros de Matilde.

– Papurri – chamou-o num sussurro e, quando Eliah levantou a cabeça e fixou o olhar em Juana, esta deu um pulo. Os olhos de Al-Saud, realçados pela pintura de camuflagem, tinham adquirido um brilho inverosímil, antinatural e inumano. – Papurri, vem comigo. Tenho uma coisa importante para te dizer.

Al-Saud pôs-se de pé e afastou-se com Juana.

– O que se passa?

– Eliah, o homem que atacou Mat na capela da Medalha Milagrosa...

– O que se passa com ele? – impacientou-se.

– Foi ele quem trouxe Matilde novamente para a cave, depois de a terem ferido.

– O quê?

– Não sei como. Bateu na porta da cave. Eu abri, julgando que eram Mat e Jérô, e era ele, com Mat nos braços, inconsciente. Disse-me «Salve-a!», com uma voz que me deixou gelada.

– Uma voz metálica, eletrónica?

– Sim! Ao princípio nem o reconheci porque está diferente e porque eu estava muito confusa e nervosa. Mas depois apercebi-me da razão por que a sua cara me tinha parecido familiar.

– Meu Deus...

– Ele salvou-a, Eliah. Tenho a certeza de que a trouxe até aqui e de que a salvou de morrer exangue lá fora. Quando me disse «Salve-a!», fiquei com pele de galinha. Disse-o com tanto sentimento, com tanta amargura.

– De que estás a falar, Juana? O que estás a dizer?

– Deu-me a impressão de que se interessava muitíssimo por Mat, como se estivesse apaixonado por ela.

– O que dizes? – enfureceu-se.

Nesse momento, os homens da Mercure apareceram com a maca e Al-Saud correu para se encarregar de acomodar a sua mulher, apenas permitindo que Guerin e Juana o ajudassem.

Capítulo 19

A dificuldade em abrir os olhos devia-se ao jet lag. Tinha acabado de chegar a Paris. Passara a noite à conversa com o seu companheiro de assento. Isso, juntamente com o jet lag, pulverizava a sua energia, uma experiência semelhante à que vivera depois da primeira sessão de quimioterapia. Deixou-se vencer pela fraqueza e parou de tentar abrir os olhos. O que precisava de ver trazia-o impresso na mente: o rosto de Eliah, o homem sentado junto dela no avião da Air France. Nunca tinha apreciado tanto uma conversa com um homem. Permitira-se um momento de leviandade porque tudo acabaria assim que chegassem ao aeroporto Charles de Gaulle. E tinha sido assim. Tudo acabara.

– Mat.

– Matita.

As vozes eram-lhe familiares. Queixou-se. Queria continuar a dormir. Ainda não estava reposta da viagem e da noite em branco. Porque a incomodavam?

– Mat – insistiu uma voz masculina –, sou Ezequiel. Anda, acorda.

– Eze...

– Sim, sou eu. Vamos, abre os olhos.

Abriu-os um pouco, no entanto, isso implicou um esforço fora do normal. Alguma coisa não estava bem. Não podia custar-lhe tanto abrir os olhos, nem sequer em consequência do jet lag. Não estava no quarto do apartamento da rua Toullier, mas num aposento de um branco fluorescente que lhe feriu a vista. Fechou os olhos e virou a cabeça com um gemido.

– Juani, fecha as cortinas. A luz incomoda-a.

– Juani...

– Estou aqui, Matita.

Sentiu que Juana lhe pegava na mão e a beijava.

– O que se passa? Onde estou?

– No hospital Chris Hani Baragwanath de Joanesburgo, na África do Sul – disse Ezequiel.

– África do Sul? – Calou-se, esgotada, e, ao inspirar profundamente, sentiu uma pressão no baixo-ventre, como se lhe tivessem colocado um peso. – O que faço aqui?

– Feriram-te com uma granada na missão de Amélie – explicou-lhe Juana. – Não podíamos operar-te em Rutshuru e Eliah trouxe-te no seu avião até aqui. É o hospital onde estão Kabú e soeur Angelie. Nigel também cá está internado. Foi ferido pela mesma granada que tu.

– Onde me atingiu a granada?

Juana guiou-lhe a mão, a que não tinha a cânula do soro, até à esquerda do baixo-ventre.

– Aqui.

Ezequiel e Juana observavam-na com ansiedade enquanto esperavam que Matilde processasse a informação que acabavam de dar-lhe.

– Achei que estava em Paris, que tínhamos acabado de chegar – confessou.

– Ah! – suspirou Juana. – Passaram-se tantas e tantas coisas desde que chegámos a Paris, Mat. Nunca tive um ano tão intenso como este na minha vida.

– Jérôme! – exclamou Matilde, e Juana e Ezequiel souberam que tinha chegado o momento de contê-la. – Jérôme! Agora me lembro! Subi para ir procurá-lo e deparei com aquele homem, o da capela...

– Chiu – acalmou-a Ezequiel –, já sabemos como se passaram as coisas. Acalmate. Estás muito fraca. Perdeste muito sangue. Agora tens de descansar.

– Não posso descansar! Onde está Jérôme?

Juana afastou-se para choramingar fora do campo visual da amiga.

– Mat, suplico-te que te acalmes. Não tenho boas notícias.

O grito de Matilde provocou um calafrio em Ezequiel e obrigou Juana a tapar os ouvidos. Ezequiel inclinou-se sobre ela, prendeu-lhe os braços e falou-lhe com uma voz entrecortada.

– Juana contou-me tudo acerca de Jérôme. Sei que o amas como a um filho.

– É meu filho! É o meu filhinho adorado! A minha riqueza!

– Sim, sim, eu sei.

– Onde está? Não me digas que...! – Tentou sair da cama e Ezequiel, com suavidade, devolveu-a à almofada.

– Não, não! Isso não – esclareceu imediatamente. – Está vivo, mas não sabemos onde. Os homens de Al-Saud procuraram por ele na missão e pelos arredores, mas não o encontraram.

– Não, meu Deus! Não mo tires! Não! – O pranto de Matilde ocupou cada centímetro cúbico do quarto e crispou o ar e o estado de espírito de Juana e de Ezequiel, que a acompanharam com lágrimas silenciosas.

La Diana e Markov entraram precipitadamente e, ao verificarem que Matilde não corria perigo, voltaram ao corredor.

– Matita – soluçou Juana. – Eliah vai encontrá-lo. Os homens dele continuam à procura.

– Quero-o comigo, agora. Não o quero perdido na selva. Meu Deus! É tão pequenino e indefeso! Meu Deus, protege-o! Meu amor, minha riqueza!

Ezequiel e Juana olharam para ela com expressões preocupadas enquanto Matilde continuava a repetir «Protege-o». Deixaram-na continuar até o cansaço a vencer e ela acabar por adormecer.

Depois de dois dias em que Matilde praticamente não disse uma palavra nem quis alimentar-se, Ezequiel e Juana trocaram olhares de esperança quando a ouviram pedir: – Contem-me como se passaram as coisas. Como cheguei aqui?

– No Jumbo da Mercure – respondeu Juana. – Os homens de Eliah tiraram-te da casa numa maca e subiram-te para um helicóptero. Como o helicóptero não tinha onde aterrar, foi preciso subir-te com umas cordas que prenderam à maca. Depois fizeram o mesmo com Taylor.

– E tu? Como subiste?

– Não me faças lembrar disso! Eliah atou-me um arnês e enganchou-me a uma corda que me foi subindo com uma roldana presa ao chão do helicóptero.

– E Eliah?

– Ele chegou antes de mim, trepando por uma corda paralela à minha. Terias gostado de o ver. Fazia-o muito rapidamente e só com a força dos braços. La Diana e Markov tinham-no feito primeiro, para te receber a ti e a Taylor.

Sim, teria gostado de o ver. Gostava sempre de o ver. Juntamente com a descrição de Juana, a sua memória recuperava fragmentos de cenas, de diálogos, de olhares. Lembrava-se de um som ensurdecidor, o do helicóptero seguramente, e de um olhar muito intenso, que brilhava num semblante escuro, de uma escuridão estranha, com pinceladas mais esverdeadas em algumas partes; na verdade, uma visão arrepiante. Compreendia que se tratava do rosto de Eliah, coberto de pintura de camuflagem. Ter-lhe-ia sussurrado o que recordava ou seria produto da sua imaginação, espicaçada pela inconsciência de onde saía e entrava, como que embalada pelas ondas no mar alto? Ter-lhe-ia sussurrado, com a voz congestionada: «Não me deixes, meu amor. Luta, suplico-te. Fá-lo por mim, que sem ti já não me interessa viver»? Sim, tinha sonhado.

– E depois, o que aconteceu?

– O helicóptero levou-nos até uma pista onde estava um Jumbo com o logótipo da Mercure no leme. Estavam à nossa espera com as turbinas ligadas porque Eliah tinha avisado por rádio que íamos para lá. Nem penses que viajámos em primeira. O avião foi transformado num de carga, de modo que foi uma viagem de merda de umas três horas e meia.

– E o que fazia Eliah?

– Depois de tirar a pintura da cara, voltou para junto da tua maca, agarrou-te na

mão e passou o tempo a olhar para ti, pedindo-me que te controlasse o pulso, que visse se o soro estava bem, se isto, se aquilo. Estava muito nervoso. – Juana não lhe mencionou, para não a alterar, que o vira inclinar-se sobre ela e chorar, com a mão de Matilde encostada à testa. – Quando estávamos a chegar, Eliah comunicou com o aeroporto de Joanesburgo e pediu-lhes ambulâncias porque trazia feridos do Congo. Esclareceu que um dos feridos era uma médica da Mãos Que Curam. Na pista esperavam por nós duas ambulâncias. Eliah e eu entrámos para a tua e foi assim que chegámos ao hospital Chris Hani Baragwanath.

La Diana abriu a porta do quarto e deixou entrar uma empregada do hospital que trazia o almoço de Matilde. Ezequiel pediu-lhe que deixasse a bandeja na mesa de rodinhas e mandou-a sair.

– Avisaram o meu pai de que estou aqui? – perguntou Matilde com um fio de voz.

– Não conseguimos encontrá-lo – admitiu Juana. – A tua tia Sofía também não. Telefonei para a tua irmã Dolores para lhe perguntar se sabia alguma coisa dele e ela disse-me que há uns três meses que não lhe telefona. Estava bastante aborrecida.

– Avisaram a minha mãe?

– Sim, telefonei para ela – respondeu Juana, com paciência –, mas disse-me que está nas Fiji com o marido até ao fim do mês. Ficou tranquila quando lhe disse que estavas bem.

– Vamos, come – pediu-lhe Ezequiel, pondo-lhe o garfo com puré de abóbora perto da boca.

– Telefonaram-lhe para o telemóvel? Refiro-me ao meu pai.

– É óbvio. Está desligado ou fora da zona de serviço.

Matilde abriu a boca e engoliu aquele bocado. Comia mecanicamente, sem fome, mas com um objetivo: sair daquela cama para ir procurar Jérôme ao Congo.

– Telefonaram a Celia? Talvez ela saiba onde está o meu pai.

– Não pretendes que telefone para a filha da puta daquela bruxa. Não te esqueças de que no nosso último encontro, nos escritórios do George V, quase lhe arranquei os olhos. Não, Mat, pede-me qualquer coisa menos isso.

– Eu telefono-lhe mais tarde – ofereceu-se Ezequiel.

– Obrigada, Eze. Eliah telefonou? – Juana assentiu. – Porque não mo passaste?

– Estava apressado.

– Não queria falar comigo, não é verdade?

– Juana disse-te que estava apressado – sublinhou Ezequiel. – Não te preocupes com ele. Esteve de pé todo o tempo, como um poste à porta da unidade de cuidados intensivos, até o doutor Van Helger lhe dizer que não corrias perigo. Nunca na vida vi

um tipo tão desesperado e preocupado como Al-Saud.

Juana esperou que Matilde acabasse de comer para lhe falar.

– Mat, Eliah deixou-te uma carta. Não ta quis dar antes porque estavas muito fraca para a ler. Acho que já estás melhor e que chegou o momento de a entregar.

Juana tirou-a do bolso traseiro das calças. Matilde usou a faca para abrir o sobrescrito com o logótipo do hospital. Sorriu ao ver a caligrafia de Al-Saud. Escrevera-lhe em francês, pelo que deduziu que o fizera sentindo-se aborrecido. Cheirou a carta, mas só sentiu o aroma do papel. «Matilde, embora esteja tudo acabado entre nós, continuarei a procurar Jérôme e entregá-lo-ei são e salvo. Sabes que consigo encontrá-lo, pelo que te peço que me deixes fazer as coisas à minha maneira e que te mantinhas à margem. Se chegar a saber que voltaste para o Congo a meio da guerra, e não tenhas dúvidas de que o saberei, paro a busca, não voltarás a saber de Jérôme e a culpa será tua. Juro, Matilde, deterei a busca. La Diana e Markov estão à tua disposição. Se decidires prescindir dos seus serviços, estás no teu direito. Mas não te esqueças do homem da capela da Medalha Milagrosa. Eliah.»

A dor percorreu-a da cabeça aos pés como um dardo, acabando por concentrar-se na zona onde o estilhaço tinha entrado. Largou a carta, que caiu ao chão, e encolheu-se como um feto. Ezequiel envolveu-a num abraço e beijou-lhe a testa, confortando-a com palavras inúteis. Nada lhe devolveria a alegria, nada a consolaria exceto o amor do seu amado. A culpa transformava-se num peso intolerável e tornava mais amargo este sofrimento pavoroso. Humilhara-o, pisara o seu orgulho e isso, para um Cavalo de Fogo, era imperdoável.

A felicidade que palpitava nessa tarde na mansão da avenida Foch cansava-o. Estava a tornar-se insuportável a correria das crianças, o pranto de Dominique, a conversa incessante dos convidados, os risos, o entrecocar dos copos, a música de fundo. Odiava-se por invejar o seu irmão Alamán. Via-o tão feliz de mão dada com Joséphine. Conversavam com todos, dançavam juntinhos mesmo que se tratasse de uma música mexida, petiscavam a comida exposta em longas mesas no jardim, brindavam incessantemente a coisas que sussurravam um ao outro, desapareciam regressando minutos depois com o cabelo meio despenteado e as roupas enxovalhadas. Joséphine estava radiosa no seu vestido de seda cor de salmão. Não cessara de sorrir desde que dissera o «sim, aceito» no pequeno gabinete da Câmara do Septième Arrondissement, que fizera dela a mulher de Alamán Al-Saud.

Tinha sonhado com uma cena semelhante para Matilde e para ele, e tudo se desmoronara. As palavras de Matilde ainda lhe martelavam no cérebro e, independentemente de o tempo seguir o seu curso, não conseguia esquecê-las. À medida que os dias passavam, a voz de Matilde tornava-se mais audível, mais forte, mais nítida. «Não te respeito, Eliah. Não consigo confiar em ti.» «Não te respeito, Eliah. Não consigo confiar em ti.» Apertou o copo e as pálpebras, enquanto esperava que a dor diminuísse até ficar reduzida ao pulsar permanente na boca do estômago a

que já se habituara e que tolerava.

Tirou o telemóvel do bolso interior do fato e ficou a olhar para ele. Sabia de cor o número de telefone do hospital Chris Hani Baragwanath. A tentação de telefonar novamente ardia-lhe nas mãos. Por fim, soltou o ar com violência, enterrou o aparelho no bolso e praguejou. As chamadas diárias para Juana tinham de acabar ou a história com Matilde nunca mais teria fim, a sua ferida nunca mais cicatrizaria. Cicatrizaria se não voltasse a ouvir o nome dela ou a ver o seu rosto? Duvidava porque Matilde se tornara parte da sua carne e da sua alma. Deixara-o entrevado para a toda a vida.

Bebeu o sumo de uma forma mecânica e observou os convidados, espalhados sob o caramanchão, em volta da piscina, sob as trepadeiras. Era uma festa de amigos e de familiares. Al-Saud cravou a vista no pai, que conversava com Aísha Boel, a irmã de Joséphine. Tratava-se de uma mulher que causava impacto, de uma beleza ostentosa, talvez agressiva, como a da mãe, e com uma carreira proeminente de jornalista nos Estados Unidos, apesar da sua juventude. Segundo Alamán lhe dissera, era especialista em questões de petróleo e as grandes companhias consultavam-na. No ano anterior tinha publicado um livro intitulado O que faremos quando acabar?

Voltou a cabeça e deteve-se noutra cena que exacerbou a sua desdita e a sua solidão: Yasmín e Sándor Huseinovic, a quem tinha permitido vir do Congo para assistir ao casamento, acariciavam-se como se estivessem sozinhos no jardim. Não aguentariam muito mais, pensou. Depressa desapareceriam para procurar um lugar onde fazer amor.

Como reparou que a sua mãe e a tia Sofia se aproximavam com caras de preocupação, sem dúvida para saber de Matilde, deu meia-volta e entrou em casa. Encontrou Gulemale, que saía do toilette. Olharam-se fixamente e o ar pareceu eletrificar-se.

– Tira-me daqui, querido. Sinto-me pouco à vontade. Não pertenco a este sítio. A minha filha Aísha ignorou-me o mais que pôde e Joséphine está demasiado ocupada com o marido.

Al-Saud sorriu com ironia.

– Vamos – disse, pegando-lhe pelo cotovelo para a guiar até à zona das garagens.

A caminho do Ritz, o hotel onde Gulemale estava hospedada, esta acariciou-lhe o joelho direito e a face interior da coxa, pousando depois a mão nos genitais de Al-Saud.

– O que se passa, querido? – admirou-se, perante a falta de resposta do homem que achava ser o mais viril que conhecia. – Será que não nos perdoámos mutuamente?

– Perdoar-te por teres tentado entregar o pai da minha mulher aos israelitas? Não creio, Gulemale. Perdoar-te por teres posto nas mãos de Taylor aquelas fotografias?

– Que fotografias?

Al-Saud voltou a cabeça com lentidão e cravou os olhos na expressão inocente da mulher. Gulemale estremeceu sob o domínio daqueles olhos verdes que transmitiam uma força perigosa.

– Tinha de me vingar – acabou por admitir, com um ar infantil e caprichoso. – Não ias sair-te com a tua tão facilmente. Não só não me tocaste num cabelo durante os dias em que estiveste na minha casa, como arruinaste os meus planos para Abu Yihad.

– És uma descarada – disse Al-Saud.

– Oh, perdoa-me, querido! – Inclinou-se sobre Eliah, arrastando-lhe os lábios sobre o lado direito do maxilar. Al-Saud afastou a cara. – As fotografias causaram-te problemas com Matilde? – Ele tornou a lançar-lhe um olhar carregado de desprezo. – Sinto muito, realmente. Estava louca de raiva.

– Não voltes a tentar magoar Matilde, Gulemale.

– Prometo-te, querido.

A mulher não respondeu com ligeireza porque compreendeu que, por detrás da voz baixa e da expressão descontrainda de Al-Saud, que, ao falar, não desviara os olhos da estrada, se escondia uma ameaça tão mortífera como a de uma cobra. Al-Saud era dos poucos que respeitava e temia. Achava-o um digno oponente.

– Por outro lado – prosseguiu, menos solene –, não posso evitar gostar dessa rapariga. Não sei o que tem. Enche-me de ternura. – Al-Saud encolheu os ombros e expirou com força imitando um riso carregado de sarcasmo. – Proponho-te uma trégua, Eliah.

– Suponho que isto é uma trégua – admitiu Al-Saud. – Mas não voltes a meter-te com a minha gente porque te garanto que nada te salvará da minha ira.

A mulher ronronou e acariciou-lhe o pénis através do tecido das calças.

– A tua ira... Excito-me só de te imaginar aborrecido. E nesta trégua, não há diversão? Vamos até ao meu quarto.

– Não, Gulemale. Sinto muito. Não sou boa companhia estes dias.

– Matilde outra vez, não é assim?

Al-Saud manteve-se em silêncio, com a expressão endurecida pelo sobrolho franzido, os olhos em frente.

– O que fizeste a Abu Yihad? – perguntou a mulher à queima-roupa.

– O que fizeste a Frédéric? – retrucou ele, e a congoleza deu uma gargalhada curta, meia rouca.

– A isto responderás, não é verdade? O que farás com a mina do riacho velho?

– A que te referes? Continuarei a cumprir o contrato. Garantirei a sua segurança até ao fim da concessão.

– Quanto tempo conseguirás resistir com o exército do Ruanda e os rebeldes de Nkunda a rodear-te por todos os lados? – Fascinou-a a forma como Al-Saud levantou a comissura direita num sorriso pedante. – Sim, eu sei, tu também tens aliados. Não julgues que desconheço os teus acordos com os interahamwes e com os mai-mai.

– Nkunda não se cansa de me atacar? Quando se renderá?

Gulemale encolheu os ombros numa atitude que lhe tirou vários anos.

– O que sabes de Taylor? – perguntou em vez disso.

– Será submetido a várias cirurgias reconstrutivas – respondeu Al-Saud. – Tem o lado esquerdo da cara destruído. Decidiu ficar no hospital Chris Hani Baragwanath durante alguns meses. – «O mesmo hospital onde está Matilde», pensou, e uma agonia acabou com a sua pouca vontade de conversar. Despediu-se de Gulemale à porta do Ritz, na rua Rivoli, e arrancou o Aston Martin com um guinchar de pneus. Dirigiu-se para noroeste, para a saída que o conduziria à Autoroute A13. Numa hora – menos, se não houvesse trânsito – chegaria à fazenda de Ruão, ao seu refúgio, à sabedoria e serenidade de Takumi sensei. Carregou no acelerador e o carro desportivo inglês voou sobre o pavimento.

Não ouviu porque a guitarra de Carlos Santana afogava mesmo o barulho do motor. Sentiu-o vibrar contra o peito. Tirou o telemóvel do bolso interior do fato e hesitou em atender a chamada. Fê-lo uns quantos toques depois, subitamente ansioso. Exigira que Juana o mantivesse informado de qualquer novidade.

– Allô?

– Eliah?

– Quem fala?

– Natasha Azarov.

– Tasha! Pelo amor de Deus, Tasha! – O Aston Martin reduziu drasticamente a velocidade. – Que surpresa! Onde estás?

– Em Milão.

– Como estás?

– Eliah, preciso de te ver. É importante. Muito importante.

Al-Saud parou o automóvel na berma.

– Quando?

– Podes vir a Milão? Para mim é impossível viajar neste momento.

Al-Saud manteve-se em silêncio, avaliando o pedido da sua antiga amante.

- Poderei viajar dentro de uma semana.
 - Obrigada. Tens onde escrever a direção?
 - Diz-me. – Al-Saud destapou a lapiseira Mont Blanc com a boca, segurando um cartão de visita em cima do volante e o telefone com o ombro.
 - Número trinta e quatro da Via Taormina. Segundo andar, apartamento seis. Toma nota do meu telemóvel, por favor. – Natasha deu-o.
 - Aviso-te antes de viajar.
 - Ficarei à tua espera – disse, com voz lúgubre.
 - Estás bem? – insistiu Al-Saud.
- A chamada foi desligada.

Capítulo 20

Ao chiar dos gonzos, Rauf Al-Abiyia, conhecido no mundo do tráfico de armas e de heroína como Príncipe de Marbella, pôs-se a tremer. Estava nu, sentado num chão de tijolo de uma cela de dois metros por dois, na prisão de Abu Ghraib, a vinte quilómetros a oeste de Bagdad. Sujo, malcheiroso, com as marcas da violência exercida sobre o seu corpo enfraquecido após meses de péssima comida, não lhe restava dignidade. A destreza dos verdugos de Kusay Hussein a torturar as suas vítimas, lendária e que só competia com a dos sírios, quebrara-o.

Não fazia ideia do tempo. Recordava a manhã de 2 de junho, quando os gorilas de Fauzi Dahlan irromperam no apartamento que alugava em Bagdad e o arrancaram da cama, atirando-o para uma cela da qual só tinha saído para se dirigir para a câmara de torturas. Quanto tempo decorrera desde esse episódio? Três meses? Um pouco mais, talvez. Admirava-se com a resistência do seu corpo. A sua mente, no entanto, jogava sujo e às vezes levava-o a pensar que estava em Marbella, no convés do seu iate.

Odiava Mohamed Abu Yihad, seu sócio e amigo. Deixara-o pendurado, desaparecendo com vários milhões de dólares dos iraquianos. Onde diabo fora parar o dinheiro? Quando pusesse as mãos naquele traidor cobraria cada pancada, cada unha arrancada, cada choque elétrico, cada corte infligido ao seu corpo. Abu Yihad pagaria caro. Por momentos, a ira abrandava e uma dúvida insinuava-se na sua mente alterada: e se a Mossad o assassinara como a Alan Bridger, a Kurt Tånveider e a Paul Fricke? Nesse caso, onde estava o dinheiro? A Mossad tê-lo-ia obrigado a transferi-lo para outra conta antes de o matar?

Encostou as pernas ao peito e escondeu a cara entre os joelhos quando os gorilas de Fauzi Dahlan entraram na cela. Rauf estremeceu de medo e abafou um grito quando lhe atiraram alguma coisa que lhe bateu nas costas. Virou a cabeça e verificou que se tratava de roupa.

– Veste-te! Fauzi quer ver-te.

Enfiou as calças e cobriu-se com a camisa o mais rapidamente que os seus movimentos entorpecidos lhe permitiram; pelos vistos, teria de ir descalço. Não o algemaram à saída da porta da cela e isso chamou a sua atenção. Fauzi recebeu-o com um sorriso e pediu-lhe que se sentasse.

– Hassan – ordenou a um dos seus homens –, traz chá e comida para Rauf. Rauf – disse com uma voz amistosa –, achamos ter cometido um erro contigo. O que disseste durante todo este tempo, que desconheces o paradeiro de Abu Yihad e do dinheiro, é verdade.

– Sim! É verdade! – choramingou Al-Abiyia – É verdade, Fauzi! Por favor, tem piedade de mim!

– No entanto, para ganhares a confiança do sayid rais outra vez, terás de

demonstrar a tua lealdade. Sabes como o raís aprecia a lealdade de quem trabalha para ele.

– Diz-me o que tenho de fazer e fá-lo-ei!

– Já que o teu sócio nos traiu e nos roubou, sem nos arranjar sequer um pouco de bolo amarelo, terás de ser tu a consegui-lo para nós.

Rauf Al-Abiyia manteve-se em silêncio, refletindo acerca dessa ordem. Sabia que o seu nome fazia parte da lista negra da Mossad e sabia também que, ao pôr um pé fora do Iraque, a sua vida não valeria nada.

– Fá-lo-ei – aceitou –, mas precisarei de proteção.

– Tê-la-ás – prometeu Fauzi Dahlan –, não duvides de que a terás.

Uma caravana composta por três Mercedes Benz W126, classe S, pretos, abandonava a cidade de Bagdad pela estrada que conduzia ao Norte do país, à pequena localidade de Sarseng. Três horas depois, a paisagem, fértil graças à afluência dos rios Eufrates e Tigre, começou a mudar, subtilmente ao princípio, até adotar as linhas drásticas do deserto.

Saddam Hussein, presidente do Iraque há mais de dezanove anos – tinha tomado o poder a 16 de julho de 1979 –, poderia ter efetuado este percurso de helicóptero. No entanto, escolhia fazê-lo de automóvel para apreciar a beleza do solo iraquiano, que ele considerava ser sua propriedade e que governava como se de um feudo se tratasse. Desviou os olhos para o interior do veículo. Junto dele estavam os herdeiros da coroa, os seus filhos Uday e Kusay.

– Baba – disse Uday, o primogénito, e Hussein dirigiu-lhe um olhar críptico, nem amoroso nem condenatório –, porque temos de fabricar estas malditas centrífugas de urânio? Estão a comer-nos o raio dos rendimentos! Porque não compramos o urânio já enriquecido, como fazias nos anos 1980 com a França?

– E quem achas que poderia vender-to? – interveio Kusay, com sensatez, e Hussein observou-o com a mão sobre os lábios para esconder um sorriso de orgulho. – Os franceses? Os italianos? A própria ONU, talvez?

– Não seas imbecil, Kusay. Existe um mercado negro para tudo.

– Não para isto – interveio o presidente iraquiano. – O enriquecimento de urânio necessita de uma tecnologia muito especial, extremamente secreta e, sobretudo, dispendiosa. Nenhum traficante dispõe dela. Só os Estados podem dar-se a esse luxo. Talvez algum funcionário corrupto da Comissão de Energia Atómica Francesa estivesse disposto a fornecer-nos alguns quilos, mas eu preciso de toneladas, Uday. Além disso, quero possuir essa tecnologia. Só assim serei o mais poderoso. Serei indestrutível.

– E a tecnologia que está a tentar fornecer-nos o professor Wright supera tudo o que existe no mundo da energia atómica – acrescentou Kusay.

– Acho bem – resmungou Uday –, com os honorários que cobra...

– Não seas estúpido, Uday – aborreceu-se Saddam Hussein. – Ter do nosso lado o desenhador de armas mais importante do mundo foi o melhor golpe de sorte que tivemos desde que assumi o poder em 1979.

– Se tu o dizes, Baba.

Fizeram o resto da viagem em silêncio. Ao passarem pelo portão blindado do palácio em Sarseng, Saddam carregou no botão para abrir a janela. Aproximou-se um guarda que levava um dobermann pela trela. O presidente iraquiano pôs a mão de fora e deu uma palmadinha na cabeça do animal.

– Bem-vindo, sayidi – disse o guarda, inclinando-se.

– Obrigado.

Depois do almoço na companhia dos filhos e dos colaboradores mais próximos, Hussein anunciou que visitaria a Base Zero. Entraram num elevador cujas portas se abriram depois de Saddam ter colocado a mão num leitor de impressões digitais e introduzir uma chave. Desceram vários metros. As portas tornaram a abrir-se, revelando um espaço enorme, escassamente iluminado e com fortes colunas de betão que faziam lembrar o estacionamento vazio de um centro comercial. Esperavam por eles dois militares, que se perfilaram diante de Hussein e do ministro da Indústria Militar, Khidir Al-Saadi. Os militares conduziam dois veículos semelhantes aos utilizados nos campos de golfe. Abandonaram o recinto e dirigiram-se para um túnel, também mal iluminado.

Saddam Hussein estava orgulhoso daquela construção subterrânea, invisível aos olhos dos satélites que diariamente sulcavam o céu do Iraque para tirar fotografias e detetar movimentos suspeitos. Fora desenhada pelo general Tarik Manzur, do Corpo de Engenheiros do exército do Iraque, um talento na técnica da dissimulação e da ocultação militar conhecida como maskirovka, que em russo significa «camuflagem».

Do ar, mesmo pisando as areias do deserto do Norte, ninguém teria podido adivinhar que vários metros abaixo da terra se desenvolvia uma atividade incessante que incluía o treino de pilotos e de soldados do grupo de elite até ao fabrico de gases letais e, proximamente, a construção de armas nucleares. Também não teriam adivinhado que havia uma pista de descolagem e de aterragem próxima da superfície, que se revelava quando uma rampa de centenas de toneladas de betão armado deslizava com a precisão de um mecanismo de relojoaria para permitir que aviões de guerra entrassem e saíssem. Assim que a terra engolia o avião ou que este desaparecia no céu, a rampa selava a abertura e o deserto adotava a sua fisionomia tradicional. «É perfeito», gabou-se Hussein. A única coisa com que não contava era com aviões de guerra. Depois da Guerra do Golfo, a Força Aérea Iraquiana, tão temida no Médio Oriente, ficara reduzida a uns quantos helicópteros e a dois ou três aviões de treino. Os Mig e os Mirage, que tinham envaidecido Hussein durante os desfiles de

14 de julho, faziam parte do passado.

Os militares ao volante pararam os veículos às portas da zona de trabalho atribuída ao professor Orville Wright. O homem tirou umas proteções oculares e aproximou-se com um sorriso. Uday teria preferido que não sorrisse e que lhes poupasse a visão desagradável dos seus dentes castanhos.

– Sayid rais! Que surpresa agradável!

– Boa tarde, professor. – Os homens apertaram a mão. – Viemos admirar o seu trabalho.

– Entrem, por favor. É uma honra contar convosco no meu laboratório.

Vários cientistas, técnicos e engenheiros endireitaram-se nas suas mesas e pranchas e puseram-se imediatamente de pé ao ver de quem se tratava. Gérard, como chefe do projeto nuclear do Iraque, desempenhou o papel de cicerone e guiou o presidente e os seus colaboradores, demonstrando-lhes que o dinheiro investido dava frutos.

– Quanto maior quantidade de centrifugadoras pudermos construir, maior quantidade de urânio enriquecido obteremos. Como o sayid rais bem sabe, não podemos atacar Israel sem dispor de um arsenal dissuasor.

– Sim, sim, é isso mesmo – concordou Hussein. – Será preciso armarmo-nos com, pelo menos, cem bombas com a capacidade destrutiva da de Hiroxima para estarmos à altura dos nossos inimigos.

– Consegui-lo-emos num tempo que, antes da existência da centrifugadora Wright, seria impensável e utópico. Há também um problema que me inquieta, sayid rais, que é a falta de entrega de bolo amarelo. Achei que nesta altura já deveríamos ter um bom stock. Não demorará muito a termos em funcionamento as centrifugadoras. Os meus rapazes trabalham dia e noite, praticamente sem descanso. Mas se não dispusermos do combustível nuclear, tudo isto terá sido em vão.

– Sim, eu sei – admitiu o presidente iraquiano a contragosto, voltando-se para dirigir um olhar pouco amigável a Fauzi Dahlan.

– Sayidi – disse Dahlan –, esse assunto já está solucionado. Encarregámos Al-Abiyia da compra do combustível. Estará concretizada numa questão de semanas.

– Espero que assim seja.

– Sayid rais – disse Gérard Moses –, acompanhe-me, por favor. Gostaria de lhe mostrar uma coisa. – Entraram num pequeno escritório com uma prancha. Os filhos e os colaboradores de Hussein seguiram-nos. – Não está desenhada à escala, mas em tamanho natural.

– É o desenho da bomba? – Os olhos negros do presidente iraquiano cintilaram enquanto passeavam sobre o blueprint estendido na prancha de Moses.

– Sim, é o perfil da bomba. Estou a definir os últimos pormenores.

– Não é muito pequena?

– É. Mede um metro e meio de comprimento e oitenta centímetros de diâmetro. É uma bomba revolucionária. Leve, além disso. Construí-la-emos no mesmo aço com que estamos a fabricar as centrífugas. Qualquer caça poderá transportá-la sem perder velocidade ou capacidade de manobra.

O ministro da Indústria Militar, Khidir Al-Saadi, que nos seus anos de juventude fora piloto de guerra, inclinou-se sobre o desenho ao ouvir a palavra «caça».

– Como faremos para entrar no espaço aéreo israelita e largar a bomba antes de os israelitas pulverizarem o nosso avião? – pensou em voz alta, provocando um silêncio sepulcral.

– Não será fácil – admitiu Gérard Moses –, mas pode conseguir-se. Dependerá de duas coisas: da qualidade do avião e da destreza do piloto.

– Que avião sugere, professor Wright? – interessou-se Saddam Hussein.

– Oh, sem hesitar, sayid rais, eu inclino-me por um Su-27. Para mim, o melhor caça em superioridade aérea. De qualquer forma, atrever-me-ia a denominá-lo polivalente, porque está preparado para enfrentar qualquer missão que se lhe exija.

– Surpreende-me, professor – admitiu Hussein. – Achei que me diria o F-15 ou o Mirage.

– São, sem dúvida, excelentes aviões de combate, sayid rais. No entanto, considero que o Su-27 é ideal para um trabalho como aquele que nos interessa.

– E o piloto? – perguntou Kusay.

– Ah, nisso – disse Gérard Moses – não poderei ajudá-los. Mas pelo que me lembro da época da guerra de 1991, dizia-se que os pilotos iraquianos eram excelentes.

– Eram – interveio Uday, com desembaraço e um risinho adolescente. – Já não resta nenhum.

– Evidentemente que restam mas, se for necessário, procuramo-los lá fora – decidiu Saddam Hussein, com uma voz contrariada.

– É melhor – insistiu Uday. – De qualquer maneira, não creio que sobreviva à missão.

Já não estavam no oásis Liwa. Há uma semana que se encontravam em Al-Qatif, a leste da Arábia Saudita, diante do golfo Pérsico. Aldo não compreendera os motivos da deslocação. Acabou por deduzir que estava na natureza daquela gente mover-se de um sítio para outro. Agradecia a mudança porque poucas vezes tinha visto uma paisagem tão bela, com praias extensas e largas e um mar cuja cor lhe fazia lembrar o Mediterrâneo.

O 4x4 Nissan Pathfinder que tinha saído do acampamento beduíno antes do amanhecer, regressou da cidade de Dammam ao pôr do sol. As crianças, entre elas Faruq, ajudaram a descarregar os sacos e os pacotes com as provisões. Aldo ficou algum tempo a observá-los e depois encaminhou-se para a praia para o seu passeio habitual ao entardecer. Apaziguavam-no o cheiro a mar, o grasnido das gaivotas e as silhuetas dos barcos escurecidas pelo sol, que mergulhava no horizonte.

– Mohamed! Mohamed! – Faruq corria na sua direção, agitando um pedaço de papel. – Trouxeram-te esta carta de Dammam!

Entregou-a, ofegante e sorridente, e ficou à espera que ele a abrisse e a lesse. Aldo examinou o sobrescrito branco, sem nome nem timbre.

– Dá-me a tua cimitarra, Faruq, para o abrir.

Faruq tirou a faca do cinto e deu-lha. Aldo tirou a única folha e olhou para o fim da página para ver quem assinava. «Aymán». O segundo nome de Al-Saud, pensou, e pôs-se a ler a primeira comunicação que recebia desde que o filho de Francesca o tinha entregado aos seus parentes beduínos, há quase quatro meses. Estava datada de 11 de setembro; não se especificava o sítio onde tinha sido escrita. Aldo olhou para o seu relógio Philippe Patek. Sexta-feira, 18 de setembro.

Aldo, a 29 de agosto, um grupo de rebeldes do Congo atacou a missão da sua sobrinha Amélie e Matilde foi gravemente ferida.

– O que se passa, Mohamed? O que tens? – preocupou-se Faruq ao reparar que o papel tremia entre as mãos de Aldo e que o seu semblante bronzeado adquiria uma tonalidade acinzentada.

Levei-a no meu avião para um hospital de Joanesburgo e já está praticamente recuperada.

Aldo levou a mão aos olhos e, enquanto soluçava, agradecia a Alá ter protegido a sua filha. Secou as lágrimas com o punho da camisa e continuou a ler.

Teve participação no ataque Udo Jürkens, ou Ulrich Wendorff, como preferir chamar-lhe. O tipo estava lá, no Congo, a perseguir Matilde.

Depois desta revelação, espero que decida falar-me de Blahetter. Sei que estava a par dos negócios em que o seu genro estava envolvido. E sei também que, de alguma forma, estão relacionados com os ataques que Matilde vem sofrendo. Se quiser ver-me para me contar toda a verdade, faça-o saber ao meu tio Aarut. Aymán.

– Sim, falarei – pensou Aldo em voz alta e, como se expressou em castelhano, Faruq observou-o com estranheza. – Faruq – disse –, arranja-me um encontro com o xeque Al-Kassib.

FIM DA SEGUNDA PARTE

Agradecimentos

A Estefanía Tapié, que me contou as suas vivências de missionária em Moçambique e que, com os seus relatos, me inspirou para criar uma das personagens deste romance.

À doutora Claudia Rey, exímia ginecologista e uma pessoa maravilhosa, que me explicou de uma forma fácil o cancro do ovário.

À doutora Raquel «Raco» Rosenberg, cujo testemunho inestimável me serviu para compreender a situação em África e o sofrimento das suas gentes.

À doutora Valeria Vassia que, tal como a minha Matilde, é cirurgiã pediátrica e que me transmitiu uma informação valiosíssima.

À minha querida Estelita «Amorosa» Casas, que conhece o glamour de Paris como ninguém e que me descreveu os lugares em que se move Eliah Al-Saud.

A Juan Simeran, que viveu sete anos em Israel e me facilitou informação, os seus escritos e me ofereceu um livro, que serviram para compreender a situação desse país e da Palestina. À sua mulher Evelia Ávila Corrochado, uma querida leitora, que serviu de ligação.

A Clarita Duggan, outra leitora maravilhosa, por me contar a sua experiência em Eton.

À minha amiga, a escritora Soledad Pereyra, por me oferecer os seus conhecimentos em matéria de aviões de guerra. Sol querida, ainda sonho ver o teu livro Desmesura publicado.

À minha amiga, a queridíssima «Gellyta» Caballero, por me dar ideias brilhantes e o seu carinho, por inspirar algumas das saídas espirituosas de Juana Follicuré, por me fornecer livros incríveis para a investigação e por analisar o manuscrito com tanto amor e, ao mesmo tempo, com tanto profissionalismo.

A Leana Rubbo, pelas suas averiguações que pareciam impossíveis de ser averiguadas.

À minha inestimável amiga Adriana Brest, pelas suas duas maravilhosas ofertas: a epígrafe da primeira parte de Cavalo de Fogo e de El jardín perfumado.

À minha queridíssima amiga Paula Cañón, que está sempre à procura de material para as minhas investigações e que, para Cavalo de Fogo, arranjou uma história de valor incalculável.

À minha doce e querida amiga Fabiana Acebo. Ela e eu sabemos porquê.

À doutora María Teresa «Teté» Zalazar, por me ajudar a construir uma cena que, sem os seus conhecimentos de medicina, teria sido muito difícil para mim.

A Uriel Nabel, um soldado israelita que, com tanta generosidade, partilhou comigo

a sua experiência de três anos no Tsahal.

A Sonia Hidalgo, uma querida leitora que procurou informação para este livro com um desprendimento que me tocou o coração. E também por fazer a ligação entre mim e o seu sobrinho Uriel Nabel.

A Marcela Conte-Grand, que colaborou desinteressadamente nas traduções para francês.

À minha querida amiga Vanina Veiga, que também me deu uma mão nas traduções para francês.

À minha prima, a doutora Fabiola Furey, que, apesar de tantas obrigações laborais e familiares, perdeu tempo a procurar material acerca da porfiria.

A Laura Calonge, delegada na Argentina dos Médicos Sem Fronteiras, e à sua assistente, Carolina Heidenhain, por me explicarem a filosofia e o funcionamento dessa grande organização de ajuda humanitária.

E por fim, às minhas queridas amigas Natalia Canosa, Carlota Lozano e Pía Lozano, por me acompanharem e me encorajarem sempre durante os meus processos criativos e por me inspirarem a criar a personagem de Juana Follicurú. A Lolita agradeço do fundo do coração a sua assistência permanente e desinteressada nas traduções para francês.